

O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

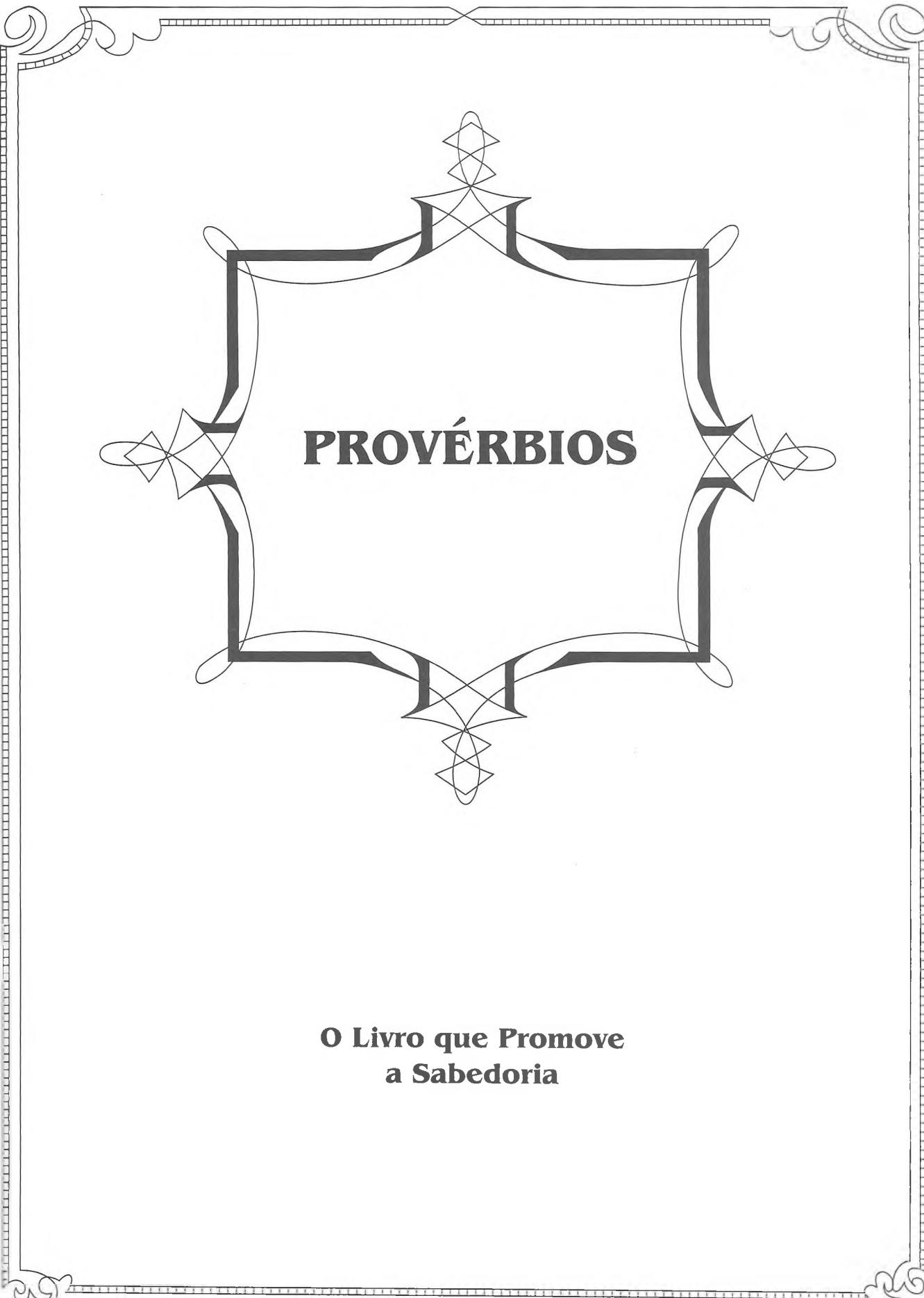
VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor

R. N. Champlin, Ph. D.

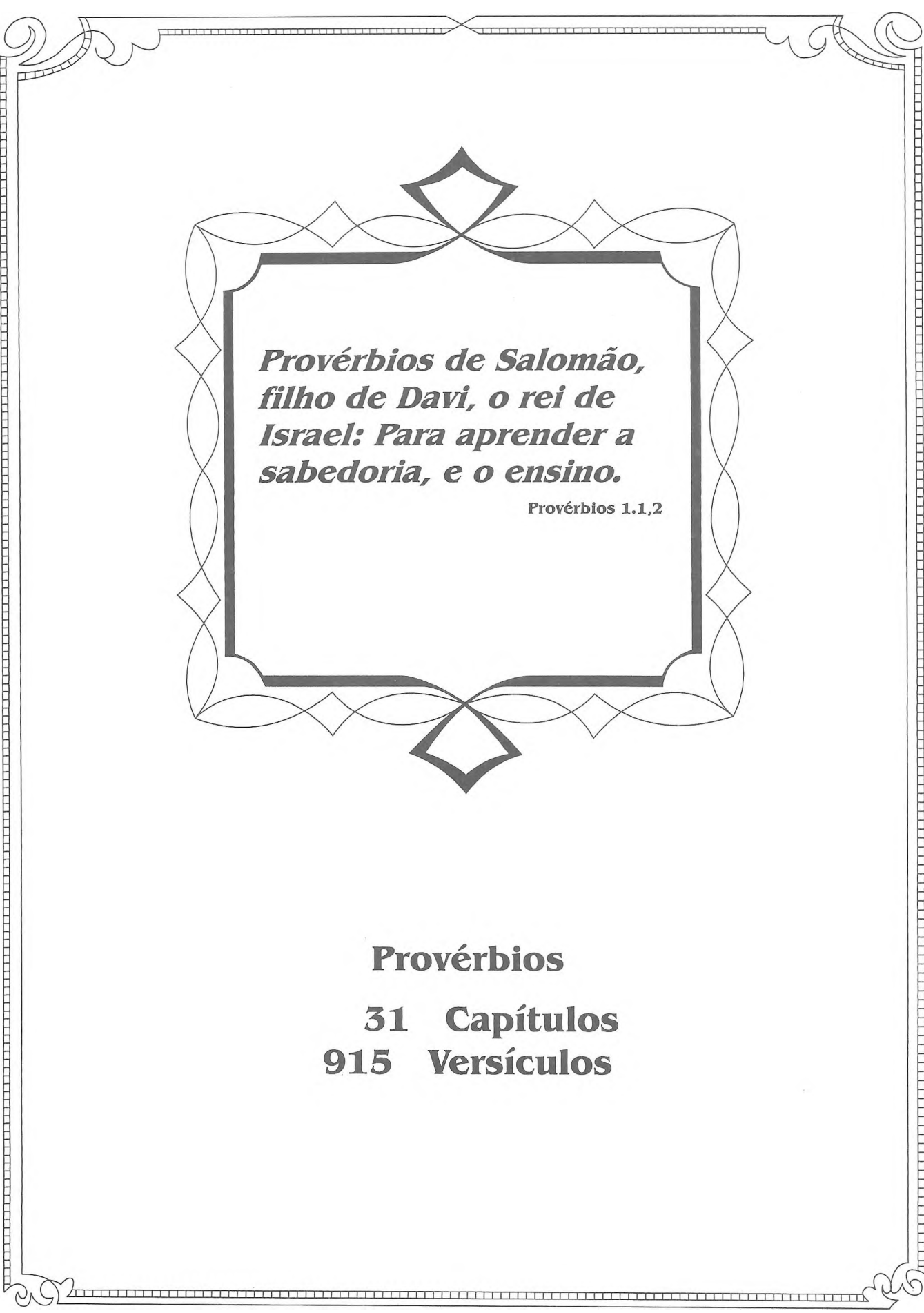
PROVÉRBIOS





PROVÉRBIOS

**O Livro que Promove
a Sabedoria**



***Provérbios de Salomão,
filho de Davi, o rei de
Israel: Para aprender a
sabedoria, e o ensino.***

Provérbios 1.1,2

Provérbios
31 Capítulos
915 Versículos

ASSUNTOS DE DESTAQUE EM PROVÉRBIOS

abominação	11.1; 15.8,9; 16.5
açoites	18.6; 20.30
adultério	cap. 5
agonias	Intro. cap. 30; 30.1
ajuda aos pobres	19.17
ambição	6.6-11
<i>Amen-Em-Ope, Instruções de</i>	22.22; ver o gráfico acompanhante
amizade	17.17
amor	27.5
andar	13.2
ansiedade	12.25
árvore da vida	3.8; 11.30; 13.12; 15.4
autocontrole	16.32; 26.28
bebida forte	20.1
bem-aventuranças	8.32
boa saúde	4.22
bondade	18.8; 21.21
bons costumes à mesa	23.1-3
caminho, metáfora do	4.11
caminhos dos bons e dos maus	4.27
caridade	19.17
ciúme	27.4
cobiça	30.15
companhia, boa e má	13.20
confiança	14.26; 15.22; 16.13
conhecimento	8.9
consciência	20.27
conselheiros	11.14; 12.20
coração	4.23
criação de crianças	13.24; 22.6; 27.11
Deus, autor do mal?	16.4
determinismo	16.1,4,9; 19.21; 20.24; 21.1
dinheiro opera maravilhas	10.2,15; 19.4,6
direção divina	16.9
entendimento	5.1
escarnecedor	13.1,15; 14.6; 22.10; 29.8
escuta	4.20; 18.15; 19.20
escutando orações	15.8,29
esperança	10.28; 11.7; 13.1; 14.32
esposa contenciosa	19.13
estrada	16.17
fiador	6.1; 11.15; 17.18; 20.10
filactérias	7.3
filho meu	6.1
filho tolo	13.24; 17.21; 19.13
filhos espirituais	2.1; 3.1; 4.1
fonte de vida	13.14
glutão, glotonaria	25.16
herança	13.22; 17.2; 20.21
imortalidade	14.32
injustiça	17.15; 18.5
jactância	20.6
limites antigos	22.28
lisonja	6.24
louvor	27.21
luz	6.23; 13.9

maravilhas que o dinheiro opera	10.2,15; 19.4,6
mensageiro	13.17
mente criminosa	21.10
mexerico	11.13; 18.8
mulher de caráter	11.16
mulher virtuosa	31.10 ss.
não é bom...	15.24; 17.26
negócios honestos	11.1; 20.10,23
observações psicossomáticas	3.8; 14.32; 15.13; 17.22
olhos altivos	6.17
orgulho e humildade	6.17; 11.2
ossos	3.8; 14.30; 15.30; 16.24
ouro, prata, pedras preciosas, metáforas; valores comparativos	3.14,15; 8.10; 11.22; 17.8; 20.15; 22.1; 25.4; 27.21; 31.10
palavras que curam	12.18
parcialidade	28.21
passos do homem justo dirigidos pelo Senhor	20.24
pecados do Sexo	2.16-19; 5.3-23; 6.20-35; cap. 7; 9.13-18
perfeccionismo, o homem desenvolve idéias exageradas de si	20.9
pobre	14.21
políticos, política, a eterna praga que persiste	28.28
preguiçoso, preguiça, o homem cede ao mínimo	6.6-11; 19.15; 24.30-34
prostituta	22.14
provérbios numéricos	30.7
punição corporal, parental, o exagero termina governando	13.24; 22.15; 29.15,17
refinar, a metáfora tirada da metalurgia; as provações e purificações	17.3
refúgio, a provisão divina para o homem fraco	14.26
repreensão, o pecador nunca está além da necessidade de disciplina	1.23; 27.5
rins, metáfora do homem interior, semelhante ao nosso "coração"	23.16
riquezas, o dinheiro transforma tudo, às vezes para pior; a riqueza de alma é o <i>somum bonum</i>	3.16; 8.18; 11.4,28; 13.7; 14.24; 18.18; 22.1; 27.24; 30.8
sabedoria, um dos principais temas do livro, discutido com certo número de metáforas	1.2
sabedoria como um pai que guia seus filhos e ensina os caminhos divinos	8.32
sabedoria dá vida; guia na vida e oferece vida espiritual	4.14; 9.6,11; 10.11,17; 11.4, 19,30; 12.28; 13.2
sabedoria é melhor do que bens materiais, apontando para uma riqueza superior	20.15
sabedoria personificada; metáforas que ensinam lições vitais, entre elas a grandeza da sabedoria divina no homem e neste mundo mal iluminado	1.20; 8.1,27; 9.1-6
sacrifício	15.8
saudade e sabedoria; o estado espiritual tem reflexo vital no estado físico	4.22
Senhor (Yahweh) nos planos e nos atos	16.3
Senhora Sabedoria (personificação); a sabedoria como uma mulher	1.20-33; 3.16-18; 4.3-6; 8.1-21; 9.1-6; 14.1,35
Senhora Tolice (personificação)	9.13 ss.
Seol	2.18; 5.5; 15.11
sete coisas para detestar	16.16 ss.
sexo, pecados do	2.16-19; 5.3-23; 6.20-35; cap. 7; 9.13-18
sono	6.9,10; 19.15; 20.13
sortes	16.33
temor ao Senhor	1.7
tesouro de palavras	7.1
testemunha verdadeira e falsa	12.17; 14.5,25; 19.5,9
tolos e tolice	27.3
tribulação	19.7
uso de linguagem, bom e mau; existem mais do que 100 referências em Provérbios; alguns exemplos dados	4.24; 6.12; 8.13; 10.8,18; 11.9,13; 15.4; 21.23
vingança	20.22
visitas infrequentes ao amigo	25.17

INTRODUÇÃO

Provérbio

Esboço

1. A Palavra e suas Definições
2. A Natureza dos Provérbios
3. Os Provérbios da Bíblia
4. Os Provérbios como Fenômeno Verbal e da Literatura Universal

1. A Palavra e suas Definições

Essa palavra vem do latim, *proverbium*, formada por *pro*, «antes», e *verbum*, «Palavra». Seu sentido é algumas vezes expresso por algumas poucas palavras, precisas e coloridas. O latim, *pro*, pode ter o sentido de «de acordo com», ou «através de», e talvez essa seja a força desse prefixo, nessa palavra. No hebraico, o vocábulo correspondente é *mashal*, «ser semelhante», o que salienta o valor dos provérbios para a feitura de comparações e observações sutis e inteligentes.

2. A Natureza dos Provérbios

Um provérbio é uma declaração expressiva, incisiva e concisa, embora com o intuito de transmitir um pensamento novo ou importante. Pode ser uma declaração enigmática ou uma máxima, como se fosse uma minúscula parábola ou símile. Os seus sinônimos são aforismo, máxima, mote, preceito, símile. No Oriente, os provérbios usualmente incluem comparações, uma espécie de observações aguda e condenada. Um provérbio também pode ser uma «declaração enigmática», que requer meditação e análise para que possa ser definido ou compreendido. É o caso de Pro. 17:3, que diz: «O crisol prova a prata, e o forno o ouro; mas aos corações prova o Senhor». Pode-se comparar esse provérbio com um outro, que lhe é similar, em Mal. 3:3. O trecho de Pro. 1:17 é outro exemplo que requer reflexão demorada: «Pois debalde se estende a rede à vista de qualquer ave».

3. Os Provérbios da Bíblia

Podemos encontrar os provérbios espalhados pela Bíblia inteira; mas o *Livro de Provérbios* é uma espécie de coletânea principal de provérbios, atribuídos a Salomão. Os trechos de I Sam. 10:11; 19:24; 24:13 também contêm declarações proverbiais. Outros exemplos são: Jer. 31:29 e Eze. 18:2. Jó, sendo um livro poético, naturalmente encerra muitos provérbios. A passagem de Jó 28:28 é bem conhecida que o temor do Senhor é a sabedoria, e o apartar-se do mal é o entendimento». Esse provérbio, em uma forma modificada, reaparece no livro de Provérbios (1:7), como uma espécie de provérbio principal, que determina o espírito do livro inteiro.

A presença de provérbios em Deu. 28:15 ss e vs. 37 mostra-nos que este uso é bastante antigo na cultura hebréia. Um povo desobediente é ameaçado de vir a tornar-se um provérbio.

A passagem de Sal. 69:10,11 serve-nos de exemplo da maneira como são apresentados os provérbios. Um indivíduo, humilhado e em estado aviltado, torna-se um provérbio para outras pessoas.

No Novo Testamento, há duas palavras gregas que são usadas e que podem ser traduzidas por «provérbio»: *parabolé*, como em Luc. 4:23; e *paroimía*, como em João 6:25,29 e II Ped. 2:22.

Figuras de linguagem, expressões vívidas ou declarações enigmáticas podem estar envolvidas nesses vocábulos. Jesus empregou provérbios, em Seu ensino, como aquele de Luc. 4:23: «Médico, cura-te a ti mesmo». Esse provérbio pode ser confrontado com João 16:25,39. Ver também Mat. 6:21 e João 12:24. Paulo falou em amontoar brasas vivas sobre a cabeça de alguém (ver Rom. 12:20). E o trecho de I Cor. 15:33 contém um significativo provérbio, tomado por empréstimo do poeta grego Menandro: «As más conversas corrompem os bons costumes». Outros provérbios de Paulo acham-se em I Cor. 14:8: «Pois também se a trombeta der som

incerto, quem se preparará para a batalha?»; e Tito 1:15: «Todas as cousas são puras para os puros; todavia, para os impuros e descrentes, nada é puro». E Tito 1:12 tem outro provérbio, citação do poeta grego Epimênides: «Cretenses, sempre mentirosos, feras terríveis, ventres preguiçosos». Também podemos citar I Tim. 6:10: «Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males», um provérbio universalmente conhecido.

Provavelmente também poderíamos catalogar como proverbial a declaração de Tia. 2:26: «Porque assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta». Outra dessas declarações é a de Tia. 1:22: «Tomai-vos, pois, praticantes da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos». Por sua vez, Pedro nos ofereceu um excelente provérbio, quando escreveu: «...o amor cobre multidão de pecados» (I Ped. 4:8). E a afirmação que se lê em II Ped. 2:22: «O cão voltou ao seu próprio vômito; e a porca lavada voltou a revolver-se no lamaçal», é chamada de «adágio verdadeiro», por esse apóstolo. A primeira parte dessa afirmação vem de Pro. 26:11; mas não se conhece a fonte originária de segunda parte sua segunda parte.

Certas declarações de Jesus, feitas como se fossem provérbios, expõem diante de nós a essência da esperança do evangelho: «...conhecereis e a verdade vos libertara, (João 8:32); e: «Se pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres» (João 8:36).

4. Os Provérbios Como Fenômeno Verbal e da Literatura Universal

Antes da escrita haver sido inventada, os provérbios circulavam sob forma verbal. A literatura de todos os povos revela que tal costume era universal. A literatura antiga dos sumérios, dos babilônios, dos egípcios, dos gregos e dos romanos contém provérbios, o que também pode ser dito acerca dos chineses, dos celtas, e de outros povos. Provérbios populares acabaram se tornando provérbios literários. As religiões também têm lançado mão dos provérbios. Os provérbios são especialmente úteis no ensino de princípios éticos, e para exprimir expressões de bom senso. São excelentes instrumentos didáticos.

No hebraico, *mashal*, «símile», «comparação», um substantivo que ocorre trinta e oito vezes nas páginas do Antigo Testamento, conforme se vê, por exemplo, em Núm. 21:27; Deu. 28:37; I Sam. 10:12; 24:13; I Reis 4:32; 9:7; II Crô. 7:20; Sal. 69:11; Pro. 1:1,6; 10:1; 25:1; Ecl. 12:9; Isa. 14:4; Jer. 24:9; Eze. 12:22,23; 14:8; 16:44; 18:2,3. Na Septuaginta, *paroimía* é palavra grega que significa «comparação», com base em uma raiz verbal que tem o sentido de «ser semelhante», «ser paralelo» (cf. Gên. 10:9; Pro. 10:26). No Novo Testamento, *parabolé*, palavra grega que significa «posto ao lado», «comparação», «ilustração», um vocábulo empregado cinquenta vezes: Mat. 13:3,10,13,18,23,31,33,34; 13:35 (citando Sal. 78:2); 13:36,53; 15:15; 21:33,45; 22:1; 24:32; Mar. 3:23; 4:2,10,11,13,30,33,34; 7:17; 12:1,12; 13:28; Luc. 4:23; 5:36; 6:39; 8:4,9-11; 12:16,41; 13:6; 14:7; 14:3; 18:1,9; 19:11; 20:9,19; 21:29; Heb. 9:9; 11:19. O nome do livro, em hebraico, é *misle selomoh*, «provérbios de Salomão».

O termo hebraico *mashal* teve seu sentido ampliado para cobrir também outras formas de discurso, como o oráculo de Balaão (Núm. 24:15), os cânticos de zombaria (Isa. 14:4; Hab. 2:6) e as alegorias, que são extensas comparações (Eze. 17:2; 20:49; 24:3). Alguns estudiosos pensam que esse vocábulo hebraico vem da raiz que significa «governar», porquanto *mashal* realmente «cria novas situações», segundo disse um deles (Gemser, Spruche Salomos, pág. 7). Outra sugestão no tocante à origem da palavra é aquela que diz que esse termo vem do assírio, *mishlu*, «metade», referindo-se ao fato de que um provérbio típico consiste em duas metades postas em paralelismo. Entretanto, o mais provável é mesmo que este vocábulo hebraico, em seu sentido mais restrito de «comparação», por sinédoque, acabou sendo usado para indicar vários tipos de literatura de sabedoria, como aqueles que aparecem coletados no livro canônico de Provérbios.

Esboço:

- I. Pano de Fundo
- II. Unidade do Livro
- III. Autoria
- IV. Data
 - A. Seção I
 - B. Seção II
 - C. Seções III e IV
 - D. Seção V
 - E. Seções VI, VII e VIII
- V. Lugar de Origem e Destinatários
- VI. Propósito do Livro
- VII. Canonicidade
- VIII. Estado do Texto
- IX. Problemas Especiais
 - A. A Figura da Sabedoria
 - B. Relação entre Provérbios e a Sabedoria de Amenemope
 1. O documento egípcio
 2. Relações léxicas
- X. Conteúdo e Esboço do Livro
 - A. Conteúdo
 1. Gêneros literários
 2. Assunto
 - B. Esboço
- XI. Teologia do Livro
- XII. Bibliografia

I. Pano de Fundo

Sem importar se a autoria salomônica é aceita ou não, pode-se facilmente concordar que o pano de fundo do livro de Provérbios parece ter sido a corte real em Jerusalém. Embora a literatura de *sabedoria* (ver a respeito no *Dicionário*), no antigo Oriente Próximo, seja anterior ao livro de Provérbios, por mais de mil anos, aquela forma particular de instruções, endereçadas ao “meu filho”, parece-se mais com certas obras literárias egípcias, como *As Instruções de Ptahotepe*; *As Instruções de Mari-ka-Ré*; *As Instruções de Amem-en-hete* e *As Instruções de Ani*. O casamento de Salomão com a filha do Faraó pode ter conduzido esse grande rei israelita a interessar-se por esse tipo de instruções.

Características literárias individuais, como a *meshel*, o padrão X, X + 1 e os longos discursos encadeados encontram paralelos na literatura semítica anterior. Assim sendo, o livro de Provérbios deve ter atraído os leitores já familiarizados com aquela forma literária.

Muitos críticos modernos têm negado aos hebreus uma mente verdadeiramente filosófica, a qual caracterizaria mais os gregos. Assim, na opinião desses críticos, os israelitas prefeririam depender das diretas revelações dadas do Alto, em vez de ficarem a pensar à moda dos filósofos gregos, que criavam sistemas com base em conceitos. Essa crítica, porém, leva em conta somente uma das facetas da mente dos hebreus. Outra faceta dessa mesma mentalidade mostra-nos que o povo israelita, tal e qual qualquer outro, sabia confiar nos méritos de uma filosofia humana autêntica. A grande diferença, porém, é que os hebreus não apreciavam a filosofia especulativa, que fica a imaginar como os mundos e os seus problemas teriam sido criados; antes, eles preferiam olhar para uma orientação prática na vida. E isso faziam de maneira intuitiva e analógica, e não em resultado de raciocínios dialéticos. Isto explica porque os hebreus davam a essa forma de pensamento o nome de “sabedoria”, porquanto, na busca pela solução diante dos problemas morais do homem, diante da vida, eles demonstravam muito mais amor pela sabedoria prática do que pelas especulações filosóficas.

Em vista disso, o livro de Provérbios, começando com máximas isoladas acerca dos elementos básicos da conduta humana, revela, de muitas maneiras sugestivas que os seus autores (ver sobre *Autoria*, seção III) cada vez mais se aproximavam, em suas apresentações, de uma postura filosófica. No mínimo pode-se afirmar que eles tinham uma filosofia em formação. Esse desdobramento pode ser

visto até mesmo na maneira como o vocábulo hebraico *meshal* foi sendo cada vez mais usado com maior amplitude de significação, ao que já tivemos ocasião de referir-nos.

A *meshal*, em seus primeiros usos, era de natureza antitética, contrastando dois aspectos da verdade, de tal modo que o pensamento ali mesmo se completava, nada mais restando ao autor senão passar para algum outro assunto. Isso produzia o bom efeito de pôr em contraste os grandes antagonismos fundamentais da existência humana neste mundo: a retidão e a iniquidade; a obediência e o desregramento; a industriiosidade e a preguiça; a prudência e a presunção etc., o que analisava, mediante contrastes, a conduta do indivíduo e dos homens em sociedade. Entretanto, a partir do momento em que começam a prevalecer as *meshalim* ilustrativas e sinônimas, o estudioso toma consciência da maior penetração e ampliação do alcance do pensamento, porquanto começam a aparecer distinções mais sutis e descobertas mais remotas, e as analogias que ali se vêem passam a exibir uma relação menos direta entre causas e efeitos. E então, avançando ainda mais no livro de Provérbios, especialmente quando atinge a seção transcrita pelos “homens de Ezequias, rei de Judá” (caps. 25—29), o leitor pode notar que cada vez mais se usa do artifício literário dos paradoxos e dos dilemas. Além disso, a *meshal* amplia-se, ultrapassando a mera comparação entre dois contrastes. Tudo isto, apesar de não ser ainda uma filosofia autoconsciente, chega a ser um passo decisivo nessa direção.

Um pressuposto básico dos escritores do livro de Provérbios é que a sabedoria e a retidão são idênticas, e a iniquidade mesmo é uma espécie de insensatez. Isso é um ponto tão pronunciado no livro que chega mesmo a ser axiomático, emprestando ao volume o seu colorido todo especial. Isso transparece logo no primeiro provérbio, após as considerações iniciais sobre o filho sábio. Lemos ali: “Os tesouros dá impiedade de nada aproveitam; mas a justiça livra da morte” (Pro. 10.2). Com base nesse pressuposto básico, vêm à tona outros princípios não menos axiomáticos: a fonte de uma vida caracterizada pela sabedoria é o temor a Yahweh; quem quiser ser sábio precisa ter uma mente disposta a aprender a instrução, e a atitude contrária é própria da perversidade; sábio é aquele que não se deixa impressionar pelas vantagens passageiras obtidas pelos ímpios, ao passo que o insensato não percebe as vantagens da verdadeira sabedoria, o temor ao Senhor. Esses princípios são constantemente reiterados no livro de Provérbios, não de forma sistemática, mas iluminando numerosos aspectos e aplicações às questões práticas da vida. O princípio que mostra que as más obras trazem em si mesmas as sementes da destruição, ao passo que o bem arrasta após si as bênçãos divinas, é um dos conceitos fundamentais do qual emergiu toda a filosofia de sabedoria dos hebreus.

De fato, essa capacidade de mostrar sagacidade nos pensamentos e nos conselhos, reduzindo-os a máximas ou parábolas, foi sempre tão admirada entre os israelitas que, desde antes de Salomão, os seus possuidores tornavam-se líderes naturais, bem reputados na comunidade de Israel. Cf. II Sam. 14.2 e 20.16. E quem demonstrou maior habilidade, quanto a isso, do que o próprio Salomão? Não somente casos difíceis lhe eram trazidos para solução (ver I Reis 3.16-28), como também lhe eram apresentadas questões complicadas, para que ele fornecesse resposta (ver I Reis 10.1,6,7). Portanto, foi com base no reconhecimento de que há homens dotados de tremenda sagacidade mental, capazes de aplicar esta habilidade às questões práticas da vida, que surgiu a literatura de sabedoria, incluindo o livro de Provérbios.

II. Unidade do Livro

Visto que o próprio livro declara que se trata de uma coletânea, a sua unidade não depende de sua autoria. Antes, essa unidade encontra-se na natureza geral do seu conteúdo, os provérbios, declarações sucintas ou um pouco mais longas que exibem profunda sabedoria prática, aplicável à conduta diária dos homens. A obra pertence à categoria geral da literatura de *sabedoria* (ver a respeito no *Dicionário*), exaltando as virtudes da sabedoria (sob a forma de reti-

dão) e condenando os vícios da insensatez (sob a forma de falta de temor a Deus).

III. Autoria

Tradicionalmente, o volume maior do livro de Provérbios tem sido atribuído a Salomão, filho de Davi e rei de Israel (cf. Pro. 1.1; 10.1; 25.1). Entretanto, o próprio livro de Provérbios menciona dois outros autores, a saber: Agur (30.1) e Lemuel (31.1). Quanto a esta questão, existem duas posições extremadas, a saber: 1. Salomão escreveu o livro inteiro de Provérbios; ou 2. ele não teve nenhuma conexão direta com a obra (excetuando que ele é o “autor tradicional” e patrono da literatura de sabedoria). Um terceiro ponto de vista, que ocupa posição intermediária e está mais em consonância com o próprio testemunho bíblico, é aquele que diz que Salomão foi o autor da maior parte do volume do livro de Provérbios, à qual foram acrescentadas as obras de outros autores. Assim, é apenas uma meia verdade aquela que diz que o livro de Provérbios não teve “pai”, segundo afirmam alguns estudiosos. Pois, apesar de as declarações de sabedoria geralmente se originarem entre pessoas do povo comum, alguém foi o primeiro indivíduo a fazer essas declarações em uma linguagem epigramática. Essa idéia é confirmada por nada menos de três vezes no volume do livro. Vejamos: “Provérbios de Salomão filho de Davi, o rei de Israel, (1.1); “Provérbios de Salomão... (10.1; que em nossa versão portuguesa aparece como título, o que é um erro, pois faz parte do texto sagrado); e também “São também estes provérbios de Salomão, os quais transcreveram os homens de Ezequias, rei de Judá” (25.1). Por que duvidar do próprio testemunho bíblico? Todavia, essa última passagem citada indica que Salomão não reunira todos os seus provérbios, formando um único volume. Antes, ele deixara muitos de seus provérbios dispersos, que os copistas de Ezequias coligiram. Se juntarmos a isso as palavras de Agur e de Lemuel, teremos o que é hoje o nosso livro de Provérbios.

Uma tola objeção à autoria salomônica é aquela que assevera que Salomão não era praticante das virtudes inculcadas no livro de Provérbios; cf., por exemplo, Pro. 7.6-23, que alguns pensam não refletir a vida de Salomão, porque ele teria tido um imenso número de mulheres e concubinas (ver I Reis 11.3, que diz: “Tinha (Salomão) setecentas mulheres, princesas, e trezentas concubinas; e suas mulheres lhe perverteram o coração”). Tal objeção, entretanto, olvida-se de que uma coisa é escrever obras de sabedoria, e outra, inteiramente diferente; é viver de maneira sábia. Um homem pode trair os seus próprios princípios!

A narrativa sobre a vida de Salomão em I Reis caps. 3, 4 e 10 (ver, especialmente, I Reis 4.30-34 e II Crô. 9.1-24) dá a entender a sabedoria e a versatilidade inigualáveis de Salomão, na composição de afirmações de sabedoria.

Por igual modo, a afirmação de que os subtítulos (ver 1.1; 10.1 e 25.1) seriam meramente honoríficos, não correspondendo à realidade da autoria salomônica, não faz justiça a Salomão. Mesmo que os subtítulos em 1.1 e 10.1 mostrem que pessoas posteriores compilaram provérbios esparsos de Salomão, nem por isso se negaria realmente a autoria salomônica. Os compiladores não foram autores. Eles compilaram o que já existia, e o que já existia era saído da pena de Salomão. Além disso, o argumento que diz que as repetições, em duas seções diferentes do livro de Provérbios, ou mesmo em uma de suas seções, elimina uma única autoria, esquece o fato de que os autores muitas vezes repetem o que dizem, e que os editores ou compiladores tinham por costume reter passagens duplicadas, conforme se vê, por exemplo, nos casos de Sal. 14.1 e 51.1.

A questão da autoria do trecho de Pro. 22.17--24.34 está vinculada ao problema da relação entre essa seção e a obra *A Sabedoria de Amenemope*, o que é ventilado mais adiante. Durante as discussões e controvérsias que houve entre os judeus do século I D.C., acerca do cânon do Antigo Testamento, o livro de Provérbios foi classificado, juntamente com os livros de Eclesiastes e de Cantares de Salomão, como “salomônico”, conforme se aprende em *Shabbat* 30b. O livro de Provérbios, conforme existe em nossos dias, deve ter tomado esta

forma após os dias do rei Ezequias (ver Pro. 25.1), isto é, após 687 A. C. De fato, Fritsch (IB, quarto volume, pág. 775) pensa que a forma final pode ter sido alcançada somente por volta de 400 A.C. Outros asseveram que a coletânea final (incluindo as palavras de Agur e de Lemuel) deve ter sido feita em algum tempo entre os dias do rei Ezequias e o começo do período pós-exílico, o que daria, mais ou menos, o mesmo resultado.

Alguns estudiosos modernos, de tendências liberais, observam que devem ser levadas em conta as “palavras dos sábios” referidas em Pro. 22.17 e 24.23. Para eles, isso representa mais alguns autores, embora anônimos. Entretanto, não é absolutamente necessário aceitarmos esta opinião. Salomão poderia estar meramente referindo-se a afirmações que antigos sábios haviam feito, mais ou menos de conhecimento geral em sua geração, às quais, agora, ele emprestava uma forma epigramática. É muito melhor ficarmos com a idéia da autoria salomônica, claramente declarada no próprio livro de Provérbios por três vezes, conforme já tivemos ocasião de verificar, do que imaginar uma multiplicidade de autores, segundo o sabor da alta crítica, que sempre quer exibir erudição multiplicando autores e atribuindo aos livros da Bíblia uma data posterior à qual eles realmente pertencem.

IV. Data

Dois questões diferentes estão envolvidas no problema da data do livro de Provérbios, a saber: a data em que cada seção do livro foi escrita (ver a seguir quanto às “seções” do livro); e, então, a data em que foi feita a “coletânea” ou “editoração” das várias seções, a fim de formar um único volume (rolo), naquilo que hoje conhecemos como o livro de Provérbios. Os eruditos conservadores seguem o ponto de vista tradicional da autoria salomônica do livro inteiro, excetuando os capítulos 30 (de Agur) e 31 (de Lemuel). Isto posto, eles datam o volume maior do livro como pertencente ao século X A.C., provavelmente dos últimos anos do reinado de Salomão. A coletânea das várias seções, por sua vez, é datada variegadamente, pelos mesmos estudiosos conservadores, entre 700 A.C. e 400 A.C.

A paz e a prosperidade que caracterizaram o período de governo de Salomão ajustam-se bem ao desenvolvimento de uma sabedoria reflexiva e à produção de obras literárias desta natureza. Outrossim, vários especialistas observam que as trinta declarações dos sábios, em 22.17--24.22, contêm similaridades com as trinta seções da “Sabedoria de Amenemope”, produzidas no Egito, e que eram mais ou menos contemporâneas à época de Salomão. Por semelhante modo, a personificação da sabedoria, tão proeminente nos caps. 1--9 (ver 1.20; 3.15-18; 8.1-36), pode ser comparada com a personificação de idéias abstratas em escritos em egípcios e mesopotâmicos pertencentes ao segundo milênio A.C.

O papel desempenhado pelos “homens de Ezequias” (ver 25.1) indica que importantes seções do livro de Provérbios foram compiladas e editadas entre 715 e 687 A.C., um período de renovação espiritual encabeçada por aquele monarca judeu. Ezequias demonstrou grande interesse pelos escritos de Davi e de Asafe (II Crô. 29.30). Talvez também tivesse sido nesse tempo que foram adicionadas às coleções de provérbios de Salomão as palavras de Agur (cap. 30); de Lemuel (cap. 31); bem como as palavras dos sábios (22.17-24.22; 24.23-34), embora seja perfeitamente possível que o trabalho de compilação se tenha completado após o reinado de Ezequias, conforme também já demos a entender anteriormente.

Os eruditos críticos, por sua vez, rejeitam a autoria salomônica, pelo que datam cada seção do livro de Provérbios separadamente, em geral em datas muito posteriores à data tradicional da escrita e compilação do livro. Isso, por sua vez, leva-os a datar a coletânea inteira no fim do período persa, ou mesmo do período grego. Porém, descobertas arqueológicas e filológicas recentes têm feito alguns desses eruditos abandonar uma data extremamente posterior, o que andava tão em voga na primeira metade do século XX. Entre essas descobertas poderíamos citar o achado de declarações de sabedoria dos cananeus, bem como certos padrões lingüísticos cananeus na literatura de Ugarite.

O que é indiscutível é que o livro de Provérbios pode ser dividido em certas seções, conforme se vê abaixo:

A. *Seção I.* Esta seção tem sido datada como passagem relativamente posterior, porquanto supõe-se que foi escrita como uma espécie de introdução para o volume inteiro. Há quem pense que essa primeira seção seja pós-exílica, enquanto outros dizem que a personificação da sabedoria (ver o oitavo capítulo) torna provável uma data dentro do século III A.C. Porém, um terceiro grupo de estudiosos tem demonstrado que essa personificação, ou melhor, hipostatisação, é uma das características das religiões mesopotâmica e egípcia. A fórmula numérica de $X, X + 1$, encontra-se em Pro. 6.16-19, ocorrendo também em textos ugaríticos (cf., Gordon, *Ugaritic Manual*, págs. 34 e 201) do segundo milênio A.C. Albright (*Wisdom in Israel and in the Ancient Near East*) pensa que essa seção é anterior aos *Provérbios de Aicar*, isto é, o século VII A.C. Fritsch segue a tendência de dar uma data bem antiga à obra, ao afirmar que existem fortes influências ugaríticas e fenícias na primeira seção de Provérbios, e que os seus capítulos oitavo e nono compõem “uma das porções mais antigas do livro”.

Um exemplo dessa influência ugarítica, que damos aqui como ilustração, é o uso do termo *lahima*, “comer”, que só pode ser encontrado por seis vezes no Antigo Testamento, quatro delas no livro de Provérbios. Quando isso é combinado com a opinião de Scott (*Anchor Bible*, “Proverbs”, págs. 9, 10), que disse que os capítulos primeiro a nono foram escritos como introdução a uma unidade já existente (isto é, os caps. 10–31), a mais antiga data provável para essa primeira seção faz com que uma data salomônica para as demais a ele atribuídas se torne bastante plausível. Entretanto, Scott considera que esta primeira seção do livro é um elemento posterior dentro do livro de Provérbios. O longo discurso desta seção (em contraste com o estilo de aforismos do restante) encontra paralelos na antiga literatura de sabedoria egípcia e acádica. Os aramaismos ali existentes, ao contrário do que antes alguns supunham, argumentam em favor de uma data mais antiga, e não de uma data mais recente.

B. *Seção II.* Este segmento do livro de Provérbios é considerado salomônico pelos eruditos conservadores, como uma coletânea gradualmente feita, talvez com um núcleo salomônico, que teria atingido seu presente estado no século V ou no século IV A.C. Certo escritor moderno, Paterson, considera que essa é a porção mais antiga do livro de Provérbios.

C. *Seção III e IV.* Estas seções estão envolvidas na questão da dívida literária à *Sabedoria de Amenemope*, que será discutida mais abaixo. A idéia de que esta seção depende muito de uma obra egípcia possibilita uma data entre 1000 e 600 A.C., tudo estando na dependência da data da obra egípcia. Por isso mesmo, Paterson pensa que esta porção é pré-exílica, embora posterior a 700 A.C.

D. *Seção V.* De acordo com o seu subtítulo, esta seção vem da época do rei Ezequias, porém a autoria real pode ter pertencido ao século X A.C.

E. *Seções VI, VII e VIII.* Há uma diferença na colocação destas três seções do livro de Provérbios, entre a *Septuaginta* e o *texto massorético* (ver a respeito no *Dicionário*). Por isso mesmo, Paterson pensa que, originalmente, cada uma destas seções corresponde a antigas coleções separadas. À base de alegadas artificialidade, ele as colocou em data posterior. No entanto, a forma acróstica de composição (ver no *Dicionário* sobre *Poemas Acrósticos*), que alguns eruditos modernos consideram um artificialismo, era um método favorito de composição de poemas entre os antigos hebreus. Scott afirma que os poemas acrósticos apareceram muito antes do exílio do século VI A.C. E, visto que a literatura de sabedoria transcendia às fronteiras nacionais, a história política internacional oferece-nos pouca ajuda para fixar alguma data para estas três seções do livro de Provérbios.

V. Lugar de Origem e Destinatários

O livro de Provérbios provavelmente originou-se nos círculos palacianos de Jerusalém. As porções salomônicas (excetuando a

seção transcrita pelos “homens de Ezequias, rei de Judá”; ver 25.1) podem ter sido registradas pelos escribas desse monarca descendente de Salomão. A essas coletâneas de provérbios, pois, os, escribas reais adicionaram as seções VI–VIII. O seu conteúdo indica que o livro de Provérbios tinha por intuito instruir os filhos das famílias nobres. Assim, embora estas instruções sejam endereçadas freqüentemente a “meu filho”, estava em pauta uma audiência muito mais ampla. A sabedoria dos sábios destinava-se a “todos” (Paterson, pág. 54).

VI. Propósitos do Livro

O próprio livro de Provérbios assevera claramente o seu propósito em Pro. 1.2-4, ou seja, infundir sabedoria e discrição aos homens, especialmente no caso dos simples, destituídos de experiência na vida. Lemos no quarto versículo: “... para dar aos simples prudência, e aos jovens conhecimento e bom siso”. É perfeitamente exequível que esse também tenha sido o propósito do livro inteiro: orientar os homens na conduta prática diária. Essa sabedoria, esse temor a Yahweh, é algo necessário para a formação de um caráter bem cultivado. A coletânea dos provérbios, pois, serviria de livro de informações útil para estudos públicos ou privados. Os provérbios inculcam a moralidade pessoal, além de um direto “bom senso”. Paterson conseguiu extrair bem o propósito do livro de Provérbios ao escrever que o alvo desse livro é “... diminuir o número dos tolos e aumentar o número dos sábios” (pág. 54).

Embora o livro de Provérbios seja uma obra de cunho eminentemente prático, ensinando como o homem deve viver diariamente, a sabedoria ali ensinada está solidamente escudada sobre o temor a Yahweh (ver, por exemplo, 1.7, que declara: “O temor do Senhor é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino”). Por todo o volume, esse respeito ao Senhor é apresentado como a senda que leva à vida e à segurança (cf. 3.5; 9.10 e 22.4). No dizer de Pro. 3.18, a sabedoria é “... árvore de vida para os que a alcançam, e felizes são todos os que a retêm”.

VII. Canonicidade

Na obra hebraica, *Shabbat* (30b), Provérbios é listado como um livro de canonicidade disputada, nos fins do século I D.C., juntamente com os livros de Eclesiastes e Cantares de Salomão. Mas sua associação com outras obras reconhecidamente salomônicas, nessa afirmativa judaica, parece favorável ao argumento de que o livro era canônico, e assim era considerado. Outro tanto se vê em *M. Yadaim* (3.5), onde diferentes opiniões aparecem no tocante à canonicidade de Eclesiastes e Cantares de Salomão, mas não há nenhum debate no tocante ao livro de Provérbios. A LXX e a versão portuguesa concordam em dispor juntos todos os três livros atribuídos a Salomão, ou seja, Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão.

De acordo com o Talmude (*Baba Bathra*, 146), o livro de Provérbios aparece depois dos livros de Salmos e de Jó e, em conformidade com *Berakoth* (57b), deveria figurar entre os livros de Jó e de Salmos. A ordem de colocação nas modernas Bíblias (como na nossa versão portuguesa) deve estar alicerçada sobre certa tradição rabínica, que dizia que Moisés escreveu o livro de Jó, que Davi escreveu os Salmos, e que Ezequias compilou os Provérbios (*Baba Bathra*, 14b-45a).

O trecho de Tia. 4.6, ao citar Pro. 3.34, fá-lo de tal maneira que mostra que o livro de Provérbios era considerado canônico no século I D.C. Em adição a isso, é com freqüência que o Novo Testamento se refere à seção do Antigo Testamento que contém o livro de Provérbios, a saber, *kethubim*, os “escritos”, tachando-os de “Escritura” (no grego, *graphé*). A sua inclusão na Septuaginta certamente favorece a idéia de uma bem remota aceitação do livro de Provérbios como parte integrante das Santas Escrituras.

VIII. Estado do Texto

O livro de Provérbios, em sua maior parte, acha-se escrito em hebraico claro, estilo clássico. Entretanto, existem algumas poucas

passagens difíceis no texto das seções principais. O erudito Fritsch lista como vocábulos que têm causado problemas para os tradutores os seguintes: *'amon* (Prov. 8.30); *yathen* (12.20); *hibbel* (23.34); *manon* (29.21); *'aluqah* (30.15); *zarzir* e *'alqum* (30.31). A maioria das propostas de emendas, com o intuito de solucionar problemas textuais, não passa de conjectura. Descobertas linguísticas recentes demonstram o valor de esperar por maiores informações em vez de apelar para emendas conjecturadas.

A Septuaginta é uma tradução frouxa, quase uma paráfrase, exibindo marcas do ponto de vista dos tradutores. Em certos lugares a tradução é inteiramente corrupta. Inclui quase cem duplicatas de palavra, frases, linha e versículos que aparecem somente por uma vez, no texto massorético. Além disso, omite algumas seções e adiciona outras. Na Septuaginta, o trecho de Pro. 30.1-14 vem depois de 24.22 (segundo o texto hebraico), e então segue-se 24.23,24 (segundo o texto hebraico). Então a Septuaginta tem Pro. 30.15—31.9, e então os caps. 25—29 (segundo o texto hebraico) e, finalmente, 31.10-31. Essas anomalias têm levado os estudiosos a acreditar que o texto continuava fluido ao tempo em que foi feita a tradução da Septuaginta.

IX. Problemas Especiais

Duas particularidades que merecem atenção especial são: 1. A figura da Sabedoria, no oitavo capítulo de Provérbios; o 2. a relação entre o livro de Provérbios (22.17—24.34) e a obra egípcia *Sabedoria de Amenemope*. Ambos os itens estão diretamente vinculados a abordagens críticas quanto à autoria e à data do livro de Provérbios, razão pela qual os ventilamos aqui.

A. *A Figura da Sabedoria*. Apesar de a sabedoria ser exaltada como uma virtude, por toda a seção de abertura do livro de Provérbios, como também em outros segmentos do livro, é no seu oitavo capítulo que encontramos o tratamento da “sabedoria” como uma hipostatisação. Ao que tudo indica, ali esse atributo divino aparece como um ser que mantém inter-relações com os homens. Em Pro. 1.20-33; 8.1-36; 9.1-6,13,18, a “Sabedoria” aparece em oposição a uma personagem similar, embora contrária, a “Senhora Loucura”. A Sabedoria aparece como um profeta que prega pelas ruas (cf. Jer. 11.6 e 17.19,20).

Não há nenhum traço de politeísmo no livro de Provérbios. Por conseguinte, qualquer tentativa de vincular o pano de fundo acerca de Salomão a Ma'at, Istar ou Siduri Sabatu, conforme fazem alguns, não é convincente nem tem base nos fatos. A única questão que ainda resta ser ventilada é se a “Sabedoria” é uma verdadeira hipostatisação, isto é, um atributo ou atividade da deidade à qual foi conferida uma identidade pessoal. Alguns estudiosos defendem que o oitavo capítulo de Provérbios simplesmente apresenta uma vívida personificação.

A íntima correspondência entre as atividades da “Sabedoria”, no livro de Provérbios, e as atividades de *Yahweh*, no resto do Antigo Testamento, é algo deveras notável. A Sabedoria derrama o espírito (ver Pro. 1.23, cf. Isa. 44.3). Deus chama, mas Israel não responde (ver Pro. 1.24-26; cf. Isa. 65.1,2,12,13; 66.4). O Espírito de Deus é a Sabedoria (ver Pro. 8.14; cf. Isa. 11.2). A Sabedoria promove a justiça (ver Pro. 8.15,16; cf. Isa. 11.3-5). Da mesma maneira que a Sabedoria prepara o seu banquete (ver Pro. 9.5, em oposição à mulher louca, que também tem o seu banquete, Pro. 9.13-18), assim o faz *Yahweh* (ver. Isa. 25.6; 55.1-3; 65.11-13).

Nos seus escritos, tanto o judaísmo posterior quanto o cristianismo referem-se ao papel desempenhado pela “Sabedoria” na criação—um desempenho que em muito se assemelha à sabedoria hipostatisada no livro de Provérbios. O livro apócrifo *Sabedoria de Salomão* identifica a “Sabedoria” como “a modeladora de todas as coisas” (7.22), como “associada às obras (de Deus)” (8.4) e como “formadora de tudo quanto existe” (8.6). Filo (*De Sacerdota*, 5) afirma que a “Sabedoria” foi a fabricante do universo. Alguns estudiosos procuram demonstrar a ligação entre o “Logos” do primeiro capítulo do evangelho de João, bem como a “Sofia” concebida pelos mestres

gnósticos, com a “Sabedoria”, hipostatisada do livro de Provérbios; porém, as conclusões desses eruditos não conseguem harmonizar-se entre si.

Se o erudito Scott (págs. 71 e 72) está correto em sua vocalização da palavra hebraica *'amon*, para *'omen* (em Pro. 8.30), visto que *'omen* significa “artífice principal” ou então “criancinha”, segue-se que a “Sabedoria” é vista como aquela força hipostatisada que unifica a todas as coisas (cf. Eclesiástico 43.28; Sabedoria de Salomão 1.7; Col. 1.17 e Heb. 1.3).

Embora alguns críticos tenham datado o livro de Provérbios como pertencente ao período helenista, em face da hipostatisação da sabedoria (sob a alegação de que a tendência para as hipostatisações era forte durante o período de dominação grega), o fato é que há muitos paralelos entre o livro de Provérbios e o antigo mundo do Oriente Próximo, do segundo milênio A.C., ou mesmo antes. Entre esses paralelos, poderíamos citar os seguintes: 1. A divindade egípcia de Mênfis, Ptá, teria criado as coisas com sua palavra e seu pensamento. 2. Em Tote de Hermápolis, a sabedoria divina e o deus criador aparecem personificados. 3. A divindade suméria Ea-Enki era chamada de “o verdadeiro conhecedor”. 4. O deus babilônico Marduque, intitulado de “o mais sábio dos deuses”, teria conquistado Tiamate e então criado a terra e o homem. 5. O altíssimo deus El, do panteão ugarítico, é descrito como alguém cuja “sabedoria é eterna”. Esses e outros exemplos hebraicos (ver Sal. 74.13,14; 82.1; Isa. 14.12-14; 27.1) demonstram claramente que, desde bem antes da época de Salomão, já se conhecia o artifício literário da hipostatisação.

Paterson fez um sumário da discussão da “Sabedoria”, afirmando que o trecho de Pro. 8.22,23 é uma ousada confirmação e reafirmação da doutrina expressa em Gên. 1.2. Deus não criou um caos (cf. Gên. 1 e 2), e, sim, um “cosmos”, um todo organizado. A sabedoria é a essência mesma do ser de Deus. O universo não veio à existência por mero acaso, nem permanece existindo por suas próprias forças. O mundo conta com uma *teleologia* (ver a respeito no *Dicionário*) porquanto existe a teologia (ver Pro. 3.19; 20.12).

B. *Relação entre Provérbios e a Sabedoria de Amenemope*. Desde que Adolph Erman ressaltou as similaridades existentes entre a *Sabedoria de Amenemope* e o livro de Provérbios (22.17—23.14), tem havido uma tendência geral para os estudiosos pensarem que essa passagem bíblica está diretamente em dívida com aquela antiga obra de origem egípcia. Todavia, os defensores da independência desse trecho bíblico de qualquer obra egípcia também aparecem em bom número, como E. Diroton, C. Fritsch e R.O. Kevin, para citar somente alguns. Embora a preponderância da erudição encare o livro de Provérbios como se houvesse alguma dependência entre ele e a *Sabedoria de Amenemope*, há argumentos sólidos suficientes para mostrar a inveracidade dessa dependência, conforme podem averiguar sérios estudiosos da Bíblia que queiram parar a fim de examinar todas as evidências disponíveis.

1. *O Documento Egípcio*. Foi Sir E. Wallis Budge, no seu artigo *Recueil d'Etudes Egyptologique... Champollion*, em 1922, quem primeiro tornou conhecida a antiga obra egípcia *Sabedoria de Amenemope*. Em 1923, ele publicou o texto completo da obra, com fotografias e uma tradução. Outros eruditos trouxeram a público suas próprias traduções do original egípcio. Mas foi Erman o primeiro a sugerir que as “excelentes cousas” a respeito das quais lemos em Pro. 22.20 poderiam ser traduzidas por “trinta”, com base na divisão da *Sabedoria de Amenemope* em trinta capítulos. Essa tradução envolvia uma modificação textual, uma nova vocalização de *shalishim* para *sheloshim*, no texto hebraico do livro de Provérbios. E então Erman inferiu que o escritor bíblico teria, diante de si, os trinta capítulos da *Sabedoria de Amenemope*, tendo dali selecionado e incorporado trinta afirmações a seu próprio livro de sabedoria. A verdade é que Oesterley e outros vêm pelo menos que vinte e três das trinta declarações daquela passagem do livro de Provérbios derivam da *Sabedoria de Amenemope*, Scott, por sua vez, afirmou que somente nove dessas declarações procedem daquela fonte. Mas o preâmbulo do trecho Pro. 22.17-21 parece ser uma reformulação da conclusão

da *Sabedoria de Amenemope*. Essa obra egípcia foi escrita por Amen-em-apete, egípcio nativo de Panópolis, em Acnim. Ele era um supervisor de terras, evidentemente uma posição importante. Também foi um sábio e um escriba. Devido à posição que ele ocupava, alguns estudiosos datam a sua obra como pertencente ao período pós-exílico de Judá (cf. Esdras e Ben Siraque). Entretanto, o gênero literário da sabedoria e a instituição dos escribas eram realidades bem-estabelecidas no antigo Oriente Próximo desde muito antes do tempo de Salomão.

A obra *Sabedoria de Amenemope* têm sido atribuídas diversas datas, desde cerca de 1300 A.C. (Plumley) ou 1.200 A.C. (Albright), até datas em torno do século VII A.C. (Griffith, Oesterley), ou do período persa-grego (Lange). A data mais antiga baseia-se em um ostrakon que continha um extrato daquela obra egípcia. Se isso for aceito, então torna-se quase uma certeza que o livro de Provérbios realmente tomou por empréstimo elementos do *Sabedoria de Amenemope*. Existe mesmo a possibilidade de que aquele ostrakon represente uma fonte informativa comum, usada tanto pelo livro de Provérbios quanto pela *Sabedoria de Amenemope*. Seja como for, isso em nada afeta a inspiração do livro de Provérbios, porquanto o fenômeno da inspiração envolve até mesmo a seleção de material, como também a composição do material original.

2. *Relações Léxicas*. Vários estudos sobre a lexicografia de *Sabedoria de Amenemope* tendem a mostrar que seu vocabulário egípcio-semitico pertence ao estágio final do idioma egípcio. Há indicações de que esse vocabulário da obra assemelha-se mais com a *Septuaginta* do que com o *texto massorético* (ver no *Dicionário* artigos sobre ambos os termos). Interessante é que, embora isso seja posto em dúvida por alguns eruditos, o uso de expressões idiomáticas semíticas no livro *Sabedoria de Amenemope* pode até mesmo mostrar que é essa obra egípcia que depende do livro de Provérbios, e não o contrário, conforme dizem alguns estudiosos. Assim é que, se o livro de Provérbios parece conter versículos espalhados por *Sabedoria de Amenemope*, essa obra egípcia parece conter versículos espalhados no livro de Provérbios. Destarte, os argumentos pró e contra parecem bem equilibrados. Também tem grandes possibilidades uma terceira posição, intermediária, que diz que tanto a obra egípcia quanto o livro de Provérbios usaram antigas tradições orais comuns no antigo Oriente Próximo, ou mesmo algum apanhado dessas tradições, já sob forma escrita. Também merece consideração a idéia de que a passagem do livro de Provérbios estava simplesmente usando os “trinta capítulos” egípcios como modelo, e não como fonte informativa direta. E Scott (pág. 20) exprime um ponto de vista parecido com isso.

X. Conteúdo e Esboço do Livro

O conteúdo do livro de Provérbios pode ser classificado em conformidade com quatro critérios: por gênero literário, por assunto, por autoria e por motivos teológicos. Felizmente, as divisões feitas de acordo com os três primeiros critérios justapõem-se com facilidade, em quase todos os pontos.

A. Conteúdo.

1. *Gêneros Literários*. As duas formas literárias que mais prevalecem no livro de Provérbios são: 1. as declarações sucintas e expressivas usadas para transmitir sabedoria (os verdadeiros “provérbios”); e 2. os longos discursos didáticos, do que são exemplos a primeira seção (caps. 1—9), e as seções sétima e oitava (caps. 30—31). Praticamente todo o restante do livro cabe dentro da categoria dos “provérbios”. Pode-se definir um provérbio como “uma declaração breve e incisiva, de uso comum”. Tipicamente, um provérbio é anônimo, tradicional ou epigramático. Conforme alguém já disse, um provérbio caracteriza-se por “sua brevidade, sentido e sal”. E, conforme expressou com grande percepção Lord John Russell, um provérbio contém “a sabedoria de muitos e a argúcia de um só”. Na segunda seção do livro de Provérbios, há trezentos e setenta e cinco dessas declarações. Dentre os cento e trinta e nove versículos dos caps.

25—29, cento e vinte e oito são provérbios. Com frequência, os provérbios assumem a forma de um símile gráfico (cf. os caps. 25 e 26).

Quase todo o livro de Provérbios, excetuando as seções primeira, sétima e oitava (caps. 1—9, 30 e 31), foi escrito formando duplas que se completam, ou dísticos. Esse paralelismo—uma típica característica da poesia hebraica—ocorre com certa variedade de formas. O chamado paralelismo sinônimo, em que a segunda linha reitera ou reforça a primeira, é a forma usualmente encontrada em Pro. 16.10-22.15 (cf. 20.13). O paralelismo antitético, em que a segunda linha expõe um contraste do que foi dito na primeira, ou uma reversão da idéia da primeira linha, é a forma de paralelismo usualmente encontrada nos capítulos 10 a 15 (cf. Pro. 15.1). Ocasionalmente, vê-se no livro de Provérbios certa forma de paralelismo em que a segunda (ou a terceira) linha adiciona algo ao pensamento expresso na primeira linha. Esse tipo de paralelismo sintético acha-se em 10.22. Os capítulos 25 e 26 estão repletos desse tipo de paralelismo.

2. *Assunto*. Três tipos latos de material são apresentados no livro de Provérbios, isto é: 1. instruções para que se abandone a insensatez e siga a sabedoria (caps. 1—9); 2. exemplos específicos de conduta sábia ou de conduta insensata (as declarações gnômicas das seções II — V; caps. 10—29); e 3. a vívida descrição acerca da mulher virtuosa (cap. 31; que talvez contrabalance o motivo do filho sábio, nos caps. 1—9).

Em adição a isso, o conteúdo do livro de Provérbios pode ser agrupado de acordo com os tópicos discutidos, como as declarações que versam sobre os males sociais (Pro. 22.28; 23.10; 30.14); sobre as obrigações sociais (15.6,7,17; 18.24; 22.24,25; 23.1,2; 27.6,10); sobre a pobreza (17.5; 18.23; 19.4,7,17); sobre os cuidados com os pobres (14.31; 17.5,19; 18.23; 19.7,17; 21.13; 26.14,15); sobre as riquezas materiais como uma questão secundária (11.4; 15.16; 16.8,16; 19.1; 22.1), embora importante (10.22; 13.11; 19.4).

A vida doméstica é um tópico freqüente do livro (Pro. 18.22; 21.9,19; 27.15,16; 31.30), como também as relações entre pais e filhos (10.1; 17.21,25; 19.18,24; 22.24,25; 25.17).

O assunto da sabedoria já foi ventilado, anteriormente. Em contraste com o sábio, encontramos o “louco”. Nada menos de quatro tipos de loucos podem ser discernidos no livro de Provérbios: 1. O tolo simplice, que pode ser ensinado (Pro. 1.4,22; 7.7,8; 21.11). Esse é o “desmiolado”. 2. O insensato empedernido (1.7; 10.23; 12.23; 17.10; 20.3; 27.22), que é um obstinado. 3. O tolo arrogante, que escarnece de toda as tentativas para iluminá-lo. Isso envolve uma atitude mental, e não tanto uma “incapacidade mental”, do que tal indivíduo se torna culpado (3.34; 21.24; 22.10; 29.8). 4. O louco brutal, morto para toda decência e boa ordem (17.21; 26.3; 30.22; cf. Sal. 14.1).

A conduta dos reis é um dos tópicos do livro (Pro. 16.12-14; 19.6; 21.1; 25.5; 28.15; 29.14). O bom ânimo é encorajado (15.13-15; 17.22; 18.14). O uso da língua é discutido (10.20; 15.1; 16.28; 21.23; 26.4,23). Também são mencionados outros hábitos ou características pessoais (11.22; 13.7; 22.3; 25.14; 26.12; 30.33). Finalmente, são discutidos alguns aspectos do conceito da “vida”: sua fonte originária (10.11; 13.14; 14.27; 16.22); sua vereda (6.23; 10.17; 15.24); e também o conceito da vida propriamente dita (11.30; 12.28; 13.4,12).

B. *Esboço*. Quase todos os esboços que se têm traçado sobre o livro de Provérbios contêm de quatro a dez seções principais. As divisões naturais do livro, todavia, parecem indicar um esboço em oito pontos, com bom base na autoria provável e nos estágios da coleção de unidades separadas, posteriormente coligidas em um único rolo escrito em hebraico. É o que se vê abaixo:

- I. Instrução paterna: sabedoria versus insensatez (caps. 1—9)
- II. Provérbios de Salomão: primeira coleção (10.1—22.16)
- III. Palavras dos sábios: primeira coleção (22.17—24.22)
- IV. Palavras dos sábios: segunda coleção (24.23,24)
- V. Provérbios de Salomão: segunda coleção, feita pelos homens de Ezequias (caps. 25—29)

- VI. Palavras de Agur (cap. 30)
 VII. Palavras de Lemuel (31.1-9)
 VIII. A esposa virtuosa (31.10-31)

Algumas dessas seções podem ser subdivididas. Assim, para exemplificar, Scott (págs. 9 e 10) vê dez discursos de admoestação e dois poemas, além de algumas declarações gnômicas, na primeira seção, ao passo que Kitchen divide a mesma seção em catorze subdivisões. Na segunda seção, a diferença no paralelismo entre os caps. 10—15 e 16.1—22.16 pode indicar uma divisão natural. A segunda seção, até Pro. 23.14 parece estar intimamente relacionada à *Sabedoria de Amenemope*, enquanto o resto dessa seção não mostra tal relação, o que pode indicar outra divisão natural. Na quinta seção, talvez se deva perceber uma diferença entre os caps. 25—27 (principalmente preceitos e símiles) e os caps. 28 e 29 (principalmente declarações gnômicas, como em Pro. 10.1—22.16). Quase todas as declarações dísticas do livro de Provérbios encontram-se na segunda seção e em Pro. 28 e 29. Novamente, Scott subdividiu a sexta seção em um “diálogo com um cético” (presumivelmente Agur; Pro. 39.1-9) e “provérbios numéricos e de advertência” (30.10-33), ao passo que Murphy divide essa seção após o vs. 14.

XI. Teologia do Livro

Embora alguns estudiosos considerem o livro de Provérbios uma obra que ensina uma sabedoria secular e prática, um exame mais cuidadoso de seu conteúdo revela que este livro é extremamente teológico. Assim, é ali salientada a soberania de Deus (Pro. 16.4,9; 19.21; 22.2). A onisciência de Deus é claramente referida (15.3,11; 21.2). Deus é apresentado como o Criador de tudo (14.31; 17.5; 20.12). Deus governa a ordem moral do universo (10.27,29; 12.2). As ações dos homens são aquilatadas por Deus (15.11; 16.2; 17.3; 20.27). Até mesmo neste nosso lado da existência a virtude é recompensada (11.4; 12.11; 14.23; 17.13; 22.4). O juízo moral é mais importante ainda do que a prudência (17.23).

O povo hebreu não dispunha de um termo genérico para a idéia de “religião”. Não obstante, o livro de Provérbios demonstra esta idéia por intermédio da expressão “o temor do Senhor” (Pro. 1.7; 9.10; 15.33; 16.6; 22.4), como também por meio daquela outra expressão que se acha nos livros dos profetas “o conhecimento de Deus” (ver, por exemplo, Isa. 11.2; 53.11; Osé. 4.1; 6.6). Essas duas idéias aparecem como um paralelo sinônimo, em Pro. 2.5 e 9.10.

Interessante é observar que o livro de Provérbios ignora quase completamente o templo de Jerusalém e o culto religioso ali efetuado (o que serve de fortíssimo argumento contra uma autoria posterior do livro), excetuando algumas alusões bastante indiretas (Pro. 3.9,10). De fato, trechos de Provérbios, como 16.6 e 21.3, até parecem negar a necessidade dos sacrifícios levíticos (mas cf. 15.8 e 21.27). O que se destaca no livro de Provérbios é o caráter vital da verdade (28.4 e 29.18). Citamos a última dessas referências: “Não havendo profecia o povo se corrompe; mas o que guarda a lei esse é feliz”.

Embora o vocábulo “aliança” só ocorra em Provérbios por uma única vez (ver 2.16,17), não há que duvidar que esse conceito se faz presente no livro. A confiança, base de todo relacionamento de pacto, é um *sine qua non* (Pro. 3.5,7; cf. 22.19; 29.25). Deus é mencionado, na maioria das vezes, por Seu nome do pacto, isto é, *Yahweh* (nada menos de oitenta e sete vezes). Também é evidente a relação entre pai e filho, que tanto caracteriza a idéia de aliança (cf. Osé. 11.1), conforme se vê em Pro. 3.12. “Porque o Senhor repreende a quem ama, assim como o pai ao filho a quem quer bem”.

Um ponto que não pode ser esquecido, neste nosso estudo, foi a marca deixada pelo livro de Provérbios e seus conceitos no Novo Testamento. Isso se faz sentir por meio de várias citações e alusões, conforme se vê nas duas listas abaixo, que servem apenas de exemplos:

A. Citações

- 3.7a — Rom. 7.16
 3.11,12 — Heb. 12.5,6

- 3.34 — Tia. 4.6; I Ped. 5.5b
 4.26 — Heb. 12.13a
 10.12 — Tia. 5.20
 25.21,22 — Rom. 12.20
 26.11 — II Ped. 2.22

B. Alusões

- 2.4 — Col. 2.3
 3.1-4 — Luc. 2.52
 12.7 — Mat. 7.24,27

Se considerarmos que o livro de Provérbios é um extenso comentário sobre a lei do amor, então é certo que este livro canônico tem ajudado a pavimentar o caminho para Aquele que era tanto o Amor quanto a Sabedoria encarnados, o Senhor Jesus Cristo.

Se perguntássemos por que motivo a última seção deste livro termina com um hino de elogio à mulher virtuosa (Pro. 31.10-31), a resposta seria que a esposa de nobre caráter forma um arcabouço literário juntamente com os discursos de introdução ao livro, nos quais a Sabedoria é personificada como uma mulher. Na vida diária nenhum paralelo mais feliz poderia ser encontrado como a personificação da sabedoria do que a de uma esposa de bom caráter. Por conseguinte, o livro de Provérbios começa e se encerra com chave de ouro.

XII. Bibliografia

A principal fonte de informações sobre o livro dos *Provérbios* foi *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*, designada Z nas referências bibliográficas. Agradeço a gentil permissão dada pela Zondervan Publishing House, Grand Rapids, Michigan, EUA, pelo uso da obra. Ver também ALB AM E I IB KI ND WBC WES YO.

Ao Leitor

Na introdução ao livro de *Provérbios*, dou informações sobre o pano de fundo: unidade do livro; autoria, data; lugar de origem e destinatários; propósito do livro; canonicidade; estado do texto; problemas especiais; conteúdo e teologia do livro. O estudante sério não começará os seus estudos sem ter algum conhecimento desses elementos essenciais da composição. Este livro faz parte da *Literatura de Sabedoria* do judaísmo antigo. Ver também, no *Dicionário*, o artigo chamado *Sabedoria*, seção III, intitulada *Literatura de Sabedoria*.

“O livro de Provérbios pertence à Literatura de Sabedoria de Israel. Esse é o gênero literário a que também pertencem os livros de Jó, Eclesiastes e alguns dos Salmos (exemplos: 1, 19, 37, 49, 73, 112, 119, 127, 128 e 133), no Antigo Testamento, e os livros apócrifos de Sabedoria de Salomão e Eclesiástico. E também o livro *Pirke Aboth* do judaísmo posterior. Tudo isso faz parte do grande corpo de literatura de sabedoria que existia por todo o Oriente Próximo e Médio nos tempos antigos” (Charles Fritsch, *in loc.*).

“O livro de Provérbios é um compêndio de instruções morais e religiosas, conforme dadas à juventude judaica por sábios profissionais no período pós-exílico. Inclui material muito mais antigo da longa tradição de treinamento na sabedoria considerada necessária para a boa vida... Recompensas e punições seguem esta vida; seu apelo era às lições dadas pela experiência, e não tanto pela revelação divina: uma breve mas significativa exploração da natureza da sabedoria e do relacionamento entre a sabedoria e Deus” (*Oxford Annotated Bible*, introdução).

Uma Divisão em Quatro Livros:

Livro I: 1.1 – 9.18, que contém dezesseis discursos extensos de admoestações, advertências e instruções, incluindo dois poemas que personificam a sabedoria (1.20-33 e 8.1-36).

Livro II: 10.1 – 22.16, intitulado *Provérbios de Salomão*, pleno de máximas expressivas sob a forma de linhas poéticas paralelas que tratam das virtudes, dos vícios e de suas conseqüências.

Livro III: 22.17 – 24.22, que são as admoestações de um professor a seu aluno (chamado de seu filho). A principal idéia é o treina-

mento pela responsabilidade. Em cada seção dou uma introdução mais completa aos livros.

Livro IV: 25.1 – 29.27, também chamado *Provérbios de Salomão* e com tipos similares de material, conforme se vê no Livro II.

Quanto ao restante do livro, temos uma série de apêndices, que

identificarei conforme chegarmos a eles. Esses trechos são 30.1-9; 30.10-33 e 31.10-31. A passagem de 24.23-34 é considerada o primeiro desses apêndices. Se isso é verdade, então temos cinco apêndices no total. Sob a seção VII da Introdução, dou outro arranjo de materiais que incorpora o arranjo aqui apresentado.

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

Instrução Paterna: Sabedoria versus Insensatez; A Instrução da Sabedoria (1.1 – 9.18)

Prefácio (1.1-7)

1.1

Provérbios de Salomão. Esta seção, que perfaz o Livro I, tem dezesseis extensos discursos cheios de admoestação, advertências e declarações expressivas, que tendem a tornar um homem sábio, contanto que ele os conheça e os ponha em prática.

Ver sobre *Autoria* na seção III da Introdução, onde há uma discussão completa. Partes deste livro são atribuídas a outros autores: Agur (capítulo 30) e Lemuel (capítulo 31.1-9). O ponto de vista dos comentaristas conservadores é que Salomão foi o autor de certas partes do livro, ao passo que o editor adicionou trabalhos de outros autores. O ponto de vista dos críticos é que o nome dele foi vinculado ao livro mediante uma convenção literária, visto que ele era conhecido como um homem sábio. Nos tempos antigos, era comum empregar os nomes de pessoas famosas como alegados autores de livros, em parte para prestar-lhes uma honraria, e em parte para garantir a circulação das obras, ou para dizer o que o mestre teria dito, se tivesse escrito o livro.

Provérbios. No hebraico, *meshal*, que pode significar comparação ou símile, ou então discurso. Ambas as idéias são encontradas em Provérbios. Quanto a uma discussão completa a respeito, ver os parágrafos primeiro e segundo da introdução ao livro.

Titulos. Alguns manuscritos dizem *Sepher Sishle*, o “Livro de Provérbios”. A Septuaginta diz *Provérbios de Salomão*. Eruditos judaicos posteriores chamavam este livro, bem como o livro de Eclesiástico, de *Livros de Sabedoria*. Não podemos estar certos sobre o título dos manuscritos originais, mas *Mashal* é o mais provável, caso houvesse um título.

Salomão. Ver o artigo sobre ele no *Dicionário*. O título *rei*, neste livro, deve estar ligado a Salomão, e não a Davi. Foi o rei sábio quem editou o material a seguir. Ele foi um homem sábio (I Reis 3.4-15,16-18) e escreveu três mil provérbios e mil e cinco cânticos (I Reis 4.32). Não há razão para duvidar de que parte da soma maciça de literatura entrou no livro presente, mesmo que a compilação final do material se desse depois do cativo babilônio.

Propósito do Livro (1.2-6)

1.2

Para aprender a sabedoria, e o ensino. Os homens precisam conhecer e seguir a sabedoria. Crawford H. Toy (*International Critical Commentary, in loc.*) disse que o reconhecimento intelectual vem em primeiro lugar. A idéia é um tanto semelhante à doutrina de Sócrates do “conhece-te a ti mesmo”, na qual o conhecimento racional é muito importante. Mas não há que duvidar da idéia da agência do Espírito, que usa a sabedoria adquirida para operar a vontade de Deus. Portanto, isso deve incluir a iluminação da alma.

A sabedoria. Ver o artigo sobre esta palavra no *Dicionário*, quanto a explicações completas. O original hebraico diz *hokhmah*, palavra que, “neste versículo, significa inteligência moral e religiosa, ou seja, o conhecimento da lei moral de Deus, no que diz respeito às questões práticas da vida. Não se trata da sabedoria especulativa e filosófica dos gregos” (Charles Fritsch, *in loc.*). Quanto ao que se supõe que a lei significava para Israel, ver Sal. 1.2.

O ensino. A palavra hebraica correspondente é *musar*, que tem o sentido básico de disciplina, ou punição. Visto que aparece aqui de forma paralela com *sabedoria*, sem dúvida significa o corpo e a atividade de ensino aplicados aos homens mais jovens, para indicar seu treinamento no judaísmo. O principal manual, como é lógico, seria a lei, porquanto, sem a lei, o judaísmo não seria o judaísmo. Esta palavra implica a submissão às autoridades que eram mestres, como pai, mãe e, especialmente, os mestres da lei, sábios cuja atividade se constituía em ensinar às gerações mais jovens. O próprio livro mostra que tais mestres não se apegavam à Bíblia, conforme a conheciam em seus dias, mas, antes, inventaram muitas declarações e discursos que ultrapassavam os dizeres da lei, embora tivessem suas raízes apegadas a ela.

Para entender as palavras de inteligência. “Compreensão” significa discernimento, distinguir o certo do errado e seguir o caminho certo, pois, caso não acompanhasse a parte que segue, uma pessoa não seria dotada de real discernimento. A sabedoria pode passar de pai para filho, e de mestre para estudante. As palavras devem ser inteligentes e vigorosas, mas por trás delas deve haver a força do exemplo. No livro de Provérbios, há sessenta e cinco convites para que os leitores tenham entendimento. Ver Pro. 5.1.

Um pai deve três coisas a seus filhos: exemplo; exemplo; exemplo.

Cf. este versículo com Heb. 5.14: “... para discernir não somente o bem, mas também o mal”.

Os homens possuem capacidades para tanto, mas precisam ser treinados para distinguir o bem do mal. Cf. I Reis 3.9. De outra sorte, o coração tornar-se-á néscio, ou seja, insensível (ver Isa. 6.10). Ver também Fil. 1.10.

1.3

Para obter o ensino do bom proceder. O autor sagrado continuava a explicar por qual motivo escrevera esta porção e compilara este livro. Não basta ensinar. O estudante deve estar motivado a aprender, isto é, receber o que lhe for ensinado. Um estudante sente-se motivado quando se assenta aos pés de seu mestre. O professor deve possuir muito mais conhecimento que o seu aluno. Além disso, o aprendiz tem de ver que o próprio mestre pratica o que diz, dando o exemplo correto.

Tomai-vos, pois, praticantes da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos.

(Tiago 1.22)

Resultados Práticos. Um estudante deve obter sabedoria, praticando a retidão, cumprindo a justiça e a equidade. Em outras palavras, deve ter as principais características de um homem espiritual, cuja filosofia o salva de seus atos profanos.

Bom proceder. No hebraico original temos a palavra *haskel*, e não a mesma palavra para “sabedoria”, do vs. 2. Esta palavra significa “bom senso”. Um homem viverá de acordo com o bom senso em todos os seus atos e relacionamentos com outras pessoas. Alicerçado sobre esse fundamento, ele praticará as coisas que se seguem, listadas após a palavra *sabedoria*.

A justiça. Esta palavra, no original hebraico, é *cedheq*, “reto”. Tal homem não se envolverá em veredas tortuosas. Antes, caminhará ao longo da “vereda reta e estreita”.

O juízo. No hebraico, *mishpat*, “decisão” em favor do que é reto, atos e relações retas, a retidão em todas as situações.

A equidade. No hebraico, *mesharim*, que tem o sentido básico de suave ou reto. Ver Isa. 25.6, onde se fala sobre a vereda de um homem reto. O homem vive “no mesmo nível” de outros homens, ou seja, de maneira honesta e justa. “Aquilo que é reto, verdadeiro e honesto” (Ellicott, *in loc.*).

1.4

Para dar aos simples prudência. Os jovens, inexperientes que se impressionam facilmente por palavras distorcidas, precisavam das instruções do mestre, e ele mostrou zelo sobre a questão, pleno de conhecimento e de capacidade de comunicar. Os simples seriam uma presa fácil para os homens maus e as más situações. A palavra hebraica para isso é *pathah*, que significa “aberto”, ou seja, franqueado a todas as espécies de influência. Paralelo a isso é o jovem. O jovem estaria aberto a influências boas e más, pelo que o mestre queria chegar a ele, antes que os lobos o alcançassem.

*Os jovens pensam que os idosos são tolos;
Os idosos sabem que os jovens são tolos.*

(George Chapman)

Conhecimento. No hebraico, *yadha*, “conhecer”, a palavra comum com esse sentido. Um corpo de conhecimento tinha de ser comunicado, e o aluno tinha de dominar tal conhecimento. Um jovem precisava de mais do que conhecimento, mas isso era o *sine qua non* de qualquer indivíduo que quisesse iniciar a caminhada ao longo da trilha do conhecimento.

Bom siso. No hebraico, *mezimma*, literalmente, “poder de planejar”, ou seja, ter bom senso suficiente para tomar boas decisões, “decidir quanto ao próprio curso de ação”. Um jovem teria de aprender a resolver, com propósito, por qual caminho deveria seguir, o que deveria e o que não deveria fazer. Esta palavra podia ser usada em bom sentido e em mau sentido. Cf. Pro. 12.2; 14.17; 24.8 (no mau sentido); Pro. 2.11; 3.21; 5.2; 8.12 (no bom sentido). Cf. a frase “prudentes como as serpentes” (Mat. 10.16). Ver também Luc. 16.8 e Efé. 5.16.

Emerson queixou-se em um ensaio seu de que, “às vezes, o mundo parece estar em uma conspiração para nos importunar com trivialidades enfáticas”. Somente um homem instruído é capaz de separar o que é trivial do que é importante.

1.5

Ouçã o sábio e cresça em prudência. O indivíduo que já obteve alguma sabedoria, bem como o aluno que está progredindo em conhecimento, continuará aumentando em sua erudição: o homem que atingiu alguma compreensão continuará desenvolvendo-se em discernimento e adquirirá habilidades. Seus esforços renderão dividendos. Ele tornar-se-á um mestre cada vez mais apto na lei e na aplicação prática à sua vida diária. Ele tornar-se-á um sábio praticante, e não meramente um sábio aprendiz. As idéias e as palavras são repetidas com base nos versículos anteriores.

Prudência. No hebraico, *leqah*, que vem de uma raiz que significa *receber, tomar*. Ele recebe de outros, e então doa a outros as instruções da lei.

Adquirir habilidade. Esta última palavra corresponde ao hebraico *tahbuloth*, termo náutico, de uma raiz que significa *corda*, ou seja, um mecanismo de “pilota-gem”, a “arte dos marinheiros”. Tal homem guiar-se-á corretamente na passagem por esta vida e suas tempestades, e será capaz de guiar a outros pelo mesmo mar. A Septuaginta e a Vulgata Latina dizem aqui “governar”. A idéia é a noção de habilidade naquilo que o indivíduo faz, estando em mira a vida espiritual. “Tanto os mestres quanto os seus alunos são aprendizes. O mestre pode saber coisas além de seu estudante, mas nunca pára de aprender e aumentar as suas habilidades” (Rolland W. Schloerb, *in loc.*). Cf. Pro. 11.14; 12.5; 20.18 e 24.6 quanto ao uso da mesma palavra, *habilidade*. Ver também Jó 37.12. Ver II Ped. 1.5, que tem a mesma idéia:

Reunindo toda a vossa diligência, associar com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento.

1.6

Para entender provérbios e parábolas. Este versículo é a continuação dos vss. 2-4. O livro de Provérbios tem um alvo erudito e prático. As declarações expressivas e os discursos sábios, dirigidos aos insensatos (isto é, os provérbios), serão inúteis para os aprendizes a menos que os significados apropriados sejam determinados. Temos aqui uma nova palavra, a figura ou parábola, que no hebraico é *melicah*, que vem de uma raiz que significa *dobrar, envergar*. Uma palavra cognata é *interpretar*. Um intérprete é alguém que dá uma distorção apropriada a um jogo de palavras, para trazer à tona o sentido delas. O único outro lugar onde essa palavra hebraica é usada é Hab. 2.6, onde tem o sentido de “poema escarinho”. O significado é alguma coisa difícil que precisa ser interpretada para o aluno. O sábio será um mestre das interpretações.

Palavras e enigmas dos sábios. Parte do ensino ministrado será relativamente fácil, sendo expresso por meio de palavras sábias que não precisam de nenhuma habilidade especial para serem entendidas. Mas ocasionalmente surgirão enigmas. A palavra hebraica correspondendo é *hidhah*, que significa, basicamente, “dobrar para um lado”. Alguma declaração do professor não será franca e direta como a maioria de suas palavras; antes, terá algum reflexo que exigirá um exame mais próximo e uma explicação para ser entendida. Algumas versões traduzem essa palavra por “nós”. Algumas afirmações terão de ser desatadas, e não cortadas, dando soluções fáceis. Ver sobre *Nó Górdio* no artigo chamado *Nó*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, que servirá bem para ilustrar o texto presente.

Como poderei eu entender, se alguém não me explicar?

(Atos 8.31)

Essa palavra, que se refere a alguma declaração enigmática, foi usada no tocante à charada de Sansão, em Jui. 14.12-18, bem como às perguntas difíceis feitas pela rainha de Sabá, as quais Salomão, naturalmente, sábio que era, foi capaz de resolver (ver I Reis 10.1; II Crô. 9.1).

O Lema do Livro (1.7)

1.7

O temor do Senhor é o princípio do saber. Esta é uma das maiores afirmações da literatura de sabedoria, e não somente do livro de Provérbios. É básica para compreendermos a espiritualidade do Antigo Testamento. Apresento uma nota de sumário sobre essa declaração, em Sal. 119.38, e muito mais ainda no artigo do *Dicionário* acerca do artigo intitulado *Temor*. Dou ali uma abundância de referências sobre o assunto. Portanto, forneço aqui apenas uma idéia ou duas, confiando que o leitor obtenha a essência dessa declaração nos lugares mencionados. O temor do Senhor é a “religião do homem sábio” (Rolland W. Schloerb, *in loc.*). Possivelmente, a base da idéia era o terror que um pobre adorador sentia perante o seu Deus, ou seus deuses ou seus ídolos. Mas o vocábulo acabou adquirindo as idéias de reverência, de profundo respeito, de uma espiritualidade em geral, conhecendo e praticando a lei mosaica, por motivo de profundo respeito ao Legislador. A expressão *temor do Senhor* ocorre por onze vezes no livro de Provérbios, e a forma imperativa, *temei ao Senhor*, por outras quatro vezes. O autor se referia a uma “piedade genuína” (Adam Clarke, *in loc.*). A declaração serve de “nota-chave de todo o ensinamento do livro” (Ellicott, *in loc.*). Ver Pro. 1.29; 2.5; 3.7; 8.13; 9.10; 10.27; 14.2,26,27; 15.16,33; 16.6; 22.4; 23.17 e 24.21. A leitura desses versículos dará ao leitor uma idéia do que essa expressão significa para o autor-compilador do livro de Provérbios.

O princípio do saber. Ter conhecimento não consiste apenas em estar informado sobre as coisas. Antes, é conhecer as realidades espirituais e ser transformado por elas. Para os hebreus, naturalmente, a lei era básica para alcançar tal forma de conhecimento. A lei era a primeira fonte do conhecimento. Um homem bom tem um bom começo no empreendimento do conhecimento, quando começa com seu fundamento e inspiração, “o temor a Yahweh”. A mente de tal homem, pois, é condicionada a compreender e a prosseguir em seu aprendizado. A palavra aqui usada, “princípio”, pode significar “parte seleta”. O termo hebraico é *reshith*, o ponto inicial de qualquer coisa. Quanto a esta palavra como porção seleta, ver Jer. 49.35 e Amós 6.6. Cf. também Sal. 9.10; Jó 28.28 e Eclesiástico 1.14. Pirke Aboth 3.26 também contém algo similar. Essa palavra foi usada em Gên. 1.1 para indicar o ponto inicial da criação física. Portanto, ela também marca o ponto inicial da criação espiritual.

“A reverência é a reação da alma à presença divina, uma reação não somente ao poder, mas também ao valor. Trata-se da atitude da alma para com Deus, em Quem a bondade e o poder são uma coisa só. E é despertada no homem sempre que ele encontra aqueles valores que considera santos. Tudo mais cede caminho e torna-se subordinado a isso” (Harris Franklin Rali, em seu livro, *Christianity*, pág. 11).

Em contraste com o bom aprendiz, que firmou seus pés no caminho para cima, está o insensato, que tropeça ao longo de seu caminho de ignorância e negligência. Os insensatos vivem sem levar Deus em conta. Eles são corruptos e cada vez se corrompem mais. Também guiam outros pelo caminho errado. Tais homens desprezam a verdadeira sabedoria e fazem da vida uma cruzada de fazer dinheiro, ou a tentativa de alcançar algum outro alvo trivial.

Quando Deus, antigamente, desceu do céu, em poder e ira, os homens não Lhe deram atenção. Tais homens são ateus praticantes. Eles podem acreditar na existência de algum Ser Supremo, que vive em algum lugar, mas isso não faz diferença alguma em sua vida. Pois vivem como se Deus não existisse. Ver Sal. 14.1, que usa a palavra “insensato”, para caracterizar tais indivíduos.

Exortações e Advertências (1.8-19)

Primeiro Discurso: O Valor da Sabedoria nas Honrarias. Exortação para que se Ouçam as Instruções (1.8,9)

1.8

Filho meu, ouve o ensino do teu pai. “O treinamento no lar é uma salvaguarda moral. Protege o jovem que sai ao mundo” (*Oxford Annotated Bible*). Um pai tem a responsabilidade de ensinar seus filhos literais, mas a expressão, neste caso, significa “discípulo”, o aluno do mestre. Talvez o professor tivesse uma escola formal, com certo número de alunos, ou talvez tivesse alguns poucos jovens estudantes que com frequência se valiam de sua sabedoria superior e eram estudantes informais. Seja como for, o mestre contava com alguns poucos homens sobre os quais exercia autoridade espiritual. Para eles, o mestre era a fonte de aprendizado, tanto teórico quanto prático. Para eles, o mestre dava instruções, e essas instruções eram acerca da lei mosaica. A mãe do aprendiz era uma mulher piedosa, que tinha o cuidado de instruir seus filhos. Ademais, o pai

literal do aprendiz também era um instrutor. Então havia o mestre, que substituiu o pai, quando este ficou muito idoso. “De acordo com a psicologia dos hebreus, a ação era o resultado natural do ato de ouvir, pelo que a palavra ouvir também pode ser traduzida por obedecer” (Charles Fritsch, *in loc.*).

Ensino. Todo ensino de natureza espiritual se derivava da lei de Moisés, o manual de conhecimentos teóricos e práticos dos hebreus. Ver Sal. 1.2 quanto a um sumário do que a lei de Moisés significava para Israel. Cf. Pro. 3.1. Jarchi e Gerson fazem com que o “pai”, neste caso, seja o Pai celestial. Ele é a fonte originária de todos os ensinamentos a filhos fiéis.

Tua mãe. O livro de Provérbios exalta a posição da “mãe” mais do que qualquer outro livro do Antigo Testamento. É óbvio o papel que mulheres piedosas sempre tiveram na instrução espiritual durante todo o tempo. Em certo sentido, a mãe de uma criança é a primeira linha de ensinamentos espirituais, pelo menos durante os anos formativos da criança. Ver II Tim. 1.5. Lóide e Eunice foram brilhantes exemplos disso.

1.9

Porque serão diadema de graça para a tua cabeça. Ver as notas expositivas sobre Pro. 4.9, que adornam a declaração deste versículo.

Instrução e disciplina não são jugos pesados que o homem pendure ao pescoço, mas, antes, ornamentos agradáveis ou uma grinalda de flores que embelezam o homem, longe de lhe servir de empecilho. A sabedoria concede ao bom corredor uma bela coroa de louros, quando ele ganha a corrida. Tal homem também pode pôr um colar de ouro em torno do pescoço. Cf. Pro. 4.9, onde a sabedoria é que concede esse prêmio. “... sobre a cabeça e o pescoço, os sinais da distinção do indivíduo. Essa instrução celeste agradecerá tanto a cabeça quanto o ser inteiro externo daquele que a recebe (ver Pro. 3.22; Isa. 61.10). As coroas na cabeça e as correntes no pescoço estão sempre presentes, e não podem ser esquecidas facilmente (ver Jer. 2.32). Portanto, os jovens são exortados aqui a lembrar-se sempre da glória da sabedoria piedosa, que é o mais brilhante ornamento deles” (Fausset, *in loc.*).

Cf. este versículo com I Tim. 3.9,10; I Ped. 3.3,4. Cf. também Gên. 41.42 e Dan. 5.29, quanto às correntes como decorações e reconhecimentos.

Segundo Discurso: Valor da Sabedoria para se Preservar do Desastre (1.10-33)

Advertência contra a Associação com Pecadores Radicais (1.10-19)

1.10

Filho meu, se os pecadores querem seduzir-te, não o consintas. Na primeira vez em que ouvi um pastor evangélico, em Chicago, orar por “nossos rapazes na prisão”, fiquei chocado. Eu nunca tinha ouvido dizer que um bom rapaz de igreja havia sido detido em uma prisão. Mas desde então ouvi falar em dois filhos de pastores que terminaram na prisão (um deles por estupro), bem como em um pastor que passou cheques sem fundo e, de modo geral, misturou-se em assuntos duvidosos, e acabou passando certo período numa prisão.

O texto à nossa frente avisa que não devemos misturar-nos com tipos de criminosos graves, como ladrões ou assassinos. Assim é que, no vs. 10, encontramos um bom rapaz que estava sendo encorajado a manter-se em companhia de assassinos (vs. 11). Nestes dias de drogas, qualquer coisa pode acontecer. Eu soube de um caso, na cidade de São José dos Campos, em que o filho de um líder de uma igreja evangélica participou de um assassinato, meramente para roubar. Ele e seus companheiros estúpida, brutal e desavergonhadamente assassinaram um jovem, preso em sua cadeira de rodas, meramente porque sua irmã e sua mãe não quiseram revelar o lugar onde, presumivelmente, eles tinham escondido algum dinheiro na casa. Além disso, conheci um pastor evangélico na cidade de Las Vegas, EUA, cujo irmão, crente professo, assassinou a namorada porque ela tinha ficado grávida, e ele não queria envolver-se no caso. Ele atirou nela no seu carro e, quando viu que ela estava ferida e agonizante, correu com ela para o hospital, implorando para que os médicos a salvassem. Porém, era tarde demais. A baía já tinha feito seu trabalho daninho. Assim acontece quando pessoas se envolvem em crimes pesados, descuidando-se e fazendo o jogo do diabo.

Talvez seja verdade o que diz uma de minhas fontes informativas: a seção perante nós revela um estado desregrado da sociedade, em que tais coisas são comuns, quando jovens fracos podem deixar envolver-se na rede da violência. Por outro lado, no mundo atual, a maioria das grandes cidades está vivendo um estado desregrado. Pecadores profissionais apelam para outros para engrossar suas fileiras. Os “pecadores”, neste caso, são os bandos organizados de ladrões e assassinos que ganham a vida praticando atos violentos. Esses fazem convites inflamados aos jovens.

1.11

Se disserem: Vem conosco, embosquemo-nos para derramar sangue. Alguns desprezíveis criminosos profissionais, que já possuem muito dinheiro e propriedades por terem obtido sucesso na violência, engajam-se em crimes por mera diversão, e não atrás de dinheiro. Em nossos dias, na cidade de São Paulo, enfrentamos algo similar. A cidade tornou-se um lugar de criminosos profissionais que têm muito mais dinheiro do que você ou eu. No entanto, não interrompem seus furtos e seus assassinatos somente por terem muito dinheiro. Além disso, vemos o espetáculo de jovens, provenientes de famílias da classe média, que não têm necessidade de dinheiro, mas que se atiram aos furtos e aos assassinatos somente por causa da excitação e da diversão.

Não nos devemos surpreender que coisas dessa ordem estivessem acontecendo em Jerusalém e outras cidades grandes. Aqueles eram tempos brutais em que as matanças eram glorificadas, e até Deus era transformado no Capitão dos Exércitos (ver I Reis 18.15). A guerra era uma constante, e é justo dizer que grande porcentagem dos jovens, em idade militar, já tinha matado um homem ou dois. Os registros históricos demonstram que o assassinato era o acompanhamento comum dos roubos. “As cidades antigas eram mal iluminadas à noite e pouco policiadas ou nem mesmo eram policiadas” (Toy, *Provérbios*). Assim, era fácil encontrar vítimas inocentes, roubar-lhes o dinheiro e matá-las por simples esporte. Vítimas inocentes eram mortas “sem nenhuma causa” (King James Version) ou “sem razão”, conforme diz a nossa versão portuguesa.

1.12

Traguemo-los vivos, como o abismo. Os criminosos profissionais são agora devidamente retratados como monstros ou feras devoradoras, que engolem suas vítimas, despachando-as para o sepulcro, a cova miserável. A palavra aqui usada, no hebraico original, é *sheol*, que pode ser uma referência a uma vida pós-túmulo, no submundo das almas descarnadas, mas que aqui é uma simples referência ao sepulcro. Em Sal. 88.10; 139.8; 148.7, a palavra tem possíveis significados de pós-vida, embora ali essa vida se revista de uma forma muito preliminar. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Sheol* e *Hades*. Não devemos esperar que esses assassinos se preocupem com um pós-vida, quer para si mesmos, quer para outra pessoa qualquer. Seu único prazer consiste em ver homens morrendo e sendo sepultados, como pedaços inúteis de carne. A cova é sinônimo para o *sheol*. Ver Isa. 14.15; Eze. 32.23; 28.30, trechos que, para alguns intérpretes, pode distinguir a cova como um lugar diferente do *sheol*.

Traguemo-los vivos... e inteiros. Eles estavam vivos, mas de repente foram engolfados pela morte, e isso completamente, sem deixar nenhum indício sobre quem fora o assassino. Cf. a linguagem semelhante que nos dá conta da punição de Coré e seus associados (ver Núm. 16.30; Sal. 55.15).

“O *sheol*, neste passo bíblico, não aponta para o pós-vida” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). “... tragar, alusão a uma fera que engole completamente sua presa e deixa apenas alguns poucos ossos. Isso fala da crueldade e da natureza rapace dela” (John Gill, *in loc.*).

1.13

Acharemos toda sorte de bens preciosos. O dinheiro era uma das motivações daquela gente. Os assassinos obteriam bens preciosos de suas vítimas. Encheriam suas casas (ou seus armazéns) com todas as coisas furtadas, e assim continuariam a fazer, até se tornarem riquíssimos. Estou conjecturando que o autor se referia a bandos de ladrões que invadiam casas, e não somente a bandos de ladrões que atacavam vítimas inocentes nas ruas. Mas a referência não parece ser ao saque recolhido na guerra. Aqueles homens ímpios dirigiam uma guerra contínua e incansável contra a sociedade. Eram saqueadores de seu próprio povo e, talvez, até de seus vizinhos. Este versículo aplica-se obviamente a criminosos das cidades, tradicionalmente lugares que convidam ao crime.

1.14

Lança a tua sorte entre nós; teremos todos uma só bolsa. Os pecadores geralmente se mostram generosos para com os que querem ser seus recrutados. Eles não procuravam dominá-los, antes aceitavam-nos como membros iguais. Haveria um único fundo para ser distribuído a todos em termos iguais. Haveria uma única bolsa, conforme se lê no hebraico original. Mas para ter acesso a esse fundo comum, o novo criminoso teria de fazer um juramento. Precisaríamos ser um irmão devidamente ajuramentado, que estivesse trabalhando sob o mesmo juramento e a mesma maldição. As palavras são próprias de um pacto, segundo o qual os participantes juravam lealdade uns aos outros e à causa comum. Eles tinham uma espécie de rito para membros, literal ou subentendido.

Sorte. Originalmente era algo lançado a fim de determinar a vontade de alguma divindade. A sorte revelava a vontade do ser divino, bem como o curso da vida a ser seguido. Disso derivou-se a idéia da sorte do próprio indivíduo. O novo irmão viveria para matar e saquear. Essa seria a sua sorte na vida, o curso que ele seguiria na companhia de outros indivíduos de seu tipo de vida.

1.15

Filho meu, não te ponhas a caminho com eles. O jovem, que se deixava impressionar, que gostaria de pôr as mãos em todo aquele dinheiro e em todos aqueles bens, foi advertido pelo mestre sábio a evitar a vereda tortuosa dos obreiros da iniquidade. O pé do jovem não deveria dar um único passo naquela vereda. Pois um passo abriria caminho para outro, até que aquele que começara sua carreira como aluno seria um líder na senda do crime. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Caminho*.

Entra pela porta estreita (larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz para a perdição e são muitos os que entram por ela).

(Mateus 7.13)

Um sábio tinha consciência de que esse era um jogo perdido, a longo prazo. Mas o proveito que os ímpios obteriam por tais meios era uma perda, afinal. Cf. Pro. 4.14. Envolver-se em tais atividades seria cair em um curso de ação que terminaria em ruína. Cf. Sal. 1.1 e Pro. 4.14.

De todo mau caminho desvio os meus pés, para observar a tua palavra.

(Salmo 119.101)

1.16

Porque os seus pés correm para o mal. Este versículo repete a essência dos vss. 11 e 12. O furto transforma-se em assassinato. Então um homem é culpado de um crime de sangue. Tal homem afundou ao mais baixo nível de criminalidade. Essa era uma razão para o jovem manter-se longe dos obreiros da iniquidade. Em breve ele seria culpado de crimes hediondos e seria como uma fera na floresta, brutal, totalmente voltado para o serviço de si mesmo, uma maldição contra a sociedade e contra si mesmo. Este versículo é virtualmente igual a Isa. 50.6a. Ver também Rom. 3.15,16, que diz:

... são os seus pés velozes para derramar sangue; nos seus caminhos há destruição e miséria.

O vs. 18 mostra que eles receberão segundo aquilo que deram. Nenhuma pessoa pode escapar da punição apropriada para os seus crimes, tanto nesta vida como na vida vindoura. Cf. este versículo com Pro. 6.18.

1.17

Pois de balde se estende a rede à vista de qualquer ave. Se estiver presente uma ave que esteja espiando o que se faz, será ridículo estender uma rede para apanhá-la. Pois a tal ave terá inteligência suficiente para voar para longe e manter-se distante da rede. Provavelmente essa declaração era um provérbio popular.

... se estende. O termo hebraico correspondente, *mezorah*, significa, apropriadamente, engodar, e não estender. Pode haver uma alusão a um pecador que não se contenta apenas em estender uma rede, pois também põe ali alguma espécie de chamariz, como um pouco de alimento, que atraia a atenção da ave. O ponto do provérbio é que, quando os homens ímpios pensam em armar uma emboscada para alguma pessoa inocente que por ali passe (vss. 11,12), o que estão realmente fazendo é estender uma rede para si mesmos. E agem assim por estarem cegos para a armadilha que preparam para si mesmos, porquanto a justiça divina cuidará que eles sejam apanhados em seus próprios ardis, sofrendo a devida retribuição. Portanto, revelam-se mais estúpidos do que as aves, as quais, ao ver uma rede sendo estendida, embora contenha comida, voam para longe do perigo. Em consequência, para o homem jovem que foi convidado a participar de uma vida de crimes (vs. 10), seria uma coisa sábia fugir da rede armada por homens ímpios e assim salvar a própria vida.

1.18

Estes se emboscam contra o seu próprio sangue. Este versículo exprime uma consequência do versículo anterior, bem como da declaração adversa a isso,

no vs. 11. Quando os homens assaltam e assassinam a outros homens, na verdade assaltam e assassinam a si mesmos. A *Lex Talionis* (pagamento segundo a gravidade do crime) os apanha no pulo. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* acabará por apanhá-los. Ver sobre ambos os títulos no *Dicionário*.

Os homens que continuam na senda do crime estão atraindo a própria destruição. Sócrates, embora fosse homem muito sábio, estava errado em uma de suas suposições. Ele pensava que o homem que realmente sabia o que é melhor para ele faria tal coisa. No entanto, sabemos de pessoas que fazem coisas destrutivas, perfeitamente conscientes de que isso as prejudicará. Pois tal é a perversidade do coração humano.

Um caso acontecido em Salt Lake City, EUA, em dezembro de 1996, ilustra muito bem este versículo. Um homem viciado em drogas, que precisava de dinheiro para manter seu vício, foi à casa de sua cunhada. Ele a amarrou e roubou o que pôde roubar. E então, estúpida e brutalmente, matou a mulher, jovem mãe de quatro filhos. Em seguida, roubou o carro da família e escapou. Um oficial da polícia pensou intuitivamente que o homem guiaria o veículo até Wandover, cidade na fronteira entre os estados de Utah e Nevada, na direção oeste de quem sai de Salt Lake City. Portanto, ele e outro policial, que acreditou na intuição do colega, partiram para aquele lugar. De fato, encontraram ali o carro roubado. O homem estava jogando em um cassino. Ao ver a polícia, tentou escapar, mas um dos policiais atirou e o feriu mortalmente. Então o bandido foi embarcado em um avião de volta para Salt Lake City e foi internado em um hospital. Se esse homem sobreviver ao seu ferimento, provavelmente será executado no estado de Utah. Por conseguinte, seu caminho de violência voltou-se contra ele e eventualmente acabará por tirar-lhe a vida. Nem sempre acontece dessa maneira, mas, de algum modo, Deus apanhará os criminosos, mesmo que isso aconteça somente no pós-vida.

1.19

Tal é a sorte de todo ganancioso. A *Aplicação*. Aqueles que são gananciosos pelo lucro e saem a praticar crimes para obter o que querem, preparam um caminho de destruição para si mesmos, que os leva à ruína. Há uma lei da retribuição que é tema comum da literatura de sabedoria. Quanto a isso, ver no *Dicionário* sobre *Sabedoria*, seção III. Cf. esta conclusão com Jó 8.13.

Aquele que vive cobiçando as coisas logo descobre que a cobiça é um animal feroz que se volta contra ele e lhe arrebatou a vida. Encontramos aqui uma expressão idiomática no hebraico, que fala no proprietário da cobiça. Alguém possui alguma coisa é chamado de seu proprietário. Assim sendo, o "proprietário da ira" é alguém que não pode controlar sua ira. Quanto à função, essa expressão opera como outra expressão, "filho de", ou seja, um homem que é, essencialmente, uma coisa qualquer. Cf. este versículo com Pro. 15.27 e I Tim. 6.10.

O humor negro deste versículo é que a ganância opera como um bumerangue. Uma vantagem financeira mal ganha (ver Pro. 10.2 e 28.16) não pode ser desfrutada, finalmente, por um ladrão e assassino. Os ladrões roubam dinheiro, mas esse ato acaba tomando-lhe a vida. Em outras palavras, o crime não compensa. Essa declaração pode até ser um truismo, mas é veraz, no fim, em todos os casos. Portanto, um jovem deve fugir de homens violentos como uma ave foge da rede.

A Sabedoria, Personificada como Mulher, Adverte os Homens para que Não a Neglijenciem (1.20-33)

1.20

Grita na rua a sabedoria. Como é natural, os homens são atraídos pelas mulheres, e o poeta chama nossa atenção ao falar sobre uma mulher realmente superior, a Sabedoria. Ela tem uma mensagem a comunicar, embora não seja algo que os homens gostem de ouvir. Cf. esta personificação com Pro. 3.15-19; 8.1-36; 9.1-6; Eclesiástico 1.1-10 e 24.1-34. Essa mulher percorre as ruas, clamando em alta voz. Ela atrai bastante atenção, mas poucos ouvem suas palavras, a ponto de modificar o curso da vida. O livro de Provérbios, em toda a Bíblia, é o que mais eleva a posição da mulher na sociedade. Portanto, foi apenas natural que o autor do livro tivesse apresentado essa figura simbólica. Essa figura tem sido cristianizada, para que Cristo apareça a falar, mas um judeu não teria apresentado o Messias sob a figura de uma mulher.

Os homens acham-se nas apinhadas e barulhentas ruas, no lugar espaçoso que conduz à destruição. A corajosa Sra. Sabedoria caminha pelas ruas para cima e para baixo, conforme Jonas fez em Nínive. Ninguém a detém, mas também ninguém lhe dá atenção.

Sabedoria. A palavra hebraica aqui usada não é exatamente a mesma do vs. 3. A palavra é *hokhmoth*, encontrada aqui e em Pro. 9.1; 14.1; 24.7 e Sal. 49.4. Essa palavra hebraica provavelmente é a forma plural de *hokhmah* (1.2), e não um substantivo abstrato separado. Provavelmente tenciona apontar para as multiformes excelências da sabedoria. A sabedoria, nos capítulos 1, 8 e 9 do livro de Provérbios, corresponde ao que esperaríamos que o Messias fizesse, de modo que alguns cristãos, desde os tempos mais remotos do cristianismo, têm visto aqui profecias sobre Cristo. Ver I Cor. 1.24,30, onde se lê que Cristo foi feito

nossa Sabedoria. Nele se encontram os tesouros da sabedoria de Deus (ver Col. 2.3). Parece melhor, entretanto, entender tal interpretação como uma aplicação das passagens em questão, em vez de fazer delas passagens proféticas.

Seja como for, a Sra. Sabedoria leva a sua mensagem às ruas, sob formato evangelístico. Ela não espera que os discípulos venham à sua casa ou escola. Os mestres gregos, como Sócrates, levavam sua mensagem aos mercados, mas certamente esse não era o método usado pelos hebreus em seu ensino. Contudo, o evangelista Jonas foi pregar nas ruas de Ninive. Os ninivitas deram ouvidos a Jonas; e foi assim que o império assírio perdurou mais cem anos, em vez de desaparecer nos dias de Jonas.

"A voz da Sabedoria se opõe à linguagem sedutora dos ímpios, vss. 10-13" (Adam Clarke, *in loc.*).

"A Sabedoria, personificada como mulher, denuncia aqueles que desprezam as instruções morais, ou aqueles que só percebem tarde demais a necessidade da sabedoria" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 20).

1.21

Do alto dos muros clama. A Sra. Sabedoria foi aos principais logradouros de Jerusalém, onde o povo costumava reunir-se, primeiramente caminhando ao longo do topo das muralhas (a Revised Standard Version traduz aqui um hebraico um tanto incerto, preferindo seguir a Septuaginta). A frase poderia ser traduzida por "no começo das ruas barulhentas". O termo hebraico envolvido é *homiyyoth*, que parece falar de algo barulhento (cf. Isa. 17.12; 22.2; 51.15; Jer. 5.22; 6.23; 31.35 e 50.42).

A Sabedoria clama a sua mensagem em outra parte apinhada da cidade. Algumas traduções dizem aqui "ruas ou mercados". "As palavras de condenação que vêm depois dos vss. 23 ss., que a Sabedoria proferiu, fazem lembrar as mensagens dos profetas. Nesta passagem, tal como em Pro. 8.1-4 e 9.1-6, a Sabedoria usa o método evangelístico de apelo às multidões, um método bastante diferente de aconselhar estudantes individuais" (Charles Fritsch, *in loc.*). "A sabedoria não podia agüentar ver pecadores precipitando-se loucamente para sua condenação. Cf. o choro de Cristo sobre Jerusalém, em Luc. 19.41, e ver Rom. 9.2 ss. e Fil. 3.18 ss." (Ellicott, *in loc.*).

"Quão pouco ouvida é a Sabedoria em sua solicitude pela nossa salvação, clamando em voz alta por todos os lugares!" (Fausset, *in loc.*). "A Sabedoria usa todo o artifício possível para despertar as pessoas de sua letargia, e de seguirem caminhos equivocados" (Rolland W. Schloerb, *in loc.*).

1.22

Até quando, ó néscios... e vós, escarnecedores... e vós, loucos... ? O Trio. Vários tipos de homens podem errar de diversas maneiras, e a Sra. Sabedoria nos dá alguma idéia sobre isso com uma tríplice referência, conforme se vê abaixo:

1. *Néscios, amareis a necedade.* Esta frase fala da classe inteira de homens espiritualmente não-instruídos, jovens ou velhos, que pouco sabem sobre o temor do Senhor e não põem em prática esse temor na vida diária. Ver no vs. 7: "os loucos" desprezam a sabedoria e o ensino. As notas expositivas sobre a segunda parte do versículo aplicam-se diretamente aqui, embora diferentes palavras hebraicas tenham sido usadas. Aqui, a palavra traduzida como "néscios" é o vocábulo hebraico *pethi*, que fala de pessoas inexperientes, principiantes, aprendizes. Tais homens amam a imaturidade. São perpétuos adolescentes espirituais.
2. *Escarnecedores.* No hebraico temos o vocábulo *leq*, que fala sobre os desprezadores, os arrogantes, que voltam as costas para o bem. Eles se deleitam em sua arrogância e zombaria, e não na lei mosaica.
3. *Loucos.* No hebraico, *kesil*, o indivíduo embotado, a quem falta sensibilidade espiritual, o homem dotado de pele grossa, que coisa alguma consegue penetrar, a quem a verdade espiritual não toca. Ele abomina o conhecimento, porque este perturba em demasia sua vida.

Outras palavras, no livro de Provérbios, para indicar os "insensatos", são: *'evil*, a pessoa de casca grossa, embotada; e *nabhal*, o insensato sem vergonha, que é uma pessoa desprezadora e grosseira, destituída de discernimento espiritual e intelectual. Ver Pro. 17.7,21; 30.22.

1.23

Repreensão. Ou seja, os ensinamentos que repreendem o mal e, ao mesmo tempo, apontam para o que é bom. "Admoestação, exortação, tingidas com a imputação de culpa" (Toy, *in loc.*).

Atentai para a minha repreensão. Temos aqui outro trio de palavras, mediante as quais a Sabedoria admoesta os insensatos, fazendo-lhes promessas.

1. *Atentai*, ou seja, ouvi a reprimenda, agindo de modo a reverter a insensatez e a rebelião. Isso significa obedecer à lei mosaica, com suas muitas demandas. O arrependimento e a conversão, de acordo com o Antigo Testamento, são

atos que põem um homem em linha com a lei, e o levam a deixar para trás as coisas contrárias à lei.

2. *Eis que derramarei copiosamente para vós outros o meu espírito.* O homem que se "volve" e se arrepende recebe a unção do Espírito (se é que o pensamento dos hebreus já havia atingido essa teologia personalizada), ou uma influência grandiosa e bendita é enviada da presença de Deus. Alguns intérpretes dizem aqui "mente" ou "intenção", e a Revised Standard Version diz "pensamentos". Cf. Joel 2.28; João 7.38,39 e Atos 2.17, quanto à crescente teologia do espírito, que veio a tornar-se do Espírito.
3. *E vos farei saber as minhas palavras.* O indivíduo arrependido, ao receber a influência divina, virá a conhecer a Palavra divina de modo mais significativo; tornar-se-á erudito na lei e terá coragem de ser-lhe obediente. Cf. Sal. 25.14; João 7.17.
"Se ouvirdes a minha palavra, tereis ampla instrução" (Adam Clarke, *in loc.*). Este versículo tem sido cristianizado, fazendo da Sabedoria, neste passo, a Palavra de Cristo, e de suas palavras os ensinamentos do evangelho.

1.24

Mas, porque clamei, e vós recusastes. A exortação da Sra. Sabedoria foi clara, perfeitamente compreensível e urgente, mas os homens ignoraram continuamente essa exortação e seguiram seus próprios caminhos, que contradizem os caminhos da lei de Moisés. O convite da Sabedoria foi feito com sinceridade, mas foi repellido, pelo que temos uma cortante denúncia dos insensatos (vs. 22). Tal denúncia é o que vemos nos vss. 26 ss. Os vss. 24-25 a introduzem.

Estendi a minha mão, e não houve quem atendesse. Temos aqui um gesto de apelo sincero. "A Sabedoria usa todos os meios para atrair as pessoas; mas elas se recusam a vir" (Charles Fritsch, *in loc.*). "Uma vez que o convite da Sabedoria foi rejeitado, ela mudou seu tom de misericórdia para julgamento (Sal. 101.1). Cf. Rom. 10.21" (Ellicott, *in loc.*).

*Oh, senhor, a homens voluntariosos,
As injúrias que eles mesmos buscam
Devem tornar-se seus mestres-escolas.*

(Shakespeare)

1.25

Antes rejeitastes todo o meu conselho. Duas declarações sumariam como os insensatos repelem os conselhos da Sra. Sabedoria:

1. Eles ignoraram esses conselhos. O original hebraico usa aqui o termo *para*, que significa "liberar" (cf. Êxo. 32.25). Dessa idéia de liberar, obtemos a idéia de "negligenciar", "evitar", "ignorar". Quando deveriam ter retido as palavras, agarrando-as para si mesmos, esses homens permitiram que elas ficassem ineficazes. Cf. Atos 4.11,12 e 20.27.
2. Não quiseram os conselhos. Aquela gente nada queria com a repreensão da Sabedoria, porquanto isso interferiria com seu velho estilo de vida. A maneira de eles viverem era totalmente contrária às exigências da lei, pois preferiam acomodar-se às concupiscências da carne.
"A sabedoria parece-se com um cão a mostrar os dentes. Nesta passagem há uma forte ênfase sobre as consequências indesejáveis que se seguem à vida destituída de sabedoria. A sabedoria lança mão de todos os artifícios para dizer a verdade sobre as consequências... Não há como evitar o fato de que a vida insensata tem muitas consequências desagradáveis" (Rolland W. Schloerb, *in loc.*). "Os fariseus e mestres da lei rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmos" (ver Luc. 7.30). "Quer eu tenha dado conselhos quanto à prática do bem, quer tenha repreendido quanto à necessidade de evitar o mal (ver Pro. 4.15), vós tendes rejeitado os meus apelos (ver Pro. 15.32)" (Fausset, *in loc.*). Cf. Mat. 23.37.

1.26

Também eu me rirei na vossa desventura. A tirada começa agora. A Sra. Sabedoria, uma vez rejeitada, rir-se-ia das calamidades que atingiriam os insensatos. "A misericórdia era grande e a graça era gratuita, o perdão foi ali oferecido a mim", mas os melhores esforços da Sra. Sabedoria foram repellidos. Portanto, alguma coisa teria de acontecer. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) precisava ter cumprimento. Os homens escolhem se esse cumprimento tem de ser negativo ou positivo. Os insensatos não acreditam nas operações da lei da colheita segundo a semeadura e surpreendem-se quando são envolvidos em alguma calamidade. Mas a Sra. Sabedoria ri-se diante da surpresa deles.

Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles.

(Salmo 2.4)

A calamidade impõe o temor, porquanto algo destrutivo deverá ocorrer. Cf. Sal. 37.13 e 59.8.

"É uma característica do pecado que o conhecimento mais pleno de seus resultados só ocorra depois do ato ter tido cumprimento" (Felix Adler). A essência do jogo do pecado e da punição é que as pessoas têm de aprender pelo caminho mais difícil.

O vosso terror. "Terror" é tradução da palavra hebraica *pahadh*, que quer dizer "pânico" ou "terror súbito".

1.27

A Triplice Ameaça. Acompanhe o leitor os três argumentos abaixo:

1. *O Tempestade.* O terror apossar-se-ia dos pecadores como uma tempestade, o que enfatiza a subitaneidade mencionada no vs. 26. As correntes de vento que arrastam as tempestades usualmente sopram desde longa distância, e os satélites que verificam as condições atmosféricas podem reconhecê-las com dias de antecedência, mas sem esses modernos aparelhos científicos uma tempestade parece não se ter originado em lugar algum, surgindo inesperadamente. Assim também é a retribuição que recai sobre os homens, sem nenhum aviso prévio.
2. *O Redemoinho.* Um redemoinho é uma espécie de tempestade particularmente destrutiva, com correntes de vento que giram loucamente, em um movimento frenético que pode levantar no ar uma casa inteira, fazendo-a pousar em outro lugar, totalmente arruinada. Tais redemoinhos são repentinos e devastadores, e outro tanto se deve dizer quanto aos pecadores teimosos.
3. *O Aperto e a Angústia.* Os apertos são calamidades físicas, chamadas aqui por nomes gerais, sem dizer, exatamente, no que consistem. A natureza exata das calamidades varia de pecador para pecador. Existem enfermidades e acidentes; também existem pragas e ataques de homens ímpios e desarrazoados; e há, igualmente, injustiças perpetradas por homens injustos; finalmente, há guerras e invasões da parte de inimigos estrangeiros.

1.28

Então me invocarão, mas eu não responderei. Quando se vê em aperto e angústia, o homem ímpio volta-se para a oração, mas então já é tarde demais. Suas orações sobem, mas não são ouvidas pela mente divina, personificada aqui como a Sra. Sabedoria. Eles oram com diligência, mas tudo é inútil, por ser tarde demais. Esses não deram preferência ao temor do Senhor desde antes (comentado no vs. 7). Em outras palavras, rejeitaram a espiritualidade e preferiram a senda do pecado e da degradação. Dessa forma, anularam suas chances de vida longa e prosperidade, conforme a promessa da lei (ver Deu. 4.1; 5.33 e Eze. 20.1).

*No tempo aceitável eu te ouvi e te socorri no dia da salvação;
guardar-te-ei e te farei mediador da aliança do povo, para
restaurares a terra e lhe repartires as herdades assoladas.*

(Isaías 49.8)

Eles não invocaram a Yahweh quando o Senhor estava próximo para ouvi-los (Isa. 55.6). O dono da casa já havia fechado a porta (Luc. 13.25) e não ouviria seus clamores.

"Embora aqueles insensatos soubessem o bastante para invocar a Sabedoria em sua aflição, não foram libertados. Eles tinham repellido os apelos anteriores da Sra. Sabedoria. Agora ela estava surda a seus clamores. Eles tinham tido ampla oportunidade para voltar-se a ela" (Charles Fritsch, *in loc.*).

Esta passagem, de modo geral, torna-se profética e messiânica. A destruição e a diáspora romana foram impostas aos judeus, e houve julgamento evangélico para aqueles que rejeitaram o evangelho cristão. Embora possamos fazer tais aplicações, essas conclusões não estão em pauta no texto.

1.29

Porquanto aborreceram o conhecimento. Ao odiar o conhecimento, aqueles pecadores descuidados não escolheram, deliberadamente, o temor do Senhor (ver as notas expositivas sobre o vs. 7; Sal. 119.38 e, no *Dicionário*, o verbete chamado *Temor*).

Aqueles homens mostravam-se antagônicos contra a espiritualidade básica que consiste em conhecer e obedecer à lei mosaica. Não eram apenas indiferentes. Eram pecadores agravados. Encarnavam o título que a Sra. Sabedoria lhes atribuiu — insensatos (ver o vs. 22; ver sobre os três tipos de insensatos. "... odiaram o conhecimento; isso subentende o mais profundo grau de depravação intelectual e moral" (Adam Clarke, *in loc.*). Eles lançaram redes visando a própria destruição (vss. 18 e 19). "Esses homens escolheram a destruição, pelo que a culpa repousa sobre eles (ver Atos 13.46)" (Fausset, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Livre-arbítrio*.

1.30

Não quiseram o meu conselho. Este versículo é paralelo direto do vs. 25, na questão de desprezar o conselho e a repreensão. Ver as notas expositivas ali, que também se aplicam aqui. "O conselho da sabedoria, dos homens sábios, equivale à lei dos sacerdotes e à palavra dos profetas (ver Jer. 18.18)" (Charles Fritsch, *in loc.*). "Estes detalhes são repetidos com base no vs. 25, para observar a sua ingratidão, e quão justa era a sua ruína, e qual era a sua verdadeira causa" (John Gill, *in loc.*).

1.31

Portanto comerão do fruto do seu procedimento. Uma metáfora baseada na agricultura. Eles mesmos tinham plantado as sementes da retribuição e da angústia e, chegado o tempo da colheita, era apenas isso o que havia para colher. Tiveram de comer o amargo fruto que haviam plantado deliberadamente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Ver sobre a lei da retribuição, em Gál. 6.7,8. Ver sobre carma, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

Dos seus próprios conselhos. No hebraico, "conselho" é *mo'eçah*, que no Antigo Testamento quase sempre tem conotações negativas, podendo ser traduzido por artifícios ou planos perversos. Contrastar isso com os bons conselhos da Sra. Sabedoria. Cf. Deu. 32.32, a "vinha de Sodoma" e os "campos de Gomorra". As uvas desses lugares eram uvas de fel, e os cachos de suas vinhas eram amargos. Cf. Isa. 3.9-11. Ver também Jer. 6.19 e Miq. 7.13.

Concedeu-lhes o que pediram, mas fez definir-lhes a alma.

(Salmo 106.15)

Eles comeram os frutos amargos de seus próprios desejos perversos, que lhes afligiam a vida. As pragas sofridas pelos homens são excrescências de sua própria perversidade. Cf. Jó 4.8 e Pro. 14.14:

O ínfel de coração dos seus próprios caminhos se farta.

1.32

Os néscios são mortos por seu desvio. A Sra. Sabedoria nos leva de volta à palavra usada no vs. 22, *néscios*. No hebraico, a palavra é *pethi*, que aponta para os espiritualmente inexperientes, que se recusam a crescer aprendendo a sabedoria. O homem espiritualmente imaturo torna-se maduro no pecado. Ele se desvia da sabedoria da lei, e isso lhe é fatal. Sua própria escolha o leva à morte prematura. Ele cultivava uma vida curta e morre imaturamente, algo tremendamente temido pela mente dos hebreus. Além disso, a palavra hebraica *kesil* é novamente usada, indicando alguém embotado espiritualmente, que se tornara um pecador agudo. A Revised Standard Version tem aqui "complacência", em lugar de "prosperidade". Essa é uma tradução melhor, porquanto a palavra hebraica *shalvah* significa, basicamente, "segurança", "quietude", e também pode ter a idéia de "prosperidade". Nesse caso, talvez se refira ao vs. 13, indicando todas as riquezas que indivíduos ímpios obtêm através do furto e do assassinato. Assim sendo, ou a complacência deles, ou sua prosperidade, voltava-se contra eles como serpentes, para matá-los. Cf. Jer. 2.19. A tendência para o desvio tornara-se fatal, pois os conduziria à vereda cujo fim é a destruição. Em um estado de "segurança imaginária", de súbito encontraram a morte.

1.33

Mas o que me der ouvidos habitará seguro. A Sra. Sabedoria volta-se agora para aqueles que lhe dão ouvidos, ou seja, os alunos aplicados, prometendo-lhes segurança e quietude em meio às tribulações. Eles habitarão em lazer (em paz) e sem sustos, ao contrário dos pecadores. O homem que habitar em segurança não sofrerá nenhuma das calamidades ameaçadas contra outras pessoas. Tal homem terá paz interior e segurança, em contraste com os perigos e as calamidades dos ímpios (vs. 27). Cf. o vs. 37 quanto a declarações e promessas similares. Ver também Sal. 112.7:

*Não se atemoriza de más notícias: o seu coração é firme,
confiante no Senhor.*

Dar ouvidos significa acolher favoravelmente a instrução quanto à lei mosaica e mostrar-se obediente. Esse era o padrão de toda a sabedoria dos hebreus. Era a lei que tornava Israel um povo distinto (ver Deu. 4.4-8). A lei era o guia dos hebreus (ver Deu. 6.4 ss.). Ver Sal. 1.2 quanto a um sumário do que a lei de Moisés significava para Israel. Eles viveriam livres de temor, "temporal, mental, espiritual e eternamente (ver Isa. 26.3; 33.15,16; Jer. 23.6; Deu. 33.12,28" (Fausset, *in loc.*).

Bendito és tu, Senhor; ensina-me os teus preceitos.

Capítulo Dois

(Salmo 119.12)

Este capítulo é uma espécie de poema independente, desvinculado do primeiro capítulo; não é nem uma continuação do anterior nem é continuado pelo capítulo 3. O capítulo 2 descreve os frutos produzidos pela busca pela sabedoria. A verdadeira busca espiritual produz compreensão sobre a fé espiritual, a moralidade e a conduta apropriada em todas as coisas. Sua possessão é salvação interior contra as más companhias e suas várias espécies de perversões. Leva à devida compreensão e aplicação do pacto de Israel com Yahweh. Não continua aqui a figura simbólica da Sra. Sabedoria (ver Pro. 1.20-33). Agora é o mestre que oferece suas instruções. O mestre, na qualidade de pai, instrui seu filho (o estudante, ver Pro. 1.8). Esforço deve ser envidado para que o indivíduo atinja a sabedoria (vss. 1-6); benefícios morais são resultantes da busca pela sabedoria (vss. 7-10); a sabedoria protege o aluno de indivíduos imorais (vss. 11-22).

Terceiro Discurso: Benefícios para quem Dá Ouvidos à Sabedoria (2.1-22)

A primeira grande seção do livro de Provérbios (capítulos 1-9) conta com dezesseis discursos ou seções. Chegamos agora ao terceiro desses discursos.

2.1

Filho meu. Ver Pro. 1.8. É provável que aqui, em contraste com o versículo citado, o filho seja aluno de seu pai espiritual, o mestre. Os rabinos de nomeada tinham alunos, quer em uma escola organizada e formal, quer individualmente. O ensino era uma atividade muito importante; mestres bons eram importantes; e bons alunos eram importantes para a mentalidade judaica. E a lei era o manual que eles usavam.

Se aceitares as minhas palavras. As palavras do mestre eram as palavras da lei, transmitidas e bem interpretadas diante do aluno. Todavia, essas palavras eram inúteis, a menos que fossem aceitas, o que significa serem aprendidas e aplicadas. O mestre falava em seu próprio nome, mas sua autoridade era a lei, e não ele mesmo.

E esconderes contigo. Há versões que dizem aqui "se entesourares". Tal tradução fere o sentido básico do original hebraico. Os ensinamentos ministrados eram um tesouro e tinham de ser escondidos no coração e praticados na vida geral. O corpo de ensinamentos é pintado como algo que se reveste de grande valor. Cf. com o tesouro escondido no campo, da parábola de Jesus (ver Mat. 13.44), bem como com a pérola de grande preço (ver Mat. 13.46).

Os meus mandamentos. Se a palavra "mandamentos" (no hebraico, *miçwoth*) se refere ao corpo de ensinamentos das escolas de sabedoria, devemos compreender que o corpo de ensinamentos se baseava quadradamente sobre a lei. A lei continha afirmações ricas e discursos espertos, mas todas essas coisas se baseavam na lei, e eram por ela aprovadas. O próprio livro de Provérbios é uma demonstração das *miçwoth*. O capítulo seguinte exemplifica esse corpo de ensinamentos. Portanto, em primeiro lugar, temos o convite para ouvir e obedecer. O aluno tinha o privilégio de sentar-se sob os auspícios de um mestre e devia viver segundo as oportunidades que lhe eram abertas.

Palavras-chaves dos Vss. 1-4: aceitares e esconderes (vs. 1); fazeres atento, inclinares, clamares e alçares (vss. 2 e 3); buscares, procurares (vs. 4). Estas palavras falam sobre a sinceridade e a intensidade da busca espiritual necessária da parte de um aluno sério.

2.2

Para fazeres atento à sabedoria o teu ouvido. Um bom aluno mostrar-se-á atento ao ensino que receber, inclinando seu ouvido para ouvi-lo e aceitá-lo. Ele será ouvinte e praticante dos mandamentos. Ver Tia. 1.22.

Todas as faculdades devem ser empregadas nessa busca: o ouvido, para ouvir e compreender; o coração, que fala sobre a mente e as sensibilidades espirituais. O homem estava atrás do entendimento (ver Pro. 1.5). Essas figuras simbólicas apontam, essencialmente, para as capacidades intelectuais e volitivas. A "compreensão", conforme entendiam os hebreus, nunca era algo meramente intelectual. Um homem precisa viver segundo a sua compreensão, pois só assim ele realmente compreenderá. Um aluno nunca poderia ser um mero teórico. Saber sem praticar termina em hipocrisia.

2.3

E se clamares por inteligência... Um bom aluno "clamará" por conhecimento e discernimento. Em minha carreira de professor universitário durante trinta anos, tenho encontrado pouquíssimos estudantes dotados dessas qualidades! O bom aluno alçará a voz, em seu desejo por inteligência. Isso indica um intenso desejo de aprender. Li sobre um padre católico que memorizou o Novo Testamento inteiro em latim. Tal homem realmente era intenso em sua busca, e, quanto a mim, não vou condená-lo por razões dogmáticas. Encontramos muitos estudantes bastante bons, mas não muitos que "clamam". Um aluno bom e intenso é um estudante que resolve dominar o corpo dos ensinamentos que estiver recebendo.

Henry Ford era um industrial fanático e trabalhador infatigável. Ele criou a primeira linha de montagem de automóveis dotados do motor de combustão interna. Ele sabia mais sobre esse motor do que qualquer outra pessoa. Não obstante, quando alguém criticava seu produto, ele ouvia cuidadosamente e anotava a crítica, para ver se não poderia melhorar o veículo. Assim sendo, ele foi, ao mesmo tempo, mestre e aluno, e atingiu sucesso que persiste até os dias de hoje.

2.4

Se buscares a sabedoria como a prata. O tesouro (vs. 1) deve ser buscado de todo o coração, tal como alguns homens buscam prata ou tesouros escondidos. Este versículo é uma expansão das idéias do vs. 1. O tesouro são os mandamentos, o corpo de ensinamentos que deve ser posto em prática, porquanto, de outra maneira, esse tesouro fica sem valor e deixa de ser um tesouro. Naqueles dias, quando não havia bancos, era costume enterrar coisas de valor, para ficarem em segurança. Ver Jer. 41.8 e Mat. 13.44. Os tesouros eram acumulados em meio a grande esforço, e os tesouros escondidos ou perdidos eram recuperados com grande e diligente busca e labor. Ademais, a prata tinha de ser extraída em minas, e isso requeria intensa escavação. E a prata precisava ser refinada, sendo este outro labor cansativo. Por isso, o mestre exortou seus alunos a labutar. As verdades de Deus estão abertas à busca, mas não são obtidas facilmente, de maneira significativa. Existem muitos mineiros que esburacam a terra superficialmente, e há vários caçadores teóricos de tesouros que não fazem muito para cumprir as suas aplicações. Este versículo fala do minério de prata, e não das moedas de prata.

Um tópico favorito dos autores orientais, que refletia a verdadeira atividade, era a caça a grandes tesouros. O verdadeiro conhecimento jaz profundamente em uma mina. Somente os que trabalham arduamente tirarão proveito do minério da terra. Essa figura simbólica deixa subentendidos o tempo, o trabalho, os adiantamentos e os gastos que precisam ser feitos.

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre a verdade em Cristo. Ver sobre o tesouro do evangelho em II Cor. 4.7. "Cristo é a súpula e a substância do evangelho" (John Gill, *in loc.*). Ver também Efé. 3.9,10.

Em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos.

(Colossenses 2.3)

2.5

Então entenderás o temor do Senhor. O bom aluno, que escava atrás do minério da prata ou busca e então encontra o tesouro escondido (vs. 4), virá a entender o temor do Senhor (que é o lema do livro de Provérbios). Ver isso comentado em Pro. 1.7; Sal. 119.38, e também ver no *Dicionário* o artigo chamado *Temor*. O temor do Senhor é o princípio do conhecimento de Deus, em seus aspectos teórico e prático. O homem que busca a Sabedoria acaba encontrando-se com Deus. O indivíduo que continua sabendo mais e mais e pratica o que sabe mais e mais, encontra-se com Deus. O temor de Deus é o começo do conhecimento, é a chave para saber e fazer.

O conhecimento de Deus. "Conhecimento", neste trecho bíblico, é *da'ath*, que aponta não para o mero acúmulo de conhecimento intelectual, mas indica o verdadeiro aprendizado, o conhecimento e a experiência espiritual, as realizações espirituais, o conhecimento da prática do bem, e a própria prática do bem. Talvez o autor sagrado estivesse falando para incluir o conhecimento místico que vem através das visões e dos sonhos, e através do toque do ser divino, embora não tenha enfatizado esse aspecto da questão. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Misticismo*.

A vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.

(João 17.3)

Deus, em última análise, é o Tesouro escondido, a prata que deve ser minada. O conhecimento de Deus pode ser encontrado na natureza (Rom. 1) e também na lei mosaica, mas especialmente na revelação de Cristo, o Tesouro de Deus, conforme demonstram as notas expositivas sobre o vs. 4. Temos de ultrapassar do corpo de ensinamentos (vs. 1) para o assunto tratado por esses ensinamentos. A comunhão com a presença de Deus, que nos fornece os mandamentos, deve estar incluída nessa idéia.

2.6

Porque o Senhor dá a sabedoria. Este versículo reitera o prefácio (ver Pro. 1.2), que fala sobre a sabedoria e a compreensão. Pro. 1.4 fala sobre o conhecimento, que aparece no versículo anterior. Agora, porém, aprendemos que o Senhor é a origem dessas qualidades, e compreendemos que seu instrumento é a lei de Moisés, além dos livros que falam a respeito, conforme temos visto nos mandamentos que figuram em Pro. 2.1. Somente Deus é o Mestre, e não a sabedoria ou os mestres humanos. Ele é o Mestre Supremo. Esse tema acha-se por diversas vezes no livro de Salmos. Ver Sal. 25.4,8,9; 27.11; 86.11; 119.12,26,33,64,66,68,108,124 e 135; 143.10.

Da sua boca. A boca de quem? A boca de Deus, que se encontra somente aqui em todo o Antigo Testamento. Trata-se de uma forte expressão antropomórfica, por intermédio da qual o autor atribui a Deus características humanas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Antropomorfismo*. A Septuaginta altera a expressão para "de Sua face", que tem o sentido de "da Sua presença", o que, sem dúvida, foi uma mudança para suavizar a expressão bastante crua no original hebraico.

Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e nada lhes é impropria; e ser-lhe-á concedida.

(Tiago 1.5)

Cf. I Reis 3.9,12. Este versículo tem sido cristianizado para falar de Cristo como o porta-voz do conhecimento de Deus e da salvação divina. Ver João 1.17,18; Heb. 1.1.

2.7

Ele reserva a verdadeira sabedoria para os retos. O homem bom conta com os tesouros da sabedoria guardados para ele pelo próprio Deus. Cf. Pro. 2.1.4, onde se lê que o bom estudante recebe ordens para minerar a prata e caçar tesouros. Um bom aluno, que esteja caçando sabedoria, não pode falhar. Deus mesmo o ajuda e certifica-se de que ele encontre os tesouros que está procurando. Pois aquele que ocultou a sabedoria é também aquele que a revela. Todavia, o indivíduo deve buscar a sabedoria, pois, de outra sorte, não a encontrará. "A obtenção da sabedoria requer que uma pessoa seja dotada de um rico desejo por sabedoria" (Roland W. Schloerb, *in loc.*).

Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á.

(Mateus 7.7)

Escudo. Quanto a Yahweh como o escudo do homem, ver Sal. 3.3; 7.9,10; 84.8; 89.18; 91.4; 115.9; 119.14 e 144.2. Ver também Gên. 15.1. A figura simbólica refere-se à idéia de proteção: "Deus protege àqueles que, mediante a Sua sabedoria, são moralmente retos" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Encontramos idéia similar em Pro. 1.30: os homens bons habitam em segurança e não temem as intrusões do mal.

Os que caminham na sinceridade. O homem bom obtém a sabedoria divina e também é protegido do mal, portanto pode manter um caminho progressivo em sua busca pelo tesouro do conhecimento de Deus. O ser humano precisa ter desejos, alvos e conduta reta, para qualificar-se. Cf. Sal. 15.2; 84.11; Isa. 33.15,16. Cf. Efé. 16.16; I Ped. 1.5, quanto a passagens paralelas no Novo Testamento.

2.8,9

Guarda as veredas do juízo. O vs. 8 expande a figura simbólica do escudo, que aparece no vs. 7. Yahweh toma sobre Si mesmo a tarefa de

guardar o homem bom, conforme este progride nas veredas da justiça. Ele preserva o caminho dos santos. Pro. 1.3 tem o bom aluno a receber instruções "na justiça, no juízo e na equidade", as mesmas qualidades que aparecem no vs. 9 deste presente. O estudante que busca é protegido para garantir o seu sucesso na obtenção das qualidades divinas. Ele chega a compartilhar dos atributos de Deus em um sentido limitado. A metáfora do ato de andar é aqui salientada. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Andar* e *Caminho*.

Seus santos. Ver no *Dicionário* sobre esta palavra, e ver também Sal. 97.10. Trata-se de uma palavra própria de pacto. Aqueles que fazem parte do pacto abraâmico tornam-se santos de Yahweh, Seu povo santo, e são objetos especiais de Seus benefícios. Ver Gên. 15.18 quanto ao *Pacto*. Deus lidera o homem bom pela boa vereda. Essa boa vereda é a da lei de Moisés, o que é fomentado por outros livros, como este livro de Provérbios.

Educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos no presente século, sensata, justa e piedosamente.

(Tito 2.12)

2.10

Porquanto a sabedoria entrará no teu coração. A sabedoria aparece aqui como uma questão do coração, paralelamente à idéia do vs. 2 — o ouvido ouve a sabedoria e a aceita; o coração recebe a compreensão. E, em seguida, a própria alma, o homem interior, o homem essencial, satisfaz-se diante do conhecimento divino. O autor continua repetindo seus temas principais, por várias vezes, o que também diz a verdade no tocante aos Salmos.

Agradável. Vocábulo derivado da mesma raiz que o nome pessoal *Noemi* (ver Rute 1.20).

Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores... Antes o seu prazer está na lei do Senhor.

(Salmo 1.1,2)

Cf. Pro. 16.24. Há alegria no serviço prestado a Jesus. Sendo Ele a alegria do mundo, o Senhor já veio.

*Agora agradecemos a nosso Deus,
Com o coração, as mãos e as vozes,
Em quem o mundo se regozija.*

(Martin Rinkart)

2.11

O bom siso te guardará. *Duas Formas de Proteção:* o bom siso (ver o vs. 4) e o discernimento (1.2; 2.9), manifestações de sabedoria que atuam como guardas do bom aluno. Eles se conservam no caminho da retidão; protegem o aluno do mal; beneficiam o aluno quando este tenta obedecer à lei de Moisés, a fonte da sabedoria. Ver Sal. 1.2 quanto a um sumário do que a lei mosaica supostamente significava para os hebreus.

"Os vss. 11-15 têm uma declaração geral sobre a proteção conferida pela sabedoria (vs. 11). Os vss. 7-8 estão vinculados aos vss. 12-15. Deus nos protege (vs. 8), e o bom siso que Deus dá também nos protege (vs. 11). Cf. Pro. 4.6 e 13.6. Os vss. 12-15 adquirem significado adicional quando relacionados à advertência em 1.10-19" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). A Septuaginta diz *bom conselho* em lugar de *bom siso*. Essa idéia tem sido cristianizada para significar a sabedoria com que o evangelho nos brinda. Quanto à segunda parte, o discernimento, a Septuaginta diz "pensamento santo".

*Minha alma, põe-te de guarda,
Dez mil inimigos se levantam,
As hostes do pecado estão pressionando muito,
Para derrubar-te dos céus.*

(George Heath)

2.12

Para te livrar do caminho do mal. Os dois guardas — o bom siso e o discernimento, que são manifestações da sabedoria (vs. 12), libertam o aprendiz inten-

so do caminho do mal e, em particular, da fala de homens perversos. Haverá muitas tentações. Será necessário poder para que o homem bom escape dos ataques do mal. Quanto ao uso apropriado da fala, ver Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12; 35.28; 36.3; 39.9; 55.21; 64.4; 66.17; 73.9; 94.4; 101.5; 109.2; 119.172; 120.3.4; 139.4; 140.3 e 141.3. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da*. Quem é aluno precisará da proteção contra homens perversos. Já vimos que os ladrões e os assassinos podem alistar os ingênuos para seu jogo de ganhos por meio do crime (ver Pro. 1.10-19). Homens de linguagem distorcida podem corromper de muitas maneiras (vss. 12 e 13). Além disso, há também o problema da sedução por parte de mulheres lascivas (vss. 16-19). Assim é que o autor fornece algumas coisas das quais um homem pode escapar, se der atenção à lei, conforme ela aparece nos ensinamentos do livro de sabedoria.

Cousas perversas. No hebraico, *tahpukkoth*, “distorções da verdade”, “palavras enganadoras”. O sentido raiz é “virar de cabeça para baixo”, “embarcar”.

2.13

Dos que deixam as veredas da retidão. A vereda dos justos caracteriza-se pela luz, mas a vereda do ímpio caracteriza-se pelas trevas. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Escuridão, Metáfora da Luz, Metáfora da Luz*. Cf. Sal. 82.5. Ver também o verbete chamado *Caminho*, no *Dicionário*. “O amor pelas trevas, e não pela luz, é a razão pela qual eles deixam o caminho da retidão, que são as veredas da luz (ver João 3.19,20; Jó 24.15; Isa. 29.15; Rom. 13.12; Efê. 5.11). As trevas encaminham às trevas exteriores. Ver Mat. 8.12” (Fausset, *in loc.*). “Trevas, pecados, ignorância e infidelidade, em que aqueles que estão caminhando não sabem onde se encontram, nem para onde estão indo, o que é desconfortável e perigoso. É ali que as obras da lei são feitas, levando à escuridão das trevas, à escuridão do inferno, uma escolha miserável” (John Gill, *in loc.*).

2.14

Que se alegram de fazer o mal. Homens maus não se fazem meramente pelas circunstâncias e pelo meio ambiente. Essas pessoas são pútridas por dentro, corrompidas e violentas, amam o mal; regozijam-se quando têm uma boa oportunidade de praticar o mal, e sentem alegria por fazer isso. Deleitam-se na perversidade e na confusão. Não é que sejam forçadas pela perversidade e pelas pressões externas para fazer o mal. Há muitas pessoas pobres que não são criminosas. Os pecadores amam o ódio, o furto, o derramamento de sangue e a perversidade, da mesma maneira que os homens bons amam a retidão e a prática das boas obras. O mal pode ser expulso de um homem por uma sentença ao encarceramento, mas não de forma permanente. Somente quando a pessoa se reveste do bem é que o mal é expulso permanentemente de sua vida.

Para o insensato praticar a maldade é divertimento, para o homem entendido o ser sábio.

(Provérbios 10.23)

Cf. Isa. 3.9 e Jer. 11.15. Foi assim que Acabe se vendeu para praticar a maldade, aos olhos do Senhor, e a sua horrenda esposa, Jezabel, continuava a animá-lo nesse caminho perverso (ver I Reis 21.25). Ver II Tes. 2.12. Algumas pessoas têm prazer na retidão. Outras saltam de alegria quando ouvem ou vêem alguém praticando o mal, como se fosse algo realmente engraçado (ver Rom. 1.32). Tais pessoas, entretanto, estão saltando para a própria morte, embora para tanto tenha de passar ainda algum tempo. Talvez o último estágio da degradação ocorra quando atos horríveis se tornam um prazer para os homens. Assim, muitos criminosos confessam o quanto desfrutaram do roubo e do assassinato. Talvez a *possessão demoníaca* (ver a respeito no *Dicionário*) seja o que causa essas distorções em muitos casos, porquanto nossos inimigos são os que preenchem o espaço, e não os que vivem na terra (Efê. 6.12).

2.15

Seguem veredas tortuosas. O autor sagrado prossegue em suas descrições sobre pecadores desgraçados. Esses pecadores conheciam o caminho reto, mas desviaram-se. Não eram indivíduos ignorantes, mas voluntariamente perversos. Eles tomaram veredas tortuosas e mostraram-se tortuosos em sua maneira de pensar e em seus atos.

Tortuosas. No hebraico original temos a palavra *‘iqqesh*, a qual significa, basicamente, *torto*. Mas no Antigo Testamento, esse vocábulo sempre tem um sentido moral.

E se desviam nos seus caminhos. No original hebraico, *luz*, “desviar-se” para a vereda errada. Diz aqui a Revised Standard Version, “desviados nos seus caminhos”. Isa. 30.12 usa a palavra, a qual, fora daí, só se encontra na literatura da sabedoria. Ninguém poderia andar com tais pessoas e permanecer reto em seus pensamentos e ações. O autor sacro falava sobre pecadores expertos, homens treinados e aperfeiçoados na corrupção, em contraste com seus mestres espirituais. Eles são mestres do mal e têm muitos discípulos que logo aprendem seu jogo doentio. Ver Sal. 125.5.

Desconhecem o caminho da paz, nem há justiça nos seus passos; fizeram para si veredas tortuosas; quem andar por elas não conhece a paz.

(Isaías 59.8)

O Caminho da Mulher Adúltera (2.16-19)

2.16

Para te livrar da mulher adúltera. Mulher adúltera, mulher frouxa, mulher sedutora são traduções de diversas versões da Bíblia. O termo hebraico *zarah* significa, basicamente, “outra”, que poderia significar “outra gente”, isto é, uma prostituta estrangeira. Mas isso não combina com o texto sagrado. Ou então a idéia é que ela abandonou seu marido e agora pertence a outro, o que se tornou um costume da tal mulher. Algumas versões dizem aqui *adúltera* (como nossa versão portuguesa), o que se vincula à palavra estrangeira (conforme faz nossa versão portuguesa). Em vez de “estrangeira”, outras versões preferem o termo *desviada*.

Alguns intérpretes ligam o caso ao fato de que Salomão se casou com mulheres estrangeiras (ver I Reis 11.1-4), mas isso não concorda com o versículo seguinte. Com base nas palavras deste versículo, não podemos determinar a condição exata da mulher em pauta, mas o vs. 17 torna a questão mais bem definida.

Que lisonjeia com palavras. Tal mulher sabe usar palavras suaves, ou seja, oleosas. Cf. isso com Pro. 5.3; 6.24; 7.5,21. O homem já estava quase conquistado, mas para garantir que cederia aos desejos dela, ela se amou com uma conversação lisonjeira, enganadora, oleosa. Pro. 7.13-21 dá-nos uma descrição de como ela falava. Pro. 7.5 é quase igual ao presente versículo.

2.17

A qual deixa o amigo da sua mocidade. A mulher adúltera abandonara seu amigo da mocidade, seu guia ou companheiro. Isso tem sido interpretado de diversas maneiras, a saber: 1. Deus tinha sido seu guia espiritual, mas ela abandonou os caminhos piedosos de seus dias de mais jovem. 2. Ou então, o pai dela, que tentava ensinar-lhe o caminho certo pelo qual ela deveria viver, foi finalmente abandonado. 3. Está em vista, porém, o seu marido, o amigo de sua mocidade, quando ela era mais jovem. Cf. “esposa de tua mocidade” (Pro. 5.18). Ver também Mal. 2.14. Entretanto, ao usar essa mesma frase, Jer. 3.4 refere-se ao pai de alguém.

Esquece. O caso mais comum de uma mulher descasada que se torna uma prostituta é a mulher viúva ou divorciada que apela ao sexo para ganhar dinheiro. Mas nosso texto fala do ato voluntário de uma mulher que abandonou o seu marido para viver com outro homem. Todos nós conhecemos casos semelhantes. Normalmente, o homem é o sedutor. Mas há casos em que a mulher seduz a um homem, a quem prefere em detrimento seu marido. E então o novo homem, depois que se enoja, abandona a mulher, ou, em alguns poucos casos, ela abandona o novo companheiro. Então ela termina sua carreira em prostituição aberta, não se apegando mais a um homem só. Ela pode então virar uma prostituta amadora, não ganhando dinheiro dessa maneira, ou pode tornar-se uma profissional, obtendo seu sustento através do sexo ilícito.

Aliança do seu Deus. Cf. Osé. 2; Gên. 2.24; Mat. 19.6. Provavelmente, estas palavras referem-se ao contrato de casamento, firmado com o marido e com o Deus de seu povo (o povo em relação de pacto com Deus), porquanto o casamento era, ao mesmo tempo, uma espécie de contrato com Deus, santificado dentro da comunidade de Israel. Encontramos uma expressão similar em Mal. 2.14:

O Senhor foi testemunha da aliança entre ti e a mulher da tua mocidade, com a qual tu foste desleal, sendo ela a tua companheira e a mulher de tua aliança.

2.18

Porque a sua casa se inclina para a morte. A nova prostituta, que tão pouco tempo atrás era esposa fiel, tinha sua própria casa, pelo que sua nova profissão é facilitada. Mas a sua casa, embora conveniente, inclina-se para a morte, por ser o lugar de um pacto quebrado, e Yahweh retirou desse lar o Seu favor. A vereda dessa mulher, que há tão pouco tempo caminhava pela vereda da retidão, agora tornou-se uma vereda que vai ter na morte, nas sombras, provavelmente uma referência ao sheol, o lugar dos espíritos dos mortos. Talvez este versículo subentenda que a teologia dos hebreus tinha avançado para além do ponto em que o sheol se tornou sinônimo de sepulcro ou de morte. No livro de Salmos, entretanto, a maior parte das referências ao sheol se compõe de sinônimos do sepulcro, mas Sal. 88.10; 139.8 e 148.7 podem representar estágios de desenvolvimento da doutrina, afastando-se cada vez mais da idéia de sepultura. Ver no *Dicionário* os artigos *Sheol* e *Hades*.

Se temos um avanço aqui sobre a simples idéia da sepultura, também podemos ter uma idéia de punição no submundo tenebroso, mas o autor não desenvolve o tema. Cf. Dan. 12.2. *Sombras*, aqui, pode significar “em descanso”, sendo o termo hebraico *rephaim*, que pode ter esse sentido. Cf. Jó 3.17: “Os cansados estão descansando”. A palavra também pode significar “fraco” (ver Isa. 14.10); pode estar em vista um estado debilitado, no qual os espíritos são internados no sheol. Charles Fritsch (*in loc.*) diz-nos que a teologia hebraica ainda não tinha avançado para englobar a idéia do sheol como o local dos espíritos que partiram deste mundo, muito menos a idéia de punição; assim, tudo quanto o autor sagrado via era a idéia de morte prematura, que é a noção comum do livro de Salmos. Visto que o autor sagrado não entra em detalhes, continuamos tentando adivinhar o que o autor sacro pode ter deixado implícito com sua declaração. Alguns poucos intérpretes caem no anacronismo de fazer esta passagem referir-se ao inferno posterior dos livros apócrifos e pseudepígrafos, bem como dos livros do Novo Testamento. O Targum faz da casa da mulher, aqui referida, a cova, sem tecer referências ao sheol.

2.19

Todos os que se dirigem a essa mulher não voltarão. O autor dos Provérbios assumiu um ponto de vista muito pessimista do que acontece aos clientes da mulher, seus companheiros de adultério. Eles desaparecem para sempre. Não retornam às veredas da retidão. São apanhados nas teias desse tipo de vida. Fazem uma viagem só de ida para o mundo da prostituição. Desviam-se permanentemente das veredas da vida.

As prostitutas anglo-saxônicas chamam seus companheiros de adultério de “Joãos”, pelo que os povos de língua inglesa têm uma declaração: “Uma vez João, sempre João”, que reflete a idéia deste versículo. Naturalmente, isso diz respeito a um tempo antes da AIDS. É seguro dizer que muitos Joãos abandonaram esse tipo de vida por temerem a horrível doença. Portanto, o que a filosofia e a religião não conseguiram fazer, uma enfermidade conseguiu.

Os que se dirigem. Estas palavras enfatizam que os homens seduzidos pela mulher seguem por certa vereda a fim de satisfazer o desejo dela por atos ilícitos. “... o contato sexual ilícito é a estrada de uma pista só para a destruição” (Charles Fritsch, *in loc.*). O autor hebreu falava sobre o adultério, e não sobre a poligamia, que continuava sendo muito praticada em seu tempo. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Adultério* e *Prostituição*.

Esta passagem tem sido espiritualizada para falar em idolatria e apostasia, sob o título de adultério espiritual. E também tem sido cristianizada para falar daqueles que apostatam da fé cristã e terminam nas veredas da destruição.

O caminho é uma espécie de vereda para o cativoiro, como o cativoiro babilônico do qual poucos judeus retornaram. Tanto a prostituta quanto seus parceiros sexuais entraram em um caminho de cativoiro espiritual do qual provavelmente não retornarão. A casa da prostituição torna-se uma cova na qual eles são sepultados.

2.20

Assim andarás pelo caminho dos homens de bem. O mestre apresentava suas admoestações e avisos para impedir que o jovem estudante escolhesse as veredas erradas, com seus temíveis resultados; ao mesmo tempo, oferecia as melhores veredas, que conduzem à vida, as veredas da retidão, isto é, o caminho para onde a lei guiava os judeus (ver Deu. 6.4 ss.). Este versículo nos leva de volta ao pensamento do vs. 11. É a discrição que preserva o homem bom de caminhos tortuosos e prejudiciais. Ver no *Dicionário* o artigo *Andar*, quanto a essa metáfora, e também o verbete intitulado *Caminho*.

Este versículo tem sido cristianizado para referir-se ao caminho cristão, pois Cristo é o Caminho (João 14.6).

2.21

Porque os retos habitarão a terra. O homem bom, que continua avançando pelo caminho da retidão, será recompensado por ter ocupado seu lugar legítimo na Terra, por ter sido um membro do *pacto abraâmico* (ver Gên. 15.18 e notas expositivas). Uma das muitas provisões desse pacto era a Terra Prometida, o território pátrio de Israel. Esse território foi dividido entre as tribos, clãs e famílias de Israel. Mas o homem que morresse espiritualmente na casa da prostituição perderia sua parte no pacto com Deus e sofreria morte prematura. Mas os homens íntegros permanecerão na Terra e desfrutarão de vida próspera e benéfica, morrendo em idade avançada, livres das distrações dos vícios. Os vss. 21 e 22 retêm a antiga idéia dos hebreus de que as recompensas e punições são sofridas nesta vida terrena. A vida que a lei mosaica prometia (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 26.36) foi interpretada no judaísmo posterior como se fosse conferida no pós-vida, mas essa não foi a idéia original, conforme os vss. 21 e 22 mostram claramente. No Pentateuco — os cinco primeiros livros da Bíblia, de autoria de Moisés — não há ameaça alguma de punição na outra vida, nem a promessa de recompensa para o além-túmulo. As doutrinas bíblicas passam por estágios de crescimento, e isso foi drasticamente verdadeiro no tocante ao sheol, à existência e à sobrevivência da alma, e às recompensas e punições depois da vida terrena.

Terra. “... a terra de Canaã, de acordo com a antiga promessa feita a Abraão, renovada no quinto mandamento e constantemente repetida nos profetas” (Ellicott, *in loc.*).

2.22

Mas os perversos serão eliminados da terra. Se um homem reto floresce como a palmeira à beira de um riacho, ou como os cedros do Líbano (ver Sal. 91.12), o ímpio será cortado e removido da terra antes do tempo determinado. Em outras palavras, o ímpio sofrerá morte prematura, o que representava um terror para a mente dos hebreus. Uma árvore, uma vez decepada, terá chegado ao seu fim. Poucas espécies de árvores conseguem crescer novamente, a partir das raízes. A figura simbólica torna-se tanto mais enfática quando observamos que o homem injusto será como uma árvore desarraigada da terra. Portanto, estamos avisados sobre os ímpios serem violentamente arrancados da terra, por meio de algum acidente, de alguma enfermidade, nas mãos de algum assassino, numa batalha de guerra etc. Tal é a sorte reservada para os *rasha*, cujo significado é obscuro, embora alguns digam que se trata da palavra que significa *traidor* ou *transgressor*. Esses são os indivíduos moralmente maus, em contraste com os que são moralmente bons e continuarão a possuir a Terra Prometida, vivendo nela por longos anos.

Toda planta que meu Pai celestial não plantou, será arrancada.

(Mateus 15.13)

Contrastar este versículo com Sal. 1.6.

Capítulo Três

Quarto Discurso: Bênçãos da Sabedoria (3.1-12)

O autor sacro apresenta dezesseis discursos que ilustram as veredas da Sabedoria, nos capítulos 1-9. Agora chegamos ao quarto desses discursos. O quinto discurso mostra o grande valor da sabedoria, vss. 13-20 deste mesmo capítulo. Além disso, o sexto discurso aparece nos vss. 21-35, enfatizando o valor da sabedoria na formação de bons relacionamentos com outras pessoas. Todos esses temas são variações do ensino da lei. O autor sagrado adiciona suas ricas declarações e seus discursos bem arquitetados (os seus provérbios) para ilustrar a lei, mas não faz nenhuma reivindicação de suplantá-la. Ver Sal. 1.2 quanto a um sumário do que a lei supostamente significava para o povo de Israel.

O pai (mestre) prosseguia com seus ensinamentos ao filho (estudante). O jovem estava aprendendo os caminhos do bem e de Deus por meio de um professor particular, sendo esse um método eficaz de ensino, sem importar qual fosse a matéria ensinada. Os rabinos antigos ensinavam assim, ou então tinham suas escolas particulares com alguns poucos estudantes. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Ensino*.

3.1

Filho meu, não te esqueças dos meus ensinamentos. Não estava falando o genitor literal do jovem (1.8), mas, sim, seu pai espiritual, o professor. Este continuava ensinando o seu “filho”, com muitas lições instrutivas e com a força de seu exemplo. Três coisas um pai deve a seu filho: exemplo; exemplo; exemplo.

O teu coração. A fé espiritual deve proceder do coração, um tema que já tivemos ocasião de encontrar (ver Pro. 2.2,10).

Os meus mandamentos. Ver Pro. 2.1. Está em vista todo o corpo de ensinamentos existente na literatura de sabedoria, mas a base desses ensinamentos é a lei de Moisés. Havia escolas de sabedoria que ensinavam o significado da lei mosaica por meio de declarações e discursos ricos e sábios.

“Nenhuma religião jamais reconheceu essa verdade mais claramente do que o judaísmo, com sua forte ênfase no ensino dos jovens concernente aos grandes fatos e verdades de sua história santa (ver Êxo. 12.26,27; Deu. 6)” (Charles Fritsch).

*Dá o melhor para o teu Senhor;
Dá a Ele a força da tua juventude;
Lança o ardor incandescente de tua alma
Na batalha pela verdade.*

(H. B. G.)

3.2

Porque eles aumentarão os teus dias. A vida boa conduz a muitas recompensas. Para começar, temos a promessa padrão para quem guardava a lei, longevidade e prosperidade. Ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1. Originalmente, isso significa longa vida física na Terra Prometida (Pro. 2.21,22). Mas no judaísmo posterior essa promessa foi espiritualizada para indicar a vida da alma em algum lugar bom, no além-túmulo. Porém, ver isso neste terceiro capítulo do livro de Provérbios é um anacronismo. A vida longa seria uma vida de paz. Inimigos estrangeiros e domésticos, e inimigos do corpo (as enfermidades), seriam mantidos afastados do homem justo. O autor não entrou no agonizante problema das exceções, que são muitas e freqüentes. Ver sobre *Problema do Mal*, no *Dicionário*: Por que os homens sofrem, e por que sofrem da maneira como sofrem? Uma vida longa, associada a uma vida piedosa, é o tema constante do livro de Provérbios. Cf. Pro. 2.21; 3.16 e 4.10. Os cristãos apreciam muitíssimo essas promessas, mas elas são secundárias em relação à vida eterna. Contudo, a vida boa e longa, que aqui aparece, é um símbolo daquela vida vindoura melhor. Portanto, meus amigos, tenhamos tanto o símbolo quanto a realidade simbolizada. O céu pode esperar. Há coisas urgentes que devemos fazer nesta vida. Que nos seja dado tempo para terminar a nossa missão, oh, Senhor!

Paz. No hebraico, *shalom*, a paz combinada com a idéia de inteireza, ou seja, tudo quanto perfaz uma vida longa e feliz, com muitas bênçãos e triunfos. Estão em vista a liberdade de qualquer perigo externo, bem como a serenidade interior.

“Uma vida devotada à bondade e à fidelidade é aqui recomendada, por causa das recompensas que essa vida nos traz. Não se espera que um homem observe os mandamentos da sabedoria em troca de nada... Uma vida longa e próspera é considerada aqui a consequência inevitável da vida correta” (Roland W. Shoerlb, *in loc.*).

“... saúde, vida longa e abundância” (Adam Clarke, *in loc.*), e não devemos perturbar nossa mente com exceções. “... uma longa vida de utilidade e consolo é vista aqui, bem como a vida eterna na outra vida” (John Gill, *in loc.*). “... a vida dupla” (Fausset, *in loc.*).

3.3

Não te desamparem a benignidade e a fidelidade. A benignidade e a fidelidade são dois ornamentos especiais para quem quiser viver a vida caracterizada pela sabedoria. Esses ornamentos devem ser pendurados ao pescoço do indivíduo por ter vencido na corrida espiritual. São também como inscrições preciosas para o coração do homem bom. Yahweh é quem faz tal inscrição sobre o coração do homem e assim o identifica como pertencente a Ele. O homem bom vive em consonância com as inscrições feitas no seu interior, em sua alma. Essas qualidades identificam o tipo de homem que ele é. A Revised Standard Version diz aqui “lealdade” e “fidelidade” como os ornamentos e as inscrições especiais. A primeira dessas palavras corresponde ao hebraico *hesedh*, o amor constante que figura no livro de Salmos, tão freqüentemente repetido aqui. Usualmente, ali refere-se ao amor que Yahweh dirige ao homem. E o homem bom dirige o seu amor a Yahweh. O homem bom é aquele que anda no caminho dos mandamentos (ver Pro. 2.1 e 3.1). A segunda dessas palavras hebraicas é *’emeth*, cuja raiz significa “confirmar”, com um segundo sentido de “confiar”. Ellicott (*in loc.*) fala em fidelidade, referindo-se às

promessas que Yahweh dá a Seus santos, bem como ao fato de que essas qualidades não podem falhar. A palavra é usada para apontar para Deus (ver Sal. 30.10) e para os homens (ver Isa. 59.14). “Esses são dois atributos especiais mediante os quais Deus é conhecido em Seu trato com os homens (ver Êxo. 34.6,7), e são qualidades que devem ser imitadas pelos homens (ver Mat. 5.48)” (Ellicott, *in loc.*).

Ata-as ao teu pescoço. Cf. Pro. 1.9.

Escreve-as. Cf. Pro. 6.21 e 7.3. Ver Jer. 17.1 e II Cor. 3.3 Quanto à “tábua do coração”, ver Jer. 31.33. “A alusão, em ambas as frases, é às orientações dadas quanto à legislação mosaica (ver Deu. 6.8,9), bem como à inscrição da lei sobre as tábuas de pedra. Era usual que os antigos escrevessem sobre tabuinhas de madeira. Assim foram inscritas as leis de Sólon (*Lactr. Vit. Solon*) e também as *tabellae et pugillares* dos romanos. A cera era usada com o mesmo propósito. Ver Hab. 1.2. Paulo, entretanto, queria que a sua lei fosse escrita nas tábuas de carne, do coração (II Cor. 3.3)” (John Gill, *in loc.*).

3.4

E acharás graça e boa compreensão diante de Deus e dos homens. Se o bom estudante cumprir os mandamentos e os ideais exarados no versículo anterior, então achará favor e boa reputação tanto aos olhos de Deus quanto aos olhos dos homens. Essa é a recompensa pela obediência, acima daquilo que já havia sido prometido no vs. 2. O homem bom, além de viver por longo tempo, obterá muitas recompensas por sua boa conduta, e conquistará boa reputação. Ele mesmo tornar-se-á um pai ou um mestre capaz de orientar a muitos discípulos. E os homens começarão a elogiá-lo como tinham feito a seu “pai” (vs. 1). Em vez de “reputação”, algumas traduções usam aqui “compreensão”, conforme se dá com a nossa versão portuguesa. Tal aluno tornar-se-á sábio como seu mestre. A palavra hebraica envolvida, *sekhel*, pode revestir-se desse significado (ver 1.3). E alguns estudiosos emendam essa palavra para o termo hebraico *shem*, “nome”, “reputação”, conforme fizeram Toy e Oesterley (*in loc.*). Cf. Luc. 2.52. Ver também Sal. 111.10.

3.5

Confia no Senhor de todo o teu coração. Quanto à “confiança”, conforme ela aparece nas páginas do Antigo Testamento, ver Sal. 2.12. Essa confiança é em uma Pessoa e olha para longe do “próprio eu”. Em seu progresso, o jovem pode vir a confiar em si mesmo, orgulhando-se de suas realizações. O mestre, entretanto, adverte-o a “olhar para Yahweh” como a base de sua confiança. Sua vereda deve liderá-lo pelo caminho de cima, e não pelo caminho do seu interior.

*Estou pressionando pelo caminho para cima,
Novas alturas obtenho a cada dia.
Continuo orando enquanto me dirijo para o alto;
Senhor, implanta meus pés em terreno mais elevado.*

(Johnson Oatman, Jr.)

O ensino dos mandamentos tinha por propósito dar aos alunos bom siso (Pro. 1.4). Ao atingir certa medida de bom siso, o estudante poderia ficar inchado e começar a confiar em seus próprios poderes. Por isso o mestre o advertiu como segue: “Não te estribes no teu próprio entendimento”. O anfdoto contra tal erro consiste em manter os olhos fixos em Yahweh, e não no “próprio eu”, dando a Ele crédito por qualquer progresso atingido, em vez de fazer do próprio “eu” um pequeno deus.

Quando o antigo rabino, Bar Kappara, foi indagado: “Qual é o texto sucinto do qual todos os princípios essenciais do judaísmo dependem?”, ele replicou citando esta passagem do livro de Provérbios, especialmente o vs. 6 (Israel Goldstein, *Toward a Solution*).

A Religião do Coração. O mestre faz da verdadeira vida espiritual uma questão do coração. Cf. Pro. 2.2 (o coração precisa dedicar-se à sabedoria); Pro. 2.10 (a sabedoria deve penetrar no coração); Pro. 3.1 (os mandamentos precisam ser guardados no coração). Portanto, aqui, a confiança deve ser a confiança do coração, do homem interior, da alma, da pessoa essencial, e não de algum fragmento. O indivíduo precisa evitar um coração dúplice, pois, do contrário, sua fé será debilitada, se não mesmo destruída.

Homem de ânimo dobre, inconstante em todos os seus caminhos.

(Tiago 1.8)

3.6

Reconhece-o em todos os teus caminhos. Há um caminho a ser escolhido, e esse caminho pode ser bom ou mau. Se o indivíduo tiver escolhido o bom caminho, deverá reconhecer Deus a cada passo que der. “A ênfase recai sobre a

palavra *todos*. Deus requer obediência e rendição absoluta em todas as dimensões da vida, antes que possa dirigir-nos eficazmente em Suas veredas" (Charles Fritsch, *in loc.*). Deus não é uma das opções na escola da vida. Ele é o currículo inteiro. Tenha-O sempre defronte de Seus olhos (ver Sal. 139.2). Foi Ele quem nos criou, e não nos que criamos a nós mesmos (ver Sal. 100.3). "Começa, continua e termina cada obra, propósito e artifício com Deus. Ora intensamente pedindo a Sua orientação. Busca Seu apoio contínuo e entrega a Ele cada progressão... A verdadeira fé consiste em considerar Deus a fonte de todo o bem, e de esperar da parte Dele todo o bem" (Adam Clark, *in loc.*).

Com efeito, os teus testemunhos são o meu prazer, são os meus conselheiros.

(Salmo 119.24)

O homem não pode dirigir os próprios passos, pelo menos não um homem bom. A orientação é uma bênção do Senhor para o homem que busca sabedoria. Deus é quem dá as ordens de marcha. Ele ordena os passos e guarda os pés dos santos. Ele os dirige corretamente nas questões temporais e eternas. Cf. Jer. 10.23; Sal. 37.23 e I Sam. 2.9.

3.7

Não seas sábio aos teus próprios olhos. Um homem verdadeiramente humilde receberá a sabedoria como parte de seu desenvolvimento espiritual, porquanto a fonte originária dessa sabedoria é divina. Cf. Rom. 12.16. Reaparece, uma vez mais, o lema do livro de Provérbios: "Teme ao Senhor". Ver sobre isso em Pro. 1.7 e Sal. 119.38. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Temor*. Uma idéia paralela ao temor do Senhor e, de fato, parte daquela espiritualidade em geral é afastar-se do mal. Cf. Jó 28.28. "Jovens que adquirem a sabedoria precisam lembrar que eles não se tornaram sábios por si mesmos. A sabedoria desce de Deus (ver Pro. 2.6)" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Cf. este versículo com Isa. 5.21; contrastar com Sal. 131.11; I Cor. 8.1,2; Gál. 6.3; I Cor. 3.18. Ver a admoestação de Rom. 11.20. Mediante o temor de Deus, os homens afastam-se do mal (ver Pro. 16.6). Cf. Jó 1.1 e Nee. 5.15.

3.8

Será isto saúde para o teu corpo. Uma das recompensas para os que buscam a sabedoria de Deus e O temem é a saúde física. Sabemos que os estados mentais e espirituais influenciam o corpo físico para o bem ou para o mal. A medicina psicossomática está produzindo alguns resultados surpreendentes. Por outra parte, existem exceções que o texto não menciona para não perturbar essa tese geral. A paz mental e o bom ânimo são definitivamente importantes para a boa saúde.

Corpo. No hebraico, literalmente, temos uma palavra que significa *umbigo*. A alusão é ao fato de que o feto recebe a nutrição, da parte de sua mãe, por meio do umbigo. Além disso, o umbigo é o centro do corpo, pois dali a nutrição se espalha para o corpo inteiro. O oráculo de Delfos fazia aquele lugar ser chamado de "umbigo da terra". Mas os tradutores da Septuaginta não gostavam dessa metáfora, e assim substituíram a palavra pelo termo grego que significa *corpo*. Outras traduções seguiram essa modificação, e assim perdeu-se a força da figura simbólica. Uma vida correta traz saúde para o centro do corpo e faz a saúde difundir-se a partir daquele ponto. Cf. Pro. 4.22. Deixamos de mencionar aqueles santos que vivem vidas doentias, mas que se apegam a essa regra em geral. Poderíamos espiritualizar a referência para falar da saúde espiritual que Deus confere aos que seguem a sabedoria.

Os teus ossos. Com frequência, a palavra "ossos" é usada para falar do corpo inteiro, porquanto o esqueleto forma o arcabouço em torno do qual fica unida a totalidade do corpo. Quanto a essa figura, ver as notas expositivas sobre Sal. 102.3. Os antigos não tinham consciência de que os glóbulos vermelhos do sangue são formados na medula dos ossos, mas sabiam que dentro dos ossos longos do corpo há certa umidade, pelo que também o hebraico literal aqui é *aguagem*. Eles sabiam que, de alguma maneira, a saúde dos ossos depende dessa umidade, e a saúde do corpo depende da saúde dos ossos. Isso era conhecimento suficiente para dar-lhes a figura simbólica deste versículo. A sequidão significaria a morte, pelo que ossos secos são um sinônimo de morte (ver Eze. 37.4).

O coração alegre é bom remédio, mas o espírito abatido seca os ossos.

(Provérbios 17.22)

"A saúde está nos ossos da pessoa, o que é mencionado por diversas vezes no livro de Provérbios (3.8; 12.4; 14.30; 15.30; 16.24 e 17.22). Isso sugere, conforme é um fato bem conhecido hoje em dia, que a saúde espiritual e a saúde física estão intimamente relacionadas" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

3.9,10

Honra ao Senhor com os teus bens. Deixando para trás as considerações sobre o que ajuda a boa saúde, de súbito são oferecidos dois versículos sobre o uso correto das riquezas. Se um homem honra ao Senhor cumprindo as leis concernentes aos dízimos, às ofertas, à ajuda aos pobres, coisas requeridas pela lei, então esse homem pode esperar corretamente ter bênçãos materiais e prosperar. É dando que recebemos. Essa é uma lei espiritual que opera o tempo todo. Os que experimentam esse método descobrem que ele é funcional. "Essa é uma lei espiritual que homens tementes a Deus têm descoberto ser válida em todas as épocas" (Charles Fritsch, *in loc.*). É um aspecto da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Os judeus piedosos traziam as primícias de suas plantações ao templo de Jerusalém, para serem usadas pelos sacerdotes e pelos levitas como forma de exprimir sua gratidão a Yahweh, que lhes dera boa colheita (Deu. 26.1-3,9-11). A recompensa antecipada para quem cuidasse das realidades espirituais era ter celeiros cheios de grãos e armazéns repletos de bons vinhos.

Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.

(Mateus 6.33)

Cf. Mal. 3.9-12, onde são feitas promessas semelhantes aos que pagassem os dízimos. Ver também Ageu 1.6,9,13; 2.15-19 e I Reis 17.10-16.

Transbordarão de vinho os teus lagares. Um lagar era um dispositivo simples que consistia em duas partes. Na parte superior havia a prensa (no hebraico, *gath*), onde eram pisadas as uvas. E na parte inferior (no hebraico, *yeqebh*) se recolhia o suco. Portanto, o homem que dá, terá grande abundância de uvas para pisar, e assim poderá recolher imensa quantidade de suco de uva. Ver sobre *Lagar*, no *Dicionário*.

O serviço que prestamos a outras pessoas é, realmente, o aluguel que pagamos pelo nosso espaço nesta terra. Um homem é um viajante, pelo que ter e manter não é o lema da vida. Pelo contrário, esse lema é dar e servir. Não há outro significado para a vida.

(Sir Wilfred Grenfell)

3.11

Filho meu, não rejeites a disciplina do Senhor. O autor agora salta para outro provérbio desconexo. Ele vê o valor do castigo e da disciplina. Existe mais uma bênção da sabedoria. Talvez tenha havido pecado. Então é necessária alguma espécie de medida corretiva. Platão dizia que a pior coisa que pode acontecer a um homem é praticar um erro e não pagar por ele. O pensador raciocinou que a alma de um homem se corrompe quando ele age perversamente e não paga por isso. Ou, talvez, o homem bom precise de alguma espécie de disciplina para aumentar a intensidade de sua inquirição espiritual. Talvez ele não esteja pondo em primeiro lugar as coisas primárias. Algum teste poderia reorganizar suas perspectivas. A figura pessoal por trás dessa declaração é Deus como Pai, a única ocorrência dessa figura simbólica no livro. Um filho bom acaba cansando de tanto receber correções, mas será aprimorado por elas. Naturalmente, existem pais, especialmente mães, que impõem muitas regras e desgastam os filhos com tantas ordens. Isso não deve ser equiparado a uma boa disciplina.

Jó era um homem inocente, mas sofreu fisicamente. Os atormentadores só podiam ver nas suas experiências uma operação da lei da colheita conforme a semeadura. E assim continuavam falando sobre isso *ad nauseum*. Seu sofrimento era uma disciplina, não uma punição, e, naturalmente, existem enigmas no sofrimento. Mas nem tudo se resume em punição ou em disciplina. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal*: por que os homens sofrem e por que sofrem da maneira como sofrem? Este mundo também é controlado pelo caos. Há sofrimentos sem nenhuma razão, sem nenhum propósito, e precisamos orar a respeito todos os dias. O autor sacro, neste ponto, naturalmente não levou isso em conta. Ele estava considerando somente a dor ligada a algum propósito. É um notável dom que um professor pode dar a seus alunos, ou que um pai pode dar a seus filhos, quando esse professor ou esse pai pode ser forte o bastante para sofrer dor e não revoltar-se contra Deus. Foi por isso que o mestre convidou seu filho na fé a não desprezar a disciplina do Senhor. Cf. Jó 5.17. Um homem não deve rejeitar nem menosprezar as medidas disciplinadoras de Deus em sua vida.

3.12

Porque o Senhor repreende a quem ama. Aprendemos aqui que a disciplina é o golpe do amor do Pai celestial. E também que esses golpes ocorrem porque o Pai se deleita em Seu filho. Isso significa que essas situações ocorrem

para curar e aprimorar, e não para destruir. O julgamento divino é um dedo da amorosa mão de Deus, sem importar se a pessoa julgada é crente ou incrédula. O juízo divino, pois, é uma disciplina amorosa cuja finalidade é curar e aprimorar o indivíduo. O julgamento divino é restaurador, e não meramente retributivo. Orígenes advertiu-nos a não escorregar para a teologia inferior que ensina que o julgamento divino é somente retributivo. Os vss. 11 e 12 foram escritos para mostrar-nos que as pessoas boas são submetidas a teste, mas esses testes têm um bom propósito, pois neles se manifesta a graça divina.

Os que com lágrimas semeiam, com júbilo ceifarão.

(Salmo 126.5)

Este versículo foi citado em Heb. 12.5,6, e, assim sendo, o Novo Testamento usou-o como algo que pode ser dito quanto ao porquê dos sofrimentos. Existem outras respostas, e a melhor delas é a existência e a sobrevivência da alma. Contudo, mesmo essa doutrina não nos explica por que os homens bons sofrem nesta vida, nem por que sofrem como sofrem, em muitos casos.

Quinto Discurso: O Alto Valor da Sabedoria (3.13-20)

Temos aqui o quinto dos dezesseis discursos sobre a sabedoria, que ocupam o trecho de Pro. 1.8-9.18.

3.13

Feliz o homem que acha sabedoria. Esta bem-aventurança é igual ao trecho de Pro. 1.2, onde foi declarado o objetivo para o qual foi escrito este livro bíblico, a saber, transmitir sabedoria e entendimento. Ver Pro. 1.2 quanto aos significados desses conceitos. Pro. 2.2 repete as duas qualidades que o homem bom deve buscar. Quanto aos provérbios de bem-aventurança, ver, além do presente versículo, Pro. 3.18; 14.21; 16.20; 28.14 e 29.18. A última dessas referências pronuncia uma bênção sobre o homem que guarda a lei mosaica, a base de toda a felicidade nos termos do Antigo Testamento. Esse é o *summum bonum* do homem espiritual do Antigo Testamento, e a sabedoria é a essência desse bem supremo. A sabedoria traz a felicidade. Distinguir entre o bem e o mal, com a busca resultante por Deus, é a compreensão. Essa é uma aplicação da sabedoria, que produz o feliz estado de que o autor falava. A compreensão mantém o homem na vereda certa, livre de pecados destruidores que produzem o caos na vida, e leva o crente a atingir as bênçãos espirituais que tornam a vida produtiva e feliz. O Targum diz que a compreensão de um homem deriva-se como uma fonte de água a jorrar da terra, que Gerson pensa ser o coração do homem.

3.14

Porque melhor é o lucro que ela dá do que o da prata. A sabedoria e a compreensão produzem um tesouro precioso, ou seja, um ganho. Todo lucro terreno, como aquele do ouro e da prata, dificilmente pode comparar-se ao valor daquelas qualidades espirituais que tornam os homens espiritualmente ricos e, portanto, felizes. Os homens engajam-se na mineração e no comércio para adquirir um ganho terreno, e agem assim porque pensam que podem obter a felicidade. Mas o indivíduo verdadeiramente feliz é aquele que escava a mina espiritual e faz negócios com qualidades espirituais. O autor sagrado não tinha ambições materiais. Ele investira todos os valores de sua vida no terreno espiritual.

Cf. este versículo com Pro. 2.4, onde encontramos a metáfora da prata e também a metáfora dos tesouros escondidos, que um homem bom vive buscando. As notas expositivas ali ilustram o presente texto. Encontramos algo similar em Pro. 8.10,11,19, onde os simbolismos são formados pelo ouro, pela prata e pelas jóias. O vs. 15, a seguir, também usa a metáfora das pérolas.

3.15

Mais preciosa é do que pérolas. “Pérolas”, aqui, no hebraico é *peninim*, cuja tradução exata é incerta. Algumas versões dizem “pérolas”; mas outras preferem a tradução “rubis”, e outras ainda “pedras preciosas”. Lam. 4.7 subentende que a cor dessas pedras é o vermelho, pelo que o “coral” pode estar em foco. Cf. com outros usos da palavra, em Pro. 8.11; 20.15 e 31.10. É provável que esta palavra hebraica fosse usada para referir-se a vários tipos de pedras, o que talvez justifique a confusão. Não devemos esperar que os hebreus se mostrassem mais precisos em sua terminologia sobre mineralogia do que em seu vocabulário zoológico. A identificação da pedra ou das pedras preciosas é incerta, mas o sentido espiritual é claro. O mestre era um caçador de tesouros e um minerador; em sua inquirição ele entrava na terra e no mar. E o que ele buscava, achou: a sabedoria. Várias coisas felizes que a sabedoria traz são listadas nos versículos que se seguem.

A raiz da palavra em questão é *panah*, que significa “olhar”. Uma pedra preciosa, belamente burlada, reflete a luz de diversas maneiras, exibindo muitas

cores e mostrando-se muito agradável ao olhar humano. Apresenta muitas facetas, e outro tanto acontece com a sabedoria e a compreensão. Os versículos que se seguem falam de algumas dessas facetas rebrilhantes.

Sabedoria Divina

Quem pode dizer o preço das caras mercadorias da Sabedoria?

*A sabedoria é a prata que preferimos,
E o ouro é como a escória, comparada com ela.
Seus dias são cheios com a duração dos dias,
As verdadeiras riquezas são louvores imortais;
As riquezas de Cristo, conferidas a todos,
Uma honra que desce de Deus.*

(Charles Wesley)

Cf. com o tesouro escondido no campo (ver Mat. 13.44) e com a pérola de grande preço (ver Mat. 13.46).

3.16

O alongar-se da vida está na sua mão direita. Uma das facetas brilhantes da pedra preciosa da sabedoria de Deus está na promessa de uma vida longa, próspera e honrada. Naturalmente, essa é uma das promessas constantes da lei. Ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1. O judaísmo posterior e o cristianismo ampliaram essas noções para que se transformassem na vida eterna, a vida da alma em outra esfera, o pós-vida, e essas são aplicações do texto à nossa frente, e não interpretações. Mas a idéia mais antiga dos hebreus, que continuava a resplandecer no livro de Provérbios, é uma vida física plena, abençoada e próspera. Os hebreus, em seu coração, posto que talvez não em sua teologia, acreditavam na vida eterna, e era por isso que se sentiam felizes.

Uma longa vida está na mão direita da Sabedoria, a mão de poder e proteção, e a Sabedoria estende essa mão para nós, como se fosse uma pedra preciosa, para a nossa possessão. Ver sobre a *mão de Deus*, em Sal. 81.14, e sobre a *mão direita*, em Sal. 20.6. A mão direita, a mais forte das duas mãos, oferece-nos o maior dos tesouros. Na mão esquerda da Sabedoria existem pedras preciosas menores, mas que ainda assim são pedras muito preciosas, a saber, riquezas e honras para acompanhar uma vida longa. A honra deve incluir aquilo que o homem bom recebe por ser sábio e por viver uma vida boa, e não consiste meramente naquilo que o indivíduo recebe por causa de seu dinheiro e poder. “Suas mãos estão cheias dos benefícios mais escolhidos” (Adam Clarke, *in loc.*). Quanto à honra, cf. Pro. 4.8; 8.18; 21.21 e 22.4.

3.17

Os seus caminhos são caminhos deliciosos. Outra das rebrilhantes facetas da pedra preciosa da sabedoria de Deus, que brilham sobre nós, é o caminho delicioso e as veredas da paz. Cf. Pro. 2.10 e 3.2, que também mencionam a delícia e a paz, ambas benefícios da sabedoria. “Essas bênçãos da verdadeira religião requerem pouco comentário” (Adam Clarke, *in loc.*).

*Às mais puras alegrias ela a todos convida,
Às delícias castas, santas e espirituais.
Seus caminhos são os caminhos agradáveis.
Bênçãos da raça escolhida,
Sabedoria proveniente do alto;
A fé que opera docemente por meio do amor.*

(Charles Wesley)

Cf. isso com a paz que Cristo promete, em Fil. 4.7; ver no *Dicionário* o verbete chamado *Paz*.

“Uma vida longa, sem essas qualidades, seria uma maldição, e não uma bênção” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

3.18

É árvore de vida para os que a alcançam. Outra das facetas brilhantes que a pedra preciosa da sabedoria de Deus faz brilhar sobre nós é a árvore de vida. Homens sábios apegam-se à árvore de vida e, assim, sentem-se felizes. Em um sentido poético, isso reitera o vs. 16. As notas ali dadas aplicam-se também aqui. No jardim, Adão e Eva foram proibidos de comer do fruto da árvore da vida, e foram expulsos dali para que não obtivessem uma vida física imorredoura. A sabedoria, em contraste, traz essa árvore para perto dos que a buscam. Em termos não-poéticos, a sabedoria aparece, declaradamente, como a fonte da vida e da felicidade. A árvore da vida reaparece no livro de Provérbios em 11.30; 13.12

e 15.4. Ver sobre a *árvore da vida* em Gên. 2.9; 3.22,24; Apo 2.7 e 22.2, além de uma alusão à mesma árvore em Eze. 47.12. Ver no *Dicionário* o artigo denominada *Árvore da Vida*, quanto a um artigo completo.

Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida.

(João 14.6)

O quinto discurso, dentre os dezesseis que falam da sabedoria, em Pro. 1.8-9.18, é um provérbio. Portanto, aqui, antes do fim, somos lembrados disso com outra bem-aventurança. O homem que obtém a árvore da vida é feliz, pois ao achar a sabedoria (vs. 13) também acha vida longa e próspera. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Bem-aventuranças*.

3.19

O Senhor com sabedoria fundou a terra. Neste ponto, a sabedoria assumiu o sentido de Inteligência divina, transcendendo suas relações com a lei por ser o atributo divino mediante o qual a própria criação veio à existência. Aqui a sabedoria não foi personificada, mas tomou posição subordinada como um atributo de Yahweh. A mesma Inteligência que dirige todas as coisas na terra, incluindo a conduta do homem bom, é a Inteligência que tornou possível a criação. "A Glória de Deus é a Inteligência" (Joseph Smith). "A habilidade mediante a qual Deus estabeleceu a terra. Os verbos usados neste versículo revelam a natureza da cosmogonia dos hebreus: a terra repousa sobre um alicerce, e por cima dela está o firmamento" (Charles Fritsch, *in loc.*). Pro. 8.22-26 é uma declaração mais completa de como a sabedoria esteve envolvida na criação. A doutrina da sabedoria na criação antecipa o Verbo de Deus (ver João 1.1). Cf. Sal. 104.24 e 136.5. "Um novo avanço na direção da personalidade do Criador se faz em Pro. 8.27 ss." (Ellicott, *in loc.*). "Foi mediante a sabedoria, como um de Seus atributos divinos, que Deus fundou a terra e os céus" (Cornelius a Lapide).

3.20

Pelo seu conhecimento os abismos se rompem. A sabedoria é aqui chamada de conhecimento, e a capacidade de tudo conhecer de Deus, adequada para tão estupenda obra como foi a criação, é aqui atribuída ao escopo ilimitado e aos poderes desse conhecimento. Para Deus, "conhecer" equivale à capacidade de "fazer", pelo que insuflamos a Sua onipotência na questão com a palavra "conhecimento" usada aqui. Portanto, tanto a onisciência quanto a onipotência de Deus operam para realizar tão tremendo empreendimento. Ver sobre esses dois termos no *Dicionário*, bem como o artigo geral denominado *Atributos de Deus*.

Os abismos se rompem. Temos aqui uma referência a Gên. 7.11. As águas subterrâneas foram liberadas por ocasião do dilúvio. E a terra foi concebida como se repousasse sobre um grande mar de águas, como seu alicerce. Ver a ilustração no artigo chamado *Astronomia*, no *Dicionário*. Ver Êxo. 20.4.

E as nuvens destilam orvalho. As águas necessárias são concedidas, e sem elas qualquer criação fracassaria. A referência poderia ser à chuva, ou então ao orvalho que se forma na atmosfera úmida. "Nos países do Oriente Próximo e Médio, o orvalho é a mais preciosa bênção para a vegetação, na ausência da chuva" (Fausset, *in loc.*). A criação são conferidas provisões sustentadoras. Cf. Deu. 33.28 e Jó 26.28. Ver também Gên. 27.28.

Sexto Discurso: O Alto Valor da Sabedoria na Edificação de Relações com o Próximo (3.21-35)

Este é o sexto dentre os dezesseis discursos que se acham no livro de Provérbios, ocupando o trecho de Pro. 1.8-9.18.

3.21

Filho meu, não se apartem estas cousas dos teus olhos. O pai espiritual (o mestre) novamente dirige-se a seu filho espiritual (aluno), exortando-o a abraçar as virtudes espirituais, que se revestem de grande valor. Ele os adverte sobre o perigo de, depois de ter começado bem, terminar mal, afastando-se do bom siso. Quanto a essa qualidade, ver Pro. 1.4. Essa é uma subcategoria da *sabedoria sã* (ver sobre Pro. 2.7). A coletânea de declarações sábias (ver os vss. 21-35) ajuda o aluno a obter detalhes sobre o que se espera dele, no exercício das principais virtudes. Essas declarações também mencionam vários benefícios que um bom andarilho pode esperar encontrar ao longo da vereda da retidão. Deus, o Autor da natureza, é, igualmente, Aquele que a dirige, incluindo os homens que palmilham pela vereda espiritual. Assim como a natureza não determina a si mesma, outro tanto acontece ao homem. "Reconhecer Deus como o Autor de todo o bem é a essência do credo do homem piedoso" (Adam Clarke, *in loc.*). A versão da Vulgata Latina exorta os homens a guardar a lei, a fonte da sabedoria.

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre as doutrinas do evangelho que devem ser observadas no andar cristão. "Confia e obedece, pois não há outra maneira de alguém ser feliz em Jesus" (J. H. Sammis).

3.22

Porque serão vida para a tua alma. Este versículo é virtualmente igual a Pro. 1.9. A sabedoria é a fonte originária da vida e da graciosidade. O tema da vida dada pela sabedoria é referida nos vss. 16 e 18, sob figuras poéticas. Consideremos, quanto a isso, os seguintes pontos:

1. Uma longa vida é proporcionada.
2. Essa vida é ornamentada, uma vida graciosa e agradável, ou, em outras palavras, uma boa vida, material e espiritualmente falando.

Esta passagem lista vários benefícios da vida conduzida pela sabedoria, e aqui temos dois desses benefícios. O versículo tem sido cristianizado para falar sobre Jesus Cristo como o ornamento da vida do crente. Além disso, tem sido espiritualizado para fazer da lei o ornamento que um homem usa enquanto vive entre os outros homens. Ver as notas expositivas sobre Pro. 4.9, que embelezam as afirmações aqui encontradas.

3.23

Então andarás seguro no teu caminho. Consideremos aqui um terceiro ponto:

3. O andar seguro é o terceiro benefício dado à alma do crente. Os dias do autor do livro de Provérbios eram brutais, em que estava sempre em questão a simples sobrevivência, por causa de invasores; e havia períodos em que uma onda de crimes tomava conta de tudo. Então os perigos afloravam de dentro do indivíduo. A sabedoria, pois, fornecia liberdade do temor, porquanto um homem bom tinha garantia razoável de que viveria em segurança. Os três versículos que se seguem desenvolvem esse tema. Os perigos do caminho seriam algo que feriria os pés dos que por ali caminhavam. Mas bater o pé contra alguma coisa podia significar uma calamidade repentina (vs. 25). É uma doutrina padronizada do Antigo Testamento que os homens bons são protegidos, obtêm vida longa e prosperidade. O autor sagrado não nos lembrou das exceções, que nos chocam e desanimam, quando os homens sofrem desastres, aparentemente sem razão alguma. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Problema do Mal*. Por que os homens sofrem, e por que sofrem como sofrem? Eles sofrem por causa do mal moral, ou seja, os atos perversos dos homens contra seus semelhantes. E também sofrem por causa do mal natural, que são os abusos da natureza, como os acidentes, as inundações, os incêndios, os terremotos, as enfermidades, e o campeão dos males naturais — a morte.

Poderíamos listar o não tropeçar como quarto benefício, mas esse, na realidade, é um desenvolvimento da idéia do andar seguro e da liberdade do medo. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Cf. Sal. 37.24; 91.11 e Pro. 10.9 quanto a versículos semelhantes.

3.24

Quando te deitares, não temerás. Os vss. 24-26 ampliam a idéia da vereda segura, a qual o homem bom recebe como recompensa da parte da sabedoria. Ver os comentários sobre o vs. 23, que introduz o assunto. A noite é um tempo para ser temido. É então que ocorrem ataques súbitos da parte de homens ímpios e desarrazoados; existem enfermidades e pragas que parecem piores à noite. Além disso, um homem deitado em seu leito torna-se mais vulnerável diante de qualquer perigo do que quando está acordado e movimentando-se para cá e para lá. Quando um homem bom deita-se para dormir, tem um sono doce e refrescante, em contraste com o homem ruim, que muito tem a temer, porquanto possui muitos inimigos, incluindo o Ser divino.

Deitares... deitar-te-ás... Note o leitor o duplo ato de deitar-se. Esse é o texto hebraico que alguns emendam para *sentar-se* e *deitar-se*, a fim de seguir Deu. 6.7. Porém, não há motivo algum que nos force a alterar o texto. O homem que segue os ditames da sabedoria pode deitar-se sem temor, e assim desfrutar um sono bom e reparador. A versão da Septuaginta apresenta as emendas que têm sido seguidas por diversas traduções. Cf. este versículo com Deu. 33.28 e Jó 36.28.

"Quer em movimento, quer descansando, negociando ou no lazer, de dia ou de noite, tudo correrá bem contigo, ou pelo menos, finalmente, tudo correrá bem (ver Rom. 8.28)" (Fausset, *in loc.*).

3.25

Não temas o pavor repentino. Este versículo continua a falar sobre o benefício da segurança que a sabedoria dá ao homem bom. Ele não temerá o pânico súbito, acontecimentos negativos inesperados, o ataque de pecadores, enfermidades, desastres naturais como terremotos ou alguma tempestade terrível. Os ímpios,

em contraste, sofrerão ruínas, porque o merecem. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Porém, o homem que segue os ditames da sabedoria não sofrerá calamidades como sucede no caso dos ímpios. Os *rasha*, palavra comum no livro de Provérbios, são contrastados com os *qaddiq*, os justos. A providência divina saberá distinguir as duas classes de homens, conferindo segurança aos bons, mas deixando vir o desastre para os ruins, em consonância com seu modo de proceder. Cf. este versículo com Sal. 91.5 e 112.7.

3.26

Porque o Senhor será a tua segurança. O homem sábio colige benefícios por seguir a vereda provida pela sabedoria. Encontramos declarações similares na obra *Ensinando em Ope* (ver na introdução do livro, IX. *Problemas Especiais*, B):

*Sê corajoso diante de outras pessoas,
Pois o indivíduo está seguro nas mãos de Deus.*

O Senhor será a tua segurança. A Septuaginta acrescenta aqui “em todas as tuas veredas”, emendando o texto. Não há, contudo, necessidade de emendar o hebraico. O sentido é perfeitamente claro. Yahweh torna-se a segurança do crente, durante o dia, à noite, em qualquer provação, impedindo problemas.

*Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem
cuidado de vós.*

(I Pedro 5.7)

Guardará os teus pés de serem presos. A figura simbólica evidente é a do caçador, que lança laços e armadilhas para a presa, e os pobres animais caem diante de sua ganância e são mortos. “... nas armadilhas de Satanás, a carne e o mundo, e os opressores (Eclesiastes 7.26)” (Fausset, *in loc.*). Cf. este versículo com Jó 8.14 e 31.24.

*A noite é escura e estou distante de casa,
Continua a liderar-me.
Guarda os meus pés, não te estou pedindo para ver
a cena distante; basta um passo por vez para mim.*

(John Henry Newman)

3.27

Não te furtas a fazer o bem a quem de direito. O autor parte agora para novos pensamentos, embora continuasse a ilustrar o elevado valor da sabedoria na edificação de relacionamentos pessoais (vss. 21-35). Ele trata agora, especificamente, das boas obras que devem caracterizar o homem instruído pela sabedoria. Os vss. 27-31 contêm cinco máximas sobre como devemos relacionar-nos da melhor maneira possível com os nossos semelhantes. Todas elas começam com uma negativa, coisas que não devem ser feitas. Os sábios têm certos deveres óbvios. “A sabedoria requer honestidade sem compromissos e justiça nos relacionamentos humanos. Ela não pode tolerar a retenção de ganhos ou de honras legítimos, ou conflitos desnecessários e contendas. A maldição do Senhor está sobre aqueles que, por causa de ganância, malícia ou inveja maliciosa, usam de seus semelhantes com desprezo” (Charles Fritsch, *in loc.*).

Então os vss. 32-35 contêm outras quatro máximas, declaradas em sentido positivo e com observações contrárias umas às outras, o que provê contraste com as declarações positivas.

As Cinco Máximas Negativas:

1. **A Primeira Máxima.** O termo *bem*, aqui, é indefinido e geral. O relacionamento entre empregador e empregado é um bom exemplo do que pode estar em mira. Se um homem trabalha, merece receber o dinheiro correspondente ao que ele fez. Seu pagamento não deve ser adiado. Pelo contrário, o trabalhador precisa receber seu salário prontamente. Talvez a questão não seja dinheiro, mas algo que mereça um tratamento diferenciado. Do homem bom espera-se que faça todo o bem que puder para adquirir merecimento, quando está em seu poder fazer tal coisa. Também devemos lembrar que o bem é devido ao pobre, sem importar se ele fez ou não algum bem a nós. Ajudar os pobres é uma obrigação imposta pela lei. Em comparação com Deus, somos todos pobres, e Ele continua a doar-nos coisas. Devemos seguir o bom exemplo deixado pelo Senhor. Quanto a tratar com justiça um trabalhador contratado, ver Lev. 19.13 e Deu. 24.15. Quanto à obrigação de tratar os pobres com gentileza, ver Êxo. 22.25; 23.3,6,11; Lev. 19.10; Deu. 24.12,14,15. Provavelmente está também envolvido aqui o pagamento de dívidas. Somos dispenseiros da multiforme graça de Deus (ver I Ped. 4.10).

3.28

Não digas ao teu próximo: Vai, e volta amanhã.

2. **A Segunda Máxima,** que é negativa, reforça o versículo anterior, e aponta ou para o pagamento de salários, ou para a doação a necessitados. Se alguém vier em busca de alimentos, ou requerendo um empréstimo, e você quiser doar-lhe alguma coisa, não peça que ele volte no dia seguinte, pois nesse adiamento o coração dele adoecerá. Se ele fez algum trabalho para você, pague-lhe dentro de pouco tempo, porquanto ele tem necessidades, tal e qual você as tem. “Paga prontamente, quer no salário quer na ajuda em geral” (Charles Fritsch, *in loc.*). Há uma excelente declaração que afirma: “Aquele que paga prontamente, paga em dobro” (Publius Syrus). Eclesiástico 4.3 e Tia. 2.16 ligam essa idéia com a noção de doar aos pobres.

*A esperança que se adia faz adoecer o coração, mas o desejo
cumprido é árvore de vida.*

(Provérbios 13.12)

“O bom samaritano agiu rapidamente, dando a seu ‘próximo’ aquilo de que ele necessitava (ver Luc. 10.29,36). Os gregos tinham um adágio que dizia: “Um favor em ritmo lento é um favor sem graça alguma!” Sêneca (*Benef.* 1.2) disse: “É um benefício sem agradecimento aquele que, por muito tempo, ficou na mão do doador”. Não despeças teu vizinho necessitado com palavras bonitas, e muito menos ainda com palavras desprezíveis (Tia. 2.15,16)” (Fausset, *in loc.*).

“Aqueles que adiam sua beneficência até morrerem são como os porcos que só têm utilidade quando chegam ao matadouro” (T. Cartwright). Cf. este versículo com Lev. 19.13 e Deu. 24.15.

3.29

Não maquines o mal contra o teu próximo.

3. **A Terceira Máxima,** negativa, é o mandamento contra a opressão de um vizinho que habita perto de você confiadamente (Revised Standard Version). Ele não espera qualquer mal de sua parte, e você não deveria chocá-lo com algum feito mau cuja finalidade é ferir. Não se reúna a nenhum plano ousado contra ele, que outros estejam planejando. Não seja como um “até tu, Bruto”.

Maquines. No hebraico, *harash*, palavra que primariamente significa “gravar”, “arar”, e figuradamente assume o sentido de “planejar”, usualmente com mau sentido. O autor sagrado proíbe a malevolência contra o próximo e, naturalmente, por extensão, contra qualquer outra pessoa.

“Não planejes nem formes esquemas em tua mente e em teus pensamentos para fazer contra o próximo qualquer injúria, contra o seu nome e caráter, ou contra a sua pessoa, propriedade ou família. Um homem bom pode planejar o bem para os seus semelhantes, mas nunca deve planejar o mal contra ninguém” (John Gill, *in loc.*).

3.30

Jamais pleiteies com alguém sem razão

4. **A Quarta Máxima,** negativa, é contra disputas e contendas insensatas. Meus amigos, este é um ótimo versículo para usar contra os fundamentalistas! O curso do liberalismo é o ceticismo. O curso do fundamentalismo é a contenda e as intermináveis divisões contra qualquer razão, ou mesmo contra toda razão. Encontramos aqui uma advertência contra as contensões sem fundamento. O hebraico correspondente é *ribh*, termo comum que indica “litígio”, embora o sentido da palavra aqui seja geral. O autor não estava exortando contra casos forenses tolos e sem base. Estava falando sobre qualquer tipo de disputa litigiosa, baseada no nada. Naturalmente, há muitas disputas em torno do nada, que para os envolvidos representam questões sérias. Tome-mos o caso daquela escola teológica batista que se dividiu em duas facções em torno da questão de se os dias originais da criação foram de 24 horas literais ou não. Ou então considere o leitor a missão que se dividiu por causa da questão de sua escola teológica oferecer cursos seculares ou não, como história, ciência etc. Todos nós, que fomos criados em círculos fundamentalistas, podemos multiplicar indefinidamente histórias de tais disputas insensatas. Ou consideremos o caso do pastor que se aposentou mas não pôde encontrar um lugar para ir à igreja, em sua cidade. Isso acontecia porque ele não era bem recebido na igreja da qual acabara de aposentar-se, ao passo que as outras duas que ele poderia freqüentar eram divisões daquela congregação! Sem dúvida, as contensões são indesejáveis em uma igreja, ou em uma relação pessoal. “Mesmo que um homem tenha feito contra si o mal, reprova-o por causa de sua falha, mas ainda assim, ama-o (ver Lev. 19.17; Mat. 18.15; Luc. 17.3)” (Fausset, *in loc.*).

“Não tenhas um espírito litigioso e briguento. Antes, vive sob a influência de um bom senso de humor... Evita toda a inimizade e nada faças com espírito de vingança” (Adam Clarke, *in loc.*).

Se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens.

(Romanos 12.18)

3.31

Não tenhas inveja do homem violento.

5. Temos aqui a *Quinta Máxima*, negativa, para que não invejemos as pessoas violentas, que obtiveram dinheiro e poder mediante meios ímpios. Não as imitemos em seus caminhos, a fim de obter o mesmo ganho que elas obtiveram. "Quão atrativo é o poder! Todo homem deseja ter poder e, no entanto, todos odeiam os tiranos. Mas pergunta a ti mesmo: 'Quanto, se tivessem o poder para tanto, não seriam tiranos?'" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Sal. 73.3-5. "O escritor sacro adverte aqui contra invejar os ímpios que tenham adquirido riquezas por meios errados e ilegítimos, e que, pelo menos no momento, estejam prosperando (ver também Sal. 37.1)" (Charles Fritsch, *in loc.*). Invejar o homem ímpio e próspero pode levar um homem bom assumir o mesmo ridículo estilo de vida.

3.32

Porque o Senhor abomina o perverso. Os vss. 32-35 dão-nos agora quatro máximas positivas, apresentadas com uma cláusula antitética, isto é, uma cláusula que apresenta um sentimento contrário. Continua aqui o tema dos relacionamentos pessoais.

1. A *Primeira Máxima Positiva*. O homem perverso é uma abominação para o Senhor, a despeito da reputação do dinheiro e do poder que ele tenha adquirido. Ele pode ter juntado muito dinheiro por seus atos pecaminosos (vs. 31), mas a maldição de Deus repousa sobre ele, tal e qual repousa sobre a idolatria, a qual, com frequência, é chamada de abominação para o Senhor. Antítese: em contraste, o homem bom é um companheiro de Yahweh, pelo que compartilha de Seus conselhos secretos. O termo hebraico correspondente é *sodh*, que originalmente significava "familiar", "amigável", "ter comunhão quanto a questões confidenciais"; em seguida, passou a significar "assembleia", e, mais tarde ainda, "conselho secreto". Cf. Amós 3.7, onde vemos que Yahweh não faz coisa alguma sem revelar Seus planos aos Seus servos, os profetas. É melhor alguém ser companheiro do Todo-poderoso do que desfrutar os frutos proibidos da iniquidade por algum tempo. Sendo Seu companheiro, muitos bons benefícios são proporcionados a tal homem. "É privilégio do justo ser favorecido pelo Rei (Jó 29.4; Sal. 15.14; João 7.17; 15.15; Gên. 18.17; Amós 3.7). Finalmente, o Senhor tomará o homem perverso um horrível exemplo do... (ver Sal. 37.20; Pro. 16.18)" (Fausset, *in loc.*). O segredo da verdadeira felicidade está com o homem justo, e ele não precisa invejar o rico, o poderoso, o injusto (vs. 31).

Diz o Targum: "A iniquidade é uma abominação para o Senhor". Os que se engajam nas abominações são excluídos da companhia amigável dos justos, os quais contam com a presença de Yahweh entre eles.

3.33

A maldição do Senhor habita na casa do perverso.

2. A *Segunda Máxima Positiva*. Um pecador grosseiro atrai uma maldição não somente contra si mesmo, mas também contra a sua casa. E toda a sua família poderá esperar que calamidades lhes sobrevenham. Antítese: o homem que segue a sabedoria salva sua família das aflições. Sua residência é chamada aqui de *naweh*, termo que usualmente se refere a uma habitação humilde, interiorana; pelo que podemos supor que a sua contraparte habitava na cidade barulhenta e repleta de crimes. A habitação do homem pobre é uma *bethel*, uma "casa do Senhor". Mas a casa do pecador rico torna-se um covil de ladrões. Cf. este versículo com Lev. 16.4; Sal. 37.22; Zac. 5.4; Mal. 2.2 e Sal. 1.6. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Maldição*.

3.34

Certamente ele escarnece dos escarnecedores.

3. A *Terceira Máxima Positiva*. Deus age em relação ao homem mau tal e qual ele age em relação aos outros homens. O homem mau não é misericordioso e, por isso, não recebe misericórdia. Diz aqui a Septuaginta: "O Senhor resiste aos orgulhosos, mas aos humildes demonstra favor, o que é citado, com alguma variação, por Tia. 4.6 e I Ped. 5.5. Cf. Pro. 1.24-33, que nos ensina a mesma coisa. Ver também Lev. 26.23,24; Sal. 8.25,26; 81.11,12; Rom. 1.24,26; Sal. 18.25,26. Antítese: o homem humilde, mas bom, é aquele que segue os ditames da sabedoria, e é ele quem recebe o gracioso tratamento de Deus. "Quanto menos buscava a glória, mais ele a obtinha" (Salustiano, falando sobre Catão).

Este versículo tem sido cristianizado para fazê-lo falar da graça em Cristo, com os dons do Espírito que acompanham essa graça.

3.35

Os sábios herdarão honra.

4. A *Quarta Máxima Positiva*. Os que seguem os ditames da sabedoria devem herdar glória ou honra, conforme alguns traduzem a palavra hebraica correspondente. Mas os homens se juntarão quando reconhecerem a bondade essencial do homem, e que ele é um benfeitor da sociedade. Antítese: em contraste, os ímpios, que somente prejudicam ao próximo, terminarão em vergonha. O hebraico, traduzido literalmente, tem uma estranha distorção de palavras: "A vergonha é exaltar os tolos". Aparentemente exaltados, eles são antes envergonhados. Todo o bem que eles porventura tiverem praticado será revertido. Eles são promovidos na degradação. "A vergonha será a promoção dos insensatos" (Ellicott, *in loc.*). Os ímpios tornam-se notórios, mas tão-somente como exemplos que devemos evitar. Eles se distinguem pelas desgraças que produzem (ver Fil. 3.19). A tribulação será a herança deles neste mundo. O autor sacro não estava antecipando o trecho de Dan. 12.2. Ele não falava sobre uma retribuição pós-vida, mas do que acontece aos homens bons e maus, aqui nesta terra, através da providência negativa e positiva de Yahweh.

Capítulo Quatro

Sétimo Discurso: Nova Exortação para Adquirir a Sabedoria (4.1-9)

Encontramos aqui o sétimo discurso dentre os dezesseis que constituem o primeiro livro de Provérbios. "O próprio mestre foi orientado a aproximar-se da sabedoria por seus pais" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 1). Portanto, tendo recebido bons conselhos, ele agora dava bons conselhos.

O apelo é similar a outros que já foram vistos. Cf. Pro. 1.8,9; 2.1-6; 3.1,2,21-26. Outros convites semelhantes se seguiriam: Pro. 4.10,20-22; 5.1,2; 6.20-22; 7.1-13,24; 8.32-36. A sabedoria transmite vida, sendo reflexo da lei, doadora de vida (Pro. 4.4); ela protege (vs. 6); e transmite honra (vss. 8 e 9). A instrução quanto à sabedoria mostra a sua validade: 1. por ser uma qualidade permanente; 2. por trazer honra a quem a busca.

4.1

Ouvi, filhos, a instrução do pai. O pai (o mestre) continua exortando seu filho, agora seus filhos, no plural (seus estudantes). Cf. Pro. 1.8,10,15; 2.1; 3.1,11,12,21. Alguns intérpretes vêem aqui a instrução religiosa no lar, a primeira escola. A instrução na sabedoria é o currículo. O vs. 3 deste capítulo quase certamente aponta para o próprio pai do mestre, que lhe dera sabedoria. Portanto, estou conjecturando que temos aqui uma figura simbólica dupla: o lar de pais e filhos literais; em seguida, a escola do mestre e seus alunos, o lar espiritual, com os pais e filhos espirituais. O segundo, como é lógico, continua o labor do primeiro, e as mesmas lições são ensinadas em ambos os casos. Os filhos aprendem mediante preceito e exemplo. As primeiras impressões permanecem com eles por toda a vida. "Quão importante, pois, é que um filho seja criado em um lar no qual prevalece uma atmosfera espiritual" (Charles Fritsch, *in loc.*).

Ouvi. O pai chama a atenção de seus filhos, por ter algo importante a dizer (Cf. Pro. 1.8; 4.1,20; 5.1,7; 7.24). Os filhos (no plural) é a forma que também se encontra em Pro. 4.20; 5.1; 7.24 e 22.17.

A instrução. Está em foco a *torah*, a "lei", tal como se vê em Pro. 1.8; 3.1; 6.20 e 13.14. Mas o mestre ensinará suas doutrinas, seus provérbios, por meio de declarações e discursos cheios de significado, embora todos baseados na lei, o guia da vida dos homens (ver Deu. 6.4 ss.). Ver as notas expositivas sobre Pro. 1.8. Ver Sal. 1.2 quanto a um sumário do que a lei significava para Israel.

4.2

Porque vos dou boa doutrina. O filho literal, ou discípulo do mestre, deveria escutar a seu pai (ou mestre) porquanto o que estava sendo ensinado, a boa doutrina, é proveito para o aprendiz e praticante cuidadoso. Por essa razão, ele não se esquecerá do ensino enquanto viver. "Doutrina", aqui, corresponde ao termo hebraico *leqah*, que explico em Pro. 1.5. As experiências místicas foram proveitosas para o profeta (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Misticismo*), mas, em sua maior parte, a ênfase recai sobre o que se pode aprender, que está ligado às tradições e aos ensinamentos sagrados. Portanto, uma atenção estrita deve ser dada a essas tradições e a esses ensinamentos sagrados como fontes do bem-estar humano.

"Ensinar mediante preceitos é bom. Mas ensinar pela força do exemplo é melhor. Entretanto, o melhor método de todos é ensinar tanto mediante preceito como pela força do exemplo (Adam Clarke, *in loc.*).

Ouvi, filhos, a instrução do pai, e
estai atentos para conhecerdes o
entendimento;
porque vos dou boa doutrina;
não deixeis o meu ensino.

Retenha o teu coração as
minhas palavras;
guarda os meus mandamentos, e vive.

Provérbios 4.1,4

*** **

Dê de seu melhor ao Mestre,
Dê sua força e de sua juventude;
Lance o ardor radiante e fresco de sua alma
Na batalha pela verdade.
Jesus deu o exemplo;
Era jovem, corajoso e sem medo.
Dê-lhe sua devoção leal.
Dê-lhe o melhor de si.

Mrs. Charles Bernard

Este versículo tem sido cristianizado para falar da Sabedoria encontrada em Cristo e em Seus ensinamentos.

4.3

Quando eu era filho em companhia de meu pai. O mestre usa a si mesmo como exemplo da transmissão dos ensinamentos do pai para o filho. Ele tivera a grande vantagem de contar com um pai fiel e piedoso, que não negligenciara o ensino a seu filho. É conforme disse o profeta moderno, Baha Ullah: "A pior coisa que um pai pode fazer é conhecer os ensinamentos, mas não transmiti-los". O mestre havia sido, alguns anos antes, uma terna criança, tão jovem, tão débil, tão impotente como são as crianças. No entanto, nascera em uma boa família. Foi muito amado por seu pai e por sua mãe, e nisso metade da batalha foi ganha. Ele era o "único" aos olhos de sua mãe, talvez por um longo tempo, o filho único, e, portanto, muito amado. Ele era "único", conforme diz a nossa versão portuguesa "Tenro" quer dizer "jovem em anos", com a impotência própria da meninice. O filho amado (no hebraico, *yahidh*, que literalmente significa "único") era muito estimado e amado, e isso, por si mesmo, é uma grande lição. O amor sempre estabelece uma grande diferença. Pode produzir, em um único instante, o que a labuta dificilmente produz em uma era. O filho amado também será o filho ensinado. Cf. as palavras de Davi no tocante a Salomão, que também foi chamado de "moço e inexperiente" (I Crô. 29.1).

Encontramos aqui um belo quadro de uma vida em família, no melhor dos lares judaicos. Embora esse homem tenha começado sua vida como apenas uma criança, não era "mimado". Gerson espiritualizou este versículo e fez de Deus o Pai, de Israel os filhos, e então, como é natural, a lei seria a fonte de todos os ensinamentos. Israel, povo distinto entre as nações, era como um filho único. Ver Deu. 4.4-8 quanto ao caráter distintivo do povo de Israel.

4.4

Então ele me ensinava e me dizia. O pai do mestre o ensinava e assim dava exemplo sobre como ele deveria lidar com seus filhos literais e seus filhos espirituais. Os hebreus mostravam-se fanáticos sobre a sua lei e sobre o ensino da lei, embora existissem poucas cópias escritas e pouquíssimas pessoas soubessem ler. Portanto, o ensino tinha de ser ministrado pelo corpo de conhecimento existente na memória. Poucos pais, ou mesmo mestres, tinham sua própria cópia escrita da lei, o Pentateuco. Isso não detinha o processo do ensino. Um mestre que morasse em Jerusalém provavelmente teria acesso a uma cópia escrita da lei, podendo usá-la como fonte contínua de consulta, embora o próprio mestre não contasse com uma cópia pessoal. Considere, pois, o leitor o quanto o nosso trabalho de mestres tem sido facilitado pela boa literatura moderna, começando com as muitas versões da Bíblia, em tantos idiomas. Além disso, dispomos de comentários, livros devocionais, materiais técnicos, os quais são recomendáveis para os eruditos, que podem obter assim compreensão mais profunda da Palavra e então compartilhá-la com outras pessoas. Nossa riqueza literária teria deixado estonteado qualquer mestre do antigo povo de Israel, e podemos ter certeza de que logo ele estaria colecionando livros para formar sua própria biblioteca particular. Sem dúvida, alguns poucos mestres antigos tinham (pequenas) bibliotecas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Livro, Livros*. O apóstolo Paulo tinha uma pequena biblioteca e viajava levando consigo alguns livros.

Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, bem como os livros, especialmente os pergaminhos.

(II Timóteo 4.13)

O Processo Ideal. Ouvir; reter o ensino; obedecer; obter a vida prometida pela lei (Deu. 4.1; 5.32), a qual é longa e próspera. Assim, a lei seria o guia da vida dos israelitas (ver Deu. 6.4 ss.). Ver a respeito os *mandamentos* em Pro. 2.1, ou seja, o corpo do ensino sobre a sabedoria, da qual o livro de Provérbios é um representante, sabedoria alicerçada sobre a lei de Moisés. Cf. este versículo com I Crô. 28.9; Efê. 6.4 e Pro. 7.2.

4.5

Adquire a sabedoria, adquiere o entendimento. Quanto à "sabedoria", ver as notas sobre Pro. 1.2. Quanto ao "entendimento", ver também Pro. 1.2. A retenção do ensino (vs. 4) é atingida quando o aluno não esquece o que aprendeu, mediante o estudo e a prática dos preceitos. Dessa forma, o estudante nunca poderá afastar-se desses preceitos, por serem a palavra da vida, o guia da vida, o doador da vida — enfim, aquilo que torna um homem distinto dos outros. Ver o sumário sobre os benefícios da lei mosaica, em Sal. 1.2.

Adquire. A palavra hebraica significa, literalmente, "compra", como se a sabedoria fosse uma boa mercadoria, tal como se compra um campo para obter o tesouro ali enterrado (Mat. 13.44), ou como alguém vende todas as possessões para comprar a pérola de grande preço (Mat. 11.46). Cf. Pro. 2.2,3.

4.6

Não a desampares, e ela te guardará. A figura simbólica aqui é a de uma esposa amada, porquanto a sabedoria fora personificada. O homem bom não se olvidará dela; antes, ele a manterá em sua companhia; ele a amará. Os vss. 6-9, que falam da busca pela sabedoria, referem-se a isso em termos de obter uma esposa.

Ama-a. Um homem tem o dever de amar à sabedoria (Cf. Pro. 8.17). "Se ela não for abandonada, continuará sendo fiel; se for amada, continuará a ser uma protetora" (Adam Clarke, *in loc.*).

Este versículo tem sido cristianizado para significar "o amor da sabedoria, a sua graça e o seu poder" (John Gill, *in loc.*), porquanto ela preserva, guarda e salva o homem que busca por ela. Essa figura é repetida no vs. 13.

4.7

O princípio da sabedoria é: Adquire a sabedoria. Este versículo não se acha na versão da Septuaginta e pode ter estado ausente dos manuscritos hebraicos antes da padronização do texto hebraico, formando o texto massorético. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Massora (Massorah)*; *Texto Massorético* e *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento*. Os bem mais antigos manuscritos hebraicos dos Papíros do Mar Morto têm demonstrado que, ocasionalmente, as versões, sobretudo a Septuaginta, retêm o texto original que o texto massorético perdeu. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do*. Este versículo, posto entre os vss. 6 e 8, parece ser uma glosa interpretativa. Naturalmente, é possível que a Septuaginta tenha tirado esse versículo do texto sagrado por ser repetitivo. Seja como for, a sabedoria é declarada a coisa principal. Nossa versão portuguesa, que diz "O princípio da sabedoria é: Adquire a sabedoria", é um reflexo da Revised Standard Version. A fim de adquirir (comprar) a sabedoria, o indivíduo tem de dar um passo inicial resoluto. Diz aqui o hebraico original, literalmente: "O começo da sabedoria, obtém sabedoria", o que pode parecer uma tautologia. Mas a minha explicação aqui remove esse caráter supérfluo. Com o preço de todo o teu esforço, com todo o teu esforço transformado em valor positivo, compra a sabedoria com isso. Uma vez mais, a sabedoria e o entendimento aparecem juntos, o que comento em Pro. 1.2. Ver o vs. 5 deste capítulo, que contém a mesma idéia e onde há notas adicionais. Cf. este versículo com Mat. 13.44 e Luc. 10.42.

4.8

Estima-a, e ela te exaltará. A sabedoria da boa esposa deve ser louvada e exaltada, e, nesse caso, ela mostrar-se-á recíproca com a honra apropriada. Ela honrará a pessoa, se a pessoa lhe der valor. "A sabedoria exalta aos que a favorecem, honra aos que a amam, e empresta graça à aparência de uma pessoa, para que esta seja admirada e respeitada por aqueles que a conhecem" (Charles Fritsch, *in loc.*). Cf. I Sam. 2.30: "Aos que me honram, honrarei".

"Nada existe... que tenha tão direta tendência para refletir a honra sobre um homem como o cultivo cuidadoso de sua mente. Um dos aforismos de Bacon era: 'Conhecer é poder'. É realmente espantoso ver a influência exercida pela verdadeira erudição" (Adam Clarke, *in loc.*). "Inclinamo-nos por pensar menos sobre aquelas coisas que temos, por mais preciosas que elas sejam, quando a novidade se desgasta. Cuidado com esse sentimento, no que tange à fé religiosa. A religião devolve ricamente, segundo as mesmas proporções, tudo quanto pudermos fazer para abraçá-la. A sabedoria exalta àqueles que a exaltam (Sal. 30.1) e ainda lhes dá razões para a exaltarem (Sal. 37.34; I Sam. 2.30)" (Fausset, *in loc.*). Os talmudistas (conforme se vê no Talmude Bab. Roshashanah, fol. 26.2) explicam a palavra "exaltar" como uma "busca diligente, revirando as coisas para encontrar o que se procura". Por isso a Septuaginta diz aqui "buscando". Ver Jer. 1.26.

4.9

Dará à tua cabeça um diadema de graça. Este versículo repete a essência de Pro. 1.9. O trecho de Pro. 3.22 também contém algo similar. O vencedor de uma corrida em busca da sabedoria obtém uma coroa de louvor em sua cabeça, como sinal de vitória. Ele usará uma coroa como um rei que entrou em seu salão do trono. Porém, de modo contrário ao que acontece nas corridas, nesta competição há muitos vencedores, pois cada homem tem sua própria corrida na presença de Deus, e não compete com outros homens. E, ao contrário do que acontece em um reino, este tem muitos reis, cada um dotado de sua própria glória e honra, cada qual com a sua coroa. Cf. Sal. 84.11. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Coroa e Coroas*, onde são discutidos os usos metafóricos dessa palavra. Existem coroas de glória, de vida, de justiça, de incorruptibilidade. Ver II Tim. 4.8, onde o conceito é cristianizado.

*Fixa em nós tua humilde moradia,
Todas as tuas fiéis coroas de misericórdia.*

(Charles Wesley)

*Corôo com muitas coroas,
O Cordeiro sobre o Seu trono;
Escutai! como a antena celeste abafa
Toda a música exceto a sua.*

(Matthew Bridges)

Em contraposição, existem coroas inúteis em troca das quais os homens gastam os empreendimentos de uma vida inteira:

*Quão inútilmente os homens se empenham
Para conquistar a palma, o carvalho e o louro;
E seus labores incessantes são
Coroados com alguma simples era, ou ramo,
Cujas sombra breve e estreita
repreende prudentemente os seus labores.*

(Andrew Marvell)

Oitavo Discurso: o Valor da Sabedoria na Tribulação (4.10-19)

Este é o oitavo dentre os dezesseis discursos que constituem o primeiro livro de Pro. 1.18-9.18. Primeiramente, são os caminhos da sabedoria (vss. 10-13) e, depois, os caminhos da iniquidade (vss. 14-17). O estudante (filho) deve ouvir as palavras instrutivas do mestre (seu pai espiritual), para seguir os primeiros e rejeitar os segundos. Os vss. 18-19 concluem o discurso comparando as duas escolhas possíveis com veredas que levam a destinações específicas. A *metáfora da vereda* é comum em toda a literatura moral, sagrada e profana. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Caminho*.

A Vereda dos Justos (4.10-13)

4.10

Ouve, filho meu, e aceita as minhas palavras. O mestre-pai novamente chama seu estudante-filho para que preste atenção ao que ele tem para dizer. Ver Pro. 4.1 quanto aos comentários. Ver também Pro. 1.8 e comentários. A chamada para ouvir e obedecer é muito repetida, porém não mais do que é necessário ser. O aprendizado é obtido mediante a repetição, e a obediência é obtida mediante passos repetidos (ou seja, andar no caminho).

A primeira promessa dada ao ouvinte-obediente é uma vida longa, próspera e boa, um tema muito repetido no livro de Provérbios e um dos importantes princípios da lei mosaica. Quanto à obediência à lei, que transmite vida, ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1. Quanto a essa promessa no livro de Provérbios, cf. 3.2,16; 9.11; 10.27; 14.27; 15.24. "... vida longa neste mundo e duração de dias para todo o sempre, ou vida eterna, no outro mundo, o que deve ter sido um argumento muito vigoroso para engajar a atenção às suas declarações" (John Gill, *in loc.*, o qual, como lhe é comum, cristianizava o versículo, ao passo que o autor sagrado falava sobre uma vida longa e próspera nesta terra). A mais grave calamidade para a mente dos hebreus era um homem sofrer morte prematura, por meio de alguma enfermidade ridícula, acidente ou espada do inimigo. Se os primeiros hebreus não tinham nenhuma doutrina sobre o pós-vida, em seu coração eles deviam saber que essa doutrina era uma realidade, mesmo que sua teologia mais antiga não contivesse o conceito. Se isso não exprime uma verdade, é difícil perceber por que eles ficavam tão felizes diante de uma mera vida física longa e próspera. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alma*, bem como vários artigos sob o título *Imortalidade*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

4.11

No caminho da sabedoria te ensinei. Uma vez mais, conhecer e praticar os ditames da sabedoria é algo pintado como uma vereda a seguir. Então o vs. 14 introduz a vereda da iniquidade, que é a antítese do andar do homem bom. Ver a *metáfora da vereda*, em Pro. 1.15; 2.8,9,13,15,18-20; 3.6,17; 4.11,14,18,26; 4.11; 5.6; 7.25; 8.2,20. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Caminho*. "As veredas retas são as veredas da sabedoria" (Fausset, *in loc.*). Quanto à retidão da vereda certa, ver Pro. 1.3.

*Um pensamento doce e solene me ocorreu,
Estou mais próximo do meu lar do que nunca antes.
Mais perto dos limites da vida,
Onde as cargas são depositadas no chão.
Mais próximo do meu lar hoje do que nunca antes.*

(Phoebe Cary)

"... veredas de retidão, santidade e verdade. Essas veredas são agradáveis para a vontade e a palavra de Deus e conduzem à cidade das habitações celestes" (John Gill, *in loc.*).

4.12

Em andando por elas, não se embarçarão os teus passos. O homem que seguir pela vereda da retidão, conforme os ditames e as promessas da sabedoria, não terá seus passos tolhidos. A palavra hebraica correspondente é *çarar*, "estretar". A idéia hebraica de largura falava em prosperidade, em bem-estar geral; mas a idéia hebraica de estreiteza subentendia aflição, adversidade e inimizade. Assim sendo, quanto às palavras, embora não quanto ao sentido, os hebreus pensavam em uma vereda larga como algo desejável, ao passo que uma vereda estreita era algo que deveria ser evitado. Cf. Mat. 7.13. O homem que caminha pela vereda estreita está limitado, ou seja, sofre aflições. Veredas tortuosas e íngremes tornam difícil a passagem. Mas o homem que está no caminho largo pode correr e não ter medo de tropeçar. Não há armadilhas nem obstáculos que entrem seu progresso ou atrapalhem seus propósitos. Cf. a corrida resoluta do apóstolo Paulo, em Fil. 3.14 ss. "Ele vê o seu caminho como perenemente plano. Quando a mão da providência divina lhe mostra a necessidade de aumentar o seu esforço, ele corre e não enfrenta o perigo de tropeçar" (Adam Clarke, *in loc.*).

A largaste sob meus passos o caminho, e os meus pés não vacilaram.

(Salmo 18.36)

Ver também Sal. 119.32,45.

A Sabedoria (Instrução) Transmite Vida: Referências. Notas de Sumário (4.13)

4.13

Retém a instrução e não a largues. Este versículo é bastante parecido com o vs. 6 deste mesmo capítulo, exceto pelo fato de que a Sra. Sabedoria é agora a Sra. Instrução. Quanto à instrução, ver Pro. 1.2.

Retém. No hebraico, *hachazel*, "segura fortemente" e continua segurando, por ser uma questão de vida e morte. Esse forte apego à instrução (da lei) é o que transmite vida. O tema da doação da vida pela lei se repete aqui. Quanto ao livro de Provérbios, ver 2.19; 3.2,18,22; 4.10,1,22,23; 5.6; 6.23,26; 8.35; 9.11; 10.11,16,17; 11.19,30; 12.28; 13.3,8,12,14; 14.27; 15.4,24,31; 16.22; 18.21; 19.23; 21.21 e 22.4. Cf. a lei mosaica como transmissora de vida, em Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1. O autor falava de uma longa vida física, acompanhada pela prosperidade, bons propósitos e cumprimento. A teologia hebraica antiga não tinha nenhuma doutrina formal sobre o pós-vida, a qual começou a ser expressa nos Salmos e nos Profetas. Em seguida, o tema foi desenvolvendo nos livros apócrifos e pseudepígrafos, e então, mais ainda, no Novo Testamento. Atualmente, a própria ciência nos está ajudando a ver que a morte não mata. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes intitulados *Imortalidade* e *Experiências Perto da Alma*. No *Dicionário* ver o artigo chamado *Alma*.

Alguns intérpretes cristianizam o versículo para fazê-lo falar da vida eterna. Ver I João 5.12:

Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida.

Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Vida Eterna*.

A Vereda dos Ímpios (4.14-17)

4.14

Não entres na vereda dos perversos. A escolha depende do indivíduo. Ele possui *livre-arbítrio* (ver a respeito no *Dicionário*). Um homem pode queixar-se do caminho dos retos e terminar na vereda que corre em sentido contrário. Um estudante, que não escute a voz do seu mestre e seja impulsionado pelas palavras de homens maus que vivem em luxo e lazer, pode, de súbito, encontrar-se naquela vereda que conduz à destruição. Cf. Pro. 1.10 ss. Quanto aos ímpios, ver as notas em Pro. 2.22 e 3.25. *Andar* aqui é "seguir em frente". Ver sobre *Andar*, no *Dicionário*, quanto a essa metáfora. "Não entres" proíbe o primeiro passo da união com os ímpios em seus caminhos. "Nem sigas" proíbe maior avanço na mesma má aliança, se tivermos sido vencidos, temporariamente, pelo engano do pecador" (Fausset, *in loc.*).

Os Quatro Passos Possíveis:

1. Não entres (vs. 14). Nem ao menos dê o primeiro passo na direção errada.
2. Nem andes (vs. 14). Se, porventura, tiveres dado o primeiro passo, não continues.
3. Evita-o (vs. 15). Nem te aproximes da tentação.
4. Mas, se te envolveres, te desligues. Afasta-te da vereda, ou seja, desvia-te (vs. 15).

A Vulgata diz: "Não te deleites nas veredas dos ímpios".

Agrada-te do Senhor, e ele satisfará aos desejos do teu coração. Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nele, e o mais ele fará.

(Salmo 37.4,5)

4.15

Evita-o; não passes por ele. O mestre baixou quatro ordens que ajudarão o aluno a fugir da tentação, em vez de permanecer e lutar. De fato, algumas vezes a única maneira de espantar a tentação é abandonar o campo de batalha. Devemos evitar aqueles lugares que facilitam o pecado; e também devemos evitar aquelas pessoas que querem ter companhia em seus pecados. Devemos evitar os estimulantes que nos excitam ao pecado. O autor usa um acúmulo de termos que enfatizam o seu plano de retirada. Quando o pecado saltar de frente do leitor, que o leitor o evite e se volte na outra direção; mude de direção e não entre em contato com ele. Tome outra rota, e assim chegue a um ponto que ultrapasse o ponto perigoso. Diz aqui a Vulgata: "Foge do pecado". Jarchi e Gerson instruem-nos a anular o pecado, talvez mediante armas positivas, como a oração e a lei aplicada à vida pessoal. John Gill recomenda que nos mantenhamos "distantes do pecado", e então acrescenta: "Esse acúmulo de palavras foi usado para mostrar o perigo das más companhias", sendo esse, sem dúvida, o ponto principal do versículo.

O apóstolo Paulo fez uma observação pertinente acerca do assunto:

Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar.

(I Coríntios 10.13)

4.16

Pois não dormem, se não fizerem mal. A maioria dos homens, os bons e os não tão maus podem perder o sono se, porventura, se misturarem com alguma atividade nefanda. Porém, o homem realmente mau não consegue dormir enquanto não tiver feito algo de moderadamente ruim. Esse também perde o sono, se não tiver feito alguém cair. Ele aprecia o companheirismo ao pecar. Não gosta de pecar sozinho. Está envolvido até o pescoço na prática do mal e aprecia arrastar outras pessoas para a vereda tortuosa. "Ordinariamente, a consciência culpada supostamente mantém o culpado acordado" (Charles Fritsch, *in loc.*). Mas os que realmente são maus, só podem dormir quando estão consolados por sua má consciência. Isso nos permite entender um pouco como trabalha a mente criminoso. Há muitas evidências favoráveis ao fato de que as pessoas realmente más desfrutam do pecado, e, no caso de algumas delas, quanto mais terrível for o ato pecaminoso, maior é o prazer derivado. Em alguns casos, podemos estar tratando com defeitos cerebrais. Há evidência de patologia cerebral em alguns homens maus. Além disso, temos de levar em conta a influência e a possessão demoníaca, que definitivamente fazem algumas pessoas especialmente pecaminosas ser o que são. Uma espécie de maldade cósmica está operando sobre elas. As descrições de Pro. 1.11,12 dizem respeito, definitivamente, a pecadores doentios. Não há nada de normal em deleitar-se em crimes violentos e em solicitar a outros que aprendam esse negócio miserável.

Quando vistes presentes serem dados àquele jovem, ficaste angustiado. E se não encontrasses alguma maneira de prejudicá-lo, terias morrido.

(Virgílio, *Eclg.* iii.14)

4.17

Porque comem o pão da impiedade. O alimento psicológico necessário das pessoas especialmente más é comer e beber a iniquidade. Essas pessoas têm fome de matar e roubar. Para os hebreus, o pão e o vinho eram artigos comuns da dieta, e não artigos de luxo. Por igual modo, o pão da iniquidade e o vinho da violência são a dieta psicológica normal de pessoas especialmente malignas. Um dos piores assassinos-violentadores da história dos Estados Unidos foi

um jovem que testemunhou que, quando se iniciou nesse negócio, matar alguém uma vez por ano era o suficiente para satisfazê-lo. Mas então o elemento tempo teve de ser abreviado, e ele precisava matar e violentar alguém a cada três meses. E chegou a tornar-se uma necessidade tão descontrolada que ele tinha o desejo de matar todos os dias. Ele usava muitos truques para induzir suas vítimas a colocarem-se em situações que facilitavam o seu prazer. Ele só cessou em suas más ações quando, pela providência de Deus, foi preso por causa de uma mera violação de trânsito, em Salt Lake City. O oficial da polícia que o deteve reconheceu o homem por suas fotografias, e assim, de modo bastante inesperado, apanhou um peixe grande. Esse homem, a propósito, foi executado na cadeira elétrica. O pecado torna-se o coração de um homem quando o pecado se torna descontrolado.

... esses que devoram o meu povo, como quem come pão?

(Salmo 53.4)

Contraste o leitor as cansativas atividades Daquele cujo alimento era cumprir a vontade de Deus (ver João 4.34). Para alguns, este versículo subentende que certas pessoas viviam com base no crime, obtendo seu pão e vinho literais dessa espécie de vida. Nesse caso, o versículo é um paralelo direto de Pro. 1.13, mas a outra idéia é melhor, se não for mesmo exclusiva. O vs. 15 demonstra que todo o contato com tais pessoas, e até com pecadores menores que queiram levar outros à tentação, deve ser evitado. Essa é uma das maneiras pelas quais o homem bom evita a vereda que conduz à destruição.

Fim do Contraste entre as Veredas do Justo e do Ímpio (4.18,19)

4.18

Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora. A sabedoria ilumina a vereda do justo, que vai brilhando mais e mais, até tornar-se como um dia perfeito. Provavelmente, isso significa que tal justo atinge uma medida de perfeição, e assim pode ser chamado de sábio, tal e qual seu mestre era sábio. Dessa maneira, ele atinge o zênite da sabedoria.

Dia perfeito. Literalmente, temos aqui "até que o dia fique estabelecido", o que provavelmente significa, em termos literais, o zênite do sol, seu ponto mais alto no céu, ao meio-dia. A Vulgata Latina diz aqui: "dia perfeito", e muitas traduções seguem essa sugestão. Como a luz do sol começa pela manhã, e então aumenta de intensidade até chegar a seu ponto mais elevado e mais brilhante, assim se dá com a retidão do homem bom. Por semelhante modo, a vereda do bom estudante aumenta em sua iluminação e força, até que ele atinge uma posição de maturidade, tornando-se, ele mesmo, um mestre, através da sabedoria.

Este versículo tem sido cristianizado para falar do homem bom que teria chegado ao céu, quando o seu dia perfeito lhe chega. Portanto, qualquer progresso antes desse ponto seria, na realidade, apenas um crepúsculo da alma. Ver I João 3.2, quando o homem justo vir o Senhor conforme Ele é e for transformado em Sua imagem. Cf. Mal. 4.2 e II Sam. 23.4. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Transformação segundo a Imagem de Cristo*. Temos nisso, realmente, a luz do dia perfeito para a alma, mas não é provável que o autor do livro de Provérbios tenha imaginado qualquer coisa semelhante a isso. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Luz, Metáfora da*.

4.19

O caminho dos perversos é como a escuridão. Em contraste com o caminho da luz do homem bom, o caminho do ímpio é tenebroso (ver Pro. 2.13; Jó 18.5,6; Isa. 59.9,10; Jer. 23.12; João 12.35 e Mat. 6.23). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Escuridão, Metáfora da*. Então, em contraste com o homem bom que não encontra ocasião para tropeçar, o homem perverso tropeça, entra em adversidades e reverte sua caminhada, e, assim sendo, paga pelos seus pecados. Cf. isso com o caminho desimpedido do homem bom, que não tem tropeços (ver Pro. 4.12). "Por terem eles se recusado a caminhar pela luz da Palavra de Deus e à luz de sua consciência (ver I João 1.7), a luz que lhes pertencia torna-se em trevas (ver Mat. 6.23). Eles não sabem para onde devem ir (ver João 12.35), pelo que tropeçam (João 11.10)" (Ellicott, *in loc.*). Cf. este versículo com Deu. 28.28,30.

Escuridão. No hebraico encontramos a palavra *'aphelah*, "profunda escuridão", ou seja, a ausência absoluta de luz e orientação. Os ímpios caem, mas o pior de tudo é que nem sabem por que caem; eles deixaram de reconhecer o mal e seus maléficos resultados. Talvez eles nem reconheçam que estão sendo castigados, e justificam suas calamidades como má sorte.

Nono Discurso: o Valor da Sabedoria na Produção da Saúde (4.20-27)

Este é o nono dentre os dezesseis discursos que figuram no primeiro livro dos Provérbios, que se estende de 1.8 a 9.18. Um dos grandes temas do livro de

Provérbios é o poder de seguir a sabedoria para obter uma vida longa e próspera. Esse tema recebe uma nota de sumário em Pro. 4.13. Isso se repete aqui e no vs. 22, embora agora a saúde física seja acrescentada. Como é óbvio, uma vida longa e boa deve ser caracterizada pela boa saúde.

Outra Chamada para Ouvir: Sumário da Exortação para Ouvir (4.20-27)

4.20

Filho meu, atenta para as minhas palavras. Uma vez mais o mestre (pai) convoca seu estudante (filho) a ouvir com cuidado suas palavras, visto estar ele começando uma nova exortação que requer atenção. O livro de Provérbios reitera tais exortações aqui e acolá. Cf. Pro. 1.5,8; 4.1,10; 5.7; 8.6,33; 19.20,27; 22.17 e 23.19. Cada novo assunto tratado requer audição renovada. A tendência do aluno é tornar-se cansado e desatento. Nesse estado, ele perde de vista a lição. Nos versículos que se seguem, o aprendiz deve usar os ouvidos, os olhos, o coração e a boca, no que diz respeito à obtenção da sabedoria, e o acúmulo dos órgãos dos sentidos fala da intensidade e da sinceridade de sua busca. "... curva-te e inclina os ouvidos; escuta com atenção o que te é dito, como algo que se reveste do maior momento e importância" (John Gill, *in loc.*). Quanto à palavra "atenta", ver Pro. 4.1,20; 5.1 e 7.24.

4.21

Não os deixes apartar-se dos teus olhos. Os olhos e o coração fazem parte do quadro da mente atenta e da sensibilidade para com a mensagem espiritual, ditames e promessas da sabedoria e da instrução. Os olhos fixam-se sobre a sabedoria; não se desviam dela para contemplar algo de menor importância. Em seguida, o coração (o homem interior, o homem espiritual) aceita a sabedoria. O coração, pois, torna-se o tesouro da sabedoria. Cf. este versículo com Êx. 13.16 e também com os "frontais", que aparecem nesse versículo, onde temos o mesmo tipo de mensagem insistente no tocante à lei: "... coração, como um tesouro escondido na câmara mais interior de uma casa (2.1; 3.3,21; Deu. 6.6)" (Fausset, *in loc.*). Um bom estudante deve concentrar o coração em sua busca espiritual. Não se trata de algo que foi adicionado à sua vida. Deve ser a sua própria vida.

Não os deixes apartar-se. Cf. Pro. 3.21, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. Quanto a "coração", ver Pro. 2.2. A palavra "apartar-se" envolve os afetos da pessoa. O bom estudante deve amar a lei, na qual reside a sabedoria. Nesse caso, não amará os valores deste mundo.

4.22

Porque são vida para quem os acha. Uma vez mais, a sabedoria é aqui declarada como doadora de vida. Ofereço uma nota de sumário sobre isso em Pro. 4.13. Para que um homem tenha vida longa e próspera, ele precisa também ter boa saúde; e essa é a razão pela qual temos essa promessa aqui. Oh, Senhor, concede-nos tal graça. Esse é o *sine qua non* da vida boa, embora existam santos, neste mundo, que conseguem viver bem espiritualmente, mesmo na enfermidade. Por outra parte, se eles estão fazendo isso, então que obtenham por isso uma recompensa. Oh, Deus, concede-nos boa saúde e vida longa, a fim de que possamos cumprir nossa missão e ver nossas tarefas terminadas, sem exceção. Dizer alguém que um homem bom não pode nem deve adoecer é naturalmente uma proposição extremada e insensata. Pois nas enfermidades mais está envolvido do que o simples pagar pelos pecados. Além disso, alguns homens bons aparentemente adoecem e, no entanto, vão para o Senhor, como foi o caso de Paulo (ver II Cor. 12.8). Mas também existem santos que vivem fisicamente bem e usam de sua boa saúde para o bem. Portanto, Senhor, permite-nos fazer parte da segunda classe, se, porventura, isso não ferir alguma lei cósmica. E penso que essa é uma petição que podemos fazer a Deus, razoavelmente, visto que o presente versículo promete boa saúde àqueles que seguem a vereda da sabedoria. E o homem, por inteiro, receberá cura, o que deixa entendido que agora uma parte e, depois, outra, podem sofrer de alguma enfermidade, mas para novo caso de doença haverá cura da parte do Senhor.

Ele é quem perdoa todas as tuas iniquidades; quem sara todas as tuas enfermidades.

(Salmo 103.3)

Ver I Tim. 4.8, onde se lê que a piedade é proveitosa para tudo. Ela promete a vida, tanto neste mundo como no outro, e, presumivelmente, está em pauta uma vida boa, que pode incluir a boa saúde.

Será isto saúde para o teu corpo, e refrigério para os teus ossos.

(Provérbios 3.8)

Palavras agradáveis são como favo de mel, doces para a alma, e medicina para o corpo.

(Provérbios 16.24)

Este versículo tem sido espiritualizado a fim de falar do sangue de Cristo como a panacéia para todos os males humanos. "... as doutrinas do evangelho são as palavras saudáveis de nosso Senhor Jesus. Elas são sãs, salutares e saudáveis, e servem para manter a alma em bom estado de saúde, como também o corpo" (John Gill, *in loc.*).

4.23

Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração. O *Coração e a Saúde Espiritual*. As emoções e a vontade eram atribuídas, pelos hebreus, ao coração literal, mas muita coisa também era atribuída ao homem interior, o homem espiritual, simbolizado pelo coração. O livro de Provérbios usa a palavra "coração" com o sentido de "fé do coração", que corresponde à chamada para a sabedoria. Quando lemos o livro de Provérbios, vemos que o termo "coração" é usado mais ou menos no mesmo sentido em que usamos esse vocábulo no linguajar moderno. Aponta para o centro do ser humano, o homem interior, em contraste com o homem exterior, o homem físico. O coração precisa estar bem com Deus, e essa é outra maneira de afirmar que devemos ter uma espiritualidade genuína, e não uma espiritualidade superficial ou hipócrita. Ver Mat. 15.19. Meus amigos, há cerca de oitenta referências ao coração em Provérbios, e cerca de cem no livro de Salmos. Convido o leitor a examinar em uma boa concordância todas essas referências. Dou alguns exemplos do livro de Provérbios: 2.2; 3.1; 4.4; 23.5,12; 10.8; 13.12; 14.33; 16.1 e 23.7.

Porque, como imagina em sua alma, assim ele é.

(Provérbios 23.7)

Porque dele procedem as fontes da vida. Tudo quanto faz a vida tornar-se digna de ser vivida origina-se no homem espiritual e então manifesta-se na vida externa do homem, de múltiplas maneiras. Estão em pauta todos os valores espirituais de um homem, bem como os atos daí resultantes. Provavelmente a alusão é a todas as artérias que, saindo do coração, alcançam todas as partes do corpo e levam nutrição a partir daquele centro. Como é óbvio, os antigos não tinham consciência da circulação do sangue, mas sabiam que o coração e o sangue que percorre o corpo estão, de alguma forma, relacionados. Cf. Mat. 15.19 quanto às coisas negativas que procedem do coração. "O coração de um homem saudável é um coração saudável. A vida e o coração de um homem dependem, em grande parte, das condições de seu coração" (Rolland W. Schloerb, *in loc.*).

Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento.

(Filipenses 4.8)

4.24

Desvia de ti a falsidade da boca. Usos Próprios e Impróprios da Linguagem. Ver Pro. 11.9,13 quanto a notas de sumário. Este é, igualmente, um grande tema do livro de Salmos. Ver Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12; 35.28; 36.3; 39.9; 55.21; 64.4; 66.17; 73.9; 94.4; 101.5; 109.2; 119.172; 120.3-4; 139.4; 140.3; 141.3. No livro de Provérbios, ver também 2.12,14; 6.12. Cf. Efé. 4.29. Há um artigo detalhado sobre *Linguagem, Uso Apropriado da, no Dicionário*. Cerca de cem versículos de Provérbios tratam do uso próprio ou impróprio da linguagem.

A falsidade da boca. Uma "linguagem distorcida" qualquer, como mentiras, ludíbrio, maldições. Ver a exposição sobre Pro. 2.15.

A língua é fogo; é mundo de iniquidade; a língua está situada entre os membros de nosso corpo, e contamina o corpo inteiro e não só põe em chamas toda a carreira da existência humana, como é posta ela mesma em chamas pelo inferno.

(Tiago 3.6)

"Cuidado com a precipitação, a ira e a fala impensada. Não te deleites em contradizer e em impugnar e tenhas o cuidado de não caluniar nem atacar pelas costas o teu próximo" (Adam Clarke, *in loc.*). "Tal como o coração, assim também a boca deve ser resguardada com toda a diligência, pois há simpatia íntima entre o coração e a boca. A fala é o índice da mente (Tia. 3.2-13)" (Fausset, *in loc.*).

4.25

Os teus olhos olhem direito. *As Figuras.* Os ouvidos (vs. 20), os olhos (vss. 21 e 25), o coração (vs. 21), a boca (vs. 24), as pálpebras (vs. 25) e os pés (vss. 26 e 27) devem estar todos envolvidos em evitar o mal e seguir os caminhos da sabedoria. Cada um dos membros do corpo simboliza alguma agência ou função da mente, do coração e da alma. Em outras palavras, o homem inteiro deve engajar-se na perspectiva espiritual e assim ser guiado pelo manual, a lei mosaica, que é a fonte originária da sabedoria, do entendimento e da instrução.

Os olhos sempre devem ter o propósito de ver as riquezas que as palavras de sabedoria do Senhor podem apresentar (vs. 21); eles também devem manter-se “olhando diretamente para a frente”, no intuito de seguir a vereda reta e evitar caminhos tortuosos. Os olhos, olhando diretamente para o que está em frente, são uma evidência da mente veraz e das boas intenções do coração.

As pálpebras devem ser mantidas abertas, permitindo assim que os olhos vejam conforme devem ver. Elas simbolizam a capacidade de bloquear a visão, um ato voluntário que pode arruinar a visão espiritual, um pecado, uma visão inferior, uma perversão da verdade. “Sede francos em vossos alvos e andai na vida fazendo o vosso lar acima, e seus estatutos o vosso guia” (Fausset, *in loc.*). Quanto à lei mosaica como guia da vida, ver Deu. 6.4 ss.

4.26

Pondera a vereda de teus pés. Agora a mente entra em ação, cuidando da própria vereda, na qual os pés devem caminhar. Os pés devem estar firmados na vereda reta, livrando-se das tendências para os desvios. A sabedoria empresta constância nos propósitos e no ato de andar.

Pondera. Este é um ato da mente, orientado pela sabedoria. A palavra hebraica envolvida é *palas*, que significa “pesar”, “pensar seriamente a respeito”, “equiparar”. Uma pessoa deve pesar as questões a sério, sabendo onde jaz o peso da verdade, ou seja, o que é e o que não é importante. Esta palavra é encontrada por três vezes no livro de Provérbios (aqui e em 5.6,21) e está associada à diligência mental para tomar decisões corretas e pôr a decisão em execução. Yahweh pondera a vereda de um homem para verificar se essa vereda é boa e séria, conforme se vê na última referência.

Oxalá sejam firmes os meus passos, para que eu observe os teus preceitos.

(Salmos 119.5)

Crede no Senhor vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas, e prosperareis.

(II Crônicas 20.20)

4.27

Não declines nem para a direita nem para a esquerda. Não devemos permitir que os pés se desviem nem para a direita nem para a esquerda, no caminho da sabedoria, como se houvesse algum outro caminho, mais proveitoso para um homem. O desvio para a direita ou para a esquerda seria uma volta para o mal, pois só existe uma boa vereda. Os pés simbolizam o caminho pelo qual um homem caminha. Ver no *Dicionário* o verbete *Andar*, quanto a essa metáfora. O coração e a mente estão por trás de todas as decisões tomadas pelos pés. Cf. este versículo com Jos. 1.7 e I Reis 15.5. Talvez a imagem simbólica tenha sido aproveitada do caminho do rei (ver Núm. 20.17 e Deu. 2.27). A lei de Deus, naturalmente, é o seu caminho santo, que conduz à vida e à prosperidade. A lei traz a sabedoria para dirigir a pessoa pela vereda reta. Cf. os vss. 10-19, onde são contrastadas as veredas do justo e as veredas do ímpio.

A Metáfora das Veredas. Ver Pro. 1.15; 2.8,9,13,15,18-20; 3.6,17; 4.11,14,18,26,27; 5.6; 7.25; 8.2,20. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Caminho*, que fornece detalhes abundantes sobre a metáfora.

As versões da Septuaginta, da Vulgata Latina e do árabe adicionam aqui dois versículos, após o vs. 27, provavelmente com o propósito de ornamentar o texto hebraico.

Capítulo Cinco

Décimo Discurso: o Valor da Sabedoria para Evitar o Adultério (5.1-23)

Este é o décimo entre dezesseis discursos que compõem o primeiro livro de Provérbios, constituído na passagem de Pro. 1.8 - 9.18. Havia considerável liber-

dade sexual para os varões, em Israel, mas não para as mulheres. A poligamia era uma maneira de viver, e então, em contraste, um homem podia tomar uma concubina por períodos maiores ou menores, e até por um único dia. Mas uma coisa definitivamente proibida era o adultério, o contato sexual ilegítimo com a esposa ou o esposo de outro cônjuge. As mulheres compartilhavam os homens, mas sempre dentro dos limites da lei, os quais eram, afinal de contas, muito liberais. Ver, no *Dicionário*, o verbete denominado *Adultério*. Fazer essa seção à nossa frente ensinar a monogamia é um anacronismo.

O texto diante de nós fornece instruções específicas concernentes aos perigos do adultério, enfatizando como mulheres impudicas provocavam isso (vss. 1-6); o preço a ser pago pelo adultério (vss. 7-14); os deleites do amor casado (vss. 15-20); e, finalmente, um lembrete de que o pecado é algo praticado, em última análise, contra Deus, e não contra o homem (vss. 21-23, completo com instruções).

“Tal como em Pro. 1.14-19, este quinto capítulo do livro manifesta-se contra os prazeres imediatos do pecado e destaca suas consequências a longo prazo. O sábio toma o ponto de vista mais prolongado da questão” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Advertência contra a Licenciosidade (5.1-14)

Mulheres Impudicas Tentam ao Adultério (5.1-6)

5.1

Filho meu, atende à minha sabedoria. O primeiro versículo deste capítulo chama nossa atenção novamente, pois um novo assunto está começando. Já apresentei uma nota de sumário sobre essas urgentes exortações do pai (mestre) a seu filho espiritual (o estudante), em Pro. 4.20. Lemos aqui que o estudante tem a obrigação de prestar atenção à sabedoria de seu mestre. Ver Pro. 1.2 quanto à sabedoria, e ver também, no *Dicionário*, o verbete intitulado *Sabedoria*, que fornece detalhes sobre o assunto. Quanto à palavra “atende”, Cf. Pro. 4.1,20; 5.1 e 7.24. A sabedoria mostrar-se-á suficiente para salvar do adultério.

Inteligência. Ver a respeito em Pro. 1.2,5; 2.2,3,6,11; 3.4; 4.1; 5.1; 6.32; 9.4; 10.13 e 21.6. Existem cerca de cinquenta e cinco exortações no livro de Provérbios acerca da inteligência ou compreensão, além de outras exortações em que as palavras “inteligência” ou “compreensão” não são empregadas diretamente. E há dez usos da ordem para que se “compreenda”.

5.2

Para que conserves a discrição. Ver sobre Pro. 1.4. Os lábios que proferem o conhecimento também devem conservá-lo, como se fosse uma casa de tesouro, sendo essa uma metáfora desajeitada, mas perfeitamente compreensível. Usualmente são os lábios que proferem as palavras, mas é o coração que conserva a sabedoria como se fosse um tesouro. Esse santo tesouro dos lábios é contrastado com a fala maliciosa da adúltera potencial, que tenta o estudante e procura desviá-lo da vereda da sabedoria (vss. 3 ss.). Os lábios do mestre falam contra o que a mulher diz, e o estudante tem de fazer sua escolha quanto a que voz ele escutará. O versículo parece estar exortando o aprendiz a falar como o seu mestre, e parece também estar repreendendo a mulher, que diz palavras suaves como o azeite. Já vimos a ênfase que recai sobre o uso próprio e impróprio da linguagem, em Pro. 4.24. A mulher sensual quer incendiar o coração do jovem com suas palavras bonitas e lascivas; mas o estudante esperto será capaz de atalhá-la com suas palavras e, assim, escapar à tentação. Lábios que falam sabedoria, tanto do estudante quanto de seu mestre, resguardam o aprendiz de cair em pecado grave. Podemos até subentender aqui que o aprendiz falará palavras de sabedoria, ajudando outros estudantes a obedecer aos ditames da sabedoria.

Conversas Sensuais e Convincentes (5.3-6)

5.3

Porque os lábios da mulher adúltera destilam favos de mel. A fraqueza do homem diante dos pecados sexuais é notória, mas a mulher adúltera, que provavelmente significa a mulher (talvez casada por uma vez) agora prostituta, desenvolve uma linguagem atraente que garante que um jovem seja levado pela sua concupiscência. O impulso sexual do homem é excitado por quase tudo: pela visão, pela fala, pelo toque, pelo odor, pelos sons e pelo paladar. Ver as notas sobre Pro. 2.16 quanto à mulher estranha (prostituta). A fala dela é doce para o homem ouvir, porquanto o sexo é algo doce, e ela sabe que linguagem usar para excitar o homem.

Os sonhos podem retratar o sexo, metaforicamente, como comer doces, pelo que a metáfora do autor é aprovada por Freud, sendo veraz para com aquilo que sabemos sobre a simbologia dos sonhos. O mel era a coisa mais doce que os antigos conheciam, pelo que o autor usa isso para falar do sexo. Então a boca da mulher torna-se mais suave do que o óleo, e as palavras rolam de seus lábios de maneira gentil e convincente. Os homens, que já são vítimas de sua própria

biologia, facilmente caem diante de qualquer provocação. A mulher, esperta em seu negócio de sedução, não se arrisca a perder, e derruba o jovem com um potente golpe. Somente grande dose de sabedoria salvará o homem da conversa suave e doce de uma mulher, na hora crítica da tentação. Algumas das palavras atraentes que a mulher pode empregar são dadas em Pro. 7.13-21. "Ela usa da linguagem mais enganadora, lisonjeadora e atrativa, que cai de sua boca como o mel cai do favo, e sua fala, tal como o mel, é a mais suave de todas" (Adam Clarke, *in loc.*).

A Omissão, Conspicua por Sua Ausência. Em todas as passagens que escreveu sobre o sexo ilícito, o autor sacro falou somente sobre a mulher sedutora, quando, obviamente, os homens quase sempre falam de maneira doce e sedutora. Obter o sexo ilegítimo era tão fácil para um homem em Israel que talvez os homens, no antigo povo de Israel, se mostrassem menos sedutores que os homens atuais, pelo que a maior parte da sedução era efetuada pelas mulheres, quer fossem elas esposas, ex-esposas ou prostitutas. Contudo, é difícil acreditar nisso. Parece haver certo preconceito contra as mulheres, não somente no livro de Provérbios, mas também na maior parte da literatura de sabedoria, quando esses livros abordam questões sexuais. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sedução*.

5.4

Mas o fim dela é amargoso como o absinto. O autor sagrado estava pintando um "quadro doce" sobre o jogo do sexo. De súbito, porém, começa a advertir-nos sobre os tremendos resultados de continuar esse jogo. Uma mulher sedutora é extremamente doce no começo da conquista amorosa, mas, no fim, a coisa toda torna-se em um absinto amargoso. Presumivelmente, ele está dando a entender alguma espécie de julgamento, interno e externo, resultante do ato de adultério. Principalmente, porém, o autor sacro temia que um bom aprendiz, que estivesse progredindo em seus estudos, seria desviado do reto caminho, abandonando a vereda da sabedoria, que o mestre, tão laboriosamente, havia conseguido fazer o aluno seguir. O versículo que se segue nos dá a advertência mais urgente sobre essa questão toda.

Absinto. Antigamente era o elemento mais amargo conhecido pelos homens. Isso posto, o jogo da sedução começa como a coisa mais doce possível (o mel), porém termina como a coisa mais amarga possível (o absinto).

Agudo como a espada de dois gumes. Esta metáfora fala do poder destruidor do sexo ilícito. A espada de dois gumes matou muitos homens, e era um muito temido instrumento de matar. O versículo seguinte (vs. 5) intensifica a questão, trazendo ao quadro o sheol. Uma espada de dois gumes podia cortar em duas direções ao mesmo tempo; e, por igual modo, a prostituta podia prejudicar o corpo e a alma. "Esse é o contrário de sua fala suave e doce" (John Gill, *in loc.*).

5.5

Os seus pés descem à morte. Encontramos aqui um paralelismo no qual a morte e o sheol se referem à mesma coisa. Deve haver poucos versículos, nos livros de Salmos e Provérbios, que deixam entendido que o sheol é mais do que o sepulcro. Ver Sal. 88.10; 139.8 e 148.7, e Pro. 2.18. Mas se o autor sagrado queria fazer do sheol aqui mais do que a morte física, não se esforçou para deixar seu ensinamento claro. A doutrina do sheol (hades) era semelhante a muitas outras, passando por um longo período de crescimento. A maior parte das referências ao sheol, no livro dos Salmos, aponta somente para a sepultura. O primeiro passo para longe dessa idéia simplista foi encarar o sheol como um lugar onde espíritos destituídos de mente vagueavam ao redor como fantasmas, mas sem consciência pessoal ou memória. Aparentemente é nesse ponto que encontramos a doutrina, em Sal. 88.10. Em seguida, os fantasmas tornaram-se espíritos que tinham consciência, mas o próprio hades continuava como um único grande compartimento, tanto para almas boas quanto para ruins. Em seguida, o lugar foi dividido em dois compartimentos. Um deles era um lugar de juízo, ao passo que o outro era um lugar de bem-aventurança. Luc. 16 é o ponto onde encontramos essa situação. Então havia o conceito de missões de misericórdia no hades, conforme encontramos em I Enoque (livro pseudepígrafo do período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamento) e também em I Ped. 3.18-4.6. Avançando um pouco mais, temos os evangelhos de Nicodemos e de Pedro, que dão uma distorção universalista à missão redimidora, tendo Cristo limpo completamente o hades, aplicando assim ao diabo um golpe de morte, pois assim ele perdeu todos os seus súditos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Hades* e *Descida de Cristo ao Hades*.

No que tange a Pro. 5.5, supomos que a doutrina do sheol ainda estava no primeiro estágio. Aí, o sheol representava somente o sepulcro. Mas alguns estudiosos supõem que está aqui entendida, se não mesmo declarada, a idéia de punição no sheol para os que se afastaram da vereda da sabedoria. Contudo, calculo que a ameaça é a padronizada, a morte física prematura, um terror para a mente dos hebreus.

Este versículo tem sido cristianizado para apontar para os tormentos dos condenados no inferno, mas sem dúvida isso é um anacronismo.

Pode haver aqui uma alusão ao tipo de prostituta que buscava os cemitérios, reunia-se ali com seus clientes, ou os levava até ali, e tinha seus prazeres ilícitos entre os sepulcros. Essas prostitutas eram chamadas de *busturiae boechae* (Vid. *Turnebi Adversar.* 1.13.cap. 19). Sem dúvida, isso envolvia alguma espécie de patologia, não sendo improvável que o autor do livro de Provérbios tivesse em mente um costume tão mórbido.

5.6

Ela não pondera a vereda da vida. O vs. 5 deste capítulo, falando sobre os passos da prostituta que conduzem ao sheol, já se referia à vereda da iniquidade. Agora, porém, o vs. 6 deixa explícita a alusão. Um bom estudante, entretanto, deveria ponderar os seus passos (ver Pro. 4.26). E também precisaria ver se, por um momento de prazer, valeria a pena arriscar uma morte prematura. Deveria ele seguir na vereda da mulher, ou deveria permanecer na vereda da sabedoria do mestre? A vereda da mulher ímpia é tortuosa (Revised Standard Version), é errante (nossa versão portuguesa). Por certo essa vereda não segue o caminho da vida (Pro. 4.18), antes, é uma vereda onde os homens tropeçam e descem para as trevas (Pro. 4.19). O original hebraico não é muito claro, mas fica evidente é que a prostituta se lançou por uma vereda precipitada, com resultados incertos. Ela desce de cabeça para baixo sem atender a nenhum apelo, e outro tanto acontece às suas vítimas. A mulher toma o dinheiro do homem (vs. 10), e ele pode terminar apanhando uma doença venérea (vs. 11), que pode estar mencionada ou não nesse versículo. O que é claro é que o jovem sofrerá de algo muito pior do que uma doença venérea.

O Preço da Infidelidade (5.7-14)

5.7

Agora, pois, filho, dá-me ouvidos. Aqui, uma vez mais, o mestre convida seu estudante a ouvir cuidadosamente. Cada novo assunto abordado merece uma nova chamada para ouvir atentamente, apurando bem os ouvidos. O ensino é agora generalizado. O jovem continua sofrendo a sua tentação. Aqui o mestre chama à ordem os seus filhos, toda a sua escola de disciplina, os seus filhos espirituais. Ele fez uma aplicação geral do que vinha dizendo a seu filho. Já havia dado muitas instruções e agora estava em meio a uma importante instrução acerca da conduta sexual. Todos os seus alunos deveriam estar sofrendo tentações nessa área, pelo que todos precisavam ouvir, para seu próprio bem. "Não será suficiente ouvir, a menos que se ponha em ação apropriada as minhas palavras" (T. Cartwright, *in loc.*).

5.8

Afasta o teu caminho da mulher adúltera. O jovem havia sido convencido pela conversa adocicada e suave da prostituta. E agora a acompanhava à casa dela. Mas mesmo assim, ainda não era tarde demais. Ele ainda podia virar-se e fugir. Mas se ele conseguir fazê-lo entrar na casa dela, ele estará perdido. Portanto, enquanto segue caminho, ele deve tomar a sua decisão. Ele olha para a mulher, tão jovem, tão bela, tão desejável. E olha para um caminho lateral, pelo qual poderia escapar. Ele olha e olha, pois a cada passo aproxima-se mais da armadilha armada por ela. Ele já caiu na teia daquela mulher, e, como se fosse uma viúva-negra, ela se aproxima para matá-lo. A voz do mestre é ouvida em seu coração: "Foge! Não continues a acompanhá-la por outro passo!". Ele continua indeciso. É nesse ponto que se encontra a maior parte dos homens, quanto a essa questão.

Porque a sua casa se inclina para a morte, e as suas veredas para o reino das sombras da morte.

(Provérbios. 2.18)

"Os homens não devem enveredar pelo caminho da tentação, confiando nas próprias forças. Pois poderão ser envolvidos e vencidos antes que tenham consciência disso" (John Gill, *in loc.*). "A grande salvaguarda em todas essas tentações, conforme todos os moralistas concordam, a uma só voz, é: foge!" (Ellicott, *in loc.*).

5.9

Para que não dês a outrem a tua honra. As privações que um jovem pode ter incluem a perda da honra, a morte prematura ou a enfermidade, e também a perda do dinheiro (vss. 9-10). O estudante vinha obtendo honra entre os homens e perante Deus. Tornava-se cada vez mais sábio e inclinava-se por obedecer à lei de Moisés. Mas então entrou na casa de uma prostituta e deitou tudo isso a perder. Ele quebrara um mandamento importante, a saber, o sétimo. E assim sofreu um grande recuo. Não tinha vivido à altura de seu conhecimento.

Nem os teus anos a cruéis. Que o leitor nos acompanhe nos cinco pontos a seguir:

1. O sentido pode ser que o jovem trabalhara arduamente para ganhar o seu dinheiro, e passara um longo tempo juntando o que tinha, para então, precipitadamente, jogar tudo aos pés dos cruéis, ou seja, entregar esse dinheiro aos que viviam no negócio do sexo. Se essa, realmente, for a interpretação, temos de supor que o ofensor continuou ofendendo e gastando seu dinheiro inutilmente com as prostitutas, tal como fez o filho pródigo (ver Luc. 15.11 ss.).
2. Ou então a perda da vida deve ser entendida literalmente, sendo esse o resultado que a vida pecaminosa eventualmente produz. Isso repetiria a essência do vs. 5.
3. Ou então o homem foi julgado por Deus e sofreu morte prematura ou contraiu alguma enfermidade e morreu em resultado, provavelmente de alguma doença venérea (conforme diria o vs. 11, de acordo com certa interpretação).
4. Ou então aquele jovem, mantendo o seu jogo do sexo com as prostitutas, se misturara com o tipo de gente da laia dela, em que ladrões e assassinos formam multidão, e, um dia, um dos companheiros traidores da mulher acaba matando-o. O fato é que algumas prostitutas servem de chamariz para levar os homens a armadilhas de ladrões e assassinos.
5. Este versículo tem sido espiritualizado, de forma que a pessoa cruel, aqui mencionada, é o diabo, o príncipe do inferno, ou então o anjo da morte, que finalmente recebe o pobre jovem (conforme opinou Jarchi, *in loc.*).

5.10

Para que dos teus bens não se fartem os estranhos. Perda geral de dinheiro e propriedades. O jovem agora está bem mais velho do que no princípio. Ele vinha levando uma vida dissoluta. Não ouvira a chamada do mestre (vss. 1 e 7) e se imiscuira com prostitutas e seu bando de rufiões. Eles acabaram arrebatando o dinheiro dele e, mediante ameaças de morte, também ficaram com suas propriedades. Portanto, estranhos se tornaram seus companheiros, e desconhecidos ficaram com todo o seu dinheiro e todos os seus bens materiais. Todo o seu labor para juntar algo foi dilapidado, e ele ficou de bolsos vazios. Ele esbanjou as suas energias em troca de nada.

Pois este, quando encontrado, pagará sete vezes tanto; entregará todos os bens de sua casa.

(Provérbios 6.31)

5.11

E gemas no fim de tua vida. Considere o leitor estes dois pontos:

1. Poderiam estar em pauta as dores da dissolução e do remorso, que desgastam a alma e o corpo de um homem. Tal homem rejeitara todas as instruções que havia recebido. Ele caiu no pecado com olhos bem abertos e foi apanhado no vórtice da transgressão. Ali ficou por muito tempo. Acabou perdendo seu dinheiro e suas propriedades (vs. 10). Finalmente, porém, percebeu o que havia feito. Seu corpo estava mais velho e alquebrado, e ele tinha perdido sua juventude brincando com o diabo. Sua vida dissoluta havia desgastado prematuramente seu corpo.
2. Ou então, no meio do bando de precipitados aos quais estivera associado, ele tinha apanhado doenças venéreas e outras enfermidades. Sabemos que entre os hebreus havia doenças venéreas, pelo menos a gonorréia; mas o texto sagrado parece apontar para algo mais destrutivo que a gonorréia. A sífilis é uma doença venérea que ataca todos os órgãos internos, sendo uma doença do sangue, e pode causar os tipos de debilitação física mencionados neste trecho. Trata-se de uma enfermidade muito antiga, e poderia estar em pauta (entre outras coisas) neste versículo.

No fim de tua vida. Ou seja, perto de sua morte.

O que adultera com uma mulher está fora de si; só mesmo quem quer arruinar-se é que pratica tal cousa.

(Provérbios 6.32)

5.12

E digas: Como aborreci o ensino! Um pouco mais tarde, o antes bom estudante reconheceu que seu mestre estava com a razão. Ele tinha dado avisos corretos com grande sabedoria, mas o estudante fora atraído por uma vida de pecado, com muito vinho, mulheres e canções. Ele continuou escorregando, até perder todo o dinheiro, as propriedades e, finalmente, a saúde. E o último estágio de seus deslizes foi o remorso, que chegou tarde demais e não produziu efeito algum sobre a sua vida. Cf. Mat. 25.30.

"O pecador, finalmente, maravilhar-se-á de sua própria insensatez em tempos passados; mas seu remorso veio tarde demais" (Fausset, *in loc.*).

Então me invocarão, mas eu não responderei; procurar-me-ão, porém não me hão de achar.

(Provérbios 1.28)

Quanto à instrução e à disciplina, ver Pro. 1.2. Quanto à repreensão, ver Pro. 1.23.

Porquanto aborreceram o conhecimento, e não preferiram o temor do Senhor.

(Provérbios 1.29)

Ver também Pro. 1.25 e 12.1. "Por que rejeitei uma vida caracterizada pela virtude, seguindo mulheres adúlteras?" Isso ele perguntou, admirado diante de sua estupidez, insensatez e loucura" (John Gill, *in loc.*).

Este versículo tem sido cristianizado para referir-se à rejeição do evangelho, a despeito de todos os indicadores de seu poder e excelência, com um remorso resultante no julgamento.

5.13

E não escutei a voz dos que me ensinavam. Prossegue aqui o lamento do antigo estudante. Ele teve ampla oportunidade e privilégios, mas jogou tudo fora em troca da concupiscência sexual e, naturalmente, achara mais excitante correr juntamente com o bando de rufiões do que freqüentar a escola do mestre. Ele acabara enfadando-se com todo aquele estudo sobre a lei de Moisés.

Meus mestres. No hebraico, "mestres" é *moray*, que vem da mesma raiz que a palavra hebraica *torah* (lei, instrução). Ver Pro. 1.8. Estão em vista os sábios que encabeçavam as escolas estabelecidas para dar instruções na lei mosaica, bem como o corpo de sábios ensinamentos que acumulavam interpretações e aplicações da Fonte. Os bons pais do estudante podem ser incluídos nesta referência, pois foram os seus primeiros mestres.

O mau estudante nem ao menos inclinara os ouvidos para os seus possíveis instrutores. Ele simplesmente não os ouvira. Ver a nota de sumário sobre o ouvir piedoso, em Pro. 4.20.

5.14

Quase me achei em todo mal. Os resultados maléficos de uma série de más escolhas foram que o homem quase alcançou a ruína total, embora tivesse desfrutado de todas as suas oportunidades, bem no meio da congregação de Israel, onde a lei reinava suprema como guia (ver Deu. 6.4 ss.). Quanto à congregação de Israel, ver Êxo. 16.1. Alguns estudiosos supõem aqui que a congregação se refere a assembleias especialmente convocadas para tratar de casos de renegados, como o do mau estudante. Algo tinha de ser feito com tão flagrantes infratores como ele era. Talvez "todo o mal" se refira à punição capital por causa do adultério, em obediência à legislação mosaica original. Nesse caso, o homem quase fora executado, mas escapara disso, tendo apenas recebido punições menores, mas mesmo assim severas, às mãos dos juizes. O original hebraico é difícil, o que deixa os intérpretes reduzidos a conjecturas. Alguns deles pensam no "todo mal" em que o homem quase caiu como todo tipo de pecado. Ele se tornara tão corrompido que experimentou quase todas as formas de males. "Os vícios, como os redemoinhos, varrem tudo para o centro de seu vórtice" (Adam Clarke, *in loc.*). "Dificilmente houve um pecado do qual ele não tivesse sido culpado" (John Gill, *in loc.*).

"A experiência do sexo ilícito foi considerado uma insensatez, visto que conduziu a algumas consequências realmente indesejáveis. Em vez de apontar para fatores morais, bem como para os erros praticados contra o próximo, o livro de Provérbios apela para o auto-interesse do mau estudante. O homem terminou pagando um preço muito alto pela sua vida de prazeres... A vida dissoluta tem o seu preço... A lei acabava apanhando os ofensores. No vs. 14 encontramos um homem que por pouco escapou da ira da assembleia... o auto-interesse somente deveria ter restringido o nosso homem" (Rolland W. Schloerb, *in loc.*).

Exortação à Fidelidade Marital (5.15-23)

5.15

Bebe a água da tua própria cisterna. Em contraste com as desastrosas consequências dos lapsos morais que o texto bíblico está descrevendo, existem galardões pela castidade que encorajam a pureza moral, incluindo aquela dentro do relacionamento do casamento. Não é mister supormos aqui a monogamia, mas esperava-se que os israelitas observassem uma vida sexual dentro dos limites

especificados pela legislação mosaica. Mulheres casadas e prostitutas estavam fora do meio ambiente dos homens, mas a poligamia e o concubinato forneciam ampla variedade, pelo que qualquer homem prudente não teria dificuldade em obedecer a essa legislação. Alguns intérpretes, entretanto, supõem aqui que o autor estava exaltando o ideal da monogamia, mesmo que essa não fosse a prática do povo de Israel. Se esse era o caso, então a seção à nossa frente aproxima-se do que se tornou o padrão do Novo Testamento — um homem, uma mulher. Ver Mat. 19.8 e o artigo detalhado do *Dicionário*, chamado *Monogamia*. Ver também os verbetes denominados *Poligamia* e *Concubina*.

Água da tua própria cisterna. Temos aqui o simbolismo oriental de uma esposa, a qual é comparada a uma fonte de águas, ao passo que os prazeres sexuais são comparados ao beber dessa “própria cisterna”. Como é óbvio, a cisterna é pintada como sendo da propriedade do homem, ou seja, servia somente para seu próprio uso. Não era uma fonte pública de águas. Uma cisterna era uma fonte, e não meramente um depósito de águas paradas, porquanto de uma cisterna manavam águas continuamente. É uma fonte de águas vivas e produz águas deliciosas em abundância. Portanto, esperava-se que um homem permanecesse em sua casa, a desfrutar de sua fonte de águas (sua esposa), em vez de viver correndo para o terreno de seus vizinhos a fim de testar outra fonte, e certamente não procurar a multidão enlouquecida, onde encontraria prostitutas, que são fontes públicas de águas poluídas. Águas roubadas podem ser doces (Pro. 9.17), mas não seguras. Em Jer. 2.13, o próprio Deus aparece como fonte de águas vivas. Metaforicamente, o versículo presente é interpretado como as águas vivas do Espírito, que visam o aprazimento e o proveito do indivíduo; mas essa não é uma aplicação muito boa do versículo, pois nos desvia um tanto do centro das considerações. “Assim como todo homem tinha sua própria cisterna para o suprimento das águas necessárias (ver II Reis 18.31), também cada homem deve ter a sua própria esposa, mas apenas uma” (John Gill, *in loc.*). Nessas palavras, os intérpretes vêem o livro de Provérbios aproximar-se do ideal do Novo Testamento, e isso de modo contrário à prática do período no qual esse livro foi escrito.

5.16

Derramar-se-iam por fora as tuas fontes. Lemos aqui que as águas da fonte devem (ou não devem) ser dispersas ao redor. O original hebraico diz simplesmente: “Tuas fontes serão dispersas ao redor”. Mas alguns intérpretes pensam que isso deve ser entendido como uma indagação. As duas interpretações do versículo são as seguintes:

1. A boa esposa, a fonte de águas, através de sua posteridade, espalhar-se-á ao redor, da mesma forma que uma fonte de águas pode transformar-se em um pequeno riacho, transportando assim o que é bom para outros lugares. Nesse caso, uma posteridade numerosa é encarada como a recompensa pela castidade marital. A esposa é a fonte de águas; seus filhos são os riachos de água que saem da fonte.
2. Ou então podemos ler a declaração como se fosse uma pergunta, que parafraseei como segue: “Devem essas fontes de água espalhar-se ao redor, ou seja, deve a esposa fiel ser dada a outros que não têm direito a ela?”. A expressão “pelas praças” poderia ser uma alusão às prostitutas que caminham pelas praças para atrair as suas vítimas. Nesse caso, a propagação das águas da fonte seria como prostituir a esposa. A Septuaginta não lê a declaração desse versículo como uma pergunta, mas a traduz como uma negação: “As águas da fonte não devem ser espalhadas pelas praças”. Este versículo tem sido espiritualizado (como o foi por Jarchi) para indicar a multiplicação dos discípulos através do ensino.

5.17

Sejam para ti somente e não para os estranhos contigo. Que o leitor acompanhe os três pontos seguintes:

1. Este versículo reforça a segunda das interpretações anteriores. Tal como um homem tem sua própria fonte de águas, e tal como os vizinhos não podem entrar em seu terreno, a fim de roubar suas águas, assim também é a sua esposa, sua fonte de águas metafórica. Ela está reservada somente para ele, e ele deveria ficar satisfeito com ela, resguardando-a dos lobos. Se este versículo não elimina outras esposas, fontes de água de sua própria propriedade, parece que o ideal da monogamia está sendo promovido. Cf. Pro. 31.10.
2. Alguns vêem as fontes de água como as águas deste versículo. Neste caso, o apelo é para evitar a parentela confusa envolvida no adultério e na poligamia. Que todos os filhos de um casal pertençam ao mesmo pai e à mesma mãe.
3. Ainda outros eruditos vêem os riachos de água referindo-se aos desejos sexuais. Esses riachos devem ser resguardados dentro dos limites do lar. A primeira das três interpretações parece ser a que melhor se ajusta ao contexto, especialmente o vs. 16.

5.18

Seja bendito o teu manancial. O manancial é a esposa (vs. 15). Ela, como a esposa da juventude (o casal estava junto desde longa data), deve ser altamente honrada. Seu esposo deve regozijar-se nela, e não em outras mulheres, que estejam “lá fora”. Os vss. 18-20 dão aqui, em uma linguagem não-metafórica, o que acaba de ser dito mediante metáforas vividas. A expressão “esposa da juventude” tem sido entendida como dando a entender que outras mulheres, na vida mais avançada, tornaram-se também esposas de um mesmo homem. Nesse caso, no meio dessa poligamia, a esposa original, que vivera por tanto tempo com o homem, deveria receber honras especiais como esposa principal. Essa interpretação se ajusta ao que realmente ocorria na sociedade judaica, mas os versículos diante de nós parecem estar promovendo um ideal, e não meramente tentando regulamentar a poligamia. O islamismo permite que cada homem tenha cinco esposas, mas o homem que se aproveitar dessa licença supostamente deve tratar todas elas com igualdade, o que é um ideal quase impossível de ser praticado.

A esposa ideal tornou-se a mãe de muitos filhos, e isso era considerado de grande valor para os hebreus. Cf. Sal. 128.3, onde a esposa aparece como “videira frutífera”, de quem se esperava a geração de muitos filhos. Naqueles dias de guerras e nos quais eram necessários trabalhadores nos campos, a sociedade em geral precisava que as mulheres produzissem muitos filhos. De que outra maneira poderia haver soldados para ir à guerra e agricultores para cuidar das plantações? Os filhos eram a principal vantagem de um homem. De que adiantaria uma videira sem cachos de uvas? De que adiantaria uma oliveira sem azeitonas abundantes? Cada homem teria seu próprio “projeto agrícola” no lar, pelo que seus projetos agrícolas nos campos seriam bem-sucedidos. Mas se as terras de um homem (sua esposa) fossem estéreis, outro tanto aconteceria às terras literais fora de sua casa, nos campos.

5.19

Corça de amores, e gazela graciosa. Os hebreus não eram excessivamente pudicos, pelo que, ocasionalmente, ouvimos uma afirmação que choca ouvidos cristãos piedosos. Encontramos aqui um trio de declarações que descreve os prazeres sensuais que um homem obtém de sua esposa. Vemos o quadro de um “amor bastante selvagem” praticado nos dormitórios dos hebreus. Se esse amor fosse selvagem o bastante, isso seria satisfatório para o homem, impedindo que ele recorresse a outras fontes de prazer, ou, pelo menos, era isso que o mestre esperava que acontecesse. Considere o leitor estes três pontos:

1. Uma boa esposa deve ser como os animais brincalhões, graciosos e amáveis do campo, que desconhecem qualquer coisa sobre inibições e para os quais todos os prazeres sensuais são legítimos. Todas as culturas têm comparado as mulheres a certos animais graciosos dos campos. A corça é conhecida por sua graça e beleza e também pelo grande amor que devota aos filhotes. O nome Dorcas (Atos 9.36) significa gazela, um tipo de antílope, e serve de exemplo do que foi dito aqui.
2. Os homens têm uma fixação pelos seios femininos, que provavelmente depende de algo genético decorrente do fato de que essa glândula é o suprimento alimentar do infante. Os seios da esposa de um homem são suaves ao toque e graciosos em aparência, como os filhotes de uma gazela (Can. 4.5; 7.3). Portanto, um homem deve ser cativado pelos seios femininos (vs. 20) (Sid S. Buzzell, *in loc.*). “Como um infante fica satisfeito com os seios de sua mãe, assim um homem deve ficar com os seios de sua esposa” (Adam Clarke, *in loc.*, dizendo palavras um tanto quanto atrevidas). Por outra parte, nestes dias de sexo explícito, até mesmo para vender certas mercadorias inúteis, como cigarros, descrições como essas nem ao menos fariam nossas avós corar de vergonha. Ellicott, sentindo pejo, não comentou sobre o trio de que fala este texto exceto para referir-se à graça da gazela! John Gill, neste ponto, exagera em suas cristianizações e espiritualizações, fazendo os seios femininos simbolizar as ministrações do evangelho!
3. Um homem bom, para evitar sair de seu lar, supostamente deve ficar “apaixonado” pelos prazeres sensuais que sua esposa pode prover. A King James Version contém a palavra forte *ravished*, “cativado”, ao passo que nossa versão portuguesa diz “embriaga-te”, um belo termo para indicar os desejos sensuais. Por outro lado, há uma espécie de magia em tudo isso, e um homem fica geneticamente ligado, tornando-se louco pelo sexo, a fim de que a raça humana não desapareça. Fausset (*in loc.*) comentou: “Transportado para fora de si mesmo”, referindo-se às atividades sensuais. Os filósofos têm observado como uma boa experiência sexual tem certas qualidades próprias das experiências místicas. Há elementos estranhos e transcendentes em ambas as experiências. “... e se unirá à sua mulher e se tornarão os dois uma só carne” (Efê. 5.31). Assim como Cristo e a igreja são uma só quanto à comunhão mística, também um homem e sua esposa idealmente o são, o que pode implicar alguma espécie de união mística mediante a qual as energias das duas pessoas são mescladas.

5.20

Por que, filho meu, andarias cego pela estranha... ? Visto que o homem anda apaixonado, em casa, pela sua esposa, por que haveria de apelar para uma prostituta a fim de experimentar daquelas fontes? O mestre falava sobre a satisfação no sexo; o que poucos homens têm conseguido, sem importar quão boas sejam as suas esposas. Assim como a monogamia é um belo ideal, o mesmo se dá com a satisfação sexual. A dama em casa deve ser suficiente, ao passo que a mulher estranha (de costumes frouxos) não deve ser abraçada. Talvez a verdadeira idéia, expressa por alguns, é que não exista tal coisa como a satisfação sexual. O homem bom simplesmente tem de conformar-se a viver insatisfeito com o sexo, mas isso não é tão ruim, afinal de contas. Existem outras coisas nas quais devemos encontrar a nossa satisfação. Outro problema é que poucas mulheres estão equipadas, psicológica e fisicamente, para serem as mulheres supersensuais que o autor imaginava; bem pelo contrário. Isso posto, a tese da satisfação sexual, quer em casa quer longe de casa, fica invalidada desde o começo. Um homem espiritual simplesmente tem de encontrar sua satisfação em alguma outra coisa.

5.21

Porque os caminhos do homem estão perante os olhos do Senhor. Aqui aprendemos que os caminhos de um homem não são, meramente, o interesse do mestre. Foi o Senhor quem deu a lei de Moisés e igualmente quem inspirou as declarações de sabedoria. Por conseguinte, Ele vive supremamente preocupado sobre como um homem, que afirma ser Seu discípulo, se conduz ao longo da vereda reta. A lei de Moisés é o guia de um homem (Deu. 6.4 ss.). Ver Pro. 4.10-19 quanto aos caminhos do homem sábio e do homem insensato comparados e contrastados. Apresento no *Dicionário* um detalhado artigo chamado *Caminho*. O homem sábio continua a olhar para cima, sabendo que Deus está ponderando o seu caminho e a sua conduta em geral. Em Pro. 4.26 encontramos a mesma palavra, mas ali aplicada ao ponderar do estudante sobre o seu próprio caminho.

... olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus.

(Hebreus 12.2)

Quanto a Deus como Aquele que é o espectador de nossos caminhos, Cf. Pro. 15.3; Jó 31.1,4 e Heb. 4.13. Quanto a como Seus olhos percorrem a terra inteira para cá e para lá, ver II Crô. 16.9 e Cf. Sal. 11.4.

Retorno às Ameaças (5.22,23)

5.22

Quanto ao perverso, as suas iniquidades o prenderão. O autor sagrado encerra o décimo discurso retornando às ameaças contra o mau estudante que se desviara pelas veredas pecaminosas. Estes versículos sumariam a tese que ocupou todo este capítulo. O estudante que se desvia para longe dos ensinamentos de seu mestre pagará um elevado preço por sua insensatez.

As iniquidades que um homem tiver cometido finalmente atuam como uma armadilha, um artilho no qual ele mesmo cai. Essa é uma maneira poética de falar sobre a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*). E então é empregada outra metáfora. O homem foi fabricando fortes cordas, por meio de seus pecados, e, no fim, acaba preso por elas, como se fosse um prisioneiro. Ele será apanhado em uma armadilha; será detido; e terá uma vida miserável dali por diante. Aquilo que os homens fazem por meio de sua própria vontade, se ela for má, pode sair do controle, tornando-se para eles como cadeias da qual não conseguem escapar. Um homem, dessa maneira, é auto-apanhado e auto-aprisionado. Em seguida, se esse homem tolamente negligenciar o bem que é chamado a fazer, acabará perdendo o controle de sua vontade, e não mais poderá cumprir a sua tarefa. Assim sendo, o pecado tem uma maneira de operar a sua própria punição. É um pacote: pecado-punição. Cf. Jó 20.11, onde aprendemos que os ossos de um homem são cheios com os pecados cometidos na juventude.

*Semeai um hábito, e colhereis um caráter.
Semeai um caráter, e colhereis um destino.
Semeai um destino, e colhereis... Deus.*

(Professor Huston Smith)

5.23

Ele morrerá pela falta de disciplina. A morte prematura é a cena final do espetáculo do sexo. Ele vinha recebendo instruções, que acabou rejeitando. Por

isso as instruções falharam e o abandonaram. Seu pecado avançou e liquidou com ele. Tal homem se perdeu por causa de sua imensa insensatez. Ele se tornou um caso desesperador, ultrapassando o ponto da restauração. "Da mesma forma que a sabedoria confere vida, sua ausência traz morte. O homem se desviou e, por isso, se perdeu" (Charles Fritsch, *in loc.*).

Como o boi que vai ao matadouro; como o cervo que corre para a rede, até que a flecha lhe atravesse o coração; como a ave que se apressa para o laço, sem saber que isto lhe custará a vida.

(Provérbios 7.22,23)

Cf. este versículo com Jó 4.21 e 36.12. "Deus castiga os pecadores dando-lhes a experimentar o seu próprio caminho" (Fausset, *in loc.*).

Capítulo Seis

Décimo Primeiro Discurso: o Valor da Sabedoria contra a Pobreza (6.1-11)

Este é o décimo primeiro discurso dentre os dezesseis que constituem o primeiro livro de Provérbios, que ocupa o trecho de 1.8 – 9.18. Este capítulo se compõe de um grupo de diferentes espécies de discursos, sem continuidade entre um e o seguinte. Um homem pobre tinha de pedir emprestado para evitar o desastre. A lei de Moisés proibia a cobrança de juros de um israelita da parte de outro israelita. Ver Êxo. 22.25; Lev. 25.36,37. Mas no judaísmo posterior, esse estatuto foi ignorado. Portanto, os ricos faziam dos pobres suas vítimas. A presente seção dá conselhos sobre como evitar a pobreza e as consequências mais drásticas de estar endividado diante de outras pessoas. Além disso, um homem de boas intenções poderia atrair-se diante dos problemas do homem pobre, tomando-se fiador de suas dívidas, e assim empobrecer. Como tal homem deveria lidar com essa situação?

Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Juros*, quanto a informações sobre essa questão e quanto a idéias que servem para ilustrar o texto diante de nós.

6.1

Filho meu, se ficaste por fiador do teu companheiro... Neste capítulo, a expressão "filho meu" aparece por três vezes (vss. 1,3,20). Cf. Pro. 1.8,10,15; 2.1; 3.1,11,12,21; 4.3; 5.1; 10.1; 13.1; 23.15; 27.11; 31.2. Existem cerca de quarenta e cinco discursos do pai espiritual (o mestre) a seu filho espiritual (o estudante) neste livro de Provérbios. O estudante bem intencionado ultrapassou os recursos financeiros e tornou-se fiador de um amigo pobre. Mas agora que chegou o tempo da restituição, o homem pobre não pode pagar a dívida, e o estudante ficou enterrado em dívidas. O estudante referido tinha muitas simpatias, mas pensava pouco. Ele permitia que seu coração falasse mais alto que o seu cérebro. A implicação dos versículos a seguir é que o sábio pagaria as dívidas de seu amigo sem se envolver em dívidas que podiam sair-lhe amargas. Porém, já que ele não tinha recursos financeiros para tanto, não deveria envolver-se de maneira alguma nos negócios do outro homem. Sob hipótese alguma deveria tornar-se fiador e sujeitar-se à misericórdia de homens perversos que ganham a vida por meio de empréstimos, cobrando juros exorbitantes sobre o capital. O mestre, pois, produziu declarações de sabedoria que podem aplicar-se a dificuldades financeiras.

A ninguém fiquéis devendo coisa alguma, exceto o amor com que vos ameais uns aos outros.

(Romanos 13.8)

E se te empenhaste ao estranho. No hebraico, literalmente, "tocado na mão" (ver II Reis 10.15, "deu-lhe a mão"). Está em foco algum tipo de procedimento que incluía tocar na mão de alguém, como um gesto de acordo, algo parecido com o nosso "dar a mão".

Estranho. Está em pauta uma pessoa desconhecida para aquele que se torna fiador. Quase certamente, está em questão outro judeu, que entretanto não era conhecido pelo homem que entrou em dificuldades por ser generoso demais.

Quanto a outros versículos referentes a servir de fiador, ver Pro. 11.15; 17.18; 20.16; 22.26,27; 27.13. Esse ensino não é contra servirmos de fiador de outrem, mas contra assumir esse compromisso sem reflexão prévia e sem recursos financeiros suficientes.

6.2

Estás enredado com o que dizem os teus lábios. O homem falava por demais generosamente, tendo feito promessas que não podia cumprir; ele não

possuía recursos financeiros para poder cumprir a promessa de ser fiador de seu amigo. Suas palavras tornaram-se uma armadilha. Ele foi apanhado como se fosse um pássaro impotente na rede do credor. Era um homem arruinado, a menos que algo bastante incomum acontecesse. Por isso, ele correu para o mestre a fim de perguntar como poderia sair da cova onde havia caído. “As palavras preso e enredado (vs. 5) indicam que o homem, ao aceitar a responsabilidade pela dívida sobre a qual se cobravam altos juros, colocou-se em uma situação financeira da qual não tinha controle (vs. 3). Ao concordar em co-assinar, mediante uma promessa verbal, ele caiu em tribulação séria” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). “Até aqui era um homem livre, mas agora está preso. Jovens descuidados pensam que proferir algumas poucas palavras e dar a mão a apertar de maneira superficial, solucionam todas as coisas. Esses se esquecem de quanto peso pode haver em uma afirmação aligeirada” (Fausset, *in loc.*). “Dá o que poderes, mas exceto em casos extremos, não te tornes fiador de ninguém” (Adam Clarke, *in loc.*).

Experiência Pessoal. Em meus trinta anos como professor universitário da UNESP, por muitas vezes tornei-me fiador de estudantes, pelas propriedades por eles alugadas. Naturalmente, houve dores de cabeça. Em um dos casos, os estudantes deixaram o apartamento em péssimo estado e vários reparos tinham de ser feitos. Eles tinham usado um dos dormitórios para fazer churrasco e haviam queimado o soalho a ponto de este não ser mais utilizável. O soalho inteiro precisou ser substituído. Em um outro caso, o apartamento foi tão danificado que a coisa toda precisou ser refeita. O proprietário, confuso com aqueles estudantes devido às leis do aluguel, contentou-se em fechar o seguinte acordo: eles simplesmente sairiam e cuidariam dos reparos. Em ambos os casos, fui chamado ao tribunal como fiador e considerado responsável pelo pagamento dos danos; mas em ambos os casos fui livrado de ter de fazer os pagamentos pela decisão de bons proprietários. Estudantes que queiram alugar apartamentos? Nunca mais! Por outra parte, a maioria dos estudantes cumpria as suas promessas, pagava os aluguéis e cuidava razoavelmente dos apartamentos. Um dos estudantes disse-me que apenas três professores tinham coragem de tornar-se fiadores, e eu era um deles. Minhas experiências mostram-me a razão disso.

6.3

Agora, pois, faz isto, filho meu. Ver as notas expositivas sobre isso, no vs. 1. O pai espiritual dava conselhos financeiros ao filho espiritual, e esses conselhos resultam em um apelo à piedade do proprietário, o homem rico e dotado de poder para fazer qualquer coisa que queira. A lei estava, definitivamente, do lado do credor. O homem que fizera promessas precipitadas não podia alterá-la, mas era capaz de tocar no coração do credor para que este não a aplicasse rigidamente.

A Abordagem Humilde. Os homens gostam de ser arrogantes e fazer ameaças. Algumas vezes, porém, uma abordagem humilde funciona melhor. Não precisamos então ser humildes no coração, mas tão-somente com palavras cuidadosamente escolhidas. O jovem, neste caso, foi aconselhado a ser humilde e a implorar.

Importuna. Literalmente, no hebraico, temos um verbo que significa “cerca”. Se o homem quisesse livrar-se de aquele local apertado, teria de fazer um esforço geral, chorando e pleiteando. Se uma ave caísse presa em uma rede, faria qualquer coisa para livrar-se, pois sua vida estaria em perigo. A vida financeira do fiador estava em perigo. Ele tinha sido um negociante imprudente. O remédio teria de ser dado de graça, e não alicerçado sobre a lei, e nisso há uma lição espiritual embutida. É natural, pois, que este versículo seja cristianizado para falar das condições de penúria do pecador, enquanto se estiver apelando para a lei.

6.4

Não dê sono aos teus olhos. O caso era urgente. O estudante insensato não podia quedar-se a esperar, na esperança de que as coisas se resolvessem automaticamente, sem esforço. O homem tinha apenas uma esperança, que consistia em conseguir alguma mudança no coração do credor. O homem “humilde” tinha de perder o sono até completar seu trabalho, uma hipérbole oriental que indica tomar decisões imediatas e decisivas, e não que o homem não podia deitar-se na cama enquanto o seu problema não fosse resolvido. Cf. Sal. 132.4 quanto a uma declaração similar.

6.5

Exemplos a Serem Seguidos no Reino Animal. A tensão financeira do homem se exemplificava no reino animal. A gazela e os pássaros não são criaturas inteligentes como o homem, mas o cérebro delas, em miniatura, tipo computador, contém informações suficientes para saber quando a vida está sendo ameaçada. Eles conhecem alguns truques e, ocasionalmente, sabem escapar das redes, ou então, quando apanhados nas armadilhas preparadas para eles, conseguem livrar-se. O lobo pode roer parte de sua perna quando é apanhado em uma

armadilha. É melhor perder parte da perna do que perder a vida. “... uma ave não tem pouca consideração para com a sua liberdade” (Fausset, *in loc.*), e, realmente, sem a liberdade, o homem terá perdido sua possessão mais preciosa. A essência dos esforços do estudante para libertar-se era mostrar-se humilde e clamar, pleitear, implorar, até que o homem com poder e dinheiro não aplicasse a lei, conforme poderia fazer. Provavelmente, o credor não perdoaria a dívida toda, mas poderia baixá-la até o ponto em que o fiador conseguisse fazer o pagamento.

Advertência contra a Preguiça (6.6-11)

6.6

O autor mudou de assunto, mas continuou a advertir sobre questões financeiras. Mais freqüente que o problema do fiador, abordado nos vss. 1-5, é o da pobreza produzida pela negligência e preguiça. Em ambos os casos, a sabedoria é um auxílio do homem, e havia declarações sábias que os mestres podiam manipular para tentar ajudar aos que estivessem enfrentando outro tipo de angústia financeira.

Vai ter com a formiga. Há no *Dicionário* um artigo chamado *Formiga*, que apresenta material que pode ser usado para ilustrar a presente seção. A despeito de seu minúsculo tamanho e fraqueza (ver Pro. 30.25), as formigas são trabalhadoras diligentes e conseguem sobreviver galhardamente, seja qual for a sua espécie. Elas atacam quando o ferro ainda está quente, conforme dizemos em uma expressão idiomática moderna, fazendo provisões completas para os meses frios do inverno, quando o tempo se torna menos propício para juntar alimentos. Em contraste com as formigas, os homens, presumivelmente fortes e inteligentes, sofrem para simplesmente sobreviver, com freqüência por causa de uma desavergonhada preguiça.

O preguiçoso. No hebraico, *‘acef*. Esta palavra hebraica confina-se ao livro de Provérbios. Significa preguiça e negligência física, mas pode ter outras conotações. Em Pro. 15.19, esse homem é contrastado com o homem reto, subentendendo que há algum pecado, na vida do preguiçoso, que o faz ser o que é. Ou então a preguiça é chamada pecado, ou ambas as coisas. O homem preguiçoso é um irresponsável (ver Pro. 30.25). Quanto aos usos dessa palavra, ver Pro. 6.6,9; 10.26; 13.4; 20.4 e 26.16. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Preguiça* e *Preguiçoso*. Cf. Pro. 22.13 e 24.30-34.

Como é óbvio, a preguiça é um problema social. Se a pobreza tem muitas causas, uma delas é que certas classes de pessoas não têm o desejo de trabalhar nem podem ser inspiradas a fazê-lo. Elas preferem a pobreza ao trabalho. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Pobre, Pobreza*. Há pessoas tão preguiçosas que, se apanham um pouco de alimento com uma das mãos, acabam não comendo, por serem preguiçosas demais para levá-lo à boca (ver Pro. 19.24).

“O ócio é apenas o refúgio das mentes fracas e o feriado dos insensatos” (Lord Chesterfield). Os homens são perseguidos por muitas pragas, e a que é desculpada mais facilmente é a praga da inatividade infrutífera.

6.7

Não tendo ela chefe, nem oficial, nem comandante. As pessoas preguiçosas deveriam ser inspiradas pelas formigas. Abaixo, nas notas expositivas sobre este versículo e o seguinte, o leitor poderá acompanhar algumas questões importantes nos dois pontos abaixo:

1. Sem líder evidente. As formigas, de pleno acordo, concordam em fazer o que precisa ser feito. A maioria dos homens, para trabalhar, precisam de alguém que lhes diga o que fazer. Pesquisas modernas demonstram que as formigas dispõem de um intrincado sistema de organização, mas não é claro que elas comuniquem seu sistema umas às outras. Um formigueiro é um lugar muito atarefado. Todos os membros do formigueiro trabalham. Portanto, é verdade o que diz Poor Richard, em seu *Almanaque*: “Ninguém prega melhor do que a formiga, e, no entanto, ela nada diz”. Já o homem preguiçoso diz: “Há um leão nas ruas” (ver Pro. 26.13). E assim o preguiçoso nada tenta, pois engana-se e desiste antes mesmo de começar.

Chefe... oficial... comandante. Talvez o autor sagrado quisesse comunicar os tipos de poderes que os governantes exercem sobre o povo: o sistema judicial, a polícia e o poder executivo sobre uma comunidade. Ou, simplesmente, talvez tenha multiplicado palavras que implicam autoridade somente para dizer-nos que as formigas nada têm de análogo e, no entanto, são capazes de enviar um esforço coordenado que lhes salva a vida. Quanto mais podem fazer os homens com seu intrincado sistema de líderes?

6.8

No estio prepara o seu pão. O autor sacro continua aqui a mostrar as qualidades da formiga, que deveriam inspirar as pessoas preguiçosas:

TRABALHO E PREGUIÇA

Vai ter com a formiga, ó preguiçoso,
considera os seus caminhos,
e sê sábio. Não tendo ela chefe,
nem oficial, nem comandante,
no estio prepara o seu pão,
e na sega ajunta o seu mantimento.

Provérbios 6.6-8

A DESGRAÇA DA PREGUIÇA

Na civilização não há lugar para o ocioso.

Henry ford

Dentre todas as nossas faltas,
aquela que desculpamos mais
facilmente é o ócio!

François de la Rochefoucauld

O homem sem ambição é como a mulher sem beleza.

Frank Harris

2. A provisão diligente para o futuro, trabalhando no presente propício, é uma característica da formiga, que as pessoas preguiçosas não seguem. Os meses frios seriam fatais para as formigas, caso elas não fizessem estoque de alimentos para o inverno. As formigas trabalham durante o verão e dão toques finais nos preparativos durante o outono, isto é, o tempo da colheita, justamente antes de iniciar o frio. A Septuaginta e outras versões parecem pensar que é um erro deixar de fora do quadro a industriosa abelha, pelo que insulam esse inseto no texto sacro, mas certamente isso é apenas uma glosa. Era costume, entre os árabes, pôr uma formiga na mão de uma criança recém-nascida e proferir bênçãos como: "Que este menino cresça para ser um homem esperto!". Mas os preguiçosos não se importam em ser espertos como as formigas. Plínio (*História Natural* 1.11.cap. 30) dá-nos um exemplo da esperteza das formigas. Elas mordem as pontas das sementes para que não cresçam, mas permanecem alimentos para serem guardados durante o inverno. John Gill (*in loc.*) recomendava que os jovens, que têm a juventude e a força ao seu lado, juntassem riquezas para a idade avançada e períodos de enfermidade. Por certo essa é uma coisa que as pessoas poderiam fazer, e que os modernos planos de pensão têm atrapalhado tanto. Mas algumas pensões de aposentadoria são tão pequenas que até uma pessoa que formalmente se aposenta de algum trabalho realmente não conta com coisa alguma para terminar seus anos finais. Tais pessoas terminam dependentes de seus filhos ou da caridade pública. Algumas terminam em total angústia e pobreza abjeta.

6.9

Ó preguiçoso, até quando ficarás deitado? A partir deste versículo, o mestre deixa de lado a metáfora sobre as formigas e ataca diretamente o homem preguiçoso. Tal homem faz bem algumas coisas, como dormir e comer. Ali está ele agora, dormindo. Descansa por nada ter feito. O mestre procura despertá-lo do sono, mas ele continua deitado ali. Ainda não morreu de inanição porque alguém tem misericórdia dele, dando-lhe o bastante para comer. Ele possui pouco dinheiro, também dado pela caridade alheia, mas se encaminha rapidamente para a mais severa pobreza (vs. 11). As pessoas acabarão cansando de dar dinheiro a ele, sem resultado positivo algum. Esse homem dorme durante a noite e também durante o dia. Em contraste com tal homem, as formigas trabalham até durante a noite, à luz da lua. "O tempo não deve ser passado dormindo, com a negligência dos negócios desta vida, e certamente não com a negligência das realidades espirituais e da vida vindoura. Os homens não devem mostrar-se ociosos, nem nas coisas físicas nem nas coisas espirituais" (John Gill, *in loc.*).

*Não há lugar na civilização para o preguiçoso;
Nenhum de nós tem direito ao lazer.*

(Henry Ford)

6.10

Um pouco para dormir, um pouco para toscanear. Este versículo refaz ironicamente o vs. 9. O homem preguiçoso estava praticamente catáleptico. A carreira dele era feita do ato de dormir. O mestre gritou para ele, e ele conseguiu mexer-se um pouco. Mas logo recaiu no sono, dobrando as mãos sobre o peito, atitude de quem estava para dormir "um longo sono de inverno", conforme diz certo cântico de Natal. Esse homem sem dúvida tinha um problema tanto de atitude quanto de motivação.

O Ato Mais Preguiçoso Já Feito por um Homem. Um industrioso vendedor viajava velozmente em seu carro para certo destino. Mas ele fez uma curva errada e terminou em uma estrada que não lhe era familiar. Em breve estava inteiramente perdido. Viu um homem deitado debaixo de uma árvore, pelo que parou, dirigiu-se a ele e pediu orientação. O homem não se moveu de sua posição deitada, mas levantou uma das pernas e, com o artelho grande do pé, apontou para o lado certo. O industrioso vendedor disse a ele: "Se você me puder mostrar um ato mais preguiçoso do que esse, eu lhe darei cinco dólares". O preguiçoso replicou: "Basta que você me role de barriga para baixo e ponha os cinco dólares no bolso de trás".

6.11

Assim sobrevirá a tua pobreza como um ladrão. O homem era um vagabundo, alguém que saiu de alguma rua deserta, inesperadamente. Mas alguns estudiosos apontam para uma pessoa má, que andava à caça de alguma má ação para praticar, um mero ladrão. Ou então a figura era simplesmente de alguém que viajava passo a passo, até que, finalmente, chegou ao seu destino. Nesse caso, está em foco a inevitabilidade da chegada da pobreza. Ellicott diz aqui: "Alguém que se move rapidamente", e então aponta para Sal. 104.4, que fala sobre Deus "movendo as asas do vento". Enquanto o preguiçoso dorme, a

pobreza ocorre rapidamente a ele. Quando, finalmente, ele acorda, a pobreza será sua companhia constante e indesejada.

Como um homem armado. Ele seria atacado e destruído por um soldado, mostrando-se indefeso. Ou então um ladrão armado pode estar em vista. Seja como for, a incapacidade de defender-se do que possa acontecer eventualmente está sendo enfatizada. As versões da Septuaginta, da Vulgata e árabe tentam dar alguma esperança ao homem, com outra exortação feita pelo mestre: "Mas se fores diligente, tua colheita será como uma fonte, e a pobreza fugirá para longe de ti", o que certamente é uma glosa. Ver as declarações sobre os vss. 10 e 11, que se repetem em Pro. 24.33,34.

Décimo Segundo Discurso: Valor da Sabedoria para Salvar da Dissensão (6.12-19)

Encontramos aqui o décimo segundo discurso dentre os dezesseis que constituem o primeiro livro de Provérbios (1.8-9.18). Certas pessoas enganadoras e naturalmente descontentes costumam despertar a contenda como um passatempo. Elas se engajam em sete pecados específicos que são odiosos para Deus (ver os vss. 16-19). Os desastres comunais resultam da obra impensada delas. O homem perverso, para despertar as dissensões que tanto apreciam, rebaixar-se-á e mentirá para conseguir seus propósitos distorcidos. Mediante olhares furtivos e referências crípticas, ele dá a impressão de que sabe mais do que realmente sabe, e o que ele sabe tem poder de criar sentimentos maus na comunidade. "Por onde quer que vá, tal pessoa lança suspeitas e cria discórdias entre os seus conhecidos. É a perdição da sociedade" (Charles Fritsch, *in loc.*).

6.12

O homem de Belial, o homem vil. É um homem vil aquele que faz o que será descrito. De fato, é um "homem de Belial" (o hebraico literal da segunda descrição). No judaísmo posterior, *Belial* é um dos nomes de Satanás personificado. Ver sobre esse termo no *Dicionário*. Mas aqui a sua raiz significa "uma pessoa sem valor", um homem depravado. Esse homem tem uma boca torta, uma boca que fala mentiras e calúnias, procurando alguma coisa maliciosa para proferir contra outras pessoas. Tal pessoa sente prazer em falsos rumores que causam dissensão entre os homens. Ele "anda ao redor com calúnias" (Sal. 73.9) e sai ao redor ferindo as pessoas e assassinando a reputação delas. Cf. Pro. 2.15 e 4.24; e a última dessas duas referências dá uma ordem direta contra tais atos. Esse homem é um técnico em linguagem perversa. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da*. Ver sobre *Belial* também em Pro. 16.27 e 19.28. Cerca de cem versículos do livro de Provérbios tratam do uso da linguagem.

6.13

Acena com os olhos, arranha com os pés. Esse homem tem vários gestos perversos que sugerem que ele sabe mais do que faz, e aquilo que ele faz está condenando outras pessoas. Ele tem seus pequenos segredos que, se forem revelados, semeiarão a dissensão, e ele espera pelos momentos mais dramáticos para dizer alguma coisa que choque o ouvinte.

Os três sinais ou gestos são os seguintes:

1. Ele pisca um olho como quem sabe das coisas e diz: "Espere somente que eu lhe diga o que sei sobre um homem que você achava que era bom".
2. Então ele faz certos gestos tolos com os pés para que você possa notar. Ele sacode os pés, o que subentende que ele conhece algum grande segredo. Não temos esse gesto em nossa sociedade ocidental, pelo que não possui significação para nós.
3. Ele faz gestos com os dedos, como apontar o dedo indicador para alguém; com esse gesto, a nossa sociedade está familiarizada. Alguns eruditos pensam que os sinais aqui referidos são feitos conspiradores que perfazem esse grupo maléfico e lhes dizem quando mover-se para fazer alguma vítima. Mas os ataques parecem ser verbais, e não atos de violência física.

6.14

No seu coração há perversidade. Esse homem dá sinais externos de sua corrupção interior, visto haver perversidade em seu coração. Ela haverá de manifestar-se de várias maneiras. O homem está constantemente inventando alguma maldade para dizer ou fazer, maquinando o mal. Vive constantemente semeando contendas, sem nenhum motivo (ver Pro. 3.30, quanto a notas expositivas completas). "Não contendas com um homem, sem motivo". Isso é o que nos diz a sabedoria, mas esse homem vil desfruta de contenção e de brigas. É um jogo doentio que ele joga *ad nauseum*. "A dissensão (Pro. 6.19) é causada pelo ódio (10.12) e pelo temperamento descontrolado (15.18), pela perversidade (16.28), pela ganância (28.25) e pela ira (29.22). Cf. também Pro. 17.1; 18.6; 20.3; 22.10; 23.29; 26.21 e 30.33.

O USO APROPRIADO E INAPROPRIADO DA LINGUAGEM EM PROVÉRBIOS

Usos Perversos	Usos Saudáveis
• Mentiras: 6.16, 17; 12.19; 17.4; 19.5; 21.6; 26.28 • Calúnia: 10.18; 30.10 • Mexerico: 11.13; 16.28; 20.19; 26.20,22 • Falando demais: 10.8; 17.28; 18.2; 20.19 • Testemunha falsa: 12.17; 14.5; 21.28; 25.18 • Escárnio: 13.1; 14.6; 15.12; 17.5; 19.29; 21.11; 22.10; 24.9; 30.17 • Palavras ásperas e cortantes: 10.31; 12.18; 14.3; 15.1; 17.4; 19.1, 28 • Jactância: 17.17; 20.14; 25.14; 27.1-2 • Brigas: 13.10; 15.18; 17.14; 19.13; 20.3; 21.9; 22.10; 25.24 • Engano: 7.19-20; 12.2; 15.4; 25.23 • Lisonja: 26.28; 28.23; 29.5 • Conversa leve, ignorante e tola: 14.7; 15.2; 18.6-7	• Encorajamento dos outros 10.11; 12.14; 15.4; 18.4, 20-21 • Palavras de sabedoria para instruir: 10.13; 14.3; 15.2; 16.10; 20.15 • Poucas palavras selecionadas para encorajar e instruir outros: 10.19; 11.12; 13.3; 17.27 • Palavras gentis e apropriadas para qualquer situação de necessidade: 10.32; 12.25; 15.1; 16.24; 25.11,15 • Palavras de verdade para repreender, instruir e encorajar: 12.17; 14.5,25 • Palavras cuidadosamente selecionadas para aplicar a qualquer situação: 13.3; 15.28; 16.23; 21.23

ANTES DE FALAR

Faz tudo passar diante de três portas de ouro:
 As portas estreitas são: A primeira — É verdade?
 Em seguida — É necessário? Em tua mente
 Fornece uma resposta veraz. E a próxima
 É a última e mais estreita — É gentil?
 Se tudo chegar, afinal, aos teus lábios,
 Depois de ter passado por essas três portas,
 Então poderás relatar o caso, sem temeres
 Qual seja o resultado de tuas palavras.

Beth Day

Não saia da vossa boca nenhuma palavra
 torpe, e, sim, unicamente a que for boa para
 edificação, conforme a necessidade,
 e assim transmita graça aos que ouvem.

Efésios 4.29

*Um sobrinho de Henry James perguntou:
 “O que é que devo fazer com minha vida?”
 A resposta de James foi: “Há três coisas
 importantes nesta vida:*

*Seja gentil.
 Seja gentil.
 Seja gentil”.*

Anda semeando contendas. Ele é como um agricultor perverso e louco que propositadamente sai a semear ervas daninhas, plantas prejudiciais e venenosas em lugar de boas sementes. Tal homem seria expulso de sua comunidade, mas agricultores de boca suja se movem livremente entre nós e até reúnem discípulos.

O Targum dá aqui um simbolismo diferente, fazendo o homem "projetar brasas de fogo" que causam muitos incêndios. Em outras palavras, o homem é um incendiário.

6.15

Pelo que a sua destruição virá repentinamente. Esse homem terá uma má colheita, pessoalmente, visto que tem semeado semente má em detrimento de seus semelhantes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Ele tinha saído disfarçadamente, tentando prejudicar outras pessoas com suas contendas sem causa, ou seja, sem motivo real. Mas o seu julgamento dar-se-á abertamente, publicamente, decisivamente. Alguma calamidade haverá de sobrevir-lhe: ele será assaltado, ferido e morto; adquirirá alguma doença temível; ou sofrerá algum acidente. Ele morrerá de morte prematura, e Deus será a causa de seu fim. Ele será julgado sem remédio. Em outras palavras, nunca se recuperará daquilo que emprega total incapacidade ou morte. Esse homem vil será executado pela mão de Deus. "A queda desse homem é rápida, completa e certa" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). "Ele será como um vaso de barro que se quebrou, e, uma vez quebrado, não mais poderá ser emendado. A ruína desse homem é súbita, inevitável e irreparável" (John Gill, *in loc.*).

Advertência contra Sete Pecados Mortais (6.16-19)

6.16

Seis cousas o Senhor aborrece. A atividade do safado que acaba de ser descrito trouxe à mente do mestre aqueles pecados comuns, mas fatais, que homens perversos tão freqüentemente cometem. Essas seis coisas, que logo se transformam em sete, compõem um artifício literário que também pode ser visto no capítulo 30 do livro de Provérbios e nos Provérbios de Ahikar e na literatura ugarítica. A progressão de seis coisas para sete tem por intuito chamar nossa atenção, o que realmente consegue fazer, subentendendo que o autor está provendo uma lista completa (representativa) de coisas que Deus aborrece. Cf. Amós 1 e 2. Essa lista enfatiza a abominação envolvida em tal iniquidade. Ver Pro. 3.32 quanto a isso. O texto sagrado, como é óbvio, refere-se a Deus como quem vê e sabe, e então age. Ele não se mostra indiferente para com o que os homens fazem. Ele abençoa os bons e retalia contra os feitos dos ímpios. É um Deus teísta, e não um Deus deísta. Em outras palavras, Deus é o Criador que não abandonou a Sua criação, mas recompensa, castiga, intervém e aplica tanto Sua providência negativa quanto sua providência positiva. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teísmo*. O *Deísmo* (ver também no *Dicionário*) ensina que o Poder criador abandonou a criação aos cuidados das leis naturais.

"Ele aborrece seis coisas, mas a sétima é pior do que todas. Essa forma numérica de provérbio, intitulada *middah*, também foi empregada por escritores posteriores e pode ser encontrada em Pro. 30.1,16,18,21,22,23,29-31; Jó 5.19; Amós 1.3-2.1; Eclesiástico 23.16; 25.7; 26.5,38" (Ellicott, *in loc.*).

6.17-19

Olhos altivos, língua mentirosa. Há sete coisas que Deus abomina. Cf. estes pontos:

1. *Olhos altivos.* Ver Pro. 30.13. Note como várias partes do corpo são empregadas para produzir o ensino. O homem mau emprega tudo quanto é e tem para praticar seus atos maus. Quanto aos *olhos altivos*, que significam que o homem tem um coração altivo, ver Pro. 8.13; 30.13; Sal. 18.27 e 101.5. Ver também I Ped. 5.5 e Mat. 5.3. "... o olhar altivo, o desdém contra outros, considerados indignos de ser olhados, pois o indivíduo tinha-se em alta conta, o pecado dos anjos, o pecado por trás da queda: o orgulho, a primeira das sete coisas aborrecidas a serem listadas" (John Gill, *in loc.*, com algumas adaptações).
2. *Língua mentirosa.* Apanhando o que acabava de ser descrito com detalhes, nos vss. 13-16. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mentira (Mentiroso)*, quanto a plenas anotações sobre a idéia. Cf. Pro. 12.19; 21.6 e 26.28. Esse é um dos pecados mais comuns entre os homens, embora muitos o considerem uma falta leve. De fato, é referido entre sorrisos e piadas. Mas Deus aborrece tal pecado e, para Ele, esse pecado é abominável.
3. *Mãos que derramam sangue inocente.* Os culpados são assassinos. Ver Pro. 1.11,12 quanto a uma vívida descrição. Cf. Pro. 1.16; Isa. 1.15; Rom. 3.15.
4. *Coração que trama projetos iníquos.* Está sendo descrito aqui o homem iníquo, cujo homem interior, o coração, a alma, é corrupto, o que se torna a fonte originária de todos os tipos de planejamento maligno, visando o benefi-

cio próprio em detrimento de outras pessoas. Tal homem inventa inúmeras imaginações, que são planos para a prática do mal. Ele dedica sua vida a traçar planos complicados, que produzam confusão. O homem corrupto é corrupto de dentro para fora. Não há nele sanidade espiritual. Ele é pútrido e espalha sua putrefação com alegria feroz. Cf. Gên. 6.5. Más imaginações resultaram no julgamento do dilúvio. Cf. o vs. 14 deste capítulo, onde encontramos o mesmo tipo de pecado. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Coração*.

5. *Pés que se apressam a correr para o mal.* Aquilo que é planejado no coração logo é posto em prática na realidade, pelos pés, os agentes dos movimentos corpóreos e das expressões externas. Esses pés ruins correm, em lugar de andar. A pessoa se vê ansiosa para praticar o mal. O homem tem uma mente criminosa. Tal homem desfruta do mal. Ver Pro. 1.11 ss., onde vimos esse tipo de atitude e ação. Esses homens não cedem diante das tentações após um período de luta. Antes, já se entregaram ao mal. São escravos das concupiscências e de atos deprimentes. Vivem para prejudicar seus semelhantes. São pecadores profissionais. Pecar é a única razão de sua existência. Cf. Isa. 59.7; Rom. 3.15. Essa gente opera obras de iniquidade com ganância e alegria.

Porque os seus pés correm para o mal, e eles se apressam a derramar sangue.

(Provérbios 1.16)

6. *Testemunha falsa que profere mentiras.* Temos aqui o pecado de dizer mentiras em tribunal, buscando prejudicar algum oponente. Ver Sal. 27.12; Pro. 19.5,9 e 27.12. Esse pecado desobedece ao Décimo Mandamento. Ver Êxo. 20.16; 23.1,7 e Deu. 5.20.
7. *O que semeia contendas entre irmãos.* Cf. Pro. 3.30, onde dou notas adequadas sobre a questão. Este é o sétimo pecado da lista e, presumivelmente, o pior de todos, embora não pareça haver uma progressão de males menores para maiores, dentro dessa enumeração. Se semear a discórdia entre irmãos é algo terrível, e está sucedendo com tal freqüência em nossas igrejas de hoje em dia, também podemos dizer que dificilmente é pior do que o assassinato (o terceiro pecado da lista, vs. 17). Quanto a como é desejável que reine a harmonia entre irmãos, ver a vívida passagem de Sal. 133. Ver o vs. 14 deste capítulo quanto ao homem mau que semeia discórdias. Semear a discórdia "... quer em um relacionamento natural, quer em uma sociedade civil, quer na comunidade religiosa" (John Gill, *in loc.*).

A origem de todas as guerras, a fonte de todos os males está em nós.

Pierre Lecomte Du Nouy)

Quão incrível é que, nesta frágil existência, nos odiamos e nos destruamos mutuamente. Existem possibilidades suficientes em todos nós que queiram abandonar o domínio sobre outras pessoas, para buscarmos o domínio sobre a natureza. O mundo é grande bastante para todos buscarem a própria felicidade à própria maneira.

(Lyndon B. Johnson)

Décimo Terceiro Discurso: o Valor da Sabedoria para Salvar da Imoralidade Sexual (6.20 – 7.27)

Este é o décimo terceiro dentre os dezesseis discursos que compõem o primeiro livro de Provérbios — 1.8 – 9.18. Por cinco vezes, no primeiro livro de Provérbios, o mestre (pai espiritual) adverte os seus alunos (seus filhos espirituais) contra os pecados sexuais. Ver Pro. 2.16-19; 5.3-34; 6.20-35; o capítulo 7 inteiro; e 9.13-18, onde a insensatez, personificada como uma mulher, sugere o assunto, embora sem mencioná-lo especificamente. Esse tema obviamente atraía muita atenção.

Pro. 6.20 – 7.27 é a mais longa seção do primeiro livro dos Provérbios, e era apenas natural e até mesmo inevitável que atacasse o ponto mais fraco do homem, o apetite sexual, que está sujeito a toda espécie de perversão. As declarações de sabedoria falam francamente acerca desse pecado. Os hebreus não eram um povo pudico em demasia, e ninguém corava diante de afirmações salgadas. A sabedoria fala sobre a desilusão do amor ilícito, e sobre como o remorso sem dúvida se seguirá, o que pode incluir até uma morte amarga, o julgamento de Deus contra a perversão.

6.20

Filho meu, guarda o mandamento de teu pai. O mestre (o pai espiritual do estudante) relembrou o filho espiritual sobre como sua mãe e seu pai biológicos lhe tinham dado certos ensinamentos vitais, incluindo os que dizem respeito aos pecados sexuais. Portanto, raramente essas instruções resultam em grande bem. Elas não podem impedir as tentações, e poucos filhos tentam fazer as tentações

cessar, quando elas, finalmente, aparecem. Isso, entretanto, não isenta mães e pais de falarem as palavras certas sobre a questão, na esperança de que suas palavras surtam um bom efeito. Quanto às cinco passagens que falam dos pecados sexuais no primeiro livro de Provérbios, ver as notas de introdução à presente seção. O mestre tentou reforçar os próprios ensinamentos, lembrando ao seu estudante que seu pai e sua mãe já lhe haviam dito coisas semelhantes. Por conseguinte, a atenção do aluno foi chamada, de maneira especial, para esses ensinamentos. Cf. Pro. 1.8, onde o mesmo método de instrução é empregado. O estudante já havia sido treinado em casa, antes de chegar à escola do mestre.

6.21

Ata-os perpetuamente ao teu coração. O estudante foi aqui convidado a atar os ensinamentos recebidos ao seu homem interior, ao seu coração, à sua consciência, à sua alma, na esperança de que essas instruções, na hora do teste, o salvassem dos pecados sexuais. Mas coisa alguma é dita a respeito do ministério do Espírito Santo. As declarações sábias foram concebidas como suficientes para guiar na vida reta, a saber, a aplicação da lei como guia (Deu. 56.4 ss.). Contudo, a palavra *coração* implica mais do que o mero aprendizado intelectual e o assentir mental ao valor da verdade das declarações. Deve-se presumir que algo mais profundo esteja em pauta. Pro. 3.3 é bastante similar, e as notas expositivas a respeito servem para ilustrar a passagem presente. Ver também Pro. 7.3. Cf. este versículo com Deu. 6.6-8.

6.22

Quando caminhares, isso te guiará. Uma vez ligadas ao homem, as declarações de sabedoria, que são comentários sobre a lei mosaica, serão o seu guia e norma orientadora. Quando ele sair, terá a lei como seu companheiro; outro tanto quando se deitar; e quando estiver dormindo, igualmente, pois até mesmo então os mandamentos cuidarão dele, instruindo até sua mente subconsciente e seus sonhos. As declarações de sabedoria serão seu companheiro de todos os instantes e, dessa maneira, haverão de resguardá-lo de desviar-se para as coisas proibidas a que o coração humano, tendente ao desvio, naturalmente se inclina.

Tu me guias com o teu conselho, e depois me recebes na glória.

(Salmo 73.24)

O seu prazer está na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite.

(Salmo 1.2)

Quanto ao que a lei, supostamente, significava para os hebreus, ver a nota de sumário em Sal. 1.2. Quanto à lei de Moisés como o guia da vida de um homem, ver Deu. 6.4 ss.

A lei é aqui apresentada como “uma enfermeira, uma mestra, uma guardiã, de dia e de noite. Um homem reto avança dirigido pela Palavra de Deus e guiado pelo Seu Espírito” (Adam Clarke, *in loc.*).

Jarchi espiritualizou este versículo, fazendo o sono corresponder à morte. O homem continua ali sob a mão de Deus, e recebe a vida eterna.

6.23

Porque o mandamento é lâmpada e a instrução luz. Mediante o uso de três palavras para indicar a lei, o autor sacro enfatiza a sua mensagem. Cada título recebe sua devida função:

1. O mandamento é uma lâmpada que ilumina o caminho do homem bom. Sua vereda é iluminada. Quanto a esse conceito, ver Pro. 4.18. A palavra para “mandamento”, neste passo bíblico, é *torah*, usada para a lei e para os livros da lei, o Pentateuco. A palavra “lâmpada”, aqui usada (no hebraico, *ner*), significa basicamente uma lamparina, o tipo de lâmpada mais comum conhecida pelos antigos. Ver Sal. 119.105 quanto a uma declaração similar.
2. A instrução (no hebraico *miçwah*), que é a interpretação da lei, é luz (iluminação, luminária). Os ensinamentos, dados com as devidas interpretações, provêm luz para a vereda pela qual segue o homem bom.
3. As repreensões da disciplina são a vereda, isto é, o caminho da vida. Em outras palavras, a lei, sob várias considerações, é vista como tudo-em-tudo para os hebreus, tal como Cristo é para os cristãos. “Para mim, o viver é Cristo” (Fil. 1.21). A repreensão conserva o homem na vereda certa, e ele evitará a vereda do homem maligno. Quanto às duas veredas contrastadas, ver Pro. 1.14 ss.; 2.8,9,18-20. Ver a *tríplice designação da lei*, em Deu. 6.1. Quanto aos dez designativos aplicados à lei, ver a introdução ao Salmo 119. “A disciplina (ver Pro. 1.2,7), embora dolorosa (ver Heb. 12.11), ajuda a conservar a pessoa na vereda certa, levando-a ao caminho da vida” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

6.24

Para te guardarem da vil mulher. Depois de uma elaborada introdução (vss. 20-23), o mestre chega agora ao ponto central desta seção: as declarações da sabedoria, uma expressão da lei, se foram corretamente acolhidas e observadas, entrando no coração do indivíduo, podem salvá-lo de pecados sexuais. Esse tema foi enfatizado no capítulo 2 (vss. 16-19), bem como no capítulo 5 (vss. 3-23). Será o assunto abordado pelo capítulo 7, em sua inteireza; e então reaparecerá novamente (por inferência) em Pro. 9.13-18.

Vil mulher. A mulher sedutora, a prostituta, a adúltera. É curioso que, em todas as passagens que exortam contra os pecados sexuais, não há nenhuma instrução para o homem não tentar seduzir a mulher, o que, obviamente, é o problema número um no jogo do sexo. É difícil acreditar que, na antiguidade, os homens fossem puros, e as mulheres fossem corruptas. Na literatura da sabedoria há certo preconceito contra as mulheres, de modo que, com freqüência, elas são retratadas como sensuais, ao passo que os homens aparecem como vítimas dos encantos e dos esquemas delas. Pro. 2.16 é virtualmente igual a este versículo, pelo que convide o leitor a examinar aquela passagem. Pro. 7.5 é outra repetição virtual dessas mesmas palavras.

6.25

Não cobices no teu coração a sua formosura. Vamos encarar de frente a questão — os homens se sentem tremendamente atraídos pela beleza das mulheres; e enfrentemos a questão diretamente: apreciar essa beleza (que é real!) já é um ato sexual, porquanto é difícil, se não mesmo impossível, separar os pensamentos sexuais da apreciação da beleza feminina. Jesus recomendou que não desejássemos as mulheres (ver Mat. 5.28), e presumimos que isso é possível, mas não parece haver exemplos vivos ao redor, para o qual possamos apontar e dizer: “Ele conseguiu!” — isto é, ele chegou ao ponto de olhar para mulheres bonitas e não desejá-las. Certa ocasião, ouvi um sermão no qual o pastor presumia que o primeiro olhar é inevitável. Mas um homem tem em seu poder não olhar segunda vez!

Tendo olhos cheios de adultério e insaciáveis no pecado.

(II Pedro 2.14)

Além de ser bonita, a jovem descrita neste versículo era sedutora e cheia de truques, e entre esses truques estava o que ela fazia com a língua, usando palavras suaves e de lisonja (vs. 24), bem como olhares de conquista que ela podia lançar, movimentando as pálpebras. As mulheres costumavam pintar as pálpebras e abaixo das sobrancelhas, que sempre estiveram entre as decorações femininas, e empregavam essas pinturas no jogo da sedução. Cf. II Reis 9.30 e Eze. 23.40.

Adam Clarke (*in loc.*) mencionou alguém que havia dito: “Os olhos delas parecem estar nadando na bem-aventurança”. E, naturalmente, elas anelavam por compartilhar suas bênçãos com homens amigos.

Nem te deixes prender com as suas olhadelas. A jovem mulher preparava uma armadilha, e com que facilidade ela captura a sua presa! A imagem da armadilha significa, naturalmente, que a vítima morre no fim. A aranha viúva-negra encoraja o macho a ocupar-se no ato sexual, que a fertiliza para toda a vida, e então o mata e o come; mas, presumivelmente, ele morre feliz.

6.26

Por uma prostituta o máximo que se paga é um pedaço de pão. Este versículo, de modo bastante interessante, contrasta a adúltera com a prostituta. O contato com uma prostituta é algo relativamente inofensivo. Em primeiro lugar, ela pode recolher para si mesma apenas um pão, em troca de seu serviço. Naturalmente, o autor está falando de mulheres de baixa categoria. Já Pro. 5.9,10 conta outra história. Alguns envolvimento com uma prostituta poderão custar a um homem seu dinheiro e suas propriedades, e até a própria vida. Naturalmente, estes versículos podem estar falando sobre a adúltera, e não sobre a simples prostituta. Um amigo missionário que trabalhou em um país latino-americano disse-me que na área onde ele trabalhava havia duas coisas baratas, “bananas e mulheres”. Ao falar desses países latino-americanos, estamos falando das horrendas condições econômicas que forçam as mulheres a fazer quase qualquer coisa para conseguir dinheiro para sobreviver. Contudo, uma mulher adúltera sofisticada é outra questão. Ela não busca apenas o sexo. Quer o dinheiro de suas vítimas e continuará a perseguir o sujeito. Talvez ela continue casada e faça seu jogo com a aprovação ou sem a aprovação do marido. Ela anda à cata da própria vida de suas vítimas, ou querendo uma relação duradoura, que custe muito no fim, ou usando o relacionamento como uma maneira de sobrevivência ou enriquecimento. Ela usará de ameaças: “Darei tudo a meu marido!”. Ou então, se já se

estiver separada do marido, empregará meios para obter tudo quanto puder. Essa mulher pode, eventualmente, levar um homem à ruína, conforme encontramos em Pro. 2.18,19; 5.5,9,10,14; 7.22,23,26,27. "A imoralidade custa caro!" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

6.27

Tomará alguém fogo no seio, sem que as suas vestes se incendeiem? Este versículo é um truismo, sem importar se se refere ao fogo literal ou às chamas da paixão; o homem que aceitar qualquer dessas duas coisas certamente sairá queimado. Terríveis consequências devem ser esperadas de atos tão insensatos. Fazer sexo ilícito é brincar com fogo!

No seio. No caso das vestes, a dobra é aquela que se faz atravessando o seio e o colo. Como é óbvio, as vestes antigas tinham dobras, e não botões ou fechos de correr. No caso de roupas, o fogo deve ser considerado literal. No caso de uma mulher, entretanto, o fogo deve ser considerado figurado.

Disse Pitágoras: "É a mesma coisa cair no fogo do que cair em uma mulher" (Maximum, *Eclog.* cap. 39). As palavras hebraicas empregadas eram semelhantes quanto ao som: fogo é *esh*, e mulher é *ishah*.

6.28

Ou andará alguém sobre brasas... ? Andando sobre o fogo. Sabemos hoje em dia que é possível caminhar por cima do fogo. Místicos orientais, alguns espíritas e até pessoas não-religiosas, mediante meditação, têm sido capazes de fazer isso. Meu irmão, um missionário evangélico que trabalha no Suriname também tem feito isso. Ele foi desafiado a tal coisa por um médico-feiticeiro que acabara de andar por sobre o fogo, no esforço de embaracá-lo diante dos membros de sua igreja, para induzir o povo a abandonar a fé cristã. Sem preparação prévia (em contraste com os ritos a que o médico-feiticeiro se submetia), ele foi capaz de caminhar por cima de brasas vivas. Quando percebeu que seus pés não se queimavam, apagou as brasas com os pés descalços. Em seguida, na mesma ocasião, garrafas de cerveja foram quebradas e espalhadas ao redor, para que o médico-feiticeiro e meu irmão dançassem sobre os cacos de vidro. Ambos fizeram isso sem cortar os pés. E meu irmão disse que, quando viu que o vidro não estava cortando seus pés, pisou com força sobre os cacos e quebrou-os em pedaços ainda menores. Ao deitar-se, naquela noite, orou: "Oh, Senhor, se amanhã de manhã meus pés estiverem queimados ou cortados, então terás sofrido uma tremenda derrota". No dia seguinte, pessoas da vila vieram vê-lo. "Missionário, mostre-nos os seus pés", disseram eles. Ele lhes mostrou. Não havia um único golpe, uma única queimadura. E o povo disse: "Oh, Deus tem realmente poder!" Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Milagres*.

Seja como for, o mestre nunca tinha visto nem ouvido tal coisa, pelo que considerava tal coisa impossível. Envolver-se com uma prostituta ou uma adúltera e não ficar queimado era tão impossível como passar sobre brasas acesas com os pés descalços e não sofrer dano. O homem e a mulher adúlteros eram apedrejados, em consonância com a lei mosaica. Mas se a filha de um sacerdote se prostituísse ou adulterasse, seria queimada. Ver Gên. 38.24; Lev. 20.10; 21.9; Deu. 22.22-24. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Crimes e Castigos*.

6.29

Assim será com o que se chegar à mulher do seu próximo. Temos aqui um caso claro de adultério, e não de prostituição, e isso estava sujeito à punição capital, por força da legislação mosaica (ver Deu. 22.22-24). No judaísmo posterior, entretanto, a lei não era bem executada, pelo que o mestre não apelou para isso. Ele só tinha certeza de que haveria penalidades impostas contra tal infração. Talvez o marido ciumento matasse o culpado por causa do ocorrido (vs. 34); talvez requeresse muito dinheiro para "esquecer" o incidente (vs. 35). Mas as pessoas envolvidas sofreriam alguma punição divina específica. Brincar com esse tipo de fogo só poderia prejudicar os brincalhões. "Não há como escapar da terrível punição que espera pelo homem que se dá licença de experimentar o amor ilícito" (Charles Fritsch, *in loc.*). Cf. Núm. 5.19 ss. e Jó 9.28.

6.30,31

Não é certo que se despreza o ladrão, quando furta para saciar-se, tendo fome? Quase qualquer um furtará alimentos se estiver morrendo de fome, e, por essa razão, os homens mostram-se indulgentes com tal ladrão. Não obstante (vs. 31), se tal homem for apanhado, a lei contra ele pode ser executada. Nesse caso, ele terá de pagar sete vezes o valor do que fora furtado. Êxo. 22.1-4 prescreve cinco vezes, quatro vezes ou duas vezes, dependendo do tipo de furto que estiver envolvido. Um ladrão também podia ser vendido como escravo, nos casos mais graves. Uma devolução sete vezes maior é desconhecida nas leis judaicas, embora o número seja mencionado em relação aos julgamentos. Ver Gên. 4.24 e Lev. 26.28. Ou o mestre usou uma hipérbole oriental, ou usou o

número sete para indicar uma devolução completa e perfeita. Embora o homem tivesse roubado para comer, teria de satisfazer plenamente a lei quanto a essa questão. O ponto do presente versículo é que tal furto não é muito condenado pelos homens, ao passo que o adultério, uma espécie de furto, é pesadamente condenado, pelo que deve ser tratado com a devida dureza.

6.32

O que adultera com uma mulher está fora de si. Os vss. 32-35 subentendem que o adúltero certamente morrerá por seu crime. Se a lei não cuidasse do caso, o marido irado certamente o faria. Talvez ele pudesse conseguir um acordo, oferecendo dinheiro, mas o mestre duvidava que se pudesse chegar a um entendimento pelo oferta de compensação. Visto que as consequências seriam tão drásticas, o adúltero mostrou que a ele faltava o bom senso. Os poucos momentos de prazer custariam a própria vida. Esse homem não tinha entendimento — literalmente, coração, a sede da compreensão. Ele se viu arrebatado e, apesar de sua erudição, não fora capaz de resistir à beleza e aos namoricos da mulher (vs. 25). O ladrão escapara com vida, pagando uma pesada compensação, mas a compensação que o adúltero deu foi a sua própria vida. Seja como for, existem crimes que só podem ser pagos mediante a própria vida, embora muitos de nossos sistemas judiciais tenham perdido esse fato de vista. Não há, nesta passagem, nenhuma idéia de retribuição no além-túmulo, o que seria anacrônico neste texto. Embora nossa versão portuguesa não use a palavra "alma", ou "vida" — pois prefere dizer "arruinar-se", há um problema relativo à palavra hebraica *nephesh* ("sua própria alma", no dizer da King James Version). No judaísmo posterior, a palavra veio a significar a alma imaterial e imortal, mas isso ainda não tinha acontecido quando o livro de Provérbios foi escrito. Seja como for, o "adultério é uma espécie de suicídio" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Cf. o famoso caso do Novo Testamento, historiado no capítulo 8 do evangelho de João, quando Jesus salvou a vida de uma mulher adúltera, com base no fato de que nenhum homem era inocente o bastante para atirar a primeira pedra. Naturalmente, nesse caso, a graça entrou e anulou a usual penalidade imposta pela lei. Naturalmente, para entender tal graça, Jesus requeria o arrependimento. A graça estava começando a substituir a lei, e isso significa vida para o mundo inteiro.

6.33

Achará açoites e infâmia. Enquanto aquele que furtara o fizera por motivo de fome, o adúltero sofreria ferimentos e desgraças, e sua reprimenda nunca passaria. A lei requeria a sua morte (ver Deu. 22.22-24; Lev. 20.10), mas o texto nada diz sobre a antiga lei. É provável que o povo judeu tenha chegado a encarar a punição capital como severa demais para essa infração, ou então a aplicação da lei tivesse reduzido de tal modo a população masculina que uma legislação menos severa teve de ser decretada. Se a lei permitia que o homem fosse libertado, sendo castigado somente com uma pena mais leve (embora não especificada no texto), ainda assim ele teria de preocupar-se com o marido ultrajado, que estaria olhando para ele o tempo todo. O texto supõe que o homem fora apanhado, o que deve ter ocorrido com pequena porcentagem dos casos de adultério. Em alguns países o adultério termina em divórcio, mas em outros países, até hoje, espera-se que um homem praticamente mate seu desafeto, se sua honra tiver sido tão severamente ferida como um homem adúltero com a sua esposa; e o texto presente parece estar dizendo que assim acontecia no Israel pós-exílico.

Adam Clarke, usualmente bastante pudico quando comentava sobre textos como este, fez uma exceção e contou sobre certo costume romano. Se um homem fosse surpreendido em ato de adultério, um grande rabanete era enfiado em seu ânus e ali mantido. Sem dúvida, isso lhe causava grande desconforto, e talvez o homem chegasse a morrer devido à situação. Assim sendo, o homem sofreria desgraça e até sofrimentos físicos, se não mesmo a morte. E também temos o caso do rei Davi. A Bíblia não permitiu que o mundo esquecesse sua desgraça, quando ele cometeu o sério crime com a mulher de Urias.

6.34

Porque o ciúme excita o furor do marido. O marido, ao ouvir sobre o caso, talvez por meio da confissão da mulher (conforme com frequência acontece), por causa de seu louco ciúmes, caiu em estado de fúria, apanhou a espada e em breve estava batendo na porta do ofensor. Soube pessoalmente de um caso desses, exceto pelo fato de que o marido enganado tomou um revólver e estava pronto a matar o ofensor. E note que o marido ofendido era um pastor. Outro pastor convenceu-o a esquecer o assassinato. Mas o pastor ofendido (que era um bom pastor) desistiu do ministério e nunca mais voltou a pastorear.

Um marido ultrajado haveria de vingar-se do acontecido e não iria para a prisão por essa causa, pelo menos em Israel. Porém, assassinato é assassinato, e assim o marido ofendido acaba pior do que o homem a quem matou.

6.35

Não se contentará com o resgate. Peitas não funcionam nesses casos. O aterrorizado adúltero oferece generosos subornos, mas coisa alguma dá certo. O irado marido não está interessado em compensações. Simplesmente ele quer ver o culpado morto. A lei mosaica proibia o suborno (ver Êxo. 23.8; Deu. 16.19 e 27.25), e outro tanto fazem outras passagens do Antigo Testamento (ver Jó 36.18; Sal. 15.5; Eclesiastes 7.7; Isa. 33.15); como também faz o livro de Provérbios (6.35; 15.27; 17.8). Porém, quando se verifica adultério e assassinato, que é um suborno? A palavra hebraica usada para “suborno” é *kopher*, “cobertura”, qualquer coisa dada em lugar de punição. O Targum diz que um marido enganado não aceitaria a face de ninguém que quisesse pagar uma compensação; ou, em outras palavras, o marido não demonstraria respeito por tal homem; antes, não teria compaixão. Ele está atrás de satisfação, e não de dinheiro, e somente o assassinato o satisfaria.

Capítulo Sete

Continuamos aqui com o décimo terceiro dos dezesseis discursos que compõem o primeiro livro de Provérbios (1.8 – 9.18). Ver a introdução a esta seção, em Pro. 6.20. O assunto permanece sendo como evitar a mulher vil, a prostituta e a adúltera. Existem cinco passagens semelhantes no livro de Provérbios: Pro. 2.16-19; 5.3-23; 6.20-35; o capítulo 7 inteiro; 9.13-18 (por inferência, visto que estamos tratando da insensatez, personificada como uma mulher).

Cf. Pro. 7.1 com Pro. 2.1; 3.1 e 4.1. Tal como em Pro. 6.20-23, os vss. 1-4 do presente capítulo introduz o tema convidando o jovem estudante a ouvir as declarações da sabedoria em geral. Em seguida, o mestre aplicará essa questão aos pecados sexuais, produzindo declarações específicas de sabedoria.

7.1

Filho meu, guarda as minhas palavras. Esta é uma frase freqüentemente usada no livro de Provérbios, que comento em 6.1. O mestre (o pai espiritual) dirigiu-se a um estudante de sua escola de sabedoria (um filho espiritual) e lembrou-o de seus deveres e privilégios. As “palavras”, declarações sábias (todas elas baseadas sobre a lei de Moisés, como guia; ver Deu. 6.4. ss.), revestem-se de grande valor, e devem ser consideradas um tesouro, constituído pelos mandamentos (ver Pro. 2.1). Essas palavras transmitem vida e bem-estar, bem como prosperidade, se forem seguidas com diligência. Quanto a guardar as palavras, ver Pro. 3.1; 4.4,21; 6.20. Quanto a guardá-las como um tesouro, ver Pro. 2.1 e 10.14. Quanto a conservá-las, ver Pro. 3.18; 4.4; 8.35. Cf. o tesouro escondido em um campo (ver Mat. 13.44), bem como a pérola de grande preço (ver Mat. 13.46); e cf. Cristo como Aquele em quem estão ocultos todos os tesouros espirituais (ver Col. 2.3).

Todo escriba versado no reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu depósito cousas novas e cousas velhas.

(Mateus 13.52)

Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti.

(Salmo 119.11)

7.2

Guarda os meus mandamentos, e vive. Guardar os mandamentos é outra admoestação comum, bem como a essência de toda a lei. Ver Pro. 2.1.

Mandamentos. No hebraico, *torah*, a lei, interpretada de acordo com as declarações da sabedoria. Ver Pro. 1.8. Quanto à lei como agente da vida, ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1. Está em pauta uma vida física feliz, longa e próspera. No judaísmo posterior, isso se transformava na vida espiritual, a vida da alma, a vida eterna, e alguns intérpretes anacronicamente vêem isso aqui.

Como a menina dos teus olhos. No hebraico, em vez de “menina” temos a palavra *ishon*, “homem pequeno”. Ver Deu. 32.10; Sal. 17.8 quanto a essa imagem simbólica, que fala de algo de valor. Em Pro. 7.9 a palavra é usada para denotar o centro (o meio) da noite, ou seja, o tempo das mais intensas trevas. Temos em vista, como uma metáfora, a pupila do olho, onde há um reflexo, em miniatura, daquilo que a pessoa está vendo, o que explica a referência ao homem pequeno. Esse ponto do olho é cuidadosamente guardado contra todo ferimento, para que a pessoa não fique cega. A idéia da preciosidade é estabelecida e, talvez, a vulnerabilidade do tesouro da lei seja indicada, visto que essa parte de nosso corpo é a mais sensível de todas as partes expostas.

“A lei assemelha-se à pupila do olho por ser, espiritualmente, o órgão sem o qual permanecemos nas trevas” (Fausset, *in loc.*). Cf. Pro. 4.18.

Este versículo tem sido cristianizado para indicar a doutrina de Cristo, bem como a iluminação dada pelo Espírito Santo.

7.3

Ata-os aos teus dedos. Vemos mensagem similar em Pro. 3.3 e 6.21, que versam sobre o prender a lei à própria pessoa. Em Pro. 3.3, o ato de atar é feito ao pescoço; em Pro. 6.21, é feito ao coração. Aqui, esse ato é feito aos dedos. E poderíamos afirmar que um homem piedoso vive todo atado à lei. O homem bom é totalmente envolvido na lei, como seu guia e transmissor de vida.

Possivelmente a *mezuzah* (filactérias), referida em Deu. 6.8,9, seja aqui aludida. Para o homem bom, a lei deveria ser guardada em evidência e para fácil referência. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Filactérias*. Ver o comentário de Ellicott sobre essa questão, mais adiante.

Escreve-os na tábuá do teu coração. Quanto a isso, ver Pro. 3.3 e 6.21, onde apresento notas expositivas adequadas. A lei deve ser atada aos dedos, isto é, estar pronta para entrar em ação; e deve ser escrita no coração, para meditação constante.

“O fio da filactéria, que ficava no braço esquerdo, era enrolado por sete vezes em redor do braço, e pelo mesmo número de vezes em torno do dedo médio” (Ellicott, *in loc.*).

7.4

Dize à sabedoria: Tu és minha irmã. A sabedoria foi novamente personificada como uma mulher. Cf. Pro. 1.20 ss. Aqui ela aparece como uma irmã, um parentesco íntimo, mas também poderia envolver uma esposa, a qual também era chamada de irmã. Ela é contrastada com a mulher alheia (prostituta ou adúltera) dos versículos seguintes. Um bom estudante prefere a primeira mulher à segunda, se, porventura, tiver sido capaz de absorver alguma das declarações da sabedoria.

Teu parente. Aquela mulher é um amigo íntimo, em contraste com a mulher alheia, que certamente é uma inimiga. A primeira faz bem ao homem; a segunda certamente o prejudica. O amigo íntimo é um parente. A mesma palavra é usada em Rute 2.1 e 3.2.

*Arrebataste-me o coração, minha irmã, noiva minha;
arrebataste-me o coração com um só dos teus olhares.*

(Cantares 4.9)

A necessidade que o indivíduo tem de estar próximo da lei é enfatizada. O homem que aparece aqui vivia apaixonado pela lei. Este versículo tem sido cristianizado para referir-se a *Cristo como o nosso alvo* (ver a esse respeito no *Dicionário*).

7.5

Para te guardarem da mulher alheia. Se um homem está apaixonado pela lei, e se as declarações da sabedoria são sua esposa amada, então ele não ouvirá o chamado da mulher alheia; ele não se deixará impressionar pela sua beleza (ver Pro. 6.25), nem por suas palavras lisonjeadoras e suaves como o azeite (ver Pro. 6.24). Estará ocupado demais com as palavras de conhecimento e sabedoria de que a lei fala (ver Pro. 2.6). “Não é a sabedoria humana, mas a sabedoria divina que pode segurar o jovem e impedi-lo de cair na concupiscência, pois a fragilidade humana é grande e as tentações são poderosas” (Fausset, *in loc.*). “Coisa alguma tem poder maior do que Cristo e o Seu evangelho, e o conhecimento íntimo dessas coisas, e a sua retenção, que é capaz de guardar de todo pecado, de todas as concupiscências carnis, e do pecado da impureza... da mulher alheia que lisonjeia com as suas palavras (2.16; 5.3; 6.24)” (John Gill, *in loc.*).

*É o maior dos temas que soou através dos séculos;
É o maior dos temas para a língua mortal.
É o maior dos temas que o mundo já cantou:
Nosso Deus é poderoso para livrar-te.*

(William A. Ogden)

O Olho Observador do Mestre (7.6-27)

7.6

Porque da janela da minha casa. Olhando da janela de sua casa, o mestre viu um jovem que estava sendo açoitado por poderosa tentação. Porventura as

instruções que ele tinha recebido haveriam de livrá-lo em crise de sua tentação? Uma armadilha feminina fora armada para ele, do tipo mais poderoso. O mestre observava enquanto o jovem caminhava, exatamente pela rua onde morava uma adúltera extraordinariamente bonita. E, para dizer a verdade, ali estava ela, não distante da esquina por onde ele dobrou, perto da casa dela. E ela era "jovem, esguia e amável", e o jovem pára para contemplá-la. A mulher lança sua beleza sobre ele e profere algumas palavras doces, fazendo ao jovem um convite que ele não consegue recusar. Bem na esquina, ela o abraça e beija, e fala sobre a bela cama e o dormitório perfumado, todo arranjado com belas cobertas e cortinas. O marido dela está fora e não voltará por longo tempo. A mulher o convida a passar a noite com ela, o que lhes dará tempo de se deliciarem de amores. A beleza física da mulher e suas maravilhosas descrições matam toda a resistência dele, se é que ele tinha alguma. Isso posto, ele foi direto à casa dela, na companhia da mulher, tal como um boi vai para o matadouro. A história tem os sinais de ser uma narrativa contada por uma testemunha ocular.

"Os vss. 6-23 descrevem o engodo da adúltera com detalhes gráficos. 'Grades' é palavra que se refere a uma típica janela oriental, sem vidros, mas protegida por uma tela elaborada" (Charles Fritsch, *in loc.*). Esse tipo de janela provia dupla vantagem: permitia a entrada do ar fresco, mas impedia o olhar dos curiosos.

7.7

Vi entre os simples, descobri entre os jovens. O jovem em apreço era um dos simples e inexperientes rapazes, mero aprendiz da lei, e assim facilmente sujeito às tentações. Diz-nos o texto sagrado que ele era "carecente de juízo". Ver Pro. 1.4 quanto aos simples, aos quais o mestre queria levar à maturidade e à sabedoria. Esse jovem não era, em sentido algum, um malandro cheio de vícios. Ainda não tinha-se corrompido por esse mundo pecaminoso. Ele simplesmente estava de cabeça vazia de juízo. O termo hebraico empregado é *peti*, "ingênuo", "fácil de ser enganado". Faltava-lhe maior entendimento (ver Pro. 6.32). Ele tinha "sangue quente, paixões fortes, combinados com julgamento fraco e inexperiência, o que podia tornar-se presa fácil para uma mulher esperta" (Fausset, *in loc.*). Ele ainda não possuía sabedoria suficiente para discernir entre um grande mal e o bem, nem tinha forças para resistir ao primeiro.

7.8

Que ia e vinha pela rua junto à esquina da mulher. Até parecia que era o "destino" do jovem estar caminhando por uma rua perigosa, tendo feito uma curva precisamente naquela esquina. O sol descambava no horizonte, adicionando um toque de romance ao ambiente inteiro. O homem tanto tinha a cabeça vazia como era bastante inocente. Ele não enveredara por aquela rua sabendo o que encontraria ali. Mas encontraria a "sua sorte", conforme diz uma canção popular, falando sobre uma situação análoga.

7.9

À tarde do dia, no crepúsculo. O horário do dia era propício para uma tentação sexual. Era no fim da tarde, quando o sol já se punha no horizonte e somente raios vermelhos pintavam o céu. Era uma ocasião de encantamento, conforme se dá todo o fim de tarde, após um longo dia de trabalho. O jovem estava relaxando e apreciando o seu passeio, a brisa fresca lhe agradava o rosto e, enquanto ele caminhava, os últimos raios de luz do sol se apagaram e se fizeram trevas totais. A bela mulher veio abraçá-lo precisamente naquela ocasião, quando apenas uma fraca lâmpada iluminava a rua. Ele era um homem jovem e forte, cheio de felicidade. Sua mente estava livre de ansiedades; algumas horas de prazer eram exatamente o que o deleitaria naquele momento.

7.10

Eis que a mulher lhe sai ao encontro. Eis! Se você estivesse dormindo enquanto lia a minha descrição, essa palavra deve tê-lo despertado. Eis! ali está ela! Uma bela mulher, com o tipo de vestido que, conforme você sabe, mesmo em sua relativa inocência, é o que as mulheres costumam usar quando querem chamar a atenção dos homens. A alegada esposa fiel durante o dia tinha-se transformado em uma prostituta à noite, vestindo-se com trajes que anunciavam a todos que ela estava atrás de uma noite de amor. As mulheres se declaram inocentes quando se vestem daquela maneira; mas penso que há verdade na declaração que diz: "Todos os homens são malandros; todas as mulheres são exibicionistas".

"A mulher tinha todos os sinais reveladores de uma prostituta, o colo nu, os seios meio cobertos, os passos miúdos, o vestido feito de tecido fino e vaporoso, além de outros incentivos que excitam a admiração e a concupiscência" (Fausset, *in loc.*). Quanto às vestes características de uma prostituta, ver Gên. 38.14. Além das vestes provocativas, a mulher também usava palavras provocantes, pois seu coração a impulsionava a tanto. Em contraste com o jovem simples, ela era uma

mulher sofisticada e experiente, que tinha todo o equipamento físico e psicológico para prender um homem à sua armadilha. O Targum diz que tais mulheres "arrebataam o coração" dos jovens. Os jovens são impotentes contra tais mulheres. Naturalmente, há uma verdade na declaração que diz: "Os homens gostam de ser seduzidos, porquanto querem ser seduzidos; e, por isso mesmo, são facilmente seduzidos".

Conspícuos pela Sua Ausência. Todas as cinco passagens sobre o sexo, no livro de Provérbios (veja-as o leitor identificadas em 6.20), deixam de lado o que é mais óbvio no que diz respeito ao sexo: o homem que seduz uma mulher. Essa é a real ofensa "lá fora". As mulheres sedutoras formam, em comparação, um pequeno grupo. É difícil explicar essa omissão nas exortações do mestre a seus jovens estudantes. Na literatura de sabedoria há certo preconceito, e a mulher sedutora é figura favorita. A mulher sedutora é também figura favorita na literatura moderna e ali, estou quase certo, essa figura também é empregada porque é o que certos homens mais desejam, ou, pelo menos, maior número de mulheres age assim para facilitar o jogo do sexo.

7.11

É apaixonada e inquieta. Aquela tímida dona de casa (vs. 19) é agora uma prostituta turbulenta e sem restrições. De fato, palavras atrevidas são sinal das mulheres de rua, mas não das sofisticadas jovens de aluguel, que cobram elevado preço de seus clientes. Essa profissão torna as mulheres bizarras, o contrário do que os homens esperam delas. Esse tipo de mulher, além de ser turbulenta, é também desviada (no hebraico, *sarareth*, vocábulo que normalmente significa "teimosa"). Ela não aceita ordens da parte de ninguém e, aparentemente, recebe ordens só de seu marido. Mas quando ele se ausenta, ela se transforma e ignora qualquer ordem que ele possa ter dado, e põe-se a percorrer as ruas, vendo que maldade pode pôr em prática. Esse tipo de mulher quase tem dupla personalidade. Ela desempenha dois papéis na vida. Tal mulher torna-se brava e refratária quando está em seu outro "eu". Ver Osé. 4.16. Então ela não é nem modesta nem uma dona de casa (ver Tito 2.5). Em casa trabalha em seus deveres domésticos, mas uma vez na rua fica atrás das diversões e dos prazeres. Adam Clarke (*in loc.*) tem um comentário perspicaz a respeito. Ele supunha que originalmente a mulher tenha caído em seu vício porque caminhava em público demasiadamente, expondo-se aos avanços dos malandros!

7.12

Ora está nas ruas, ora nas praças. Transformada em sua outra personalidade, ela percorre as ruas, vestida em suas vestes sugestivas, expondo seu corpo, meneando os quadris, fumando o seu cigarro (se é que havia tal coisa, antigamente), bebendo com os rapazes nos bares, fazendo observações sugestivas, abordando atrevidamente os homens, vadiando pelas esquinas das ruas, mostrando as pernas provocativamente, jogando beijinhos. Ela "espreitava", utilizando-se o autor sagrado de uma linguagem própria da caça. Em pouco tempo, o leitor pode estar certo, passará nas proximidades uma vítima, e ela atacará seu homem como a aranha viúva-negra ataca o macho da espécie, para matá-lo e comê-lo. Ela está ora nas ruas, ora nos mercados, ora nas esquinas (palavras usadas pela Revised Standard Version), ansiosa por atacar e fazendo todas as provisões para agir. "Tendo lançado fora o jugo saudável das restrições religiosas e sociais, ela estava preparada para todo e qualquer pecado" (Fausset, *in loc.*).

7.13

Aproximou-se dele, e o beijou. Agora, à caça. O jovem estava passando perto da casa da mulher rameira, que o ataca habilmente. Ele está perdido. Ela começa a beijá-lo em público, mas protegida pelas trevas. Começa a usar sua linguagem de vendedora. Seu rosto desavergonhado revela sua natureza, mas é tão belo que o jovem não nota a fisionomia agressiva. A linguagem aqui usada é a da caça bem-sucedida. A mulher profere o absurdo de que estava esperando justamente por ele, o que é típico das lisonjas femininas (vs. 15). Os hebreus tinham uma declaração sobre o romance: um homem busca o que havia perdido, ou seja, a sua costela, para que possa ficar inteiro de novo. Mas vemos aqui a mulher sem-vergonha revertendo a propriedade normal das coisas, pois ela é como uma costela em busca de um corpo! Cf. este versículo com Jer. 3.3 e Apo. 17.5.

De cara impudente. Literalmente, o hebraico original diz aqui: "ela fortaleceu seu rosto", ou seja, fingiu um ar de coragem e ousadia, de determinação, contra o que o jovem não tinha defesa. Ela tinha flegado a sua presa e não permitiria que se soltasse. Ela o dominou com a sua força de vontade superior. E, naturalmente, tocou em uma corda responsiva no coração dele, facilitando a questão. Como é natural, tudo isso aconteceu antes da AIDS, que atualmente encoraja a força de vontade de alguns homens, mais do que a fé religiosa ou a filosofia conseguiram fazer.

7.14

Sacrifícios pacíficos tinha eu de oferecer. Este tipo de oferta pacífica foi feito em conexão com um voto, e a carne do sacrifício tinha de ser comida no mesmo dia ou, pelo menos, no dia seguinte. Naquele tempo, não havia refrigeração. Ver Lev. 7.16. A mulher fizera suas oferendas e cumprido seus votos, e tinha muita coisa boa a oferecer em uma refeição suntuosa para seu convidado masculino. Ver no *Dicionário* o artigo geral sobre *Sacrifícios e Oferendas*, III. D.3.a. Os contatos sexuais tradicionalmente são introduzidos por refeições que armam o palco, mas usualmente é o homem que convida: "Você não gostaria de jantar comigo, hoje?". Aqui, entretanto, foi a mulher quem fez o convite para o jantar, a fim de satisfazer um apetite, antes do outro — de natureza sexual —, que constituía o principal evento do começo da noite.

"As ofertas pacíficas eram inteiramente voluntárias, realizadas para agradecer por alguma misericórdia alcançada. O peito e o ombro direito da vítima cabiam aos sacerdotes, mas o restante pertencia ao ofertante, o qual, em símbolo, era admitido ao banquete com Deus (Lev. 3 e 7). A profanação desse privilégio era punida com a morte" (Ellicott, *in loc.*). Quanto às oito porções que pertenciam aos sacerdotes, ver Lev. 6.26; 7.11-24,28-38; Núm. 18.8; Deu. 12.17,18. A mulher, quando estava em seu "eu" melhor, tinha o cuidado de observar seus deveres e privilégios religiosos. Mas o outro "eu" anelava para envolver-se em toda espécie de pecado, à noite, quando a oportunidade para isso se apresentava. Sabemos que os deuses eram, algumas vezes, adorados em bordéis, e assim, como uma pagã, a mulher transformava seus banquetes em festins de Baco. Mas não há aqui nenhuma idéia de que ela era uma prostituta secreta, profissional, sagrada. Em suma, ela se tornou como uma mulher pagã.

7.15

Por isso saí ao teu encontro. A mulher possuía os ingredientes para um grande banquete e também o equipamento para sua "festa de amor", mas lhe faltava o homem. Este versículo dá a entender que ela declarou que o pobre jovem era alguém especial, que ela tinha procurado especialmente por ele, e talvez até que havia orado por ele, e ali estava a resposta de suas orações. Ela obtivera exatamente a pessoa que queria. Faz parte da lisonja feminina tentar fazer um homem sentir-se especial, quando a verdade da questão é que ele era o único homem disponível no momento. É possível que a mulher tenha culpado a feliz providência divina por arranjar precisamente aquele homem para ela, como se Deus, pessoalmente, fosse o inspirador e perpetrador da concupiscência. Cf. I Sam. 23.7 e Zac. 11.5. A mulher também tivera boa sorte: seu marido estava viajando naquele dia propício.

7.16

Já cobri de colchas a minha cama. A mulher fizera preparações elaboradas para sua noite de amor. Ela ornamentara seu leito com colchas importadas e belas, e lençóis de linho fino do Egito. Como é óbvio, ela era uma mulher de posses, e talvez parte de suas dificuldades fosse que a vida dela era por demais fácil e abastada, o que a deixava enfadada. Ela tinha tapetes bordados a mão, em várias cores, calculados para agradar o olho e dar idéia de riqueza. Geralmente ela vestia suas melhores vestes para as festas e, de modo geral, parecia uma mulher cheia de glamour. Como é óbvio, não era nenhuma pobre prostituta que se vendia em troca de pão (ver Pro. 6.26). O mestre conhecia bem a matéria sobre a qual ensinava. Os desejos sexuais são definitivamente fomentados por belos ambientes e mulheres agradavelmente vestidas. As roupas contribuem muito para atrair um homem. Conheci um jovem, em São José dos Campos, que frequentava ali uma igreja evangélica. Ele sempre aparecia bastante sujo e desalinhado, mas uma jovem da igreja tinha suficiente imaginação para pensar em como seria a aparência daquele jovem, se ele andasse limpo e se vestisse corretamente. Por isso, ela começou a dar-lhe atenção, e os dois acabaram namorando. Em seguida, ela começou a arrumá-lo. Ele passou a aparecer limpo e bem vestido, com boa aparência. Outra jovem observou a grande mudança ocorrida com o rapaz e resolveu que era a melhor companhia para ele, e assim começou a conquistá-lo. E realmente o conquistou, para grande lamentação da jovem que tinha tido toda a trabalhadeira de endireitar a aparência do moço. E a perdedora observou: "Essa foi a última vez que endireitei um homem. Aceitarei todo homem tal e qual ele for".

A mulher de nosso texto tinha gosto e capacidade artística. E pôs isso para trabalhar a seu favor, a fim de obter a satisfação sexual que tanto desejava.

7.17

Já perfumei o meu leito com mirra. Além das excelentes vestes para seu leito e corpo, ela também perfumou o leito com várias espécies de especiarias e perfumes. Além disso, o mestre mostrou quão bem entendia o assunto. O olfato é uma parte importante da atração sexual, sejam os odores naturais do corpo que causam a excitação sexual, sejam os odores artificiais que produzem atração. Em

seguida, o vinho verteria como parte da festa, e ambos, bastante intoxicados, agiriam sem inibições. "Essas substâncias aromáticas eram importadas pelos judeus de terras estrangeiras" (Charles Fritsch, *in loc.*).

Mirra, aloés e cinamomo. Ver sobre estes nomes no *Dicionário* quanto a detalhes. Cf. Can. 4.14. Horácio falou sobre certas misturas usadas nos leitos, que incluíam especiarias e perfumes (*Epod. Ode 5.v.69,70*).

7.18

Vem, embriaguemo-nos com as delícias do amor. Ver Pro. 5.18 e Can. 4.12,15, onde beber de uma fonte (a mulher) é uma figura da experiência sexual. Seria uma sessão de amores de noite inteira. Há um toque de hipérbole oriental aqui. Haveria aprazimento sob a forma de delícias (nossa versão portuguesa) e deleites (Revised Standard Version).

Embriaguemo-nos. No hebraico temos "festejar nos seios". Cf. Pro. 5.19, onde o homem se encanta com os seios femininos. Os hebreus também tinham fixação pelos seios femininos, tal como acontece aos homens modernos, e certamente não eram pudicos quando falavam de sexo. Adam Clarke (*in loc.*) informa-nos que o original hebraico aqui diz muito mais do que ele ou outros intérpretes gostariam de comentar.

7.19

Porque o marido não está em casa. O hebraico literal diz simplesmente, "o homem", que a mulher pode ter dito com certo tom de desprazer. A versão da Septuaginta suaviza a expressão "a meu marido", conforme é dito por muitas traduções.

O homem estava longe de casa em uma viagem de negócios que levaria, pelo menos, alguns poucos dias, pelo que o jovem usurpador não seria apanhado. Ele entraria na casa dela quando já fosse noite e sairia antes do amanhecer, e ninguém nem notaria o que estava acontecendo. Muitas prostitutas dizem às suas vítimas que são casadas, visto que as mulheres casadas são muito mais desejáveis para um homem do que uma prostituta comum. Mas a casa luxuosa da mulher mostrava que seu "marido" estava prosperando em seu negócio e a apoiando em sua vida luxuosa.

Alguém já disse: "O adultério, tal como o peculato, não é errado a menos que você seja apanhado". E essa é uma atitude geral "lá fora". Ao jovem foi oferecida a indução adicional de que ele não estava fazendo nada de errado, porque nunca seria apanhado. Isso nos faz lembrar da vida sexual dos macacos. O macaco macho dominante conserva todas as fêmeas para si mesmo. Se ele apanhar um macho (que acompanha o bando) fazendo sexo com uma de suas "esposas", prontamente o mata. Mas nos momentos de descuido do macho dominante, os machos mais fracos fazem sexo com as fêmeas, e estas estão sempre prontas a ceder perante os macacos mais fracos. O jogo do sexo entre os homens definitivamente parece atividade de macacos.

7.20

Levou consigo um saquitol de dinheiro. O "homem" era um próspero homem de negócios. Tinha tomado um saquitol cheio de dinheiro e estaria atarefado por muitos dias, voltando para casa somente na lua cheia. A festividade da lua cheia caía na metade do mês, e ele, presume-se, tinha partido no começo do mês. Isso significa (se o raciocínio está correto) que a mulher teria duas semanas inteiras para brincar, e o jovem de nossa história provavelmente seria apenas um de seus companheiros de sexo. Ver o vs. 26. Em outras palavras, durante esse período de tempo ela faria o papel de seu outro "eu", a prostituta. E então, quando seu "marido" voltasse para casa, ela assumiria sua personalidade mais equilibrada. Alguns intérpretes calculam o tempo da partida do marido como a lua nova, quando a lua aparentemente estava coberta, ou seja, quando não dava a sua luz. A lua nova é o período em que a lua está entre a terra e o sol, pelo que mostra a face não-iluminada para a terra. Os hebreus pensavam haver alguma força estranha que ocultava ou encobria a lua. Eles não compreendiam que a lua reflete a luz emanada do sol.

Lua cheia. Literalmente, temos aqui no hebraico a expressão "dia nomeado", mas está em vista a festa da lua cheia. Naquele dia, a lua iluminaria a noite, e a mulher adúltera operava somente quando a noite estava muito escura.

7.21

Seduziu-o com as suas muitas palavras. *Sumário.* A mulher, com um rosto que transmitia determinação, fez um discurso longo e convincente. A palavra hebraica, nesse caso, é *leqah*, algo justo, o que é irônico para a sedutora. Ela fez um discurso impressionante, que funcionou. A palavra "prudência" (ver Pro. 1.5) é a mesma no original hebraico. A fala dela foi não somente suave, mas também

“aprendida” de uma maneira perversa. A faia deia era persuasiva. O jovem simples não teve oportunidade e cedeu diante da tentação.

Com as lisonjas dos seus lábios o arrastou. Se é que ele tinha alguma força, o que os homens usualmente não têm, em breve ela o subjugou. “Ela venceu os escrúpulos dele e o constrangeu a ceder” (Adam Clarke, *in loc.*).

7.22

E ele num instante a segue. Uma vez que ele tomou a decisão, imediatamente pôs-se a segui-la. Ao agir assim, era como um boi mudo, que, em silêncio, dirige-se ao matadouro, inconsciente quanto à sorte terrível que o aguardava. O jovem estudante colocou-se na fileira dos condenados à morte. “Como se fosse um animal mudo, sim, e até pior, visto que poderia ter resistido, se quisesse fazê-lo, mas como um tolo marchou para a sua condenação” (Charles Fritsch, *in loc.*). “... como o boi segue feliz, porquanto pensa que está sendo levado ao pasto” (Fausset, *in loc.*).

Como o cervo que corre para a rede. Esta tradução procura extrair algum sentido do hebraico original, que causa tribulação aos tradutores e tem sofrido várias emendas. Nossa versão portuguesa acompanha a tradução do siríaco. O significado da palavra hebraica *‘ekhes*, que significa “insensato”, é emendada para rede. A tradução de Moffat diz “como um cão lisonjeado corre para a mordaca”. Não há como recuperar o sentido do original aqui. Mas o que o trecho pretende dizer é perfeitamente claro. O pobre estudante termina como um homem preso por algemas; como um veado apanhado na rede; como um cão preso na focinheira, isto é, cativo e miserável, sujeito à morte, porquanto terminou apanhado em uma situação perigosa.

7.23

Até que a flecha lhe atravesse o coração. O veado está preso na rede e debate-se para escapar, mas não consegue. Então chega o caçador e termina com o animal, com uma flechada certa no coração. O jovem insensato, apanhado nas algemas, também poderia ser ferido; mas isso parece menos provável. Alguém traspassaria um cão com uma flecha, estando ele ali, preso na focinheira? Não é provável. A ambigüidade do trecho permanece de pé, pois não podemos solucionar o quebra-cabeças da última cláusula do versículo anterior. Seja como for, o sentido geral é perfeitamente claro. Há uma fatalidade, e essa é a sorte do adúltero. O resto do versículo é claro. Um pássaro insensato, à cata de alimentos, voava para lá e para cá, divertindo, quando, de súbito, vê-se apanhado na rede; certamente ele será morto pelo caçador, em troca de qualquer bem que o corpinho da ave possa oferecer. O mestre via o terrível resultado da insensatez do jovem estudante, ou de qualquer jovem que parasse na casa da mulher adúltera.

7.24

Agora, pois, filho, dá-me ouvidos. *Observações Finais.* Depois de ter dado a longa ilustração de como um jovem insensato fora derrotado e corrompido pela astuciosa adúltera, o mestre chama a atenção de seus filhos. Que o leitor preste atenção à palavra “atenta”, em Pro. 4.20. Quanto aos estudantes dos mestres, que foram chamados de filhos, por ser ele o pai espiritual, ver Pro. 6.1. Quanto aos filhos atentando para as palavras do pai, ver Pro. 4.1,20; 5.1 e 22.17.

7.25

Não se desvie o teu coração para os caminhos dela. O mestre tinha ainda uma ou duas palavras para dizer contra a mulher sedutora. Ao estudante cabia encher o coração com as palavras da sabedoria que o desencorajavam a inclinar-se para a mulher adúltera, e, sendo esse o caso, certamente ele não enveredaria pelos caminhos dela. “Não deveria errar nem no coração nem nas ações: o inclinar-se expressava o começo do pecado, e o desviar-se indicava a continuação no pecado” (Fausset, *in loc.*). O pensamento dá início ao ato, e a inclinação dá início ao pensamento.

Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento.

(Filipenses 4.8)

7.26

Porque a muitos feriu e derrubou. O jovem estudante, fraco como era, não teve nenhuma chance contra a esperta adúltera. Ela já havia derrubado a muitos homens fortes, homens de autoridade e poder, na igreja, no estado e no exército.

Ela os havia reduzido a uma massa de feridas. Ela era como um exército composto de uma única mulher, que, sozinha, tinha derrotado a uma tropa inteira. Ela causara morte prematura e uma morte em vida a muitos. Davi e seu filho, Salomão, serviram como exemplos de homens fortes a quem a concupiscência sexual injuriou; e quem poderia esquecer a história de Sansão?

7.27

A sua casa é caminho para a sepultura. A mulher adúltera transformara sua casa luxuosa em um bordel, e assim tornou-se o portão para o sheol, ou seja, a morte. A expressão “câmaras da morte” sugere aquele lugar abaixo da superfície da terra, o *sheol*, o *hades*. Ver sobre ambos os termos no *Dicionário*. Quanto a uma ilustração da noção hebraica do cosmos, de sua estrutura e de seus compartimentos, ver o artigo intitulado *Astronomia*. Por diversas vezes ofereço um sumário da idéia do sheol, doutrina que esteve em desenvolvimento, tal e qual sucede a todas as demais doutrinas da Bíblia. Existem poucos lugares, nos livros de Salmos e de Provérbios, que parecem indicar que a idéia original do sheol, como sinônimo da morte física, foi modificada. Ofereço tal nota expositiva em Pro. 5.5, pelo que não a reitero aqui. Quanto a outros lugares que parecem ver o sheol como mais do que o sepulcro, ver Sal. 88.10; 139.8; 148.7; Pro. 2.18 e 5.5. Quanto à obra de Cristo no *hades*, que levou a esperança às almas presas naquele lugar, ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Descida de Cristo ao Hades* e *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*.

Câmaras da morte. A palavra “câmaras”, aqui usada, alude às câmaras luxuosas de adultério que a mulher tão elaboradamente preparava para suas vítimas (vss. 16 e 17), pelo que elas saíam de uma espécie de câmara para outra. Plauto (*Bacchides*, Act. 3., sec. 1. v. 1) também se refere ao *hades* como uma câmara.

Este versículo assinala o fim dos prazeres carnavais e de todas as suas ilusões, e também fala sobre o sofrimento daqueles que foram enganados para seguir esse tipo de vida. Permanece em dúvida o estágio da doutrina do sheol. O que sabemos é que, na missão de Cristo, a esperança remidora foi injetada em um quadro em tudo mais deplorável.

Capítulo Oito

Décimo Quarto Discurso: Valor da Sabedoria é Demonstrado em Suas Virtudes e Recompensas (8.1-21)

Este é o décimo quarto dos dezesseis discursos do primeiro livro de Provérbios (1.8 – 9.18). Este capítulo é um hino de louvor à sabedoria, a qual é personificada como uma mulher, conforme se vê em Pro. 1.20 ss. Este capítulo está naturalmente dividido em três seções: 1. A recompensa da sabedoria aos sábios (vss. 1-21); 2. A exaltada posição da sabedoria diante do Criador (vss. 22-31). 3. Exortações de conclusão (vss. 32-36). A segunda parte — vss. 22-31 — foi cristianizada para falar sobre o Verbo do Novo Testamento (João 1.1). Ver as notas sobre isso na introdução ao vs. 22.

8.1,2

Não clama porventura a sabedoria. A sabedoria, personificada como uma mulher (ver Pro. 1.20 ss.), é novamente retratada como uma chamada ao homem ignorante para ouvir suas instruções, pois nelas estão a vida e a prosperidade. A sabedoria foi primeiramente equiparada ao entendimento (ver Pro. 1.5 e 2.2). Diferentemente da prostituta e da adúltera, que se escondem na escuridão das ruas, à noite, essa mulher, a Sabedoria, assumia posição em lugar alto, em plena luz do dia, para que todos a vissem e ouvissem. A mensagem da Sabedoria é saudável e curativa, e não destruidora. Em sua chamada há esperança e vida, em contraste com a morte, para a qual o convite da adúltera chama (ver Pro. 7.27). O vs. 2 deste capítulo é uma espécie de modificação de Pro. 1.21, onde aparecem notas expositivas mais completas.

“Em vez de postar-se em lugares escuros (ver Pro. 7.8), como fazia a prostituta (ver Pro. 7.9), a Sabedoria estava no alto de lugares altos, onde todos, que fossem e viessem, a poderiam ouvir” (Fausset, *in loc.*).

Junto ao caminho. Próximo às interseções das estradas principais que o público em geral segue, bem como em portões pelos quais as pessoas entravam e saíam da cidade e onde os homens efetuavam seus negócios e tratavam de casos da lei. “A Sabedoria é retratada como uma pessoa cativante que se movia entre a multidão, e não em um lugar recluso, acessível somente a alguns poucos” (Rolland W. Schloerb, *in loc.*).

Este versículo tem sido cristianizado para fazer de Cristo a mulher sábia, tendo Ele um apelo franco e universal a homens de todos os lugares. Nesse caso, o evangelho é a essência do convite, e o fim da obediência a esse convite é a Vida Eterna.

8.3

Junto às portas, à entrada da cidade. A Sabedoria estava nos portões, lugares de comércio, de tribunais e viagens. Ali ela encontrava toda a espécie de pessoas, ocupadas em suas atividades diárias. O autor sagrado usa três descrições diferentes para dizer a mesma coisa — os lugares de entrada e de saída da cidade: portas; entrada da cidade; entrada das portas. Isso tem sido cristianizado para falar sobre como o evangelho “é enviado ao mundo inteiro” (ver Mat. 28.19).

“Ela vai a todos os lugares onde possa encontrar os maiores ajuntamentos de pessoas, “... não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (II Ped. 3.9). Por esse motivo os apóstolos faziam das grandes cidades, centros populacionais como Antioquia, Éfeso e Corinto, os quartéis-generais de seus empreendimentos missionários” (Ellicott, *in loc.*). Cf. João 18.20; Mat. 10.27 e Atos 20.20,27.

8.4

A vós outros, ó homens, clamo. “A sabedoria dirigiu-se a todos os homens e ofereceu tesouros incalculáveis a todos, se ao menos dessem ouvidos à sua voz e obedecessem às suas palavras” (Charles Fritsch, *in loc.*). “Os caminhos [da sabedoria] não estão limitados a um único povo ou a uma única raça ou nação. Coisa alguma que seja humana está fora do escopo de suas convocações. Nada existe de provincial acerca dos apelos da sabedoria. Ela inclui a todos. A sua voz pode ser ouvida onde quer que exista uma comunidade humana. Seu apelo não está baseado no que a sabedoria espera que os homens façam por ela. Ela os convoca aos seus caminhos por causa do que ela pode fazer por eles. A sabedoria tem o segredo da vida eficaz” (Rolland W. Schloerb, *in loc.*). A mensagem da sabedoria é o anúncio de uma profetisa. Ela tem autoridade. Até mesmo aqui o calvinismo limitador está em operação, fazendo os apelos da sabedoria ser dirigidos aos “chamados eternamente”, e não às massas, o que é ridículo.

8.5

Entendei, ó simples, a prudência. Os simples (ver Pro. 1.4), os ingênuos, os não-instruídos são chamados a dar ouvidos e assim tornar-se sábios. Ver Pro. 1.3. O propósito principal deste livro de sabedoria, o livro de Provérbios, é levar a sabedoria às massas. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sabedoria*, quanto a idéias completas. Até os insensatos podem alcançar um coração compreensivo, se estiverem atentos à mensagem (ver sobre o entendimento, em Pro. 1.2.6). A sabedoria ensina o discernimento.

8.6

Ouvi, pois falarei cousas excelentes. Quanto à chamada para ouvir, tão freqüente no livro de Provérbios, ver 4.20. O ouvinte cuidadoso ouvirá coisas excelentes (Revised Standard Version), cousas excelentes (King James Version, versão portuguesa). Essas coisas são os tesouros da lei, o guia (ver Deu. 6.4 ss.), o doador da vida (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). O vocábulo hebraico aqui empregado, *neghidhim*, significa “príncipes”, pelo que a sabedoria nos traz coisas principescas, que podem fazer de homens, reis, e de nobres, seres espirituais. Alguns eruditos (como Toy e Oesterley, *in loc.*) emendam para *nekhohim*, “coisas verdadeiras”, tradução favorecida por alguns intérpretes. Ambas as coisas são verazes, mas apego-me ao texto regular, porquanto a sabedoria não está chamando os homens meramente a caminhos verdadeiros; ela os convida a caminhos principescos, nobres. Fazendo o que é reto, os homens serão exaltados. Quanto ao que é reto (a equidade), ver Pro. 1.3 e as notas expositivas ali existentes. Em Pro. 8.9 são pessoas dotadas de discernimento que enveredam pelo caminho reto. A sabedoria não fala com pessoas levianas nem com aqueles que meramente fazem experiências com a fé religiosa. A sabedoria demanda ação decisiva e convicções de coração. Fala coisas augustas, conforme diz a versão da Septuaginta, e espera que os homens se elevem até essas coisas, deixando suas veredas humildes para trás.

*Resolvi não mais demorar-me,
Encantado pelos deleites do mundo.
Coisas superiores, coisas mais nobres,
Essas enfeitaram a minha visão.*

8.7

Porque a minha boca proclamará a verdade. Falando a verdade, os lábios da sabedoria abominam a iniquidade. A Septuaginta faz isso referir-se aos abusos da linguagem, “uma abominação diante de mim são lábios falsos”. Cf. Pro. 4.24 e 6.12, onde essa idéia está realmente em vista. Mas de nada adianta abandonar o texto hebraico aqui. Existem muitas tentações que apontam para o caminho errado, encorajando a perversidade. Mas a sabedoria engaja-se nos caminhos da vida, e não nos caminhos da morte. A palavra da verdade aqui é, naturalmente, a lei, conforme essa legislação é interpretada por meio das declarações de sabedoria.

8.8

São justas todas as palavras da minha boca. Este versículo reforça o vs. 7. As palavras da sabedoria são retidão (ver Pro. 1.3). Nessas palavras nada existe de perverso, o que corresponde ao vocábulo hebraico *pathal*, referindo-se, basicamente, a uma corda ou fio, devidamente entretecidos para se tornarem mais fortes. Ver Pro. 2.15 quanto ao que é perverso ou distorcido. A sabedoria, diferentemente até de homens bons, não tem uma linguagem mista — ora boa, ora ruim; ora séria, ora frívola. Nem a linguagem da sabedoria é maliciosamente complicada, dando a entender uma coisa, mas querendo dizer outra. A sabedoria não fala com duplicidade.

“Nada existe nelas que seja contrário à lei de Deus, ou às Escrituras da verdade; e nada existe nelas que seja contrário à fé verdadeira” (John Gill, *in loc.*). Esse mesmo antigo autor também cristianizou o versículo para falar sobre a mensagem de Cristo, o evangelho concernente à vida eterna.

8.9

Todas são retas para quem as entende. O indivíduo que quiser saber e obedecer descobrirá que todas as instruções dadas pela sabedoria são retas (ou seja, boas e fáceis de ser seguidas, sem nenhum intuito de desvio). A palavra hebraica correspondente é *nakhoah*, que significa “defronte de” e então, metaforicamente, reto. As veredas para as quais ela aponta são fáceis e claras de ser seguidas, sem desvios laterais ou caminhos cruzados que levem um homem a duvidar que está no caminho reto. O conhecimento é a coisa principal a ser obtida, outra maneira de falar sobre a sabedoria. O temor do Senhor é o começo do conhecimento (ver Pro. 1.7); os insensatos, entretanto, o odeiam (ver Pro. 1.22); mas o homem bom clama por ele (ver Pro. 2.3) e acaba encontrando-o (ver Pro. 2.5); o conhecimento é agradável à nossa alma (ver Pro. 2.10).

Para os que acham o conhecimento. No Targum encontramos o termo “os que desejam”, e a versão siríaca concorda com isso. O homem bom deseja de tal modo o conhecimento que o busca com diligência; e então acabará por achá-lo. O livro do conhecimento não deve ser selado. Antes, deve ser um livro aberto que possa ser examinado e usado para ensino. A mente humana é conferida a capacidade de conhecer a verdade, quando essa verdade é diligentemente buscada. Naturalmente, isso se dá por meio do crescimento, não é um dom obtido de uma vez para sempre.

*Parte Tu o pão da vida, Senhor, para mim, como partiste os
pães à beira-mar.*

(Mary Ann Lathbury)

8.10,11

Aceitai o meu ensino, e não a prata. As instruções devem ser vistas e recebidas como coisas mais preciosas do que a prata e o ouro (vs. 10), e melhores do que as jóias (vs. 11). Essa figura é vista em Pro. 3.14,15, onde são mencionados os mesmos itens preciosos. Feliz é o homem que obtém a sabedoria, e não essas coisas (ver Pro. 3.13). Note o leitor a tríade: instrução; conhecimento; sabedoria — diferentes formas de falar sobre a sabedoria. O autor sagrado continua variando seus termos, que falam todos sobre a mesma coisa: a sabedoria que é encontrada na lei de Moisés, conforme interpretada pelas declarações da sabedoria. O valor da sabedoria excede o valor das coisas terrenas que os homens tão diligentemente buscam. A sabedoria provê ganhos reais e duradouros. A sabedoria trata com a alma de um homem, com o seu ser interior, enquanto a prata, o ouro e as jóias só podem melhorar seu estilo físico da vida. A figura da prata, do ouro e das jóias é usada porque os homens a seguem diariamente e anelam ansiosamente por tais coisas. A sabedoria tenta apontar a ansiedade dos homens, dirigindo-a para algo mais digno de atenção. Homens carnaís têm problemas de atitudes. A sabedoria, pois, tenta reorientar as atitudes dos homens.

*Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a
traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e
roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu.*

(Mateus 6.19,20)

8.12

Eu, a sabedoria, habito com a prudência. A sabedoria personificada informa o local de sua habitação, a saber, junto com a prudência. Esse é o seu lar. O original hebraico é *'ormah*. É indicada a sabedoria prática, ou seja, a inteligência para aplicar o estoque da sabedoria no coração e na mente. Essa palavra significa “sutileza”, em bom ou mau sentido. No seu lar, onde habita com a prudência, a sabedoria tem o conhecimento e a discrição como companheiros e ajudadores. O indivíduo que se associa à sabedoria naturalmente também fica com suas ajudan-

tes, referidas nos vss. 9-10. Discrição significa, basicamente, ter planos sagazes, o planejamento em um bom sentido; saber como proceder na vida, obedecendo aos preceitos da lei em todas as áreas. Ver em Pro. 1.4 sobre o bom siso, do qual *discrição* é um sinônimo. As três palavras que aparecem neste versículo também são encontradas em Pro. 1.4, cuja exposição adiciona detalhes.

8.13

O temor do Senhor consiste em aborrecer o mal. O autor sacro leva-nos de volta ao tema central do livro, “o temor do Senhor”, que anoto em Pro. 1.7. Ver também Sal. 119.38. Além disso, quanto a detalhes, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Temor*. O temor do Senhor é uma frase do Antigo Testamento conforme a espiritualidade era vista no antigo Israel, e a lei era o guia do povo de Israel. Portanto, aqui, esse temor leva o crente a odiar o mal, porquanto existem muitos mandamentos contra uma grande variedade de pecados na lei de Moisés. O homem cujo coração é abençoado pela fé estará equipado para seguir os ditames da lei, tanto em suas injunções negativas quanto em suas injunções positivas, e essas injunções, no judaísmo posterior, eram mais de 600! A sabedoria personificada nos mostra que há algumas poucas coisas que devem ser evitadas e representam possibilidades intermináveis:

A soberba. Foi por causa do orgulho que o diabo caiu em transgressão. Pode-se dizer que esse é um pecado básico, pai de todos os pecados. O indivíduo soberbo é aquele que quer ser mais do que realmente é. Foi o que derrubou Lúcifer. Trata-se de uma força destruidora, a base de muitas atitudes e atos errados. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Orgulho*.

A arrogância. Este é outro dos pecados que Deus abomina. Figura entre as sete coisas que são odiadas em 6.16 ss., sob o título olhos altivos (vs. 17). O orgulho, ou soberba, e a arrogância são idéias aparentadas e derivam-se de palavras hebraicas similares, *gerah* e *gaon*, as quais falam do orgulho em todas as suas expressões. Ver sobre *Orgulho*, no *Dicionário*, quanto a detalhes. O orgulho, como já dissemos, é um dos principais pecados, considerado por alguns estudiosos como um dos pecados mortais, se é que é legítimo fazer distinções entre pecados mortais e veniais, como diz a Igreja Católica Romana. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Sete Pecados Mortais*.

O mau caminho. Conforme já vimos, a Bíblia usa a palavra “caminho” para indicar a conduta seguida por uma pessoa. O “caminho mau” é o caminho errado ditado pelo diabo e pelo espírito da desobediência. Logicamente, Deus abomina esse tipo de pecado, que também devemos considerar um dos pecados basilares, ou seja, ele serve de trampolim a outros pecados. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Caminho*, quanto a maiores explicações a respeito.

A boca perversa. Encontramos aqui o pecado que consiste no abuso da linguagem. Tanto o livro de Salmos quanto o livro de Provérbios muito dizem sobre essa transgressão. Ver Pro. 4.24 e 6.12, onde apresento notas expositivas de sumário. Ademais, ver Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12; 35.28; 38.3; 39.9; 55.21; 64.4; 73.9; 94.4; 101.5; 109.2; 119.172; 120.3,4; 139.4; 140.3 e 141.3. Ver sobre *Linguagem, Uso Apropriado da*, no *Dicionário*, quanto a maiores detalhes.

Cf. Pro. 4.24, onde ofereço outras notas expositivas sobre a boca perversa. “... boca perversa, coisas contrárias ao próprio coração humano, contrárias à verdade, contrárias à regra da fé, ao evangelho de Cristo, contrárias aos melhores interesses das pessoas, coisas odiosas e abomináveis” (John Gill, *in loc.*). Cerca de cem versículos do livro de Provérbios abordam o uso próprio ou impróprio da linguagem.

Há um provérbio popular que diz que “falar é barato”, e isso, naturalmente, contrasta a fala com a ação. Mas, na realidade, nada há de fraco acerca da língua:

A língua é fogo... chamas pelo inferno.

(Tiago 3.6)

Eu os aborreço. No texto presente, esse ódio é positivo, por expressar o quanto Deus abomina certas transgressões, listadas no começo deste versículo. Ver Pro. 6.16 ss., quanto às sete coisas que o Senhor odeia ou abomina, às quais o homem bom também deveria odiar. Quanto ao ódio a todo caminho falso, ver Sal. 119.104; quanto a odiar todos os pensamentos vãos, ver Sal. 119.113. No entanto, em Sal. 139.21 temos o homem bom odiando os homens maus, algo que não combina com a revelação superior do cristianismo.

O ódio é o equivalente diabólico do amor de Deus, uma força destruidora, a base de muitas atitudes e atos maus. No entanto, vemos o estranho espetáculo de muitas pessoas religiosas especializadas no ódio, e não no amor. Não será isso prova do erro fundamental da sua posição religiosa? Sem dúvida! Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ódio*, quanto a maiores detalhes.

8.14

Meu é o conselho e a verdadeira sabedoria. *Características da Sabedoria.* A sabedoria tem essas coisas como suas possessões. Acabamos de ver o que a sabedoria odiava, e agora somos informados a respeito do que ela ama e aprova.

Conselho. Bons conselhos acerca de como andar, viver e ser. Estamos falando das muitas instruções conferidas pela lei, conforme esta é interpretada pelas declarações da sabedoria.

Verdadeira sabedoria. A essência da lei de Moisés, posta em vigor na vida diária do indivíduo. Ver Pro. 2.7, onde encontramos idêntica expressão.

Entendimento. Ver Pro. 1.2 e o vs. 9 deste mesmo capítulo. Ver também Pro. 2.7; Eclesiastes 7.19 e Isa. 11.2. Os termos são contrastados com a sabedoria humana, não iluminada ainda pela lei.

Minha é a fortaleza. Possuidora das qualidades mencionadas, a Senhora Sabedoria torna-se uma fortaleza em defesa do povo que a ouve e obedece ao que ela diz. Quanto ao próprio Deus como a Fortaleza, ver Sal. 18.2; 31.3; 71.3; 91.2 e 144.2. Trata-se de uma expressão militar. A fortaleza era o lugar do qual os soldados atacavam, e também para onde fugiam em busca de refúgio. Ver Deus como nosso Refúgio, em Sal. 46.1. A sabedoria aplicada (executar o que a lei recomenda e evitar o que ela proíbe) é a força de um homem. A sabedoria é capacitadora. A sabedoria é protetora. “Conhecer é poder” (Lord Bacon), e tanto mais quando esse conhecimento é divino.

A sabedoria fortalece ao sábio, mais do que dez poderosos que haja na cidade.

(Eclesiastes 7.19)

8.15

Por meu intermédio reinam os reis. Os reis são capazes de reinar bem quando contam com a orientação da sabedoria. O poder não existe separadamente da justiça e da bondade. Nenhum rei governa bem se não for homem bom e justo. O rei, como qualquer pessoa, tem de levar uma vida pessoal boa e santa, pois, do contrário, não será um bom rei. Além disso, cabe-lhe a responsabilidade de dirigir a vida nacional por esse mesmo prisma. A lei não o ensinará quando tiver de declarar guerra ou quando não o fizer. Ele poderá obter algumas indicações relativas à vida de negócios como vindos de um oráculo, no templo, ou por meio de algum profeta. Essas vantagens também estavam às suas ordens para o exercício diário do poder. A sabedoria também está no oráculo e na palavra de um profeta. Os príncipes compartilham do poder, estando subordinados ao rei. Os príncipes tornam-se sábios através do mesmo *modus operandi*.

Os príncipes decretam justiça. Uma monarquia opera através de decretos, que podem ser temíveis ou benéficos, tudo dependendo da sabedoria e da bondade do homem que tem poder para baixá-los. Muitos decretos são obviamente prejudiciais a um povo. Muitos governantes também são obviamente prejudiciais a um povo, e o que eles são com frequência é determinado por aquilo que impõem ao povo sobre o qual exercem o mandato. O Targum faz a Sabedoria ungir os reis com justiça. Este versículo tem sido cristianizado para falar de Cristo, o Rei, que é o governante justo final.

8.16

Por meu intermédio governam os príncipes. Este versículo refaz levemente o anterior, adicionando os nobres à lista dos governantes e fazendo todos eles governar por intermédio da sabedoria, sem mencionar seus decretos, que são instrumentos de seu governo. O texto massorético também fala aqui em *juízes*, o que é secundado pela nossa versão portuguesa. Mas a versão da Septuaginta tem o verbo “governar” no lugar do substantivo “juízes”, ou seja, a Septuaginta limita a menção dos governantes aos príncipes e aos nobres. Juntamente com o vs. 15, pois, temos o rei, os príncipes, os nobres e, talvez, os juízes, como aqueles que exercem o poder. A sabedoria, pois, concede entendimento a todos esses governantes, sem importar o nível a que eles pertençam, para que governem bem. Ver o *Dicionário* quanto aos artigos chamados *Massora (Massorah)*; *Texto Massorético* e *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento*. Algumas vezes, as versões têm um texto superior ao do texto hebraico padronizado, refletindo manuscritos hebraicos mais antigos do que os utilizados pelo texto hebraico padronizado. Os papiros do Mar Morto ilustram a sobrejo esse fato, concordando ocasionalmente com as versões, sobretudo com a Septuaginta, e não com o texto hebraico posterior. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do*.

8.17

Eu amo os que me amam. A sabedoria instrui e concede compreensão, mas a Senhora Sabedoria também ama àqueles que a amam e a buscam. O amor é mútuo, sendo esse o melhor tipo de amor. Compreendemos que Deus, como nosso Pai celestial, ama a Seus filhos (ver João 3.16); e amar Deus é o primeiro dever e privilégio dos homens. Ver Deu. 6.5 e I João 4.7 ss.; 5.1. Guardar os mandamentos é amar Deus. Ver também João 14.15. Aquele que ama busca o objeto de seu amor, e o homem que ama a sabedoria a busca. Ademais, a Senhora Sabedoria garante estar esperando ansiosamente pelo encontro. Em contraste, aqueles que rejeitam a sabedoria a buscam em vão (ver Pro. 1.28). Deve haver amor mútuo, ou os benefícios da sabedoria serão retidos.

Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama, será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele.

(João 14.21)

"Todos fantasiam que amam Deus. Mas aqueles que não buscam Deus de modo algum, ou que O buscam friamente, ao mesmo tempo que buscam as vaidades do mundo, deixam claro que são conduzidos pelo amor ao mundo, mais do que pelo amor a Deus" (Fausset, *in loc.*).

8.18

Riquezas e honra estão comigo. As verdadeiras riquezas e a honra estão com a Senhora Sabedoria em sua casa, em contraste com as riquezas do mundo, como prata, ouro e jóias (vss. 10 e 11). As riquezas da sabedoria são permanentes, em contraste com as riquezas do mundo.

Essa idéia tem sido cristianizada para falar das recompensas ganhas após o sepulcro, no pós-vida. Mas o autor sagrado está falando sobre uma longa vida, plena de honrarias, prosperidade e bem-estar, agora mesmo na terra, a herança de Israel. Em vez de "justiça", algumas traduções dizem "prosperidade, *qedhaqah*, que pode significar isso ou "boa sorte, dada por Deus ao homem" (Charles Fritsch, *in loc.*). "A retidão é associada às riquezas duráveis, em contraste com as riquezas deste mundo, que perecem, são mal ganhas e logo se perdem" (Fausset, *in loc.*). Cf. Mat. 6.33. Em Cristo existem riquezas duráveis, Efê. 3.8 e I Cor. 1.30. Quanto às riquezas permanentes, ver também Pro. 14.24; 15.6 e 22.4.

Na sua casa há prosperidade e riqueza, e a sua justiça permanece para sempre.

(Salmo 112.3)

8.19

Melhor é o meu fruto do que o ouro, do que o ouro refinado. Aqui a Senhora Sabedoria é representada como produtora de um fruto superior ao ouro, superior mesmo ao ouro refinado que produz elevado preço no mercado. Sua produção é maior a qualquer coisa que a prata depurada pode trazer a um homem. A figura simbólica é a de uma árvore frutífera, e a produção é tanto espiritual quanto material, pondo em eclipse qualquer tipo de riquezas terrenas.

Rendimento. Vocábulo usado na linguagem do mercado. O termo chama nossa atenção para a capacidade da sabedoria de produzir benefícios superiores a qualquer bem terreno. O homem que se tornar possuidor das riquezas da sabedoria terá uma produção superior àquele que fez de seu alvo o negócio de acumular o ouro e a prata. Ele terá vida mais longa, mais útil, mais justa, mais produtiva, menos perturbada do que o homem que negligencia a sabedoria. A Senhora Sabedoria dá àqueles que a amam todos os benefícios e, colocando-se à mão direita de Deus, ela tem um suprimento interminável, que vem do tesouro das riquezas divinas.

8.20

Ando pelo caminho da justiça. A sabedoria sabe conduzir seus cultores pelo caminho justo e mais próspero, a saber, o caminho da justiça – as veredas da retidão. A metáfora da árvore é agora substituída pela metáfora do "caminho", tão freqüentemente utilizada nos livros de Salmos (ver notas em Sal. 37.5) e Provérbios (ver as notas em Pro. 4.27). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Caminho*, quanto a detalhes. Quanto à metáfora de *andar pelo caminho*, ver sobre *Andar*, no *Dicionário*. Ver também Isa. 30.21. "... da verdade e da santidade: caminhando em seus mandamentos e ordenanças; em todos aqueles preceitos que nos fornecem orientação, não contra a vontade do homem bom, mas em concordância com o seu desejo; correndo com a maior satisfação, naquelas veredas pelas quais ele anda" (John Gill, *in loc.*).

8.21

Para dotar de bens os que me amam. A Senhora Sabedoria anela por dar àqueles que a amam uma herança, e essa herança é tão grande que enche todos os seus tesouros. Uma herança traz, de súbito, riquezas pelas quais não trabalhamos para conseguir. As heranças que obtemos geralmente vêm de entes queridos. É a última bênção para nós, a menos, naturalmente, que encontrem uma maneira de abençoar-nos estando no outro lado. Em Cristo somos herdeiros (ver Rom. 8.17); e, sendo isso no país celestial, produzido pelo Ser divino, deve significar que temos grandíssima herança. Assim sendo, a sabedoria, um dom divino, enche os tesouros de todos quantos a amam. Cf. Mat. 6.20.

Receberá a coroa da vida a qual o Senhor prometeu aos que o amam.

(Tiago 1.12)

Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Galardão* e *Coroas*. Ver também II Tim. 4.8.

Décimo Quinto Discurso: a Exaltada Posição da Sabedoria (8.22-31)

Este é o décimo quinto dos dezesseis discursos que compõem o primeiro livro de Provérbios (1.8-9.18). A sabedoria retrocede ao tempo da criação, tendo sido um instrumento da criação. Naturalmente, a sabedoria já estava com Deus antes da criação, e fazia parte da doutrina judaica padrão que a lei incorporava essa sabedoria, que não começou com a lei de Moisés. Isso significa que a lei de Moisés foi um reflexo da eterna sabedoria de Deus. A sabedoria já existia antes da criação, sendo mencionada por cinco vezes nesta passagem: vss. 22 (duas vezes), 23, 25 e 26. A sabedoria estava presente quando Deus criou todas as coisas: vss. 24, 27-29. Por sete vezes, o *quando* é declarado.

Era apenas natural que uma passagem como a presente se refira ao Verbo (ver João 1.1), como que para descrever o Filho preexistente. Essa teoria é maculada, entretanto, pela palavra *criar* (de acordo com certas versões; e, talvez, por isso, em nossa versão portuguesa tenhamos o verbo "possuir") no vs. 22: "O Senhor me possuía no início de sua obra". Por isso mesmo, os intérpretes são forçados a modificar a frase para que tenha outro sentido, conforme se vê nos seguintes três pontos:

1. Em um dos pontos extremos, temos o comentário da *Scofield Reference Bible*: "Essa sabedoria é mais do que uma personificação de um dos atributos de Deus, ou da vontade de Deus como a melhor vontade para o homem, é antes um prefigurar distinto de Cristo, como algo firme na mente divina. Cf. Pro. 8.22-26 com João 1.1-3 e Col. 1.17. Só pode estar em pauta o Eterno Filho de Deus" (*in loc.*).
2. No outro extremo, temos o atributo de Deus da sabedoria, vista como que personificada. Talvez a verdade esteja em uma posição intermediária.
3. "Este é um desenvolvimento do pensamento em 3.19,20 que se dirige ao conceito de um agente divino, 'o primogênito de toda a criação', por meio de quem 'todas as coisas foram criadas' (Col. 1.15,16; João 1.1-3" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 22).

Esse passo, na direção de tal conceito, também pode ser visto na idéia do Anjo do Senhor, sobre o qual Filo, algumas vezes, falava em termos pessoais. A doutrina do Logos, no Novo Testamento, sem dúvida foi mais um passo nesse processo, também influenciado pela idéia grega do Logos, uma doutrina antiqüíssima. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Logos (Verbo)*, quanto ao pleno tratamento sobre o assunto.

8.22

O Senhor me possuía no início de sua obra. Consideremos dois pontos aqui:

1. Em vez de "possuía", devemos reparar que a expressão "criou", que aparece em outras versões, é uma tradução legítima da palavra hebraica *qanah*. Alguns tradutores e intérpretes preferem dizer aqui "o Senhor me criou".
2. Mas a nossa versão portuguesa diz "possuía", também uma tradução possível. Na verdade, o verbo hebraico original pode significar "estabelecer" (ver Gên. 14.19, referindo-se à formação dos céus) e "gerar" (ver Deu. 23.6), ou mesmo "comprar" (ver Gên. 25.10) ou "adquirir" (ver Gên. 4.1). É inútil, pois, tentar resolver o problema de estar em vista ou não o Verbo, por meio de um apelo ao sentido dessa palavra hebraica.

O cristianismo ortodoxo não fala sobre o Verbo como se Ele tivesse sido criado. Ver a introdução ao vs. 22, acima, quanto ao problema do sentido do ensino sobre a Sabedoria preexistente, desde antes da criação e durante a criação. Esse mesmo tipo de dificuldade existe quanto ao significado de Col. 1.15, "o primogênito de toda a criação". Antes de tudo, penso que é ridículo tentar fazer o trecho de Pro. 8.22-31 ajustar-se a João 1.1 e à doutrina posterior do Logos, forçando cada versículo a ensinar esse ensino posterior. Isso seria verdadeiramente anacrônico. Por outra parte, por que negar que a presente passagem é um

OS DONS DO AMOR

Ando pelo caminho da justiça,
no meio das veredas do juízo,
para dotar de bens os
que me amam, e lhes
encher os seus tesouros.

Provérbios 8.20,21

AS QUALIDADES DO AMOR

O amor é o símbolo da eternidade. Apaga todo o senso de tempo, destruindo toda a memória de um começo e todo o temor de um fim.

Madame de Stael

O químico que pode extrair do seu próprio coração os elementos de compaixão, de respeito, de anelo, de paciência, de lamento, de surpresa e de perdão; compondo-os em um só, pode criar aquele átomo que se chama Amor.

Kahlil Gibran

passo a mais na direção da doutrina posterior? A maior parte das grandes doutrinas tem passado por um desenvolvimento que se processou durante muitos séculos. Nossa teologia, sempre deficiente, tem de crescer, ou não progrediremos. A verdade de Deus, entretanto, não pode ser contida pelas teologias humanas nem pela finita linguagem humana. Erasmo de Roterdã certamente tinha razão quando insistia em que a linguagem humana não pode aprisionar o infinito. Ele, sem dúvida, tinha razão quando defendeu vigorosamente a liberdade da investigação.

Antes de suas obras mais antigas. Consideremos aqui os dois pontos seguintes:

1. Nossa versão portuguesa dá a entender que Deus já possuía a sabedoria antes de Seus atos de criação físicos. Por conseguinte, a controvérsia mencionada acima, sobre a primeira parte deste vs. 22, é perpetuada por duas opiniões diversas, e ambas alicerçadas sobre traduções possíveis do original hebraico.
 2. Mas a tradução da Imprensa Bíblica Brasileira é: "O princípio dos seus feitos". E isso significa que a sabedoria foi a primeira coisa a ser criada, o princípio, depois do que se seguiram os demais atos da criação. Assim sendo, a sabedoria foi "o primeiro dos atos de Deus".
- Observe o leitor os trechos paralelos, citados a seguir, que favorecem a segunda dessas idéias:

A sabedoria foi criada antes deles todos, e a sã inteligência desde a eternidade.

(Eclesiástico 1.4)

O próprio Senhor a [a sabedoria] criou.

(Eclesiástico 1.9)

Se esse é o real sentido de Pro. 8.22, então que diferença faz uma ou outra tradução? Não procuramos no Antigo Testamento o ensino sobre o Logos. É ridículo que essa passagem tenha figurado com proeminência nas controvérsias cristológicas da igreja primitiva; e outro tanto pode ser dito quanto ao presente. O Targum, a Septuaginta e o siríaco dizem "criou".

8.23

Desde a eternidade fui estabelecida. Esta tradução parece falar da eternidade da sabedoria, contradizendo a idéia de que ela foi a primeira coisa criada. Mas também poderíamos traduzir por "era atrás", que indicaria que a sabedoria é antiqüíssima, existindo antes da criação; mas a idéia da eternidade é deixada somente para Deus. Seja como for, a sabedoria foi "estabelecida" ou "moldada", o que também é possível. Portanto, dependendo da doutrina que queiramos promover aqui, podemos obter o apoio de traduções e intérpretes. É ridículo falar em heresia, se a doutrina ortodoxa do Logos não for seguida, porquanto isso não é o que está sendo ensinado, embora possa ser considerado um passo nessa direção. Por cinco vezes, nesta passagem, a sabedoria é declarada como existente antes da criação do mundo: vss. 22 (duas vezes), 23, 25 e 26; e por sete vezes lemos que ela já existia quando a criação veio à existência (vss. 24, 27-29). Somente a terra é mencionada, e embora saibamos, mediante a ciência moderna, que a terra veio à existência depois do sol (pelo menos há evidências em favor dessa opinião), aqui se fala em toda a criação, porquanto nenhuma diferença cronológica existia, dentro das idéias da criação, entre os hebreus.

Fui estabelecida. A raiz do original hebraico, *nasakh*, parece ser "derramar". Nesse caso, pode estar em foco a idéia de emanção. Isso tem paralelos na literatura da sabedoria!

*Ela é o hálito do poder de Deus,
E pura emanção de Seu poder todo-poderoso.*

(Sabedoria de Salomão 7.25)

Emanção (ver a respeito no *Dicionário*) era uma antiga idéia grega, mas não pertencia ao pensamento mais antigo dos hebreus. Entretanto, na literatura judaica posterior, encontramos a idéia especialmente na literatura da sabedoria. Ver também Eclesiástico 1.9. Filo, como neoplatônico que era, também defendia tal idéia.

8.24

Antes de haver abismos, eu nasci. Esta tradução, "eu nasci", favorece a segunda interpretação do vs. 22, a saber, que a sabedoria foi criada. A figura simbólica é alterada, como uma criança que ainda não nasceu, ainda não veio à existência. Somente quando nasce, começa realmente a vida daquela criança, a menos que estejamos falando em reencarnação, mas isso não está em evidência neste texto. Os cristãos ortodoxos chegaram ao absurdo de falar na "eterna gera-

ção", uma doutrina da teologia cristã primitiva, que certamente não é uma idéia do Antigo Testamento e com certeza se revela um anacronismo nesta passagem bíblica. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Geração Eterna*.

Seja como for, o nascimento da sabedoria ocorreu antes do começo dos abismos. O hebraico diz aqui *tehomoth*, ou seja, as águas primevas (ver Gên. 1.2) que faziam parte da criação original. A cosmogonia dos hebreus pintava a terra como que repousando sobre um grande mar, havendo ainda outro mar acima do firmamento. Ver a ilustração no artigo chamado *Astronomia*, que mostra os dois mares e outras idéias sobre o que a criação teria produzido. Além disso, de dentro da terra, não havia nenhuma fonte a borbulhar, porquanto ainda não havia terra. O autor mencionou algumas poucas coisas representativas que constituíam a criação. Antes que todas as coisas da criação chegassem à existência, a sabedoria estava ali, já criada, tendo sido dada à luz.

8.25

Antes que os montes fossem firmados. A sabedoria já estava ali, antes que a formação das massas de terra viesse a ser firmada, com seus montes e colinas. O autor continuava sua lista representativa de coisas criadas, a fim de dizer-nos que a sabedoria já estava presente, quando essas coisas foram criadas ou emanadas (ver o vs. 23) do fogo divino. A cosmologia dos hebreus pintava as montanhas como grandes estruturas sólidas que repousavam sobre alicerces enterrados profundamente na terra. "Tudo quanto existe veio à tona pela comunicação do Ser infinito de Deus. Tudo quanto tem inteligência a tem por derivação da sabedoria soberana de Deus, e tudo quanto age o faz somente pelo impulso da suprema atividade" (Fenelon). O autor sagrado estava pensando em princípios, contradizendo a idéia grega da eternidade da matéria. O começo veio à superfície ou por criação, proveniente da essência de Deus, mediante o poder de Deus, ou através da emanção do Ser Divino. Quanto às diversas teorias sobre a origem das coisas, ver o artigo chamado *Criação*, segunda seção, onde apresento idéias a respeito.

8.26

Ainda ele não tinha feito a terra, nem as amplidões. O autor sagrado continuava apresentando a sua lista representativa de coisas que foram criadas, e em cada caso assegurou-nos que a sabedoria já estava presente quando essas coisas começaram a existir. O hebraico deste versículo é enigmático, tanto a primeira como a segunda cláusula. "Amplidões" talvez indiquem os "lugares exteriores", e o "princípio do pó do mundo" talvez indique os "campos", mas o que significam as "amplidões" e o "princípio do pó do mundo"? As traduções conservam essas frases em sua forma essencialmente literal, e deixam-nos a conjecturar sobre o verdadeiro significado. Alguns pensam que está em pauta o trecho de Gên. 2.7, que fala na criação do homem do pó da terra. E as "amplidões" poderiam apontar para os extremos da terra, ao passo que o "pó" da terra seria a camada mais externa do solo, que teria sido usada para que o homem pudesse sobreviver.

Criação Ex Nihilo? Ver no *Dicionário* sobre esse título. Deus, na realidade, criou tudo do nada? Teria Ele transformado Sua própria energia em matéria? O artigo assim chamado tenta dar alguma espécie de resposta.

8.27

Quando ele preparava os céus, aí estava eu. Agora temos a menção à criação dos céus, o que poderia incluir os elevados céus, onde habitam Deus e os seres angelicais, mas também o firmamento, que é a taça invertida, a grande cúpula com arco, sólida, que cobriria a terra. Ver sobre esse termo no *Dicionário* quanto a detalhes sobre a idéia. A equiparação do firmamento com os céus estelados é uma interpretação moderna que procura afastar-se daquilo em que os hebreus realmente acreditavam. Ver a ilustração sobre a cosmogonia dos hebreus no artigo que versa sobre a *Astronomia*, no *Dicionário*. Quando a grande cúpula circular foi formada, fechou a terra dentro de seu círculo. A terra era vista como chata, fechada pela cúpula circular. A palavra "horizonte", aqui usada, não se refere a uma terra circular, como alguns intérpretes tentam forçar o texto sagrado. A referência é à cúpula circular da taça invertida, a qual, por ser dura, é chamada de *firmamento*. Cf. Gên. 1.6. Ver também Jó 22.14 e Isa. 40.22.

8.28

Quando firmava as nuvens de cima. A sabedoria estava ali, sendo empregada, quando o Criador estabeleceu o céu com nuvens e o grande mar sobre o qual a terra descansava. O hebraico, no caso de ambas as cláusulas, é incerto, pelo que tem sido emendado. Em lugar de nuvens, há versões que dizem céus, e então elas vêem a expansão "lá em cima" como se tivesse sido estabelecida por um ato da criação, enquanto as águas inferiores teriam ficado confinadas por seus

limites apropriados para servir de fundamentos da terra. Isso posto, condições caóticas foram postas em boa ordem, mas não parece que havia aqui nenhum ensino sobre o caos existente antes do ato criativo de Deus, o qual era então, não uma criação real, mas um vasto esforço de organização. Céus, neste caso, é considerado por alguns como outra referência à cúpula celeste. "Firmou os céus, concebidos como uma cúpula sólida que repousava sobre colunas de montes, nas extremidades de uma terra plana (ver Gên. 1.6-8; Jó 26.10,11; Sal. 104.2,3)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 28).

8.29

Quando fixava ao mar o seu termo. Além de haver um vasto mar sobre o qual a terra flutuaria, haveria mares conforme os conhecemos, enormes corpos de água que precisavam ser contidos, porquanto seriam, potencialmente, grandes forças destruidoras. Alguns estudiosos vêem aqui o amansamento dos mares, mas outros vêem esse mar, sobre o qual repousava a terra, como seu alicerce ainda visível. A segunda cláusula parece favorecer a segunda dessas idéias. Deus teria baixado um decreto a esse alicerce, a confinar o mar, para que permanecesse como alicerce apropriado. Talvez haja dupla referência, estando em vista tanto o mar que serve de alicerce como os mares à superfície. Ambos os mares precisariam ser regulamentados pelo decreto divino, ou a terra não seria um lugar habitável. Cf. o versículo com Jó 38.4,10,11. Ver também Gên. 1.9; Jer. 5.22; Jó 26.7; Sal. 24.2 e 104.5.

8.30

Então eu estava com ele e era seu arquiteto. A sabedoria estava presente antes de todos esses atos da criação previamente mencionados, e estava em companhia de Deus quando esses foram efetuados. A idéia de anterioridade é dada por cinco vezes, nos vss. 22, 23, 25 e 26. A idéia sobre o *quando* aparece por sete vezes, nos vss. 24, 27, 28 e 29. Um dos textos encara a sabedoria como se fosse uma criança criada por Deus e, assim sendo, presente em todos os atos da criação. Outro texto vê a sabedoria como um mestre artífice que se mostrou ativo durante o tempo da criação, de fato, o instrumento usado por Deus para criar. O texto marginal interpreta o texto como *criancinha*, que poderia ser o significado da palavra no texto, mas a outra idéia também é possível. Ambas as formas são excelentes figuras simbólicas: o Filho ocupado juntamente com o Pai (conforme o texto pode ser cristianizado); ou então o sábio arquiteto mestre seria o capataz da obra. A palavra hebraica em questão é *'amon*, que parece derivar-se de *'aman*, "confirmar", "apoiar". A idéia da sabedoria como mestre arquiteto também se acha no livro Sabedoria de Salomão 7.22:

A Sabedoria, a Moldadora de todas as coisas, me ensinou.

Fontes informativas rabínicas também têm essa figura, conforme nos informa Oesterley, em sua obra *Provérbios* (*in loc.*).

As possíveis figuras do filho e do mestre arquiteto também aparecem no primeiro capítulo do evangelho de João. E assim ficam ligados o capítulo 8 de Provérbios com o primeiro capítulo do evangelho de João e sua doutrina do Logos. A passagem no livro de Provérbios é um passo na direção da doutrina do Logos, mas é tanto exagero como anacronismo equiparar as duas coisas e fazer do capítulo 8 de Provérbios uma afirmação cristológica. A insistência quanto a isso tem produzido muita controvérsia insensata na igreja, quando ela luta para formar sua doutrina cristológica. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Logos* (*Verbo*).

Deus deleitava-se na sabedoria, pelo que também essa qualidade foi personalizada: o cooperador do Filho amado, o instrumento da criação, dotado de inteligência como principal característica. Deus e a Sabedoria desfrutaram de comunhão mútua. Nessa associação há amor e deleite. Houve regozijo na criação, tão grande e maravilhosa foi ela, e tão poderosos e maravilhosos foram os seus agentes. "Foi bom", algo no que Deus poderia ter o Seu deleite.

8.31

Regozizando-me no seu mundo habitável. A terra e seus meios ambientes são agora vistos como criados e postos em boa ordem. O resultado dessa obra divina foi que a terra tornou-se habitável. Portanto, a Sabedoria, Filho e companheiro de Deus, agora foi levada a ter comunhão com os homens e, visto que havia deleite mútuo entre Deus Pai e o Filho, agora também o Filho se deleitava mutuamente com os filhos dos homens. A sabedoria sente grande alegria com os homens, pelo que se torna sua benfeitora. As leis da sabedoria, que governam o universo, são as mesmas que dirigem a vida dos homens. Da mesma maneira que a sabedoria ordena os mecanismos intrincados do mundo ao nosso redor, assim ela também pode ordenar a vida de todos quantos queiram viver de acordo com as suas palavras" (Charles Fritsch, *in loc.*). A aplicação da sabedoria é, assim sendo, universal: acima, em redor e dentro de nós. Cf. este versículo com Gên. 1.31, onde é expressa a satisfação de Deus com Sua criação. Ver também Sal. 104.31 e Gên. 3.8.

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre a encarnação do Logos, por meio da qual os benefícios divinos são trazidos aos homens. Ver Heb. 2.16.

"Deus exhibe a Sua sabedoria de maneira especial ao ordenar e dirigir os seres humanos, e também ao providenciar para as necessidades deles. A sabedoria é uma manifestação especial de Sua providência" (Adam Clarke, *in loc.*).

Alguns intérpretes chegam a incluir neste texto o favor eletivo de Deus, ignorando o caráter universal desse favor. Porém, onde houver homens neste mundo habitável, ali estará a sabedoria, deleitando-se neles e servindo-os como agente especial de Deus, da mesma maneira que ela foi a agente especial de Deus na criação física.

A principal alegria da sabedoria concentra-se no homem, por ser ele a coroa da criação de Deus.

O homem é um deus caído que se lembra dos céus.

(Alphonse de Lamartine)

Que obra tremenda é o homem!

Quão nobre em sua razão! Quão infinitas

As suas faculdades, como é parecido com os anjos,

Mas imitador dos demônios.

Ele é o modelo da nobreza e, no entanto,

É escravo do que é vil e baixo.

(Blaise Pascal)

Palavras Conclusivas de Exortação (8.32-36)

8.32

Agora, pois, filhos, ouvi-me. Visto que a sabedoria é tão exaltada, tão poderosa e tão deleitosa, por igual modo convém que os homens lhe dêem ouvidos. O mestre novamente convocou seus estudantes para que o ouvissem (ver as notas expositivas em Pro. 4.20). Ele convocou os filhos dos homens com um apelo universal, tal como a sabedoria se deleita em todos os homens de todos os lugares (vs. 31). Agora, ele é o mestre da escola inteira dos homens, e não meramente de seu próprio pequeno bando de discípulos. Ele profere uma bênção sobre aqueles que ouvem e obedecem, convidando-os a um caminho abençoado (ver Pro. 4.27). Isso significa seguir as instruções (vs. 33), a essência da lei, interpretadas pelas declarações da sabedoria. Quanto ao ato de ouvir, ver também Pro. 1.8; quanto à instrução, ver Pro. 1.2; quanto a recusar-se ou negligenciar, ver Pro. 1.25. Tal como sucede no livro de Salmos, temos aqui uma repetição constante de idéias fundamentais, e a lei é a grande fonte de informações. Cf. este versículo com I João 3.1.

Filhos. Ver Pro. 6.1 quanto a esse apelativo. "Aqui a própria sabedoria dirige-se aos jovens, chamando-os de filhos, tal como o pai já havia feito por três vezes (ver Pro. 4.1; 5.7 e 7.24)" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). A relação entre pai e filho empresta qualidade ao símbolo, porquanto somos relembrados de Deus, como Pai, um de nossos mais elevados conceitos teológicos. Ver no *Dicionário* o verbo chamado *Paternidade de Deus*.

As Bem-aventuranças no Livro de Provérbios. Ver Pro. 5.18; 8.32,34; 10.7; 20.7,21; 22.9; 31.28. Ver o artigo do *Dicionário* sobre esse tema.

8.33

Ouvi o ensino, sede sábios. Novamente encontramos o convite para ouvir, reforçando o versículo anterior. Os homens são convidados a ouvir atentamente ao ensino (Pro. 1.2). Está em pauta a lei, conforme interpretada pelas declarações da sabedoria. Ver a *lei como guia*, em Deu. 6.4 ss. Os sábios são aqueles que dão ouvidos à sabedoria, pelo que são eficazmente guiados por ela no caminho certo (4.27, ver também no *Dicionário* o artigo chamado *Caminho*, quanto a detalhes). Aqueles que se recusarem a isso (ver Pro. 1.5) são os tolos e os miseráveis que caem em todos os tipos de armadilhas e desgraças. As instruções disciplinares levam os homens à sabedoria no fim, mas a vereda é longa e árdua, e requer a dedicação de estudantes sérios. Cf. este versículo com Pro. 1.7; 15.32 e Heb. 2.3.

8.34

Feliz o homem que me dá ouvidos. Feliz é o homem que ouve, obedece e persevera na vereda ditada pela sabedoria. O estudante dedicado será encontrado diariamente nas portas da sabedoria para frequentar sua escola; ele esperará nas portas da sabedoria, querendo dialogar com ela. O quadro é o de estudantes que se reúnem na casa do mestre, onde ele efetua as suas classes. Os estudan-

tes esperam ansiosamente que o mestre apareça para abrir as portas e permitir-lhes a alegria de frequentar as aulas em sua escola. Essa é uma escola feliz, como poucas delas são felizes. Alguns eruditos vêem aqui um amante à porta de sua amada; mas o ensino (vs. 33) é que determina a figura, e vemos que se trata de uma escola. "A figura é a de um ardente estudante que espera que as portas da escola se abram para que ele possa começar os seus estudos" (Ellicott, *in loc.*).

Este versículo tem sido cristianizado para falar de Cristo como instrutor, e, nesse caso, é na igreja que ele conduz Suas aulas. Além disso, a porta é a porta do céu, por ocasião em que os estudantes se formam. "... esperando ali pela admissão, para que possam ouvir cada palavra que ali será proferida, e não percam coisa alguma do ensino celestial" (Adam Clarke, *in loc.*).

*Oh, podes dizer que estás preparado, irmão,
Pronto para o lar brilhante da alma?
Quando Jesus vier para recompensar Seus servos,
Encontrar-nos-á preparados, esperando,
Esperando pela volta do Senhor?*

8.35

Porque o que me acha acha a vida. Um bom aluno, que busca ansiosamente a sabedoria em sua porta, a fim de receber e obedecer às suas instruções, a encontra, e não meramente as suas instruções. Ao encontrá-la, tal aluno encontra a vida, pois a sabedoria guia a esse grande benefício. Nessa vida, o estudante conta com o favor próprio do Senhor. Veja o leitor como a lei transmite vida (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). O judaísmo posterior (e, naturalmente, o cristianismo) interpretava este versículo como a vida eterna, mas isso é um anacronismo em relação ao presente contexto. O antigo ideal dos hebreus consistia em uma longa, boa e próspera vida física na Terra Prometida. O homem que vivesse por muitos anos podia participar por longo tempo do culto no templo, gozando de todas as vantagens, espirituais e materiais, pertencentes ao *pacto abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). Cf. este versículo com I João 5.12; João 8.51 e Pro. 3.18. A sabedoria é a árvore da vida, e todos os que participam de seu fruto sentem-se felizes. O que foi proibido no jardim do Éden foi gratuitamente oferecido pela Senhora Sabedoria.

Alcança. No hebraico, *puq*, literalmente, "retirar". O simbolismo é de alguém que retira água de uma fonte. A água é abundante e limpa. É doadora de vida. É a água do Senhor, por meio da qual Ele satisfaz o coração do aluno. Esse é o favor de Deus para homens sérios, que buscam realmente a sabedoria, e a obtêm e vivem de acordo com ela. E assim o estudante tornar-se-á, finalmente, um mestre.

8.36

Mas o que peca contra mim violenta a sua própria alma. Em contraste com o estado feliz do bom aluno, que acaba tornando-se um mestre, o pecador (que se recusa a ouvir o convite da sabedoria, preferindo desviar-se por caminhos laterais) é punido. Esse violenta a sua própria alma. Ele sofrerá tribulações, desastres, crises desnecessárias. Terá de enfrentar a morte prematura. O julgamento para além do sepulcro não está em vista aqui, embora o judaísmo posterior e o cristianismo apliquem o versículo dessa maneira. Aquele que erra o alvo (um dos sentidos da palavra hebraica *hata*, "pecado") perdeu os benefícios que a Senhora Sabedoria pode conceder. Ele veio a odiar a sabedoria e, assim sendo, chegou a amar a morte, uma notável expressão contraditória. Os homens amam a vida, o que se evidencia ao nosso redor. Eles fazem tudo quanto podem para melhorar e prolongar a vida. Mas o pecador insensato ama a morte e faz tudo quanto está ao seu alcance para cultivá-la. Ele sofre de morte prematura e pode viver uma vida de morte em vida, antes mesmo que a morte, misericordiosamente, o arrebathe da vida.

É o insensato quem cultiva a morte, pois é um insano. Assim também a mentalidade dos hebreus considerava insensatos a todos os homens que não buscassem anelantemente pela lei, o agente da vida. Quando as declarações da sabedoria vieram à existência, essa atitude foi reforçada por muitas máximas incisivas e discursos espertos. O objetivo da lei de Moisés era doar a vida. Antes da revelação cristã, a lei era considerada a própria fonte originária da qual manava a vida, manipulada pela mão divina. Então houve a missão do Logos de Deus, e viu-se que o poder de doar a vida estava em Suas mãos. E essa é a nossa teologia.

O salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, em Cristo Jesus, nosso Senhor.

(Romanos 6.23)

Capítulo Nove

Décimo Sexto Discurso: Sumário do Valor da Sabedoria, Contrastando o Seu Convite com o Convite da Insensatez (9.1-18)

Este é o décimo sexto dos dezesseis discursos do primeiro livro de Provérbios (1.8 – 9.18). Os elementos deste capítulo são:

1. A sabedoria convida os homens à sua própria casa (vss. 1-6).
2. Segue-se uma seção de aforismos, enfatizando o valor da sabedoria.
3. Então a insensatez convida os homens à sua casa (vss. 13-18). Assim sendo, estabelece-se uma rivalidade. É necessário decidir entre a sabedoria e a insensatez. Essa é uma escolha permanente, da qual ninguém pode escapar.

"No livro de Provérbios, a sabedoria é, com freqüência, personificada como uma dama digna (ver 1.20-33; 3.16-18; 4.3-6; 8.1-21,32-36; 9.1-6). Em Pro. 9.1-6, ela aparece como uma construtora e dona de casa, preparando um banquete para aqueles a quem faltava a sabedoria" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Os Convites da Sabedoria (9.1-6)

9.1

A sabedoria edificou a sua casa. A sabedoria aparece aqui como uma construtora de casas e dona da casa. Ela tem sua própria casa. Essa casa funciona como um lugar de ensino para aqueles que buscam a sabedoria. Cf. isso com Pro. 8.34. O lar da Senhora Sabedoria é um lar e uma escola esplendorosos. Conta com sete colunas cuidadosamente moldadas que suportam o peso da casa, o que significa que ali os alunos podem atingir compreensão completa, e essa compreensão é divina.

Lavrou as suas sete colunas. "Sete Colunas. Provavelmente aludindo às colunas que circundavam o átrio central da casa, três de cada um dos dois lados e uma no fim extremo. As interpretações alegóricas são inúmeras" (Charles Fritsch, *in loc.*). A seguir damos algumas sugestões:

1. As colunas são fundamentais a um edifício de natureza espiritual. Um homem precisa desse alicerce para a sua vida.
2. Ficam entendidos os sete dons do Espírito Santo (ver Isa. 11.2; Apo. 1.4), que também eram tipificados pelo candelabro com sete lâmpadas, no tabernáculo (ver Êxo. 25.37).
3. Sete é número que implica as perfeições divinas da estrutura do edifício. A origem e o alicerce da sabedoria encontram-se em Deus.
4. A lei do Senhor é perfeita e restaura a alma (Sal. 9.7). E o número sete fala simbolicamente sobre essa perfeição.
5. A casa é ampla e espaçosa, e é capaz de acolher a qualquer número de interessados.
6. Estão em foco os sete dias da criação. Assim como a Deus foram necessários todos esses dias, também o mundo da sabedoria é uma obra completa.
7. Este versículo tem sido cristianizado e, nesse contexto, as colunas assumem vários significados. Agora essa casa é a igreja, e as colunas são os ministros do evangelho.

Propositadamente, interrompo aqui as sete explicações sobre as sete colunas, para arquitetar um estudo simétrico. Existem também outras explicações. Não sabemos dizer quão complicados o autor sagrado esperava que ficassemos, na explicação de seus símbolos.

9.2

Carneou os seus animais, misturou o seu vinho. A Senhora Sabedoria preparou uma refeição suntuosa para seus convidados; foram abatidos animais selecionados, como touros, bodes e ovelhas; os melhores vinhos já estavam expostos sobre a mesa; a mesa estava toda enfeitada com coisas boas que agradam os olhos e deleitam o apetite. Tudo isso simboliza os deleites da lei, conforme interpretada pelas declarações de sabedoria que alegam a mente e a alma daqueles que aprendem e obedecem. O vinho da Senhora Sabedoria foi misturado com especiarias, para ter melhor sabor. "O contraste entre o capítulo 9, onde a sabedoria é uma mulher atarefada que prepara um banquete, e o capítulo 8, onde ela é um ser divino, é notável" (Arthur Fritsch, *in loc.*). O ato de misturar água com vinho pode estar em mira, pois esse era um costume antigo. Esse tipo de vinho misturado com água era usado por ocasião da páscoa (ver Mat. 26.29 ss.). Essa mistura era processada para aumentar o volume e diminuir a força alcoólica do vinho. Mas a fermentação natural dará apenas 8% de conteúdo de álcool. Conjecturo aqui que essa mistura serve para aumentar a força de atração do vinho, o que explica a presença de especiarias. Isso se ajusta melhor à simbologia, o quadro de uma refeição suntuosa, mais do que ter água na figura

simbólica. Cf. Sal. 75.8 e Isa. 5.22. Ambas as coisas, como é natural, podem estar em vista.

Este versículo tem sido cristianizado para falar do banquete cristão para a alma salva, a grande provisão do evangelho visando a salvação através de Cristo, o Pão da Vida, que também foi o Cordeiro que foi morto.

9.3

Já deu ordens às suas criadas. A sabedoria já lançou o convite a todas as suas criadas para fazer o chamamento. Elas não perderão de vista um único lugar da cidade. As criadas vão aos lugares mais altos da cidade, para que possam ser ouvidas, de forma que ninguém deixe de vir ao banquete por não ter ouvido o convite. Cf. as criadas aos servos do senhor, no capítulo 22 de Mateus, bem como a chamada dos altos lugares da cidade, como os eirados, referidos em Mat. 10.27.

"O ponto mais elevado da cidade (Cf. Pro. 8.2) era algum lugar alto de onde muitos pudessem ouvir o convite. A Senhora Insensatez também faz o seu convite de um lugar alto (ver Pro. 9.14)" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Cf. o texto com Mat. 22.2-10. Este versículo tem sido cristianizado de modo que se refira ao convite evangélico para que os homens se acheguem a Cristo e ao Seu banquete celestial. A casa da Senhora Sabedoria era espaçosa e ampla, de modo que não se receava faltar espaço para acolher todos os convidados que quisessem vir. Por igual modo, não há falta de espaço nos céus, o lar daqueles que recebem o convite e agem de conformidade. Quanto ao envio cristão de pregadores, ver Rom. 10.15.

9.4

Quem é simples, volte-se para aqui. Este é o segundo sermão que a Senhora Sabedoria apresentou na rua. Ver Pro. 1.20. A sabedoria estava convocando os simples, os inexperientes, aqueles que tinham pouco conhecimento, mas ainda não estavam endurecidos no pecado. Ver os comentários sobre os *simples*, em Pro. 1.4. Os simples, pois, são convidados a entender (ver Pro. 2.20), um tema muito repetido neste livro. Era a lei, sob a forma de uma senhora, que chamava os homens à vida. Por sua vez, a Senhora Insensatez faria idêntico apelo (ver Pro. 9.16). Por isso, uma decisão tinha de ser tomada. Naturalmente, dentro do convite cristão, até os pecadores endurecidos são chamados e podem ser capacitados a reverter suas miseráveis condições de vida. O evangelho é mais poderoso do que a lei, e por trás do evangelho temos a considerar a missão de Cristo e a inspiração do Espírito Santo.

O Espírito e a noiva dizem: Vem. Aquele que ouve, diga: Vem. Aquele que tem sede, venha, e quem quiser receba de graça a água da vida.

(Apocalipse 22.17)

9.5

Vinde, comei do meu pão. O convite foi para o banquete suntuoso que havia sido preparado (vs. 2), e o pão foi adicionado aos outros pratos já mencionados. "O pão da sabedoria, o pão da vida" são símbolos de uma vida boa, vivida em consonância com os ditames da lei. A Senhora Insensatez também tinha o seu pão, mas era auto-indulgente no meio do pecado, pelo que comia em segredo (vs. 17). Cf. este versículo com os convites que aparecem em Isa. 55.1 e João 6.35. O homem bom só se deixará arrebatar por seu comer e beber espiritual. Uma espiritualidade superficial espanta para longe os possíveis discípulos. A Senhora Sabedoria preparou o seu banquete e um lanche. O valor desse banquete só pode ser testado pelo homem dotado de verdadeira fome e de verdadeira sede.

*Um pouco de aprendizado é algo perigoso;
Bebe profundamente, ou não proves da fonte Pieriana:
Pois goles pequenos intoxicam o cérebro
Mas beber profundamente nos deixa sóbrios de novo.*

(Alexander Pope)

9.6

Deixai os insensatos, e vivei. A *Promessa da Vida*. A Senhora Sabedoria exortou seus alunos a esquecer o que a Senhora Insensatez haveria de oferecer-lhes. A vida estava em jogo. Ela, como representante da lei, oferecia a vida (ver Pro. 3.18,22; 4.10,13; 5.23; 6.23; 10.11; 11.19; 13.12; 19.23; Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.1). Ver também as notas expositivas em Pro. 8.35. "O dom da sabedoria é a vida longa, próspera e feliz. A morte prematura é a parte que cabe aos que desprezam a sabedoria (vs. 18)" (Charles Fritsch, *in loc.*). Quanto à compreensão que a sabedoria nos outorga, ver Pro. 1.2. Cr. Sal. 111.10 e 119.104. Ver também Ef. 4.14 e I Cor. 16.13.

Vários Ensinos da Sabedoria (9.7-12)

9.7

O que repreende o escarnekedor, traz afronta sobre si. O banquete está preparado (vss. 2 e 5). Há carne, vinho e pão, que simbolizam as coisas boas que a Senhora Sabedoria traz para satisfazer a alma sedenta e faminta. Os vss. 7-12 fornecem algumas declarações sábias que dão exemplos da festa preparada pela sabedoria para os seus convidados. Após esses exemplos, a Senhora Insensatez apresenta-se para convencer os simples a participar de seu banquete e de sua vereda ímpia (vss. 13-17).

Os Perigos de Quem se Opõe ao Mal. O homem corajoso que tenta corrigir o zombador será "galardoado" com abusos. O homem que reprova o ímpio será injuriado. A maioria das pessoas erradas espera que os homens as louvem por causa daquilo que elas ganham por serem ímpias. Porém, o homem que se recusa a deixar-se corrigir o faz para malefício de sua própria alma (ver Pro. 15.32); contudo, os pecadores são por demais cegos para enxergar a verdade que há nisso. Por isso pensam que se corrigido é a mesma coisa que ser atacado pessoalmente. Eles reagem com violência. É difícil fazer discípulos de pecadores endurecidos, pelo que a Senhora Sabedoria convidou os simples (vs. 4), aqueles cujo coração ainda era maleável o bastante para se deixar impressionar. Talvez o intuito deste versículo seja algo parecido com a admoestação de Mat. 7.6 — não lancemos nossas pérolas aos porcos. Cf. também Luc. 8.10. "O escarnekedor vive repleto de arrogante autoconfiança, pelo que não sente nenhuma necessidade de aprender ou da religião (Pro. 21.24)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 7 deste capítulo).

9.8

Não repreendas o escarnekedor, para que te não aborreça. O conselho dado aqui é para o aluno sábio evitar os escarnecedores. Repreendê-los é o mesmo que gerar o ódio, e o homem bom faria bem em evitar tal coisa. Ver os comentários sobre o vs. 7, que também se aplicam aqui. A Senhora Sabedoria convocou os simples, que ainda não estavam endurecidos contra as coisas espirituais (ver o vs. 4). E as declarações dos vss. 7-8 confirmam a sabedoria dessa abordagem. Por outra parte, o homem sábio acolherá de bom grado a repreensão, para que se torne mais sábio ainda, mudando um hábito errado ou tornando-se mais atento em sua caminhada espiritual. "Os medicamentos não devem ser aplicados em casos de desespero" (Hipócrates), e o mestre do texto presente vê algo análogo no caso dos desesperadamente ímpios. Essas observações são boas, mas não absolutas, especialmente no caso do evangelho cristão, que é anunciado a todos os homens, incluindo os piores (ver I Tim. 1.15). Somente o homem inspirado sabe quando deve deixar suas admoestações e repreensões, e quando deve deixar que o homem mau siga o seu próprio curso, que foi por ele escolhido. O que quer que se dê para um homem sábio, isso lhe será uma oportunidade de colher algo de bom. Ele é como uma abelha, capaz de extrair mel de qualquer tipo de flor. Um homem verdadeiramente sábio saberá até amar aquele que o repreende, porque reconhece o bem que há na questão.

Ao que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.

(Mateus 13.12)

9.9

Dá instrução ao sábio, e ele se fará mais sábio ainda. O homem simples, que ainda não foi endurecido pelo pecado, ouvirá quando for aconselhado. Ele progredirá no conhecimento da lei e trilhará o caminho da sabedoria. O homem que já estiver na vereda certa por longo tempo e já possuir razoável sabedoria, não se endurecerá a ponto de repelir (ver Pro. 8.33) nossa doutrina. No versículo presente, o sábio e o justo são equiparados. Essa é uma equação freqüente em Pro. 10.1 – 22.16. Fica entendido que o aprendizado da lei produzirá uma fé sentida no coração, e que os ensinamentos bíblicos produzirão pessoas retas. Se a retidão era essencialmente aquilatada por quão bem um homem obedecia à lei, tanto a moral, como a cerimonial e ritual, efetuada no templo, o coração também estava envolvido nisso, porquanto não se tratava de uma questão mecânica, pelo menos para muita gente, embora possa ter sido tal para muitos. Existem cerca de oitenta referências ao coração no livro de Provérbios, a maioria das quais relacionada à fé religiosa. Ver alguns poucos exemplos em Pro. 2.2,10; 3.1,3,5; 4.4,21,23; 6.21; 7.3,25; 10.8; 14.30; 15.14,28; 20.5,9; 22.11; 23.7,12,15.

Nenhum homem é tão sábio, tão obediente e tão espiritual que não possa ser mais sábio, mais obediente e mais espiritual. Ademais, o sábio é precisamente aquele que reconhece sua necessidade de progredir. O sábio é aquele que obtém maior retidão na vida, e não meramente aquele que aumenta seu conhecimento. "Um caráter piedoso ornamentará a sagacidade mental do indivíduo" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Cf. Mat. 13.12 e 25.29.

O homem justo certamente não é perfeito, mas tem certa maturidade que está aprimorando. Ver Mat. 5.48 e Fil. 3.12,13. Seu negócio é aprimorar-se, pelo que acolherá bons ensinamentos e seguirá especialmente os bons exemplos.

9.10

O temor do Senhor é o princípio da sabedoria. A parte inicial deste versículo reitera um tema e uma declaração central do livro de Provérbios. Ver Pro. 1.7 quanto ao temor do Senhor. Quanto a essa mesma declaração no livro de Salmos, ver 119.38. Ver também, no *Dicionário*, o artigo chamado *Temor*, quanto a completos detalhes sobre esse conceito. No Antigo Testamento, essa expressão era um sinônimo para a espiritualidade.

Neste caso, a palavra para "princípio" é *tehillah*, que é o primeiro princípio da sabedoria, ou seja, o preceito ou princípio com o qual se inicia toda a sabedoria — a reverência pelo Senhor. A declaração paralela faz o conhecimento do Santo ser o princípio da sabedoria. A sabedoria consiste no entendimento, na aplicação da sabedoria à vida do indivíduo. Ver Pro. 1.2 sobre o entendimento. Quanto ao *Santo de Israel*, ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*. Quanto a *nome santo*, ver Sai. 30.4 e 33.21.

O *Santo* (chamado exatamente assim, forma encontrada somente aqui e em Pro. 30.3) é Aquele que nos dá discernimento espiritual sobre o que é exatamente a vida espiritual. E o Seu nome, *Santo*, significa que o temor do Senhor resultará em um andar santo, por parte de Seu povo. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Andar*. Ter conhecimento do Santo é andar na santidade, de acordo com as instruções da lei mosaica. É esse andar correto que é o temor do Senhor. Cf. Isa. 11.2, "o espírito do conhecimento".

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre Cristo, que é a nossa sabedoria (ver I Cor. 1.30), e o crente anda segundo os ensinamentos de Cristo.

9.11

Porque por mim se multiplicam os teus dias. A vida, dada aos que seguem a sabedoria, é um dos principais temas deste livro. Ver Pro. 4.13 e 9.6 quanto a notas expositivas completas. Este versículo mostra que a vida prometida é a vida física, uma boa vida na Terra Prometida, uma vida espiritual próspera e repleta de bênçãos. O povo em pacto com Deus tinha uma espécie de vida diferente dos povos das nações gentílicas. Era um povo distinto (ver Deu. 4.4-8). Ver também as notas expositivas sobre o vs. 6 deste mesmo capítulo.

Esse conceito sempre foi cristianizado para falar sobre a vida eterna que temos em Cristo: "Assim como comer pão (vs. 5) nutre a vida natural, alimentar-se do pão da vida espiritual outorga vida no seu sentido mais elevado e verdadeiro" (Fausset, *in loc.*).

9.12

Se és sábio, para ti mesmo o és. A doutrina da responsabilidade individual é aqui destacada, o que, naturalmente, está vinculado à *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Existem a *Lex Talionis* espiritual (ver também: *receber conforme o que fora feito*) e o *Livre-arbítrio* (ver o artigo desse nome). O homem que é sábio tem vida para si mesmo, ou seja, para seu próprio benefício (*vida*; o vs. 11 dá início ao grande benefício prometido).

Se és escarnecedor. No hebraico, *leç*, palavra cognata do vocábulo transmitido "insensato". O homem que despreza a lei como algo sem importância é um insensato e colherá o que tiver semeado. Os hebreus tinham forte senso de comunidade, pelo que entre as suas doutrinas havia o ensino de morrer ou sofrer pelos pecados dos pais (ver Êxo. 20.5). Mas eles também falavam sobre morrer ou sofrer pelos próprios pecados (ver Deu. 24.16 e Eze. 18.20), e é com esse segundo conceito que concorda o presente versículo. O pior pecado que um judeu podia cometer era escarnecer da lei de Moisés e, na vida, contradizer seus mais de 600 mandamentos positivos e negativos, que abordavam todos os aspectos da vida. Este versículo sumaria o que foi dito antes (vss. 7-11). Cf. Jó 35.6,7 e Pro. 16.26.

O Convite da Senhora Insensatez (9.13-18)

9.13

A loucura é mulher apaixonada, é ignorante. O primeiro livro de Provérbios (1.8-9.18) tem cinco passagens que combatem os pecados sexuais: Pro. 2.16-19; 5.3-23; 6.20-35; o capítulo 7 inteiro; e 9.13-18. A Senhora Insensatez, em contraste com a Senhora Sabedoria (vss. 1-6), convida as pessoas a uma vereda destrutiva. A insensatez é personificada como uma prostituta. Ela fala em voz alta (ver Pro. 7.11), é insensata, e a palavra hebraica raiz, *pethi*, usualmente significa "simples". Ela não tem a capacidade de distinguir o bem do mal, e sempre segue a segunda coisa. O significado da palavra, conforme usada aqui, é incerto, pelo que alguns estudiosos a emendam para "corrupta" ou "devassa". Além disso, ela desconhece a vergonha. O resultado é que a Senhora Insensatez (neste versículo

chamada de "loucura") termina sendo uma corruptora da moral. Ver as notas expositivas em Pro. 7.11, quanto a uma caracterização geral. A Senhora Insensatez é simples para o bem, mas sofisticada para o mal. Tem a cabeça vazia no tocante ao bem, mas é cheia de planos malignos acerca de toda espécie de impiedade: "desavergonhada, devassa, corruptora e arruinando eternamente as suas vítimas" (Fausset, *in loc.*). Ela é indisciplinada e simples, tal e qual aqueles a quem corrompe, embora fazendo deles sábios para o mundo. Por causa de sua ausência seletiva de conhecimento, ela perece (Osé. 4.6).

9.14

Assenta-se à porta de sua casa. Tal como sua contraparte boa, a Senhora Sabedoria, a Senhora Insensatez também se assenta em lugares públicos elevados, nos cumes das colinas, nos eirados das casas, para que possa ser vista e ouvida, e atinja a audiência mais vasta que lhe seja possível. Ela também emite um apelo universal, tal e qual a sabedoria. Ela é uma evangelista maligna. Também se assenta à porta da sua casa, a qual é um bordel, visto que transformou seu lar em uma casa de prostituição.

Toma uma cadeira. Ou seja, a Senhora Insensatez também tem um trono. A perversa Senhora Insensatez entroniza-se ali, como se fosse a Rainha dos Pecados, e muitos contemplam o seu "esplendor" e apressam-se por vir a ela. Ela é uma mulher que se ostenta em seu apelo universal, que tanto atrai a natureza pecaminosa dos homens. Ver Pro. 7.6 ss. quanto a uma longa descrição acerca da natureza, dos atos e do fracasso final da Senhora Insensatez.

9.15,16

Para dizer aos que passam. O homem simples, que ainda não está bem fundado sobre a sabedoria da lei, o inexperiente, o aprendiz espiritual, em contraste com o sábio, que desde há muito vem seguindo a vereda do bem, facilmente cairá vítima da Rainha dos Pecados. A Senhora Sabedoria também lança o seu apelo às pessoas simples (vs. 4), mas a fim de tentar instruí-las quanto à sabedoria. O texto sagrado supõe que aqueles que passam (vs. 15) pertençam, em sua maioria, à categoria dos simples. Algum ocasional e experimentado sábio também passa, mas não dá ouvidos ao convite da Rainha dos Pecados. Até mesmo os simples seguem seu caminho. Eles não estão procurando a corrupção, embora não tardem a ser desviados do reto caminho e a ser corrompidos. O texto sagrado fala em sedução. E também devemos compreender que, embora seja fácil para a Senhora Insensatez lançar o seu convite, ela encontra pouca resistência da parte daqueles que são seduzidos pelo próprio coração. "A Sabedoria estabeleceu a sua escola para instruir os ignorantes. A Insensatez também estabeleceu a sua escola na porta contígua, para derrotar os desígnios da Sabedoria. Reveste-se de grande verdade a declaração do satirista:

*Sempre que Deus erige uma casa de oração,
O diabo sem dúvida edifica ali uma capela.
E, após exame, descobre-se que
A capela tem uma congregação mais numerosa.*

(De Foe)

O homem simples encontra-se com a Rainha dos Pecados e começa a especializar-se nas espertezas dela. É conforme asseverou Tennyson: "Faço parte de tudo o que tenho encontrado", para melhor ou para pior.

9.17

As águas roubadas são doces. Os prazeres sexuais são equiparados a beber de uma fonte (ver Pro. 5.15). Um homem pode invadir a casa de outro homem e beber da fonte (esposa) daquele homem. Isso é o pecado de adultério. Mas o pecado da prostituição é pintado da mesma maneira, pelo que o sexo ilícito é retratado como "águas roubadas". O pão roubado tem o mesmo simbolismo relativo ao prazer, sendo também comparado a um banquete. Naturalmente, este versículo é geralmente interpretado para falar de qualquer tipo de pecado que oferece fruto proibido ou vantagem de qualquer espécie.

Pão comido às ocultas. A noite é o tempo propício para vários tipos de pecados e deboches. Os ladrões geralmente atacam à noite; o assassino mata nas esquinas escurecidas da noite; o adúltero ou fornicador encontra sua companheira de pecados à noite; os clubes noturnos operam à noite. As pessoas, seguindo cursos normais na vida, já estão dormindo quando muitas corrupções são praticadas "lá fora".

Aquele que pratica o mal, aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem argüídas as suas obras.

(João 3.20)

Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Escuridão, Metáfora da*, quanto a detalhes completos.

Pão. Cf. os vss. 2 e 5 com esta passagem, quanto à figura da festa que a Senhora Sabedoria prepara. A mesma idéia se encontra neste versículo. A Senhora Insensatez também arma a sua mesa com uma refeição suntuosa, e seu salão de banquete fica repleto de gente. O prazer é uma das principais buscas de todo homem, embora talvez não seja a principal busca de alguns homens. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Hedonismo*. Existem prazeres físicos, mas também há prazeres superiores: os prazeres mentais e os prazeres espirituais. Os pecadores não buscam ansiosamente esses prazeres superiores, ao passo que os homens espirituais se especializam nos prazeres mentais e espirituais.

9.18

Ele, porém, não sabe que ali estão os mortos. As escolhas perfazem um destino.

*Semeai um hábito, e colhereis um caráter.
Semeai um caráter, e colhereis um destino.
Semeai um destino, e colhereis... Deus.*

(Professor Huston Smith)

No salão do banquete da Senhora Insensatez há muito barulho e folguedos, mas, se olharmos cuidadosamente, veremos uma congregação de homens mortos. Esses homens já estão com um pé no sheol, o sepulcro, porquanto a conduta deles os conduz à morte prematura. Metaforicamente falando, eles já estão nas “profundezas do sheol”, o lugar da morte. Este versículo não está falando sobre algum tipo de julgamento no pós-vida, o que é ensinado pelo judaísmo posterior e pelo cristianismo. Ver Dan. 12.2 quanto ao começo dessa doutrina, nas páginas do Antigo Testamento. Mas ver isso neste versículo é um anacronismo. Existem algumas poucas referências, nos livros de Salmos e de Provérbios, em que o sheol, na qualidade somente de morte física, parece ter ficado para trás em algum grau. Ver as notas expositivas em Sal. 88.10; 139.8; 148.7 e Pro. 2.18 e 5.5. A doutrina do sheol passou por um desenvolvimento que ilustro naquelas notas expositivas, e, por esse motivo, não as repito aqui. Ver no *Dicionário* os verbetes *Sheol* e *Hades*. “As duas veredas da Sabedoria e da insensatez, que resultam na vida ou na morte, atingem um vívido clímax no capítulo 9 do livro de Provérbios. Quase cada versículo, no restante do livro, aponta para uma ou para ambas essas veredas e/ou suas consequências” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Cf. Pro. 2.18-22, onde temos algo similar ao que se lê nesta passagem. Ver também Pro. 7.21,23,26,27. As versões da Septuaginta, do siríaco e do árabe adicionam um versículo moralizador no fim deste capítulo, repetindo exortações contra a insensatez dos pecados de natureza sexual, tomando por empréstimo do capítulo 7 e deste capítulo.

É neste ponto que termina o primeiro livro de Provérbios — 1.8 - 9.18.

Capítulo Dez

Provérbios de Salomão: Primeira Coleção (10.1 – 22.16)

Tradicionalmente, esses provérbios têm sido atribuídos a Salomão. Ver III. Autoria, na Introdução ao livro de Provérbios. A segunda coletânea de seus provérbios aparecem nos capítulos 25-29. Vários autores se envolveram na escrita do livro. Os capítulos 10-15 enfatizam o contraste existente entre a vida reta e a vida ímpia. Os capítulos 16-22 exaltam a vida reta. A passagem de Pro. 10.1 – 22.16 contém cerca de trezentos e setenta e cinco afirmações, a maioria das quais baseadas, de alguma maneira, na lei e nas declarações de sabedoria que interpretam essa lei. A maioria dessas declarações se compõe de dois versículos (linha métrica), o segundo das quais é a antítese do primeiro. Esse tipo de apresentação chama-se *paralelismo antitético*. Mas o trecho de Pro. 16.1 – 22.16 tem apenas alguns poucos desses tipos de versículos, e tem ou comparações (paralelismos sinônimos) ou segundas frases que completam a primeira idéia apresentada, o que é chamado de *paralelismo sintético*.

Os versículos são dispostos de forma bastante heterogênea, pelo que é impossível apontar divisões, exceto por capítulos e versículos. O que temos, pois, é uma longa compilação de declarações sábias, com uma mistura de alguns poucos versículos atados aqui e ali. Muitos assuntos são assim mencionados, junto com, ocasionalmente, dois ou mais versículos consecutivos que tratam de um único assunto.

10.1

Provérbios de Salomão. Ver a introdução acima e a seção III, Autoria, na Introdução. Quanto a notas sobre os provérbios, ver Pro. 1.1. Essa palavra pode significar declarações ou discursos sábios e incisivos, entre outras coisas.

O filho sábio alegra a seu pai. A seção começa no lar, onde a sabedoria é pela primeira vez insuflada no coração da criança. Presume-se que pai e filho, neste passo bíblico, apontam para relações físicas, ao passo que, na maior parte do primeiro livro (1.8-9.18), temos o pai espiritual (o mestre), que se dirige a seus filhos espirituais (alunos). O filho de um homem sábio também é sábio. Ele segue a lei de Moisés e põe em prática aquilo que tem aprendido. O hebraico original diz *hakkam*, que implica “possuir um conhecimento prático”. A lei é o manual de instruções, mas é ajudado pela adição e interpretação das declarações de sabedoria.

Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele.

(Provérbios 22.6)

Antítese. Contrastando com o que acontece no caso do pai sábio, que instrui seu filho, o qual, em seguida, também torna-se sábio, temos o caso do filho insensato, que desaponta o seu pai. A experiência demonstra que há muitos filhos insensatos, os quais se envolvem em toda espécie de encrenca, pois, mesmo depois de terem recebido um bom treinamento, o rejeitam. Mas este versículo parece significar que o pai, apesar de ser um homem bom, falhou em sua obrigação de criar o filho do modo correto. Ele se mostrou lasso em seu ensino. Baha Ullah dizia que a pior coisa que um pai pode fazer é conhecer os ensinamentos mas não transmiti-los a seu filho.

O filho insensato é a tristeza de sua mãe. “Tristeza”, aqui, literalmente, é peso. O coração da mãe de um filho insensato se entristece ou fica pesado. Não é fácil ver um filho fracassar espiritualmente, sem importar o que mais ele possa realizar em sua vida. A tristeza aqui é atribuída à mãe, porque a ela cabia a principal responsabilidade de treinar os filhos. Ela, porém, fracassou; ou o filho fracassou; e o resultado foi a tristeza. O autor sagrado não pretendeu excluir o pai. Ver Pro. 17.21,25; 19.13, onde encontramos o pai entristecido por causa do filho. A variação entre o pai e a mãe é um artifício literário. Sempre que um deles é mencionado, devemos entender ambos.

10.2

Este versículo apresenta o modo antitético de exposição, pois o vs. 2 (linha métrica) provê um contraste com o primeiro, e é esse método de apresentação que domina os capítulos 10-15. Ver a introdução à seção sobre os modos de expressão da seção de Pro. 10.1 – 22.16 (os Provérbios de Salomão, primeira coletânea).

Tesouros da impiedade. Devemos entender aqui os tesouros materiais, obtidos mediante práticas pecaminosas, desonestidade, furto e outros métodos ilegais. Contratar o homem bom, que vive em consonância com a lei, e sobre quem se espera ser materialmente próspero. Sobre a lei como guia da vida, ver Deu. 6.4 ss. O homem que negligencia a lei, a ponto de ir contra ela para enriquecer, descobrirá no fim que não obteve disso nenhum proveito. Ele perderá todo proveito, ou a sua vida, ou ambas as coisas. Seja como for, ele morrerá, talvez rico. Mas de que adianta isso se perder a própria alma?

Que aproveita ao homem, ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Que daria um homem em troca de sua alma?

(Marcos 8.35,37)

Provavelmente, o autor não olhava aqui para além do sepulcro, mas sabia que a vantagem mal ganha nada aproveita, eventualmente, nem mesmo nesta vida terrena.

Antítese. O homem bom que segue a lei não sofrerá morte prematura, antes obterá vida abundante. Ver as notas expositivas em Pro. 4.13; 9.6,11, que abordam esse tema muito repetido.

Mas a justiça livra da morte. No que consiste essa “justiça”? No bem que é encorajado pela lei, e em evitar o mal. O vocábulo hebraico *qedhaqah* tem um sentido primário de esmola, embora a referência provavelmente seja geral: ser bom e fazer o bem. Dar esmolas era uma expressão dessa justiça e um ato muito enfatizado pelo judaísmo.

"Esses tesouros acabam definhando (ver Pro. 13.11; 21.6) e não impedem a morte (Pro. 11.4)" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Cf. este versículo com Sal. 49.6; Luc. 12.19,20 e Pro. 11.4. Esta última passagem é quase idêntica ao presente versículo.

10.3

O Senhor não deixa ter fome o justo. Prosseguindo com o assunto da bondade, da maldade e do dinheiro, o autor assegura-nos que o Senhor (Yahweh) é Quem controla essas questões. Ele não permitirá que passe fome o homem que segue a lei.

Fui moço, e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência mendigar o pão.

(Salmo 37.25)

É o Senhor quem supre aos justos as suas necessidades temporais. Ver Mat. 6.33. Os vss. 3-5 discutem sobre a diligência e a preguiça. Espera-se do homem bom que ele trabalhe, e então Deus o fará prosperar em sua obra, para que goze sempre de um suprimento alimentar e outro suficiente. Seja como for, o autor sagrado não chamaria de bom um homem preguiçoso, sem importar quão bem ele conhecesse a lei e evitasse pecar. A preguiça é, por si mesma, um pecado sério e um defeito moral.

Antítese. O homem ímpio que ganha a vida ideal e imoralmente (vs. 2) eventualmente sofrerá reveses e perderá o seu dinheiro e, quando se aproximar da sepultura, verá a vida inútil que tem levado, fazendo do dinheiro o seu deus. Ver II Reis 4.27 como ilustração. Ver também Tia. 4.3 e Jó 20.15.

10.4

O que trabalha com mão remissa empobrece. O preguiçoso é retratado como alguém dotado de mão remissa. Sua mão é fraca. Ele trabalha pouco e por curto tempo e, no entanto, espera que o dinheiro chova do céu. Ele ficará desapontado. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Preguiça* e *Preguiçoso*. Ver Pro. 6.6-11, onde há uma passagem contra esse tipo de pecado e citações ilustrativas que embelezam o texto. O homem que se recusa a trabalhar fica pobre. Essa é uma das máximas do livro de Provérbios.

Quando ainda convosco, vos ordenamos isto: se alguém não quer trabalhar, também não coma.

(II Tessalonicenses 3.10)

Antítese. O homem bom terá mão forte para trabalhar e assim contará também com o suprimento de cada uma de suas necessidades.

A mão dos diligentes. "Diligente", no original hebraico, é *haruq*, "cortar". Talvez a alusão seja a alguém que corta madeira ou pedra, trabalhos pesados. O homem bom será um "pedreiro" moral e espiritual. Ele não procurará fugir de suas responsabilidades. Mas a alusão também poderia ser a "cortar o solo", ou seja, ocupar-se na agricultura. Ou então pode estar em foco uma qualidade moral, homens que diligente e entusiasmadamente fazem o que devem fazer.

10.5

O que ajunta no verão é filho entendido. O filho sábio, que alegra a seu pai e a sua mãe (vs. 1), terá, entre as suas boas características, a diligência no trabalho, de modo que possa sustentar a si mesmo, e não precise depender de seus pais. Ele terá seu próprio lar; sua própria família; seu próprio trabalho; seu próprio salário. Metáforica ou literalmente, ele colherá a sua própria colheita, tendo trabalhado arduamente durante a primavera e o verão em sua plantação. Ou talvez ele não seja um agricultor, mas aja como fazendeiro diligente. Ele possuirá suas próprias "terras" e nelas trabalhará. Cf. Pro. 6.8. O inseto é um ser minúsculo e verdadeiramente humilde, mas tem bom senso suficiente para trabalhar durante o verão, para ter bastante que comer nos meses frios de inverno, que se seguirão inevitavelmente.

Antítese. O filho desapontador de seus pais, entretanto, divertir-se-á durante o verão e dormirá durante o tempo da colheita, quando homens mais ativos estão trabalhando. Seu pai terá de dar-lhe o sustento, mas logo chegarão dias quando o "velho papai" não estará mais presente para efetivar esse programa. Então o filho sofrerá da pobreza e até padecerá fome. Ele faz seu pai envergonhar-se. Ver Pro. 12.24; 17.2 e 19.15.

Tempos Bons e Tempos Maus. Quando um homem é jovem e forte, deve preparar diligentemente o seu caminho. Quando ele se tornar idoso e adoentado, então será muito tarde.

A sêmula do provérbio diz que, no tempo da saúde e da juventude, as pessoas devem ser ativas e industriosas, em suas várias profissões e posições sociais, providenciando o necessário contra a idade avançada e as enfermidades. Elas não devem perder as oportunidades que se apresentarem, sejam de natureza natural sejam de natureza espiritual.

10.6

Sobre a cabeça do justo há bênçãos. O homem bom e industrioso tem "bênçãos sobre a cabeça", tanto de fontes divinas quanto de fontes humanas, ou seja, tem abundância de coisas materiais, porquanto ele trabalhou para que fosse assim. Esse homem reto obedece à lei e às declarações de sabedoria, incluindo as injunções concernentes à diligência e à produção. Ele permite que a lei seja seu guia e atende às palavras de seu pai literal e de seus pais espirituais (seus mestres).

Sobre a cabeça. Isso se refere às bênçãos do pai, que impõe as mãos sobre a cabeça do filho a quem abençoa, dando a entender que o Pai celestial também impõe Suas mãos sobre a cabeça do homem bom e trabalhador. Esse homem conta com as bênçãos paternas e com a Bênção Paterna. Suas bênçãos tornam-se a coroa de aprovação.

Na boca dos perversos mora a violência. *Antítese.* O preguiçoso torna-se um homem mau, pelo que a sua boca é retratada como cheia de maldições. Um pecado conduz a outro, e assim um homem termina sendo um pecador confirmado. O hebraico original, aqui, pode ser entendido como um homem sujeito às maldições e declarações duras de outros. Ele é espancado na boca com palavras violentas e aviltantes de outras pessoas, bem como com as maldições de Deus. Ele acaba por amaldiçoar os pais com a sua vida e assim torna-se um homem amaldiçoado entre os homens. Deus abençoa o homem bom, mas amaldiçoa o preguiçoso e mau. "...seus tratos violentos são francos e manifestos e são um escândalo para ele, envolvendo maldições proferidas contra ele" (John Gill, *in loc.*).

10.7

A memória do justo é abençoada. Uma vez que a morte tenha vindo e arrebatado o homem bom, sua memória permanecerá entre os homens como uma bênção. Isso é algo desejável para a maioria dos homens, embora, se for tudo quanto restar dele, então por quanto tempo essa memória continuará, e que bem final procederá daí? A esperança cristã da imortalidade, naturalmente, põe em eclipse quaisquer considerações como essa, mas tal esperança ainda não havia raído na teologia hebraica. O homem cuja memória ainda abençoa os homens continua vivo nos céus, em um estado melhor. Ver sobre *Imortalidade* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

Não será jamais abalado; será tido em memória eterna.

(Salmo 112.6)

Alguns intérpretes tomam este versículo como um mandamento: "Lembra-vos do homem bom e segui o seu exemplo".

Antítese. Em contraste, a memória do homem mau será sempre uma abominação e, finalmente, acabará reduzida a pó. O hebraico original é ainda mais forte: a sua memória apodrecerá juntamente com a putrefação de seu corpo. "A memória do ímpio será tratada como algo putrefato e nojento (Sal. 9.5,6; Eclesiastes 8.10" (Fausset, *in loc.*).

Disse Cícero: "A vida dos mortos jaz na memória dos vivos" (*Orat.* 51. Philip. 9.). Naturalmente, como um estóico romano, ele acreditava na imortalidade da alma, mas apontava para a idéia que os mortos ainda vivem entre os homens.

Um mestre afeta a eternidade. Ele jamais poderá dizer onde cessa a sua influência.

(Henry Adams)

*Algo dotado de beleza é uma jóia para sempre;
Aumenta a sua capacidade de ser amado;
Nunca passará para o nada.*

(John Keats)

10.8

O sábio de coração aceita os mandamentos. É típico do segundo livro dos Provérbios, a primeira coletânea dos provérbios de Salomão (ver a introdução ao capítulo 10), a saber, o trecho de Pro. 10.1-12.16, ter breves provérbios densos,

com frequência sem nenhuma conexão com os outros. Algumas raras vezes, alguns versículos permanecem com o mesmo tema e lhe dão um tratamento mais longo. Mas muitos versículos são declarações isoladas. Não há como esboçar esse material. Simplesmente passamos de versículo para versículo, observando capítulos e versículos, sem seções especiais. Assim, por exemplo, este vs. 8 nada tem que ver com os vss. 7 e 9. Esta coletânea consiste em cerca de trezentos e setenta e cinco declarações.

O nosso homem, tendo obtido alguma sabedoria por conhecer e obedecer à lei mosaica como guia, continuará recebendo mandamentos em seu coração (ver Pro. 4.23). Tal homem tem uma fé sentida no próprio coração. As declarações de sabedoria definem e reforçam a lei de Moisés. Existem cerca de oitenta declarações que incluem referências ao coração, no livro de Provérbios, pelo que está em pauta mais do que mera obediência mecânica a um código moral. Os mandamentos são fomentados e interpretados pelas declarações de sabedoria. “Uma pessoa sábia aprende com facilidade e se dispõe a tornar-se mais sábia (Cf. Pro. 1.5 e 9.9)” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Antítese. O homem de “lábios tolos”, que abusa da faculdade da fala e transgride a lei de muitas maneiras, é um contraste com o homem bom, que continua aprendendo. Ele chegará à ruína. Quanto ao uso perverso da língua, ver Pro. 4.24; 6.12; 8.13 e Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12 etc. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da*. Há cerca de cem versículos, no livro de Provérbios, que abordam a questão da linguagem.

O estado de ruína do texto pode significar muitas dificuldades, e então, finalmente, uma morte prematura e desgraçada. Mas é um anacronismo fazer disso uma referência a um julgamento para além-túmulo. Contrastar com Dan. 12.2. A ruína aparece por cinco vezes neste capítulo: vss. 8, 10, 14, 15 e 29.

10.9

Quem anda em integridade anda seguro. “A jornada da vida, para o homem reto, é segura: íntegro, no hebraico *tom*, significa completo, são” (Charles Fritsch, *in loc.*). Esse homem será resguardado de perturbações como acidentes, enfermidades e ataques da parte dos ímpios. O resultado é que ele terá uma vida longa e feliz. Ademais, não será lançado no descrédito por parte de palradores insensatos; pelo contrário, estará a salvo de suas críticas, de suas palavras cortantes e requeimantes. “Ele poderá confiar quietamente no Senhor (Sal. 112.8)” (Ellicott, *in loc.*). Cf. Pro. 18.21.

Antítese. O homem que perverte o seu caminho não andarão seguro, conforme acontece ao homem bom. Antes, passará por muitas perturbações, caindo em abismos e armadilhas ao longo do caminho. Ele será desmascarado quanto às coisas desonestas que fizer. Sua reputação sofrerá, e ele mesmo sofrerá. Será punido pelo infortúnio (ver Jer. 31.10). Ver Pro. 2.15 quanto aos pervertidos, onde é usada a mesma palavra empregada aqui. Ver o vs. 8, acima. A figura simbólica tencionada pode ser a de um animal que está sendo caçado e inicia um caminho extremamente tortuoso, na esperança de não ser descoberto. No fim, porém, o animal caçado é apanhado e sofre da ira do caçador. Cf. Pro. 14.23 e Eze. 19.7.

10.10

O que acena com os olhos traz desgosto. Ver Pro. 6.13, que apresenta a mesma expressão. Um engano malicioso é o que, essencialmente, significa essa frase, e a pessoa que se ocupa dessa atividade acabará prejudicando alguém. “A pessoa que é o alvo de seu ridículo, ou contra quem sua malícia é dirigida, sofrerá tristeza” (Ellicott, *in loc.*). “Fazer gestos faciais para os companheiros sugere intenções pecaminosas. Cf. Pro. 6.13; 16.30; Sal. 35.19). Não admira, pois, que isso conduza à tristeza as vítimas de seus planos malignos” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

O insensato de lábios vem a arruinar-se. Se esse é o texto correto (segue o original hebraico), então ambas as sentenças do versículo são negativas e paralelas, ou são sinônimas. Trata-se da mesma frase que se acha no vs. 8 deste capítulo, onde há notas expositivas. Todavia, a versão da Septuaginta diz aqui: “Mas aquele que reprová corporalmente estabeleça a paz”. Essa, pois, é a antítese da primeira parte do versículo, que é o padrão dos versículos do início do capítulo, bem como a característica da primeira coletânea dos provérbios de Salomão (Pro. 10-15; ver também Pro. 10.1). Usualmente, o texto mais difícil é o correto, e isso significaria que o original foi uma súbita mudança da antítese da segunda cláusula para uma cláusula sinônima. Ademais, a Septuaginta, para fazer este versículo compartilhar o mesmo padrão que a maior parte da seção, mudou o original para uma antítese. Algumas vezes as versões, sobretudo a Septuaginta, mostram-se corretas, em contraste com o texto hebraico padronizado, o chamado texto massorético. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Massora (Massorah); Texto Massorético*. Ver também o artigo denominado *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento* quanto a informações gerais e específicas sobre como os textos corretos são selecionados quando aparecem variantes.

Se a versão da Septuaginta está correta, então temos aqui um bom emprego da faculdade da linguagem, a saber, a reprimenda contra aquilo que está errado, com o intuito de curar e trazer paz, e não tristeza. O homem bom mostrar-se-á ousado o suficiente para corrigir as injustiças, sempre que puder, mas fará isso para ajudar, e não para prejudicar.

... corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina.

(II Timóteo 4.2)

Quanto à *Linguagem, Uso Apropriado da*, ver o *Dicionário*.

10.11

A boca do justo é manancial de vida. Quando o homem bom fala, ele abençoa, e a sua fala é uma fonte. Ele ensina a lei, interpretada pelas declarações da sabedoria, ou seja, a fonte da vida, da material e espiritual. Ver Pro. 4.13; 9.6-11. Ver também Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1. O homem bom fornece água para o sedento, na jornada da vida. É um lugar onde almas sedentas param para beber das águas da vida, a fonte no meio do deserto. O que ele diz fortalece e refrigera outras pessoas. Quanto ao “manancial de vida”, cf. Pro. 13.14 (a lei seguida pelo homem sábio é a fonte); 14.27 (o temor do Senhor é essa fonte); 16.22 (a sabedoria é a fonte da vida). Neste caso, a fonte da sabedoria é um riacho de águas vivas; e a compreensão é uma fonte de vida (ver Pro. 16.22).

Antítese. O contraste com a boca do homem reto é a boca do ímpio, que amaldiçoa e é amaldiçoado. Essa segunda parte do versículo é a mesma que a antítese do vs. 6. Ver as notas expositivas ali existentes.

10.12

O ódio excita contendas. O ódio é o substituto do diabo para o amor de Deus. Dizer que o ódio desperta contendas é um truismo, mas também é um favor tão comum na vida, dentro e fora da igreja, que essa verdade se repita continuamente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ódio*, quanto a detalhes e a ilustrações sobre o assunto. O ódio se expressa “... mediante tagarelice, murmurações, más conclusões, mentiras inventadas, propagação de relatos falsos e calúnias, repreensões virulentas e calúnias” (John Gill, *in loc.*).

O amor cobre todas as transgressões. **Antítese.** Amor significa tolerância, devolução, perdão, simpatia, afetos fortes, desejo de fazer o bem a outrem. O artigo no *Dicionário*, chamado *Amor*, fornece detalhes e citações ilustrativas e poesia.

Cobre. No hebraico original, esse verbo é *kasah*, “avassalar”, a ponto de apagar completamente as transgressões. “O amor concilia e remove os agravos; dá a melhor interpretação a todas as coisas; sobre as chamas derrama água, e não azeite” (Adam Clarke, *in loc.*).

Citações da segunda parte deste versículo no Novo Testamento:

Aquele que converte o pecador do seu caminho errado, salvará da morte a alma dele, e cobrirá multidão de pecados.

(Tiago 5.20)

E esta é uma bela maneira de terminar um livro:

Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados.

(I Pedro 4.8)

Ver esses versículos em *O Novo Testamento Interpretado*.

10.13

Nos lábios do entendido se acha a sabedoria. A sabedoria e a compreensão são companheiras constantes no livro de Provérbios. Ver Pro. 1.2 quanto às notas expositivas. A sabedoria se encontra na lei e nas declarações de sabedoria que fomentam e interpretam essa lei; e o homem que conhece e põe em prática a lei é aquele que exerce entendimento. O sábio aplica discernimento à sua vida. Sua compreensão é do coração (ver as notas expositivas sobre Pro. 4.23). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sabedoria*, quanto a detalhes. O sábio tem entendimento, tem a mensagem em seus lábios. Ele se torna um comunicador da lei. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da*. “As palavras do sábio confirmam a sua sabedoria” (Fausset, *in loc.*).

CONHECIMENTO

Os sábios entesouram conhecimento.

Provérbios 10.14

OS MODOS DE CONHECIMENTO

- **Através da percepção dos sentidos:** o método diário e científico.
- **Através da razão:** algumas coisas passamos a conhecer melhor através da razão do que através de nossos sentidos.
- **Por intuição:** algum conhecimento vem a nós sem ser requisitado e, aparentemente, sem nenhuma causa específica. Tal conhecimento é imediato. Ele pode vir de Deus ou de nossas almas, da mente universal, ou mesmo de fontes desconhecidas.
- **Através da revelação:** os Livros Sagrados nos fornecem conhecimento como um presente. A visão do profetas torna-se concreta nos livros. A igreja protege e ensina os livros.
- **Através de experiência mística:** a revelação é uma subcategoria do misticismo. O conhecimento vem de poderes espirituais mais altos e da própria alma da pessoa.

Os dois grandes pilares da espiritualidade são o conhecimento e o amor, e o amor é o maior dos dois.

O conhecimento é, de fato, aquilo que, ao lado da virtude, verdadeiramente e essencialmente, eleva um homem acima do outro.

Joseph Addison

Conhecimento é poder.

Francis Bacon

O conhecimento é de dois tipos: ou conhecemos por nós mesmos um assunto, ou então sabemos onde encontrar informações sobre ele.

Samuel Johnson

A ignorância é uma praga de Deus.

O conhecimento é a asa com a qual voamos aos céus.

William Shakespeare

O conhecimento é um retiro e uma proteção confortável e necessária para nós quando tivermos idade avançada. Se nós não o plantarmos enquanto somos jovens, ele não nos dará sombra quando ficarmos velhos.

Lord Chesterfield

Antítese. Como contraste, a vara divina está sendo aplicada ao insensato, que corrompeu o seu caminho. A aplicação da vara, a surra divina, serve para conquistar a atenção do pecador, levando-o a arrepender-se e a buscar a sabedoria. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Açoite*.

A vara é para as costas do falto de senso. Cf. Pro. 6.32; 7.7; 9.4,16; 11.12; 15.2; 17.18; 24.30; 28.16 e o vs. 21 deste mesmo capítulo. Se o insensato sabe alguma coisa sobre a lei, ele não a está pondo em prática. A vara divina, pois, haverá de tentar corrigi-lo (ver Pro. 14.3; 26.3).

Está na boca do insensato a vara para a sua própria soberba.

(Provérbios 14.3)

"O insensato deve ser impelido como um animal, ao passo que o sábio é dirigido pela sabedoria" (Charles Fritsch, *in loc.*).

10.14

Os sábios entesouram o conhecimento. O sábio conserva um conhecimento acumulado da lei e de suas declarações de sabedoria. De fato, é para isso que ele vive, embora obtenha seu dinheiro da parte de algum emprego secular. O nosso homem é um sábio, mas continua sendo um aprendiz diligente.

Entesouram. A sabedoria é o tesouro do homem bom, e ele vive adicionando riquezas a esse tesouro.

O homem bom tira do tesouro bom coisas boas; mas o homem mau do mau tesouro tira coisas más.

(Mateus 12.35)

Todo escriba versado no reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas.

(Mateus 13.52)

Antítese. O indivíduo insensato diz coisas tolas que perpetuam a destruição de qualquer que lhe der ouvidos, ao mesmo tempo que o próprio insensato também perece. Isso seria uma antítese mais apropriada para o versículo anterior, que tem a boa mensagem do sábio em operação, na primeira metade. Mas o tolo diz coisas capengas e perigosas, que são surpresas desagradáveis. Cf. o vs. 19, a seguir. Palavras insensatas que se multiplicam naturalmente estão repletas de transgressões e provocam transgressões. "O tolo palra e produz muito engano. Pensa muito e fala pouco; e sempre pensa antes de falar" (Adam Clarke, *in loc.*). Havia um homem que se jactava de ter muito conhecimento, mas pouco aplicava esse conhecimento à sua vida. Tal homem só trazia vergonha e confusão sobre si mesmo e sobre aqueles que estavam com ele.

10.15

Os bens do rico são a sua cidade forte. Parece melhor tomar aqui as riquezas como literais. Homens ricos podem comprar a proteção para si mesmos, e, se houver muitos homens ricos em uma cidade, eles serão capazes de promover defesa e segurança daquela cidade. As riquezas materiais, como é óbvio, têm sua vantagem, sem importar se pertencem a um homem só ou a muitos homens em uma cidade. Uma cidade rica terá maior segurança do que uma cidade pobre. O autor sacro, entretanto, não deixou entendido que aqueles homens ricos são piedosos e bons por serem ricos, mas talvez seja isso que devamos compreender. A mente dos hebreus sempre vinculou a bondade à prosperidade. "Embora as riquezas não sejam colocadas acima da honra (ver Pro. 28.20) nem devam merecer a nossa confiança (ver Pro. 11.4 e 23.5), podem prover uma cerca que nos protege contra alguns desastres" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

A sabedoria protege como o dinheiro.

(Eclesiastes 7.12)

O festim faz-se para rir, o vinho alegria a vida, e o dinheiro atende a tudo.

(Eclesiastes 10.19)

Antítese. Os pobres são destruídos por sua pobreza. Não é vantajoso para a maioria das pessoas não ter dinheiro suficiente. O homem pobre passa condições miseráveis na vida, e, quando uma criança adoce, nem ao menos há dinheiro

bastante para comprar medicamentos. Para a mentalidade dos hebreus, a pobreza era um castigo proveniente da mão divina, embora isso não seja dito abertamente no presente versículo. A pobreza é uma opressão contínua. Cf. Pro. 14.20; 18.23; 19.7; 22.7. O Novo Testamento, pelo menos em certos trechos, acha uma virtude alguém ser pobre e também uma iniquidade virtual e necessária alguém ser rico. Ver em Luc. 6.20 os *pobres*, palavra essa que é modificada para *pobres de espírito*, em Mat. 5.3. Ver Tia. 5. "A pobreza arrasta um homem para baixo, tornando-o tímido (ou tolamente ousado) e deixando-o sem defesa alguma. Na realidade, é difícil elogiar a pobreza, como se ela pudesse produzir alguma virtude. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pobre (Pobreza)*.

10.16

A obra do justo conduz à vida. Quando os sábios trabalham, obtêm a vida material e espiritual. Ver Pro. 4.13. Isso porque Deus os abençoa, devido à bondade deles. A expressão *trabalho* que aparece em algumas versões — como em nossa versão portuguesa — é traduzida por *rendimento*. O homem bom ganha um bom salário, porque Deus é quem o faz prosperar, dando-lhe um trabalho que rende bem. A palavra em foco pode significar o próprio trabalho ou a recompensa desse trabalho. O homem bom aplica seu dinheiro em coisas boas, em si mesmo, em seus familiares e no seu próximo. Então tal homem pode ter uma vida significativa, livre das opressões da pobreza. Cf. Pro. 3.18,21,22; 4.4,13 e 7.2. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Riquezas*.

Antítese. O pecador trabalha para comer, beber e aprimorar a sua vida pecaminosa. Quanto mais dinheiro tiver, em mais maldades ele poderá envolver-se, pois usa o seu dinheiro para uma vida pecaminosa abundante. Essa é a noção de prosperidade dos ímpios. Naturalmente, o salário final do pecador é a morte (ver Rom. 6.23), mas ele não sabe disso, nem que está no caminho certo do suicídio. Ele gasta em festins e excessos e colherá o que estiver em consonância com o que semeia: o desastre.

"... todos os seus ganhos... são usados em propósitos pecaminosos, como o orgulho, a luxúria, a devassidão, coisas que tendem para a morte, a saber, a morte eterna, o justo salário do pecado" (John Gill, *in loc.*, o qual, de modo anacrônico, faz o julgamento figurar como depois do sepulcro).

10.17

O caminho para a vida é de quem guarda o ensino. A instrução aparece aqui como a fonte da vida, e essa instrução se processa na lei de Moisés, fomentada e interpretada pelas declarações da sabedoria. Verifique o leitor como a sabedoria transmite a vida, em Pro. 4.13; 9.6,11 e 10.11. Esse é um tema comum do livro de Provérbios, o qual se fundamenta, afinal de contas, sobre o ensino da lei como transmissora de vida (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.11). Quanto às próprias instruções, ver Pro. 1.2. O homem bom embarcou na vereda que conduz à vida. Quanto à *metáfora da vereda*, ver Pro. 4.11. Ver também, no *Dicionário*, o verbete denominado *Caminho*, quanto a detalhes. Quanto ao *caminho do homem bom* e ao *caminho do homem mau*, ver a nota de sumário em Pro. 4.27.

Antítese. O homem que repele a instrução se desvia e começa a vagabundear na vereda do pecado, a qual leva à morte. Um homem sábio, pois, aproveita-se da instrução que recebe, mas o homem mau torna-se infenso ao ensino e terá de sofrer as consequências de seu próprio estilo de vida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Cf. Jer. 42.20.

O que abandona a repreensão anda errado. Ver Pro. 1.23. O pecador empedernido não ouve as instruções da lei nem as declarações da sabedoria. Por isso mesmo, haverá de sofrer no fim de sua vida. Conforme comentou Jarchi, *in loc.*, ele erra e leva outros a errar. Ele se torna, assim, fonte de desastres. Pode ser exortado, sendo-lhe mostrado quão culpado é seu andar errante, e, dessa maneira, ele tem a oportunidade de olhar para o caminho pelo qual está seguindo, em contraste com o caminho dos retos; mas, na verdade, ele já se tornou infenso ao ensino.

10.18

O que retém o ódio é de lábios falsos. Encontramos aqui duplo sinônimo, em contraste com as linhas métricas antitéticas dos capítulos 10-15 deste livro. Certos homens ímpios ocultam o ódio em lábios mentirosos. Mas esse ódio pode ferir como uma serpente os inocentes, a qualquer momento, para fazer-lhes o mal. O ódio é aquele monstro que pode matar. Os vss. 18-21 falam sobre alguns aspectos do uso da língua, um tema comum dos livros de Salmos e Provérbios. Quanto a instruções contra o uso perverso da linguagem, ver Pro. 4.24; 6.12; 8.13 e 10.8. No *Dicionário* ver o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da*.

Sinônimo. Outro tipo de pessoa que abusa da linguagem é o insensato que sai a caluniar as pessoas. Esse sai a semear a dissensão e a tribulação, e

algumas vezes até pretende estar servindo a uma boa causa. Seja como for, tal homem fala abertamente, em contraste com o homem que oculta seu ódio por trás de lábios mentirosos. Embora ele seja um “tolo honesto”, nem por isso deixa de ser um elemento destruidor. “Ele espalha o mal entre as pessoas e apenas obtém má vontade para si mesmo” (Ellicott, *in loc.*). O ódio e a calúnia são companheiros, pelo que o versículo apresenta idéias paralelas, e não idéias contrastantes. Gerson (in loc.) faz daquele que odeia secretamente um elemento mais pernicioso que o segundo tipo de caluniador. É difícil dar notas a tais questões. Ambos estão promovendo o mesmo tipo de jogo de ferimentos.

10.19

No muito falar não falta transgressão. O autor volta aqui às suas declarações antitéticas. É melhor falar pouco e pensar bem antes de dizer algo. Isso se dá porquanto as pessoas falam muito, surgem transgressões nesse falar, tanto no que é dito como também no resultado desse muito falar. Falar demais não é virtude. Há muito poder nas palavras, e elas devem ser usadas parcimoniosamente. Costumamos dizer: “Falar é barato”. E, de fato, assim é, quando as palavras não têm alvo, mas essa afirmação pode ocultar uma grande verdade. Todos os tipos de causas são promovidas por palavras que tocam no coração, quer para bem, quer para mal.

Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no dia de juízo.

(Mateus 12.36)

É impossível falar muito e dizer somente a verdade. Além disso, as pessoas que falam em demasia caem na bisbilhotice e na calúnia, e também na conversa corrupta, que refletem um coração pecaminoso. Outrossim, poucas pessoas estão acima desse defeito.

Antítese. Um homem sábio e bom não vive falando incessantemente, pois no muito falar há excessos. Pelo contrário, ele restringirá os seus lábios quando se sentir tentado a falar demais. O homem que é sábio aprende a controlar a língua. Ver Tia. 3.2-8, que é um extenso comentário sobre o uso correto da linguagem e o controle do mecanismo da fala. “... ele não permitirá que os seus lábios profiram coisa alguma precipitada e sem consideração; mostra-se um utilizador moderado das palavras e cuida daquilo que diz; pesa as suas palavras. Tal homem é sábio, prudente e cheio de compreensão. Ver Pro. 17.27,28” (John Gill, *in loc.*).

10.20

Prata escolhida é a língua do justo. Uma língua que sempre diz o que é bom é como prata altamente refinada. A escória foi removida pelos testes da vida. A sabedoria é comparada à prata, ao ouro e às jóias (ver Pro. 2.4; 3.14; 8.10,19 e 16.16), mas acaba demonstrando que tem mais valor que essas coisas preciosas. Portanto, as palavras boas são como metais e pedras preciosas. A língua do homem justo é preciosa por causa da escolha e da natureza valiosa das palavras que ele profere, fazendo bem ao próximo e repreendendo o mal, tendentes à vida e afastando da morte. A boca fala da fonte do coração (ver Mat. 12.34). É melhor dizer pouco demais do que dizer demais; e, quando dizemos algo, precisamos ministrar graça aos que ouvem.

Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, e, sim, unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e assim transmita graça aos que ouvem.

(Efésios 4.29)

Antítese. Em contraste, o coração, do qual o homem ímpio fala, está cheio de escória e é indigno, pelo que também suas palavras são inúteis e/ou prejudiciais. Os homens aprendem a desprezar as palavras dos pecadores. Não pode haver o bem nelas. Ver Pro. 2.2 quanto ao coração (mente). Há mais de oitenta referências ao coração, no livro de Provérbios, incluindo aspectos positivos e negativos. Ver as notas expositivas em Pro. 4.23.

10.21-22

Os lábios do justo apascentam a muitos. Os lábios de prata do homem reto (vs. 20) são úteis para alimentar muitos, dando-lhes valiosas instruções para a aplicação na vida boa. O homem bom é uma fonte constante de bênçãos para outros. Ele lidera os homens no caminho da sabedoria, ou seja, para a vida (ver Pro. 4.13; 9.6,11; 10.11,17).

Antítese. Os insensatos, longe de serem capazes de dar vida a outros, nem ao menos podem cuidar de si mesmos, e, por falta de sabedoria, morrem. Ademais, a bondade sempre esteve associada à prosperidade material na mente dos

hebreus, ao passo que a pobreza esteve vinculada ao julgamento divino. Porém, é difícil acreditar que o autoralaria sobre isso e esquecería as riquezas da alma, conhecendo a lei e pondo-a em prática, o sinal de um povo ímpar, pertencente ao pacto abraâmico (ver Gên. 15.18). “Salomão recebeu suas riquezas pelas bênçãos especiais do Senhor, sem ao menos perguntar por elas (I Reis 3.13); e outro tanto aconteceu com Isaque (ver Gên. 26.12)” (Fausset, *in loc.*).

Sinônimo. Usualmente as riquezas terrenas têm essa mistura de tristeza, mas as riquezas materiais ideais, dadas por Deus, não têm essa adição pernicioso. Ou então a idéia pode ser que as riquezas de Deus, sendo do tipo espiritual, naturalmente não têm nenhuma mistura com as tristezas, conforme as riquezas terrenas inevitavelmente têm. Nenhum acúmulo de trabalho humano pode produzir o tipo de riquezas que Deus concede. Se essa é a idéia desta declaração, então um trecho paralelo é o de Mat. 6.33, que diz:

Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.

“As bênçãos de Deus dão um aprazimento simplesmente, e Ele não impõe nenhum imposto sobre esse conforto” (Adam Clarke, *in loc.*).

Existem tragédias associadas ao lucro ganho de modo ilegítimo (ver Pro. 10.2), e o versículo pode significar apenas que o sábio, trabalhando arduamente, adquire riquezas sem que tenha de sofrer qualquer calamidade juntamente com elas, pois obteve seu ganho honestamente.

10.23

Para o insensato praticar a maldade é divertimento. Os insensatos divertem-se com a vida caótica e prejudicial. Para eles, é tudo uma grande comédia. Eles gostam de pecar e de conduzir outras pessoas ao pecado. E também se divertem com os prejuízos causados e com a matança. Vemos essa atitude em Pro. 1.11,12. O ímpio não precisa de motivos para fazer o mal. Ele é maligno e por isso pratica o mal. Outrossim, desfruta da destruição de seus semelhantes. Este versículo, pois, dá-nos certo discernimento quanto à mente criminosa. Estudos modernos confirmam isso. Em alguns casos, sem dúvida, envolvidas patologias cerebrais. Em outros, a possessão ou influência demoníaca está por trás de crimes hediondos. Os animais fazem coisas animais, e há pouca ou nenhuma consciência sobre a questão. Os esportes foram criados para aprazimento e alívio das pressões mentais. O homem mau não dorme enquanto não tiver tido chance de fazer algo de maligno (ver Pro. 4.16). Portanto, antes de conseguir dormir, praticará seu esporte preferido, seus atos ilegais e destruidores.

Antítese. Em contraste, o homem bom continua praticando a sua profissão de obtenção de sabedoria e entendimento, para que possa fazer o bem por si mesmo e em favor de seus semelhantes. Esse é o esporte do homem bom, o que ele faz para divertir-se. Ele alcança isso tomando-se especialista no conhecimento da lei e em viver em consonância com ela, evitando o mal e fazendo o bem. “Da mesma maneira que um insensato destruta a prática do mal, assim também um homem sábio desfruta sua conduta reta” (Charles Fritsch, *in loc.*). Ver Pro. 8.30 quanto ao aprazimento do homem bom dotado de sabedoria e o que ele faz na vida. “O homem justo percorre o caminho dos mandamentos de Deus com grande alacridade e bom ânimo” (John Gill, *in loc.*), como um atleta que se regozija por estar participando de uma corrida (ver Sal. 19.5).

10.24

Aquilo que teme o perverso isso lhe sobrevém. O temor de súbito sobrevém ao homem ímpio, pois essa é a sua recompensa por estar praticando o seu esporte (vs. 23). Ele sofrerá calamidade e então morte prematura. “O ímpio e o justo receberão suas recompensas, respectivamente, bem como um galardão por causa do curso que estão seguindo na vida” (Fausset, *in loc.*). Cf. Isa. 66.4 e Heb. 10.27. A idéia dessa linha métrica é que o ímpio teme certos resultados dos males por ele praticados, e seus temores lhe sobrevêm de súbito, na realidade. “O que ele teme em sua mente tornar-se-á seu caso infeliz, mais cedo ou mais tarde, seu temor de aflições, calamidades, julgamentos divinos, nesta vida e na outra” (John Gill, *in loc.*).

Antítese. Em contraste, o homem bom obterá todas as coisas boas que deseja, materiais e espirituais, pois essa é a sua recompensa por seguir os ditames da lei. “A oração do crente assegura o cumprimento de seus desejos (ver Sal. 140.19; I João 5.14,15; 3.22,23)” (Fausset, *in loc.*). Deus é o doador, e assim o que for dado deve ser bom e abundante. O Espírito intercede pelo homem bom, para garantir o seu benefício.

Aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos.

(Romanos 8.27)

10.25

Como passa a tempestade, assim desaparece o perverso. Os ímpios por certo enfrentarão uma tempestade, por causa daquilo que têm feito. Essa tempestade assemelha-se a um tornado, que os levará ao esquecimento da morte. A figura simbólica pode ser a da edificação ou cabana na qual vive o homem mau. A tempestade, pois, não poupará essa edificação. A tempestade derruba essa construção e, juntamente com isso, o homem mau será destruído. Cf. esta parte do versículo a Sabedoria de Salomão 5.14,15; Jó 21.18; Mat. 7.24 ss. “A morte é a ruína do pecador, mas o ganho do homem reto (ver II Tim. 1.12)” (Ellicott, *in loc.*). Cf. Pro. 1.27; 6.15; 29.10.

Antítese. Em contraste, o homem bom tem um alicerce firme e pode resistir a qualquer tempestade. A tempestade pode ameaçar e mesmo vir, mas o homem bom escapará de todo dano causado pelo temporal. Ele está sobre um alicerce firme, e sua vida é preciosa aos olhos do Senhor. Em contraste com o homem ímpio, que sofre de morte prematura, o homem bom terá uma vida longa, próspera e plena. Ele cumprirá todos os desejos, tanto os seus como os de outros, na realidade. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Deus não se apressará em arrebatá-la sua vida. Ver Mat. 7.24-27. O homem justo vive seguro, salvo nos braços de Jesus. Cf. Pro. 10.9,30; 12.3. Ele conta com um alicerce eterno e está estabelecido para sempre.

10.26

Como vinagre para os dentes e fumo para os olhos. As declarações dos sábios saltam de um assunto para outro, sem nenhuma ordem aparente. Algumas vezes dois versículos, ou alguns poucos deles, permanecem com o mesmo assunto. Um provérbio pode ser uma declaração simples e significativa, ou um discurso; e a seção dos capítulos 10-22 de Provérbios é, na maior parte, composta de declarações simples ou agrupadas de duas em duas. O vs. 26 é um provérbio isolado, sem conexão com os vss. 25 ou 27. Trata-se de um sinônimo (duas linhas métricas que falam sobre a mesma coisa).

Um mensageiro preciso é o assunto deste versículo. Tal mensageiro é uma pessoa deveras irritante, que está sujeita a duas figuras simbólicas para ser descrito:

1. Ele irrita quem quer que o queira utilizar, tal como o vinagre irrita os dentes. Alguns vinagres, feitos de vinho, eram extremamente azedos, e essa é a idéia por trás da metáfora. Um mensageiro preguiçoso, pois, azeda uma situação inteira. Naqueles dias em que não havia ainda os correios, a profissão dos mensageiros era muito importante, tanto nos negócios particulares como nos negócios comunais, tanto na paz quanto na guerra.

O mau mensageiro se precipita no mal, mas o embaixador fiel é medicina.

(Provérbios 13.17)

2. A frase sinônima apresenta outra metáfora, que nos é familiar em nossos próprios dias. O mensageiro preguiçoso, que não desempenha seu papel rapidamente e bem, é como a fumaça que nos irrita os olhos. Esse é um dos piores irritantes que existem, só comparável ao caso do homem preguiçoso.

Assim é o preguiçoso. Ver Pro. 19.24. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Preguiça* e *Preguiçoso*, quanto a detalhes completos. “O preguiçoso, como mensageiro, causa detrimen- to a seu empregador, ou por não fazer o que é de seu dever, ou por fazê-lo mal feito” (Fausset, *in loc.*).

10.27

O temor do Senhor prolonga os dias da vida. Esta declaração, uma linha métrica com afirmação positiva, e então uma antítese, leva-nos de volta a um tema muito repetido em Salmos e Provérbios — seguir a lei e sua sabedoria dá a um homem uma vida longa e próspera. Mas o homem mau sofrerá morte prematura. Quanto às qualidades transmissoras de vida da lei (fomentada e ilustrada pelas declarações de sabedoria), ver Pro. 4.13 (uma nota de sumário); 9.6-11; 10.11,17. Ver também Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1. Está em foco a vida física, com vantagens físicas e espirituais em abundância, e não a vida eterna, que este versículo, uma vez cristianizado, é forçado a dar a entender.

O temor do Senhor. Quanto a esse tema comum, ver Pro. 1.7; Sal. 119.38, e o artigo do *Dicionário* chamado *Temor*.

Antítese. Em contraste, o homem iníquo pode esperar carradas de tribulações e então morte prematura. Talvez ele espere viver por longos anos, mas sua expectativa não se cumprirá. Ver Jó 25.32,33; 22.16; Sal. 55.23. A morte prematura era um terror para os hebreus.

Não sejas demasiadamente perverso nem sejas louco; por que morrerias fora do teu tempo?

(Eclesiastes 7.17)

10.28

A esperança dos justos é alegria. Homens bons têm direito a cultivar altas esperanças. Elas terão cumprimento e, uma vez cumpridas, trarão alegria aos homens bons. Provavelmente entre essas esperanças está uma vida longa, cheia de prosperidade e boa saúde. Mas a referência aqui parece ser gerai.

A esperança surge eterna no peito humano.

(Alexander Pope)

*Nosso Deus, nossa ajuda nas eras passadas,
Nossa esperança por anos vindouros,
Nosso abrigo dos empuxes da tempestade,
E nosso abrigo eterno.*

(Isaac Watts)

Ver sobre *Esperança* no *Dicionário*. Ver Rom. 8.24.

Antítese. Em contraste, o pecador ímpio não precisa esperar por longo tempo. Suas expectativas não serão cumpridas, e ele mesmo provavelmente terá morte prematura, depois que suas esperanças fracassarem. Cf. esta parte do versículo com Pro. 11.7 — as esperanças do homem iníquo morrem por ocasião de sua morte física. Ver também Jó 8.13; 11.30 e Sal. 112.10.

10.29

O caminho do Senhor é fortaleza para os íntegros. Yahweh (o Senhor; ver sobre *Deus*, *Nomes Bíblicos de*, no *Dicionário*), o Deus eterno, é a fortaleza de todos os homens sábios que seguem o bom caminho. Ver sobre a metáfora do “caminho” em Pro. 4.16, e ver também o contraste entre o caminho bom e o caminho mau, em Pro. 4.27. O homem bom é fortalecido por sua sabedoria, pois é favorecido por Deus. Ele conta com esse alicerce eterno (ver Pro. 10.2), e nenhum temporal poderá prejudicá-lo. “Quanto mais ele trabalha, tanto mais forte fica” (Adam Clarke, *in loc.*). Oh, Senhor, concede-nos tal graça! O homem bom é fortalecido a ponto de seguir até a perfeição (assim, pelo menos, diz o hebraico, literalmente: “uma fortaleza para a perfeição é o caminho do Senhor”). “O caminho do Senhor é uma forte proteção para o homem bom, pois nenhum dano lhe poderá sobrevir enquanto ele segue por esse caminho (ver I Ped. 3.13)” (Ellicott, *in loc.*).

Antítese. O ímpio, seguindo caminho contrário, cai aos pedaços, em lugar de ser fortalecido. E assim, se arruina; ele é destruído pelos próprios pecados. Cf. Sal. 1.6 e 37.20. Cf. em um contexto neotestamentário, uma declaração similar, em II Cor. 2.15,16. Existe uma providência negativa e uma providência positiva, e os homens determinam o que receberão nos caminhos pelos quais enveredam na vida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*. Este provérbio, juntamente com muitos outros, enfatiza a importância de tomar e então cumprir escolhas apropriadas, pois nelas estão as fontes da vida.

10.30

O justo jamais será abalado. A idéia, aqui, é a mesma do vs. 25, embora as metáforas tenham sido levemente modificadas. O homem bom conta com um alicerce firme, pelo que não poderá ser abalado. Quanto ao justo não poder ser abalado, ver Sal. 55.22 e 66.9. Ver também Sal. 37.22,29 e 125.1. “Eles se encontram no inabalável pacto da graça; eles se encontram na Rocha dos Séculos, Cristo Jesus; todas as Pessoas Divinas e Suas perfeições estão ao lado deles. Eles são resguardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação” (John Gill, *in loc.*).

Antítese. Em contraste, os ímpios não encontrarão alicerce algum em todo este largo mundo. Eles não continuarão a habitar na Terra Prometida; antes, serão removidos dali. No vs. 25 (que é um paralelo próximo deste versículo), o pecador é visto arrebatado por uma tempestade. Aqui fica entendido que a metáfora é o alicerce, ou uma casa sobre um firme alicerce. Os mansos retos herdarão a terra (ver Mat. 5.5), mas, quando a herdarem, os pecadores já não serão encontrados.

*Os retos habitarão a terra, e os íntegros permanecerão nela.
Mas os perversos serão eliminados da terra, e os aleivosos
serão dela desarraigados.*

(Provérbios 2.21,22)

Conforme se pode ver facilmente, quando esta passagem de Provérbios foi escrita, não havia nenhum ensino de recompensa e punição na vida do pós-túmulo. Apesar disso, o versículo é forçado a dizer tal coisa; mas para isso os que assim dizem criam um anacronismo. O ensino sobre a imortalidade começou a ser referido nos Salmos e nos Profetas. A doutrina das recompensas e punições futuras logo se seguiu. Contrastar este provérbio com Dan. 12.2. Ver também Sal. 37.9,11,22,29 e II Ped. 3.13.

10.31

A boca do justo produz sabedoria. O autor sacro de súbito muda sua atenção para o tema do uso apropriado da linguagem. Ver Pro. 4.24; 6.12; 8.13; 10.8,18,19; Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12,35,28; 36.3; 39.1,9; 55.21; 66.17; 73.9; 94.4; 101.5. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da*. A boca do homem bom produz sabedoria, e a sabedoria é transmissora de vida (ver Pro. 4.13; 9.6,11; 10.11,17). A metáfora aqui aludida é à árvore da vida. A boca do homem bom produz todas as espécies de benefícios deleitosos para os que enveredam pelo caminho da vida. Cf. Sal. 92.14 e Mat. 7.17.

A boca do justo profere a sabedoria, e a sua língua fala o que é justo.

(Salmo 37.30)

Antítese. A boca do pecador, em contraste com a boca do homem bom, é uma questão de morte. A língua dele, cortada de dentro de sua boca, conforme ditava um antigo castigo, algumas vezes era perdida devido a coisas prejudiciais que eram ditas, e, de outras vezes, por pura crueldade. "Se a língua de todo especialista e repreendedor fosse extraída, não teríamos tanto barulho neste mundo!" (Adam Clarke, *in loc.*, que disse a verdade em meio a um comentário muito ácido).

A língua da perversidade. Ver Tia. 3.2 ss. quanto a uma passagem bíblica que versa sobre os abusos da língua. Apenas o homem verdadeiramente perfeito não injuria com a língua, pelo que temos aqui um pecado universal. Mas algumas pessoas, especialmente as mulheres, se especializam nesse pecado. Cf. Pro. 2.12.

10.32

Os lábios do justo sabem o que agrada. O autor sacro continua aqui a abordar o tema do uso correto da língua. O homem sábio usa sua faculdade da fala de maneira correta, pelo que emprega os lábios para dizer o que é aceitável. Sua fala beneficia a outros, sendo instruções na lei, conforme ela é fomentada e interpretada pelas declarações de sabedoria. Esse tipo de linguagem traz todos os benefícios que a lei promete, incluindo vida longa, próspera e feliz (ver Pro. 4.13; 9.6,11; 10.11,17). O homem que escuta a lei e a obedece vive melhor e por mais tempo. Os lábios do homem justo são como árvores frutíferas saudáveis (vs. 31).

O que agrada. Agrada a quem? A Deus e aos homens, pois se trata de uma linguagem graciosa e benéfica. Cf. Luc. 4.22. "... agradável e proveitosa" (Adam Clarke, *in loc.*).

Antítese. Esta linha métrica repete a segunda linha métrica do vs. 31, pois ambos os trechos usam a palavra "perversidade", que no hebraico significa algo que "sai do caminho". Ver Pro. 2.12.

Capítulo Onze

Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 10 e 11. Apresento uma introdução à seção de Pro. 10.1 – 22.16 (a primeira coletânea dos provérbios de Salomão), em Pro. 10.1.

11.1

Balança enganosa é abominação para o Senhor. O assunto aqui é negócios honestos, o que também é verdadeiro quanto a Pro. 16.11; 20.10,23. A declaração sábia, aqui, está fundamentada sobre a lei mosaica (ver Lev. 19.35,36; Deu. 25.13-15, que condena as balanças enganosas e os pesos injustos). A palavra hebraica para "peso", aqui usada, é *eben shelemah*, que significa "pedra perfeita". Pedras eram usadas para servir de pesos, até ser inventado um método melhor. A própria balança poderia ser construída para produzir resultados falsos, e não apenas por uma vez, mas para todas as vezes. Um dos braços da balança era ligeiramente mais comprido do que o outro, produzindo um desequilíbrio que favorecia o negociante. Parece que pedras que serviam de pesos padrões eram mantidas por Davi e eram chamadas de "pedras do rei" (ver II Sam. 14.26).

Presume-se, então, que pedras de peso quase igual foram então distribuídas. Como é óbvio, também podia haver pedras que substituíam as oficiais. Nesse caso, o ludíbrio era pespogado pelos próprios pesos, e não pela balança. Uma pedra era usada nas compras, e outra nas vendas.

Abominação para o Senhor. Esses pesos e balanças enganadores eram algo intensamente odiado pelo Senhor, por serem demonstrações da corrupção humana, tal como eram os ídolos, acerca dos quais a mesma palavra — abominação — é usada algumas vezes. Essa palavra é usada por vinte vezes no livro de Provérbios. A palavra hebraica *towebah* significa, ocasionalmente, alguma coisa especialmente desgostosa, abominável, especialmente artifícios idólatras, como ídolos e imagens. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Idolatria*. Quanto a outros usos dessa palavra no livro de Provérbios, eis alguns poucos exemplos: Pro. 3.32; 6.16; 8.7; 11.20; 15.8,9; 21.27. Fora do livro de Provérbios também há alguns exemplos: Deu. 7.25,26; 12.31; 17.1,4; 18.12; 22.5 e 24.4.

Antítese. Em contraste com os pesos enganadores, pesos justos eram agradáveis a Yahweh. "Usar pesos justos e medidas certas e fazer tudo justamente, nas negociações entre os homens, era o que Deus requeria; e tais coisas eram agradáveis diante de Seus olhos. Ver Lev. 19.35,36" (John Gill, *in loc.*).

11.2

Em vindo a soberba, sobrevém a desonra. O orgulho é inerentemente associado à vergonha, porquanto envolve o indivíduo em atos altivos, deprimentes e, algumas vezes, até violentos. Sua antítese é a humildade, um dos aspectos da sabedoria. Quanto a outros versículos no livro de Provérbios que exaltam a humildade mas condenam o orgulho, ver Pro. 13.10; 15.33; 16.18,19; 18.22; 22.4. Ver no *Dicionário* os verbetes denominados *Orgulho* e *Humildade* quanto a detalhes e referências bíblicas. Aristóteles fazia da humildade um dos vícios de deficiência, mas tanto o Antigo como o Novo Testamento a encaram como virtude positiva.

Com os humildes está a sabedoria. "Humildes" é tradução do vocábulo hebraico *çanua*, encontrado somente aqui e em Miq. 6.8, em forma verbal, "andai humildemente" na presença de Deus. Deve fazer parte do caminho da vida, parte integrante do *Andar* (ver a respeito no *Dicionário*).

O orgulho (olhos altivos) é uma das sete coisas que Deus odeia (Pro. 6.17). A palavra hebraica para orgulho é *zadon*, que significa, literalmente, "ferver", ou então *zid*, "cozinhar" (ver Gên. 25.29). Os arrogantes fervem em sua auto-importância e gostam de perseguir homens menores. Mas os humildes é que, eventualmente, serão exaltados (ver Luc. 14.11). O arrogante Nabucodonosor teve o reino tirado de suas mãos (ver Dan. 4.30,31).

11.3

A integridade dos retos os guia. O homem reto é integral, ou seja, é completo em sua espiritualidade, e também honesto, sem os desvios que tipificam os pecadores. Os vs. 3-6 contrastam a retidão com a iniquidade. A retidão como a estrada para a sabedoria, e a sabedoria como doadora de vida, são temas muito repetidos no livro de Provérbios. Quanto à integridade, ver Pro. 10.9; sobre reto, ver Pro. 1.3. *Integridade* vem de uma palavra hebraica que significa, basicamente, "inculpável" (ver Jó 1.1). Está em pauta a integridade moral, aquele homem espiritual sem mácula e sem defeitos. A integridade guia um homem em sua vida como se fosse um nobre pastor de ovelhas. A obediência à lei é referida aqui.

Antítese. Em contraste, o homem mau é "guiado" em sua vereda tortuosa por forças sinistras, internas (pertencentes a ele mesmo) e externas (pertencentes a outras pessoas e às circunstâncias). Perversidade (no hebraico, *seleph*), significa, essencialmente, "duplicidade". Vem de uma raiz que quer dizer "dar meia volta" ou "virar de cabeça para baixo". Encontra-se somente aqui e em Pro. 15.5. A duplicidade promove a transgressão, porquanto se manifesta contra o conhecimento e a luz que o indivíduo já possui. A destruição aguarda pelo indivíduo que anda na transgressão, que é o seu guia, em suas veredas tortuosas. Isso fala da desobediência à lei.

11.4

As riquezas de nada aproveitam no dia da ira. É melhor ter dinheiro do que não ter, porquanto ele provê vantagens ao homem, conforme vemos em Pro. 10.15. Além disso, a pobreza tende a amesquinhar um homem e conduzi-lo à ruína, como aquele mesmo versículo declara. Usualmente, porém, muito dinheiro serve somente para corromper uma pessoa e também atua como agente de sua destruição. Mas mesmo que isso não aconteça, no dia de sua morte, o rico é reduzido à pobreza, e suas riquezas não podem ampliar em mais um minuto sequer a sua vida. A morte é aqui chamada de "dia da ira", o que pode subentender que o rico será julgado pelas iniquidades que cometeu e, assim, sofrerá morte

prematura, que pode ocorrer em meio à violência. É um anacronismo fazer isso referir-se ao julgamento evangélico, do além-túmulo. O dia da ira é o dia da visitação divina, quando a vida do homem é apagada. Essa afirmação nos garante que as riquezas não podem comprar uma vida longa, saudável e próspera, a principal idéia dos hebreus quanto a uma vida bem vivida. Para tanto, a pessoa carece do favor de Deus, e ninguém pode obter o favor de Deus sendo um transgressor.

Antítese. A justiça nos livra da morte, o que significa que o homem bom continuará vivendo, não sofrerá visitação divina ou julgamento; antes, terá vida longa, saudável e próspera. Ele terá tempo de fazer tudo quanto precisar fazer, por si mesmo e em favor de outras pessoas. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Cf. Pro. 10.2, um versículo essencialmente igual a este e onde há informações adicionais. Sobre como o temor do Senhor conduz a uma longa vida, ver Pro. 10.27; sobre como a sabedoria promove esse tipo de vida, ver a nota de sumário em Pro. 4.13. Ver também Pro. 9.6,11; 10.11,17.

11.5

A justiça do íntegro endireita o seu caminho. O tema das duas veredas, uma das quais conduz à destruição, ao passo que a outra leva à vida eterna, é comum no livro de Provérbios (ver 4.27). Quanto à *metáfora da vereda*, ver Pro. 4.11. Este versículo é uma recomposição do vs. 3. Aqui o íntegro é chamado de inculpável (no hebraico, *tamim*, palavra cognata de *tom*, usada em Pro. 10.9, que significa “ser completo, são”. Ver também Pro. 1.12. A integridade espiritual de um homem torna-se seu guia, seu pastor no bom caminho.

Endireita o seu caminho. Ou seja, alisa, remove obstáculos, armadilhas e covas. Ver Pro. 3.6 sobre isso. “... uma vida com menor número de obstáculos e dificuldades” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Antítese. O homem ímpio, em contraste com o homem bom, sofrerá toda espécie de queda; sua vereda é cheia de dificuldades e retrocessos, e a própria iniquidade é seu guia ou pastor. Coisa alguma que fosse boa resultava daí, embora o homem possa parecer tirar proveito por algum tempo. Esse homem acaba caindo e nunca atinge nenhum alvo digno na vida. “O homem ímpio obscurece sua consciência mais e mais, devido aos males que pratica, até que vem a tropeçar durante a noite (ver João 11.9) e, finalmente cai, para nunca mais levantar-se” (Ellicott, *in loc.*). Naturalmente, sua vereda o está levando à morte prematura, e é ali que ocorre a sua queda final.

11.6

A justiça dos retos os livrará. Este versículo é uma ligeira modificação do vs. 5. Ali, a retidão do homem é o seu guia; aqui é seu agente de libertação. O vs. 3 também é similar. O livramento vem de obstáculos e dificuldades ao longo do caminho e também da destruição, afinal. “... da morte, tal como se vê no vs. 4, e de cair no pecado, total e finalmente” (John Gill, *in loc.*).

Antítese. A cobiça do homem mau o torna cativo (Revised Standard Version) e, como se ele fosse um animal encurralado, põe fim à sua vida. A palavra hebraica aqui envolvida é *hawwah*, “desejo apaixonado”, conforme se vê em Pro. 10.3. Suas próprias fortes paixões, de várias espécies, terminam por arruiná-lo. Os ímpios escavam as covas nas quais acabam caindo e são seus próprios caçadores cruéis. Eles se autodestroem através de seus desejos descontrolados. Quanto ao conceito de ser encurralado, ver Pro. 1.17,18; 6.2; 7.22,23 e 12.13. É isso o que produz a transgressão da lei, sendo isso expresso através de muitas metáforas nas declarações da sabedoria. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Transgressão*, quanto a detalhes.

11.7

Morrendo o homem perverso morre a sua esperança. Este versículo é essencialmente igual a Pro. 10.28, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. O homem corrupto tem esperanças, tal e qual o homem bom. Mas “tudo quanto o homem ímpio esperou lhe é frustrado por ocasião da morte, a qual, usualmente, é prematura ou violenta” (Charles Fritsch, *in loc.*).

O homem perverso. “Perverso” é tradução do vocábulo hebraico *rasha*. Várias traduções dizem aqui “forte”, “ímpio”, “mau”, “ruim”, “iníquo”. A Septuaginta diz “ímpios”. Trata-se de homens fortes na iniquidade, que oprimem seus semelhantes; mas os transgressores destroem as próprias esperanças e acabam desolados. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Esperança*.

Sinônimos. A maior parte das linhas métricas desta seção dos capítulos 10-15 compõe-se de linhas métricas antitéticas, mas, ocasionalmente, obtemos uma linha métrica sinônima. As linhas métricas aqui são essencialmente as mesmas,

exceto que o sinônimo iniquidade substitui o sinônimo ímpio. Todavia, estão em pauta essencialmente as mesmas pessoas, que sofrem a perda de suas esperanças (primeira linha métrica) e as vêem reduzidas a nada (segunda linha métrica). “Riquezas, poder, glória, impunidade na opressão ao próximo e prazeres carnisais, os objetos das esperanças dos homens iníquos, o que ele pretende receber na vida, lhe são tirados por ocasião da morte” (Fausset, *in loc.*).

Este versículo tem sido cristianizado para fazer tal coisa referir-se às esperanças evangélicas que homens maus esperam ganhar, embora vivam iniquamente e sem restrições. A morte coloca ponto final nesse tipo de pensamento ridículo.

11.8

O justo é libertado da angústia. Uma vez mais, o autor sagrado repete, usando palavras levemente diferentes, um dos grandes temas deste capítulo 11. A retidão livra o indivíduo das tribulações e da morte (vs. 6).

Antítese. O homem mau cai em tribulações e na morte por ter um guia perverso, segundo se vê na segunda linha métrica do vs. 6. Escolhas diferentes conduzem a destinos diferentes. Cf. este versículo com Pro. 21.18. Este versículo dá a figura simbólica do homem ímpio que sofre “em lugar” do homem bom, mas é provável que isso signifique apenas que ele termina nesse destino que o homem bom poderia ter sofrido, caso este último fizesse uma escolha má e seguisse uma vereda tortuosa. “Conforme é declarado nos vss. 3,5 e 6, a vida reta ajuda a evitar as tribulações (ver Pro. 12.13). Tal como se vê no livro de Ester, a tribulação que o ímpio Hamã planejou para Mordecai caiu sobre a cabeça do próprio Hamã (ver Est. 3-7)” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Por conseguinte, encontramos aqui uma espécie de sofrimento vicário perverso, em que o homem ímpio sofre o que o homem bom poderia ter sofrido.

O perverso serve de resgate para o justo, e para os retos, o pérfido.

(Provérbios 21.18)

Porém, o que é dito aqui tem um tom poético e não se assemelha em nada a Isa. 53.5. O sofrimento pelo qual passa o ímpio em nada beneficia o homem bom, embora os sofrimentos do Homem Bom, Cristo, tenham feito o bem para os maus. A declaração do versículo, sem a poesia, simplesmente significa que o homem mau cai no desastre que o homem bom poderia ter experimentado, se tivesse enveredado pelo mesmo caminho seguido pelo ímpio.

11.9

O ímpio com a boca destrói o próximo. A boca perversa do ímpio tem por intuito destruir o próximo. O autor retorna aos tremendos efeitos do abuso da linguagem. Ver Pro. 4.24; 8.13; 10.8,18,19,30. Esse é um dos principais temas do livro de Salmos. Ver Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 39.9; 55.21; 64.4; 66.17; 73.9; 101.5; 109.2; 119.174; 120.3,4; 140.3 e 141.3. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Linguagem, Uso Apropriado da*. O ímpio é um destruidor, e entre as suas armas estão as calúnias, os ludibrios e as falsidades. Ele é um *hipócrita* (ver a respeito no *Dicionário*). No hebraico temos a palavra *haneph*, cuja idéia básica é “incliná-lo para longe do que é reto”, ou seja, “profano”, “impuro”. Cerca de cem versículos do livro de Provérbios tratam do uso próprio ou impróprio da linguagem.

Antítese. Embora caluniado pelos hipócritas profanos, o homem bom escapa das acusações. Talvez o homem tenha sido levado ao tribunal, mas o juiz foi capaz de perceber a fraude e o falso testemunho que fora dado. Pelo menos, Deus vê o que está acontecendo e recompensa o homem bom e julga o caluniador. Ou então, através da sabedoria, o homem bom é capaz de evitar a vereda do homem profano, e assim sai livre quando for julgado. O homem justo poderia ser corrompido pela fala do homem ímpio, mas possui sabedoria demais para isso.

11.10

No bem-estar dos justos exulta a cidade. O justo traz alegria a uma cidade, porque suas obras são beneficentes. Essa alegria é expressa por meio de cânticos, danças e festividades. A bondade pessoal beneficia a comunidade. O homem bom se envolverá em obras de caridade e dará bons conselhos.

Quando triunfam os justos há grande festividade.

(Provérbios 28.12)

Quando sobem os perversos os homens se escondem, mas quando eles perecem, os justos se multiplicam.

(Provérbios 29.2)

Antítese. Os ímpios também causam regozijo em uma cidade, quando são derrubados. Quando os destruidores são arruinados, há razão para as outras pessoas se sentirem felizes. Deus está por trás de Sua providência negativa. Mas a Sua providência positiva está por trás de homens bons para torná-los uma bênção para outras pessoas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*. Cf. Jer. 22.2-5. Ver também Isa. 60.21; Apo. 11.15,17; 14.3,4; 18.20,21 e 19.1,2.

11.11

Pela bênção que os retos suscitam a cidade se exalta. Este versículo é uma leve modificação do vs. 10. Os retos são uma bênção para a cidade, que é exaltada por eles. "Deus abençoa a cidade por causa dos justos que nela residem e por ela intercedem (ver I Tim. 2.2; Jer. 29.7; Esd. 6.10)" (Fausset, *in loc.*).

Antítese. Em contraste, os ímpios são uma maldição para a cidade, operando destruição pelo lado de dentro e pelo lado de fora. Homens ímpios podem entregar uma cidade a invasores estrangeiros, causando a sua queda, ou a influência deles torna-se universal, corrompendo a cidade, e então Deus mesmo tem de derrubá-los, enviando um invasor estrangeiro, um terremoto, uma inundação, um desastre natural de alguma sorte. Simplesmente corromper-se por causa de palavras e ações más por parte de homens corruptos destrói os homens moral e espiritualmente, mesmo que algum desastre físico não atinja a cidade. Cf. este versículo com Pro. 29.8.

11.12

O que despreza o próximo é falto de senso. A mente do autor sagrado volta agora ao que ele dissera no vs. 9 e refaz um pouco essa idéia. O homem mau, neste caso, é alguém "destituído de coração", conforme diz o hebraico literal, que a versão portuguesa traduz como "falto de senso". Ver Pro. 4.23. Existem cerca de oitenta referências ao coração no livro de Provérbios, usualmente falando de uma fé sentida no coração, e não de uma fé superficial ou meramente legalista. O homem sem coração despreza o próximo (segundo diz a Revised Standard Version).

Antítese. "Em contraste com o sábio que guarda para si mesmo os seus pensamentos, o insensato fala abertamente contra o próximo, e isso sempre conduz à tribulação" (Charles Fritsch, *in loc.*). O autor nos adverte tanto acerca dos julgamentos precipitados como acerca das acusações precipitadas. Ver Mat. 7.1,2. Ele nos adverte contra julgarmos outras pessoas. O sábio hesita em condenar. Mesmo quando conta com evidências, sua tendência é manter-se tranquilo. "Simplesmente não encontra sentido em caluniar (Cf. Pro. 10.18) alguém que reside ou trabalha nas proximidades. Isso inevitavelmente produz fricção ou dissensão. É melhor ficar quieto" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

11.13

O mexeriqueiro descobre o segredo. Contra a Maledicência. Todas as pessoas se envolvem no mexerico, embora as mulheres se especializem na maledicência. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mexerico*. Se não houver segredos a contar, o mexeriqueiro inventará algo para dizer. Alguns homens chegam a contar mentiras sobre si mesmos, para se exaltarem entre o bando de rufões com o qual vive. Sempre haverá algo para contar, porque esses mortais, verdadeiramente, são insensatos. Mas o sábio mantém a boca fechada. A maledicência é condenada em Pro. 16.28; 18.8; 26.20,22. Cerca de cem versículos do livro de Provérbios tratam do uso próprio e o uso impróprio da linguagem.

*Faz tudo passar diante de três portas de ouro:
As portas estreitas são, a primeira: É verdade?
Em seguida: É necessário?
Fornece uma resposta veraz. E a próxima
E a última é mais estreita: É gentil?*

*E se tudo chegar, afinal, aos teus lábios,
Depois de ter passado por essas três portas,
Então poderás relatar o caso, sem temeres
Qual seja o resultado de tuas palavras.*

(Beth Day)

Antítese. O homem que é "fiel de espírito" (King James Version) ou é "digno de confiança" (Revised Standard Version) controlará a sua língua quando houver qualquer coisa de escandaloso para dizer que dê prazer a outras pessoas. A maledicência é um esporte perverso de mentes pequenas. "Se você nunca repete o que lhe é dito, não lhe fará o pior" (Eclesiástico 19.7). Cf. Pro. 20.19. "Os espalhadores de notícias lhe dirão seus próprios segredos, em lugar de nada dizerem" (Adam Clarke, *in loc.*).

11.14

Não havendo sábia direção cai o povo. Certos homens são sábios o bastante para serem guias, dando bons conselhos que ajudam indivíduos e cidades, ou então, conforme o caso, comunidades maiores, como estados ou mesmo países. Se não houver tais pessoas próximas, então uma pessoa, uma cidade, um estado ou um país caem, ou seja, entram em dificuldades ou ruína. "Direção" é tradução da palavra hebraica *tabulot*, usada também em Pro. 1.5. Trata-se de um termo náutico, falando de "pilotar um navio". Quando não há pilotos a bordo, o navio do estado pode aventurar-se pelo oceano a dentro e nunca mais voltar ao porto. Cf. essa parte do versículo com I Reis 12; Pro. 15.22 e 24.6.

Antítese. Um navio do estado é apropriadamente pilotado quando tem muitos pilotos. Cf. esta parte do versículo com Pro. 24.6b, onde a idéia é repetida. Ver também Pro. 15.22; 20.18. O autor presume que aqueles que pilotam são sábios, pois aprenderam muito da lei e das declarações sábias. Esses têm uma espiritualidade superior e, assim sendo, possuem capacidades superiores, na questão de justiça e de equidade.

O versículo é cristianizado para falar do Messias, o Maravilhoso Conselheiro (ver Isa. 9.6). Ele dirige o navio ao porto da salvação.

Quando há muitos conselheiros, cria-se um sistema de verificações e equilíbrio. Nenhum homem isolado está sempre correto. Um homem bom pode ter um ponto cego ou falta de discernimento quanto a algumas questões, ao mesmo tempo que se mostra sábio em relação a seus semelhantes. É então que outros conselheiros podem preencher o hiato. As democracias estão alicerçadas sobre esse princípio, mas as democracias populares com frequência caem em confusão com conselheiros conflitantes que lutam por si mesmos ou por interesses grupais.

11.15

Quem fica por fiador de outrem sofrerá males. Cf. Pro. 6.1,2 quanto ao problema de ser um fiador. Naquele texto está em foco ser fiador de alguém desconhecido, a quem a dívida é devida. Naturalmente, um homem pode tornar-se fiador de um desconhecido, como eu mesmo já fiz por estudantes que não conhecia de maneira alguma, ou conhecia muito pouco. Mas sem importar se nos tornamos fiadores de um vizinho, de um conhecido ou de uma pessoa desconhecida, a atitude do(s) autor(es) sagrado(s) do livro de Provérbios é essencialmente contra esse tipo de negócio. O fiador geralmente sofre males, no hebraico, *ra'a*, "mal", "ruim". Tornar-se fiador é um mau negócio, e há prejuízos financeiros a serem sofridos. O(s) autor(es), definitivamente, não adota(m) a atitude de generosidade de Jesus, refletida em Mat. 5.42:

*Dá a quem te pede, e não voltes as costas ao que deseja que
lhe emprestes.*

Naquele texto, os versículos sobre o amor ao próximo são dados imediatamente a seguir. Ver no *Dicionário* sobre o artigo chamado *Generosidade*.

Quanto a outras declarações semelhantes a este versículo, no livro de Provérbios, ver 17.18 e 22.26,27.

Antítese. O homem que odeia ser fiador do próximo permanecerá em segurança financeira e evitará muita dor de cabeça. O autor sacro estava sendo pragmático sobre a questão, e não estava pensando como um cristão. Devemos lembrar que Jesus é a nossa segurança. Ver Heb. 7.22. A medida de um homem é a sua generosidade, que é apenas outro nome para o amor. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Amor*.

11.16

A mulher graciosa alcança honra. Este trecho é o único lugar, em todo o livro de Provérbios, onde são contrastados um homem e uma mulher. Uma mulher, membro do sexo fraco, pode conseguir muita coisa com seus encantos: dinheiro, roupas, presentes, propriedades etc. Ela pode atingir uma posição de riquezas e influência somente pela força de sua beleza física, se crescer a isso seus encantos femininos. A palavra "honra", aqui usada, parece excluir mulheres vendidas, que obtêm coisas cedendo favores sexuais. Antes, a mulher é graciosa e obtém coisas que lhe exaltam a honra. A Septuaginta diz que o marido da mulher é que lhe presta honra, e isso faz lembrar Pro. 31.10 ss. Isso pode fazer parte da questão, mas a mulher que figura neste texto parece ser uma pessoa bem-sucedida e independente, e não meramente alguém que faz seu marido enriquecer. As mulheres de caráter digno de elogios são mencionadas em Pro. 12.4; 14.1; 19.14; 31.30,31.

Antítese. O homem, em contraste, obtém o que quer mediante a força bruta, ou pela determinação de sua vontade e pelas ações decisivas. O que ele obtém pode ser bom ou mau, e certamente o dinheiro faz parte do quadro. Os homens bons obtêm riquezas mediante trabalho árduo; os homens maus obtêm riquezas

mediante atos ilegais e violentos. Ha algumas poucas mulheres que também são assim, mas não muitas. Por outra parte, as mulheres que usam de seus encantos fazem as coisas zumbir em seu redor. "Cada sexo tem seu próprio poder" (Ellicott, *in loc.*).

Os poderosos. A maior parte dos homens ricos agiu de modo ilegal ou violento, ainda que não seja a violência que lança um homem nas prisões. Nesse contraste, a mulher sai ganhando, e o homem perde quanto às qualidades morais, e assim é que usualmente são as coisas.

11.17

O homem bondoso faz bem a si mesmo. O homem bondoso beneficia a si mesmo e aos seus semelhantes. Ele é benéfico; as pessoas são bondosas com ele; ele dá de seu tempo e de seu dinheiro; e as pessoas dão de seu tempo e de seu dinheiro para ele. "A bondade é recomendada como benéfica para aquele que a põe em prática" (Charles Fritsch, *in loc.*). Além disso, Deus deve ser levado em conta como quem controla a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. "... O homem que ama é amado" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Pro. 3.3. "Ninguém pode exibir um ato de misericórdia desinteressada sem beneficiar a própria alma e melhorar os seus sentimentos morais" (Adam Clarke, *in loc.*).

Antítese. Em contraste, aquele que não ama, não é gentil mas cruel, termina por prejudicar a si mesmo, porquanto outras pessoas começarão a tratá-lo conforme ele as trata; e também porque muitos inimigos haverão de assediá-lo; e a sua vida tornar-se-á uma miséria. Esse homem estará preocupado com a retribuição que outros lhe darão e viverá em estado de ansiedade, deprimente para sua mente e para o seu corpo. Os britânicos têm uma declaração que diz: "Ele preocupa a carne de seus ossos" e, quanto mais ficamos sabendo sobre a medicina psicossomática, mais essa declaração é confirmada.

Os vss. 17-21 contrastam todos os resultados da vida caracterizada pelo amor, pela gentileza, por atos de retidão, com os resultados da iniquidade. O pecado ricocheteia. Existe a *Lex Talionis* (a retribuição segundo a medida do crime cometido) espiritual.

11.18

O perverso recebe um salário ilusório. O homem ímpio recebe um salário ilusório. E isso quer dizer que ele receberá dinheiro, mas também receberá tribulação, desastre e, provavelmente, acabará perdendo seu dinheiro no final. Ele chegará a um triste fim, e seu dinheiro mal ganho não o salvará da morte e, provavelmente, nem ao menos prolongará a sua vida. Pelo contrário, seus atos malignos produzirão morte prematura. Suas esperanças, a despeito do dinheiro, não se concretizarão (ver o vs. 7). Suas riquezas não lhe servirão de proveito ou ajuda no dia em que chegar a morte (ver Pro. 11.4). Seus salários são enganadores — não lhe renderão um benefício permanente, mas certamente lhe renderão males.

Antítese. Mas o homem bom é como um agricultor que semeou a boa semente. A sua colheita será boa e abundante: vida longa, prosperidade, boa saúde, cumprimento de todos os seus alvos de realização. Seu galardão é certo; suas esperanças terão cumprimento; os males que poderiam prejudicá-lo errarão o alvo. Ele ganhará "o salário da verdade", em contraste com o "salário da ilusão". Ver em Gál. 6.8,9 a lei da colheita segundo a semeadura. "A colheita corresponderá exatamente à semente que tiver sido semeada, bem como a recompensa pelo trabalho (ver Pro. 22.18)" (Fausset, *in loc.*). Cf. este versículo com Pro. 10.2.

11.19

Tão certo como a justiça conduz para a vida... Uma vez mais temos a repetição de um dos grandes temas: a lei de Moisés, uma vez seguida, produz vida, e devemos compreender isso tal como foi fomentado e interpretado pelas declarações da sabedoria. Ver Pro. 4.13; 9.6,11; 10.11,17 e 11.4. Ver também Sal. 119.38. Ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1.

Antítese. O insensato que não conhece nem obedece à lei, ou que é apenas ouvinte, mas não praticante, pois segue uma vereda distorcida, termina em morte prematura, com muitas desgraças ao longo do caminho.

O homem bom é fiel na retidão, trilhando o bom caminho com uma fé sentida no coração (ver Pro. 4.23). Somente o homem que é "constante na retidão" recebe a promessa da vida. E é seguro que o homem mau nada sabe sobre esse tipo de constância. Ele é continuamente um pecador e, no entanto, ousa esperar pelo melhor. Suas esperanças serão desapontadas (ver Pro. 11.7). "A verdadeira piedade promove a saúde e é o melhor meio de prolongar a vida, mas os homens ímpios não viverão a metade de seus dias" (Adam Clarke, *in loc.*).

Este versículo tem sido cristianizado para falar da vida eterna e do julgamento, para além do sepulcro.

11.20

Abomináveis para o Senhor são os perversos de coração. A mente é o construtor. Portanto, os homens de mente perversa são também obreiros da perversidade. Tudo isso é abominação à vista do Senhor e não pode deixar de ser notado.

Porque, como imagina em sua alma, assim ele é.

(Provérbios 23.7)

Os perversos. No hebraico é *'iqqesh*. Ver Pro. 2.15. A palavra significa, basicamente, "torto", mas é sempre usada em um sentido moral no livro de Provérbios. Até os homens possuem mente e coração tortuosos. Eles são uma *abominação*, palavra comentada no vs. 1 deste capítulo.

Antítese. Em contraste, o homem que é reto no coração, que tem uma fé sentida no coração (ver Pro. 4.23), segue um caminho julgado inculpável pelo Senhor. Isso significa que ele segue todos os ditames da lei, fomentado e interpretado pelas declarações da sabedoria. Seu caminho torna-se um deleite para o Senhor, porque Ele é santo. Ver Lev. 11.44.

11.21

O mau, é evidente, não ficará sem castigo. Este provérbio ensina que as leis da retribuição são inexoráveis. O ímpio deve ser punido, e o homem bom deve ser recompensado, pois, do contrário, cairíamos no caos. Kant baseou um argumento em favor da crença em Deus e na alma imaterial neste princípio. É claro que, nesta vida, a justiça com frequência não é servida. Por conseguinte, deve haver uma alma que sobrevive a fim de receber a punição ou a recompensa apropriada (na outra vida), e também deve haver uma inteligência que seja poderosa o suficiente para efetuar tanto a punição quanto a recompensa. De outra sorte, teremos de acreditar que o caos é o verdadeiro deus deste mundo.

É evidente. No hebraico, literalmente, temos uma expressão que significa "mão para mão". Não faz sentido para nós, mas aparentemente é uma expressão idiomática, no hebraico, que tem a força de "para dizer a verdade", "evidentemente". As traduções que procuram preservar algo do hebraico literal não somente tornaram seus textos ininteligíveis, mas também erraram quanto ao sentido. A própria natureza de uma expressão idiomática é que ela não pode ser traduzida literalmente. "Mão para mão" talvez aluda a um acordo ratificado pelo aperto de mãos e, sabendo isso, ganhamos certo discernimento quanto à expressão. Ver Pro. 16.5b, que tem a mesma expressão. Os indianos costumam ratificar um acordo quando um homem põe sua mão na mão do outro com quem estabeleceu um acordo qualquer.

Antítese. Em contraste, o homem bom certamente será abençoado, e parte disso será livrá-lo de maus eventos como os que ferem o homem mau. Essa é outra maneira de falar sobre a *lei da colheita segundo a semeadura* (ver Gál. 6.7,8).

Mas a geração dos justos. Ou seja, os retos, e não a sua posteridade. Eles são os filhos e filhas de alguém, filhos de Abraão, o povo distinto, que obedece à lei.

11.22

Como jóia de ouro em focinho de porco. O autor sagrado nos convida a contemplar uma cena ridícula: O desprezado porco com um belo anel de ouro no focinho. Mas por que o anel estava no focinho do animal? Porque as mulheres, naqueles dias, usavam argolas no nariz, e o autor queria comparar o porco com a mulher do tipo que ele estava prestes a mencionar. A figura simbólica é curiosa, pois o anel de ouro é belo e valioso, mas o porco é um animal inútil. Nenhum hebreu que respeitasse a si mesmo haveria de criar porcos ou teria alguma coisa com eles, que eram os piores dentre os animais imundos. Ver no *Dicionário* o artigo *Limpo e Imundo*. Em seguida, o escritor sacro reverte a figura. A mulher é bela, mas não tem nenhum adorno de ouro. Pelo contrário, o seu "adorno" é a falta de discrição. A palavra significa aqui a discrição intelectual e moral. Ela pode não ser uma mulher de costumes frouxos, mas não está livre de cair em alguma aventura ocasional. Possui outros defeitos morais e é bastante vazia de cabeça, pelo que forma uma segunda linha métrica sinônima. Assim, a mulher, propriamente dita é bela como um anel de ouro, mas ela mesma é uma mulher-porca, dotada de pouco valor e caráter duvidoso. Portanto, temos: ouro-anel-porco = ouro-beleza-porco-mulher.

A mulher é apropriadamente representada por um porco, porquanto se revolvava na concupiscência, e sua beleza facilitava essa desgraça. Jarchi aplica a figura a um discípulo da lei que abandonou o bom caminho e caiu na depravação moral. Esse discípulo é um estudante-porco.

11.23

O desejo dos justos tende somente para o bem. O homem bom tem desejos e esperanças e, por seguir a lei com diligência, conforme ela é fomentada e interpretada pelas declarações de sabedoria, ele vê cumpridos esses desejos e essas esperanças. Ele terminará por ter uma vida boa e longa, próspera e feliz. Naturalmente, o homem bom só deseja as coisas que são boas e dignas de encômios, pelo que, naturalmente, a providência divina o ajuda a alcançar o que quer. Cf. as duas partes do versículo com Pro. 10.24 e 13.4. "Bom é aquilo pelo qual ele está sempre desejoso, ou quer, ou ora a respeito, e bom é o que ele obtém eventualmente, aqui e no outro mundo" (John Gill, *in loc.*).

Antítese. O homem mau não deseja a ira (destruição, morte prematura e dificuldades que conduzem a isso), mas é isso o que ele cultiva, pelo que é isso o que obtém. Assim é a sua expectativa, o tempo todo, sem importar se sabe disso ou não. Conforme Jarchi, o ímpio "olha para a condenação, espera por ela e a obtém". Seu estilo de vida é que ele vive esperando um mau fim.

11.24

A quem dá liberalmente ainda se lhe acrescenta mais e mais. *Dar Significa Receber.* Algumas pessoas já aprenderam esse segredo. A generosidade leva um homem a ser continuamente abençoado, aumentando naquilo que ele tem. Essa é a lei da colheita segundo a sementeira. Vemos, algumas vezes, o paradoxo: "Alguns gastam prolixamente, mas ficam cada vez mais ricos". Isso não é uma questão de generosidade, mas meramente de curiosidade. As duas condições existem: o homem generoso é abençoado; o homem gastador, mediante a boa sorte ou mediante alguma outra razão qualquer, sabe-se lá qual, fica cada vez mais rico. Mas essa parte do versículo parece estar encorajando a generosidade (ver a respeito no *Dicionário*). "Doando liberalmente, uma pessoa tem em abundância, um evidente paradoxo (cf. II Cor. 9.6)".

Antítese. Em contraste com o caso anterior, o homem miserável, que deveria ter em abundância pois nunca dá coisa alguma a ninguém, fica cada vez mais pobre. Essa é, igualmente, uma questão de como funciona a lei da colheita segundo a sementeira. O homem que semeia pouco, pouco colhe. Um homem que não dá para as necessidades alheias, termina, ele mesmo, padecendo necessidades. Cf. Pro. 28.22. Por isso é que temos a afirmação dos britânicos: "Aquilo que gastamos, isso nós tínhamos. Aquilo que poupamos, isso perdemos. O que demos, isso é o que temos".

Este versículo tem uma aplicação espiritual: um homem precisa ser generoso, dando de seu tempo para ensinar, para que tenha uma grande colheita espiritual, e não apenas uma colheita material.

11.25

A alma generosa prosperará. Este versículo repete, com duas linhas métricas sinônimas, a primeira linha métrica do vs. 24. O autor enfatiza o valor da generosidade, que é apenas outro nome para o amor. Ver sobre ambos os termos no *Dicionário*. A generosidade é a medida do homem, um indicador de sua espiritualidade essencial. O homem liberal será abençoado. Diz o hebraico original, literalmente: "a alma da bênção", ou seja, alguém que, de todo o coração, está sempre abençoando a outros: essa é a sua principal característica. Esse homem ou engordará, ou enriquecerá. Ele não permanecerá magro, que é a figura de um homem pobre. "Aquele que dá aos aflitos, em verdadeiro espírito de amor, obterá cem vezes mais da parte da misericórdia de Deus. Quão maravilhoso é o Senhor!" (Adam Clarke, *in loc.*).

Sinônimos. Mediante outra figura simbólica, o autor enfatiza o mesmo ensinamento: "Aquele que rega, ou seja, consola a alma de outras pessoas com refrigérios espirituais e materiais, suprimindo as suas necessidades, esse receberá um refrigério correspondente da parte do próprio Deus" (Fausset, *in loc.*). Temos aqui uma figura simbólica da necessidade de chuvas para que haja uma bem-sucedida agricultura. Um homem bom é como uma chuva abençoada para outros. Cf. Mat. 5.7; Jó 29.23 e Sal. 72.6. "Mais bem-aventurado é dar que receber" (Atos 20.35). A chuva é uma bênção indispensável para a agricultura. A generosidade é o *sine qua non* da espiritualidade.

11.26

Ao que retém o trigo o povo o amaldiçoa. O autor sagrado dá outro reforço à sua tese sobre a necessidade da generosidade. A primeira linha métrica ilustra a segunda linha métrica do vs. 24. Um homem tem grãos, mas ele não os envia ao mercado e certamente não dá aos necessitados. Em outras palavras, ele nem vende o grão nem o distribui, deixando o povo "faminto". Ele retém o grão por querer obter um preço mais elevado. E prefere queimar o grão a vendê-lo a preço baixo, espetáculo que, por muitas vezes, já testemunhamos. Tal homem é amaldi-

çoado por Deus e pelos homens e não pode prosperar. Deus lhe negará o necessário em seu tempo de necessidade. O açambarcador descobrirá que, no seu caso, Deus também é açambarcador.

Antítese. Em contraste, Deus abençoará, e o povo louvará, o homem que não nega grão ao mercado, mas, a despeito dos preços baixos, oferece seu produto à venda. Em seu tempo de necessidade, Deus dará o grão a esse homem.

O versículo é espiritualizado e cristianizado para falar do obreiro cristão que ensina diligentemente e assim obtém o grão espiritual para os homens. Esses homens são aqueles que "partem o pão da vida e livre e abundantemente o dão aos filhos dos homens" (John Gill, *in loc.*).

11.27

Quem procura o bem alcança favor. Encontramos aqui outro reforço ao princípio da doação, que abençoa tanto aquele que dá quanto aquele que recebe. "Pelo próprio ato de esforçar-se em favor do bem, ele está buscando o favor tanto de Deus quanto do homem" (Ellicott, *in loc.*). A palavra hebraica aqui usada é *sahar*, que significa olhar cedo e anelantemente por algo, como ficar à espera do raiar do dia, após uma noite escura. Esse homem anseia por obter coisas boas para seus semelhantes, pelo que obtém a mesma coisa para si mesmo. Ele obterá para si mesmo "favor" (no hebraico, *rason*, "aceitação", "favor"). Visto que ele favorece, por isso mesmo é favorecido. O princípio de dar substância material é ampliado, incluindo todos os tipos de coisas boas, abrangendo as realidades espirituais. O homem busca anelantemente pelas bênçãos conferidas a outras pessoas, e, por sua vez, será favorecido tanto por Deus como pelos homens.

Antítese. Mas o homem mau, que é uma maldição na sociedade, receberá maldições da parte de Deus e dos homens. Alguns homens procuram o mal e acabam-no encontrando, e o mal volta-se contra eles e os fere com alguma calamidade. São esses os que criam calamidades, atraindo-as contra outras pessoas e contra eles mesmos. Esses estão no negócio de semear o joio, e não o trigo, e eles compartilham dessa colheita ridícula e prejudicial.

11.28

Quem confia nas suas riquezas cairá. O homem mau confia nas suas riquezas, e não em Deus. Esse é o homem açambarcador e parcimonioso, que tenta reter tudo para si e, como usurário que é, senta-se no alto de seu montão de dinheiro a contá-lo todos os dias. Cf. Pro. 10.2; 52.7; Jó 21.24; Mar. 10.24; Luc. 12.21 e I Tim. 6.17. Esse homem considera as riquezas materiais como seu deus e, obviamente, não honra nem serve a Deus dessa forma. Portanto, finalmente, cairá em ruína, pois ele está procurando isso com o seu estilo de vida. Suas riquezas, porém, são incertas; e incerta também é a caminhada dele. Nem ele nem seu estilo de vida permanecem estáveis. Um dia de tremendas necessidades deverá vir, um dia de fome da alma.

Antítese. Em contraste, o homem reto, que confia em Deus e se mostra generoso no tocante aos seus recursos materiais, não acumulando todas as riquezas para si mesmo, florescerá como um ramo saudável de uma árvore frutífera, carregada de frutos. Nossa versão portuguesa e outras traduzem "ramo" por "folhagem". Ver Sal. 1.3:

Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha.

Cf. também Pro. 11.30 e Sal. 92.12-15 e Jer. 17.7,8. "... um ramo que permanece na boa árvore, viva e verde, cheia de folhas e carregada de frutos. Assim, os justos são como ramos em Cristo, que Dele recebem luz e nutrientes, e permanecem Nele, e assim produzem fruto e florescem, como uma palmeira ou como cedros" (John Gill, *in loc.*). Ver João 15.

11.29

O que perturba a sua casa herda o vento. Nenhum sucesso "lá fora" pode contrabalançar o fracasso no próprio lar. O homem que aparece neste versículo semeia o vento e colhe o redemoinho. Ele arruína a substância de sua família mediante uma vida de dissipações. Ele não está seguindo a lei, nem a ensina, nem mesmo a seus próprios familiares. Talvez ele não dê coisa alguma aos próprios familiares por ser um homem miserável, que pretende reservar tudo para si mesmo. E trata os familiares como se fossem o próximo ou amigos, se é que tem algum amigo. Em outras palavras, ele é um insensato em casa, nos vários relacionamentos familiares. Ou então prejudica ativamente a família, mediante atos insensatos. Ele é como uma vespa, que continua a ferroá-los e a fazê-los sentir-se miseráveis. Não sabe prover para seus familiares, que passam fome por causa de seu estilo de vida perdulário. Portanto, ele se mostra cruel com a própria carne. Ver Pro. 15.27.

Sinônimo. O homem que não serve bem à sua família terminará sendo servo da casa de algum outro homem. Ele perderá o privilégio de ser o cabeça de uma família. Ele se tornou um insensato em seu próprio lar, pelo que se tornará o insensato de algum outro, para ser chutado ao redor. Mediante sua insensatez, ele se tornou escravo de outrem. “Aquele que tanto obteve quanto perdeu os seus bens materiais de maneira tola, será tão reduzido que se tornará servo do homem que segue medidas sábias, tanto na obtenção quanto na guarda do que tem” (John Gill, *in loc.*, que generalizou o conceito).

11.30

O fruto do justo é árvore de vida. A idéia do vs. 28 é mais desenvolvida ainda. O homem justo é como uma árvore frutífera saudável; e isso resulta em vida. Assim também a sabedoria produz vida, um tema muito repetido e comentado em Pro. 4.13. Ver também 9.6,11; 10.11,17; 11.4,19. Quanto à figura da *árvore da vida*, ver Pro. 3.18, cujas notas expositivas também cabem aqui. “O homem justo, pela realização de seus deveres e boas obras, traz vida e cura (Apo. 22.2)” (Ellicott, *in loc.*). A figura pode ser relativa a uma boa árvore frutífera, cujos frutos, uma vez comidos, dão vida aos que os consomem, que é a idéia da referência do versículo do livro de Apocalipse, que acabamos de referir.

Ao vencedor dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida, que se encontra no paraíso de Deus.

(Apocalipse 2.7)

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Árvore da Vida*, quanto a um tratamento completo sobre a metáfora.

Antítese ou Sinônimo? Um significado vinculado à segunda linha métrica é o que diz que o homem bom obtém sucesso contra os seus inimigos e “toma vidas”, ou seja, destrói outras pessoas. Esse é um significado comum da palavra “tomar”. Mas isso, apesar de ser possível, parece ser estranho ao contexto. Portanto, rejeitamos a segunda linha métrica como antitética. O significado, pois, parece ser que o homem bom “toma almas para si mesmo, a fim de lhes dar seus frutos doadores de vida”. Em outras palavras, ele os leva à obediência à lei, conforme esta é interpretada pelas declarações de sabedoria, e nisso eles encontram a vida, tal e qual o homem bom a possui. Ou o sentido poderia ser “a impiedade toma a vida”. Então, não seria o homem bom que destrói e, sim, a própria impiedade do homem mau. Esse é o texto que se acha nas versões da Septuaginta e do siríaco, que assim faz da segunda linha métrica uma antítese. Mas esse texto requer a emenda da palavra hebraica *hakham*, “sábio”, para *hamas*, “iniquidade”.

Aplicação Evangélica. Tomando-se a segunda linha como sinônimo, salienta-se a atividade de salvação dos sábios, e a salvação evangélica é, então, a vida que está em vista. Esta é uma boa aplicação do texto, mas não o que o texto ensina. Se está em pauta a vida, então a vida é a do ideal do Antigo Testamento, uma vida longa, saudável, próspera, que compartilha das promessas do pacto. Não há aqui nenhuma idéia de vida para além do sepulcro, que veio a tornar-se uma doutrina dos hebreus, tendo penetrado na Bíblia primeiramente nos Salmos e nos Profetas. Cf. Dan. 12.2, onde a idéia já aparece como firmemente estabelecida. As palavras “ganha almas” (vs. 30) não significam conquistar almas salvas por meio do evangelismo. Visto que “ganhar” significa, literalmente, “atrair” ou “tomar”, a idéia pode ser que uma pessoa justa atraia outra para a sabedoria. Isso se ajusta ao pensamento da primeira parte do versículo, que retrata uma árvore que dá vida às pessoas por meio de seus frutos” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

11.31

Se o justo é punido na terra. A recompensa e a retribuição são certas e inevitáveis. O homem justo receberá a recompensa por ter mantido boa a sua vida. Ele receberá muitas bênçãos, muitos triunfos, boa saúde, vida longa, prosperidade e felicidade. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) mostrar-se-á eficaz em seu benefício.

Na terra. Não há aqui nenhuma idéia de recompensa no pós-vida. Se o coração dos hebreus já tinha avançado até essa doutrina, a teologia dos hebreus mostrava-se lenta e deficiente quanto a esse aspecto. Ver as notas sobre o vs. 30, sob “Aplicação Evangélica”.

Antítese. O ímpio está sujeito à mesma lei da semeadura e da colheita que governa os justos. Ele receberá a devida punição, uma retribuição pelo mal que ele praticou. Novamente, não está em pauta um julgamento pós-túmulo. Essa doutrina apareceria mais tarde na teologia dos hebreus (e Dan. 12.2 é um versículo conspicuo sobre isso).

A versão da Septuaginta tem uma tradução livre e curiosa deste versículo: “Se o justo é salvo com dificuldade, onde comparecerá o ímpio e o pecador?”. Essa tradução é dada em I Ped. 4.18, mas, conforme se pode ver, está distante do hebraico. O Novo Testamento quase cita a Septuaginta (versão grega do Antigo Testamento), por causa do domínio exercido por esse idioma durante a era dos apóstolos.

Diz aqui o Targum: “Eis que os justos são fortalecidos na terra, mas os ímpios serão consumidos fora dela”, que também é o sentido dado por Aben Ezra.

Capítulo Doze

Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 11 e 12. Dou uma introdução à seção de Pro. 10.1 – 22.16 (a primeira coletânea dos provérbios de Salomão), em Pro. 10.1.

12.1

Quem ama a disciplina ama o conhecimento. O sábio ama a instrução e também ama o conhecimento. Nossa versão segue de perto a Revised Standard Version, que diz “ama a disciplina”. Aquele que ama a disciplina também ama o conhecimento, ou seja, a substância da lei, conforme fomentada e interpretada pelas declarações da sabedoria. Esse conhecimento é cheio de disciplina. Isso descreve o homem nobre, em contraste com o animal brutal da segunda linha métrica. Quanto à “instrução”, ver Pro. 1.2. “A correção é o caminho para o conhecimento” (Adam Clarke, *in loc.*). A vida boa tem de ser uma vida disciplinada. Sócrates asseverou: “A vida indisciplinada não é digna de ser vivida”. Cf. isso com Pro. 1.2,7 e 10.17.

Antítese. Em contraste com o homem nobre, o homem que odeia a disciplina é uma fera selvagem. Ele vive errando em sua vereda de destruição. Ouve ensinamentos que contêm reprimendas (ver Pro. 1.23), mas rejeita esses ensinamentos por não estarem em acordo com o seu estilo de vida. Ele aprecia o estilo de vida que está levando e não quer que alguém o perturbe, mesmo que isso, na realidade, fosse melhor para ele. A fera vive sem nenhuma razão, e nada tem de nobre nela. O homem que não acolhe a correção se transformará nesse tipo de criatura.

12.2

O homem de bem alcança o favor do Senhor. O homem bom, que recebe a instrução e a disciplina, se continuar em sua boa vereda, obterá favor da parte do Senhor. É essencialmente o mesmo que encontramos em Pro. 11.27. Esse homem receberá também o seu galardão (ver Pro. 11.31). A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* operará em seu favor. Ele receberá benefícios advindos da providência positiva de Deus. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Providência de Deus*.

Alcança. Literalmente, o hebraico significa “retira”, como quem retira água de uma fonte.

Antítese. Em contraste com o homem bom, o homem que emprega maus artifícios (no hebraico, *mezimma*, ver Pro. 1.4) sofrerá a condenação divina, que no hebraico é *rasha*, termo forense que implica “culpa pronunciada”. É o oposto de *yaqdiq*, “justiça pronunciada”. Cf. Exo. 22.9.

12.3

O homem não se estabelece pela perversidade. O ímpio não tem alicerce e, por isso mesmo, mostra-se instável. Finalmente sua casa cairá em ruínas, quando ele for chamado ao julgamento. Sua vida será abreviada, e as coisas que ele poderia realizar nunca serão cumpridas. A impiedade não pode servir nem de alicerce nem de raiz. Tal homem é superficial. Qualquer vento haverá de derrubá-lo. “Ser estabelecido e estável na Terra Prometida era algo valorizado pelos israelitas. Mas nem todos o experimentavam (cf. com o vs. 7 e Pro. 10.25)” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Antítese. “A condição do homem ímpio é sem permanência e incerta, ao passo que o justo não pode ser arrancado do chão, onde se acha profundamente arraigado (cf. o vs. 7 e 10.25; a figura de um sólido alicerce; Sal. 1.3,4: a árvore plantada com raízes profundas)” (Charles Fritsch, *in loc.*). Fica subentendido que as raízes superficiais do homem mau serão arrancadas do solo pelas calamidades e, finalmente, pela morte. Mas o homem bom resistirá a qualquer assalto e continuará a ter uma vida boa e próspera. Cf. Mat. 7.24 ss.

12.4

A mulher virtuosa é a coroa do seu marido. Ver Pro. 31.10-31 quanto a uma longa descrição da mulher virtuosa.

Virtuosa. No hebraico, *hayil*, vocábulo usado por quatro vezes no Antigo Testamento — aqui; em Pro. 14.2; 31.10,19 e Rute 3.11. A longa descrição do capítulo 31 alerta-nos para o fato de que essa virtude é um complexo de muitas qualidades, e não se restringe à pureza sexual. Literalmente, ela é uma mulher dotada “de poder”, ou seja, de diversas capacidades e de um caráter que se destaca. A palavra é usada para indicar homens capazes, em Êxo. 18.21, aqueles que eram capazes de serem líderes entre o povo, sem importar se nas questões civis ou militares, bons juizes ou bons soldados, ou em qualquer coisa que fossem chamados a realizar.

Essa mulher de poder e graça será como uma coroa de glória para o marido. Sua virtude fará seu marido tornar-se um homem orgulhoso. Ela era uma mulher esplêndida, e todos a reconheceriam como tal.

Antítese. Em contraste, a má mulher (sexualmente e em outras coisas) serviria de podridão aos ossos de seu marido, ou seja, a virtual destruição de sua vida, visto que os ossos representam o corpo inteiro, ou a vida de um homem. O corpo é armado em torno dos ossos como seu apoio necessário e poder unificador. Ver a mesma figura em Pro. 14.30. Ver também Pro. 3.8; 14.30; 15.30; 16.24 e 17.22. Essa é, igualmente, uma figura simbólica comum no livro dos Salmos. Ver Sal. 6.2; 22.14,17; 31.10; 38.3; 42.10; 51.8; 53.5; 102.3,5; 109.18 e 141.7. Se os ossos de um homem apodrecerem, ele será um homem morto. O ensino, aqui, é que essa horrível mulher faz o marido viver a morte em vida. O homem que tiver essa espécie de esposa com frequência sentirá vergonha. Alguns estudiosos supõem que as doenças venéreas sejam aludidas aqui; e é bem possível que isso faça parte do quadro que está sendo descrito. O Targum ajunta que ela é como “um verme na madeira”.

12.5

Os pensamentos do justo são retos. A vida de pensamentos de um homem justo caracteriza-se pela retidão. Ele é um homem reto, e seus pensamentos correspondem a essa sua qualidade. De fato, os pensamentos retos de tal homem é que o têm feito ser o que é, pois, “como imagina em sua alma, assim ele é” (Pro. 23.7). Parte desses bons pensamentos gira em torno da questão da justiça (cf. Mat. 12.35). Um homem bom, que tenha recebido autoridade, administrará a justiça, pois sua mente será controlada por princípios justos. Ele agirá tal e qual costuma pensar.

Antítese. “Os vss. 5-9 contrastam o homem reto com o homem ímpio. O homem reto tem planos e desejos justos e honestos, quanto a si mesmo e quanto a outros. Mas o ímpio tem conselhos enganadores, que estimulam a desonestidade e só atendem a interesses próprios (perversos, vs. 8). Os pensamentos e as palavras de cada um usualmente são coerentes com o seu caráter” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

12.6

As palavras dos perversos são emboscadas para derramar sangue. As palavras (os conselhos; vs. 5) planejam emboscadas para outras pessoas, a ponto de destruí-las. Ver Pro. 1.11,12 quanto a uma vívida ilustração a respeito. Eles convencem os jovens, que se deixam influenciar facilmente, a aliar-se a eles em seus planos atrevidos.

As palavras. As palavras que produzem eventos destruidores são agentes de destruição. Encontramos aqui um uso maligno da faculdade da fala. Quanto ao uso próprio e ao uso impróprio da fala, ver Pro. 4.24; 6.12; 8.13; 10.8,18,19,30; 11.9,13. Esse é, igualmente, um tema comum do livro de Salmos. Ver Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12; 35.28; 36.3; 64.4; 66.17; 73.9; 100.1; 101.5 e 119.172. As palavras maldosas originam-se em pensamentos corrompidos (vs. 5), e o fim desse processo é que outras pessoas são atingidas. Cerca de cem versículos do livro de Provérbios tratam do uso da linguagem.

Antítese. Em contraste, o homem bom, guiado por pensamentos benéficos e justos (vs. 5), falará de tal maneira e dará conselhos tais que livrará os homens do mal, da ruína e da destruição. Parte disso será o pensamento e o falar diário envolvido no ensino aos homens para que andem na sabedoria e assim evitem veredas destruidoras. E parte serão casos específicos em que um homem diz, em âmbito privado ou público, ou em um tribunal de lei, podendo salvar vidas. O homem justo será instrumento no livramento de planos destruidores preparados por homens ímpios contra suas vítimas. Uma instância disso encontra-se em Pro. 1.10 ss., onde o mestre adverte homens jovens contra alíarem-se com roubadores assassinos, que tomam a sociedade como presa e não hesitam em matar.

12.7

Os perversos serão derrubados e já não são. Os vss. 5-9 contrastam os justos e os ímpios, o que eles são, fazem e sofrem, no fim. Portanto, temos aqui

um resultado final para ambas as classes de pessoas. Os ímpios, que têm pensamentos perversos (vs. 5) e transferem esses pensamentos para a forma de palavras destruidoras (vs. 6), ferindo outras pessoas (vs. 6), finalmente são destruídos eles mesmos. Eles são derrubados, ou seja, totalmente derrotados, sofrendo tremendas perdas. Então são exterminados, e “já não são”. A figura é militar: o que acontece a homens injustos em uma guerra injusta. Ou então a figura é a do caçador que finalmente prende e mata a sua presa. “A armadilha deles os apanha” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Alguns vêem a idéia do alicerce de uma casa, ou então das raízes de uma árvore (ver Pro. 10.25 e 12.3). Seja como for, o homem mau geralmente chega a um mau fim. Ele colhe aquilo que vinha semeando. Ver também Sal. 38.36,37 e Pro. 11.21.

Antítese. Em contraste, a casa do homem bom resiste à tempestade, conforme vemos em Pro. 10.25; suas raízes o estabilizam e ele não sofre danos (ver Pro. 12.3). Ver Mat. 7.24 ss. A casa é a própria vida do indivíduo, e também é sua família e sua descendência. Toda a sua linhagem será forte na retidão e estabilizada na vida boa.

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre Cristo, o fundamento, bem como sobre a vida eterna e espiritual que há em Cristo.

12.8

Segundo o seu entendimento, será louvado o homem. Um homem bom que tenha seguido a vereda da sabedoria será elogiado por outras pessoas. Obterá boa reputação e será louvado por ser justo e benfeitor da sociedade. Ele pratica a sabedoria e não apenas fala sobre ela. Isso quer dizer que ele sabe, fala a respeito e põe em prática a lei, conforme ela é fomentada e interpretada pelas declarações da sabedoria. A palavra hebraica correspondente é *sekhel*, “bom senso”, “prudência”, “julgamento são”. Ver no *Dicionário* os artigos *Sabedoria* e *Entendimento*. Ver também Pro. 1.3. Esse homem tem bom senso e vive em concordância com isso. “... não de acordo com o seu nascimento ele será elogiado; nem em consonância com suas riquezas; nem em harmonia com os lugares de honra a que ele tiver galgado; mas de acordo com a sua sabedoria, que ele demonstrou em palavras e ações” (John Gill, *in loc.*).

Antítese. Em contraste, o ímpio é o homem de mente perversa. Para ele nada significa quebrar os mandamentos da lei de Deus. Ele não foi treinado na sabedoria nem segue o pouco que sabe. Sua mente é perversa, corrompida pelos caminhos do mundo e da carne. Tal homem será desprezado por outros, porquanto estabelece um exemplo de como se dilapida a própria vida. Cf. esta parte do versículo com I Sam. 2.30. Ele tem mente distorcida (no hebraico, *awah*), pelo que inventa uma vereda tortuosa para si mesmo.

12.9

Melhor é o que se estima em pouco, e faz o seu trabalho. O trabalhador que trabalha em regime diário, o homem bastante humilde que trabalha para se sustentar (e não tem servos), é melhor do que o que jacta e exalta a si mesmo, pensando ser “superior a outras pessoas” e estar “acima da necessidade de trabalhar” (a antítese). O homem humilde pelo menos tem o bastante para comer, mas o jactancioso, apesar de sua arrogância, nem ao menos é capaz de pôr alimentos na própria mesa. Outra tradução do hebraico original faz o homem humilde ser proprietário de um escravo. Ele não é um homem abastado, mas de alguma maneira adquiriu um escravo pessoal. Parece que ser alguém proprietário de um escravo era considerado uma necessidade básica da vida, naquela época, mesmo no caso de pessoas de posição social humilde.

Encontramos pensamentos similares em Eclesiástico 10.26,27:

Não exibas a tua sabedoria quando estiveres trabalhando, e não te elogies a ti mesmo quanto estiveres em necessidade. É melhor trabalhar e ter abundância em todas as coisas, do que te jactares, mas sofreres de falta de pão.

12.10

O justo atenta para a vida dos seus animais. O homem bom respeita e protege a vida animal. Cf. a atitude divina que transpira em Jon. 4.11. Uma das razões pelas quais Deus não destruiu Nínive foi por causa de sua população animal! Geralmente os homens subestimam os animais. Mas talvez, conforme afirmam alguns eruditos, eles sejam pessoas; e talvez eles tenham alma, conforme Platão insistia. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes chamados *Alma dos Animais* e *Animais*, *Direitos de e Moralidade dos*. Estudos demonstram que, quanto mais civilizado é um país, mais a vida animal é respeitada, e menor é a crueldade praticada contra os animais. É um crime infligir dor desnecessária à vida humana ou à vida animal. Ver Deu. 25.4 quanto à bondade para com os animais. O homem bom é caracteristicamente misericordioso e não abandona a sua misericórdia no tocante às criaturas inferiores de Deus. Cf. Êxo. 23.9.

Antítese. Em contraste, até as mais ternas misericórdias do homem mau são cruéis. O homem ímpio não respeita a vida animal e regularmente inflige dor aos animais. Os hindus, naturalmente, pensam que todos nós, que nos alimentamos de carne, somos bárbaros. Talvez eles não estejam assim tão longe da verdade. Os abatedouros são, sem dúvida, lugares decisivamente cruéis. Ou pensemos nos abortos, em que o feto humano é apenas outro animal!

12.11

O que lavra a sua terra será farto de pão. A agricultura é aqui louvada como atividade proveitosa e digna. Trata-se da profissão que multiplica alimentos (pão). Um homem relativamente ambicioso, que conte com um bom terreno, pode sustentar a si mesmo. Além disso, a agricultura diligente resulta em abundância de alimentos, pelo que haverá produção de nutrientes que ultrapassam as necessidades básicas. Ver Pro. 14.23 e 28.19.

Antítese. Em contraste, existem certas “profissões” destituídas de valor, mas muitas pessoas insensatas se misturam a elas. O que essas profissões são depende das pessoas envolvidas. A caça a tesouros (ver Pro. 2.4) pode ser uma atividade interessante, mas rende dividendos para pouquíssimas pessoas. Para um bem maior número de pessoas, podemos falar da mineração do ouro. Este versículo também é interpretado como se estivesse falando em pessoas preguiçosas, que sempre seguem a companhia de outros que têm a mesma mentalidade, pois a profissão delas é nada fazer. “Pessoas vãs” e “atividades sem valor” são ambas traduções possíveis do original hebraico. Cf. Pro. 6.23 e 10.13.

12.12

O perverso quer viver do que caçam os maus. O hebraico, neste versículo, é obscuro, o que deixa os intérpretes a conjecturar. Na primeira linha métrica o termo hebraico *maçodh* tem sido traduzido por “rede”, “torre forte” ou “presa”. Consideremos os pontos a seguir:

1. Se a verdadeira tradução for “rede”, então poderia estar em pauta aquilo que é espalhado para apanhar a outros. Os ímpios se deleitam nesses feitos atrevidos.
2. Ou o significado pode ser aquilo que apanha o próprio homem mau, pois ele (aparentemente) “deseja” isso através de sua vida descuidada.
3. Se “presa” é o significado, então pode estar em pauta aquilo que é apanhado na rede. Os ímpios anelam por fazer certas vítimas por seus atos desgraçados.
4. Se “torre forte” for o sentido, então o significado é que o homem ímpio finalmente chega à ruína. Ele perderá suas defesas e cairá vítima de alguma calamidade. Esse significado é atingido pela emenda da palavra hebraica para *mecadh*, conforme reverberado pela Vulgata Latina. A segunda linha métrica implica que, qualquer que seja o mal desejado e obtido pelo ímpio, será apenas um ganho temporário, e não um termo a longo prazo. Cf. isso com Pro. 1.19; 10.2,3 e 11.4,5.

Antítese. O homem bom permanece firme, tem vida estável e ganhos a longo termo, em contraste com o homem mau, que só obtém o que quer mediante algum artifício maligno. Esta parte do versículo também tem os seus problemas, pelo que pode significar uma das duas coisas seguintes:

1. A raiz do homem bom produz fruto, e com isso voltamos à metáfora da árvore (ver Pro. 11.28,30).
2. Ou a idéia pode ser de firmeza, visto que as raízes dão estabilidade a uma árvore. O Targum concorda e diz: “A raiz dos justos permanecerá, ou será estabelecida”. Essa é a idéia do vs. 3 deste mesmo capítulo.

12.13

Pela transgressão dos lábios o mau se enlaça. O homem mau, que deseja a destruição dos outros, usa a faculdade de fala para promover sua causa maligna. Mas o que acontece é que ele deita uma armadilha para si próprio. Assim acontece que o caçador pode ser, de súbito, apanhado pela sua própria armadilha, rede ou ardlil, tornando-se uma vítima de si mesmo. A metáfora da caça sempre subentende a morte do animal que for apanhado na armadilha. Ver Pro. 11.6. Ver as notas em Pro. 11.9 e 13 quanto a um sumário do uso perverso da língua. Cf. esta parte do versículo com Sal. 7.16.

Antítese. O homem bom é capacitado por Deus a sair da tribulação na qual se meteu. A rede não poderá segurá-lo; a armadilha é despedaçada. Pelo contrário, o homem bom é livrado, pela graça de Deus. Aquele a quem o Filho liberta está realmente livre (ver João 8.36). Jarchi nos relembra o caso radical de Noé. Ele teve de passar pelo dilúvio, mas recebeu proteção durante o ocorrido.

12.14

Cada um se farta de bem pelo fruto da sua boca. A primeira linha métrica deste versículo é praticamente a mesma que se encontra em Pro. 13.2. Essa afirmação se repete em Pro. 18.20. Um homem se satisfaz pelos frutos das palavras que ele profere, que são palavras de sabedoria, promovendo a lei naquilo que ela é compreendida através das declarações de sabedoria. “O homem bom deriva o mais amplo fruto do bem e das palavras bondosas e piedosas de sua própria boca. O mestre é beneficiado pelo seu próprio discurso proveitoso” (Fausset, *in loc.*). “Um conselho são as boas instruções e a sã doutrina que ele ensina a outros, o fruto dos lábios que procede de seu coração; essas coisas redundam em sua própria vantagem” (John Gill, *in loc.*). Ver I Tim. 4.6:

... alimentado com as palavras da fé e da boa doutrina...

Sinônimo. As mãos de um homem também lhe trazem benefícios. O trabalho que tiver feito retornará a ele. Ele faz o bem para outros e recebe esse bem de volta, por meio da providência positiva de Deus (ver a respeito no Dicionário).

Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás.

(Eclesiastes 11.1)

Um significado possível desta segunda linha métrica é que o homem que trabalha manualmente, como um fazendeiro, obtém uma colheita por seus esforços, e assim consegue o sustento para si mesmo e para seus familiares. Ver o vs. 11. Mas o significado metafórico é dominante, o que se adapta melhor à primeira linha métrica.

Dai, e dar-se-vos-á, boa medida, recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão; porque com a medida com que tiverdes medido vos medirão também.

(Lucas 6.38)

Este versículo ensina que o homem justo é recompensado por suas boas palavras e ações. Ver Gál. 6.7. Cerca de cem versículos do livro de Provérbios tratam do tema do uso próprio e impróprio da língua. Ver Pro. 11.9 e 13 quanto a detalhes.

12.15

O caminho do insensato aos seus próprios olhos parece reto. Alguns insensatos enganam a si próprios, mas não têm o monopólio dessa condição. Eles gostam de estar do lado errado; mas há outros tolos que se apresentam como exemplos que devem ser seguidos. Sem dúvida, o autor sagrado falava sobre insensatos morais, e não doutrinários. O pecado pode amortecer de tal maneira a consciência que o pecador perde de vista as más condições em que se encontra. “Ele é um insensato endurecido, de cabeça dura, que pensa que seu caminho está certo. Cf. Pro. 21.2” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Antítese. O homem sábio é alguém que abandonou a vereda errada por ter tido bom senso suficiente para dar ouvidos às instruções da lei, conforme fomentada e interpretada pelas declarações de sabedoria. (Cf. Pro. 10.17; 11.14 e 12.1). Quanto a “conselho”, ver Pro. 8.14.

12.16

A ira do insensato num instante se conhece. Um homem insensato não tem controle próprio e se deixa provocar com facilidade, vive lutando por seus direitos e sempre suspeita do próximo. Quando pensa que está sendo desprezado, prepara-se para lutar. “O homem de mente fraca não governa a si mesmo; ira-se com facilidade e geralmente fala a primeira coisa que vem à sua cabeça” (Adam Clarke, *in loc.*). “Nem bem ele é provocado, e já o demonstra em sua fisionomia, mediante palavras e ações, através do olhar, no franzido do rosto, mediante os dentes que rilham, por meio dos pés que batem no chão e por suas observações amargas” (John Gill, *in loc.*).

Antítese. Em contraste, o sábio ignora um insulto ou injúria, como se isso não tivesse ocorrido. Brigar está abaixo da sua dignidade; palavras duras não podem passar por seus lábios; ele não planeja tirar vingança. Ele esquece o incidente inteiro. Caso se sinta irado, ele o esconderá. Certamente não se envolve em atos tolos de vingança, nem as suas palavras buscam retribuição. Esse homem assemelha-se a Jesus, conforme pode ser visto facilmente, pois Ele, quando era insultado, não insultava (ver I Ped. 2.23).

Quando somos injuriados, bendizemos, quando perseguidos, suportamos.

(I Coríntios 4.12)

12.17

O que diz a verdade manifesta a justiça. O homem que fala a verdade dá evidências honestas (Revised Standard Version). O sábio não fala precipitadamente nem em particular nem em público. Ele não profere falsas acusações em tribunal ou nas ruas. Provavelmente esta primeira linha métrica do versículo fala sobre questões judiciais, de processo em tribunal de lei. Cf. Pro. 14.5. Um dos Dez Mandamentos é contra as falsas testemunhas. Ver Êxo. 20.16.

Antítese. Em contraste com o homem piedoso, o insensato, o pecador, o ímpio não hesita em falar mentiras contra o próximo, em tribunal ou em particular. O testemunho que ele dá visa propositadamente enganar e, assim, levar os juízes a errar em sua sentença.

Este versículo tem sido espiritualizado para falar de todas as espécies de verdade e de mentira, e tem sido cristianizado para referir-se ao Messias como o Fiel de Deus e a Testemunha Verdadeira (ver Isa. 55.4; Apo. 3.14).

O uso apropriado e impróprio da linguagem é um dos maiores temas do livro de Provérbios, sendo referido em cerca de cem versículos. Cf. Pro. 4.24; 6.12; 8.13; 10.8,18,19,30; 11.9,13; 12.6,13. Também é um dos grandes temas do livro de Salmos. Ofereço uma lista de referências nas notas expositivas sobre Pro. 11.30, com poemas ilustrativos e desenvolvimento do tema.

12.18

Alguém há cuja tagarelice é como pontas de espadas. O autor prossegue aqui com os seus ensinamentos contra o falar perversamente, e agora a boca do pecador aparece como se fosse uma espada de ponta aguçada, cortante, perfurante e mortífera. O insensato resolve prejudicar a outrem com suas palavras, e as suas vítimas são muitas. Cf. Sal. 52.4: "palavras devoradoras". Quanto a palavras que são como espadas, ver Sal. 55.21; 57.4; 59.7 e 64.3.

Antítese. Em contraste, o homem bom, que também é sábio, tem uma boca que "cura". Ele fala para acalmar as águas, curar as feridas e reconciliar. Ele defende os homens inocentes, encoraja as pessoas a ajudar-se mutuamente. Sua boca produz fruto bom (Pro. 11.30; 12.14). O homem bom "suaviza os ferimentos feitos pelo conversador insensato e indiscriminado contra outros" (Ellicott, *in loc.*). Ver Pro. 15.4.

Este versículo tem sido espiritualizado e cristianizado para referir-se à cura que o evangelho traz através das palavras de seus ministros.

12.19

O lábio veraz permanece para sempre. A verdade precisa vencer, pelo que os lábios que dizem a verdade são vindicados e permanecem. A verdade, apoiada pelos fatos, perdura para sempre. Mas a falsidade logo é descoberta, por não ter base alguma, e assim logo se dissipa (o que é a antítese). Diz o original hebraico, literalmente: "Por um momento, até que eu pisque". A língua mentirosa é detectada e então silenciada, sem importar se isso é feito pelo homem ou por Deus. Disse Sófocles: "Nenhuma mentira atinge a idade avançada". Ninguém tem memória bastante boa para ser um bom mentiroso. Tal pessoa acabará traindo a si mesma com as suas palavras. Aben Ezra, Kimchi e Ben Melech interpretavam essas palavras como "Farei cessar para sempre a língua mentirosa", e vêem nisso um julgamento divino.

*A verdade, esmagada até a terra, levantar-se-á de novo.
Os anos eternos de Deus lhe pertencem.
Mas o erro, ferido, treme de dor,
E morre entre os seus adoradores.*

(William Cullen Bryant)

12.20

Há fraude no coração dos que maquinam mal. Os ímpios, querendo executar algum plano maligno, naturalmente enganam a outras pessoas, no intuito de apanhá-las de surpresa. Eles têm o engano em seu homem interior, suas intenções (coração), e assim têm facilidade em agir em consonância com essas intenções. Quanto às palavras "maquinam mal", ver Pro. 3.29. O mal que fazem produzirá a tristeza para muitos e, finalmente, para si mesmos. O iudício é uma das principais características dos ímpios: ver Pro. 6.14; 11.18; 14.8; 15.4; 26.19,24,26. Ver também o vs. 5 do presente capítulo.

Antítese. O homem bom, que tem um coração reto (ver Pro. 4.23), está qualificado para ser um conselheiro que leva a paz, quer a indivíduos, quer a grupos de pessoas.

A paz. No hebraico temos a palavra *shalom*, "sanidade", "completo de ser", "harmonia" entre duas partes. A paz traz alegria ao coração, ao passo que a

contenda e o mal terminam em tristeza para todos os envolvidos. Aben Ezra, seguido por alguns intérpretes cristãos, vê aqui a alegria da salvação.

12.21

Nenhum agravo sobrevirá ao justo. Este é um dos temas constantes do livro de Provérbios. O livro de Jó desafia essa asserção ao demonstrar que um homem bom pode sofrer calamidades. Por outra parte, a retidão tem suas recompensas naturais, e isso usualmente opera que o homem bom recebe da providência positiva de Deus. As exceções (e há muitas delas!) não devem destruir nossa fé na *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Por que os homens sofrem, e por que sofrem como sofrem, esse é o grande problema do mal. O mal consiste no mal moral: as coisas prejudiciais que os homens praticam contra outros, devido à perversidade de suas vontades; e o mal natural, que consiste nos abusos da natureza, como acidentes, tempestades, inundações, terremotos, enfermidades, e o campeão de todos os males naturais, a morte. Ver no *Dicionário sobre Problema do Mal*, quanto ao que é dito sobre esse assunto, uma das questões mais difíceis tanto da teologia como da filosofia.

Antítese. A lei da colheita segundo a semeadura (ver Gál. 6.7,8) opera, e assim o homem cai em toda a espécie de calamidade e tribulação. Cf. Pro. 11.8,21.

Muito sofrimento terá de curtir o ímpio, mas o que confia no Senhor, a misericórdia o assistirá.

(Salmo 32.10)

12.22

Os lábios mentirosos são abomináveis ao Senhor. O autor volta a explorar um de seus temas principais, o abuso da linguagem. Cerca de cem versículos no livro de Provérbios abordam esse assunto, que é também um dos grandes temas do livro de Salmos. Ver Pro. 11.9,13, onde há notas que entram nos detalhes e dão referências tanto do livro de Provérbios quanto do livro de Salmos. Ver também, no *Dicionário*, o verbete chamado *Linguagem, Uso Apropriado da*.

Os lábios mentirosos são como os ídolos e a vil profanação, uma *abominação* para Deus. Ver as notas expositivas sobre essa palavra em Pro. 11.1 e ver no *Dicionário* sobre a questão, quanto a detalhes completos. Ver também Pro. 3.22. Este versículo é similar a Pro. 11.20 (cf. também Pro. 12.17).

Antítese. O Senhor deleita-se no homem que fala e vive a verdade, em cuja vida se evidencia a retidão, e em cuja fala a verdade é sempre exibida. "A veracidade é recomendada porquanto promove a justiça (Cf. Pro. 12.17,19; 14.5,25)" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Este versículo tem sido cristianizado para falar da veracidade no evangelho de Cristo, que opera aquele bem universal.

12.23

O homem prudente oculta o conhecimento. Este versículo ilustra a diferença entre a reticência e a insolência de linguagem, elogiando a primeira e condenando a segunda. O homem sábio mostra-se prudente naquilo que diz, e discreto quanto ao que não deve dizer. Além disso, o homem prudente não anseia por demonstrar seu conhecimento pelo muito falar e pela jactância. O conhecimento (conforme concebido no livro de Provérbios) refere-se à lei, conhecê-la e praticá-la. Um bom rabino não vivia dizendo ao povo o quanto ele sabia, ao mesmo tempo que depreciava os ignorantes. Quanto a versículos similares a este, ver Pro. 13.16 e 15.2. O homem bom fala com base no seu conhecimento, e aqueles que o ouvem reconhecem isso; ele deve, realmente, falar, e não exibir seu conhecimento. Ele é um mestre, e não um jactancioso inchado e convencido.

Antítese. Em contraste com o sábio, o insensato, que sabe tão pouco das coisas e pratica tão pouco da lei, está sempre abrindo desmesuradamente a boca, conforme se diz em uma expressão idiomática popular. A precipitação nas palavras é um dos grandes temas do livro de Provérbios. Cf. Pro. 10.19; 13.3,16; 15.2; 18.2,13. O tolo tenta fazer uma exibição de seu conhecimento, mas só consegue demonstrar quão tolo é. A sua vida já vinha demonstrando esse fato. "O insensato não pode deixar escapar palavras precipitadas, exibindo assim sua ignorância e insensatez, que ele confunde com a sabedoria" (Ellicott, *in loc.*). O homem sábio, por sua vez, é prudente, ou seja, esperto no bom sentido, conforme pode significar a palavra hebraica aqui usada, *'arum*. Mas ao insensato falta bom senso, e em sua ingenuidade ele pensa que pode impressionar a outros com sua língua crua.

12.24

A mão diligente dominará. Este versículo elogia a indústria e o zelo, e contrasta isso com a preguiça. Este é outro tema importante do livro de Provérbios. Ver Pro. 10.4; 13.4; 19.15; 21.5 e o vs. 27 deste mesmo capítulo. A mão é o instrumento de trabalho; assim sendo, o homem que trabalha com diligência finalmente assume uma posição de autoridade sobre outros. Naturalmente, esse homem sabe controlar a si mesmo, que é onde começa o domínio, e assim é capaz de dominar cada situação em sua vida. Jarchi, em consonância com o ideal hebraico, faz desse homem um homem rico, conforme também se vê em Pro. 10.4. Ele fica rico e, naturalmente, poderoso. Ver Pro. 22.29.

Antítese. Em contraste, o homem preguiçoso termina servindo sob o regime de trabalho forçado (Revised Standard Version). O significado da palavra hebraica correspondente, *mas*, é desconhecido, mas provavelmente significa algo como trabalho de gangue. Pode estar em vista a escravidão, ou então, simplesmente, o trabalho manual árduo. Seja como for, esse homem preguiçoso termina trabalhando para outros, em contraste com o homem diligente, que tem seu próprio negócio, seus próprios empregados, ou atinge alguma posição de autoridade na comunidade. Cf. isso com a segunda linha métrica, de Pro. 11.29.

12.25

A ansiedade no coração do homem o abate. A medicina psicossomática nos tem confirmado a verdade desta primeira linha métrica. A *ansiedade* é algo terrível. Trata-se de uma forma de *medo*. Ver sobre ambos os termos no *Dicionário*; e, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, ver o artigo chamado *Angústia*. A ansiedade pode fazer um homem tornar-se fisicamente enfermo; e, seja como for, anuvia a mente e nos torna menos produtivos e miseráveis. Um homem é sobrecarregado (Revised Standard Version) e forçado a inclinar-se (King James Version). Franklin Roosevelt fez a corajosa declaração: “Nada temos a temer senão o próprio temor” (referindo-se às provações da Segunda Guerra Mundial). Algumas vezes, nossas ansiedades e temores devem-se às circunstâncias reais que nos ameaçam; e, nesse caso, temos de depender da fé. Mat. 6.34 adverte-nos contra a ansiedade, e existem exortações que determinam que lancemos nossos cuidados nas mãos de Deus (ver I Ped. 5.7; Sal. 37.5).

*A graça Dele é grande o bastante para enfrentar as grandes coisas,
A onda esmagadora que avassala a alma,
As ondas que rugem deixam-nos perplexos e sem respiração,
As tempestades súbitas que estão fora do controle de nossa vida.*

(Annie Johnson Flint)

Antítese. Em contraste com palavras e circunstâncias desencorajadoras, reais ou imaginárias, que fazem as costas do homem bom inclinar-se, existe aquela boa palavra que nos alegra. Oh, Senhor, que possamos ouvir mais esse tipo de palavras!

“Uma palavra bondosa e cheia de empatia pode dar a uma pessoa ansiosa e deprimida o apoio de que ela necessita e animá-la” (Sid S. Buzzell, *in loc.*, que também nos orienta a examinar o vs. 18 deste mesmo capítulo). Certas palavras podem curar uma alma doente.

Este versículo tem sido cristianizado para referir-se às boas palavras do evangelho de Cristo que removem a ansiedade e curam a alma (ver Isa. 50.4; 51.1-3 e II Cor. 1.4).

12.26

O justo serve de guia para o seu companheiro. Encontramos aqui, uma vez mais, um tema comum do livro de Provérbios, o bom caminho do sábio e o mau caminho do insensato. Quanto à *metáfora da vereda*, ver Pro. 4.11 e cf. o *caminho bom e o caminho mau*, contrastados em Pro. 4.27, onde apresento uma nota de sumário. O homem reto segue o caminho prescrito pela lei, fomentado e ilustrado pelas declarações de sabedoria. Naturalmente, ele é capaz de evitar o mal que se transmuta em uma vereda má. O homem justo torna-se assim um guia para o seu vizinho e se mantém distante do mal, que é outro significado da primeira linha métrica, escudada sobre um hebraico incerto. A nossa versão portuguesa diz aqui “guia”. Ver sobre a *lei como guia*, em Deu. 6.4 ss. A palavra hebraica *tur*, “guia”, significa basicamente “espionar”, mas isso não faz sentido aqui. A segunda linha métrica sugere o sentido de guiar por um caminho.

Antítese. O ímpio é alguém que escolheu o mau caminho, o caminho sedutor; ele o segue pessoalmente e também influencia outros para que o sigam. O homem mau vagabundeia sem esperança. A lei era o guia dos judeus, mas o ímpio a rejeitou. Ele não ouviu as declarações de sabedoria que fomentam e interpretam

a lei. O ímpio tem os olhos fixos sobre vantagens fáceis e imediatas e esquece as vantagens que só se obtêm a longo prazo.

12.27

O preguiçoso não assará a sua caça. Voltamos aqui ao tema da preguiça. Ver o vs. 24. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Preguiça* e *Preguiçoso*. O preguiçoso decidiu tornar-se um caçador. Ele queria assar o animal apanhado e organizar uma grande festa. Porém, tão preguiçoso é que ou esquece a questão inteira, ou então, se der início à caça, desiste de pronto e vai para casa, porque “caçar é trabalhoso demais”. “O preguiçoso é por demais acomodado para preparar a própria comida” (Charles Fritsch, *in loc.*).

Não assará. A palavra hebraica assim traduzida é *harak* e tem um significado incerto. Ela não ocorre em nenhuma outra passagem do Antigo Testamento. O significado de “assar” é extraído de um hebraico posterior. O significado de “apanhar”, que aparece em outras versões, vem de uma raiz árabe cognata.

Antítese. Em contraste, o sábio contará com riquezas preciosas (Revised Standard Version), e não meramente será um bom caçador. Um homem bom é como um caçador bem-sucedido, mas anda à cata de presas maiores: uma vida longa e saudável, em cumprimento às promessas da lei e do pacto abraâmico (ver a respeito em Gên. 15.18).

Este versículo tem sido cristianizado para referir-se à vida eterna, dada por Cristo, em Sua missão terrestre. O Targum diz: “A substância do homem bom é ouro precioso”. A Vulgata Latina afirma que o homem diligente enriquecerá.

12.28

Na vereda da justiça está a vida. O tema de como a lei, fomentada e interpretada pelas declarações da sabedoria, transmite vida, é muito repetido; e este versículo nos fornece duas linhas métricas sobre ele. Ver Pro. 4.13; 9.6,11; 10.11,17; 11.4,19,30. Quanto a notas expositivas completas a respeito do conceito, ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1.

Antítese ou Sinônimo? A segunda linha métrica deste versículo apóia-se sobre um hebraico original incerto; por essa razão, as traduções não passam de conjecturas. O hebraico literal diz aqui: “o caminho de uma vereda não morte”. Algumas traduções dizem aqui: “A sua vereda não caminha para a morte”. E se realmente assim reza a tradução verdadeira, então a segunda linha métrica repete a primeira, usando uma linguagem levemente diferente, ou seja, sinônima. Isso, pois, da parte de alguns intérpretes, recebe o toque impossível de essa vereda ser a imortalidade. Todavia, a tradução contém um anacronismo. A doutrina da alma e de sua sobrevivência diante da morte física começou a aparecer nos Salmos e nos Profetas. Dan. 12.2 representa o judaísmo posterior; e o pensamento da imortalidade foi embelezado nos livros apócrifos e pseudepígrafos; e então se acentuou nas páginas do Novo Testamento.

A segunda linha métrica, entretanto, provavelmente é antitética. Nesse caso o hebraico original diz: “O caminho do erro conduz à morte”. Assim dizem as versões siríaca e árabe. O Targum diz “o caminho do perverso”; e a Septuaginta declara “o caminho daqueles que se lembram do mal”, emprestando à morte significado metafórico. A nossa versão portuguesa diz aqui: “No caminho da sua carreira não há morte”, o que faz a segunda linha métrica ser sinônima. Ver no *Dicionário* o verbo chamado *Alma*; e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, ver o artigo denominado *Imortalidade*.

Capítulo Treze

Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 12 e 13. Dou uma introdução à seção de Pro. 10.1 – 22.16 (a primeira coletânea dos provérbios de Salomão) em Pro. 10.1.

13.1

O filho sábio ouve a instrução do pai. Cf. este versículo com Pro. 2.1; 3.1 e 4.1. O mestre, o pai espiritual, dirigiu-se a seu estudante, chamando-o de filho, por ser seu filho espiritual. O pai convidou seus filhos a ouvir. Ver sobre isso em Pro. 4.20. Quanto à expressão “filho meu”, ver Pro. 6.1. O estudante que está começando a sua caminhada pela vereda da sabedoria (instrução na lei, fomentada e interpretada pelas declarações da sabedoria) ouvirá as instruções que lhe forem dadas e, eventualmente, tornar-se-á um sábio por seus próprios direitos. Um filho sábio ama a instrução. Ele está encantado pela lei de Moisés, e esta se tornou o seu deleite, a sua razão de viver. Alguns pensam que o pai, neste caso, é o primeiro mestre do aluno, seu pai literal. Posteriormente, outros mestres dão continuidade à tarefa de aperfeiçoar a obra. Ver Pro. 10.1, onde estão em vista o

pai e a mãe biológicos do aluno. O filho sábio acolhe o treinamento paterno de coração aberto.

Antítese. Em contraste com o filho sábio, há o filho estúpido. O termo hebraico correspondente é *leq*, que significa desprezador e arrogante, ou seja, alguém imune à instrução e que se mostra insolente a respeito. Um filho desviado zomba das instruções dadas por seus pais e não se torna membro de uma escola que esteja seguindo algum notório rabino. "... tais eram os genros de Ló e os filhos de Eli e Samuel" (John Gill, *in loc.*). Cf. esta parte do versículo com Pro. 14.6; 15.6,12; 17.5; 19.29; 21.11; 22.10; 24.9 e 30.17.

13.2

Do fruto da boca o homem comerá o bem. A primeira linha métrica deste versículo é virtualmente idêntica a Pro. 12.14. Literalmente, temos aqui "Do fruto de uma boca de um homem ele come o bem, e o desejo (alma) do traiçoeiro é a violência". É destacado aqui o uso apropriado da fala. As questões da vida manam da boca, que fala do que está cheio o coração. Instruções corretas na lei mosaica, fomentada e interpretada pelas declarações da sabedoria, transmitem vida, um dos principais temas do livro de Provérbios. Ver uma nota de sumário sobre isso em Pro. 4.13, onde são apresentadas outras referências e idéias.

Antítese. Em contraste, os pecadores comem a violência, ou seja, o desejo de seu coração. Essa é a violência perpetrada contra o próximo, que então ricocheteia contra os pecadores, pelo que terminam tendo mortes violentas ou sofrendo muitos desastres. Cf. esta segunda linha métrica com Pro. 1.31 e 26.6. Pro. 10.6 é paralelo direto da idéia da segunda linha métrica. Cerca de cem versículos do livro de Provérbios falam sobre o uso próprio e impróprio da linguagem.

13.3

O que guarda a boca conserva a sua alma. Eis aqui outro versículo que versa sobre a vida e a morte. Ver Pro. 4.23 e 12.13. O sábio, que guarda a boca, mostrando-se cuidadoso com o que diz e não infligindo danos a terceiros, preserva a própria vida. As palavras saídas da boca têm poder, dando instruções baseadas na lei, que transmite vida (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). O mestre, uma vez mais, manifesta-se contra a linguagem pesada. Ver Pro. 21.3; Sal. 39.1 e Tia. 3.2 ss. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da*.

Antítese. O pecador, que fala precipitadamente, provoca a destruição de outras pessoas e também de si mesmo. As palavras que saem do coração produzem a realidade na vida. Quanto a falar precipitadamente, ver Pro. 12.18, e quanto à ruína, ver Pro. 10.8 e 14. Falar de modo nenhum é algo barato, embora ficar murmurando seja barato. Contudo, tanto os homens maus quanto os homens bons falam com seriedade, o que provoca acontecimentos, bons ou adversos.

O homem bom tira do tesouro bom cousas boas; mas o homem mau do mau tesouro tira cousas más.

(Mateus 12.35)

13.4

O preguiçoso deseja, e nada tem. O autor sagrado oferece-nos aqui outro comentário sobre a preguiça, contrastada com a diligência. Ver Pro. 10.4 quanto a algo quase igual. Ver também Pro. 6.6, onde apresento uma nota de sumário sobre a palavra "preguiçoso". Em seguida, ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Preguiça* e *Preguiçoso*, quanto a detalhes. O preguiçoso sonha com as riquezas, mas não tem coragem de seguir o seu sonho, e termina por nada conseguir, algumas vezes nem ao menos o suficiente para comer. O máximo que o preguiçoso pode fazer é trabalhar desejando ansiosamente coisas boas, mas não é capaz de traduzir esse desejo em ação e realidade.

Antítese. Em contraste, o homem bom obtém o que deseja porque trabalha para isso. Ver Pro. 12.24. Ele fica satisfeito (ver Pro. 11.23). Ele engorda com as suas riquezas.

"Gordo, ele se torna rico; aumenta o número de coisas temporais que possui: ele adquire grande prosperidade. Assim, por semelhante modo, acontece às questões materiais... Ele fica cheio e satisfeito, e os labores desenvolvidos por esse homem redundam na vida eterna. Ele chega ao estado em que não há mais fome nem sede, porquanto ele tem fome e sede da justiça" (John Gill, *in loc.*). Ver Mat. 5.6.

13.5

O justo aborrece a palavra de mentira. O homem bom, de coração reto, ao desejar o bem e odiar o mal, naturalmente odeia a mentira, a falsidade. O autor sagrado volta a falar sobre os pecados da língua, tema que aparece por cerca de

cem vezes no livro de Salmos. Ver as notas sobre Pro. 11.9 e 13, que dão um sumário sobre essa questão.

O temor do Senhor consiste em aborrecer o mal.

(Provérbios 8.13)

Entre os males abominados estão os pecados da língua pervertida, que profere mentiras. Quanto ao "temor do Senhor", ver Pro. 1.7; Sal. 119.38; e, no *Dicionário*, ver o artigo denominado *Temor*. Quanto a odiar a falsidade, Pro. 12.22 declara: "Os lábios mentirosos são abomináveis ao Senhor".

Antítese. Em contraste com a fala graciosa do homem bom e com o fato de que o homem bom odeia a mentira, o pecador prima por "enganar" os homens, preferindo o original hebraico *yabhash* em lugar de *yabh'ish*. A outra palavra significa "nojo". As mentiras proferidas por esse homem perturbam a vida de muitos, e isso torna-se uma condição odiosa. Ou então, ao perturbar outras pessoas com suas mentiras, esse homem cheira mal por onde quer que vá. O homem que age assim finalmente chega à vergonha ou à desgraça. As pessoas acabam descobrindo o verdadeiro caráter desse homem, e ele vem a tornar-se um elemento desprezado na sociedade. "O homem é abominável, mostrando-se corrupto em princípio e na prática, contaminado com pecados, apodrecido com ferimentos e feridas purulentas, do alto da cabeça até a planta dos pés" (John Gill, *in loc.*).

13.6

A justiça guarda ao que anda em integridade. Os dois caminhos, o bom e o mau, novamente tornam-se o tema de um versículo do livro de Provérbios. Quanto à metáfora do caminho ou da vereda, ver Pro. 4.11. Quanto ao contraste entre o caminho bom e o caminho mau, ver a nota de sumário em Pro. 4.27. A retidão é uma defesa e uma guarda para o homem sábio que pratica a lei mosaica em sua vida. Esse homem é protegido do mal e da calamidade. Ele viaja livremente ao longo da vereda da justiça e alcança uma vida plena e próspera. Cf. Pro. 11.5. Além disso, dou idéias adicionais em Pro. 2.11 e 4.6.

Antítese. Em contraste, o ímpio, seguindo sua senda tortuosa, é derrubado e levado à ruína pelo pecado. Ele é escravo do pecado e obtém o salário de sua servidão (ver Rom. 6.23: "O salário do pecado é a morte"). Jarchi observou que o homem do texto "nada é senão pecado, uma massa de pecado e corrupção". Aben Ezra chama esse homem de "homem do pecado", o que lembra aos intérpretes cristãos II Tes. 2.3,8.

13.7

Uns se dizem ricos sem ter nada. Este versículo faz a comparação entre as riquezas e a pobreza de uma maneira diferente de tudo quanto estamos acostumados a ver. Um homem pode meramente fingir que é rico, e, no entanto, nada possuir. Este versículo é interpretado literal e figuradamente, o que é sugerido pela segunda linha métrica que trata do homem rico-pobre. Consideremos aqui estes três pontos:

1. O rico (literalmente) pode ser um homem pobre (espiritual e moralmente, em sua vida). Cf. Luc. 12.21: "Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus".
2. Ou então o homem realmente nada tem e nada é, mas jacta-se em ostentação pessoal. Ele adotou um estilo de vida próprio das riquezas, mas tem mais dívidas do que qualquer outra coisa. Ele se exhibe para chamar a atenção de outras pessoas.

Antítese. 1. Mais raramente, encontramos algum homem rico que projeta uma situação ruim. Ele não quer que outras pessoas saibam que ele tem dinheiro e propriedades. Talvez esteja tentando evitar aqueles que lhe podem causar violência devido às suas riquezas, ou que estão sempre atrás de empréstimos e presentes. 2. Este versículo também tem sido interpretado para falar do homem que é pobre materialmente, mas rico espiritualmente. 3. Ou então o homem é literalmente rico, mas vendeu tudo quanto tinha e deu aos pobres, tornando-se assim um homem espiritualmente rico. Ver Luc. 12.33 quanto a essa possibilidade.

13.8

Com as suas riquezas se resgata o homem. O dinheiro é algo que tem muitas vantagens, entre as quais está o poder de dar dinheiro para salvar uma vida. A maior parte dos homens violentos permitirá que suas vítimas vivam, se puderem pagar o bastante. As riquezas de um homem são como uma cidade forte (ver Pro. 10.15). O dinheiro fortalece tanto esse homem como a comunidade na qual ele vive. Até um rei pode impedir que os invasores ataquem, se lhes der dinheiro e bens preciosos suficientes. As riquezas têm suas vantagens óbvias.

Antítese. Se um homem pobre dificilmente sofrerá um seqüestro, porquanto os ímpios sabem que o pobre não tem o valor de ser resgatado, contudo, se ele ou algum membro de sua família vier a sofrer isso, ele nada terá para oferecer como resgate, nem por si mesmo nem por outrem. Alguns intérpretes pensam que este versículo fala da vantagem de alguém ser pobre. Ninguém faz ameaças contra ele (essência da King James Version). Uma das versões portuguesas vê o homem pobre seqüestrado sem meios de pagar a sua redenção (tradução da Imprensa Bíblica Brasileira). Mas a versão Atualizada retém o sentido da King James Version, "ao pobre não ocorre ameaça".

13.9

A luz dos justos brilha intensamente. "Luz", aqui, serve de símbolo da alegria, visto que dissipa as trevas da tristeza e da ansiedade. A luz, neste caso, brilha através da sabedoria, a "luz de Sua palavra". Em Pro. 6.23, a *torah* (lei de Moisés) é a luz. A interpretação é que ela é uma luz secundária, mera lâmpada. Cf. também Pro. 21.4; Jó 18.6. A luz e as lâmpadas são metáforas comuns (ver Pro. 6.23; 20.20; 21.4; 24.20; Jó 18.5,6; Sal. 119.105). Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Luz*, *Metáfora da* e *Escurecimento*, *Metáfora da*. Nas cidades antigas, onde a iluminação nas ruas era muito deficiente, se um homem não levasse consigo uma lâmpada, não teria luz alguma. Grande, pois, era a luz do dia, o símbolo da retidão. Na primeira linha métrica, essa luz, sem dúvida, é a lei, conforme fomentada e interpretada pelas declarações da sabedoria.

Antítese. O homem ímpio tem somente uma lâmpada, mas até mesmo ela será apagada, na calamidade e na morte. Ele repeliu para longe de si a Luz de Deus (a Sua lei) e ficou apenas com a pequena lâmpada, a sua própria compreensão e sabedoria. Com essa lâmpada, ele guia a sua vida. Se essa lâmpada se apagar, ele morrerá sem a luz de Deus. "O homem reto terá uma vida longa, mas o ímpio morrerá cedo" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Cf. este versículo com Mat. 5.16; Sal. 112.4 e Pro. 4.18.

13.10

Da soberba só resulta a contenda. Os insensatos, na sua altivez, estão sempre criando contendas. Quanto ao contraste entre orgulho e humildade, ver Pro. 11.2. Ver também 29.23. Ver Pro. 6.16 ss. quanto às sete coisas que Deus abomina. Entre elas estão o orgulho e a altivez, os olhos altivos (vs. 17). O pecado do orgulho é atacado com frequência no livro de Provérbios (11.2; 16.5,18,19; 18.12; 21.24; 25.14; 26.12; 27.2; 30.13). O orgulho é abominação para Deus (ver Pro. 15.25; 16.5; 21.4). A atitude do homem que diz "Eu sei tudo" naturalmente o leva a entrar em conflito com outras pessoas. Ele ama e promove as contendas. Ele se sente encantado quando está brigando. E não aceita conselhos da parte de outros.

Antítese. Em contraste, o homem verdadeiramente sábio e devidamente instruído na lei aceita facilmente a instrução e assim cresce em sabedoria. Seus professores lhe dizem o que deve e o que não deve fazer e mantêm abertas as suas avenidas de aprendizado. Já o insensato é um homem de "mente fechada". A humildade é exaltada no livro de Provérbios, como uma das virtudes do homem bom. Ver 15.33; 16.19; 22.4.

A sabedoria, porém, lá do alto é primeiramente pura; depois pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento.

(Tiago 3.17)

Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sabedoria*. Alguns homens já são "sábios demais" em si mesmos e, assim sendo, repelem a instrução. Mas o homem bom sabe que ainda há muita coisa para aprender, e faz da vida diária uma oportunidade de aprender ainda mais.

13.11

Os bens que facilmente se ganham, esses diminuem. Alguns homens enriquecem com grande velocidade, mediante desonestidade, roubo e violência. Esses não enveredaram pela longa estrada do trabalho árduo. As pessoas se vingarão de tais homens, e Deus também se volve contra eles. A *lei da colheita segundo a sementeira* também se manifesta contra eles; e, assim sendo, sua riqueza mal ganha diminuirá até desaparecer de todo. Cf. os tesouros mal ganhos, referidos em Pro. 10.2, que não perduram por muito tempo (ver Pro. 10.2; 13.22 e 23.5). "Todas as fortunas adquiridas mediante especulação, golpes de sorte e ministração ao orgulho ou ao luxo, em breve se dissipam" (Adam Clarke, *in loc.*).

Antítese. Mas o sábio que obtém riquezas por seus próprios labores extenuantes, ou seja, pelo trabalho árduo, pouco a pouco, obterá algo digno e duradouro. Outrossim, suas riquezas continuarão aumentando, por terem honestidade e bondade como suas fontes originárias.

O que junta à força do trabalho. Temos aqui um hebraico que, traduzido literalmente, diz: "por mão". Mas essa é uma expressão idiomática que significa fazer algo pouco a pouco, ou seja, gradualmente.

13.12

A esperança que se adia faz adoecer o coração. Quando um homem espera por algo, mas isso não se concretiza, antes é adiado e adiado, o seu coração adocece. Isso descreve muito bem todas as variedades de desapontamento humano; e quem não ainda passou por tal experiência? Este versículo, entretanto, não parece apresentar razões morais para o adiamento. O sucesso é simplesmente adiado e mantido em dúvida pelas circunstâncias. A esperança adiada é como uma pequena morte. O indivíduo desmaia. "A demora na gratificação faz a mente doer" (Adam Clarke, *in loc.*). "... o coração se afunda e fraqueja; o homem fica desencorajado, pronto para desanimar" (John Gill, *in loc.*).

Antítese. Em contraste, o desejo cumprido é como uma *árvore de vida*. Ver Pro. 3.18 quanto ao assunto, e ver também, no *Dicionário*, o verbete assim chamado. Se a esperança adiada pode não ser um mal não-mitigado, a esperança cumprida torna-se uma alegria para sempre. Dá nova vida à alma e ilumina a mente. Confere nova coragem e novo impulso para viver. "A esperança cumprida consola e revigora tanto o corpo quanto a alma... Quantos mistérios profundos e talvez ainda desconhecidos existem ainda nessa árvore da vida" (Adam Clarke, *in loc.*).

Este versículo tem sido cristianizado para falar da esperança evangélica em Cristo por meio da qual nos chega a salvação. "A gratificação da esperança dá encorajamento como uma árvore doadora de vida (Cf. Pro. 3.18; 11.30; 15.4)" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

A Tempestade que se Transformou em Esperança. O explorador português Bartolomeu Dias, em 1487, velejou ao longo das costas ocidentais da África, tendo ido mais longe do que qualquer outro navegador europeu tinha alcançado antes dele. Finalmente, ele chegou à extremidade de um grande promontório. E o chamou de "Cabo das Tormentas", porquanto ali sempre havia tempestades que varriam terra adentro. Mas o rei de Portugal, João II, quando revisava o relatório preparado por Bartolomeu Dias, viu algo que o próprio Dias não vira. Vislumbrou a possibilidade de fazer da rota que tinha sido seguida por Dias, se continuada, um caminho para o Oriente e as suas riquezas. Dias deixou a esperança sem "cumprimento". Mas, em 1497, Vasco da Gama provou que a intuição do rei estava certa. Ele chegou a Calcutá, na Índia, depois de ter velejado em torno daquele cabo. O rei João II tinha chamado aquele difícil cabo de "Cabo da Boa Esperança", e Vasco da Gama trouxe à realidade, para a humanidade, o cumprimento dessa esperança. Algumas vezes, temos de velejar em redor de uma tempestade, para que a nossa esperança se concretize.

13.13

O que despreza a palavra a ela se apenhora. O indivíduo que é tão tolo a ponto de desprezar a palavra (a lei que instrui) será finalmente destruído, porquanto abandonou a fonte da vida (ver Pro. 4.13). A palavra é a lei fomentada e interpretada pelas declarações da sabedoria. "A palavra deve referir-se à revelação divina do Deus de Israel na lei de Moisés (ver Deu. 30.11-13). Um estudo cuidadoso das passagens de Pro. 16.20; 19.16; 28.4,9; 29.18; 30.5,6 mostra que a Lei e os Profetas foram aceitos por sábios de Israel como escrituras canônicas e que os Escritos, a terceira divisão principal do cânon das Escrituras hebraicas, estava no processo de ser compilado, se não mesmo inteiramente completado. Os sábios, conforme mostra Pro. 30.6, estavam ativamente engajados na formação do cânon" (Charles Fritsch, *in loc.*). Portanto, havia um corpo de Escritos Sagrados, um apelo lançado a eles como autoritativos, quanto à crença e à prática, que percorre todo o caminho seguido pelos Provérbios. O homem que ousa desprezar esses escritos só pode terminar muito mal.

Antítese. Fazendo contraste com essas coisas, o homem que dá a elas atenção apropriada recebe-as, vive-as, teme-as e será recompensado, principalmente por adquirir uma vida boa, longa e próspera, com o cumprimento de todas as suas esperanças. Aqui o temor do Senhor recebe uma subcategoria: "o temor de Sua Palavra". Ver Pro. 1.7; Sal. 119.38; e, no *Dicionário*, ver os artigos chamados *Temor* e *Galardão*. Que o leitor faça o contraste entre "destruído" e "recompensa", que é a mesma coisa que morte e vida, o final de duas veredas, má e a boa. Ver Pro. 4.11 e 4.27. Ver como a sabedoria transmite vida, em Pro. 4.13.

13.14

O ensino do sábio é fonte de vida. A primeira linha métrica deste versículo forma um paralelo direto com Pro. 10.11; 14.27 e 16.22. Seguir a sabedoria é algo que nos conduz diretamente à fonte das águas vivas. Ver também Pro. 10.11, onde a boca do sábio é essa fonte.

Este versículo tem sido cristianizado para significar a vida em Cristo, mas isso envolve um anacronismo. A vida é a vida boa, aquela retratada no pacto de

Abraão (ver Gên. 15.18), longa e próspera, com os benefícios de alguém ser um israelita.

Sinônimo. O homem sábio, que segue a vereda da retidão e chega à fonte da vida, escapará às armadilhas do mal que podem atravessar seu caminho. Ele “evita as armadilhas da morte” (Revised Standard Version). Há uma declaração similar em Pro. 14.27, na segunda linha métrica. A sabedoria impede que uma pessoa caia em morte prematura (ver Pro. 1.32,33; 2.11; 4.20-22; 8.35,36). A metáfora do caçador é empregada para ensinar a lição. O homem bom escapa dos ardis do mal e dos homens maus e assim chega à vida, em vez de terminar como uma presa morta pelo caçador. Cf. II Tim. 2.26.

13.15

A boa inteligência consegue favor. O bom senso (Revised Standard Version) consegue obter o favor. Quanto a esse princípio, ver Pro. 12.8 (compreensão, bom senso, discernimento). A lei, conforme fomentada e interpretada pelas declarações da sabedoria, é a fonte da compreensão. O homem bom sabe como agir bem e também como continuar sua vida de retidão. Ele possui mente iluminada e coração preparado, segundo os ensinamentos que tem recebido. O sábio receberá favor da parte de Deus e dos homens, e assim sua vida será enriquecida por toda a sorte de coisas boas e vantajosas.

Este versículo tem sido cristianizado para significar favor evangélico, ou seja, a salvação em Cristo. Cf. a primeira linha com Luc. 2.52.

Antítese. Em contraste com o sábio, que recebe favores divinos e humanos de maneira esplêndida, o homem maligno sofre toda espécie de recuos e derrotas. Seu caminho é difícil, pois ele trilha a vereda da ruína, isto é, o caminho da morte (Revised Standard Version).

13.16

Todo prudente procede com conhecimento. O sábio, que é prudente (no hebraico, *’orah*, “esperto”, no bom sentido), sempre age com o conhecimento obtido pelo estudo da lei, que é o seu guia (Deu. 6.4 ss.). Todos os seus atos são controlados pelos ditames da lei, fomentados e interpretados pelas declarações da sabedoria. Ver também os comentários em Pro. 12.23 e 1.4, onde aparece, pela primeira vez, a palavra *prudente* no livro de Provérbios.

Antítese. Em contraste com o prudente e sábio homem, o insensato propala sua estupidez e insensatez por aquilo que diz e faz. O ímpio exhibe sua insensatez (Cf. Pro. 12.23b) “como um mascate que espalha, à vista de todos, as suas mercadorias” (Crawford H. Toy, *in loc.*).

13.17

O mau mensageiro se precipita no mal. Um mensageiro ímpio ou preguiçoso, em vez de resolver problemas, complica-os ainda mais e leva seu empregador a entrar em tribulação. Cf. Pro. 10.26 e 25.13, onde o mensageiro também está em evidência. Nos tempos antigos, quando havia falta de serviços postais do governo, os mensageiros alugados, que trabalhavam para particulares, desempenhavam importante ofício. Alguns deles serviam de elo de ligação entre indivíduos particulares, outros serviam ao comércio, e alguns trabalhavam a serviço do governo. Esses homens tinham de ser diligentes e fiéis. Este versículo é paralelo a uma afirmação existente no prólogo do Ensino de Amen-em-Ope, tratado que fazia parte da Literatura de Sabedoria do Egito, que nos diz que um dos propósitos desse escrito era ensinar a um mensageiro como executar fielmente suas obrigações. É provável que tanto nessa antiga obra literária como aqui, no livro de Provérbios, esteja em vista algum importante oficial do governo ou então um escriba que era um dos sábios, porquanto podia escrever (o que poucos podiam). Quanto ao relacionamento entre aquela peça de literatura egípcia e o livro de Provérbios, ver a *Introdução aos Provérbios* IX.B. A maior parte dos paralelos com aquela obra, que aparece no livro de Provérbios, encontra-se na seção de Pro. 22.17-23.14.

O mensageiro, enquanto viaja, vê-se envolvido em coisas prejudiciais e assim pode desviar-se de seu propósito central, mergulhando (Revised Standard Version) em dificuldades. Assim, em vez de resolver problemas para seu empregador, ele complicava a vida de seu patrão. Ou então complicava os relacionamentos internacionais.

Antítese. Em contraste com o mensageiro infiel, o embaixador fiel leva a cura. Isso subentende que ele tem algum tipo de missão de reconciliação sensível; ele derramava água sobre carvões em brasa, suavizava os sentimentos feridos, trazia harmonia e em geral mostrava-se bem-sucedido em seu empreendimento de intermediação.

13.18

Pobreza e afronta sobrevêm ao que rejeita a instrução. O indivíduo insensato que não ouve bons conselhos cai nos negócios ou em qualquer tarefa em

que esteja envolvido. Em vez de obter muito dinheiro e sucesso, termina envergonhado e na pobreza. O conselho dado neste versículo pode ter sido extraído da lei: para alcançar êxito, um homem precisa ser espiritualmente sábio. Ou então temos aqui uma simples instrução financeira, baseada no bom senso e na justiça, algo que era requerido pela lei mosaica.

“Ignorar a disciplina (no hebraico, *musar*, “disciplina moral ou correção moral”, ver Pro. 1.2) é algo que resulta em pobreza e vergonha, porquanto uma pessoa que não se autodisciplina é preguiçosa, e outras pessoas se envergonham dela” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Antítese. Um homem sábio é alguém que pode receber tanto instrução quanto repreensão, permitindo que essas coisas sejam guias de sua vida. Quanto à repreensão, ver Pro. 1.23. Quanto a ter uma mente aberta, que recebe conselhos, ver também Pro. 12.1; 13.1,13. A lei é a principal fonte das repreensões, e outras variedades de repreensões, quanto válidas, devem estar baseadas nessa fonte, segundo a mentalidade dos hebreus. Cf. I Sam. 2.30.

13.19

O desejo que se cumpre agrada a alma. Para obter um contraste apropriado com a segunda linha métrica deste versículo, o desejo da primeira deve ser visto, essencialmente, sobre uma realização espiritual e maior da guarda da lei, que leva o indivíduo a obter maior sabedoria. Naturalmente, outros desejos menores serão então conferidos, conforme indica Mat. 6.33. Cf. Pro. 13.12b. O homem que teme os mandamentos não perderá sua recompensa, mas obterá uma posição espiritual cada vez maior. Cf. também com Pro. 13.12b e considerar o que disse Sid S. Buzzell, *in loc.*: “A satisfação e a alegria que surgem em cena quando uma esperança ou um sonho se cumprem”.

Antítese. O apego a males abomináveis não permite que se chegue às esperanças apropriadas e às realizações espirituais. Cf. Pro. 29.27b. Quanto à *abominação*, ver Pro. 11.1, e cf. também Pro. 3.32. Os insensatos habitualmente buscam aquilo que é moralmente inútil, e não abominam o abominável.

O homem maldoso “não pode tolerar o pensamento de abandonar suas concupiscências, tão deleitosas são para ele” (John Gill, *in loc.*).

13.20

Quem anda com os sábios será sábio. A importância das boas companhias é um truismo, mas se revela algo tão poderoso que é tema da primeira linha deste provérbio. O homem que vive na companhia habitual dos sábios tende a tornar-se, ele mesmo, um sábio. Ver sobre a metáfora do *Andar*, no *Dicionário*. No livro de Provérbios, ver também 1.15; 2.7,13,20; 3.23; 10.9; 14.2; 15.21; 19.1. 20.7; 28.6,18,26. Um homem pode tornar-se um sábio sem procurar a companhia de homens bons. Ele pode ter um empreendimento privado, mas uma maneira eficaz de promover a sabedoria é associar-se aos sábios. Dessa maneira, um homem aprende tanto pela força dos preceitos como pela força do exemplo. Ele recebe bons exemplos e oferece esse mesmo exemplo a outros. “Andar com” é uma expressão que subentende tanto o amor quanto o apego. Por isso há um antigo ditado popular que diz: “Mostra-me com quem andas, e eu te direi quem és”.

Um homem é conhecido pela companhia que mantém.

(Provérbio do século XVII)

Antítese. O homem fraco, que tem os insensatos como companheiros, será destruído por essa associação. Ver Pro. 1.10 ss. quanto a um vívido exemplo desse princípio.

É melhor andar sozinho do que em más companhias.

(Provérbio do século XV)

As más associações formam um dos grandes temas do livro de Provérbios. Cf. Pro. 1.10,11; 2.12; 4.14-17; 16.29; 22.24,25; 23.20,21; 28.7.

... se tornará mau. O homem que tem como colegas os insensatos sofrerá muitas calamidades e reversões, tornar-se-á um sujeito truculento e, finalmente, terá morte prematura.

A estrada é longa por preceito, mas é curta pela força do exemplo.

(Sêneca)

13.21

A desventura persegue os pecadores. O mal é personificado e retratado como um caçador que persegue os pecadores, sem dúvida tendo em mente que o

caçador finalmente logra êxito e, assim sendo, destrói a presa, ou seja, aqueles que são enganados pelos frutos da iniquidade. O caçador é a retribuição apropriada; e assim temos outro versículo sobre a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). O mal é a sua própria punição (ver Apo. 22.11). Os vss. 21-23 enfatizam a pobreza e a prosperidade, e essa é uma das principais maneiras pelas quais um homem coleta aquilo que semeia. Um animal selvagem pode perseguir um homem, e isso serve de figura do destino inflexível que se abate contra o pecador. Ver Sal. 11.6.

Antítese. O homem bom não é caçado pelo caçador; antes, é grandemente recompensado pelo Ser divino, a ponto de poder desfrutar de todas as coisas boas, como vida longa e prosperidade, boa saúde e realizações espirituais. Ele receberá boa medida, recalcada, sacudida e transbordante, em conformidade com a promessa de Luc. 6.38, porquanto dedicou sua vida a princípios justos.

13.22

O homem de bem deixa herança aos filhos de seus filhos. Uma herança é uma coisa boa. Um homem prospera por causa de sua retidão e tem uma grande herança para deixar a seus filhos. O filho também é um homem bom e prospera; e assim o dinheiro se acumula e passa para o neto. Em outras palavras, uma família feliz, através das gerações, por causa dos bons frutos da retidão, continua a prosperar materialmente, coletando suas recompensas. O homem moralmente bom é tão abençoado que é capaz de ajudar até mesmo os netos, porque Deus está satisfeito com toda a linhagem familiar. Ver sobre riquezas duráveis, em Pro. 18.18. Quanto à herança, ver também Pro. 17.2; 19.14 e 20.21. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Herdeiro*. Cf. Pro. 11.25: "A alma generosa prosperará".

Antítese. O homem mau pode conseguir muito dinheiro por meio de atos ímpos e violentos; mas um destino adverso haverá de cortá-lo pelo meio. O dinheiro cessará em seu próprio período de vida, e assim não haverá dinheiro para deixar a seus filhos, quanto menos a seus netos. De fato, os homens bons, aqueles que viverem em consonância com a lei, terminarão obtendo esse dinheiro. Novamente, aparece o tema de que as riquezas materiais e a pobreza estão ligadas diretamente à bondade e à iniquidade, respectivamente. Isso era algo que estava profundamente gravado na mentalidade dos hebreus. A pobreza era considerada sinal do desprazer divino, enquanto as riquezas serviam de sinal da aprovação divina.

A terceira geração não possuirá os bens que foram injustamente adquiridos.

(Provérbo antigo)

Cf. este versículo com Jó 27.16,17; Pro. 28.8 e Eclesiastes 2.26.

13.23

A terra virgem dos pobres dá mantimento em abundância. Este provérbio é uma leve reedição da idéia da colheita segundo a semeadura. O homem bom deseja e obtém coisas boas. O sábio é bem-sucedido em suas buscas, e não há que duvidar que as bênçãos materiais também estão em vista aqui. O homem justo recebe a fruição de seus desejos, que são agradáveis (vs. 19). O hebraico original deste versículo é quase ininteligível, mas significa algo como "A nova terra do homem pobre, por meio de trabalho árduo, produz muito alimento; mas o rico, por causa de seus atos injustos, deixa de obter nutrientes de sua terra, e é destruído" (Charles Fritsch, *in loc.*).

Antítese. Presume-se que o homem rico (compreendido em antítese com o homem pobre, que aparece na primeira linha métrica) termina mal, mesmo quanto às necessidades básicas, por causa de seu julgamento pobre (King James Version) ou de sua injustiça (Revised Standard Version). Ele é punido de tal maneira pela retribuição divina que nem ao menos tem o suficiente para comer. Suas plantações fracassam.

Uma Idéia Diferente. É possível compreender o versículo como se tivesse em mente apenas um homem, o homem pobre. A princípio ele tinha uma safra abundante e muito alimento, mas mediante seu julgamento deficiente (ou por ter-se tornado ímpio), perdeu tudo. Mas a outra idéia parece melhor, provendo maior contraste entre o pobre e o rico. Cf. Pro. 16.8; Jer. 17.11; 22.13 e Eze. 22.29.

13.24

O que retém a vara aborrece a seu filho. *Punição Capital.* Entramos aqui em terreno perigoso. A maior parte da disciplina física que é aplicada por nossos pais baseia-se mais na impaciência ou nos desejos egoístas deles do que em um espírito de amor e no desejo de obter boa disciplina. Além disso, há um extremo de tratamento cruel, mediante o qual os pais ferem ou mesmo matam seus filhos.

Um bom pai ou mãe pode encontrar outros meios disciplinares exatamente tão eficazes, ou mais ainda, do que provocar dor física em seus filhos, mesmo que essa dor seja administrada com moderação e amor. O perigo é que os pais evangélicos se escondam por trás deste versículo, fazendo dele uma desculpa para ferrir a seus filhos, em nome da disciplina bíblica. Nenhuma disciplina, obviamente, não é sinal de amor, mas pode ser até sinal de ódio, porquanto um filho indisciplinado pode tornar-se uma pessoa muito má. Em qualquer discussão sobre a questão, devemos lembrar a herança genética que opera a despeito do que os pais façam. Há casos históricos que mostram a regra geral: se seus filhos se tornarem adultos ruins, a culpa pode não ser sua, mas da herança genética. E se seus filhos mostrarem ser boas pessoas, não aceite muito crédito por isso. Ademais, não devemos esquecer a herança espiritual e o destino. Se um homem está destinado, pela vontade de Deus, a ter uma missão especial, as circunstâncias de sua vida o conduzirão a isso. Ademais, ele será mental e espiritualmente condicionado a essa missão. E, além disso, será mental e espiritualmente condicionado para poder desempenhar sua missão. E, por semelhante modo, terá a unção do Espírito para isso. Portanto, o que os pais de uma criança podem fazer talvez seja apenas uma pequena parte do quadro inteiro, e, de fato, um indivíduo pode não sofrer grande influência de seus pais, mesmo que eles sejam pessoas más. A lição aqui é clara: há muitos fatores em operação sobre o crescimento de uma criança, para o bem ou para o mal, e a disciplina paterna não é o grande fator; é apenas um dentre muitos. Não obstante, devemos cuidar desse fator, mesmo que muitos outros estejam, igualmente, em operação. Contudo, é ridículo que os pais tenham um ponto de vista inadequado sobre essa questão, imaginando que, somente por ensinarem a seus filhos a Bíblia e os disciplinarem corporalmente, eles obterão sucesso automático. A experiência da vida diária ensina-nos que as coisas não são assim tão simples.

Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele.

(Provérbios 22.6)

Essa é uma bela regra, não devemos negligenciá-la. Infelizmente, porém, as coisas nem sempre funcionam dessa maneira, a despeito do amor e da disciplina que tiverem sido aplicados. No entanto, o senso de dever e o amor requerem que prestemos atenção ao que nos diz Pro. 13.20 e 22.6.

Um Exemplo. Um jovem foi criado em um lar evangélico. A família tinha sido abandonada pelo pai, mas a mãe fez um bom trabalho, e duas irmãs mais velhas ajudaram na criação dos filhos menores. A família sempre ia à igreja. O rapazinho foi estudar em um seminário teológico e acabou sendo missionário. Terminou sendo um bom pastor, além de um bom pregador. Ele se ocupou por diversos anos nesse trabalho, que era aprovado pela igreja em que servia. Mas então ele começou a sofrer estranhas tentações. Começou a jogar e a beber, e a estar com mulheres, ao mesmo tempo que continuava servindo bem à sua igreja. Finalmente, começou a passar cheques sem fundo para pagar as dívidas em que estava incorrendo. Por esse motivo, acabou preso. Quando saiu da prisão, ele continuou em sua vida irregular, embora não tivesse ido novamente para a prisão. As investigações demonstraram que seu pai e seu avô tinham vivido vidas similarmente irregulares. Mas o nosso homem, o pastor, não fazia idéia de tudo isso nem fora influenciado pelo mau exemplo dado por eles. Ele simplesmente fazia o que já estava predeterminado para ele fazer. Nada de seu treinamento, que foi extenso e demorado, no lar, na escola e na igreja, deteve o processo. Não existem respostas simples para um caso como esse.

Antítese. Em contraste com o pai negligente, o bom pai certifica-se de que uma disciplina apropriada está sendo administrada, incluindo, ocasionalmente, a punição corporal. "A punição corporal fazia parte necessária do treinamento das crianças judias. Assim como Deus castiga àqueles a quem ama (ver Pro. 3.12), um pai deve punir o seu filho, se realmente o ama e pretende ajudá-lo. O pai, pois, deve ser diligente na disciplina que aplica ao filho" (Charles Fritsch, *in loc.*).

"Mediante a negligência da correção na infância, os desejos (paixões) obtêm a ascendência; o temperamento torna-se irascível, tolo e lamuriendo. O orgulho é assim nutrido, a humildade é destruída, e, através do hábito da indulgência, a mente é incapacitada a suportar as provações com firmeza" (Holden, *in loc.*). É hábito dos evangélicos dar atenção demasiada aos primeiros anos de vida da criança, esquecendo outros fatores. A Igreja Oriental acredita na preexistência da alma, e isso, se verdadeiro, é o fator principal naquilo que o homem é e faz. Alguns insuflam a reencarnação nesse quadro, e isso não deve ser rejeitado sem que se façam muito mais investigações. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Reencarnação* e *Preexistência da Alma*. Não nos olvidemos, por igual modo, da herança espiritual, que pode ser muito mais poderosa do que a herança dos primeiros anos de vida, no lar. Por outra parte, não nos esqueçamos de nenhum fator que possa contribuir para o aprimoramento de nossos filhos.

13.25

O justo tem o bastante para satisfazer ao seu apetite. As necessidades físicas são cuidadas por decreto divino, em favor do homem bom. Ele sempre tem o bastante para comer, pelo que seu apetite (Revised Standard Version) é satisfeito. Cf. Pro. 10.3, que é passagem bastante parecida com esta. Por meio de aplicação, podemos falar de todas as necessidades e desejos do homem, e não meramente de seus apetites físicos (a idéia principal da primeira linha métrica).

Apetite. Assim diz a nossa versão portuguesa, mas o original hebraico diz aqui “alma”, embora essa palavra também possa referir-se aos apetites. No hebraico posterior, o vocábulo veio a significar a alma imaterial; mas não é isso que está em vista aqui, embora alguns intérpretes, anacronicamente, façam as necessidades da alma e seu bem-estar espiritual tomar parte no quadro.

Antítese. O ímpio fatalmente padecerá fome, se negligenciar a sabedoria. Seu estômago sofrerá necessidades. Seu apetite não será satisfeito. Por outro lado, a mente justa vive em um banquete constante (Adam Clarke, *in loc.*).

Capítulo Quatorze

Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 13 e 14. Apresento uma introdução à seção de Pro. 10.1 – 22.16 (a primeira coletânea dos provérbios de Salomão) em Pro. 10.1.

14.1

A mulher sábia edifica a sua casa. Diz aqui o hebraico, literalmente: “a sabedoria da mulher”. Ao que parece, o autor sacro oferece-nos outro versículo sobre a Senhora Sabedoria. Por isso a Revised Standard Version traduz aqui por “A sabedoria edifica a sua casa”. Cf. Pro. 1.20-23; 3.16-18; 4.3-6; 8.1-21; 9.1-6. Contrastar isso com a Senhora Insensatez, em Pro. 9.13 ss. Alguns intérpretes consideram uma glosa as palavras “a mulher”, e, se isso é uma suposição correta, então o assunto do versículo é simplesmente a sabedoria. Seja como for, a Sabedoria edifica um lar que é bom para todos, mas a Senhora Insensatez só deseja derrubar o seu lar.

Antítese. A Senhora Insensatez, com as próprias mãos, derruba a boa casa que a Senhora Sabedoria edificou. Uma casa literal pode estar em pauta; ou então devemos pensar no lar de cada pessoa, que inclui a sua vida; mas não está em vista o lar eterno. A maior parte dos intérpretes considera que o versículo consiste em um mandamento que nos ordena cuidar bem de nossas casas, talvez sugerido por Pro. 13.24. “A mulher insensata, através de sua negligência, má administração, auto-indulgência e descuido com os filhos derruba a própria casa” (Fausset, *in loc.*). Isso contrasta com a mulher virtuosa de Pro. 31.10 ss.

Este versículo tem sido cristianizado para indicar a casa espiritual que o evangelho edifica, a qual envolve o destino das almas. A casa simboliza aqui a igreja, fonte originária de toda a nutrição para os membros da casa, e o próprio Cristo é o Pai da casa.

14.2

O que anda na retidão teme ao Senhor. O temor do Senhor é um assunto muito repetido no livro de Provérbios. Comento sobre isso em Pro. 1.7. Ver também Sal. 11.38; e, no *Dicionário*, o verbete intitulado *Temor*. Essa idéia representa a espiritualidade, no Antigo Testamento, a qual se alicerça sobre a obediência à lei. No livro de Provérbios, temos a obediência à lei, fomentada e interpretada pelas declarações sábias. A obediência à lei produz uma vida abundante (ver Pro. 4.13). O homem que anda na retidão, obedecendo aos ditames da lei, é aquele que, verdadeiramente, teme a Yahweh (o Deus eterno). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*. Ver também o artigo chamado *Andar*, que indica a maneira pela qual uma pessoa usualmente vive. O homem bom deve ter o hábito de obedecer à lei, se tiver de atingir o temor devido ao Senhor, que é o lema deste livro de Provérbios.

Antítese. Em contraste com o homem bom, que anda pelo caminho da retidão, no temor do Senhor, está o homem mau, que anda por seus próprios caminhos perversos. Esse homem, longe de temer o Senhor, despreza-O, o que é uma descrição vigorosa mas veraz. Quanto à *metáfora da vereda*, ver Pro. 4.11. Quanto aos *caminhos do homem bom e do homem mau*, contrastados, ver a nota de sumário em Pro. 4.27. “O temor de Deus e sua ausência são vistos claramente na conduta externa” (Ellicott, *in loc.*). “A religião de cada homem deve ser estimada por meio de seus frutos. Despreza a Deus aquele que despreza a Sua Palavra, mas tal homem é desprezado por Deus (ver I Sam. 2.10; II Sam. 12.9,10; Mal. 1.6,7; Núm. 25.30,31)” (Fausset, *in loc.*). Quanto à conduta reta e à conduta tortuosa, ver Pro. 2.15.

14.3

Está na boca do insensato a vara para a sua própria soberba. Os insensatos arrogantes têm, em sua boca, uma vara que eventualmente é usada (pela providência divina) para bater-lhe nas costas, o que é uma metáfora estranha, embora compreensível.

“O orgulho sai da boca dos insensatos, trazendo ruína, ao passo que a fala dos sábios os protegem. Vara, literalmente, ramo ou raminho” (Charles Fritsch, *in loc.*). Quanto ao orgulho e à humildade contrastados, ver Pro. 11.2; 13.10. Ver sobre olhos ativos, em Pro. 6.17. Quanto à vara aplicada às costas, ver Pro. 10.13 e 26.3. A vara do orgulho é a língua do insensato. Quanto ao uso impróprio da linguagem, ver Pro. 4.24; 6.12; 8.13; 10.8,18,19,30. Ofereço notas de sumário em Pro. 11.9,13, incluindo referências e ilustrações. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da*.

Antítese. Em contraste, o homem bom usa a faculdade da fala com sabedoria, o que termina por beneficiá-lo. Ele será poupado das dificuldades que os insensatos sofrem, visto que falam tanto.

Existem cerca de cem versículos no livro de Provérbios que descrevem o uso apropriado e impróprio da língua. Ver Tia. 3.2 quanto a um extenso discurso sobre essa questão.

14.4

Não havendo bois, o celeiro fica limpo. As colheitas, nos dias da antiguidade, dependiam do uso de animais domésticos, como o boi. Onde não havia bois, havia uma gamela de alimentos limpa. Isso significava menos trabalho para o agricultor, e, além disso, ter animais ao redor requer esforço constante para manter uma ordem relativa. Uma fazenda nunca é um lugar limpo, quando há animais domesticados por ali. Um agricultor poderia resolver ter uma fazenda limpa, mas, se preferisse essa alternativa, também não contaria com uma colheita, o que significa que a fome estava a caminho. A primeira linha do provérbio fala sobre um agricultor preguiçoso. Ver Pro. 6.6 e, no *Dicionário*, os verbetes chamados *Preguiça e Preguiçoso*.

Antítese. Mediante o emprego de animais domesticados, um agricultor pode conseguir abundante colheita, o que quer dizer que ele terá alimentos suficientes e não sofrerá necessidades. Mas isso também significa que ele terá de ser diligente e esquecer o merecido descanso. “Ao investir tempo e dinheiro para alimentar e limpar o meio ambiente no qual viverão os bois, o agricultor terá abundância de alimentos, a saber, colheita abundante. Resultados significativos em qualquer empreendimento requerem o investimento de tempo, dinheiro e trabalho” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Jarchi, porém, espiritualizou a afirmação para falar daqueles que trabalham na lei mosaica e a ensinam a outros; e este versículo tem sido cristianizado para fazer dos agricultores os obreiros evangélicos que trabalham no evangelho.

Adam Clarke, que evidentemente tinha experiência na vida agrícola, louvou o boi como um animal superior e mais fácil de cuidar do que o cavalo. “O boi é o mais proveitoso de todos os animais na agricultura.”

14.5

A testemunha verdadeira não mente. É uma das características dos provérbios de Salomão (10.1-22.16 e 25-29) devotar um versículo a um tópico qualquer e então passar para um tópico completamente diferente no versículo seguinte. Algumas vezes, entretanto, há mais de um versículo em seguida tratando de um tópico qualquer. Também é característico de nosso autor sagrado voltar ao tema sobre o qual ele já havia falado antes. Em outras palavras, as declarações do livro de Provérbios não são agrupadas de acordo com tópicos. Antes, acham-se espalhadas de maneira heterogênea. Portanto, voltamos aqui à questão das testemunhas verazes e das testemunhas mentirosas. Ver Pro. 6.19; 12.17; 14.25. O testemunho falso, em tribunal, é denunciado em Pro. 19.5,9; 21.28; 24.28 e 25.18. Isso está envolvido nos Dez Mandamentos. Ver Êxo. 20.16.

O homem bom não é mentiroso, nem em particular nem em público. Se for convocado a dar testemunho em tribunal, sempre dirá a verdade. Não prejudica os outros com a sua língua, sob nenhuma circunstância. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Mentira (Mentiroso)*.

Antítese. Em contraste, o homem iníquo está sempre pronto a prejudicar o próximo com a língua, dizendo mentiras e prestando falso testemunho, tanto em particular quanto publicamente. “Ele proferirá mentiras, por muitas vezes em seguida, de modo deliberado” (Mariana T. Cartwright).

... se desboca em mentiras. Literalmente, respira. Para o homem iníquo, mentir é algo tão natural como respirar.

14.6

O escarnekedor procura a sabedoria, e não a encontra. Um escarnekedor não é o homem de tipo estúpido e embotado. Pelo contrário, é esperto e capaz de buscar a sabedoria, mas nunca consegue obtê-la porque não teme ao Senhor (ver Pro. 1.7). Esse é o mais importante requisito para quem quer alcançar o verdadeiro conhecimento. Ver a exposição em Pro. 1.22. Ver a nota de sumário sobre o escarnekedor, em Pro. 13.1. Deus resiste aos orgulhosos (ver I Ped. 5.5), entre os quais se alinham os escarneadores. Deus é quem dá sabedoria (ver I Cor. 2.11), mas os escarneadores não estão qualificados para receber esse dom divino.

Antítese. O homem que tem compreensão é aquele que chega ao conhecimento ou à sabedoria. Seu coração vive sintonizado com a lei; ele anda de acordo com os ditames da lei e também dá atenção às declarações de sabedoria que a fomentam e interpretam. Quanto ao entendimento, ver Pro. 1.2.

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre Cristo, a nossa sabedoria, o Seu evangelho e a vida que nos é dada através dele. Ver I Cor. 1.30.

*Zombai, zombai, Voltaire, Rousseau,
Zombai, zombai, será tudo em vão.
Jogais areia contra o vento,
Mas o vento a sopra de novo para trás.*

*Cada grão de areia torna-se uma gema,
Refletindo raios da divindade;
Soprados de volta, eles cegam os zombadores,
Mas nas sendas de Israel eles brilham tanto.*

(William Blake)

14.7

Foge da presença do homem insensato. O hebraico literal é estranho para nosso modo de dizer, e diversas traduções têm sido propostas. O sentido da frase parece ser que devemos fugir da presença do indivíduo insensato, porquanto nenhum bem derivaremos dessa associação. Cf. Pro. 13.20, que fala das boas e das más companhias. Os vss. 7-9 incorporam uma série de declarações acerca dos insensatos.

Sintética. A primeira linha é explicada ou ampliada pela segunda. O homem bom nada ganha por andar misturado aos insensatos. Ele não ouvirá coisa alguma que lhe faça bem. Pelo contrário, ouvirá somente palavras prejudiciais. Assim, por que perder tempo com ele? O homem bom busca conhecimento, portanto deverá associar-se aos sábios que fornecem conhecimento. O conhecimento consiste em conhecer e obedecer à lei de Moisés, conforme ela é fomentada e interpretada pelas declarações de sabedoria. Quanto ao uso próprio e impróprio da linguagem (que aparece em cerca de cem provérbios), ver Pro. 4.24, com notas de sumário em Pro. 11.9,13. Ver também Sal. 5.9; 12.2; 17.3, etc. e, no *Dicionário*, o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da*.

"Nunca se associe a um sujeito vão e vazio ao perceber que não poderá transmitir-lhe instruções nem receber instrução da parte dele" (Adam Clarke, *in loc.*). O Targum diz aqui: "Não há conhecimento algum em seus lábios".

14.8

A sabedoria do prudente é entender o seu próprio caminho. Um homem tem sabedoria para orientá-lo em seu caminho, ajudando-o a caminhar como deve fazê-lo. O homem aprende a lei e então obedece a seus ditames no andar diário. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Andar*. O homem prudente (que é esperto no bom sentido; no hebraico, *'arum*) considera cuidadosamente seus atos e sabe por que faz certas coisas, mas não outras. Ele tem mente instruída e segue essa mente. Não se deixa enganar com facilidade.

Antítese. Em contraste, o insensato vive sempre tão cheio de sua insensatez que ilude a si mesmo e lança-se a enganar outras pessoas. O resultado é que tal pessoa segue uma vereda insensata, precipitada e prejudicial. Cf. Pro. 14.18,24,29. Um insensato pode até pensar que o seu caminho é certo (ver Pro. 12.15), mas isso faz parte de ser enganado e não é uma estimativa verdadeira das coisas.

Quanto à *metáfora da vereda*, ver Pro. 4.11; e quanto aos *caminhos do homem bom e do homem mau* contrastados, ver Pro. 4.27. O conteúdo mental determina a direção do andar, ou seja, da conduta diária e constante. A versão da Septuaginta contém a segunda linha: "A insensatez dos insensatos leva-os a errar", em que a palavra hebraica para enganar, *math'eh*, foi levemente emendada para *mirmah*, "errar". Alguns pensam que isso reflete o original hebraico, que o texto massorético padronizado perdeu. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético*. Algumas vezes, as versões, especialmente a Septuaginta, retêm um texto mais antigo que o texto hebraico padronizado, que é

bastante tardio. Os manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto concordam, algumas vezes, com as versões, e não com os manuscritos hebraicos posteriores. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do*.

14.9

Os loucos zombam do pecado. Considere o leitor estes pontos:

1. O ímpio é observado por Deus e por Ele é desprezado, por causa de sua recusa em conhecer a lei divina e deixar-se dirigir por ela.
2. O hebraico original é obscuro, e algumas traduções fazem o insensato zombar do pecado na primeira linha. O insensato gosta da vida caracterizada pelo pecado e pensa ser ridículo abandonar o que é prazeroso. O hebraico diz aqui literalmente: "uma oferenda culpada zomba dos insensatos", e essa é a única referência do Antigo Testamento a isso, pelo que existem muitas emendas nas versões, como também entre os tradutores e os intérpretes. A Revised Standard Version substitui a palavra "oferenda" (no hebraico, *'ewilim*) pelo nome divino, *'elohim*, dando a entender que é o Deus eterno que zomba do homem. Isso requer a emenda adicional que consiste em substituir a palavra hebraica *'asham*, "oferenda pelo pecado", por *resha'im*, "iníquo".

Antítese. Em contraste, o homem bom desfruta tanto do favor divino, que é a aceitação (no hebraico, *ra'son*; ver Pro. 8.35), quanto do favor dos homens (ver Luc. 2.52).

Este versículo tem sido cristianizado para fazer da "oferta pelo pecado" a pessoa de Cristo. Para os homens, isso pode ser uma boa aplicação, mas dificilmente é a interpretação verdadeira do texto.

14.10

O coração conhece a sua própria amargura. "A dor interior (a amargura) e a alegria não podem ser experimentadas por nenhuma outra pessoa. São sentimentos individuais, particulares, sentidos na própria alma da pessoa" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Quanto às tristezas ocultas, ver Pro. 13.12; 15.13; 17.22; 18.4. O indivíduo pode ocultar a própria tristeza com uma felicidade externa, falsa. Ver Pro. 14.13. Ele esconde a sua tristeza com um riso falso.

Antítese. A alegria é o contrário da tristeza. A alegria de um homem também se oculta de outra pessoa. A alegria pertence somente a quem a sente. Mas alguns têm uma alegria fingida, que oculta sua tristeza, pelo que temos aqui uma antítese aparente, e não real. Contudo, a primeira idéia parece melhor, "Este provérbio ensina a individualidade de cada alma, em seu ser interior, pelo que ninguém, salvo Aquele que sonda os corações, pode participar das tristezas ou alegrias de uma pessoa" (Fausset, *in loc.*). Ver como somente Deus pode conhecer uma pessoa com perfeição, em Pro. 15.11; 16.2; 20.12 e 24.12.

Este versículo tem sido cristianizado para falar da tristeza originária do pecado, bem como da alegria que emana da salvação que temos em Cristo; mas este versículo não é profético nem messiânico.

14.11

A casa dos perversos será destruída. A casa forte do ímpio é contrastada aqui com a tenda do justo. No entanto, a casa dos perversos será derrubada ou pelas circunstâncias ou pelo juízo divino. Mas a tenda do justo (a antítese) resistirá a todos os assédios das circunstâncias e dos ímpios, e permanecerá firme, devido ao poder de Deus, que recompensa o homem bom por sua vida santa. A tenda do homem bom florescerá, por certo uma metáfora estranha, embora compreensível. A Septuaginta modifica a idéia da "inflorescência" para aquilo que esperaríamos, "ficará firme". Seja como for, a idéia transmitida é a de crescimento, prosperidade e segurança. Cf. este versículo com Pro. 3.33. Ver também Mat. 7.24 ss., os dois alicerces. A tenda que floresce (se é que podemos imaginar tal coisa) é como a árvore que floresce (Sal. 13).

14.12

Há caminho que ao homem parece direito. O indivíduo insensato, ou qualquer outro tipo de pecador, sem o conhecimento apropriado da lei, e certamente das declarações da sabedoria que interpretam a lei, poderá seguir uma vereda que ele pensa ser correta. Tal homem não tem consciência da destruição para a qual seu caminho o está conduzindo. Pro. 16.25 repete verbalmente este provérbio. Parte do negócio do pecado consiste em ser enganado por ele, mesmo que a pessoa tenha boas intenções e não seja um pecador endurecido. É por isso que temos a declaração que diz:

O caminho para o inferno está pavimentado com boas intenções.

(Provérbio do século XVIII)

A vereda falsa é reta (conforme diz, literalmente, o original hebraico) e fácil de seguir, e, sendo reta, parece correta. Esse caminho reto promete sucesso e felicidade, mas é uma vereda traiçoeira e enganadora. Ver sobre a *metáfora da vereda*, em Pro. 4.11.

Antítese. Embora a vereda do pecador seja reta e aparentemente correta, leva o pobre homem à ruína, à morte prematura, com muitos desastres ao longo do caminho. Quanto aos caminhos dos homens bons e dos homens maus, contrastados, ver Pro. 4.27, onde apresento uma nota de sumário. Temos exemplos radicais da vereda aparentemente boa dos ímpios como um caminho caracterizado por extrema iniquidade, conforme se vê nas perseguições e nos assassinios religiosos, em que os homens esperam receber o favor divino por terem matado ou aleijado os "inimigos de Deus". Dificilmente haverá algo tão maligno e maldoso como as tragédias promovidas pelo zelo religioso.

*Temos religião bastante para fazer-nos odiar,
Mas não o bastante para nos amarmos mutuamente.*

(Jonathan Swift)

14.13

Até no riso tem dor o coração. O riso pode ser fingido, ocultando a tristeza no coração (vs. 10). Ou então, o riso pode ser genuíno para o homem que ri, mas enganador, pois o pecador nenhum motivo tem para estar feliz. O homem que ri dá a impressão de estar cheio de alegria, mas pode estar encobrindo um coração tomado pela tristeza. Ver também Pro. 15.13b.

Antítese. Considere o leitor estes quatro pontos:

1. Toda alegria é maculada pela tristeza, mesmo quando é genuína.
2. Além disso, mesmo nos tempos de alegria, existem tristezas ocultas que se escondem na alma.
3. Ademais, hoje temos alegria, e amanhã temos tristezas, pois a vida tende para esses dois pontos contrários, e ambos são inevitáveis. A Septuaginta (seguida por Toy e Oesterley) vê neste versículo o ensino da alternância inevitável entre alegria e tristeza na vida de uma pessoa.
4. O pior de tudo é que existe aquele ponto de vista pessimista que diz que a vida humana sempre termina em tristeza, atingida pela melancolia, sem importar as alegrias que possam ser experimentados no passado. Esse é o ponto de vista natural daqueles que não esperam a vida para além do sepulcro. As enfermidades e, finalmente, a morte, apagam qualquer coisa boa que possa ter feito parte da vida de uma pessoa. A esperança cristã nos eleva acima desse ponto de vista e mitiga outros pontos de vista menos drásticos deste versículo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo sobre *Imortalidade*.

"Seja como for, Deus quer ensinar-nos que coisa alguma pode satisfazer a alma do homem senão Ele mesmo; e, assim sendo, exorta-nos a buscá-Lo como o único objeto autêntico e legítimo de nossos desejos. Cf. Sal. 36.8" (Ellicott, *in loc.*).

14.14

O ínfel de coração dos seus próprios caminhos se farta. O ímpio, que perverteu o seu caminho, deve participar dos frutos amargos que ele mesmo cultivou. Diz aqui o hebraico original, literalmente: "O coração desviado", ou seja, o indivíduo que é um apóstata moral, com o coração distorcido, que produz um caminho distorcido. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) opera, dispensando a providência negativa e positiva de Deus, no caso de todo homem.

Antítese. Em contraste, o homem bom, por seu bom cultivo, colherá bons frutos. Ver a vereda do homem ímpio e a do homem bom contrastadas em Pro. 4.27. Cf. Isa. 3.10. Ver também Pro. 12.14.

*Comerão do fruto do seu procedimento e dos seus próprios
conselhos se fartarão.*

(Provérbios 1.31)

Diz o Targum aqui: "O homem bom ficará satisfeito com o seu próprio temor", isto é, o temor do Senhor (ver Pro. 1.7), de onde todas as coisas boas se derivam.

14.15

O simples dá crédito a toda palavra. *Principiantes Espirituais.* Os simples, os insensatos crédulos (no hebraico, *pethi*; ver Pro. 1.4), facilmente se deixam enganar e seguem as palavras dos enganadores e pecadores. O livro de Provérbios foi escrito para dar prudência aos simples (ver Pro. 1.4). "Os vss. 15-18 falam do caminho do insensato e começam e terminam com uma referência aos simplices

e aos prudentes. Os homens simples ('ingênuos', 'crédulos') são fáceis de influenciar (Cf. Pro. 7.7-10,21-23); mas os prudentes (no hebraico, *'arum*, Pro. 14.8,18) pensam antes de agir" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). "... crianças no conhecimento, que são jogados para cá e para lá por toda conversa bonita; Efé. 4.14; Rom. 16.18" (John Gill, *in loc.*).

Antítese. Muita erudição na lei dá ao homem bom prudência, esperteza divina, de forma que o homem olha onde pisa, espia por onde anda, e pesa todos os conselhos. "O homem prudente sabe para onde está indo" (Charles Fritsch, *in loc.*). Ver os caminhos do homem bom e do homem mau contrastados, em Pro. 4.27.

14.16

O sábio é cauteloso e desvia-se do mal. O sábio é aquele que estuda, conhece e segue a lei, e nisso é ajudado também pelo seu conhecimento acerca das declarações da sabedoria, mostrando-se cauteloso e não correndo à frente das coisas, tolamente. Ele se desvia do mal, porquanto sabe o que o mal produz. O tema, aqui, não é especificamente o "temor do Senhor" (ver a nota de sumário em Pro. 1.7), mas a "cautela", o temor de fazer coisas erradas, o temor de envolver-se no pecado e em seus maléficos resultados.

Antítese. Os insensatos não conhecem restrição. De fato, em sua arrogância, eles lançam fora toda restrição. O hebraico original, 'abhor', "ultrapassar os limites", diz aqui, literalmente, "porta-se com insolência". A lei não teve oportunidade de ensinar-lhe a restrição e a prudência. O primeiro equívoco desse homem foi resolver que não estudaria a lei e não daria atenção às declarações da sabedoria. Faltando-lhe as restrições ali contidas, esse homem em breve estava correndo pela vereda errada. Passou a ter confiança nesse caminho errado e seu senso de valores foi distorcido. Ele agora confia no mal, ao mesmo tempo que o homem bom teme o mal. Cf. Pro. 22.3. O homem mau "não teme nem Deus nem os homens, e abre a boca contra ambos; ele ruge em seu coração, mesmo que não o faça com a boca, contra Deus e contra a Sua lei, que proíbe a prática dos pecados que ele costuma cometer" (John Gill, *in loc.*).

14.17

O que presto se ira faz loucuras. O indivíduo que tem pavio curto, que se ira com facilidade, acaba agindo insensatamente, e isso com frequência, e assim essa atitude precipitada torna-se um modo de vida para ele. O hebraico diz aqui, literalmente, "curto em suas ventas", ou seja, aquele que logo está pondo fogo pelo nariz, diante de qualquer provocação.

*Não te apresses em irar-te, porque a ira se abriga no íntimo
dos insensatos.*

(Eclesiastes 7.9)

Ver o artigo detalhado sobre *Ira*, no *Dicionário*, especialmente a seção III, *A Ira do Homem*, onde ofereço materiais que ilustram esse tema.

"... curto em suas ventas porque, quando um homem se ira, seu nariz se contrai e a ponta se aproxima mais dos olhos" (Adam Clarke, *in loc.*).

Antítese. Nesta antítese, vamos do mal para o pior. O homem que sempre se ira e vive criando confusão já é bastante ruim, mas pior ainda é o indivíduo que pode não ter sinais externos de ira (pois controla melhor as suas emoções) mas está sempre planejando coisas más em seu coração, e em seguida as coloca em prática. Franz Delitzsch, *in loc.*, diz que o contraste é entre o homem que se ira com facilidade, que explode subitamente em ira, e o homem de intrigas, que planeja secretamente contra os seus adversários, entre os quais está o homem bom. Mas a Revised Standard Version faz este versículo ter uma segunda linha sinônima: "... um homem discreto é paciente", seguindo a Septuaginta. Algumas vezes, essa versão tem um texto original que o texto hebraico padronizado perdeu. Ver sobre isso no vs. 8 do presente capítulo. Sem importar se o texto sinônimo está correto ou não, é verdade que o sábio aprende a controlar o temperamento, em contraste com o insensato, que vive explodindo em ataques de ira.

14.18

Os simples herdam a estultícia. O simples, que é um homem ingênuo, um principiante espiritual, um insensato crédulo (ver o vs. 15, o homem que acredita em tudo), acaba sendo um "insensato". Por quê? Por não ter feito da lei de Moisés o seu manual, o seu guia, a razão de sua vida diária. Outrossim, ele não prestou atenção às declarações de sabedoria dos mestres, que tinham por intuito fomentar e interpretar a lei. Portanto, ele tem o seu próprio manual e também a sua própria experiência, o fomento de suas tolas aquisições. Dessa forma, adquire a insensatez, e não a sabedoria. "Como a erva daninha medra em solo desocupado, assim também os simplices (ver Pro. 1.22), cuja mente não vive ocupada com

o bem, por muitas vezes tornam-se voluntariosos e sem o verdadeiro conhecimento espiritual" (Ellicott, *in loc.*).

Antítese. Em contraste, o homem prudente, que sempre aprende mais e mais da lei, é "coroado com o conhecimento". Várias traduções dizem aqui "coroa", o que a Septuaginta traduz simplesmente por "adquirir". O sábio vence a corrida pelo conhecimento e pela vida prudente, e assim é coroado como um vitorioso. Mas o homem insensato, em contraste, é um perdedor espiritual.

14.19

Os maus inclinam-se perante a face dos bons. Idealmente, mas não com muita frequência, os ímpios inclinam-se diante dos bons, reconhecendo sua superioridade e seu direito à dominação. "A excelência moral sempre ganha nesta vida, finalmente, uma doutrina que, no curso dos anos, mostrou ser falsa. Essa idéia foi ultrapassada pela crença de que os ímpios são punidos e os justos são recompensados no outro mundo (cf. Sabedoria de Salomão 2-5)" (Charles Fritsch, *in loc.*). Kant alicerçou um argumento em prol da existência de Deus e da alma e sua sobrevivência ante a morte física com base nesta segunda suposição: É evidente que a justiça não é feita neste mundo; o mal não é adequadamente punido, e os bons não são adequadamente recompensados. Portanto, essas coisas precisam ser transferidas para uma vida do outro lado do sepulcro, pois a justiça precisa ser servida. Pois se a justiça não for servida, então o verdadeiro deus deste mundo será o caos. Para que um homem seja devidamente julgado, é necessário que ele sobreviva à morte biológica; e, para que ele seja julgado com justiça, deve haver um Juiz dotado de poder e inteligência suficiente para esse trabalho. Portanto, Deus deve existir.

Sinônimo. A crença antiga, que continuava, supunha que os ímpios finalmente sairiam aos portões, à procura dos sábios, buscando o favor deles e abandonando seus caminhos pecaminosos. Em outras palavras, os bons seriam vindicados. "Visto que raramente isso concorda com a experiência que temos nesta vida, pois, de fato, o contrário é o que sucede, este versículo pode estar falando sobre a vida futura, quando os ímpios estarão sujeitos aos piedosos" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Mas seria um anacronismo se o próprio autor sagrado estivesse dizendo tal coisa. A doutrina da imortalidade (com suas recompensas e punições no além-túmulo; ver Dan. 12.2) começou a entrar na Bíblia nos Salmos e nos Profetas, mas não era ainda um ensinamento do livro de Provérbios.

14.20

O pobre é odiado até do vizinho. Este provérbio é um triste comentário sobre a natureza humana, e não um ideal a ser atingido. Os pobres não têm muito prestígio. Até os seus vizinhos, sem importar se abastados ou pobres, "não gostam" deles. A nossa versão portuguesa tem o forte verbo "odiar", que é justificado pela palavra hebraica. Quão desumano é ser menos caridoso, em proporção ao menos que um homem tem de riquezas materiais. Os menos afortunados são precisamente os que carecem de maior simpatia. Cf. Pro. 19.7, onde esta declaração é repetida. O vs. 21 classifica tal preconceito como um pecado. A mentalidade dos hebreus tendia por pensar que os pobres estavam sendo julgados por Deus por causa de alguma iniquidade praticada, visto que era uma doutrina padronizada que a bondade atraía a abundância material. Esse fator, porém, provavelmente era a menor das razões para as pessoas desprezarem os pobres. Dinheiro representa poder e compra tudo. Um homem pobre talvez nem seja capaz de manter seus amigos, porquanto não tem dinheiro para comprar coisa alguma.

Antítese. Em contraste, o rico conta com muitos amigos aparentes. Ele tem dinheiro para influenciá-los e comprá-los; ele pode colocá-los em dívida e assim requerer a sua atenção, ou pode ajudá-los quando precisarem de ajuda. As pessoas anseiam por serem amigas dos ricos, porquanto podem ser recompensadas. Naturalmente, em muitos casos, não é ao homem rico que amam, e, sim, ao dinheiro dele. Por outra parte, os amigos do rico vêm e vão embora, e quase todos eles apelam para o rico nos tempos difíceis, agindo conforme fez Cícero, que comparou tais amigos às andorinhas:

Eles são como as andorinhas, que voam para longe no inverno e abandonam nosso clima frio. Só retornam quando o tempo esquenta. Mas assim que o inverno volta, eles vão embora novamente.

14.21

O que despreza ao seu vizinho peca. Desprezar os pobres é pecado; favorecer o rico, meramente por causa do seu dinheiro, é falsidade e, portanto, também é pecado. "Desprezar" (no hebraico, *buz*, "desdenhar", "considerar em pouco", "ridicularizar"; cf. com "escarnecer", Pro. 13.13) é uma palavra forte. Chega quase ao "ódio" (vs. 20), e é um pecado. Amor é uma grande palavra

espiritual, mas homens carnais e egocêntricos acham mais fácil odiar do que amar. Que fazem essas pessoas quanto à lei do amor? Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Amor*. O homem pobre (no hebraico, *'anah*, vergado, afligido) fica ainda mais vergado pelas atitudes antipáticas de outras pessoas. "Sem importar quem seja o vizinho de um homem, seja ele um doente, ignóbil, ignorante, pobre — não deve ser desprezado. Pelo contrário, a misericórdia deve ser demonstrada para com ele" (Fausset, *in loc.*). Deve haver mais do que misericórdia; deve haver amor.

Antítese. O homem que demonstra misericórdia do pobre sentir-se-á feliz. Os termos aqui usados, "se compadece", falam primariamente em dar aquilo que era considerado uma elevada virtude no judaísmo posterior, e tinha base na lei mosaica que ordenava deixar os cantos das plantações para os pobres respigarem. Cf. Pro. 14.31; 19.17 e 28.27. Diz aqui o Targum: "Aquele que dá aos pobres" é o homem feliz, porquanto pode esperar o favor da parte de Deus, para quem, em comparação, tal homem é apenas um pobre. Ver o detalhado artigo do *Dicionário* chamado *Pobre, Pobreza*, que presta informações aplicáveis ao texto presente. A porção 3.g daquele artigo oferece as regulamentações mosaicas concernentes aos pobres.

*Um homem bom cuida dos direitos dos pobres;
um homem mau não se interessa por eles.*

(Moffatt)

John Woolman era homem tão caridoso, tão sensível diante dos sofrimentos dos pobres, que teve um sonho no qual se via misturado com a massa cinzenta da humanidade. E estava de tal maneira identificado com essa massa que perdeu a própria identidade, e quando, no sonho, uma voz o chamou pelo nome, ele se sentiu incapaz de responder. Pois então ele não era mais John Woolman, mas fazia parte da massa cinzenta. Foi assim também que Jesus, o Cristo, assumiu nossa pobre natureza humana. Mas Ele, em contraste com John Woolman, tinha o poder de elevar a massa inteira da humanidade, e assim fez em Sua missão restauradora/redentora. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Restauração*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Salvação*.

14.22

Acaso não erram os que maquinam o mal? Uma pergunta retórica, no livro de Provérbios, é uma raridade, mas temos aqui uma dessas perguntas. Uma pergunta retórica espera uma resposta tão óbvia que nem é preciso responder. Nosso coração sabe qual é a resposta. É patente que aqueles que planejam o mal são pessoas que erram, as quais, naturalmente, devem esperar o julgamento divino contra o seu desvio. Quanto à palavra *maquinam*, ver Pro. 3.29. O coração cheio de planos perversos pensa em todas as maneiras de promover a corrupção. O livro Sabedoria de Salomão 3.9 contém algo similar.

Antítese. Em contraste, aqueles que planejam coisas boas possuirão as virtudes da lealdade e da fidelidade, as quais eles exercerão em favor do próximo, e outras pessoas também exercerão favor em favor deles. Ver Pro. 3.3 quanto à lealdade e à verdade (ou quanto à misericórdia e à verdade, conforme dizem outras traduções). Nossa versão portuguesa diz aqui "amor e fidelidade". O homem bom ganha e exerce essas qualidades espirituais, e Deus também as exerce na direção dele. Cf. Pro. 3.3; 16.6 e 20.28.

Este versículo tem sido cristianizado para fazer com que a penalidade do planejador do mal seja a perdição, ao passo que a recompensa do homem bom seja a salvação. Mas não é esse o sentido do provérbio. O autor está interessado no que acontece a um homem nesta vida e neste mundo.

14.23

Em todo trabalho há proveito. Pro. 6.10 ss. é uma seção que se volta contra a preguiça. Ver no *Dicionário* os artigos *Preguiça* e *Preguiçoso*, cujas notas expositivas são úteis para ilustrar o valor do trabalho árduo ou labor. Neste versículo, todo labor (quando honesto) é louvado; e somos lembrados que há proveito no labor, em contraste com a pobreza que resulta da preguiça. Quanto a trabalho árduo, ver também Pro. 10.4 e 12.11,24.

Trabalho. No hebraico, *écebh*, que basicamente significa "dor" ou "ferimento", mas é vocábulo usado de modo geral para indicar "trabalho". Todos sabemos que o trabalho físico árduo pode ser doloroso, e essa palavra hebraica nos faz lembrar desse fato. Não obstante, a injunção é que continuemos a trabalhar, porque a dor sempre traz proveito. O trabalho fazia parte da economia do jardim do Éden (ver Gên. 2.15) e fará parte da economia celestial (ver Apo. 22.3). A preguiça é condenada, e o labor é elogiado. Esse tipo de mentalidade faz parte da espiritualidade.

Antítese. O homem que vive falando em trabalhar, mas nunca trabalha, não deve esperar proveito algum. “Os que falam muito são trabalhadores preguiçosos” (Fausset, *in loc.*). “Menos conversa e mais trabalho é um de nossos antigos conselhos (ingleses)” (Adam Clarke, *in loc.*). “Barris vazios são os que fazem mais barulho” (John Gill, *in loc.*).

Causas da Pobreza, no Livro de Provérbios. 1. A mesquinhez (Pro. 11.24; 28.22). Não dê, e você nada obterá. 2. A pressa (Pro. 21.5). Aqueles que se apressam por enriquecer, ficam descuidados e fracassam. 3. O hedonismo (Pro. 21.17). 4. A opressão (Pro. 22.16). 5. O favoritismo (Pro. 22.16). 6. A preguiça (Pro. 14.23).

14.24

Aos sábios a riqueza é coroa. A primeira linha deste provérbio é bastante diferente no hebraico e na Septuaginta. Considere o leitor estes dois pontos:

1. O hebraico diz: “A coroa dos sábios é a riqueza deles”, o que, presumivelmente, significa possessões materiais.
2. Mas a Septuaginta diz: “A coroa dos sábios é a sua sabedoria”.

Entretanto, isso parece ter sido uma modificação de um texto mais difícil (o original) para um texto mais aceitável. Naturalmente, a idéia antiga de que a abundância material se deriva da espiritualidade era forte na cultura hebréia, pelo que (dando-se margem às exceções) o homem rico supostamente era aquele que tinha chegado a essa condição mediante a bênção de Deus. Portanto, bondade/riquezas eram uma boa demonstração de teologia. Todavia, como é claro, havia tantos homens ricos que também eram maus que os tradutores da Septuaginta se sentiram livres para emendar o texto para algo que lhes parecesse mais lógico. Ademais, as riquezas eram, com frequência, concebidas como um dom derivado da sabedoria (ver Pro. 3.16 e 8.18). Cf. a primeira linha com Pro. 3.16; 8.18,21; 15.6 e 22.4. O homem sábio também é um homem diligente, pelo que é um bom candidato a receber riquezas (o que é sugerido no vs. 23).

Este versículo tem sido espiritualizado para significar que as riquezas espirituais são a coroa do homem bom. E isso tem sido cristianizado para fazer de Cristo, como a sabedoria, a nossa riqueza (ver I Cor. 1.30).

Note o leitor, em Pro. 4.9, que a sabedoria é a coroa do homem bom, pelo que a alteração que ocorre na versão da Septuaginta provavelmente se alicerçou sobre aquele texto.

Antítese. Novamente discordam entre si o original hebraico e a versão da Septuaginta. O hebraico diz: “A insensatez dos insensatos é a insensatez”. Mas essa tautologia não faz sentido. Assim sendo, a versão da Septuaginta, seguindo a idéia da primeira linha, faz da insensatez a grinalda dos insensatos. E a versão portuguesa, procurando preservar o texto hebraico, ao mesmo tempo que dá mais sentido ao texto sagrado, diz: “A estultícia dos insensatos não passa de estultícia” (Atualizada). Mediante essa tradução, porém, fica de fora a idéia de uma coroa, no contraste entre as duas coisas.

A insensatez não obtém bons resultados, mas resulta tão-somente em uma conduta insensata, que é inútil. O insensato não tem coroa de nenhuma espécie. Ele nada ganha. Diz o Targum: “A glória dos insensatos é a sua insensatez”, produzindo uma declaração semelhante à de Fil. 3.19:

A glória deles está na sua infâmia, visto que só se preocupam com as coisas terrenas.

14.25

A testemunha verdadeira livra almas. O autor sagrado nos leva de volta à questão das testemunhas verdadeira e falsa, vista em Pro. 6.19 e no vs. 5 deste capítulo. Ver também Pro. 12.17. Êxo. 20.16 proíbe o falso testemunho, em particular ou em tribunal, sendo esse um dos *Dez Mandamentos* (ver a respeito no *Dicionário*).

O homem que diz a verdade em tribunal salvará certos homens inocentes que poderiam ser condenados à punição capital por um falso testemunho. Outro tanto pode acontecer no setor privado, visto que há vingadores no mundo lá fora. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Vingador do Sangue*.

Antítese. O indivíduo ímpio, que, naturalmente, também é um mentiroso, não hesitará em matar através do falso testemunho. O hebraico original desta segunda linha métrica é difícil, a saber, “aquele que respira mentiras é enganador”. Isso é traduzido pela Revised Standard Version como: “Aquele que profere mentiras é um traidor”, o que, sem dúvida, é o significado tencionado, embora pareça difícil extrair isso do original hebraico. Na antiga nação de Israel, onde os crimes eram, com frequência, investigados somente através do testemunho prestado pelas testemunhas, suas declarações eram, usualmente, cruciais para o resultado das investigações. Atualmente, os detetives esforçam-se por obter outras evidências, mas mesmo assim ocorrem erros de julgamento. Homens inocentes são executados, ao passo que homens culpados são libertados. Se as testemunhas forem

falsas, será quase impossível haver julgamentos justos. Isso é verdade hoje em dia, e era até mais verdadeiro na antiga nação de Israel. Tão pouco quanto duas testemunhas podia condenar um homem ou deixá-lo solto (ver Deu. 17.6), a menos que algum juiz diligente se pusesse à cata de maiores evidências, em suas investigações particulares.

14.26

No temor do Senhor tem o homem forte amparo. O homem que teme o Senhor tem forte confiança. Os autores deixam para nós a tarefa de imaginar no que e por que o homem tem essa confiança: na promessa de uma vida longa e próspera, com boa saúde e riquezas materiais, e decorada com mais e mais sabedoria confiante de que haverá uma posteridade abundante, com todos os filhos andando pela boa vereda e abençoados com as mesmas bênçãos que o homem recebeu. Todos esses serão conservados na mão de Deus em segurança, paz e bênçãos. “... a maior confiança em Sua misericórdia e bondade” (Adam Clarke, *in loc.*). O homem que teme a Yahweh (o Senhor) tem confiança em seu forte amparo (Pro. 14.26). “... confiantes que Ele os ama e se deleita neles; que Seus olhos estão fixos sobre eles; e que o Seu coração está voltado para eles, suprirá cada uma de suas necessidades e os protegerá e defenderá” (John Gill, *in loc.*).

Sinônimo. Os filhos do homem bom compartilharão todas as vantagens e bênçãos que ele tem, e Deus será o seu refúgio. Esta é a única referência a Deus como refúgio do homem no livro de Provérbios, embora esse seja um tema comum no livro de Salmos. Ver a respeito em Sal. 46.1. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Refúgio*, quanto a detalhes sobre essa metáfora.

O temor do Senhor é o lema do livro de Provérbios. Ver as notas sobre esse conceito em Pro. 1.7 e Sal. 119.38. Ver também, no *Dicionário*, o verbete chamado *Temor*, para detalhes.

14.27

O temor do Senhor é fonte de vida. O autor sagrado reforça os ensinamentos sobre a sabedoria com ainda outro versículo que fala sobre o “temor do Senhor”, o lema deste livro. Ver Pro. 1.7 quanto a uma nota de sumário a respeito, e ver no *Dicionário* o artigo chamado *Temor*. Quanto a como a *sabedoria transmite a vida*, ver Pro. 4.13. Quanto à *fonte da vida*, ver Pro. 10.11; 13.14 e 16.22. O temor do Senhor assegura *longevidade* (ver Pro. 3.2,16; 9.10,11; 10.27 e 15.24), visto que protege os homens dos ardis que conduzem à morte. Ver Pro. 10.2b; 11.4b; 13.14b. A fonte fala das águas que transmitem vida, que o homem bom bebe, sendo assim que ele vive. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Água*, quanto a detalhes sobre a metáfora. Ver João 4.14.

Sinônimo. Uma das maneiras que fazem o temor do Senhor ser a fonte da vida é que esse temor livra o homem dos ardis da morte. *Temor* envolve aqui a figura do caçador que cerca a presa para matá-la, e, para tanto, emprega redes, covas e armadilhas. É aqui mencionado qualquer tipo de perigo que inclua a desobediência à lei. Aben Ezra faz das armadilhas as obras das mãos de um homem perverso; mas outros intérpretes vêem essas armadilhas como as do diabo; ou as corrupções do próprio homem; ou as várias tentações, vícios e perversidades. A espiritualidade de um homem, pois, serve-lhe de proteção. Nenhum mal pode prejudicar o homem espiritual, e nenhum temor o assaltará.

14.28

Na multidão do povo está a glória do rei. Um rei bom goza do apoio de muita gente. Ele é bom e popular, por ter sido sempre benévolo. “O povo é a grande vantagem do rei. Mas, se não houvesse ninguém sobre quem reinar, seu elevado título e sua alta posição seriam inúteis. Um título pomposo sem nenhuma responsabilidade significativa atrairia pouco respeito” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Sem um bom rei, o mal operará sobre a terra, fazendo de muitos a sua presa, onde as riquezas se acumulam e os homens decaem.

(Fausset)

Antítese. Um rei que governe alguns poucos é um rei secundário, ainda que seja um monarca verdadeiro. A falta de uma multidão a quem governar destrói um príncipe, porque ele se torna inútil e supérfluo. Um rei precisa ter um reino cheio de súditos contentes, pois, caso contrário, tornar-se-á ridícula a idéia de um reino, no qual existam rei e súditos. Um rei precisa de súditos leais, pois do contrário seu reino logo será derrubado pela dissensão. A benevolência engendra a lealdade.

14.29

O longânimo é grande em entendimento. Este versículo é ligeiramente diferente do provérbio do vs. 17, exceto pelo fato de que aqui o homem é lento em

irar-se, contrastando com o homem precipitado e iracundo daquele versículo. O homem que não se ira com facilidade, que é dotado de autocontrole, é o sábio que conseguiu compreensão, mediante o estudo e a prática da lei, a fonte originária de todo o bem, para a mente dos hebreus. Quanto a ser paciente, ver Pro. 16.32 e 19.11.

Antítese. Esta linha métrica é, essencialmente, a mesma que a primeira linha métrica do vs. 17 deste mesmo capítulo. Uma ira fácil e imediata só pode terminar na insensatez. O homem iracundo exalta a insensatez, levantando-a bem alto como se fosse uma bandeira, para que todos a vejam, ao mesmo tempo que diz: “Esta bandeira me representa, o homem de ira fácil”. Ele eleva a voz para louvar a insensatez. A palavra hebraica envolvida é *rum*, “exibir”, isto é, elevar e mostrar, para efeito de exibição. Perder o autocontrole raramente é sábio, e fazer isso habitualmente é sinal de uma mente fraca.

O de ânimo precipitado. Literalmente, temos aqui uma expressão que quer dizer “espírito curto”, isto é, o homem de quem os relâmpagos da ira são emitidos precipitadamente e geralmente com pouco razão. O controle de tal homem tem pouco poder de direção. Ele pouco se controla, e sua ira é de longa duração.

14.30

O ânimo sereno é a vida do corpo. Literalmente, temos aqui, no hebraico, uma expressão que significa “coração de cura”, uma mente tranqüila, uma disposição saudável. O homem dotado de mente contente terá um corpo saudável, o que reconhecemos hoje em dia por meio dos estudos científicos. Cf. Pro. 3.8; 15.13,30; 17.22; 18.14 quanto a declarações semelhantes. O homem dotado de mente tranqüila é o homem bom e sábio, que adquiriu conhecimento e compreensão na lei. Os ímpios, por sua vez, vivem em turbulência, como as ondas do mar. Ver Isa. 57.20.

Antítese. A inveja destrói, agitando a mente e causando podridão nos ossos. A metáfora dos ossos é comum nos Salmos e em Provérbios. Os ossos representam o corpo, visto que são o arcabouço que sustenta o todo. Além disso, representam o homem em sua inteireza, e ossos saudáveis significam um homem saudável, ao passo que ossos enfermiços significam um homem físico e psicologicamente doentio. Ver Pro. 3.8 quanto a notas adicionais a respeito. Ver também Sal. 102.3 quanto a outras idéias acerca dos ossos. Emoções negativas fortes (entre as quais a inveja, mas, especialmente, o ódio) destroem a saúde do corpo e da alma. Essas emoções corrompem o homem e, assim sendo, o destroem. O ideal dos gregos era mente sã em corpo são, mas quando esse equilíbrio é perturbado, a sanidade tanto mental quanto física é perturbada. A mente perturba a chupa o tutano dos ossos (ver Pro. 12.4; 17.22).

Diz o Targum que “como opera a podridão na madeira, assim atea a inveja nos ossos”. A versão árabe diz aqui: “A traça corrói o homem pelo lado de dentro”.

14.31

O que oprime ao pobre insulta aquele que o criou. Tirar vantagem do homem pobre, a fim de oprimir-lo, é o mesmo que oprimir o Criador, uma falha gravíssima. Cf. Jó 31.13,15. “A influência dos profetas pode ser vista aqui sobre os sábios de Israel. A mesma idéia é expressa em Pro. 17.5; 19.1; 22.2; Jó 31.16. Quanto a esse nome da deidade, *Criador*, cf. Jó 4.17; 35.10; Isa. 51.13; 54.5; Sal. 95.6” (Charles Fritsch, *in loc.*). “Deus criou tanto o pobre quanto o rico (ver I Sam. 2.7; Pro. 22.2; Êxo. 4.11). O opressor do pobre, mediante palavras ou atos, persuade a si mesmo que Deus ou não quer ou não pode vindicar o pobre” (Fausset, *in loc.*).

Antítese. O homem que honra a Deus também honra e tem misericórdia do pobre, pois este faz parte da criação divina. O homem sábio e reto é bondoso para com o pobre: ver Pro. 14.21; 19.17; 28.27. Ver as notas expositivas detalhadas sobre o vs. 21 deste capítulo. Considere o leitor a história de John Woolman, contada ali, que serve de vívida ilustração do princípio envolvido neste versículo.

14.32

Pela sua malícia é derrubado o perverso. O indivíduo iníquo é um autoaniquilador e um autodestruidor, porquanto a sua iniquidade finalmente o lança por terra. Esta é uma prova da operação da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Este versículo subentende o ato de Deus na retribuição. Ele perturbará as circunstâncias da vida do homem mau, que sofrerá calamidades, enfermidades e morte prematura. Ver Pro. 6.15. Ver também Sal. 34.21. Como a palha, esse homem é impelido adiante dos ventos da retribuição divina. Ver Sal. 1.4.

Antítese. O homem reto, que seguiu caminho através da obediência à lei, encontra refúgio (Revised Standard Version) ou esperança (King James Version).

E, em tempo de tribulação, é salvo da morte pela intervenção divina. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Esse homem é salvo através de sua integridade (no hebraico, *behummo*, a bondade sã e essencial). Ele encontra “esperança na morte”, que parece dar a entender a idéia de sobrevivência diante da morte, uma luz minúscula e bruxoleante, na mente do mestre, de que o homem bom pode sobreviver à morte, por meio da alma, ou talvez, por ocasião da ressurreição. O autor sacro, porém, nos deixa hesitantes. Não entra em detalhes se isso é, realmente, o que ele quis dizer. A idéia da alma imaterial começou a surgir em cena nos Salmos e nos Profetas, não sendo impossível que tenhamos um vislumbre disso aqui. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Imortalidade*.

Deus é o refúgio do homem, porquanto é o doador da vida física e espiritual. Ver sobre *refúgio* em Pro. 14.26 e em Sal. 46.1. Ver também no *Dicionário* sobre esse termo.

14.33

No coração do prudente repousa a sabedoria. O interior do homem bom, o seu coração, é a residência da sabedoria, pois ali o homem preparou o seu caminho, adquirindo entendimento. A sabedoria é aqui personificada, talvez como a Senhora Sabedoria (ver essa figura simbólica em Pro. 1.20-23; 3.16-18; 4.3-6; 8.1-21; 9.1-6; 14.1). A boa senhora estava procurando um lar e o encontrou no coração do homem bom, pelo que ali fixou residência.

Antítese. Entretanto, a Senhora Sabedoria foge do coração do homem insensato. Não há espaço para ela. A iniquidade já mora ali; o homem já está possuído pelo mal. Esse homem mau já tem uma residente fixa em seu homem interior, em sua alma. Ele convidou a pessoa errada e sofrerá por sua má escolha. A falta de sabedoria permitiu que o homem ruim servisse de residência para a insensatez e o pecado.

14.34

A justiça exalta as nações. A retidão é produto do estudo e do seguir a lei de Moisés. A nação que assim fizer será exaltada. Esse soerguimento afetará todos os aspectos da vida nacional, em seu estado moral, em sua força de defesa e de ataque, e em suas riquezas materiais. Essa nação, tal como o sábio, prosperará; e essa nação prosseguirá, enquanto outras serão destruídas por exércitos invasores. Naturalmente, o autor sacro tem no fundo da mente Israel, o povo de Deus, como a boa nação, em contraste com as nações pagãs que não possuem a lei mosaica nem são exaltadas por essa legislação. Ver em Deu. 6.4 ss. sobre como a lei era o guia de Israel, e, em Deu. 4.4-8, sobre como a lei fazia Israel tornar-se uma nação distinta.

Antítese. O pecado é um opróbrio para qualquer povo, incluindo Israel. Mas o autor sagrado estava pensando, especificamente nas nações pagãs, em contraste com Israel. Essa reprimenda separa as nações condenadas para receber o julgamento e a retribuição divina, o oposto do que a boa nação deveria esperar com justiça. A palavra hebraica aqui usada, traduzida como opróbrio, é *hesed*. Mas para que esse termo obtenha tal sentido somos forçados a apelar para o aramaico, pois *hesed* significa “bondade”, “gentileza”, o que dificilmente se adapta a este contexto. A Septuaginta diz aqui “necessidade”, que segue o termo hebraico *heser*. “O pecado impõe necessidades às pessoas” (Oesterley, *in loc.*). “O pecado é a maldição e o escândalo do homem” (Adam Clarke, *in loc.*). A Septuaginta diz: “Os pecados diminuem as tribos”.

14.35

O servo prudente goza do favor do rei. Um rei não pode desincumbir-se sozinho de seus deveres. Precisa, portanto, de muitos ministros. Alguns desses ministros serão bons, outros serão maus; alguns serão diligentes, outros serão preguiçosos; alguns cumprirão direito os seus deveres, ao passo que outros se descuidarão no cumprimento do dever. Aqueles que se mostrarem positivos em todos os aspectos de seu trabalho serão recompensados pelo favor real. Continuarão ocupando seus ofícios, receberão deveres ainda mais elevados e prosperarão. Naturalmente, o servo bom é o homem sábio, que estuda a lei e a segue na vida diária, bem como na carreira profissional. Um rei procurará tais homens para que o sirvam.

John Gill (*in loc.*) cristianizou o versículo ao comentar como segue: “... é assim que Cristo, o Rei dos reis, mostrará favor a Seus servos sábios e fiéis (ver Luc. 12.42-44)”.

Antítese. Os servos perversos e preguiçosos fazem uma nação inteira cair em dificuldades. Eles envergonham o país e seu rei e, por sua vez, eles mesmos são envergonhados. A ira do rei cai sobre eles, porquanto é isso o que merecem. Quanto à idéia de *vergonha*, ver também Pro. 10.5; 19.26 e 29.15.

É objeto do seu furor. “Furor”, aqui, é tradução do termo grego *‘ebrah*, que subentende uma explosão de ira que prejudica em grande grau aquele que a recebe. “A maior parte das guerras é ocasionada por maus ministros, homens sanguinários, que não sabem sentir-se felizes, a não ser que desenrolem o espírito da discórdia. Que todo coração humano ore desta maneira: ‘Senhor, espalha o povo que se deleita na guerra!’” (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Luc. 12.45-48.

Capítulo Quinze

Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 14 e 15. Apresento uma introdução à seção de Pro. 10.1 – 22.16 (a primeira coletânea dos provérbios de Salomão) em Pro. 10.1.

15.1

A resposta branda desvia o furor. Mais de cem provérbios referem-se ao uso próprio e impróprio da linguagem. Ver Pro. 4.24, cujas notas expositivas incluem referências extraídas do livro de Salmos, onde a questão também é um tema importante. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Linguagem, Uso Apropriado da*. Em Pro. 11.9,13 apresento notas de sumário que incluem ilustrações sobre esse assunto.

O uso apropriado da linguagem deve, necessariamente, incluir a resposta branda, que mostra a moderação de quem fala, e apaga as chamas da ira do seu oponente. Cf. o vs. 23 deste mesmo capítulo; e ver também Pro. 24.26 e 25.15. “Falando de modo geral, podem-se discernir cinco orientações principais no tratamento da linguagem correta: gentileza; cortesia na resposta; sabedoria nos princípios e instruções orientadores; ou, conforme o caso possa exigir, o simples silêncio, que é a melhor resposta em alguns casos; e cautela (que recebe a maior parte da atenção)” (Oesterley, *in loc.*, com adaptações). A resposta branda é uma demonstração de bondade e sabedoria. E também é cautelosa.

Antítese. O homem precipitado, que não se mostra moderado em sua fala, que não é bondoso, que não é sábio, que não é cauteloso, despertará ira com as suas palavras, e isso terminará em conflitos prejudiciais, lutas e até violência. Cf. Tia. 3.2 ss. Ele falará palavras duras (no hebraico, *‘eṣebh*, literalmente, palavras de dor). Onde palavras que ferem foram pronunciadas, só pode haver perdedores. Ver os exemplos do Antigo Testamento quanto a isso, bem como a ruína que essas palavras precipitadas trazem, em Juí. 12.1-4; I Sam. 25.10,11,21,22; I Reis 12.13,14.

15.2

A língua dos sábios adorna o conhecimento. O sábio tem conhecimento, e a sua linguagem reflete precisamente isso. Ele fala com autoridade, confiança e justiça. Ele edifica, em lugar de derrubar. Dá bons conselhos e envergonha o idiota que só abre a boca para dizer coisas insensatas. Ele “traz à tona o seu conhecimento, no tempo e no lugar apropriados” (Ellicott, *in loc.*).

O homem bom tira do tesouro bom cousas boas, mas o homem mau do mau tesouro tira cousas más.

(Mateus 12.35)

O que fala corretamente, dentro do contexto do livro de Provérbios, é o homem que aprendeu da lei e aplica o que aprendeu a cada setor de sua vida, incluindo seu falar.

Antítese. Em contraste, o insensato é como uma fonte de tolices, papagaiando e espumando. Sua fala é, no mínimo, inútil e, em seu pior aspecto, destrutiva. Esse é o homem que não estudou a lei e não está interessado nas declarações da sabedoria, que a fomentam e interpretam. “Ele tagarela à vontade, sem fazer escolha das suas palavras; e fala de modo confuso, copioso, rapidamente, como se fosse uma fonte a borbulhar; mas o que ele diz tem pouca substância” (Fausset, *in loc.*).

15.3

Os olhos do Senhor estão em todo lugar. Deus é aqui pintado como se fosse um homem postado em sua alta torre de vigia, armada lá nos céus, olhando constantemente e observando tudo que todos os homens fazem, pois Ele é o Deus que tudo sabe e a tudo vê. Vendo o bem que está sendo feito, Ele recompensará o benfeitor; e, vendo o mal que é praticado, Ele punirá o culpado, pois somente isso satisfará a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Temos aqui um único provérbio composto de duas linhas sinônimas, o que contrasta com o tipo antitético usual. Os olhos de Deus buscam;

Ele vê e compreende tudo; e então aplica Sua providência positiva ou negativa, conforme o caso. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*. O autor, apanhado no dilema da linguagem humana, usa uma forte expressão antropomórfica, conferindo a Deus atributos humanos. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Antropomorfismo*. Portanto, Deus é aqui apresentado como quem tem “olhos”, porque entendemos expressões como essa, mas ficamos confusos diante de teologias abstratas.

Deus é o vigia do universo, o que representa o *Teísmo*, em contraste com o *Deísmo* (ver sobre ambos os termos no *Dicionário*). O Criador continua presente em Sua criação, recompensando, punindo e intervindo (teísmo). Ele não abandonou Sua criação ao governo das leis naturais (deísmo). Quanto à *onisciência de Deus*, Cf. Pro. 5.21 e Heb. 4.13. Ver sobre os “olhos do Senhor”, em II Crô. 16.9. Ver também Jer. 16.17; 23.23,24; Gên. 15.16 e Sal. 34.15,17. A criação inteira de Deus é a cidade de Deus, sobre a qual Ele mantém vigilância.

15.4

A língua serena é árvore de vida. Novamente, o autor sagrado retorna ao uso próprio e impróprio da língua. Há cerca de cem provérbios, neste livro, que falam sobre o assunto. Ver as notas de sumário em Pro. 11.9,13. Além disso, ver no *Dicionário* o verbete chamado *Linguagem, Uso Apropriado da*.

Língua serena. Diz aqui o hebraico, literalmente: “a cura da língua”, ou seja, palavras que tendem para a cura e a harmonia, e não para a dissensão e a confusão. A língua que cura é *árvore de vida*. Quanto a essa figura simbólica, ver também Pro. 3.18; 11.30 e 13.12. A sabedoria transmite vida (Pro. 4.13; um dos temas principais do livro), e sua filha, a linguagem sábia, compartilha da propriedade de transmitir vida. A boa árvore produz frutos deliciosos e nutritivos, e outro tanto fazem as palavras bem escolhidas e gentis. A alusão, como é claro, é à árvore da vida que havia no paraíso. Um homem pode criar um paraíso na terra para todos os que vivem próximos dele, se observar uma linguagem gentil e instrutiva, originada de um coração sábio. Toda essa fala baseia-se no aprendizado da lei, a fonte originária da sabedoria e da vida.

Antítese. Em contraste, o homem que fala de modo precipitado e duro produz uma quebra no espírito tanto de quem falou como de quem ouviu, e o meio ambiente do homem sofre uma derrocada geral. A perversidade na fala e na vida diária esmaga as pessoas. Pensemos em como o protestantismo tem-se dividido pela linguagem abusiva e pela discussão dogmática, em que cada facção pensa ter esses dogmas corretos de alguma maneira especial. Quanto à fala e aos atos que quebram as coisas e as condições, ver Pro. 15.13; 17.22 e 18.14. “Uma linguagem impura, sem castidade, sem caridade e corrupta prejudica o espírito dos homens; comunicações más corrompem o coração e as maneiras, contaminando a alma... a doutrina falsa e doentia corrói como o câncer... trazendo aflição e desespero” (John Gill, *in loc.*).

15.5

O insensato despreza a instrução de seu pai. Ver Pro. 13.1, que contém um provérbio muito semelhante ao deste versículo. O pai, neste caso, é o pai biológico, o primeiro professor do filho. Mas o menino também tem pais, ou seja, líderes espirituais, que tentarão reforçar as instruções recebidas em casa. Mas o filho insensato rejeitará tudo isso e voltar-se-á para seu caminho perverso. Ver Pro. 13.24, cujas notas expositivas também se aplicam aqui.

Antítese. Em contraste, existe o filho bom que também se tornará um homem sábio. Esse ouvirá seu pai natural, e também ouvirá seus pais espirituais. É uma pessoa aberta à instrução. Ele mesmo tomar-se-á estudioso da lei. É um homem prudente e compreensivo. Segue as declarações da sabedoria e produz, ele mesmo, algumas dessas declarações. Ele é esperto, no bom sentido (ver Pro. 19.25). Quanto aos atos do sábio ou do filho sábio, ver Pro. 12.1; 13.1,13,18.

Este versículo tem sido cristianizado para falar das sábias instruções dadas aos homens através do evangelho de Cristo, onde se encontram as fontes da vida e da morte (II Cor. 2.16).

15.6

Na casa do justo há grande tesouro. Quando ainda não havia bancos nem cofres, que guardam valores com segurança, os homens guardavam seus tesouros nas próprias casas ou então os enterravam no solo. O homem bom e sábio prospera, pelo que oculta seus tesouros em casa. Ele é recompensado por sua bondade com riquezas materiais, uma doutrina padrão no Antigo Testamento e certamente um ensino próprio da literatura de sabedoria. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sabedoria*, seção III, *Literatura de Sabedoria*. O livro de Provérbios encontra-se entre esses escritos. Cf. as riquezas por meio da bondade, em Pro. 3.16; 8.18,21; 14.24 e 22.4. Esta primeira linha do presente provérbio tem sido espiritualizada para significar as riquezas da alma, que se derivam da vida

virtuosa. E tem sido cristianizado para significar as riquezas da salvação que nos chega de Cristo, que é a nossa sabedoria (ver I Cor. 1.30). A tese que diz que a virtude é igual à prosperidade tem muitas exceções, mas isso não quer dizer que seja inútil.

Antítese. Em contraste, o homem mau não terá permissão de ser próspero nem de juntar tesouros em sua casa. Porém, se ele conseguir fazer isso por meios desonestos e violentos, eventualmente acabará perdendo o que juntou. Em seus esforços por ganhar dinheiro, esse homem nada obterá senão tribulações. Ver Pro. 1.19 e 10.2 quanto a declarações similares. Toy (*in loc.*) emenda a palavra hebraica, *ne'kareth*, que literalmente significa “coisa perturbada”, para *nikhrath*, “cortado”, que diz que o homem insensato sofrerá morte prematura, tornando inúteis as riquezas ganhas desonestamente. “... a derrubada de suas rendas, que está prestes a ocorrer e já se acha presente em forma germinal” (Fausset, *in loc.*). Ver o vs. 27 e ss. O homem ganancioso perturba a própria casa, por haver obtido desonestamente ou ilegalmente seu ganho.

15.7

A língua dos sábios derrama o conhecimento. O homem sábio fala sobre a abundância da sabedoria de seu coração, onde guardou os ditames e promessas da lei de Moisés, conforme ela é fomentada e interpretada pelas declarações da sabedoria. Sua fala é saudável e propaga conhecimento. Ele é como um bom agricultor que sai a semear. Existem cerca de cem provérbios neste livro que descrevem o uso apropriado e impróprio da linguagem. Ver Pro. 11.9 e 13 quanto a detalhes e referências, além de ilustrações. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da*.

Antítese. O insensato, em contraste, não é um bom agricultor; ele não semeia a boa semente. Se falar, fará vir à tona a insensatez que está em seu coração. Ele não recebeu instruções na lei de Moisés e não a ensina a outras pessoas. Ele é seu próprio ridículo manual. “Quando o manancial se resseca, como poderiam os canais fluir com águas da vida?” (Fausset, *in loc.*, mudando a figura, embora dizendo a mesma verdade). Cf. Pro. 15.2, onde vemos o insensato a verter para fora de si a sua insensatez, como se fosse uma fonte borbulhante de nada.

15.8

O sacrifício dos perversos é abominável ao Senhor. O homem hipócrita ou semipiedoso, o homem corrupto que tem alguns sentimentos religiosos, podia fazer uma oferenda no templo ou realizar algum ato particular de devoção, mas, se ele assim fizesse, estaria praticando algo abominável aos olhos de Deus. Ver Pro. 11.1 quanto ao verbete *Abominação*. Vemos o espetáculo da adúltera a oferecer a seu “convidado” os restos de um sacrifício que ela fizera anteriormente (ver Pro. 7.14). Não há muitas referências a sacrifícios no livro de Provérbios, mas há um número suficiente delas para sabermos que, quando esse livro foi escrito, os sacrifícios ainda faziam parte da piedade externa dos hebreus. Ver também Pro. 17.14; 21.3,27. “Sacrifícios desacompanhados da retidão não são aceitáveis ao Senhor, de acordo com os profetas e os sábios (cf. Amós 5.22). Os sábios reconheciam a importância do ritual, mas não a salientavam” (Charles Fritsch, *in loc.*). Ver outra referência a uma abominação, no vs. 9. Quanto à ausência de valor dos sacrifícios, sem a obediência, ver I Sam. 15.22.

Antítese. A oração do homem bom é um deleite para o Senhor, e podemos supor que isso represente os exercícios espirituais dos quais ele se ocupa. Em consonância com a ausência de ênfase sobre os ritos, o autor sacro não nos diz que os sacrifícios feitos pelo homem bom são um deleite para Deus, mas, antes, os seus atos pessoais e espirituais de devoção é que Lhe agradam. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Oração*. Que motivo temos aqui para a oração! Deus observa e se deleita nela, pelo que certamente dará uma resposta favorável aos pedidos que Lhe fizermos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do*.

Sobre o ódio de Deus aos sacrifícios oferecidos pelos ímpios, ver também I Sam. 15.22; Isa. 1.11; Jer. 7.22; Amós 5.22. “O oferecimento de sacrifícios, sendo um ato externo, mesmo quando feito pelo homem bom, não é substituto à altura para uma vida de retidão, que Deus, como é óbvio, ama” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Cf. a segunda linha deste versículo com as Escrituras seguintes: Sal. 9.12; 102.17; Can. 2.14 e Luc. 18.11-14.

15.9

O caminho do perverso é abominação ao Senhor. Em primeiro lugar, aprendemos que os sacrifícios oferecidos pelos ímpios são abomináveis aos olhos do Senhor (vs. 8) e agora vemos que os caminhos dos ímpios também o são. Ver Pro. 11.1 quanto à *abominação*. Quanto à *metáfora da vereda*, ver Pro. 4.11. Quanto aos *caminhos do justo contrastados com os caminhos dos ímpios*, ver Pro. 4.27. O ímpio não avança em conformidade com a lei; ele não tem bom

senso nem entendimento, e também não conhece a prudência. Poderia ser um cidadão da nação de Israel, mas andava como pagão. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Andar*. O seu caminho é o caminho da violência, dos vícios e de pecados variegados, pelo que também é um caminho abominável. Ele pode acreditar teoricamente na existência de Deus, mas é um ateu praticante (ver Sal. 14.1).

Antítese. Deus ama o homem bom, que avança pelo caminho por Ele designado, a saber, em obediência à lei de Moisés, o manual seguido por todos os bons israelitas. Foi mediante a obediência a essa lei que Israel se tornou uma nação distinta (ver Deu. 4.4-8). Essa lei é o guia de todo verdadeiro israelita (ver Deu. 6.4 ss.). O homem bom segue a retidão, “... não de modo superficial ou ocasional, mas envidando todo o esforço em busca da retidão, como o grande objeto de sua busca” (Fausset, *in loc.*). Cf. Fil. 3.12 ss.

“Embora a perfeição não possa ser atingida nesta vida, a alma graciosa pressiona atrás dela, e isso é agradável aos olhos de Deus” (John Gill, *in loc.*).

15.10

Disciplina rigorosa há para o que deixa a vereda. Severa disciplina (Revised Standard Version) deve ser aplicada ao homem que esqueceu a vereda da retidão, ou seja, o caminho requerido pela lei, que dá sabedoria. Calamidades ferirão esse homem, e então ele morrerá de morte prematura, ou de morte violenta, ou ambas. A segunda linha métrica, levando avante a idéia, identifica o ato de Deus em tais casos. Nos vs. 10-12, a segunda linha expande a primeira. Isto é, esses provérbios têm segundas linhas que são sinônimas, em contraste com as linhas antitéticas usuais.

Sinônimo. Que o leitor medite sobre estes dois pontos:

1. A segunda linha poderia significar que aqueles que rejeitam a disciplina severa (algo que só perde para a morte, quanto à severidade) sofrerão então morte violenta ou prematura. Esses serão considerados casos sem esperança.
2. Ou então a segunda linha define a primeira: uma disciplina rigorosa significa a morte violenta e/ou prematura. Seja como for, não há aqui idéia alguma de julgamento no além-túmulo, naquilo que poderia ser chamado de morte, como a segunda morte. As versões da Septuaginta e árabe dizem aqui “morte vergonhosa”.

15.11

O além e o abismo estão descobertos perante o Senhor. Esta comparação processa-se do maior para o menor. Deus, que tudo sabe, tem abertos, à Sua frente, o *sheol* e o *abaddon*, e, portanto, muito mais aberto está o coração dos homens, a coisa menor e mais fácil de fazer. O *sheol* é o *abaddon* (destruição). Ver sobre ambos os termos no *Dicionário*. Ver também ali, sobre *hades*. Em Apo. 9.11, *Abaddon* é o nome do anjo do abismo. A doutrina do *sheol* passou por um longo processo de crescimento, e não podemos estar certos, em todos os casos, de exatamente em qual estágio algum autor específico se encontrava quando escreveu o seu versículo. A maior parte das referências do livro de Salmos ao *sheol*, por exemplo, refere-se apenas à morte física, ao sepulcro. Talvez Sal. 88.10; 139.8 e 148.7 contemham um estágio mais avançado desse conceito. Ver Pro. 2.18, que poderia significar algo mais do que o sepulcro, mas ali muitos intérpretes vêem apenas a ameaça de morte prematura. Pro. 5.5 parece conter uma declaração paralela à morte e ao *sheol*. Ali ofereço um breve sumário dos estágios do desenvolvimento dessa doutrina. A gloriosa doutrina do Novo Testamento é que Cristo teve uma missão de misericórdia no *hades*, tendo levado o seu evangelho aos espíritos ímpios que ali habitavam. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo de nome *Descida de Cristo ao Hades*. Ver I Ped. 3.18-4.6.

Há aqui algum avanço na doutrina do *sheol*, no próprio fato de Deus ser retratado a observar aquele lugar. Cf. Jó 26.6 e Sal. 139.8. Visto que havia alguém para observar, então talvez o autor pensasse que o lugar envolvia mais do que o sepulcro. Nesse caso, permanecemos hesitantes, sem saber qual “extra” o escritor sagrado pode ter tido em mente. Fazer do *sheol* uma referência geral ao submundo dos espíritos, e do *abaddon* o compartimento do sofrimento, certamente é um anacronismo.

Sinônimo. Se Deus conhece tudo sobre o misterioso *sheol*, então conhecer o coração dos homens (sejam eles bons ou maus) é tarefa fácil para a mente divina. Conhecer os homens e seus caminhos permite que Deus os recompense ou castigue apropriadamente, sem arbitrariedade. A *onisciência* (ver a respeito no *Dicionário*) garante um julgamento justo, seja nesta vida, seja na vida além-túmulo. Os “esquecedores do caminho” (vs. 10) certamente serão chamados a prestar conta. Mas Deus não esquecerá os retos. Esses serão abençoados e galardoados; viverão vida longa e próspera e alcançarão a vida eterna (embora o autor deste provérbio provavelmente não estivesse antecipando tão avançada doutrina). Portanto,

*Estás vindo ao Rei,
Traz grandes petições.
Sua graça e poder são tais
Que nunca podes pedir demais.*

(John Newton)

15.12

O escarnecedor não ama àquele que o repreende. Além de não ouvir a repreensão, o escarnecedor não gosta daquele que o repreende. De fato, conforme já sabemos bem, ele o odeia. O sábio, em contraste, gosta de ser corrigido, porque isso o ajuda a obter mais sabedoria. Cf. Pro. 15.31. A correção vem da lei, que é o guia (Deu. 6.4 ss.). E esse guia orienta os homens para a vida (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). O zombador, porém, não se deixa ensinar. Isso é parte de sua insensatez, de seu estilo de vida. Cf. Pro. 1.22 quanto ao escarnecedor. A Vulgata faz o homem mau não gostar da instrução e odiar o instrutor. Cf. Amós 5.10. Esse homem "zomba da religião; escarnece da piedade e dos piedosos; trata do evangelho e de seus ministros com desprezo; zomba dos homens bons e de tudo quanto é bom; é um indivíduo pestilento" (John Gill, *in loc.*).

Sinônimo. Naturalmente, com seu problema de atitude, ele não se dirigirá aos sábios em busca de conselhos que poderiam exigir-lhe mudança de rota. Em contraste, aquele que está aprendendo a ser sábio, por meio das instruções da lei, fomentada pelas declarações da sabedoria, manterá convivência com os mestres, a fim de poder beneficiar-se. A Septuaginta diz que os homens maus não estão "com os sábios", ou seja, não desfrutam de sua companhia. A zombaria do homem faz parte de sua vida insensata. Ele não tem sabedoria suficiente para alterar isso. O homem mau não frequenta a casa do homem sábio; nem vai à sinagoga para ouvir alguém falar; muito menos comparece à escola dirigida por um sábio. Ele jamais se tornará discípulo de um sábio para aprender a lei.

Aborreceis na porta ao que vos repreende, e abominais o que fala sinceramente.

(Amós 5.10)

15.13

O coração alegre aformoseia o rosto. Três versículos falam sobre o coração: um coração feliz (vs. 13); um coração entendido (vs. 14); um coração alegre (vs. 15). Ver Pro. 4.23 quanto ao *coração*, bem como o artigo do *Dicionário* sobre esse tópico. Quando um homem tem um coração feliz, essa felicidade brilha em seu rosto. A alegria interior é como um fogo que não pode ser contido. "Há uma simpatia entre o corpo e a mente, pelo que uma mente feliz se reflete na expressão da fisionomia" (Fausset, *in loc.*). O autor não nos diz por que esse homem se sente feliz, nem por que o seu rosto resplandece, mas podemos presumir que ele tenha obtido prosperidade e bem-estar, ao obedecer à lei. Ele é um homem abençoado por Deus; tem boa saúde, prosperidade e esperanças quanto ao futuro.

Este versículo tem sido cristianizado para referir-se ao homem feliz cujos pecados foram perdoados por meio da missão de Cristo, e que, por esse motivo, tem a alegria do Senhor em seu coração.

Antítese. Em contraste, temos o homem de coração partido, cuja fisionomia revela tristeza. Seu espírito é quebrado por causa de suas cargas. Cf. Pro. 12.25. Não somos informados por que esse homem se sente tão perturbado, mas presumimos que ele tenha sido julgado por seu caminho desviado, sentindo os golpes do chicote divino. "Cada gemido profundo lança uma porção de energia vital" (Adam Clarke, *in loc.*). Quanto ao espírito esmagado, Cf. Pro. 15.4; 17.22 e 18.14.

A tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte.

(II Coríntios 7.10)

Talvez seja um erro espiritualizar este versículo. É possível que ele seja uma observação sobre como operam a alegria e a tristeza, sem entrar em razões possíveis para esses estados de alma. "Felicidade e depressão são questões do coração. O que uma pessoa é internamente tem impacto mais duradouro em seu estado emocional do que o fluxo das circunstâncias. Algumas pessoas suportam mais as circunstâncias difíceis do que outras, porque têm mais força interior" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

15.14

O coração entendido procura o conhecimento. Topamos agora com o coração capaz de discernir. Ver sobre essa qualidade em Pro. 1.2. Ver sobre

coração em Pro. 4.24, e consultar o artigo do *Dicionário* com esse título. O homem que estuda e pratica a lei tem discernimento e aplica a sua sabedoria na vida diária. O homem bom, sem importar quão sábio é, nunca se satisfaz com as suas realizações pessoais. Pelo contrário, continua a buscar o conhecimento, o que significa continuar a aprender mais e mais sobre a lei e sobre as declarações da sabedoria que a fomentam e interpretam. Quanto a uma busca constante pelo conhecimento, ver Pro. 18.15; 19.25 e 21.11. Os hebreus não estavam muito interessados no conhecimento científico e tecnológico e nunca se tornaram muito eficientes nisso. Mas eram mestres no conhecimento moral, cerimonial e ritual que se expressa nas regras intermináveis alicerçadas sobre a lei mosaica. Eles tinham experiências místicas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Misticismo*. O ponto forte deles era a erudição na lei, o viver a lei, a redução de tudo à lei. O autor do Salmo 119 criou 166 declarações relativas à lei. Para conseguir esse número fantástico, ele teve de empregar um bom número de repetições, ditas de maneiras levemente diferentes, mas mesmo assim isso ilustra o fanatismo do povo judeu em relação à lei mosaica. A literatura de sabedoria está evadida de declarações, muitas delas práticas, destinadas à vida diária, mas a base de tudo é a lei de Moisés. O judaísmo posterior terminou tendo mais de 600 mandamentos específicos (negativos e positivos), que um israelita precisava obedecer.

Antítese. Em contraste com o sábio que é cheio de entendimento, consideremos o insensato, cujo papagaiair insensato mostra que lhe falta sabedoria. Ele se parece com uma vaca a pastar, mas a sua grama se compõe de insensatez. Tal como a vaca, ele se contenta com o seu alimento (a insensatez). Cf. Pro. 15.2,21. "O insensato, estúpido e insensível (no hebraico, *kesil*) é apropriadamente retratado como um animal que ruma a sua insensatez" (Charles Fritsch, *in loc.*). "... conversas e gracejos tolos; questões não aprendidas; doutrinas tolas e falsas; concupiscências prejudiciais; preocupação com vento e com cinzas; prazeres e satisfações carnis: eles se alimentam dessas coisas" (John Gill, *in loc.*).

15.15

Todos os dias do aflito são maus. O homem aflito passa todos os dias em aflição. Sua dor nunca diminui. Os 'anís, os oprimidos, os aflitos, literalmente são os "encurvados", os "humídes", os "necessitados", conforme se vê em Pro. 14.21. Essas aflições podem ter como causa infrações morais, ou o autor estava simplesmente fazendo uma observação sobre os enfermos crônicos, os aflitos, os pobres miseráveis. Algumas pessoas, sem razão aparente, estão sempre inclinadas sob tribulações e tristezas, pobreza e necessidades. Isso tudo faz parte do *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*). Por que os homens sofrem, e por que sofrem conforme sofrem? A resposta padronizada "Estão pagando por seus pecados" nem sempre está correta. Há também o caos e perturbações inexplicáveis. No sofrimento há enigmas. As pessoas sofrem sob o mal moral (derivado da má vontade do homem para com os seus semelhantes); e também sofrem sob o mal natural (abusos da natureza, inundações, terremotos, incêndios, enfermidades e a morte). E nem sempre podemos discernir a razão desses males.

Antítese. Em contraste, há pessoas que vivem festejando e regozijando-se. Vivem de coração alegre porque o céu está sempre azul para elas. As nuvens tempestuosas não se juntam sobre sua cabeça. Novamente, não sabemos se o autor sagrado estava falando de pessoas que mereciam tais bênçãos, por causa de sua sabedoria e bondade, ou se ele estava meramente observando o que acontece "no mundo". "A alegria e o contentamento expõem as tristezas externas, a pobreza etc. (Eclesiastes 9.7)" (Fausset, *in loc.*, que vê homens oprimidos felizes em meio às suas dificuldades, porquanto têm o coração cheio de alegria, e assim vencem as circunstâncias externas).

15.16

Melhor é o pouco havendo o temor do Senhor. O autor sagrado agora reconhece que o homem bom pode ser alguém relativamente pobre. Embora sábio e temente a Deus (ver Pro. 1.7), esse homem tem pouco. A bondade nem sempre resulta na prosperidade. Nesses casos, o homem relativamente pobre contentar-se-á por ser abençoado em um nível aceitável e também por ter suas qualidades de alma para consolá-lo. Ele conhece e segue a lei; ele tem a espiritualidade típica do Antigo Testamento (o temor do Senhor). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Temor*, bem como as notas adicionais em Pro. 1.7 e Sal. 119.38. E isso, por si mesmo, já é um grande tesouro. Ademais, tal homem vive contente e não teme nem os homens nem as circunstâncias. Cf. Pro. 1.8, trecho bastante similar a este, exceto pelo fato de que a retidão substitui o temor do Senhor. Ver também Pro. 16.16.

Antítese. Em contraste, o homem que possui muitos recursos materiais pode ser uma pessoa miserável. As personalidades criminosas andarão à cata dele; ele terá de viver sempre ocupado em aumentar e preservar o que tem; a sua vida será agitada por pessoas que aparecerão querendo parte de suas riquezas como contribuições para alguma causa, boa ou má. Ele experimentará o "tumulto"

(hebraico literal). A lição aqui é que as riquezas espirituais são superiores às riquezas materiais. As espirituais nos trazem contentamento; as outras, inquietação. O autor sacro não parece estar entrando nas razões morais daquilo que ele acabara de descrever. O rico não se sente vexado somente por haver obtido seu dinheiro desonesto e/ou ilegalmente. Isso pode ser verdade, mas não parece ser o que o autor sagrado queria dar a entender. Se, normalmente, a idéia dos hebreus era que a bondade naturalmente leva à prosperidade, o autor sagrado reconhecia que as riquezas materiais podem ser uma maldição, e não uma bênção divina.

15.17

Melhor é um prato de hortaliças, onde há amor. Um homem pobre pode não possuir um único animal. Ele é um agricultor relativamente pobre, um agricultor com pouco sucesso. Pode almoçar legumes, coisas essas que colhe da natureza ou de sua própria plantação humilde. Mas em sua família predomina o amor, um por todos e todos por um. Isso é muito melhor do que ter continuamente bifés no almoço, em meio ao ódio e à contenda. As riquezas, embora desejáveis, nem sempre compram a felicidade, embora a pessoa se sinta mais confortável em sua miséria. O verdadeiro amor, naturalmente, é a qualidade divina que faz o homem pobre sentir-se rico. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor*, quanto a notas expositivas completas, com citações e poemas ilustrativos.

O almoço de um homem pobre é o “lanche dos viajantes”, conforme diz a palavra hebraica por trás dessa tradução. Ou seja, está em pauta uma refeição de pequeno volume, arranjada para uma viagem rápida. O homem pobre, pois, sempre conta com esse tipo de refeição, mesmo quando não está viajando.

Antítese. Em contraste, temos a considerar os banquetes suntuosos dos abatidos, que têm como prato principal a carne do boi cevado, ou seja, o animal que foi conservado confinado, recebendo muita alimentação, a fim de engordar para ser então abatido para o banquete. No entanto, os banquetes do homem rico podem estar misturados ao ódio e à contenda. Ele está em eterna competição com os seus convidados, que não nutrem amor por ele. Em sua própria família, aquilo que é realmente importante, o amor, está em falta. Portanto, ele se encontra em um pobre estado de alma, nas suas circunstâncias, a despeito de suas riquezas. Cf. esse provérbio com Pro. 17.1, uma passagem virtualmente igual a esta.

O amor torna suportáveis as circunstâncias difíceis. Mas o ódio torna insuportáveis as circunstâncias do homem abastado.

15.18

O homem iracundo suscita contendas. Este provérbio é similar aos provérbios que se acham em 14.17,29 e 15.1 deste livro. O homem que habitualmente se ira reflete isso em suas palavras, que são duras e cortantes. Com uma linguagem perversa e atos cruéis, ele suscita a contenda, como se fosse uma bebida fermentada venenosa que ele prepara para si mesmo e para outras pessoas. O “homem de calor” (hebraico literal) está sempre esquentando o seu meio ambiente. Cf. expressões similares em Pro. 15.16,17,29; 19.19; 22.24. Os homens de calor, pois, são insensatos que vivem ao rubro. Eles promovem contendas e vivem em meio à dissensão. As pessoas não querem devotar-lhes amizade. Custa muito estar por perto deles. A dissensão que esse homem desperta (ver Pro. 6.14,19; 10.12; 16.28; 28.25; 29.22) é contínua.

Antítese. Em contraste, o homem que sabe controlar a si mesmo é capaz de apagar as chamas da contenda. Cf. Pro. 17.27 e 19.11. As palavras e os atos desse homem servem de pacificadores, pelo que o homem é abençoado (ver Mat. 5.9). Ver também Tia. 1.19. O homem paciente e de ânimo temperado pacifica aquilo que os ímpios agitam.

15.19

O caminho do preguiçoso é como que cercado de espinhos. O homem preguiçoso permite que os espinhos cubram o seu caminho e, assim, sente-se constantemente vexado por eles. Mas ele é por demais preguiçoso para limpar o caminho dos espinhos. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Preguiça* e *Preguiçoso*, e cf. com Pro. 6.6, onde há notas de sumário sobre o tema da preguiça, conforme o livro de Provérbios. Ver também Pro. 22.5. Esse versículo, além de ter a vereda do homem preguiçoso coberta de espinhos, também a apresenta como cheia de covas e armadilhas. O homem cultiva esse tipo de vida por sua inação e em breve se vê avassalado por tribulações, obstáculos e ansiedades, tudo autoinfligido. Quanto à *metáfora da vereda*, ver Pro. 4.11; quanto ao *contraste entre o caminho do homem bom e o caminho do homem mau*, ver Pro. 4.27. Ver também Pro. 19.24.

Antítese. Em contraste, o homem diligente prepara um belo caminho asfaltado para viajar, e com seu labor remove dele todos os obstáculos. Ele dispõe de um caminho nivelado, literalmente, um caminho “levantado”, feito por meio do

soerguimento de baixadas e da remoção de obstáculos. Cf. Jer. 18.15; Isa. 40.3; 49.11; 57.14. Ver também Pro. 4.26. “A retidão remove do caminho as dificuldades e, mediante ações freqüentes, forma hábitos próprios, como um caminho plano e bem percorrido, de modo que desapareçam dali as pedras de tropeço. Ver Sal. 119.165” (Fausset, *in loc.*).

15.20

O filho sábio alegra a seu pai. Este provérbio é praticamente idêntico a Pro. 10.1, exceto pelo fato de que aqui temos as fortes palavras “mas o homem insensato despreza a sua mãe”, em vez de simplesmente entristecê-la com seus atos treloucados. Ver as notas expositivas ali. A primeira linha métrica é igual. Aqui, pai e mãe são os progenitores biológicos, os primeiros professores do menino. As instruções ministradas são então continuadas pelos seus pais espirituais. A lei é o livro de texto de ambos. Os vss. 20 e 21 falam do impacto da sabedoria ou da insensatez na vida e no lar de uma pessoa. O amor, em um lar, traz paz (vss. 16 e 17), e a obediência traz alegria aos pais. Por outra parte, a insensatez é uma espécie de ódio contra a própria mãe, pois tende a destruí-la. Isso faz a vida de uma mãe que tem um “filho como aquele” ser uma vida miserável e repleta de vergonha. Essa ousada declaração nos apresenta a antítese da declaração.

15.21

A estultícia é alegria para o que carece de entendimento. O indivíduo insensato aprecia sua vida de desvios. Essa é a sua alegria. Algumas pessoas chegam mesmo a gloriar-se em sua vergonha (ver Fil. 3.19). A insensatez tem um sentido ético. O insensato envolve-se em toda espécie de atos pecaminosos, e alguns desses atos redundam em alegria para o insensato. Cf. Pro. 6.32 e 10.13. Ver também os vss. 13, 23 e 30 do presente capítulo, que servem para contrastar tipos de alegria. “A insensatez é demonstrada nas oportunidades dilapidadas e na comissão do mal (ver Pro. 10.23), ao passo que o homem de compreensão dirige o seu caminho em consonância com a vontade de Deus” (Ellicott, *in loc.*). O insensato, como é natural, é o homem que não aprendeu a lei, e o pouco que conhece a respeito, ele não coloca em prática. O insensato é um ateu praticante, embora possa ter um conceito teórico de Deus. Ver Sal. 14.1.

Antítese. Em contraste, o homem que da lei extrai sabedoria e compreensão, avança de maneira correta. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Andar*. Esse homem se entristece quando se desvia do caminho da retidão (ver II Cor. 7.10).

Anda retamente. O hebraico diz aqui, literalmente, “faz reto o seu avanço”, e a palavra *yashar* tem um sentido ético, não um significado literal. Ver Pro. 3.6 e 9.15. Ver a *metáfora da vereda*, em Pro. 4.16, e ver sobre o *contraste dos caminhos bom e mau*, em Pro. 4.27.

Eu sei, ó Senhor, que não cabe ao homem determinar o seu caminho, nem ao que caminha o dirigir os seus passos.

(Jeremias 10.23)

Jesus, além de ser o Caminho, é Quem nos mostra o caminho. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Caminho*.

15.22

Onde não há conselho fracassam os projetos. Este provérbio é muito similar a Pro. 11.14, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. A referência primária, tal como se vê ali, parece ser o “alto conselho” dos reis e do reino. Mas a mesma regra se aplica aqui. Os planos dão errados (Revised Standard Version), a menos que haja um bom conselho para planejar as ações. Quanto a conselhos, que corresponde ao termo hebraico *sodh*, ver Pro. 3.32. A maior parte das pessoas e grupos de pessoas formula planos, fórmulas e sucessos que dependem de certo curso de ação. Até o homem bom, algumas vezes, fica em dúvida sobre a vontade de Deus em uma situação particular. A oração entra em ação, mas também é valioso obter conselhos de terceiros, que podem ver ou antecipar as coisas, algo de que a própria pessoa aconselhada não é capaz. O homem que não tem essas vantagens provavelmente acaba desviando-se.

Por quatro vezes no livro de Provérbios é enfatizada a importância dos bons conselhos. Ver Pro. 11.14; 15.22; 20.18 e 24.6. A primeira linha descreve o homem que precisa decidir sozinho as suas questões.

Antítese. Um homem isolado, que ore, já tem alguma ajuda; mas o homem que tenha um bom amigo para lhe dar conselhos ainda está em melhor situação. Mas o homem bom, que tem muitos conselheiros, é o que se acha na melhor posição possível, quando precisa tomar certas decisões importantes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vontade de Deus, como Descobri-la*. O homem que tem

muitos conselheiros provavelmente é um rei ou elevado oficial que tem poder e dinheiro para atraí-los. No nível popular, os homens têm amigos que fazem seu melhor serviço na prestação de bons conselhos.

15.23

O homem se alegra em dar resposta adequada. Cf. este provérbio com Isa. 50.4. Uma palavra oportuna, que ajude a outrem ou dê uma resposta certa a um crítico, é uma questão de alegria para aquele que sabiamente a profere. Fica compreendido que essas palavras oportunas são produto da erudição na lei de Moisés, o guia da fala de um homem. Os vss. 23, 30 e 33 começam com segundas linhas que ampliam as declarações iniciais e são sinônimas. Quanto a palavras apropriadamente proferidas, ver Pro. 25.11,12. Essas palavras são douradas e brilhantes, como pedras preciosas. Uma boa resposta da língua pode ser uma inspiração do Senhor (ver Pro. 16.1), mas a instrução geral na lei pode produzi-las.

A vossa palavra sempre seja agradável. temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um.

(Colossenses 4.6)

Este versículo tem sido cristianizado para falar do testemunho do evangelho cristão, dando instruções espirituais no caminho de Cristo.

Sinônimo. Uma palavra sábia, dita no momento preciso, serve a um bom propósito e, assim sendo, é boa. O autor não define a questão, portanto devemos pensar em toda espécie de situações em que bons conselhos são dados. Cerca de cem provérbios falam sobre o uso apropriado e impróprio da linguagem. Ver Pro. 4.24 e, especialmente, Pro. 11.9 e 13, onde ofereço notas expositivas de sumário, com ilustrações. Ver também no *Dicionário* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da*. Uma boa palavra é boa tanto para o homem que a profere quanto para o homem que a recebe. A fala foi planejada para ser benéfica, e não prejudicial. Aquilo que distingue os homens dos animais irracionais (a linguagem) deve ser algo nobre, e não aviltado. Cf. Pro. 25.11. A palavra oportuna e boa é uma raridade, como as decorações feitas de ouro e prata.

15.24

Para o entendido há o caminho da vida que o leva para cima. O homem sábio, que conhece e obedece à lei, conforme ela é fomentada e interpretada pelas declarações da sabedoria, viaja pela vereda que o leva à vida. Sobre como a lei transmite vida, através da sabedoria que ela produz, ver Pro. 4.13, onde apresento notas de sumário. Ver também Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1. Quanto à lei mosaica como o guia do caminho, ver Deu. 6.4 ss. Ver sobre a *metáfora da vereda*, em Pro. 4.14; e, no *Dicionário*, ver o verbete chamado *Caminho*. Em Pro. 4.27 contraste os *caminhos bom e mau dos homens*.

Para cima. Estas palavras têm sido cristianizadas para significar "para cima, para o céu", ou seja, a vida eterna, para além-túmulo, mas dificilmente há alguma chance de ser isso que o autor do livro de Provérbios tinha em mente. Todavia, temos as narrativas das translações de Enoque e Elias, que, por outra parte, poderiam ter inspirado esse pensamento. Cf. Dan. 12.2, que reflete o judaísmo posterior (punições e recompensas após a morte física). Provavelmente, para cima, neste caso, significa apenas para fora do sheol, que é concebido como um lugar no mundo inferior, porquanto um homem desce para o sepulcro. Ou então, devemos pensar que há um lugar mais elevado e mais nobre a seguir.

Sinônimo. O homem sábio toma o caminho para cima, para a vida, ou seja, escapa do caminho inferior, que conduz ao sheol, ao sepulcro, em que o corpo do indivíduo é sepultado no solo. Alguns eruditos vêem aqui a referência ao sheol como se fosse um lugar (uma câmara) na terra, abaixo da superfície. Não sabemos dizer se a teologia do autor sagrado já havia atingido esse ponto, que se tornou uma das características do judaísmo posterior. A doutrina do sheol, conforme aconteceu a muitas outras, atravessou vários estágios de desenvolvimento. Dou um breve sumário dos estágios pelos quais essa doutrina passou, em Pro. 5.5. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Sheol* e *Hades*. Contudo, o mais provável é que esteja em pauta aqui a "sabedoria que pode conservar uma pessoa livre da morte prematura, um ponto com frequência salientado no livro de Provérbios (ver Pro. 3.2,16; 4.10; 9.11; 10.27; 14.27)" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

15.25

O Senhor deita por terra a casa dos soberbos. O orgulhoso pecador se imagina seguro, mas o Senhor enviará contra ele o castigo, por causa de seus pecados, e demolirá a sua casa (tudo quanto é importante para ele). Ver Pro. 11.2 e 6.17 (olhos altivos), quanto a tiradas contra os orgulhosos. Cf. também Pro. 13.10 e 14.3.

Soberbos. No hebraico, *ge'eh* (a mesma palavra usada em Pro. 16.19), que vem da raiz *ga'ah*, "levantar", "suspender". A expressão é extraída dos olhares tipicamente orgulhosos e da cabeça erguida dos arrogantes (ver Pro. 6.17). Ver Pro. 14.11 quanto à destruição das casas dos pecadores.

Antítese. Em contraste com a demolição das casas dos indivíduos arrogantes, o Senhor estabelece ou mantém (Revised Standard Version) a casa das viúvas. Aqui o autor fala das suas fronteiras, ou seja, dos limites de suas terras, que fazem parte da herança de sua família. Ver Deu. 19.14. As terras eram conservadas pelas famílias, mas as viúvas tornavam-se vulneráveis diante dos que se apossavam fraudulentamente das terras. Ver também Deu. 17.17; Jó 24.2 e Osé. 5.10.

15.26

Abomináveis são para o Senhor os designios do mau. Até mesmo aquilo que o homem mau pensa, irrita a Yahweh, que abomina tais pensamentos. Ver Pro. 11.1 quanto às abominações. Cf. Pro. 15.8,9. Os maus designios dos pecadores são logo postos em ação, visto que a mente é o construtor.

Como imagina em sua alma, assim ele é.

(Provérbios 23.7)

O Senhor detesta tudo quanto diz respeito ao pecador, como os seus sacrifícios (suas observâncias religiosas, se houver alguma; vss. 8 e 9 deste capítulo) e até os seus pensamentos. No entanto, Deus ama o pecador (João 3.16) e o salva por meio da missão de Cristo. O vs. 11 do presente capítulo diz-nos que todas as coisas estão abertas diante do Senhor, até os lugares misteriosos, como o sheol e o abaddon (vs. 11), e, portanto, quanto mais franqueado diante do Senhor está o coração dos homens! Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Onisciência*.

Antítese. As palavras dos homens puros agradam o Senhor, e assim, como é natural, Deus se sente feliz diante delas, em contraste com os pensamentos abomináveis dos malignos. As palavras se originam dos pensamentos, pelo que, como é óbvio, Yahweh também tem prazer nos pensamentos dos homens bons.

Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável; tudo o que é justo, tudo o que é puro; tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama; se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento.

(Filipenses 4.8)

Ver também Sal. 19.14, um paralelo direto da segunda linha do presente provérbio, e ver também Mal. 3.16.

15.27

O que é ávido por lucro desonesto transtorna a sua casa. Cf. a primeira linha deste provérbio à segunda linha do vs. 6. O homem ganancioso obtém o que quer: riquezas. Mas estas se tornam uma maldição para ele. Presumivelmente, o homem ávido por lucro (ver o vs. 6) é também uma pessoa ímpia que não hesita em aplicar métodos desonestos e ilegais (ou mesmo violentos) para conseguir o que quer. Mas Deus o amaldiçoa conforme amaldiçoou Acã (ver Jos. 7.25, onde uma expressão parecida, "conturbar", foi usada). Aquele homem conturbou Israel com seu ato ganancioso. "Um pai desonesto, ao prover o necessário para a sua família, mediante meios injustos ou violentos, eventualmente fará sua esposa e seus filhos sofrer (cf. a conturbação com Pro. 11.29 e 15.6)" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Antítese. O homem que não aceita subornos (rejeitando o dinheiro fácil) haverá de viver, porquanto é homem sábio (ver Pro. 4.13). Esta porção do versículo sugere que o homem ímpio usa os subornos recebidos para juntar riquezas, e então, quando já tem dinheiro suficiente, usa esse dinheiro para obter poder e escapar à punição merecida por quaisquer atos maus que tenha cometido.

"São aqui condenados os meios inescrupulosos e injustos para obter riquezas materiais, especialmente subornos dados a oficiais públicos" (Charles Fritsch, *in loc.*).

O homem sábio, ao aplicar o seu discernimento de muitas maneiras, prolongará a sua vida, ao passo que o homem ímpio sofrerá de morte prematura.

15.28

O coração do justo medita o que há de responder. O sábio é sábio até quanto à maneira de falar. Ele não dispara precipitadamente qualquer coisa que pensa, conforme faz o insensato. Pelo contrário, ele estuda (King James Version) o que deve dizer; pondera o que dirá (Revised Standard Version). Depois de haver meditado (conforme o verbo usado em nossa versão portuguesa), então ele

profere uma palavra apropriada, algum conselho, algum discurso sobre determinado tema. Cf. o vs. 23 e Pro. 25.11. Cerca de cem provérbios dizem respeito ao uso próprio e impróprio da fala. Ver Tia. 3.2 ss. quanto a um bom discurso sobre o assunto. Ver Pro. 11.9 e 13 quanto a notas de sumário sobre a questão, no livro de Provérbios. Ver então, no *Dicionário*, o verbete intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da*.

Medita. Trata-se da mesma palavra usada em Sal. 1.2, para a meditação do homem bom na lei de Moisés, o que faz noite e dia. Conhecer e praticar a lei torna um homem sábio, inspirando-o a falar com sabedoria, sem precipitações.

Antítese. Em contraste com a linguagem cautelosa do homem sábio, a boca do insensato enche-se de absurdos, ditos precipitadamente, sem reflexão anterior, prejudicando a todos quantos o ouvem. Ele é um homem ímpio e diz coisas iníquas. Ver o vs. 2 deste capítulo, onde a mesma palavra, "derrama" (em nossa versão portuguesa, "transborda"), é usada, e no mesmo contexto da conversa tola dos ímpios. Ver algo similar em Pro. 10.19.

15.29

O Senhor está longe dos perversos. Para os homens ímpios, Deus é um Deus deísta. Ele é o Criador do homem, mas mantém-se distante. Naturalmente, Ele se aproxima vez por outra para punir e fazer justiça. A oração do ímpio não é ouvida, ainda que, em um momento de crise, certamente ele ore. Até os ateus buscam Deus na noite escura da alma e, assim sendo, tornam-se ateus praticantes. Os olhos do Senhor estão em todos os lugares ao mesmo tempo (vs. 3), até em lugares misteriosos, como o sheol e o abaddon (vs. 11), pelo que o Senhor não se mantém indiferente para com o homem mau e seus pecados. Mas, no que tange ao bem, Deus se mantém distante e não o abençoa espiritualmente. Deus detesta os pecados desse homem (vss. 8,9,26) e, assim sendo, mantém-se afastado da corrupção malcheirosa.

Antítese. Em contraste, Deus é um Deus teísta para o homem bom. Ele é o seu Criador e não o abandonou. Pelo contrário, Deus ouve as suas orações e provê sempre para as necessidades e desejos daquele homem. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Oração* e também os verbetes intitulados *Teísmo* e *Deísmo*. Cf. esta segunda linha métrica com Sal. 34.15,17; I Ped. 3.12. As orações do homem bom, por sua vez, agradam o Senhor (ver Pro. 15.8) e, de fato, são Seu deleite, pelo que não há maneira de o Senhor não responder favoravelmente.

15.30

O olhar de amigo alegra o coração. Uma pessoa qualquer está trazendo boas novas, e seus olhos rebrilhantes já prenunciam, àquele que ouvirá essas notícias, que tal pessoa é mensageira de boas novas ou encorajamento. Portanto, a pessoa prestes a ouvir o relatório já está regozijando-se.

Esta parte do versículo tem sido espiritualizada e cristianizada para apontar para a luz do rosto de Deus, que incide sobre os homens a fim de abençoá-los (ver Sal. 4.6; 39.6; Núm. 6.26). Além disso, temos a considerar o favor da missão de Cristo, que nos ilumina a face com *Alegria* (ver a respeito no *Dicionário*).

Sinônimo. Um bom relatório refrigera os ossos de uma pessoa, isto é, todo o seu ser. Quanto ao emprego metafórico do termo *ossos*, ver Pro. 3.8 e 14.30. Ver sobre esse termo no *Dicionário*, quanto a detalhes. O hebraico, de forma literal, diz que tal relatório torna os ossos da pessoa gordos, isto é, saudáveis. "Faz bem ao coração ver alguém cujos olhos brilham de felicidade" (Ellicott, *in loc.*). Ver Pro. 3.8 quanto à saúde dos ossos. Cf. Pro. 12.25 e 16.24.

15.31

Ouvidos que atendem à repreensão salutar... O homem que é aprovado só pode chegar a esse lugar sendo, primeiramente, reprovado, e isso por muitas vezes. Ele deve ouvir ordens e instruções, tanto negativas quanto positivas, antes que possa chegar a qualquer grau de erudição e sabedoria. Seus pais, que foram seus primeiros mestres, e então seus pais espirituais (os professores que se seguem) cuidarão para que ele obtenha uma dose completa de ensino. A pior coisa que um homem pode fazer é ter os ensinamentos mas não transmiti-los a seus filhos. Além disso, há três coisas que um pai deve a seus filhos: exemplo, exemplo, exemplo. A lei mosaica é seu manual de instruções e tem muitos mandamentos negativos e positivos. As declarações de sabedoria fomentam e interpretam os preceitos da lei de Moisés. Aqueles que os aprendem obtêm a sabedoria como resultado natural. Porém, o ouvido do aprendiz deve manter-se atento às repreensões e instruções de seu mestre. O ouvido representa o homem: esse é o seu aparelho de escuta, mas é o homem, em sua inteireza, que recebe as instruções.

Sinônimo. A reprimenda e a instrução, como instrumentos da sabedoria, transmitem vida. Ver Pro. 4.13 e Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1. Por transmitirem vida,

essas instruções são chamadas de *repreensão salutar*. O homem que continua ouvindo (ver Pro. 4.20) torna-se então sábio e pode assumir lugar entre os sábios. Eles serão sempre a sua companhia. Cf. Pro. 19.25. Ele permanecerá entre essas instruções, ou seja, fixará residência com elas.

Este provérbio consiste em uma única sentença, mas, conforme vimos acima, podemos dividi-lo em declarações sinônimas. Em inglês temos uma afirmação semelhante:

Os conselhos destinam-se àqueles que os recebem.

15.32

O que rejeita a disciplina menospreza a sua alma. A principal coisa é obter a disciplina, a correção moral (no hebraico, *musar*, cf. os vss. 5 e 10 deste mesmo capítulo), porque o homem que se recusa a fazê-lo despreza a si mesmo e negligencia os seus melhores interesses. A lei de Moisés é o manual que nos mostra a disciplina. O homem que negligencia a lei negligencia a própria pessoa. E aquele que ignora a disciplina odeia e prejudica a si mesmo (ver Pro. 8.36).

Antítese. Um homem bom é sábio por demais para ignorar a lei e promover a própria destruição. Ele dará ouvidos às instruções negativas (repreensões) e positivas da lei e assim escapará da vereda prejudicial do homem desregrado. Ele obterá compreensão e esperteza, no bom sentido. O termo hebraico literal para a compreensão, neste passo bíblico, é *coração*. Esse homem desenvolverá coração sensível às instruções divinas. Ver Pro. 4.23 quanto a como esse vocábulo é usado no livro de Provérbios.

*Dá-me teu coração, diz o Pai lá em cima,
Nenhum dom é tão precioso para Ele como o nosso amor.
Suavemente Ele sussurra, onde quer que estejas,
Agradecido, confia em Mim e dá-me o teu coração.*

(Eliza E. Hewitt)

15.33

O temor do Senhor é a instrução da sabedoria. Uma vez mais, o autor sagrado retorna ao lema do livro, "o temor do Senhor". Ver a nota de sumário sobre essa questão, em Pro. 1.7 e Sal. 119.38. Ver também, no *Dicionário*, o artigo chamado *Temor*, quanto a detalhes. Esse temor consiste em instrução e sabedoria, ou seja, o "princípio da sabedoria", conforme encontramos em Pro. 1.7. A base do temor do Senhor é a lei de Moisés. Ela deve ser conhecida e seguida, pois é então que o indivíduo obtém a espiritualidade segundo os moldes do Antigo Testamento, que é apenas um outro nome para o temor do Senhor. A disciplina conduz-nos a esse temor augusto.

Sinônimo. O temor do Senhor nos ensina, entre muitas outras coisas, que a humildade vem antes da honra. O estudante começa a tomar suas lições na lei de Moisés. Ele se mostra humilde diante de seus mestres. Obtém mais e mais sabedoria e, finalmente, é honrado, ocupando lugar entre os sábios (vs. 31). E então, sábio como é, ao tomar seus próprios discípulos, ele é honrado. Esse mesmo processo é apropriado para qualquer indivíduo que começa humildemente e progride a um lugar de poder, autoridade e honra. Cf. Luc. 1.52, que diz: "Derrubou dos seus tronos os poderosos e exaltou os humildes".

Quanto a um contraste entre o orgulho e a humildade, ver Pro. 11.2; 13.10; 14.3; 15.25. "A humildade, que faz parte necessária do temor do Senhor, leva à honra. Essa assertiva é repetida em Pro. 18.12b" (Charles Fritsch, *in loc.*).

Este versículo tem sido cristianizado para lembrar-nos de como o próprio Cristo subiu da humildade à honra (Fil. 2.6 ss.) e assim deixou exemplo para ser seguido por todos os Seus discípulos.

Capítulo Dezesseis

A passagem de Pro. 16.1 – 22.16 tem 191 versículos. A maior parte deles é composta de comparações (paralelos sinônimos), ou de termos, chamados *paralelismos sintéticos*. Existem alguns poucos exemplos de paralelismos antitéticos, que é o tipo que domina Pro. 10.1 – 15.33, a primeira parte dos provérbios de Salomão. Seja como for, o autor continua com as usuais duas linhas em cada provérbio, que são chamadas *linhas métricas*. Os primeiros versículos do capítulo 16 mostram a dependência do homem a Deus. "Embora o homem seja poderosamente encorajado em Provérbios, a fim de adquirir sabedoria, nem por isso ele é liberado da dependência ao Senhor" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 15 e 16. Apresento uma nota de introdução a esta seção, Pro. 10.1 – 22.16 (a primeira coletânea dos provérbios de Salomão), em Pro. 10.1.

Provérbios que Exaltam a Vida Reta (16.1-22.16)

16.1

O coração do homem pode fazer planos. Os vss. 1-7 têm forte nota espiritual, e o nome do Senhor é empregado em cada caso. Considere o leitor estes dois pontos:

1. É o Senhor quem inspira os planos ou pensamentos do coração humano, pelo que há algo de divino naquilo que cada pessoa tenta fazer.
2. Mas alguns intérpretes fazem esses planos ser inteiramente humanos, e então a resposta certa, embora saindo da língua humana, vem do Senhor. Portanto, este versículo tem sido entendido como pertencente simultaneamente aos tipos sinônimo e antitético. Cf. a questão sobre o coração com Pro. 15.32. O homem que ouve as instruções positivas e negativas (repreensão) é aquele que honra os seus mestres. Esse homem obtém um coração sensível. É a lei mosaica que leva o indivíduo a esse resultado, e a lei veio da parte de Deus. Esse conceito concorda com a primeira das duas interpretações dadas aqui. Mas ver Pro. 16.9, que concorda com a segunda interpretação.

Ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o trazer.

(João 6.44)

"O Senhor é que provê as respostas certas, espertas, o uso próprio da linguagem, na solução de problemas ou nas repreensões. Ver Pro. 15.23b, que é essencialmente a mesma coisa. Deus, em Sua soberania, prevalece sobre o homem (Cf. Pro. 16.9). O coração e a fala de uma pessoa estão intimamente relacionados (ver Pro. 4.23,24)" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Cerca de cem provérbios tratam do uso próprio e impróprio da língua. Ver Tia. 3.2 ss. e também, no *Dicionário*, o verbete chamado *Linguagem, Uso Apropriado da*.

O Targum apóia o uso antitético deste primeiro versículo: "Do homem sai o conselho do coração, e do Senhor sai a fala da língua". Alguns interpretam o segundo princípio como se ele ensinasse que Deus controla a língua do homem para operar a Sua vontade, e até usou, em um caso, a língua de um jumento. Ver os casos de Caifás e de Balaão.

16.2

Todos os caminhos do homem são puros aos seus olhos. Os homens, mediante a manipulação dos padrões, e mediante preconceitos francos em seu próprio favor, chegam a pensar que seus caminhos são sempre puros. No entanto, ao assim fazerem, esquecem as rígidas demandas da lei, que são o verdadeiro padrão de avaliação. Pro. 21.2 duplica o provérbio deste versículo, mas substitui a palavra "puro" por "reto". Aben Ezra, a Septuaginta e as versões árabes, entretanto, apresentam uma tradução bastante diferente. Em primeiro lugar, o homem é um homem humilde; em segundo lugar, os seus caminhos são puros perante os olhos de Yahweh. Isso fazia a segunda linha ser sinônima da primeira, e não antitética. Ou a Septuaginta (bem como as outras traduções, que, evidentemente, dependeram da mesma fonte informativa) interpretou livremente o hebraico original ou então baseou-se em manuscritos hebraicos que se perderam. Algumas vezes, a Septuaginta preserva algum texto superior ao manuscrito hebraico posterior, que foi empregado para perfazer o texto massorético. Ver sobre *Massora (Massorah): Texto Massorético*, no *Dicionário*. Ver também, ali, o verbete chamado *Septuaginta*. Os próprios manuscritos hebraicos antigos, os Papíros do Mar Morto, algumas vezes concordam com a Septuaginta e discordam do texto massorético, embora a porcentagem seja bastante pequena. Ver no *Dicionário* o artigo *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento*, que incluem informações sobre como os textos são escolhidos quando aparecem variantes. E ver também o artigo chamado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do*.

Antítese. Se o caminho de um homem é puro e certo aos seus próprios olhos, seus juízos tendem a ser incorretos. É o Senhor quem pesa o espírito. Ele sabe não apenas como um homem age, mas também conhece os motivos por trás desses atos. Os homens são julgados à base do que e do por que fazem. Ver Pro. 17.3; 21.2. O Senhor lê o coração humano, e não meramente os atos humanos. Ver Mat. 6.4,8,18. O homem que tem uma vida limpa, mas um coração imundo, não será inculpável diante de Deus. Jesus tinha a mesma percepção. Ver Mat. 5.21,22,27,28,33,34,38,39,43,44.

Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que me são ocultas.

(Salmo 19.12)

16.3

Confia ao Senhor as tuas obras. O homem depende de Yahweh, conforme enfatizam os primeiros versículos deste capítulo. O nome divino, *Yahweh*, aparece em cada um dos vss. 1-7. As coisas estão debaixo de Seu escrutínio e controle.

Assim sendo, um homem precisa entregar suas ações ao Senhor, para que tenham cumprimento e sejam efetuadas da maneira certa. O que é dito aqui aplica-se a todos os labores humanos, mas principalmente ao labor espiritual de obter sabedoria por meio da lei, conforme esta é fomentada e interpretada pelas declarações da sabedoria; e isso tem de ser cumprido segundo a orientação e o poder dados pelo Senhor. Nenhuma pessoa pode tornar-se sábia mediante seus próprios esforços isolados. Assim como as palavras vêm da parte de Yahweh, se tiverem de ser aptas e benéficas (vs. 1), outro tanto sucede às ações de uma pessoa.

Confia ao Senhor. O hebraico diz aqui, de maneira pitoresca, literalmente: "Rola tuas obras ao Senhor". A figura é a de um homem que rola sua carga sobre um camelo, estando esse animal em posição de joelhos. Uma vez que a carga seja rolada sobre o animal, então a viagem pode começar. Um camelo pode carregar a carga; o homem não pode. Outro tanto acontece às obras do homem. O homem bom precisa da assistência divina para estabelecer a sua missão. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Sinônimo. O Senhor estabelece (faz acontecer) os planos de um homem, se esse homem rola Suas obras sobre Ele. Isso posto, o Senhor está nos planos e nas obras de um homem. E então as coisas começam a acontecer conforme devem.

Confirma sobre nós as obras de nossas mãos, sim, confirma a obra das nossas mãos.

(Salmo 90.17)

O trabalho começa e termina no Senhor, pelo que, com Ele, o que tiver que ser feito será feito, e isso da maneira certa. Cf. I Cor. 3.9 e II Cor. 6.1. Ver também Sal. 37.5 e 55.22.

16.4

O Senhor fez todas as cousas para determinados fins. Este versículo é, naturalmente, extremamente calvinista. Deus aparece aqui como quem controla todas as coisas, e todas as coisas existem para Ele, para o Seu prazer, para cumprimento dos Seus planos. E o paralelo sinônimo é: "até o perverso para o dia da calamidade". Que o leitor acompanhe estes comentários:

1. O dia da calamidade, de conformidade com a teologia da época em que o livro de Provérbios foi escrito, nada tinha que ver com a punição eterna ou com a retribuição para além do sepulcro. Isso aponta para uma morte prematura e/ou violenta. Assim sendo, se o versículo tem um tom calvinista, na realidade não diz o que afirmam certos teólogos cristãos de hoje em dia. A doutrina de recompensa e punição para além-túmulo pertence a um judaísmo posterior, refletido em Dan. 12.2.
2. Contudo, dizer que faz parte do governo de Deus planejar e executar a morte física de certa porção dos homens é, realmente, um conceito muito duro. Isso é verdade, porquanto temos de assumir que todas as chamadas ao arrependimento, feitas aos ímpios (a esperança que eles mudem seus caminhos e alcancem uma vida longa, próspera e saudável), serão anuladas. É perfeitamente inútil, pois, convidar os homens para que se arrependam, pois eles são incapazes disso. Isso faz de toda essa questão de ser humano algo bastante ridículo, como também torna outras Escrituras igualmente ridículas, embora elas tenham um tom muito esperançoso.
3. A solução para esse problema é, realmente, bastante simples: a teologia dos hebreus era deficiente. Essa teologia fazia de Deus a única causa, além de ser fraca quanto a causas secundárias. Assim sendo, se Deus é a única causa, então, como é óbvio, os homens maus foram criados por Deus como maus, e, ademais, Deus os mata por puro esporte, devido à sua maldade! Essa mesma deficiência passou para o calvinismo. Mas, agora, as coisas aparecem como realmente más, porquanto o dia da calamidade é o eterno dia do julgamento, em que os homens sofrerão nas chamas para todo o sempre. Sabemos que as chamas do hades foram acesas no livro apócrifo de I Enoque, e dali, infelizmente, entraram em alguns lugares do Novo Testamento. Digo infelizmente, porque há uma teologia melhor no Novo Testamento, que ultrapassa essa antiga e deficiente, que também foi transferida para o Novo Testamento. I Ped. 3.18-4.6 até declara que Cristo pregou o evangelho no próprio hades, o que, realmente, é algo bastante diferente do que diz o presente versículo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Descida de Cristo ao Hades*.

Foi um erro importar as deficiências teológicas dos hebreus para o Novo Testamento, mas é bom saber que outras idéias ultrapassaram essas deficiências. Uma teologia melhor anulou essas deficiências.

Somos para os deuses como as moscas são para os meninos. Eles nos matam por puro esporte.

(Shakespeare)

- Parece-me que qualquer homem que pensa pode ver isso como uma teologia má.
4. Existem muitas causas secundárias em operação. Os homens maus tornaram a si mesmos maus. Eles são causas secundárias que se mostram contrários à causa divina. Tais homens provocam sua própria morte miserável.
 5. Além disso, a teologia dos hebreus também inventou o Deus voluntarista, que opera pelos caprichos de Sua vontade, ignorando a razão. Se Deus quiser alguma coisa, isso estará correto, a despeito do que pensamos sobre a moralidade do que for feito. Mas, meus amigos, esse tipo de Deus, que brinca com a justiça, a misericórdia e o amor, não é o Deus do Novo Testamento. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Voluntarismo*, quanto a completas informações.
 6. Fico espantado por ver algumas de minhas fontes informativas distorcendo o presente versículo para tirar dele o horrível calvinismo extremado. Mas isso é uma desonestidade, buscando harmonizar a própria doutrina com uma posição prévia, a qualquer preço. Também me espanta ver algumas de minhas fontes informativas inclinando-se tão humildemente diante de uma teologia má, e até concordando que Deus pode ser esse tipo de Deus voluntarista. Elas falam sobre mistérios que não entendemos. Contudo, não há aqui nenhum mistério. Há somente uma teologia deficiente que os melhores aspectos do Novo Testamento abandonaram há muito tempo, o que também devemos fazer.
 7. Portanto, digo, permitamos aos textos sagrados ensinarem o que realmente ensinam. Não os distorcamos. Deixemo-los onde e como estão. É tão terrível que essa seja a própria refutação deles. Não nos sintamos responsáveis por isso. Ademais, desde quando usamos versículos do Antigo Testamento para ensinar a teologia cristã?

16.5

Abominável é ao Senhor todo arrogante de coração. Pessoas de coração orgulhoso são abomináveis ao Senhor. Ver Pro. 11.1 quanto a essa palavra; compará-la com Pro. 15.8,9,26. Quanto aos orgulhosos, ver Pro. 11.2 e Cf. Pro. 11.20,21 e 13.10, e, quanto aos olhos altivos, ver Pro. 14.3. Notas expositivas adicionais também aparecem em Pro. 6.17 e 15.25. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Orgulho*, quanto a detalhes e ilustrações.

Sinônimo. Os pecadores orgulhosos certamente receberão retribuição divina contra suas atitudes e atos. O autor queria dar a entender calamidades e, finalmente, morte violenta e/ou prematura, o que era extremamente temido pelos hebreus. Diz o Targum: "Ele não conseguirá livrar-se do mal".

16.6

Pela misericórdia e pela verdade se expia a culpa. O pecado pode ser expiado, e nessa expiação estão envolvidos o amor constante e a fidelidade de Deus. Essas virtudes divinas estão por trás dos sacrifícios de animais que eram oferecidos como expiação. Embora devamos compreender os sacrifícios envolvidos, este versículo assume um tom superior, não-cerimonial, o que é um passo dado na direção do Novo Testamento. "Neste versículo, a expiação é levantada do campo cerimonial (sacerdotal) e posta na esfera moral (profética) de ação. Cf. Osé. 6.6. Quanto ao amor e à verdade constantes, ver Pro. 3.3. O pecado, por ocasião da expiação, é coberto (no hebraico, *yekhuppar*), segundo a terminologia hebraica comum ligada à expiação. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Expiação*, quanto a detalhes.

Sinônimo. Uma vez que os pecados de um homem são cobertos, ele então prossiga avançando na espiritualidade, ou seja, no "temor do Senhor" (ver a nota de sumário em Pro. 1.7). O temor do Senhor é o lema do livro e também um tema muito repetido. Ver Sal. 119.38; e, no *Dicionário*, o verbete chamado *Temor*, quanto a detalhes. Um homem "não deve continuar no pecado. Ele deve evitar o mal (Cf. Pro. 16.17), por meio do temor do Senhor" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum.

(Romanos 6.1,2a)

16.7

Sendo o caminho dos homens agradável ao Senhor... O homem bom, que agrada ao Senhor, tem grandes vantagens para si mesmo, para seus amigos e até para seus inimigos. Cf. Jer. 39.12. Uma sentença contínua inclui a linha de *sinônimo*: "este reconcilia com ele os seus inimigos". Essa, naturalmente, é uma condição esperançosa e ideal, que não é obtida com frequência. Cf. Gên. 16.28 e II Crô. 17.10,11 com o presente versículo. "Deus opera em favor deles, levantando-lhes amigos e até transformando inimigos em amigos" (Adam Clarke, *in loc.*). Abimeleque tornou-se amigo de Isaque, e até mesmo Jacó, Labão e Esaú, finalmente, tornaram-se amigos (ver Gên. 31.24,29,44,45; 33.1-4).

16.8

Melhor é o pouco havendo justiça. Pro. 15.16 é paralelo direto deste provérbio, e as notas expositivas ali também se aplicam aqui. Se tornar-se rico por causa da bondade era o ideal dos hebreus, isso nem sempre era conseguido. De fato, era o homem ruim e corrupto que terminava rico, por meios ilegais e violentos, que é a linha *sinônima*: "do que grandes rendimentos com injustiça". Em tais casos, o consolo é que o homem bastante pobre aprende a contentar-se com o pouco que possui, ao passo que o homem rico enfrentará tribulações por causa de riquezas mal ganhas. Presume-se que a retidão do homem pobre pelo menos lhe dará vida longa e desfrutável, como compensação por não ser muito abastado. Quanto ao ganho desonesto, Cf. Pro. 10.2,16; 13.11 e 15.27.

16.9

O coração do homem traça o seu caminho. Um homem é capaz de fazer planos com os quais dá direção à sua vida, o que é um paralelo possível com Pro. 16.1a (que pode ter um significado diferente; ver as notas ali). Espera-se que usemos nossos poderes de raciocínio, tentando fazer o melhor que estiver ao nosso alcance; mas o homem espiritual não se contentará somente com isso. Ele continuará orando, pedindo direção e ajuda.

Antítese. O poder real por trás das cenas é o Senhor, que invade a vida de um homem e assume o controle, dando-lhe orientação. Isso posto, vemos a verdade da declaração popular, que diz:

O homem propõe, mas Deus dispõe.

Este versículo pode dar a entender experiências místicas, o modo direto de Deus nos dar sonhos, visões e outros discernimentos intuitivos. Mas sempre haverá a lei, que é o guia do povo judeu (ver Deu. 6.4 ss.), em muitas situações da vida diária. E essa lei veio de Deus, pelo que serve de instrumento de orientação em Suas mãos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Misticismo*. Um homem bom não fica sem testemunho da parte de Deus.

O Senhor lhe dirige os passos. Está em foco cada elemento do *andar* do indivíduo (ver no *Dicionário* a respeito).

O Senhor firma os passos do homem bom, e no seu caminho se compraz.

(Salmo 37.23)

Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Vontade de Deus, como Descobri-la*.

16.10

Nos lábios do rei se acham decisões autorizadas. Nesta altura do capítulo 16 de Provérbios encontramos vários versículos que tratam da realeza. Há muitas referências nas declarações de sabedoria sobre esse assunto. Ver os vss. 10-15; 8.15; 14.28; 19.12; 20.2,8,26,28; 21.1; 22.11; 23.1-3; 24.21,22; 25.2-7; 28.15,16; 29.2,4,12,14; 30.22,27,31; 31.2-8. Usualmente, há menção aos reis de Israel, mas algumas vezes as referências parecem ser aos reis em geral (ver Pro. 8.15; 30.22; 31.4).

Um bom rei pode ser quase uma figura profética, tendo os oráculos do Senhor em seus lábios. Ou seja, ele recebe uma espécie de iluminação divina que lhe diz o que dizer e como agir visando o benefício do seu reino. Esse homem toma "decisões inspiradas". O vocábulo hebraico por trás dessa expressão é *gesem*, que usualmente significa "adivinhação", "predição", em um mau sentido. Somente aqui e em Deu. 18.10 é que essa palavra hebraica adquire sentido positivo. O texto fala sobre direção propícia, e não sobre infalibilidade, que alguns intérpretes tentam impor sobre o texto.

Sinônimo. O rei bom fala oráculos positivos, e a sua boca não peca nos juízos que emite. Cerca de cem provérbios tratam do uso próprio e impróprio da linguagem. Ver sobre isso em Pro. 11.9 e 13, onde apresento idéias, referências e ilustrações. Cf. este versículo com Deu. 17.18-20. Ali a lei de Moisés figura como o guia das palavras e das ações, e o bom rei deve ser bem treinado na lei de Moisés. Ver Deu. 6.4 ss. quanto à lei como guia. O jovem Salomão anelava receber tal orientação, por meio de preceitos ou diretamente (ver I Reis 3.9). Foi-lhe dada grande medida de sabedoria, da qual ele, contudo, acabou abusando. Cf. as nobres palavras de Davi, em II Sam. 23.3. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Sabedoria*.

16.11

Peso e balança justos pertencem ao Senhor. "Deus é quem ordena a maquinaria das transações" (Toy, *in loc.*). "O Senhor é quem concede todas as

balanças e pesos, uma idéia paralela em fontes egípcias" (Charles Fritsch, *in loc.*). Este versículo é paralelo direto de Pro. 11.1, onde apresento anotações que também se aplicam aqui. Ver também Pro. 20.10,23, bem como a legislação mosaica sobre o assunto, em Lev. 19.35,36 e Deu. 25.13-15. As notas expositivas em Pro. 11.1 dão detalhes que deixo de lado aqui. "O emprego de pesos e medidas desonestos era uma desobediência tanto a Deus quanto ao rei" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). O tesouro do rei continha os pesos padrões (originalmente feitos de pedras), bem como medidas que tinham de ser duplicadas com precisão lá fora". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Balanças*.

Os pesos da bolsa. Ao que tudo indica, temos aqui uma alusão à bolsa ou sacola que, originalmente, era mantida no santuário e continha os pesos padrões, aos quais as cópias precisavam conformar-se. Os negociantes carregavam consigo uma bolsa, na qual havia pesos equivalentes usados nas negociações. A bolsa fornece-nos a linha sinônima do provérbio.

O Targum espiritualiza este versículo, observando: "Suas obras, todas elas, são pesos verdadeiros". E o versículo também é espiritualizado para significar os padrões do evangelho de Cristo, mediante os quais todas as coisas são espiritualmente submetidas a teste.

16.12

A prática da impiedade é abominável para os reis. Um rei bom abomina a iniquidade (ver sobre essa palavra em Pro. 11.1), porquanto tem plena consciência dos poderes destruidores do pecado, quer sobre um homem humilde, quer sobre um homem de posição, como um rei, quer sobre o povo em geral. Um bom rei, por conseguinte, mostra-se cuidadoso quanto à própria conduta, pois ela estabelece o exemplo para o povo seguir. Um rei, tal como um bom pai, dá a seus filhos exemplo, exemplo, exemplo. Cf. este versículo com Pro. 25.5 e 29.4.

Sinônimo. O rei é justo, e também justo é o seu trono (governo, domínio). Ele fará prevalecer a justiça, encorajando o estudo e a obediência à lei, sendo ela o manual de sua própria bondade e sabedoria. Quanto ao trono de um rei, Cf. Pro. 20.28; 25.5 e 29.14, versículo que também enfatiza a retidão em conexão com a autoridade real. O que temos aqui era "um conceito muito elevado para um homem levar adiante, que se cumpriu somente na pessoa do Filho de Davi, o Rei dos reis e Senhor dos senhores (ver Apo. 19.16)" (Ellicott, *in loc.*). Quanto a Davi como o *rei ideal*, ver I Reis 15.3. Quanto às direções gerais acerca do rei ideal, ver Deu. 17.14 ss. A lei era a base de tudo.

16.13

Os lábios do justo são o contentamento do rei. Um rei precisa ter conselheiros dignos de confiança, aqueles cujos conselhos e conduta em geral sejam temperados pelo conhecimento da lei; aqueles que busquem a justiça e joguem água sobre os ardentes conflitos internacionais. Ver Pro. 14.25 e 22.7. Quanto aos conselheiros sábios, ver Pro. 11.14; 12.20; 15.22 e 24.6.

Sinônimo. Os reis amam aos que falam com justiça e verdade, homens que se fazem sábios pelo estudo e pela prática da lei, e que aplicam essas coisas em sua carreira política. Naturalmente, este versículo pode ser aplicado a qualquer indivíduo que tenha relação com algum rei, e não apenas com conselheiros formais. Cerca de cem provérbios tratam do uso próprio e impróprio da linguagem. Ver Pro. 11.9 e 13 quanto a notas de sumário sobre esse tema.

16.14

O furor do rei são uns mensageiros de morte. Quando um rei tem razão para ficar irado, ele pode matar alguém, porquanto a vida e a morte estão nas mãos do monarca absoluto, e ele não hesitará em usar esse poder. A história dos reis, narrada no Antigo Testamento, fornece muitos exemplos de atos intempestivos de reis, alguns por motivos bastante triviais. A história dos reis orientais envolve muita violência e matanças insensatas. O Targum fala acerca dos "anjos da morte" do rei. Lembremo-nos do que Assuero fez a Hamã! Alguns intérpretes não podem resistir à cristianização desta primeira linha do versículo, vendo o Rei dos reis no papel de executor (ver Apo. 6.15-17).

Antítese. O homem sábio, se manipular as coisas de modo correto, será capaz de escapar da ira do rei. Pelo menos, ele deve fazer uma experiência, visto que nada tem que perder. Um sábio proferirá palavras tencionadas a pacificar a ira do rei e fará qualquer tipo de promessa para livrar-se.

O homem sábio o apazigua. "Apazigua" é tradução de uma palavra hebraica que significa, literalmente, "encobrir". O sábio, pois, lançará água sobre a fogueira. O sábio usará de respostas brandas e argumentos cuidadosamente construídos. Ele também apelará à misericórdia do rei, embora, igualmente, ao seu auto-interesse. Esse homem é sábio por ser bem instruído na lei de Moisés. Ele

conseguirá encontrar na lei textos que apelam ao amor e à leniência, e o rei, que também é homem sábio, deixar-se-á impressionar pelo seu uso das Escrituras. Cf. este versículo com Eclesiastes 10.4.

16.15

O semblante alegre do rei significa vida. Se a face do rei se ilumina e brilha sobre um homem, então esse homem obterá a vida. Se a referência é ao provérbio anterior, então estamos sendo informados que o homem que quase perdeu a vida, por causa da ira do rei e de seus mensageiros da morte, efetuou uma defesa impressionante, desviando a ira do rei e suas intenções assassinas. Ver Pro. 16.14b. Talvez a primeira linha do presente provérbio tenha sentido geral: todos os que obtiverem o favor do rei também obterão vida longa, próspera e com boa saúde, porquanto o rei tomará conta deles como súditos favorecidos.

O semblante. A fisionomia, a aparência de seu rosto, que nesse caso estará brilhando de aprovação. Cf. Pro. 15.13; 25.23 e 27.17. Quanto ao semblante do Senhor, que abençoa, ver Núm. 6.25. Ver Eclesiastes 8.1.

Sinônimo. O favor do rei é como a chuva transmissora de vida, a chuva serôdia, ou seja, as chuvas da primavera, na porção final da estação chuvosa, nos meses de março e abril. Essas chuvas eram criticamente necessárias para o amadurecimento das safras, pois, sem elas, haveria fracasso na colheita. Ver também Pro. 19.12. As primeiras chuvas regavam a semente; as últimas chuvas preparavam as plantações para a colheita. "A chuva serôdia caía no fim de março, fazendo amadurecer a cevada e o trigo, antes da colheita, que ocorria em abril. Eram chuvas ardentemente esperadas, consideradas de importância capital. Cf. Sal. 72.6" (Ellicott, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Chuvas Anteriores e Posteriores*. Cf. este versículo com o rosto resplendente que figura em Sal. 84.9 e 119.135.

16.16

Quanto melhor é adquirir a sabedoria do que o ouro! Este provérbio é virtualmente idêntico a Pro. 3.14, onde ofereço notas expositivas. Ver também Pro. 3.15, que adiciona pérolas à comparação. A primeira linha refere-se ao ouro, ao passo que a segunda fala em prata. Se um homem tiver de escolher entre as riquezas materiais e a sabedoria, deve preferir a sabedoria. Mas, ao escolher a sabedoria, talvez também adquira riquezas materiais, conforme aconteceu a Salomão. Isso seria o ideal. Naturalmente, compreendemos que a fonte da sabedoria é a lei, fomentada e interpretada pelas declarações da sabedoria. Ver Pro. 8.10,11,19, onde o ouro, a prata e as jóias são o simbolismo empregado, mais ou menos como foi feito no texto presente. Pertence ao sábio a compreensão, isto é, a esperteza espiritual que o ajuda em todos os aspectos de sua vida. Ele sabe qual é o bem a ser seguido, e qual é o mal a ser evitado. Adam Clarke, *in loc.*, queixou-se que poucos homens acreditam na declaração constante neste versículo, até mesmo aqueles que foram treinados para crer na inspiração divina. O mundo está sempre próximo de nós. A força de sua atração nunca cessa.

Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas.

(Mateus 6.33)

16.17

O caminho dos retos é desviar-se do mal. Usualmente temos a *metáfora da vereda* (ver Pro. 4.11), e os *caminhos do homem bom e do homem mau* são contrastados (ver Pro. 4.27). Seja como for, o sábio envereda pela estrada real que o afasta do mal. Seu caminho é livre de obstáculos (ver Pro. 15.19). Ele é moralmente certo, por ter aprendido a sabedoria mediante o estudo e a prática da lei. Quanto a evitar o mal, cf. o vs. 6 do presente capítulo, bem como Pro. 3.7 e 8.13. Existe uma vereda plana ou estrada real do dever, que jaz bem à frente do sábio. Ela é ampla e isenta de obstáculos. O que se faz mister é a vontade de seguir por ela. Em contraste, o caminho do ímpio é torto e cheio de dificuldades, obstáculos e armadilhas. Cf. Sal. 37.5. Ver também Pro. 6.23.

Sinônimo. O homem que segue o caminho ou estrada corretos, mantendo-se dentro de seus limites, atinge a vida. Essa também é uma das realizações da sabedoria. Ver Pro. 4.13 e ver também Pro. 4.27 quanto aos bons resultados alcançados por quem segue a vereda certa.

Os massoretas identificam este ponto como versículo que assinala o meio do livro de Provérbios.

16.18

A soberba precede a ruína. O orgulho é uma ofensa séria no livro de Provérbios. Ver 11.2; 13.10; ver sobre olhos altivos, em Pro. 14.3. Ver também

Pro. 6.17; 15.25 e 16.5. Os versículos 18-19 deste capítulo discutem sobre o orgulho, a humildade e os desastres, adicionando algo mais ao estoque de declarações de sabedoria. Naturalmente, o vs. 18 é uma das declarações mais familiares e mais empregadas. O orgulho é personificado. Estamos diante de um homem arrogante, que se pavoneia por onde passa, dominando outras pessoas, buscando com quem brigar; mas então, de súbito, ele sucumbe. O homem orgulhoso tropeça em um obstáculo e cai numa cova. Ele é como o animal que um caçador, finalmente, apanha em sua armadilha. Sua queda é fatal. O caçador o apanha, e uma seta atravessa-lhe o coração. A segunda linha métrica provê o pensamento que fornece o paralelo sinônimo. Na primeira linha métrica, o orgulho se projeta; na segunda, os dias de projeção terminaram, pois o homem orgulhoso cai.

“O indivíduo que vive de cabeça levantada, olha sobranceiramente, e não para onde está indo, não vê aquilo em que tropeça, e cai. Outrossim, quanto mais elevada é a pessoa, maior é a sua queda... esse foi o caso de Nabucodonosor... Dan. 4.30,31” (John Gill, *in loc.*). Contraste este versículo com Pro. 15.33.

16.19

Melhor é ser humilde de espírito com os humildes. O saque garantia o salário dos exércitos antigos e, quanto maior fosse a matança, mais polpudo seria o salário das tropas. Um bom matador poderia ficar rico, caso conseguisse manter-se vivo por tempo suficiente. Por outra parte, o homem de espírito humilde, que não fosse um soldado orgulhoso que sáisse a matar e a saquear, naturalmente não teria muitas riquezas materiais. Outrossim, seus companheiros serão como ele mesmo, homens de paz, mas dotados de poucas riquezas materiais. Porém, se você tiver de escolher entre as duas situações, fique na companhia dos humildes. As riquezas obtidas por meio da violência significarão a ruína do homem que prejudica a outros, eventual e inevitavelmente. O saque, neste caso, pode ser generalizado para apontar qualquer violência cometida. Os homens violentos transformam em presa homens mais fracos. Eles formam a segunda linha do provérbio, a linha métrica antitética.

Este versículo tem sido cristianizado para falar de Jesus, o Homem humilde, enquanto os opressores Dele e da igreja são as pessoas violentas que formam o contraste.

16.20

O que atenta para o ensino, acha o bem. Temos aqui uma referência formal à lei de Moisés, o manual de todo judeu bom. É possível que o processo de canonização já estivesse bem avançado quando o autor sacro escreveu este versículo, o que significava que o ensino também incluía os Profetas. O processo que conduziu ao termo *ensino* refere-se às Escrituras. Que o leitor dê atenção aos pontos enumerados a seguir:

1. As declarações de Deus, incluindo os Seus oráculos, dirigidos aos homens, são o Seu ensino.
2. Também temos de considerar a palavra criativa do Gênesis, uma expressão das declarações divinas.
3. Além disso, o ensino está contido no decálogo (ver Êxo. 20.1 e Deu. 4.13).
4. E vejo a significar todas as formas de lei que se desenvolveram a partir da lei mosaica, dada no monte Sinai.
5. Então passou a significar todas as Escrituras, concebidas como a inspirada Palavra de Deus, dada através dos profetas e de outros homens santos.
6. As Escrituras do Novo Testamento também chegaram a ser conhecidas como a Palavra. Ver Efê. 1.13, a palavra da verdade, o evangelho, que se concretizou nos escritos santos. Ver também Fil. 1.14; 2.16 e, igualmente, I Tím. 4.5.
7. O uso moderno faz a palavra ou ensino incluir todas as Escrituras, em suas divisões naturais do Antigo e do Novo Testamento.
8. Finalmente, devemos pensar na Palavra viva, o Logos, a palavra personificada em Cristo (João 1.1). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Logos*.

O homem que dá atenção à palavra ou ensino, ou seja, a lei de Moisés, conforme ela é fomentada pelas declarações de sabedoria (e, talvez, nos Profetas), acha muitas coisas boas, e então encontra a coisa boa por excelência, a vida, uma vida longa e próspera. Ver sobre o ato de ouvir, em Pro. 4.20. Prosperidade é algo prometido ao homem que faz da lei a base de sua vida. É o homem sábio que age dessa maneira.

Sinônimo. O homem que confia no Senhor é feliz, e ele aprende a confiar no Senhor através de Sua palavra ou ensino. Ver Sal. 2.2 quanto ao sentido dessa confiança.

Neste caso, temos o vocábulo hebraico *dabar*, que significa “palavra” ou “instrução” (ver Pro. 13.13).

*Quando andamos com o Senhor,
À luz da Sua Palavra,
Que glória Ele derrama em nosso caminho.*

(J. H. Sammis)

“Não lhe falta nenhuma coisa boa. Ele é conservado em perfeita paz; ele vive no máximo da segurança, parecido com o monte Sião, que jamais poderá ser abalado. Ver Jer. 17.7; Isa. 26.3; Sal. 84.11,12; Sal. 125.1” (John Gill, *in loc.*).

16.21

O sábio de coração é chamado prudente. O homem sábio, que tem uma fé sentida no coração, é chamado de prudente ou então homem dotado de discernimento. O professor que pudesse entregar eficazmente os seus ensinamentos aos estudantes ganhava a reputação de ser um homem de discernimento, porquanto o que ele ensinava ficava provado como verdadeiro à vida. E então, conforme o estudante ia crescendo em sua erudição, também obtinha a reputação de ser homem prudente.

Coração. Ver sobre este vocábulo e seus significados variegados, em Pro. 4.23.

É chamado prudente. No hebraico, *nabon*, “inteligente”, “dotado de discernimento”. Ver Pro. 1.2. Este homem é um esperto no bom sentido.

Sinônimo. Um mestre é ajudado em sua missão por meio de sua oratória persuasiva, sua maneira convincente de falar, seus lábios ungidos. Ele recebeu uma unção para aquilo que costuma fazer, e os homens sentem a presença do Espírito Santo quanto ele fala. Sua fala agradável resulta no aprendizado por parte daqueles que o ouvem.

O saber. No hebraico é *leqah*, “persuasão”. Ver sobre esta palavra em Pro. 1.5. Um bom mestre move e persuade seus estudantes. Eles são transformados em homens como ele é, seguindo tanto suas palavras quanto seu exemplo. As palavras doces (hebraico literal) podem conseguir coisas que palavras duras e de reprimenda não conseguem. Essa é uma observação que muitos mestres e pregadores deveriam aproveitar. As palavras de um homem sábio são atraentes e agradáveis, em vez de serem cortantes e requeimantes. Cf. Pro. 9.9.

“A capacidade de expressar os pensamentos mediante uma linguagem graciosa aumenta muito a capacidade de aprender” (Ellicott, *in loc.*).

16.22

O entendimento para aqueles que o possuem, é fonte de vida. Novamente é reiterado o tema do poder da lei de transmitir a vida. Aqui, o entendimento, que se deriva da lei de Moisés, é fonte de vida (quanto a isso, ver Pro. 10.11). Ver também Pro. 14.27. Quanto à sabedoria como fonte da vida, ver Pro. 4.13.

Entendimento. No hebraico, *sekel*, “prudência”, “discernimento”. Ver Pro. 13.15; 19.11 e 14.27.

Antítese. O insensato está interessado em uma vida longa e próspera, mas ainda não encontrou a fonte da vida. De fato, é um desperdício de tempo instruir os insensatos. “Instruir os insensatos é uma insensatez” (King James Version). Mas a Revised Standard Version diz: “A insensatez é o castigo dos insensatos”, ou seja, eles colhem aquilo que semearam e, assim, em lugar de obterem a vida, terminam mortos prematura e/ou violentamente. Visto que se recusam a ser ensinados pela lei, que provê a sabedoria, devem ser castigados pela própria insensatez.

Este versículo tem sido cristianizado para significar que Cristo, a nossa Sabedoria (ver I Cor. 1.30), confere vida por meio de Seu evangelho, e são uns tolos aqueles que não dão ouvidos às palavras Dele, porquanto dessa maneira cultivam seu próprio julgamento final.

16.23

O coração do sábio é mestre de sua boca. A mente do homem bom, saturada como anda da lei mosaica, torna sua fala judiciosa. Seu coração (conforme diz o hebraico, literalmente), portanto, instrui a boca do homem, dizendo a mesma coisa de maneira ainda mais literal. A lei, fomentada pelas declarações da sabedoria, é o manual do homem quanto a toda instrução. “Uma fala gentil e persuasiva é uma das características do homem sábio (vs. 21)” (Charles Fritsch, *in loc.*). Cerca de cem provérbios referem-se ao uso próprio e impróprio da linguagem. Ver as notas de sumário sobre essa questão, em Pro. 11.9 e 13.

Sinônimo. A mente (coração; ver Pro. 4.23) supre o aumento do conhecimento que ajuda o sábio a dizer o que deve, e a não dizer o que não deve. “... adiciona a persuasão aos seus lábios” (Revised Standard Version). “A sabedoria no coração sugere à boca o quê, como, onde e quando a pessoa deve falar” (Fausset, *in loc.*).

O homem bom tira do tesouro bom coisas boas; mas o homem mau do mau tesouro tira coisas más.

(Mateus 12.35)

16.24

Palavras agradáveis são como favo de mel. A primeira linha métrica deste provérbio é essencialmente igual a Pro. 16.21b, e a segunda linha é essencialmente igual a Pro. 3.8b e 15.30b. Quanto a metáforas sobre os ossos, ver Pro. 3.8; 14.30 e 15.30. Ver também I Sam. 14.27.

Palavras agradáveis. Estas palavras são doces como o mel, e o mel era a coisa mais doce que os antigos conheciam. Cf. Sal. 19.10.

Sinônimos. As palavras que se assemelham ao mel são doçura para a alma e saúde para os ossos (o corpo físico, que depende dos ossos). Metaforicamente, a alma de um homem é abençoada pelas palavras doces que recebe da lei. Esse homem vive por meio dessa doçura, e tem uma vida doce, agradável, conforme aprende mais e mais da sabedoria, por meio da lei, conforme esta é fomentada pelas declarações da sabedoria. A lei dá palavras apropriadas (ver Pro. 15.23) que se adaptam às necessidades de qualquer hora. “Palavras que encorajam, consolam, suavizam, recomendam, enlevam” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). “O que é saudável para a alma faz bem para o corpo ao mesmo tempo; ver Pro. 15.30” (Fausset, *in loc.*). Cf. Sal. 19.10; 119.103; Can. 2.3; Eze. 3.3.

16.25

Há caminho, que parece direito ao homem. Temos aqui uma repetição exata de Pro. 14.12. Ver as notas expositivas ali. Conforme os provérbios avançam, obtemos mais e mais repetições, mas usualmente da primeira ou da segunda linha métrica. Algumas vezes, entretanto, a primeira linha é repetição de um provérbio, ao passo que a segunda repete outro provérbio. Seria impossível criar 915 provérbios absolutamente originais, de duas linhas cada. Cf. o Salmo 119, onde encontramos 166 louvores à lei mosaica. Ali também encontramos um bom número de repetições ou declarações similares.

16.26

A fome do trabalhador o faz trabalhar. “A fome de um homem o impulsiona ao trabalho, o que, por sua vez, também é um meio de ganhar algo” (Charles Fritsch, *in loc.*).

A fome. Literalmente, a alma. O homem inteiro se vê envolvido por sua necessidade. “A fome, algumas vezes, pode motivar as pessoas, até as preguiçosas, a trabalhar, a fim de que seu salário lhes possa comprar mantimentos. Este versículo tem um interessante jogo de palavras: embora uma pessoa esteja trabalhando para outra pessoa, seu apetite está trabalhando para si mesmo” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). A Revised Standard Version dá uma tradução bastante esquisita: “Sua boca o impulsiona para a frente”. A primeira linha tem um apetite em operação; a segunda (sinônimo) fala sobre a boca, que tenta satisfazer a necessidade ou apetite. “A sensação de que ele está suprimindo as suas próprias necessidades dá-lhe forças para trabalhar” (Ellicott, *in loc.*).

Este versículo tem sido espiritualizado e cristianizado para falar dos apetites espirituais que requerem satisfação e assim impulsionam um homem a labutar abundantemente por sua causa. Alguns ministros do evangelho parecem-se com isso. Ver o encorajamento à diligência, em Pro. 10.4,5; 12.24; 14.23 e 28.19. Cf. este versículo com Eclesiastes 6.7, que diz algo semelhante:

Todo trabalho do homem é para a sua boca, e, contudo, nunca se satisfaz o seu apetite.

16.27

O homem depravado cava o mal. Agora já contamos com diversos versículos (27-30) que abordam especificamente a prática do mal, principalmente mediante o uso da língua maligna. O homem ímpio ou sem valor (ver Pro. 6.12) cava armadilhas para os seus inimigos, como um caçador sai à caça de um animal impotente para matá-lo.

Palavras-chave que indicam má vontade: 1. Os ímpios planejam o mal (vs. 27); despertam a contenda (vs. 28); lideram na violência (vs. 29); persistem no pecado (vs. 30).

Homem depravado. Literalmente, diz o original hebraico, “homem de belial”. Contudo, a palavra “belial” ainda não tinha sido personalizada para indicar um diabo pessoal, conforme finalmente ocorreu no judaísmo posterior. Essa palavra — belial — significa, essencialmente, “sem valor”. Está em pauta o homem de profunda degradação moral, conforme se vê no contexto. Ele cava calamidades, ou seja, cava armadilhas que produzem calamidades. Ver Sal. 7.15.

Sinônimo. Outra coisa que o homem perverso faz para mostrar sua natureza envilecida é queimar outros com a sua língua. Sua boca é um fogueira ardente.

Cf. Tia. 3.5,6. Ver também Eze. 20.17. Há cerca de cem provérbios que descrevem o uso próprio e impróprio da fala. Ver as notas de sumário sobre isso em Pro. 11.9 e 13. “As palavras dele são inflamáveis, pois produzem contendas e desavenças entre os vizinhos, como o fogo quando pega na palha seca” (Adam Clarke, *in loc.*). “Os ímpios trabalham (vs. 26), mas somente para produzir o mal” (Fausset, *in loc.*).

16.28

O homem perverso espalha contendas. Os vss. 27-30 descrevem o homem sem valor, ímpio, perverso, e como ele opera. Ver o sumário de palavras-chave nos comentários sobre o vs. 27. Agora vemos esse mesmo homem perverso a espalhar contendas, outra de suas especialidades. A figura simbólica contempla o espalhar de sementes perniciosas para obter uma colheita perniciosa, de contendas, ódio, violência e tribulação. Cf. Pro. 6.14,19; 10.12; 15.18; 28.25 e 29.22. Esse tipo de homem cria confusão propositadamente.

Sinônimo. Uma das principais armas do homem perverso, em seus atos ousados, é a língua. Propositadamente ele espalha mentiras para separar bons amigos, que, assim sendo, tornam-se inimigos. Ele sai ao redor sussurrando, para esconder os seus verdadeiros motivos. Vive sempre em uma campanha de sussurros, plantando sementes destruidoras. Ele conta mentiras desabridas e distorce a verdade.

“Ele separa amigos de amigos e aliena seus próprios amigos, que o repelem como um elemento inútil, como alguém com quem é perigoso conversar... ele separa um homem de Deus (ver Isa. 59.2)” (John Gill, *in loc.*).

16.29

O homem violento alicia o seu companheiro. Os vss. 27-30, conforme dissemos anteriormente, descrevem o homem sem valor, ímpio e perverso, bem como a maneira que ele age. Ver as palavras-chave no vs. 27. Agora nós o vemos a aliciar seus vizinhos para que imitem sua iniquidade. Cf. Pro. 1.10-19, onde é usada a mesma palavra no hebraico — em nossa versão portuguesa, “seduzir-te” — que indica o ato de aliciamento. É típico de pessoas de má índole desejar muita companhia em seus feitos maus. Esses “homens violentos” querem ajuda para realizar seus atos perversos.

Os que tais cousas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem.

(Romanos 1.32)

Sinônimo. Os esforços do homem perverso na maior parte das vezes são bem-sucedidos. Ele insta com os homens para que entrem no caminho do pecado e da violência, pelo que o que começou por um homem só termina com uma companhia engajada na mesma iniquidade, pois é assim que operam os exemplos em favor do bem ou em favor do mal. “Esse homem não se contenta com seus pecados pessoais. Pretende conduzir outras pessoas ao longo de seus caminhos ímpios (ver, por exemplo, Pro. 1.10-14)” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Um único lobo em breve torna-se uma matilha inteira, e até as cidades são perturbadas. Eles encontram muitas vítimas que fazem de presa.

16.30

Quem fecha os olhos imagina o mal. Os vss. 27-30 descrevem o homem sem valor, ímpio e perverso, e como ele opera. Ver o sumário de palavras-chave nos comentários sobre o vs. 27. Agora vemos as piscadelas mediante as quais ele comunica seus planos perversos. Conhecedores dos sinais, os lobos observam tais piscadelas como código para atacar. Cf. Pro. 6.13,14 e 10.10. Ver também Sal. 35.19. Tal homem usa a boca para despertar contenda (vss. 27 e 28) e também usa indícios não-verbais para promover planos destruidores. Alguns estudiosos interpretam a primeira linha como “fechar os olhos”, e não como “piscar”. Nesse caso, a idéia é que ele medita profundamente sobre como fazer avançar seus planos maldosos.

Sinônimo. Ele comprime ou faz sinais com os lábios, dando outro sinal não-verbal a seus confederados. O autor sacro descrevia gestos faciais que comunicam más intenções. O segundo gesto, que aqui vemos, poderia significar “movendo os lábios em soliloquio mental; em silêncio, ele planeja os seus esquemas” (Fausset, *in loc.*). A Vulgata diz “morder” os lábios, que talvez seja um profundo sinal mental de preocupação com esquemas, conforme também se vê na nossa versão portuguesa. Esse gesto é visto por alguns estudiosos como algo equivalente a rilhar os dentes, gesto de desejo ardente pela vingança. Ver Sal. 27.12. O Targum interpreta: “Ameaçando com os lábios”.

16.31

Coroa de honra são as câs. Presume-se que, quando um homem envelhece, seus cabelos branquejam como uma coroa de glória, porquanto conseguiu

uma posição de retidão significativa. Pelo menos, esse é o ideal que admite muitas exceções. A afirmação que diz “Logo envelhecemos; tarde demais, ficamos espertos” tem aplicação aqui. Existem muitos casos de homens idosos por demais cansados e murchos de mente para prosseguir em sua vida de pecados. Portanto, o que resta, eles dedicam a Deus. O começo da vida já foi entregue ao diabo.

Existe algo de desgosto naqueles que se arrependem tarde na vida, que o fazem de cansados que estão, e dão o pouco que resta de sua vida a Deus.

*Cansado estou de pedir, pés inchados e exausto;
A vereda tenebrosa aumentou espantosamente,
Mas agora uma luz surgiu, animando-me.
Descobri em Ti a minha Estrela, o meu Sol.*

(Sr. C. H. Morris)

Mohammad Ali, o famoso boxeador do passado, está atualmente com um caso avançado de doença de Parkinson. Ainda recentemente, ele declarou que sua enfermidade é uma bênção de Deus: “Quando eu era jovem, vivia às voltas com garotas. Mas agora, com esta enfermidade, não posso mais fazer isso. Portanto, agora tenho uma chance de ir para o céu”.

Seja como for, o vs. 31 relata o caso de um mestre que viveu a boa vida e agora envelheceu. A idade avançada é o seu ponto de mais elevada glória. Ele viveu bem e longamente e agora usa seus cabelos grisalhos como coroa de glória, dizendo: “Esta vida foi bem vivida, do começo ao fim, até a idade avançada”. Esse homem correu bem e ganhou a grinalda que é dada aos vencedores. Cf. Pro. 20.29.

Sinônimo. A coroa de glória não é dada a qualquer um. Está reservada ao homem que teve uma vida caracterizada pela retidão. Ele correu pelo curso reto, da maneira certa, e terminou sua carreira gloriosamente. O ímpio, por sua vez, já morreu prematuramente, e, assim sendo, foi removido da corrida. Alguns poucos homens idosos cruzam a linha de chegada e recebem a coroa. Quanto à morte prematura dos ímpios, ver Pro. 2.22; 12.7 e 29.1.

*Quando teus dias da juventude passarem e a idade
avançada tiver chegado,
E teu corpo se inclinar sob o peso da idade;
Ele nunca te abandonará; Ele irá contigo até o fim;
Deixa tua carga com o Senhor, e deixa-a ali.*

(C. Albert Findley)

A vida espiritual foi assim vivida; e a lei do amor foi cumprida:

*O amor não é um tolo do tempo, embora lábios róseos
e bochechas
Apareçam dentro de compasso da foice curva;
O amor não se altera com a passagem das horas
e das semanas,
Mas resiste a tudo, até a beira da condenação.*

(Shakespeare)

16.32

Melhor é o longânimo do que o herói da guerra. O autor elogia aqui o autocontrole, pois a vitória sobre o mal começa no coração de cada indivíduo. Cf. Pro. 14.29 e 25.23. Diz Aboth 4.1: “Quem é forte? Aquele que controla as suas paixões, conforme é dito...” e em seguida aparece a citação deste versículo. A ira é um instinto animal de autopreservação e domínio sobre outros. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ira*. Todavia, aos olhos da pessoa que ainda não desenvolveu grande espiritualidade, a ira torna-se uma virtude. O homem dotado de paciência e autocontrole é melhor do que o soldado que aplica as habilidades de violência e captura uma cidade.

Sinônimo. O domínio próprio (Cf. Pro. 14.17,29; 25.28; 29.11) é um feito maior do que conquistar uma cidade, e é essa, precisamente, a virtude de um homem bom. O autor sacro reverteu a estimativa sobre as coisas, em que a conquista militar é glorificada e os mansos e humildes são desprezados. Para o autor sacro, o herói é aquele homem calmo que se refreia dos pecados da língua e da violência. “A vitória sobre o próprio ‘eu’ é a mais difícil das vitórias” (Ellicott, *in loc.*). Cf. com I Cor. 9.27.

*Em todas as eras, encontra-se um número menor de pessoas
que conquistam suas próprias paixões do que aqueles que
vencem os exércitos inimigos.*

(Cícero)

*Vivem,
Pensam que vivem,
Embora não tenham conhecido a vida.
Fazem suposições,
Querem dominar tudo,
Mas esquecem de dar o primeiro passo
Para o domínio do mundo interior.
Eu penso que um dia
Todos se voltarão
Para a própria alma,
Como quem respira.
Por enquanto não passam de estátuas,
Que querem ser colocadas no alto
Para serem adoradas.
Pobre humanidade ausente!*

(Maria Cristina Magalhães)

16.33

A sorte se lança no regaço. As sortes eram lançadas na dobra de uma veste, que se formava como se fosse um bolso, e então uma delas era retirada; assim, pensava-se haver a chance de que essa sorte transmitiria algum significado predestinado. Presumia-se que o poder divino governava a sorte que seria tirada do meio das outras. As vestes antigas não tinham bolsos, botões e zíperes, pelo que dobras no tecido funcionavam como receptáculos. A linha métrica sinônima inclui Yahweh nessa forma de adivinhação. Era Ele quem dispunha das coisas e dos acontecimentos. Cf. Pro. 16.1,4 quanto a pontos de vista deterministas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Determinismo*. Quanto ao *lançamento de sortes*, ver Pro. 18.18 e Atos 1.26. Ver também o vs. 9 deste capítulo.

Os hebreus lançavam sortes e atreviam-se a usar adivinhações, contanto que fossem eles os que usassem desse esquema. Então a prática estava certa. Mas quando os pagãos usavam o mesmo método, eles diziam que eram guiados por forças malignas. Ver Núm. 26.55. Nas mãos dos hebreus, como é lógico, quando eles lançavam sortes, apelavam a Deus, para Dele receberem orientação. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Vontade de Deus, como Descobri-la*. Estudos no campo da parapsicologia demonstram que aparentes adivinhações ao acaso podem render resultados surpreendentes, mas a maioria desses casos pode envolver a psicocinética, que é o poder da mente para afetar coisas físicas. Nesse caso, seria a própria mente do indivíduo (e não Deus) quem lhe daria a resposta que ele procurava. Tem sido demonstrado que a mente pode afetar (em pequeno grau) o lançamento dos dados.

A linha métrica sinônima dá a Yahweh o crédito pelo sucesso nos jogos de adivinhação, mas isso envolve mais fé do que ciência, mais pensamento de desejo do que realidade. Não é impossível que, algumas vezes, um elemento divino entre na questão. Alguns dizem que a sorte não existe, pelo que até o lançamento de sortes seria controlado por algum desígnio. Por outra parte, a chance e o caos parecem acompanhar-nos em nosso caminho através da vida. Mas o homem bom não é controlado por esses fatores. Não obstante, o homem sábio orará todos os dias contra as manifestações do caos. Quanto à sorte, que ela nos anuncie coisas boas!

Capítulo Dezessete

Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 16 e 17. Dou uma introdução à seção geral em Pro. 10.1 — à seção de Pro. 10.1 — 22.16 — que é a primeira coletânea dos provérbios de Salomão. A segunda parte desta seção começa em Pro. 16.1, e dali até Pro. 22.16 há 191 versículos, cada um com seu provérbio de duas linhas. Ver a introdução a essa subseção em Pro. 16.1.

17.1

Melhor é um bocado seco, e tranqüilidade... Os primeiros vinte versículos deste capítulo estão relacionados, de alguma maneira, aos tópicos de contenda e paz. Cf. este versículo com Pro. 15.17, que diz virtualmente a mesma coisa. Um pedaço antigo de pão seco, ou de carne ressecada, ou um velho pedaço de legume, que já perdeu sua umidade, poderia ser o elemento principal da refeição do homem pobre. Estamos falando aqui de uma condição de pobreza extrema, muito pior do que o arroz-com-feijão do pobre. Mas, mesmo que um homem seja reduzido à pobreza extrema e à quase inanição, sua sorte será melhor que a do homem ímpio, em meio aos seus banquetes, que é a segunda linha métrica, antitética, do provérbio. O autor apresenta um caso extremo a fim de enfatizar seu horror às contendas, sem importar as circunstâncias opulentas que as possam acompanhar. Pelo menos, o homem pobre come em paz e harmonia, com os seus convidados.

Carnes. O hebraico diz aqui, literalmente, *zebzah*, “sacrifício”, o que poderia significar festins com as sobras da carne e dos cereais usados como sacrifícios no templo de Jerusalém. Os sacerdotes ficavam com suas oito porções (ver Lev. 6.26; 7.11-24; Núm. 18.8; Deu. 12.17,18). O que sobrasse podia ser usado pelo ofertante para seus próprios banquetes com parentes, amigos e vizinhos. Portanto, esses termos foram provavelmente generalizados para significar qualquer tipo de banquete que envolvesse sacrifícios oferecidos no templo. Cf. este versículo com Pro. 7.14.

17.2

O escravo prudente dominará sobre o filho que causa vergonha. Até mesmo o escravo de um homem, se trabalhar fiel e sabiamente, será mais favorecido pelo pai de uma casa do que o próprio filho, caso esse se conduza de maneira vergonhosa e traga desgraças sobre sua mãe e seu pai. Cf. este provérbio com Gên. 15.2,3 e I Crô. 2.35. Tal escravo acabará governando o filho desviado, e, de fato, o pai do rapaz dará ao escravo o cuidado de todas as tarefas domésticas.

Essa porção do versículo tem sido cristianizada para fazê-la referir-se aos gentios que tiravam proveito dos judeus, por terem estes rejeitado a missão e o governo do Messias. Eles eram descendentes de Abraão, mas quem não era filho se apossava da filiação deles.

Sinônimo. Não somente um escravo governaria um filho que tivesse desgraçado a si mesmo e ao nome de sua família, mas também ficaria como parte da herança como se fosse um filho do dono da casa, e um irmão dos filhos naturais daquele homem. A segunda linha deste provérbio tem sido cristianizada para falar da herança dos gentios, que se tornaram a igreja, ao passo que os judeus foram rejeitados, preferindo permanecer na incredulidade. Ver Rom. 8.17. (Quanto a um exemplo veterotestamentário desta segunda linha, ver II Sam. 16.) Eliezer teria sido o herdeiro de Abraão, não fora o nascimento oportuno de Isaque. Escravos fiéis com frequência eram elevados a posições de poder e confiança e eram libertados diante da morte de seus proprietários. Ver Gên. 24.2; 39.4-6. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Escravidão*. Jeroboão prevaleceu sobre Roboão, o filho desgraçado de Salomão, e o reino de Israel foi dividido em dois (ver I Reis 12). Jeroboão terminou ficando com a maior parte — dez dentre as doze tribos.

17.3

O crisol prova a prata, e o forno o ouro. Os metais mais preciosos eram purificados no crisol (a prata) e no forno (o ouro). Os homens ficavam muito satisfeitos com os resultados do refinamento desses metais, porquanto produtos valiosos são assim produzidos. O refino dos metais preciosos revela o verdadeiro caráter desses metais mediante a retirada da escória.

Antítese. Em contraste com tal refinamento material, há o refinamento espiritual, por meio do qual o próprio Senhor purifica o coração dos homens bons. Desse modo, esses homens tornam-se mestres e pais espirituais, elementos de valor dentro da comunidade religiosa. O autor sagrado falava sobre instrução, reprimenda, experiências boas e experiências más. Todas essas coisas produzem o calor necessário para a purificação, mas estão particularmente em vista as provações de várias formas. Cf. Tia. 1.2,3 e I Ped. 1.7. Ver também Isa. 48.10 e Sal. 17.3 quanto à figura do refinamento. E isso equivale a Pro. 27.21a.

“Deus somente é capaz de conhecê-los e de submetê-los a teste; ver Jer. 17.9,10” (John Gill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Refinar*, *Refinador*.

17.4

O malfazejo atenta para o lábio iníquo. O homem cujo coração já é mau prontamente dá ouvidos àquele que o encoraja a cometer algum pecado. O homem dotado de “lábios de iniquidade” (conforme diz literalmente o original hebraico) encontrará uma audiência ansiosa por essa “instrução”. O homem ímpio anseia por ouvir maledicências, falas inflamadas, encorajamentos para o mal e planos malignos, e podemos estar certos de que terminará praticando alguma coisa ousada demais, por mostrar-se tão atento a instruções malignas. Especialmente no caso de mulheres, a maledicência é um esporte e pode ser extremamente destrutivo. Todavia, existem outras formas de fala pervertida que são ainda piores. Cerca de cem provérbios abordam a questão do uso próprio e impróprio da fala. Ver as notas de sumário sobre isso em Pro. 11.9 e 13. Ver também, no *Dicionário*, o verbete denominado *Linguagem*, *Uso Apropriado da*.

Sinônimo. Os mentirosos gostam de ouvir mentiras e encorajamentos para a prática do mal. É aí que eles encontram prazer e alegria. “A malignidade nas ações geralmente está associada à falsidade” (Fausset, *in loc.*).

A língua maligna. No hebraico, *hawwet*, “ruína engolfadora”, “destruição”, que são resultados da fala mentirosa e prejudicial. Cf. Pro. 11.13; 16.28; 18.8; 20.19; 26.20,22.

17.5

O que escarnece do pobre insulta ao que o criou. O pobre é um homem humilde no poste totem da sociedade. Ele não dispõe nem de poder nem de dinheiro para influenciar os acontecimentos. Com frequência, apenas se interpõe no caminho dos mais abastados. Ele serve de embaraço, porquanto excita a piedade e requer esmolas, com o que muitos não mostram paciência. O homem pobre é desprezado até por seus vizinhos (ver Pro. 14.20). Contudo, aquele que oprime um pobre insulta o seu Criador (Pro. 14.31). Por conseguinte, o pobre merece simpatia e não escárnio. O indivíduo que zomba do pobre na realidade está zombando do seu Criador. A idéia de Deus, da parte dos hebreus, como a Causa Única, naturalmente via o pobre como feito dessa maneira pelo designio e poder de Deus. A teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias: o homem pobre tinha sido feito dessa maneira; assim sendo, por que ter piedade dele? A pobreza, no entanto, era concebida como sinal do desprazer divino, e, com base nisso, alguns sem dúvida escarneciam dos pobres. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pobre*, *Pobreza*, quanto a detalhes sobre o assunto, nos quais não entro aqui.

Sinônimo. A zombaria contra um homem pobre pode até estender-se ao fato de que uma pessoa pode sentir-se feliz por causa das calamidades que atingem a um homem pobre. Qualquer felicidade dessa ordem, entretanto, por certo será punida pelo Ser divino. “Uma pessoa que se alegra diante dos infortúnios de outras pessoas sofrerá infortúnios” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Cf. esta porção do presente versículo com Pro. 24.17 e Jó 31.29.

Este versículo tem sido cristianizado para falar contra aqueles que perseguem a igreja.

17.6

Coroa dos velhos são os filhos dos filhos. É bom que um homem atinja idade suficiente para ver os seus netos, sua coroa de glória. Cf. Pro. 16.31. O homem sábio segue a lei e isso lhe dá vida longa e próspera (ver Pro. 4.13). Parte da alegria da vida longa é ver os próprios netos e participar da vida deles.

Sinônimo. A glória, ou coroa de glória, dos filhos são seus pais (e avós), que muito se relacionam com seu treinamento para a obtenção da sabedoria e da boa vida, por meio da lei de Moisés. Ver Pro. 22.6 e 15, quanto ao benefício que os pais trazem aos filhos através de seu treinamento e instrução. Portanto, este versículo fala de uma decoração mútua dentro da unidade da família. “Pais e filhos adornam uns aos outros” (Charles Fritsch, *in loc.*). Ver I Reis 11.13 e Jer. 33.21.

Este versículo tem sido cristianizado para falar do Pai, o Antigo de dias, o Pai celestial, e Seus filhos.

17.7

Ao insensato não convém a palavra excelente. Um tolo nunca será achado a derramar da boca um discurso excelente. Ao assim dizer, o autor sagrado refere-se às palavras de sabedoria adquiridas por meio do aprendizado da lei. Ele não estava falando sobre uma retórica esperta, que os tolos podem manipular tão bem como qualquer outro. A palavra hebraica *yoker* significa, literalmente, “lábios de excesso” ou “lábios abundantes”, mas compreendemos a eloquência, o muito falar bem. Os vss. 7-9 retornam à questão da fala própria e imprópria, o tema de cerca de cem provérbios. Ver as notas de sumário em Pro. 11.9 e 13.

Insensato. No hebraico temos o vocábulo *nabhal*, que se encontra somente aqui e em Pro. 30.22. Está em pauta uma pessoa desprezível, que causa vergonha, destituída de espiritualidade e até do bom senso comum.

Sinônimo. Não é nada fácil encontrar insensatos a discursar habilidosamente com base na lei, encorajando os homens a praticar o bem. Nem é fácil encontrar um bom príncipe que tenha lábios mentirosos. Um príncipe (no hebraico, *nadhibh*) é um homem dotado de caráter nobre, sendo o oposto mesmo de um insensato, pelo que dificilmente ele se envolverá em uma linguagem vil, tola e deprimente, repleta de inverdade. Um governante, se tiver de ser alguém que pratica o bem, deve ser homem íntegro, honesto e digno de confiança. Cf. o uso da palavra hebraica *nadib*, “nobre”, em Isa. 32.8. Um governante que diga mentiras torna-se um insensato, sendo nisso que se transformam quase todos os nossos líderes políticos.

17.8

Pedra mágica é o suborno aos olhos de quem o dá. Algumas traduções dizem aqui “presente”, porém é mais provável que devamos pensar aqui em “suborno”. O dinheiro do suborno é posto diante dos olhos do homem, e esses olhos se iluminam. Há mágica naquele dinheiro, que pode fazer quase qualquer

coisa neste mundo. A pedra mágica era uma espécie de encanto de boa sorte que as pessoas levavam consigo, ou sobre a qual meditavam quando queriam que algo bom acontecesse. Um suborno é como um desejo cumprido para o homem corrupto. Este versículo, naturalmente, não está encorajando o suborno. Está tão-somente observando o que sucede no mundo "lá fora", onde o suborno é usado com frequência. Quanto à condenação ao suborno, ver Pro. 15.27; 17.23; Êxo. 23.8; Deu. 16.19 e 27.25. Além disso, ver a exposição sobre Pro. 6.35. Os subornos mostram-se eficazes (ver Pro. 17.8; 18.16 e 21.4), mas isso não os torna corretos. "O homem de Deus está acima do espírito mercenário. Cf. I Sam. 12.3; Dan. 5.17; Atos 8.18-20" (Fausset, *in loc.*).

Sinônimo. O indivíduo que tiver recebido suborno põe-no a trabalhar, como se fosse um encantamento de sorte que o faz prosperar mais e mais. Ele também tomará outros subornos a qualquer tempo em que surja oportunidade. Outras pessoas acabam aprendendo que tal indivíduo pode ser comprado e também procurarão comprá-lo. Mas esse indivíduo continuará crescendo no acúmulo de bens, prosperando em seu mau caminho.

Para onde quer que se volte. Pode haver aqui uma alusão ao virar o contrário do encantamento da sorte, ou para os movimentos das pedras preciosas, que apanham luz e a refletem. Um homem rico que aceita subornos vive uma vida encantadora e com muitas vantagens, que continuam a se apresentar a ele. Como uma pedra preciosa reflete a luz quando movimentada, assim acontece a esse homem, em todas as suas ações.

17.9

O que encobre a transgressão adquire amor. O significado destas palavras é que há homens que perdoam as ofensas que lhe são feitas. Diz literalmente o original hebraico, "cobre", "encobre". Esse homem tem uma expiação privada em seu próprio coração. Ele oferece amor e busca amor da parte do próximo, esperando que outras pessoas também se mostrem caridosas. Esse homem é um praticante da lei do amor. Ver I Cor. 14.1. "O amor cobre todas as transgressões" (Pro. 10.12b).

Antítese. O homem que sai ao redor dizendo como foi ofendido, como outros pecaram contra ele, separará amigos e azedará a vida em geral. Portanto, tal forma de maledicência é aqui condenada. Algumas vezes uma maledicência diz a verdade, mas isso não justifica os culpados de espalhar a má palavra. Ver Pro. 17.4 quanto aos pecados da língua, onde também há uma lista de versículos que se voltam contra a maledicência. É provável que a segunda linha deste versículo tenha tido por finalidade atacar a maledicência, e não meramente atacar o hábito de espalhar histórias sobre como um homem foi vítima. Ellicott, *in loc.*, limita essa palavra a "espalhar antigas queixas". Ademais, Fausset declarou: "... repetir para outro alguma transgressão que deveria ser perdoada, desde muito tempo, por motivo do amor".

17.10

Mais fundo entra a repreensão no prudente... Uma simples reprimenda tem mais valor para um sábio do que cem açoites nas costas do insensato (a antítese). O homem bom, devidamente Instruído na lei e querendo atingir moralidade e sabedoria mais elevada, é sensível para com a palavra falada. Mas o insensato não modifica a sua conduta mesmo quando é severamente espancado.

Um bom cavalo é governado até pela sombra da chibata, mas um animal preguiçoso não pode ser impulsionado nem por uma espora.

(Curtius)

"Uma tenra susceptibilidade diante das admoestações de nosso Pai, mediante a Sua Palavra, os Seus ministros e a Sua providência, é a marca de uma alma graciosa" (Fausset, *in loc.*).

A lei permitia somente quarenta chibatadas (ver Deu. 25.2,3), e não as cem referidas neste versículo, que, provavelmente, reflete uma hipérbole oriental, e não uma referência histórica. "Um insensato casca-grossa não responde nem mesmo depois que severas medidas são tomadas. Uma pessoa má insiste em ser rebelde (Pro. 17.11)" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Açoite*.

17.11

O rebelde não busca senão o mal. O ímpio é alguém que se dedicou à rebelião, contra as leis de Deus ou dos homens. Esse homem parece-se com o insensato de Pro. 17.10b: recusa-se a aprender mediante correção ou reprimendas. Ele se ofereceu aos castigos de Deus e dos homens. Cf. Eze. 2.7. "Esse homem nada faz senão o mal, e todo pecado é uma rebelião contra Deus, um desprezo

contra a Sua lei, uma transgressão... um ato de hostilidade contra o Senhor, o lançamento por terra de toda a lealdade. Diz aqui o original hebraico, literalmente, "rebelia", e não o homem "rebelde", mas provavelmente esse é um uso do abstrato em lugar do concreto, no dizer de Ellicott, *in loc.* O Targum diz: "O homem rebelde", sendo provável que a referência primária seja contra o rei.

Sinônimo. O homem ímpio continua em sua atitude de rebelia, mas um dia ele é surpreendido por alguma calamidade, um mensageiro cruel enviado por Deus. Foi Deus quem enviou a calamidade. Naturalmente, em muitos casos, há uma instrumentalidade humana, algum desastre da natureza, alguma enfermidade, ou a morte prematura e/ou violenta. Cf. com os anjos malignos de Sal. 78.49. Houve um chefe dos executores que ansiava por efetuar a vingança ordenada pelo rei (cf. I Reis 2.34,36). Ver também os atormentadores de Mat. 18.34. Provavelmente a circunstância que provocou a formação desse provérbio foi um ato de rebelia contra algum rei. Um rei anula toda rebelião política mediante a execução do ofensor. As versões árabes e a Septuaginta fazem Deus ser o vingador, ou seja, essas versões generalizam o versículo.

17.12

Melhor é encontrar-se uma urso roubada dos filhos... Um dos acontecimentos mais temidos nas florestas da Palestina era encontrar uma urso que acabasse de perder os filhotes. Cf. II Sam. 17.8 e Osé. 13.8. Se o homem que encontrasse tal urso estivesse desarmado, isso significaria morte certa e, mesmo que estivesse armado, ele não poderia garantir a própria vida.

Antítese. Um insensato irado é mais perigoso do que uma urso. Estamos falando aqui sobre os insensatos violentos que saem a saquear outras pessoas como se fossem lobos soltos no meio da sociedade humana. Esses insensatos não hesitam em matar para conseguir o que desejam. "Considere o leitor encontrar um insensato armado com uma faca, uma arma de fogo, ou mesmo atrás do volante de um automóvel. Uma mãe urso seria menos perigosa do que ele" (L. Alden, *in loc.*). Jarchi aplicou este provérbio aos insensatos que induzem outros a envolver-se na idolatria, o que é espiritualmente fatal.

17.13

Quanto àquele que paga o bem com o mal... A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*) garante que o homem que paga o bem com o mal não escapará da retribuição divina. Ver Pro. 10.3; 22.4; 25.21,22. Yahweh é o poder por trás dessa questão. Muitos dos provérbios apelam para o auto-interesse do leitor, que é legítimo, mesmo que não seja muito elevado.

A mim me pertence a vingança, eu retribuirei, diz o Senhor. Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.

(Romanos 12.19-21)

Pagaram-me o bem com o mal, o amor, com o ódio.

(Salmo 109.5)

Sinônimo. O homem que comete o crime de fazer o mal para aquele que lhe fez o bem descobrirá que não somente ele, mas até sua casa e sua posteridade, sofrerá por causa disso. Fazia parte da teologia dos hebreus que uma pessoa podia sofrer e mesmo morrer por causa dos pecados de seu pai, e isso poderia ocorrer durante a passagem das gerações. Ver Êxo. 20.5. Por outro lado, também fazia parte da teologia dos hebreus que um homem sofreria ou morreria somente por causa de seus próprios pecados. Ver Deu. 24.16 e Eze. 18.20. Permitirei que o leitor reconcilie as duas idéias entre si. Mas ofereço algumas sugestões nas notas das referências citadas. Talvez a idéia mais humana seja uma noção posterior, que anulou a teologia anterior. Ou então devemos supor que os descendentes também se envolvem em pecados pesados. Talvez seja assim, porém o mais provável é que não é isso que Êxo. 18.20 quer dizer. Devemos lembrar que a mente dos hebreus tinha um conceito fortemente comunal, e o pecado cometido por um dos membros da comunidade era concebido como pertencente a outros membros da família ou da comunidade. Cf. o conceito paulino dos dois homens de Rom. 5.12,17,18. A raça humana tem cabeças federais boas e más, que determinam a bênção ou a maldição.

17.14

Como o abrir-se da represa, assim é o começo da contenda. Ao que tudo indica, a saída da água refere-se a um pequeno racho em uma represa, através do

qual a água começa a fluir. Se uma represa tiver rachado, a força da água em breve fará a rachadura abrir-se mais, e então haverá um grande derrame, totalmente descontrolado. Ou então, se uma abertura foi feita propositalmente, a mesma coisa aconteceria, e a água passaria por ali de modo tão abundante que fugiria completamente do controle humano. Uma pequena rachadura em uma represa em breve se amplia, por causa do poder escavador da água, e nem pode a rachadura ser reparada, uma vez que a água começa a fluir por ali. Talvez tenhamos aqui uma figura da represa de irrigação, e então estaria em vista uma circunstância de inundação.

Sinônimo. As querelas e contendas são como a água sobre a qual perdemos o controle. Portanto, a discussão tem de ser interrompida logo no início, antes que extravase. O termo hebraico por trás da palavra "abrir-se" é *gala*, encontrado somente aqui e em Pro. 18.1 e 20.3. É, entretanto, uma palavra de sentido incerto. Considere o leitor estes três pontos:

1. Parece querer dizer "irromper, em um sentido hostil" (Charles Fritsch, *in loc.*).
2. Mas Ellicott, *in loc.*, conjectura "mostram seus dentes", a metáfora de um cão irado. Mantenha-se o cão calmo ou ele atacará, dando a entender, controle-se essa disputa, pois, do contrário, em breve o cão estará mostrando os dentes, com os quais os homens serão despedaçados.
3. Adam Clarke diz "misturam juntos", onde os disputantes em breve serão reunidos em batalha. "Portanto, quando você vir que uma disputa se mostra possível, deixe-a imediatamente".

É mais fácil abster-se de uma briga do que retirar-se dela.

(Sêneca)

17.15

O que justifica o perverso e o que condena o justo... O homem dotado de mente distorcida, que favorece indivíduos parecidos com ele mesmo, ao mesmo tempo que condena o justo, é abominação ao Senhor (a segunda linha, antitética). Provavelmente, o caso específico que está em mira aqui é o do juiz injusto, que talvez recebeu um suborno para fazer o que fez. Assim sendo, o resultado de seus julgamentos, sem importar a quem beneficiem, é fraudulento. Ele condena um homem justo e talvez até determine sua execução, ao passo que o criminoso é libertado. Ver Pro. 11.1 quanto à abominação que ele é, juntamente com outros homens corruptos como ele. Cf. Pro. 2.22 e 24.24. Ver também I Sam. 8.3; Sal. 82.2 e Isa. 5.7. Um caso de julgamento podia depender do testemunho de apenas duas ou três pessoas (ver Deu. 17.6) e não era difícil suborná-las. Até mesmo sem receberem dinheiro, testemunhas ímpias podem ansiar por cooperar com um juiz corrupto. Cf. Pro. 21.3 e 25.21,22.

Não é justo aquele julgamento precipitado, mediante o qual um homem bom é julgado como mau, e um homem mau é julgado como bom.

(Sófocles, *Oedi. Tryan.* 622)

17.16

De que serviria o dinheiro na mão do insensato para comprar a sabedoria... Um insensato, se tivesse dinheiro suficiente, talvez tentasse comprar a sabedoria, mas ela não está à venda e, na verdade, não tem preço. Os sofistas, nos tempos de Sócrates, vendiam seu conhecimento, o que Sócrates considerava uma desgraça. Em outras palavras, eles cobravam grandes somas de dinheiro e tinham escolas onde os estudantes pagavam pela sabedoria. Talvez alguns rabinos andassem fazendo a mesma coisa, e este versículo pode ser uma repreensão direta contra eles. Ou então talvez o autor sagrado estivesse simplesmente imaginando tal cena e visse os tolos pagando em dinheiro, na tentativa de obter a sabedoria. Ou, por outra parte, talvez esta declaração seja apenas uma afirmação de que o dinheiro não é o meio adequado para obter a sabedoria. Mesmo que uma escola cobrasse uma taxa de admissão, e mesmo que os tolos pagassem por sua escolaridade, tais indivíduos não seriam sábios, ao terminar o curso. A insensatez deles persistiria. Os insensatos não podem ser ensinados, por terem eles coração e mente perversa.

Sinônimos. Um insensato pode ter dinheiro, mas não tem mente ou, literalmente, coração capaz de adquirir sabedoria. Isso vem através do aprendizado da lei e da prática da lei mosaica. Uma pessoa precisa ser capaz de aprender e ser capaz de seguir. O insensato, entretanto, não tem nem mente nem capacidade de coração. Ele é infenso ao ensino. Se frequentar uma escola onde professores verdadeiros ensinem, poderá adquirir uma fisionomia de sábio, mas essa sabedoria não procederá de seu coração (ver Pro. 4.23 quanto a esse termo). Cf. Pro. 10.15,16.

17.17

Em todo o tempo ama o amigo. A literatura de sabedoria salienta o valor da amizade. Cf. o capítulo 27, onde o tema é dominante. "O alto valor da amizade:

Aquele que tem um amigo possui um dos melhores dons que a vida pode trazer a um indivíduo. Um amigo ama o tempo todo. As mudanças nas condições atmosféricas não alteram a devoção de um amigo... Robert Louis Stevenson tinha razão quando disse: 'Nenhum homem é inútil, enquanto tem um amigo'... A amizade pode aproximar uma pessoa mais do que o parentesco chegado" (Rolland W. Schloerb, *in loc.*).

Aristóteles definiu a amizade como "dois corpos que compartilham uma só mente". "Se você quiser ser amado, ame" (Hecate).

O amor não é um tolo do tempo, embora lábios róseos e bochechas

Apareçam dentro de compasso da foice curva;

O amor não se altera com a passagem das horas e das semanas;

Mas resiste a tudo, até a beira da condenação.

(Shakespeare)

Sinônimo. Um bom amigo torna-se um companheiro mais chegado que um irmão (ver Pro. 18.24). Esse bom amigo pode surgir na adversidade. Os que atravessam juntos alguma adversidade profunda têm o coração entretecido um ao outro. Então o nascimento de irmãos chegados ajuda-os a enfrentar outras adversidades. "Um amigo, em tempos de tribulação, torna-se como um parente em seu apego e devoção" (Charles Fritsch, *in loc.*). Amigo e irmão, neste trecho bíblico, são sinônimos. Não devemos iniciar a segunda linha com a palavra "mas", contrastando-a com a primeira, conforme fazem alguns intérpretes e traduções. Esse provérbio não pretende diminuir a importância das relações de sangue, pois, afinal de contas, usualmente "o sangue é mais espesso do que a água". Pelo contrário, este provérbio está meramente exaltando uma amizade autêntica. Mas, em Pro. 18.24, um verdadeiro amigo é exaltado acima do irmão médio.

17.18

O homem falto de entendimento, compromete-se. O autor sacro, de súbito, volta ao assunto de tornar-se fiador de outra pessoa. Ele tinha desencorajado essa prática como fonte originária de muitas dores de cabeça. Ver Pro. 6.1 e 11.15, em cujas notas expositivas demonstro que a atitude do autor sagrado era pragmática, e não cristã. Ver também Pro. 20.16; 22.26,27 e 27.13. O presente versículo é muito vigoroso e assevera que um fiador é um homem sem bom senso, um insensato, pelo menos quanto a esse aspecto.

Compromete-se. Literalmente, no hebraico, "apertar as mãos", o gesto de entrar em um acordo. Ver sobre isso em Pro. 6.1, sob o termo *empenhaste*. Cf. II Reis 10.15.

Sinônimo. Um fiador insensato faz parte de um empréstimo a elevados juros e se parece com uma ovelha que está sendo conduzida ao matadouro. Ele pretende beneficiar o próximo, e assim, na sua presença e na presença do credor sem entranhas, ele se compromete com o apertar das mãos. Mas, no fim, ele pagará e sofrerá.

17.19

O que ama a contenda ama o pecado. Temos muita dificuldade para compreender a mente criminoso. Há pessoas que amam a iniquidade e fazem de atos terríveis uma espécie de esporte, pois tem prazer no furto, no assassinato e em violências de toda sorte. Mas talvez esse pecador seja do tipo calmo. Ele não é violento, mas tem muitos hábitos corruptos, dos quais tanto gosta. Esses hábitos tornam-se seus amantes. Certos homens não caem na transgressão da lei de forma inconsciente. Eles amam a vida de transgressões e quebram a maioria, se não mesmo todos os mandamentos, e isso sobre bases regulares. Entre esses maus hábitos está a contenda, pois a vida e a sociedade do transgressor são caóticas, cheias de tempestades contínuas. "As contendas sempre acompanham a natureza rebelde (no hebraico, *peshah*); a destruição certamente sobrevirá a esse homem orgulhoso (ver Pro. 13.10)" (Charles Fritsch, *in loc.*). Alguns vinculam a "contenda" referida neste versículo ao mau negócio do vs. 18. A situação de credor-devedor-fiador só pode terminar em contenda, mas isso parece limitar por demais este versículo, embora possa ser uma ilustração da questão.

Sinônimo. O transgressor tira proveito de sua vida de crime e engano e assim edifica para si uma casa espetacular, com uma porta de tamanho desmesurado. Essa casa é ornamentada com metais cuidadosamente entalhados. A construção atrai a atenção de todos quantos passam. Alguns fazem dessa porta a boca do homem (um vivido símbolo). Ele passa o tempo todo com a "porta" aberta, vangloriando-se de todas as suas realizações. O orgulho faz-se presente na casa literal do homem por causa daquela porta grande, e se faz presente no homem com a boca aberta, a "boca grande", conforme dizemos em uma moderna expressão

idiomática. Em contraste, pessoas mais humildes por muitas vezes constroem portas baixas que tornam mais difícil aos saqueadores ter acesso a qualquer pequena riqueza que seu proprietário possuía. Algumas portas não tinham mais de 90 cm de altura, ao passo que outras eram imensas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Porta*, quanto a materiais que ilustram o presente versículo.

17.20

O perverso de coração jamais achará o bem. Alguns indivíduos são dotados de coração distorcido (ver Pro. 4.23 quanto ao termo). Essa é a origem de toda a sua corrupção, pois como um homem pensa em seu coração assim ele é (Pro. 23.7). Mas a vida não é muito feliz com o coração perverso e verifica-se que essa calamidade fere, eventualmente. Esse homem de mente distorcida jamais estudou a lei, e o pouco que aprendeu foi por ouvir dizer, pois não pensou que valia a pena pôr a questão em prática. A lei era o seu coração pervertido, que o impelia a "obedecer" aos impulsos malignos. Ele se tornou um seguidor confirmado do caminho distorcido e liderou outros nesse caminho distorcido. Ver Pro. 4.27 quanto a um sumário dos *caminhos bom e mau* que os homens escolhem. Ver Pro. 4.11 quanto à *metáfora da vereda*.

O perverso. No hebraico, *iqqes*, "distorcido", "torto". Ver Pro. 2.15. Os motivos e a moral de uma pessoa são bizarros, ignorando toda lei.

Sinônimo. Um coração pervertido naturalmente se exprime através de atos e de uma fala pervertidos. Mas o homem do coração e de boca distorcidos só pode cair na calamidade, por causa da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver Pro. 17.13 como uma ilustração dessa situação. "Esse homem é abominação (ver Pro. 11.1) diante de Deus e assim não ganha da parte Dele bênção alguma" (Ellicott, *in loc.*). Ver o indivíduo de língua dúplice em I Tim. 3.8 e Tia. 3.9,10. Cerca de cem provérbios falam sobre o uso próprio e impróprio da língua. Ver Pro. 11.9 e 13 quanto a notas de sumário sobre esse tema.

17.21

O filho estulto é tristeza para o pai. Se um homem gera um insensato, então inevitavelmente sofrerá tristeza por causa disso. O autor nada diz sobre esse treinamento supostamente usado para garantir o sucesso. Ver Pro. 22.6. Ele parece reconhecer, pela sua experiência, que um pai sábio pode, de fato, gerar um filho insensato, a despeito de seus bons esforços. E também há outros fatores envolvidos além do bom treinamento e do bom exemplo. Ver as notas expositivas em Pro. 13.24, que entram nessa questão, propondo outras razões para os desastres na paternidade, mais do que a falta de esforço em prol do bem.

Sinônimo. O insensato (no hebraico, *kesil*) que figura na primeira linha é o mesmo insensato (no hebraico, *nabhal*) da segunda linha, mas isso é apenas uma variação literária. O insensato que traz dor a seu pai também não lhe traz alegria, a esperança de qualquer bom pai.

Alguns, tentando estabelecer uma diferença entre *kesil* e *nabhal*, fazem a primeira palavra significar "cabeça dura", ao passo que a segunda indicaria alguém a quem falta sensibilidade ou percepção espiritual. Cf. este versículo com o vs. 7 deste mesmo capítulo e com Pro. 30.22. "Os pais não deveriam anelar tanto por muitos filhos, mas, sim, por uma descendência piedosa" (T. Cartwright, *in loc.*).

17.22

O coração alegre é bom remédio. O autor sagrado, por várias vezes, reconheceu o valor da medicina psicossomática. A mente (coração) exerce poder sobre o corpo. Ele conhecia isso por observação, e não por meio da ciência. Quanto a outras observações psicossomáticas, ver também Pro. 3.8; 14.30; 15.13. A paz mental, a animação e certamente uma boa consciência são estados espirituais/mentais que conservam o corpo feliz e saudável.

Remédio. Os primeiros hebreus não confiavam nos médicos, em parte por pensarem que as enfermidades resultavam do pecado, e em parte porque somente Yahweh, segundo criam, poderia ser o verdadeiro curador (ver Sal. 103.3). Os médicos antigos misturavam ervas medicinais com cânticos mágicos em suas curas, e esse aspecto mágico era o que mais irritava os hebreus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Medicina, Médico*. Em tempos posteriores da história dos hebreus, até os sacerdotes, no templo de Jerusalém, contavam com médicos que os atendiam (conforme o Talmude mesmo o indica). Parece que, quando este versículo foi escrito, pelo menos ervas medicinais eram usadas, o que já foi um passo que afastava os judeus da posição mais radical do passado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cura*.

Porém, um coração correto e uma mente contente é a medicina real que ajuda o corpo, no presente versículo, embora isso também possa aludir a outras medicinas naturais.

Antítese. Uma mente negativa, cheia de cicatrizes produzidas pelo pecado, além de outros elementos negativos, pode prejudicar o corpo; e sabemos que isso é verdade. Quanto à metáfora dos ossos, ver Pro. 3.8; 14.30; 15.30 e 16.24.

O espírito abatido. "Um espírito abatido refere-se ao fato de alguém andar deprimido, entristecido (ver Pro. 18.14). Um exemplo de espírito abatido é a tristeza de um pai por causa de seu filho desviado do reto caminho (vs. 21)" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

17.23

O perverso aceita suborno secretamente. Ver o vs. 8, que também é contrário ao suborno, e cujas notas expositivas também se aplicam aqui. O suborno é como uma pedra mágica para o indivíduo subornado. É como um encantamento de boa sorte, que o faz prosperar. Com frequência, o propósito do suborno é perverter a justiça, conforme diz o presente versículo.

Secretamente. As vestes antigas não contavam com bolsos, botões e zíperes. Pelo contrário, tinham dobras. A dobra que havia à altura do peito funcionava como bolso. Portanto vemos aqui aquele que dava o suborno meter a mão nessa dobra e tirar dali um diamante, uma jóia de ouro, o documento de uma propriedade ou alguma outra coisa dotada de valor, que apresentava como suborno, enquanto os olhos do subornado faiscavam de ganância e não haveriam de rejeitar a peita. Se o subornado fosse um juiz, isso significava que a justiça já havia sido pervertida. Temos no Brasil uma declaração popular que diz: "É dando que se recebe", e grande parte das doações entre os políticos consiste em suborno. No vs. 8 dou uma lista de referências onde o suborno é condenado. Ver também Pro. 15.27, onde há outras idéias úteis sobre o assunto.

17.24

A sabedoria é o alvo do inteligente. O sábio chega aonde está mediante o acúmulo gradual da compreensão, derivada do manual que é a lei, fomentada e interpretada pelas declarações da sabedoria. O homem capaz de discernir tem um alvo espiritual: obter sabedoria. Cf. com as declarações do vs. 10 deste capítulo. Um sábio judeu olhava para o lugar correto e óbvio onde a sabedoria que ele buscava podia ser encontrada, a lei de Moisés, o guia de sua vida (ver Deu. 6.4 ss.).

Antítese. Em contraste, os olhos do insensato percorrem o mundo inteiro e não encontram alvo certo para seguir, mas tão-somente um desvio contínuo. Seus olhos percorrem o horizonte, mas ele nunca descobre coisa alguma dotada de valor espiritual. Tal homem pode achar dinheiro; pode encontrar fama; pode obter poder. Mas essas realizações reduzir-se-ão a nada no fim de sua vida. Cf. Deu. 30.11.14. "Ele negligencia a palavra da fé, que está perto dele (ver Rom. 10.8)" (Fausset, *in loc.*). Entretanto, "o homem sábio concentra-se sobre o alvo imediato" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 24). "... os desejos do insensato espalham-se por muitas áreas, tendo por alvo coisas impossíveis e ilegítimas" (Adam Clarke, *in loc.*).

17.25

O filho insensato é tristeza para o pai. Pro. 17.25a repete a idéia do vs. 21 deste mesmo capítulo. Ver também Pro. 15.20 e 17.21. Mas temos aqui uma palavra diferente e, talvez, mais forte, para indicar o sentimento de tristeza, a saber, *ka'as*, que aponta para uma tristeza profunda (ver *Eclesiastes* 1.18; 7.3). A palavra também pode significar "provocação" (ver Pro. 27.3) e "importunação" (ver Pro. 12.16). Um pai se entristece diante do filho que não saiu conforme ele esperava. Ver Pro. 13.24, onde proponho outras razões pelas quais o treinamento de um filho pode falhar, em vez da falta de ensino e disciplina. Os vs. 21 e 25 parecem querer dizer que algumas vezes um bom pai, que fez tudo quanto estava ao seu alcance para criar corretamente um filho no caminho reto, fracassou. Por outra parte, é facilmente possível que o filho é que tenha fracassado, por culpa exclusiva sua, porquanto, afinal de contas, ele tem seu próprio livre-arbítrio, bem como os poderes para dirigir a sua vida. Além disso, há outros fatores possíveis que reviso na exposição sobre Pro. 13.24.

Sinônimo. A mãe de um filho insensato também está diretamente envolvida na vida desse filho, primeiramente por haver-lhe dado nascimento e então por ter sido a sua primeira professora. Ela também fica amargamente desapontada com o resultado obtido. Por outra parte, se não fosse a sua mãe, o rapaz ainda seria pior do que é. Provavelmente ela fez alguma diferença para melhor, embora não tanto quanto esperava. A maioria dos pais e mães sofre alguma amargura na questão de criar filhos, mesmo depois de fazerem tudo quanto puderam fazer. Portanto, se essa for a sua situação, entregue a carga ao Senhor e deixe-a com Ele.

... lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós.

(I Pedr 5.7)

“Jeroboão, filho de Nebate, foi causa de um amargor que fez Israel pecar. Ver Pro. 10.1” (John Gill, *in loc.*). Ver I Reis 12.28 ss. quanto ao pecado de Jeroboão.

17.26

Não é bom punir ao justo. Este versículo é a repetição da idéia do vs. 15. Os ímpios escapam à punição, mas os justos são condenados (nos tribunais da lei, com subsequentes resultados terríveis). A palavra aqui traduzida por “punir”, ao que parece, seria mais bem traduzida por “taxado”. O homem bom sofre um julgamento injusto e termina sendo forçado a pagar um imposto, ou seja, sofre prejuízo financeiro.

Provérbios que dizem “não é bom”: 18.5; 19.2; 24.23; 25.27; 28.21. Um homem sábio não se misturará no negócio dos insensatos, que pervertem a justiça e praticam uma variedade de pecados.

Sinônimo. O pior de tudo é que um homem bom pode ser espancado por crimes alegados que, entretanto, ele não cometeu. Somente os reis e os juizes, na antiga nação de Israel, podiam baixar ordens para um espancamento judicial, e devemos entender que, provavelmente, eles aceitavam peitas (vs. 23) a fim de condenar injustamente o homem bom. Ademais, eram necessárias apenas duas ou três testemunhas, as quais podiam ser subornadas para que um homem fosse injustamente condenado. Quanto aos apoites judiciais, ver Deu. 25.1-3. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Apoite*.

Príncipe. Uma melhor tradução seria “nobre” e, não necessariamente, aqueles que tivessem subido a uma posição de autoridade.

17.27

Quem retém as palavras possui o conhecimento. Este versículo é bastante parecido com Pro. 10.19, onde oferece notas expositivas sobre o tema da retenção da linguagem. O homem dotado de conhecimento sabe segurar a própria língua, sabe ponderar suas palavras, sabe usar sua inteligência na fala, em vez de usar de precipitação. Ver também Pro. 12.17. “Um homem sábio mostra-se cauteloso quanto ao que diz (Cf. Pro. 14.8) e não vive falando à toa” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Sinônimo. O homem bom, que é cauteloso naquilo que diz e tem uma boa conversa, possui um espírito frio (na Revised Standard Version, “não se deixa provocar facilmente”). Essa versão traduz a palavra *kethibh*, e não o termo hebraico *qere* (excelente), encontrado em alguns manuscritos. O homem sábio “conserva a frieza”, conforme diríamos em uma expressão idiomática. Esse homem não se deixa provocar nem irritar, e mantém seu temperamento sob controle. Cerca de cem provérbios tratam do uso próprio e impróprio da linguagem. Ver Pro. 11.9,13 quanto a notas de sumário a respeito. Ver também, no *Dicionário*, o artigo chamado *Linguagem*, *Uso Apropriado da*. O Targum fala sobre o homem de espírito humilde.

17.28

Até o estulto, quando se cala, é tido por sábio. Um homem insensato, nas raras ocasiões em que conserva a boca fechada, em vez de fazer seu barulho usual, aparece como um sábio, embora essa condição possa ser esperada como de curta duração. Esse homem, algumas vezes faz o que um homem sábio faz habitualmente (conforme a descrição do vs. 27). Um silêncio que oculte a insensatez é uma espécie de sabedoria. Mas o insensato (no hebraico, *‘ewil*) usualmente é um sujeito arrogante ou endurecido (ver Pro. 1.7). No entanto, tal homem pode ter seus momentos de sabedoria — o que é a declaração sinônima (segunda linha métrica) deste versículo. Mas se houver aqui uma antítese, então a segunda linha se refere ao sábio citado no vs. 27, que forma o contraste com o “insensato” ocasional. Provavelmente a declaração é um sinônimo. Algumas vezes, porém, veremos o espetáculo do insensato invadindo o território moral do sábio, embora isso não seja muito freqüente.

“Um homem pode ter boca de ouro e língua de prata quanto à sua eloquência; mas saber quando e onde falar, e quando se fazer silêncio, vale mais do que os diamantes” (Adam Clarke, *in loc.*).

Capítulo Dezoito

Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 17 e 18. Dou a introdução à seção geral em Pro. 10.1 (a seção 10.1 – 22.16 assinala a primeira coletânea dos

provérbios de Salomão). A segunda parte dessa seção começa em Pro. 16.1. Daí até 11.16 existem 191 versículos, cada um deles com seu provérbio de duas linhas. Ver a introdução à subseção de Pro. 16.1.

18.1

O solitário busca o seu próprio interesse. O hebraico original deste versículo é ininteligível, pelo menos para nós. Talvez os hebreus pudessem arrancar algum sentido dessas palavras hebraicas. Por conseguinte, obtemos muitas conjecturas e não poucas emendas. A King James Version fornece uma tradução ininteligível, procurando imitar literalmente o hebraico. Considere o leitor estes quatro pontos:

1. Um dos significados possíveis é que o homem “independente”, aquele que não freqüentou as escolas dos mestres, segue os seus próprios padrões e desejos. Esse indivíduo isolado na realidade manifesta-se contra a sabedoria. É uma espécie de herege, um homem de mente independente.
2. Ou então esse homem afasta-se dos sábios que buscam pretextos para manter sua posição de independência e, assim sendo, encrespa-se contra todo o são julgamento.
3. Ou então este versículo poderia significar que certos sábios buscam a sabedoria com entusiasmo tal que esquecem tudo mais. São os fanáticos religiosos, dentro do contexto do Antigo Testamento, homens para quem “a lei era tudo”.
4. Ou, ainda, este versículo quer dar a entender que certos amigos alienados buscam desculpas para iniciar qualquer sorte de contendas, sem ter, para tanto, boas razões. Assim, as palavras usadas pela Septuaginta, “insurge-se contra”, seguidas pela nossa versão portuguesa, acompanham o mesmo original hebraico de Pro. 17.14, onde a palavra também se reveste de significado duvidoso. Ver sobre o termo hebraico *gala*, sob *Sinônimo*.

18.2

O insensato não tem prazer no entendimento. Se este versículo tencionava dizer algo similar ao vs. 1, então a primeira das quatro interpretações daquele versículo provavelmente é a correta. Um insensato não segue os ditames das escolas de sabedoria. Ele não é discípulo da lei de Moisés e tem pouco uso para as declarações de sabedoria que fomentam e interpretam a lei.

Sinônimo. O louco não tem prazer no discernimento que se deriva da lei de Moisés. Ele tem seus próprios discernimentos (compreensão), seu próprio conjunto de prazeres — mentais e físicos —, os quais compõem a sua vida, e não a lei. Parte de seu prazer é exhibir sua ignorância. Ele é um insensato que gosta de dar espetáculos. De sua boca esguicha insensatez (ver Pro. 15.2). E ele não se cala, o que permitiria que os outros homens o confundissem com um sábio (ver Pro. 17.28). Ele cai na armadilha de ser um produtor intempestivo de tolices (ver Pro. 18.6,7). Esse homem só se interessa pelo tipo de sabedoria que fomenta os próprios desejos. Ou então se tem algo digno para dizer, ele o faz somente com propósitos de exibição e ostentação. Cf. Pro. 26.1,3-12.

18.3

Vindo a perversidade, vem também o desprezo. Quando um ímpio chega para fazer uma visita a outrem, traz consigo um companheiro, a saber, o desprezo. Somente outro insensato saudará a sua presença e à de seu companheiro. Esse homem ímpio prejudicará a si mesmo e a outras pessoas com seu estilo de vida. “Cf. o sentido inteiro de Sal. 106: a tristeza e a vergonha se seguem ao pecado” (Ellicott, *in loc.*).

Sinônimo. Quando a desonra vem nos fazer uma visita, traz a sua companhia, a desgraça. Só os insensatos darão as boas-vindas a essas visitas. Essas várias palavras são usadas para produzir um contraste com os benefícios da retidão, a vida sábia. Isso deve incluir ou produzir honra e dignidade (ver Pro. 4.7-9). Cf. este versículo com Pro. 12.8.

18.4

Águas profundas são as palavras da boca do homem. Estão em vista aqui as palavras de um homem sábio. Elas são profundas porque ele estudou profundamente a lei mosaica. E a fonte jamais poderá exaurir-se porque ela é divina. Alguns estudiosos pensam que as palavras da primeira linha significam “de dentro de uma cisterna”, ou seja, palavras profundas mas estagnadas, produzidas somente pela sabedoria humana; mas isso parece ser contrário ao sentido verdadeiro das palavras em foco. O autor enfatizava a profundidade da lei que está no homem, uma fonte insondável. É melhor pensar nas profundezas misteriosas do oceano que na relativa superficialidade de uma cisterna.

Sinônimo. As palavras do homem sábio são, igualmente, parecidas com a fonte da sabedoria que envia um esguicho de água. Essa água é doce e refrige-

rante, abundante e transmissora de vida. Ver como a sabedoria transmite vida, em Pro. 4.1. Quanto à lei como doadora de vida, ver Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.1. As palavras do sábio beneficiarão outras pessoas, em contraste com as palavras do insensato. Quanto a palavras ajudadoras e encorajadoras, ver Pro. 10.11 e 13.14. Cerca de cem provérbios falam sobre o uso próprio e impróprio da linguagem. Ver Pro. 11.9 e 13 quanto às notas de sumário sobre esse tema. Quanto à fonte da vida, ver Pro. 13.14. "Vida e morte" estão no poder da língua. Ver o vs. 21 do presente capítulo.

18.5

Não é bom ser parcial com o perverso. Quanto a provérbios iniciados com a introdução que diz "não é bom", ver Pro. 17.26; 18.5; 19.2; 25.27 e 28.21. Aqui o que não é bom é usar de parcialidade em favor do perverso, em detrimento do homem bom. O que é especificamente condenado é a injustiça em tribunal. Cf. Pro. 17.15,23,25; 24.23 e 8.21. O verdadeiro juiz não aceitará subornos (ver Pro. 17.23). Ver também Êxo. 23.8.

Sinônimo. Um juiz injusto (ou uma testemunha falsa) não somente favorece o pecador, mas também priva o homem justo de justiça, levando-o a pagar uma multa (ver Pro. 17.26) ou mesmo a ser executado, se seu alegado crime cair na categoria das ofensas sérias.

Ser parcial. Diz o hebraico, literalmente, "levantar a face de", ou seja, mostrar favoritismo olhando para o rosto de uma pessoa, para que esta encontre olhares e sorrisos favoráveis. Cf. este versículo com Lev. 19.15.

18.6

Os lábios do insensato entram na contenda. Um indivíduo insensato continua falando e, quanto mais fala, mais contendas desperta. Cf. Pro. 26.21. "Um insensato acaba por encontrar-se em tribulação, porquanto fala sem pensar (cf. o vs. 2), com base em um coração corrompido" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). "Ele diz coisas que provocam disputas e contendas entre os homens, o que provoca ira e sentimentos adversos" (John Gill, *in loc.*).

Sinônimo (suplementar). Visto que esse insensato não pode deixar de falar, por isso mesmo alguém tem de detê-lo com um espancamento. Isso porque ele causa muita confusão, promove casos falsos nos tribunais, dá testemunho falso sobre negócios e atividades e, de modo geral, porta-se na sociedade como um destruidor. Seus crimes não são tão pesados que demandem a sua execução; mas, por causa deles, ele recebe um belo castigo físico. Ver Pro. 10.13; 17.10 e 26.3. Ver o artigo geral que se chama *Açoite*, no *Dicionário*. O número de golpes aplicados era sempre proporcional à gravidade da ofensa, embora não pudesse exceder quarenta chibatadas (ver Deu. 25.1-3). A segunda linha pode ser interpretada como significando que o insensato exige que um homem receba, injustamente, um espancamento; mas essa interpretação é menos provável. "Mediante a boca contenciosa, ele atrai golpes de chibata contra si mesmo" (Fausset, *in loc.*).

18.7

A boca do insensato é a sua própria destruição. Cf. esta primeira linha do presente provérbio com Pro. 12.13, que diz essencialmente a mesma coisa, ainda que as palavras não correspondam. Ver também Pro. 10.25; 12.3 e Mat. 7.24-27. O vs. 21 lembra-nos de que a questão da vida e da morte está na boca.

A sua própria destruição. Provavelmente referindo-se a muitas calamidades que, finalmente, levam à morte prematura, correspondendo ao ponto de vista dos hebreus sobre o que acontece aos homens ruins.

Sinônimos. Os lábios da boca tornam-se uma armadilha armada pelo próprio dono que, finalmente, o apanham. A imagem é a do caçador que apanha a sua presa e então a despacha. O insensato é alguém que despacha a si mesmo. "Certamente ele é prejudicado por sua própria precipitação e devassidão de linguagem" (Fausset, *in loc.*). "Há um mundo de iniquidade na boca e na língua de um homem ímpio, o que atrai a destruição desse próprio homem e de outros; Tia. 3.6,8" (John Gill, *in loc.*).

18.8

As palavras do maldizente são doces bocados... A calúnia e a maledicência são armas que infligem ferimentos. Cf. Pro. 11.13; 16.28; 26.20. Cf. isso com as palavras que curam, em Pro. 12.18.

Maldizente. Se a maledicência é um esporte, no qual se engajam principalmente as mulheres que pouco têm para fazer, é um esporte mortífero. E uma vez que você tenha sido acertado por uma flecha desse desportista, você se tornará

um alvo constante. A verdade e a falsidade não são as regras do jogo. Qualquer história boa, verdadeira, falsa, parcialmente verdadeira ou exagerada, serve. A maledicência afasta para um lado, violentamente, a lei do amor, ou mesmo a lei da cortesia.

Alguém há cuja tagarelice é como pontas de espada.

(Provérbios 12.18a)

A Bondade Um sobrinho de Henry James, de certa feita, perguntou o que deveria fazer na vida. A resposta do tio foi: "Três coisas são importantes na vida: A primeira é ser bondoso. A segunda é ser bondoso. A terceira é ser bondoso".

Bondoso: simpático; gentil; benévolo; amoroso. Esta é outra palavra que indica viver a lei do amor, o que, como é óbvio, condena as flechas da boca. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor*, bem como um excelente poema que ilustra a fala bondosa, em Pro. 11.13. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Bom, Bondade*.

Sinônimo. As palavras que se parecem com espadas e flechas ferem as suas vítimas, mas aqueles que ouvem os contos do maldizente os engolem como se fossem bocados doces. A palavra hebraica para isso, *mithlahamim*, encontra-se somente aqui e em Pro. 26.22. A raiz verbal significa "engolir com afã". Esses pedaços deliciosos são engolidos e terminam no íntimo das entranhas, uma expressão poética que dá a entender o sistema digestivo. Literalmente traduzidas do hebraico, essas palavras diriam "câmaras do ventre", e a referência pode ser somente ao estômago. Essa expressão se encontra somente no presente versículo. Alguns estudiosos, entretanto, dizem que essas palavras são metafóricas para "entesourado nos recessos mais profundos do coração" (Ellicott, *in loc.*). O caluniador e aqueles que recebem com apetite suas calúnias retirarão por muitas e muitas vezes essas histórias atrevidas e perversas de seu tesouro, até morrerem.

Doces bocados. Alguns pensam que a palavra hebraica aqui envolvida significa "ferimentos" (King James Version). Nesse caso, a figura é a de palavras que se parecem com espadas que atravessam o baixo ventre, infligindo um ferimento muito profundo ali. Mas a idéia dada ali provavelmente é a correta.

"... doces bocados, escondidos com uma malícia feroz" (Charles Fritsch, *in loc.*).

18.9

Quem é negligente na sua obra... O preguiçoso não é assassino, nem ladrão; mas mesmo assim é irmão daquele que destrói. Isso acontece porque ele arruína a si mesmo e a outros, os quais dependem dele em sua inação. Ver Pro. 6.1-15.

Sinônimo. Um grande perdulário, literalmente, "possuidor da destruição". "Um trabalho malffeito e incompleto difere de um projeto que alguém demoliu. Ambos os projetos não têm nenhum valor" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). "A negligência do dever causa quase tanto prejuízo quanto uma vida de iniquidade ativa" (Ellicott, *in loc.*). "Um preguiçoso negligencia o seu trabalho, e os materiais referentes a esse trabalho são arruinados. Os desperdiçadores destroem os materiais. Ambos os tipos são destruidores" (Adam Clarke, *in loc.*).

Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Preguiça* e *Preguiçoso*.

18.10

Torre forte é o nome do Senhor. Isto é, a pessoa de Yahweh, o Deus eterno, também chamado de Elohim, o Todo-poderoso. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*. Ver também o artigo denominado *Nome*, bem como esse assunto em Sal. 31.1, e ver *nome santo*, em Sal. 30.4 e 33.21.

Um sábio que esteja sob tribulação e provação tem o recurso da proteção divina, que age como uma *torre* (ver o artigo com esse nome, e também Sal. 46.1). A metáfora é militar. As fortificações divinas pertencem ao homem bom. Ali ele tem proteção e força contra todos os inimigos, internos e externos. Ver também no *Dicionário* o artigo chamado *Refúgio*.

Senhor. No original hebraico temos a palavra *Yahweh*. Esse é o nome por meio do qual Deus se revelou a Israel (ver Êxo. 3); o nome no qual os pactos foram firmados. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pactos*. O amor, os cuidados e a proteção estão com Ele, e qualquer homem em pacto com o Senhor pode reivindicar essas coisas para si mesmo.

Sinônimo. O homem bom que esteja em aflição abriga-se na torre forte, sua fortaleza e refúgio. Ali são resolvidos todos os problemas. Ele está em segurança e ali é abençoado. Cf. este versículo com Pro. 3.5-8. Ver também Sal. 59.1 e 69.29. Quanto à alta cidadela, ver Isa. 26.1. "Torre forte, uma torre alta, uma rocha de refúgio, mais alta do que os homens ou os anjos, ou o próprio céu; e tais são, igualmente, aqueles que se refugiam nessa torre. Esses ficam fora do alcance do perigo, a salvo de todos os inimigos" (John Gill, *in loc.*).

18.11

Os bens do rico lhe são cidade forte. Em contraste com o homem bom, cuja força e proteção estão em Yahweh, o rico se escuda, como sua força, em suas próprias riquezas. Mas essa é sempre uma posição precária. Para ele, porém, é como uma cidade forte. Se este versículo não vincula nenhuma estima a isso, e embora já tenhamos visto que existem vantagens próprias das riquezas (ver Pro. 10.15, onde encontramos a mesma metáfora), o próprio contraste com o vs. 10 diz-nos que esse meio de proteção deve ser duvidoso e falso. Diz-nos, diretamente, a passagem de Pro. 10.2: "Os tesouros da impiedade de nada aproveitam".

"O dinheiro não pode substituir o Senhor como base de segurança, embora os ricos imaginem que suas riquezas podem protegê-los. O dinheiro simplesmente não pode servir de escudo das pessoas contra os seus problemas" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Sinônimos. Os ricos têm aquela vã imaginação que os consola: minhas riquezas cuidarão de mim em qualquer ocasião em que as dificuldades se aproximarem. Essas riquezas são como uma alta muralha que circunda uma cidade, não permitindo que o inimigo chegue a invadi-la. Mas as experiências da vida logo revelam a falácia dessa maneira de pensar. "É infinitamente melhor 'confiar no Deus vivo' do que na 'incerteza das riquezas' (I Tim. 6.17)" (Fausset, *in loc.*).

18.12

Antes da ruína gaba-se o coração do homem. O indivíduo arrogante continua exibindo seu orgulho tolo e sua falsa autoconfiança; mas eis que a calamidade o atinge. O pecado do orgulho é um dos temas mais importantes do livro de Provérbios. Ver o orgulho e a humildade contrastados em Pro. 11.2; 13.10. Ver sobre os olhos altivos em Pro. 14.3. Outros versículos no livro de Provérbios sobre esse assunto, são: 6.17; 15.25 e 16.5,18. Um homem precisa confiar na torre alta (vs. 10), e não em suas riquezas (vs. 11); e certamente não em si mesmo (vs. 12). Ver sobre confiança em Sal. 2.12. O homem orgulhoso se empina alto (no hebraico, *gabah*, "alto", "elevado", "exaltado"), mas isso não faz dele a torre alta de que precisa. O homem que confia em si mesmo caminha na direção da destruição e certamente terminará em uma morte prematura e/ou violenta.

Antítese. Em contraste com o homem orgulhoso, temos o homem bom, que é humilde, e a humildade é a estrada que leva à honra. Esse homem conta com recursos divinos, e nisso está a sua proteção. Aqueles que sobem a grandes alturas propendem por cair, especialmente se não tomam as precauções apropriadas. Mas o homem que se posta no nível baixo da humildade não pode cair. Quanto à queda do homem orgulhoso, ver Pro. 11.2; 16.18 e 29.23. O humilde, em contraste, é exaltado pelo Senhor (Tia. 1.9).

18.13

Responder antes de ouvir é estultícia e vergonha. O homem que não escuta primeiro é também mau respondedor. Cf. Pro. 12.17 e Eclesiástico 11.8.

*Não respondas antes de ouvir;
Não interrompas a ninguém
No meio do que ele está dizendo.*

(Tradução Americana)

"Ouvir", conforme o vocábulo é aqui empregado, significa compreender (ver Deu. 28.49). Mas existem pessoas que não estão interessadas em outras. Elas vivem superocupadas tentando exibir seu espetáculo de homem sozinho.

Sinônimo. Aqueles que não dão ouvidos a ninguém, permitindo-lhe dizer o que tem para ser dito, mas continuam a prestar atenção somente a si mesmos, são insensatos de causar vergonha. São pessoas que só se interessam por si mesmas, que gostam de exibir-se. Não respeitam o próximo nem as suas opiniões. Pensam que já têm todas as respostas. "São pessoas mal treinadas. Baixam seu julgamento antes de ouvirem a questão inteira... Quão absurdo, estúpido e insensato é isso!" (Adam Clarke, *in loc.*). Seus discursos, prematuros como são, servem somente para aumentar a confusão, e não para iluminar. São envergonhados como tolos que são. Cerca de cem provérbios descrevem o uso próprio e impróprio da linguagem. Ver Pro. 11.9 e 13, onde ofereço notas de sumário sobre essa questão.

18.14

O espírito firme sustém o homem na sua doença. Encontramos, neste livro de Provérbios, certo número de versículos psicossomáticos; mas esses versículos estão baseados na experiência diária, e não na ciência, que nos dá tais

informações. Ver Pro. 3.8; 14.32; 15.13 e 17.22. Um homem enfermo pode ser capaz de curar a si mesmo através do poder da mente; ou pode ser capaz de aliviar os seus sofrimentos; ou, simplesmente, pode ter a força, através do poder mental, de sofrer com maior graça os seus sofrimentos. Sua mente forte lhe confere o poder da resistência. Minha mãe resistiu por quatro anos e meio a um caso de câncer, embora os médicos tenham estipulado que ele terminaria a vida poucos meses depois de descoberta a enfermidade. Ela me disse certa ocasião: "Eles estão apostando que vou morrer; mas eu estou apostando que vou viver". Mas não sei como isso lhe foi proveitoso. O que ela conseguiu fazer foi expandir seu tempo de sofrimento. Atualmente, os médicos buscam a visualização para ajudar a curar as enfermidades. Um indivíduo atacado pela leucemia visualiza seus glóbulos brancos a agir como ursos polares que atacam uma situação adversa, por exemplo. Os homens tentam projetar em sua imaginação quadros que pintam metaforicamente a cura, e esse processo parece energizar o sistema de imunização natural. Além disso, temos de considerar a técnica do amor. Um membro do corpo está doente, e o enfermo deve amar aquele membro como amaria a uma pessoa. O amor é um grande poder, e o corpo pode corresponder ao amor.

Antítese. Por outra parte, a mente fraca, o espírito desanimado, não é capaz de curar nada, em si mesmo ou em outrem. A fonte de poder foi apagada. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cura*. Existem curas naturais, medicinais, mentais (o poder natural da mente) e divinas; e todas elas são legítimas. Não precisamos de alguma dramática cura divina cada vez que adoecemos, mas algumas vezes só Deus pode estabelecer a diferença, e então invocamos o Senhor para que processe essa cura.

O espírito. No hebraico, *ruah*, "o princípio primário e sustentador de vida que vem diretamente da parte de Deus" (Charles Fritsch, *in loc.*). Talvez o conceito do espírito ferido inclua a antiga noção hebraica de que toda a enfermidade se deriva do pecado, pelo que o arrependimento é pré-requisito para a cura. Jó, entretanto, demonstrou ser isso uma falácia; mas o pecado é, realmente, uma força capaz de adoecer, pelo que temos de levar esse fator em conta. Ver Sal. 103.3:

Ele é quem perdoa todas as tuas iniquidades; quem sara todas as tuas enfermidades.

18.15

O coração do entendido adquire o conhecimento. O livro de Provérbios fala de uma fé sentida no coração (ver a respeito do *coração*, em Pro. 4.23 e no *Dicionário*). Um homem sábio segue a lei com todo o coração e todas as forças. Ele se torna erudito na lei e aplica as declarações da sabedoria para interpretá-la e fomentá-la. Quanto à lei como guia, ver Deu. 6.4 ss. Cf. esta parte do presente versículo com Pro. 15.14.

Sinônimo. O homem bom tem coração diligente e ouvidos atentos (ver em Pro. 4.20 quanto a ouvir). Combinamos a mente inteligente (Revised Standard Version) com o ouvido da sabedoria para chegar ao conhecimento que é teórico e prático, bem como a tudo quanto está envolvido no conhecimento e na prática da lei, o manual dos sábios. Cf. este versículo com Pro. 23.12: "Aplica o teu coração ao ensino, e os teus ouvidos às palavras do conhecimento".

18.16

O presente que o homem faz alarga-lhe o caminho. Neste versículo, o assunto provável não é o suborno (ver Pro. 6.35). Pelo contrário, está em vista a prática oriental de dar a homens investidos de autoridade presentes a fim de influenciá-los. Hodiernamente, isso é regulamentado por lei, em muitos países, porquanto quase todos esses presentes visam "comprar influência". A despeito das leis vigentes, a prática continua a florescer. Até mesmo homens de poder e riquezas gostam de ganhar presentes. Isso aminha seu "ego" e aumenta, pouco a pouco, as riquezas que eles já conseguiram amediar. E eles estão sempre interessados nesse "pouco". Cf. este versículo com Pro. 19.6. "Não temos aqui o pensamento 'é mais bem-aventurado dar do que receber' (Atos 20.35)", mas a idéia 'é sábio dar a fim de receber'. Essas doações são feitas com motivos egoístas" (Rolland W. Schloerb, *in loc.*).

O presente que se dá em segredo abate a ira...

(Provérbios 21.14)

Os homens que ocupam postos de mando sempre andam irados com alguém, que se interponha no seu caminho ou aja de maneira contrária aos seus interesses. Se você é objeto da ira de algum homem que ocupa um posto de mando ou influência, poderá evitar muita dificuldade se lhe der um presente "em segredo", pois outras pessoas compreenderão a doação como se fosse um subor-

no, se, porventura, tiverem conhecimento do presente. Mas se um presente transformar-se em suborno, então isso perverterá a justiça (Pro. 17.23). Um presente bem colocado pode “abrir espaço” para uma pessoa, ou seja, pode abrir oportunidades e conseguir vantagens, e até comprar oficiais que ocupem posições estratégicas.

Sinônimo. Se o seu presente a alguém que tem influência for importante o bastante, talvez você seja honrado na presença dos grandes. E é provável que isso inclua mais do que apenas honras feitas por uma única vez. Está em vista um avanço na posição ocupada por uma pessoa. Talvez você se junte ao grupo deles e comece a receber presentes da parte de homens menos importantes. Os presentes são coisas admiráveis e tornam feliz o coração dos que os recebem. Porém, presentes que comprem posições são a mesma coisa que subornos. O pecado sempre entra nessas questões.

Os presentes muito prevalecem diante dos deuses e dos homens. O próprio Júpiter fica muito agradado com seus próprios oferecimentos.

(Ovídio)

Ver Gên. 22.20; 43.11 e I Sam. 25.27, quanto a presentes que aplacam outras pessoas.

18.17

O que começa o pleito parece justo... Em qualquer tipo de argumentação, em particular ou em tribunal (ou nas escolas teológicas!), o homem que tem a primeira oportunidade de declarar o seu caso está em vantagem. Entretanto, qualquer argumento precisa ser examinado em profundidade. Os homens sempre apresentam argumentos da maneira que melhor sirva a seus próprios interesses, ou aos interesses de seus grupos. Os modernos sistemas jurídicos provêem advogados de acusação e defesa, para garantir assim julgamentos o mais possível justos. Nos tribunais antigos, os hebreus tentaram obter idêntico equilíbrio mediante o emprego de testemunhas favoráveis e contrárias. Mas todos os sistemas são imperfeitos, pois, algumas vezes, um homem culpado sai livre, ao passo que um inocente é condenado. Erasmo de Roterdã certamente estava com a razão quando insistiu na livre investigação de todas as questões. As pessoas de igrejas conservadoras têm mentes tipicamente fechadas, pois creem já possuir a verdade toda, e não querem ter ninguém que lhes perturbe o conforto mental. Isso não conduz ao crescimento espiritual. Ouçamos e investiguemos a fim de considerar outros pontos de vista, e não para acumular mais evidências para aquilo que acreditamos ser a verdade.

Antítese. O outro homem deve ter o direito de defender sua posição. Que ele apresente o seu caso; e então você pondera a questão e verifica se deve modificar ou não as suas opiniões pessoais. Somente um morto ou um insensato nunca varia de opinião.

*Da covardia que teme novas verdades,
Da preguiça que aceita meias-verdades,
Da arrogância que pensa saber toda a verdade,
Ó Senhor, livra-nos.*

(Arthur Ford)

18.18

Pelo lançar da sorte cessam os pleitos. Quanto a *sortes*, ver Pro. 16.33 e o artigo com esse nome, no *Dicionário*. As notas expositivas em Pro. 16.33 dão uma boa idéia sobre a questão, razão pela qual solicito ao leitor examiná-las. O presente versículo é muito forte: supõe que a orientação divina se faz sentir em jogos de adivinhação triviais. Deus, para os hebreus, era a causa única, pelo que até o lançamento de sortes seria controlado por Ele. As sortes eram usadas para decidir até mesmo questões internacionais, quando ocorria algum dilema. “A decisão de sim/não, dada pelas sortes, ajudava a evitar a continuação de algum conflito ou litígio entre fortes oponentes” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Os apóstolos escolheram um novo apóstolo, em substituição a Judas Iscariotes, mediante o lançamento de sortes! (Atos 1.26), o que é incompreensível para nós, mas que era abc no modo de pensar dos antigos hebreus.

Sinônimo. Até os poderosos usavam sortes. Se alguma aventura militar terminasse em dilema e fosse criada uma clara situação na qual não havia vencedores nem vencidos, então a questão podia ser decidida por alguma forma de adivinhação. Haveria um perdedor declarado (presumivelmente declarado por parte dos deuses), e o perdedor teria de pagar pelos prejuízos. Outro tanto podia acontecer em um tribunal, quando dois homens igualmente poderosos estivessem disputando. O lançamento de sortes era uma espécie de corte no nó górdio. Ver

na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Nó*, que trata dessa questão.

18.19

O irmão ofendido resiste mais que uma fortaleza. O hebraico original, neste versículo, é difícil de compreender, se não mesmo impossível; por isso também vários significados têm sido sugeridos, dentre os quais destacamos dois:

1. Fala-se aqui (tal como diz a King James Version) de um irmão ofendido. É mais difícil “conquistá-lo de volta” para a amizade do que capturar uma cidade forte. As pessoas sentem muito as ofensas e tornam-se duras de coração, não querendo reconciliar-se.
2. Ou então o irmão é ajudado (Revised Standard Version), conjectura feita pela Septuaginta sobre o que este versículo quer dizer. Temos de lembrar que essa versão da Septuaginta foi traduzida por judeus eruditos de Alexandria, que deveriam ser excelentes conhecedores do idioma hebraico. Se o significado, realmente, for o do irmão ajudado, devemos compreender que essa ajuda fará desse homem um aliado (e não um inimigo), e ele se tornará uma cidade forte. A versão siríaca e a Vulgata Latina, bem como o Targum, concordam com essa tradução. Adicione-se a isso a tradução da Imprensa Bíblica Brasileira. Mas a nossa versão portuguesa — a Atualizada — fica com a primeira possibilidade.

Sinônimo ou Antítese. Se estiver correta a primeira significação, acima, então a segunda linha do provérbio fortalece a idéia com uma adição sinônima. As divergências entre irmãos (amigos) tornam-se como as barras que guardam um castelo e não podem ser quebradas. Em outras palavras, a disputa nunca será solucionada, e a alienação tornar-se-á permanente. Mas, se está correto o segundo sentido, que se vê acima, então a segunda linha métrica forma uma antítese. Em contraste com a boa união entre irmãos (amigos), haverá a contenda que separa e aliena, e, como as barras de um castelo, não podem ser quebradas. “A amargura das querelas entre ex-amigos é proverbial” (Ellicott, *in loc.*).

A situação ideal é esta: Irmãos unidos são mais fortes do que um castelo; eles resistem juntos com maior vigor do que as barras de ferro de proteção de um castelo.

18.20

Do fruto da boca o coração se farta. Pro. 12.14 é muito similar à primeira linha deste versículo, e as notas dadas ali também se aplicam aqui. E Pro. 13.2a também é um paralelo direto. As palavras de um homem são como frutos. Podem ser bons (as palavras de um homem sábio) ou amargos e enjoativos (as palavras de um homem insensato). “As palavras com frequência amoldam nossa boa ou má fortuna na vida” (Adam Clarke, *in loc.*). “Cada qual obtém o fruto de sua boca, seja esse fruto bom ou mau, de acordo com as suas palavras, que podem ser boas ou más” (Fausset, *in loc.*).

Sinônimo. Sempre haverá uma colheita envolvida no uso apropriado ou impróprio da faculdade da fala. Pode haver uma colheita boa e benéfica; as palavras produzem o bem para aquele que fala, bem como para o ouvinte. Ou a colheita pode ser amarga e venenosa; e, nesse caso, tais palavras produzem o mal tanto para aquele que fala como para o ouvinte. Essa é apenas outra instância da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Há cerca de cem provérbios que abordam o uso apropriado e impróprio da linguagem. Ver Pro. 11.9 e 13 quanto a notas de sumário sobre essa questão.

18.21

A morte e a vida estão no poder da língua. As questões da vida e da morte estão na língua; ela pode abençoar e pode amaldiçoar. Pode dar vida e pode matar. Pode curar ou pode ser como uma serpente que pica e fere. Existem palavras que são como espadas e palavras que são como dardos, mas também existem palavras que curam. O falar demais envolve a transgressão (ver Pro. 10.19); o falar precipitado causa o dano (ver Pro. 17.28); o silêncio é elogiável, especialmente o silêncio de um homem insensato, que se torna temporariamente sábio por manter a boca fechada (ver Pro. 17.28); o engano pode ganhar vantagens, mas acaba sendo maléfico (ver Pro. 20.17); a maledicência é uma arma temível (ver Pro. 11.13); uma resposta branda pode aquietar águas agitadas (ver Pro. 15.1). Ver sobre Pro. 11.9 e 13 quanto a notas de sumário sobre o assunto, e ver também, no *Dicionário*, o verbete intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da*. No livro de Provérbios há cerca de cem provérbios que tratam desse assunto.

Sinônimo. Considere o leitor estes dois pontos:

1. Um bom discurso é como uma fruta (vs. 20), e aqueles que o apreciam comerão com satisfação.
2. Mas essa porção do versículo pode significar que as pessoas que falam muito amam o seu muito falar, mas sofrerão as conseqüências de seu excesso de palavras. Ver Pro. 10.19; 18.2; 20.19.

Se a primeira dessas duas interpretações é a correta, então é um paralelo à vida referida na primeira linha métrica. Mas se a segunda é que está correta, então ela é paralela à morte referida na primeira linha. Cf. Tia. 1.19,25; 3.6,8. Ver também Pro. 12.13 e 4.23, onde se diz o mesmo tipo de coisa sobre o coração que é dito sobre a língua. Pense o leitor nos oradores eloquentes, cheios de vigor, e o bem ou o mal que eles projetam contra os homens cuja mente é conduzida por causas boas ou más.

“Falar é barato”. ‘Palavras, palavras, nada senão palavras’. ‘Ele é apenas um falador’. Essas declarações ilustram uma comum depreciação da importância da fala. Porém, haverá alguma coisa no mundo mais potente para o bem ou para o mal do que as palavras? A fala é a faculdade que diferencia os homens dos animais. A fala é sinal de personalidade. A autoconsciência se manifesta somente na fala. O pensamento é impossível sem as palavras, as quais representam idéias. As ações são precedidas por pensamentos, conforme Hecate colocou a questão: ‘O pensamento antecede as ações como os relâmpagos antecederam os trovões’. Mas o pensamento é impelido por sugestões verbais. Toda a cooperação entre os seres humanos depende das comunicações verbais para haver sucesso. A solidariedade cultural de um grupo se baseia em uma linguagem comum. O caráter se revela pela linguagem de cada indivíduo. ‘O homem bom do bom tesouro do coração tira o bem, e o mau, do mau tesouro tira o mal; porque a boca fala do que está cheio o coração’ (Luc. 6.45). Assim sendo, Tiago (capítulo terceiro) não está equivocado quando dá tanta ênfase à língua” (Easton, comentando sobre Tia. 3.2).

18.22

O que acha uma esposa acha o bem... Sócrates declarou algo similar. Se um homem tem como esposa uma mulher má, faladora, dura, injuriadora, ainda assim terá achado algo bom, porquanto essa mulher fará desse homem um filósofo. Por outro lado, se você conseguiu uma boa esposa, encontrou um tesouro. A esposa de Sócrates, a propósito, era uma megera de primeira linha. Cf. este versículo com Pro. 31.10, e ver Pro. 12.4 e 19.14. O autor sagrado oferecerá um discurso sobre o assunto da esposa ideal em Pro. 31.10-31. “O matrimônio é desejável se a esposa é uma ajudadora à altura. Ver Gên. 2.20. O Senhor sanciona o casamento, pois Ele afirmou que encontrar uma esposa é algo bom, e Ele se agrada com o casamento, visto que o Seu favor repousa sobre o casamento” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Sinônimo. O casamento é originário do favor divino. Deus aprova o matrimônio como instituição, e as esposas individuais, que aceitam a situação do casamento, também são aprovadas por Ele. Além disso, ele abençoa um homem dotado de esposa. Ele mostra favor a um homem quando lhe dá uma esposa.

“O casamento, apesar de todas as dificuldades e embaraços, é uma bênção da parte de Deus. Há poucos casos em que uma esposa de qualquer tipo é pior do que nenhuma. Além disso, o celibato é um mal, porque Deus disse que não era bom que um homem vivesse sozinho” (Adam Clarke, *in loc.*). As versões acrescentam a palavra “boa” ao termo “esposa”, que já subentendíamos, e a Septuaginta adiciona ao versículo a declaração de que um homem deve divorciar-se de uma mulher imoral, de costumes frouxos. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Matrimônio* e *Mulher*.

O que acha. O verbo “achar” foi empregado porque, usualmente, o casamento é antecedido por uma busca e uma escolha entre várias candidatas. A palavra pode indicar uma certa diligência. Não é fácil encontrar uma boa esposa.

18.23

O pobre fala com súplicas. O homem pobre, que não tem poder por causa da falta de dinheiro, tem de passar a vida esmolando pelo que quer. A própria vida o humilha na presença de outras pessoas dotadas de meios financeiros. Talvez ele não peça por um pedaço de pão nas esquinas das ruas, mas o seu estilo de vida é uma espécie de esmolar contínuo, implorando que outros sejam generosos, lhe façam empréstimos etc. Cf. Pro. 10.15,16 quanto a uma afirmação semelhante. Este versículo, incidentalmente, pode falar contra a preguiça, a qual atrai pobreza (ver Pro. 6.10,11), visto que, com frequência essa é a origem do estado de pobreza. Por outra parte, existem aqueles pobres que trabalham, mas são explorados pelos seus empregadores. Ademais, há o problema do desemprego, que garante que “os pobres sempre os tendes convosco” (Mat. 26.11). Ver Pro. 14.21 quanto à questão dos pobres; e ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pobre, Pobreza*.

Antítese. Em contraste com a situação dos pobres, devemos considerar o caso do homem rico e arrogante, que não tem medo da face de ninguém. Ele se pavoneia como se fosse um galo, emitindo o seu cântico tolo. Ele pode dar a outros respostas duras e apimentadas, sem temer o que possam fazer e sem se importar se eles gostam ou não do que ele faz. Portanto, bendito seja o dinheiro! Os ricos respondem duramente aos pobres, quando estes querem dinheiro. Tal-

vez seja essa a principal questão tencionada, nessas respostas. O pobre é mal recebido quando se dirige ao rico, para pedir-lhe que aumente o seu salário, que lhe dê um empréstimo ou alguma importância em dinheiro para alguma necessidade especial. “A pobreza gera a impotência e a humildade; as riquezas geram a auto-suficiência e a arrogância” (Fausset, *in loc.*).

“Encontramos aqui uma advertência contra os efeitos endurecedores das riquezas. Cf. Mar. 10.23” (Ellicott, *in loc.*). “Eles respondem a outros com palavras duras e brutas, especialmente com os que lhes são inferiores e, particularmente, com os pobres. Não é assim que as coisas deveriam ocorrer, mas é o que comumente acontece” (John Gill, *in loc.*).

18.24

O homem que tem muitos amigos sai perdendo. Cf. este provérbio com Pro. 17.17 e Eclesiastes 6.14-16. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amigo, Amizade*. Assim se portam os homens socialmente amigos. Mas isso é diferente de ser amigo na hora mais escura. Esta primeira linha do provérbio tem sido interpretada de três maneiras:

1. Para ter amigos, um homem deve tomar a iniciativa e mostrar-se amigo dos outros (conforme diz a King James Version).

Se você quiser ser amado, ame.

(Hecate)

2. Ou então, a pessoa que socialmente é amiga, que faz amizades insinceras, pode ser ferida por esse tipo de atividade. Nesse caso, há aqueles que se fingem amigos para conseguir alguma vantagem pessoal.
3. Ou então temos apenas a observação de que um homem pode ter muitos amigos superficiais e, assim sendo, haver entre eles aqueles que se fingem de amigos, mas não o são. Essa interpretação não vincula nenhuma ameaça à questão. A versão siríaca e a Vulgata Latina, e também o Targum, deixam a questão nesse ponto. A diferença consiste em compreender o hebraico como sendo *ra'ah* (sem maus resultados) ou *ra'a* (com maus resultados), ou “amigável” ou “quebrando em pedaços”.

Antítese. Em contraste com as amizades superficiais, as quais são essencialmente inúteis, mas não prejudicam, e com ter amigos falsos, que nos causam prejuízos, temos o caso de um amigo verdadeiro, alguém que é mais próximo que um irmão de sangue. Essa porção do versículo tem sido interpretada messianicamente, como se falasse sobre o grande Amigo, que é Cristo.

*Que Amigo temos em Jesus,
Que levou todos os nossos pecados e tristezas.*

(Joseph Scriven)

Em tempos duvidosos, o amigo genuíno é conhecido.

(Cícero)

No Antigo Testamento temos um exemplo de amizade verdadeira, entre Davi e Jônatas (ver I Sam. 19 e 20).

Capítulo Dezenove

Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 18 e 19. Apresento a introdução à seção em geral em Pro. 10.1 (a seção é Pro. 10.1 – 22.6, a primeira coletânea de provérbios de Salomão). A segunda parte dessa seção começa em Pro. 16.1. Dali até Pro. 22.16, há 191 versículos, cada um deles com duas linhas. Ver a introdução a essa subseção, em Pro. 16.1.

19.1

Melhor é o pobre que anda na sua integridade. Pro. 19.1 é igual a Pro. 28.6a, sendo que esta última passagem é a declaração original, com sua apta segunda linha que contrasta pobres e ricos. Aqui, a segunda linha é distante da primeira, e a combinação é um tanto quanto desajustada. Seja como for, é melhor ser pobre, mas honesto, do que ser rico e viver na bancarrota moral. “Uma pobreza honrosa é preferível às riquezas mal ganhas e mal usadas” (Fausset, *in loc.*).

Antítese. Em contraste com o homem pobre mas íntegro, aparece o tolo que emprega constantemente uma linguagem perversa. Talvez devamos compreender aqui o rico insensato, que obteve riquezas mediante o uso impróprio da

linguagem. Cf. Pro. 15.16,17. Ele disse mentiras, ofereceu e recebeu subornos, usou uma linguagem dúbia nos seus negócios, a fim de tirar vantagem de outras pessoas etc. Cerca de cem provérbios falam do uso apropriado e impróprio da linguagem. Ver as notas de sumário em Pro. 11.9,13 e 18.24.

19.2

Não é bom proceder sem refletir. Quanto aos provérbios que começam com a declaração "não é bom", ver as notas sobre Pro. 17.26. O que não é bom, neste caso, é que qualquer homem esteja sem conhecimento. Esse homem vive abaixo de seus privilégios, sem importar se a sua falta de conhecimento se deve à sua própria negligência ou a pais preguiçosos, indiferentes ou pecaminosos, ou a falta de oportunidade. O conhecimento aqui, naturalmente, é o conhecimento da lei, o guia do homem bom (ver Deu. 6.4 ss.). Esse é o conhecimento que torna um homem sábio, e isso lhe transmite vida (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). O judaísmo posterior tinha mais de 600 preceitos da lei, e as declarações de sabedoria a embelezavam e interpretavam. O Targum, a Vulgata Latina e o siríaco fazem isso ser, especificamente, "o conhecimento da alma", que pode significar conhecer a alma imaterial, suas necessidades e destino, ou então "conhecer a própria alma", que é a pessoa essencial, algo parecido com a doutrina do "conhece-te a ti mesmo" de Sócrates. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Imortalidade*, onde apresento vários artigos. Mas aqui a declaração é geral.

Antítese. O homem que está muito ocupado com outras coisas para envolver-se no estudo da lei anda, realmente, muito ocupado. Ele entra, apressado, pela vereda errada, mas perde o verdadeiro caminho da vida, já que esse caminho se encontra na lei. Esse é um daqueles casos em que, verdadeiramente, "a pressa é prejudicial". Não é bom que uma pessoa caia nessa espécie de calamidade. Quanto a outros versículos onde a pressa é prejudicial, ver Pro. 21.5 e 29.20. "Uma vida impulsionada pela pressa perde muita coisa ao longo do caminho. Coisas importantes são perdidas sem que a pessoa perceba. Uma pessoa que passe de automóvel, pelo interior do país, a grande velocidade, não verá muita coisa" (Rolland W. Schloerb, *in loc.*). Aben Ezra compreendia a segunda linha deste versículo como uma referência à prontidão dos pecadores em cometer pecados grosseiros e violentos. Os pés dessa gente "se apressam a derramar sangue" (Pro. 1.16 e Rom. 3.15). O Targum diz: "Rápido para cometer o mal", ou seja, para cometer pecados em geral.

19.3

A estultícia do homem perverte o seu caminho. Nem todos os caminhos são iguais. Existem caminhos ruins, caminhos destruidores e caminhos ímpos. Ver a *metáfora da vereda*, em Pro. 4.11, e o *contraste entre os caminhos dos bons e dos maus*, em Pro. 4.27. É o insensato que subverte o próprio caminho e termina em desastre. Ele subverte a si próprio, conforme diz o hebraico, literalmente. Ele não aprendeu a lei, ou então, se aprendeu, ignorou os seus conselhos. E a lei não lhe serviu de guia. Ele foi seu próprio guia autodestruidor.

Sinônimo. Em vez de acusar a si mesmo pela massa confusa em que transformou a sua vida, esse homem acusa a Yahweh, e até rilha os dentes (Revised Standard Version) contra Ele. O mundo está cheio de acusadores de Deus, os quais deveriam acusar a si mesmos. Por que os homens rilham os dentes contra Deus? Considere o leitor estas três respostas:

1. Porque eles sofrem coisas duras, causadas por eles mesmos. Eles dizem: "Foi Deus quem fez isso". Naturalmente, chegamos aqui ao *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*). Por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem? Existe o mal moral: as calamidades que os homens lançam contra seus semelhantes, devido à sua vontade corrupta. E também existe o mal natural: os abusos da natureza, como incêndios, inundações, terremotos, desastres naturais de toda a espécie, acidentes, enfermidades e a morte. Acima de todas as outras coisas, o problema do mal transforma os homens em ateus. Em 1776, a cidade de Lisboa, capital de Portugal, sofreu um terremoto devastador que matou muitos milhares de pessoas. Voltaire acusou a Deus pelo desastre, embora ele fosse deísta e acreditasse que a força criativa tinha abandonado o seu universo aos cuidados das leis naturais. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Deísmo* e *Teísmo*.
2. Os homens dizem: "A lei é dura demais. Não consigo observá-la. Assim sendo, o Senhor me lançou na perversão, com sua lei extremamente difícil".
3. Além disso, devemos pensar na antiga doutrina hebraica de que Deus é a causa única, pelo que foi Ele quem fez o pecador ser quem é, para destruí-lo de qualquer maneira! Ver Pro. 16.4. O conceito serve de provocação suficiente para fazer os homens rilhar os dentes de ódio contra Deus; mas, na realidade, temos nesse conceito uma doutrina errônea acerca de Deus. Eclesiástico 15.11 ss. tem uma teologia melhor que Pro. 16.4:

*Não digas: "Foi por causa do Senhor que caí",
Pois Ele não fará coisas que odeia.
Não digas: "Foi Ele quem me fez desviar-me",
Pois Ele não precisa do pecador.
O Senhor odeia todas as coisas abomináveis.*

19.4

As riquezas multiplicam os amigos. As riquezas oferecem algumas vantagens naturais a respeito das quais o autor sagrado nada diz. Se um homem ganhou honestamente seu dinheiro, então possui algo bom. Ver Pro. 10.2 quanto a uma declaração não-moralista dessa natureza. Ver também Pro. 10.15. Um homem muito rico atrairá muita atenção para si mesmo. E logo terá muitos amigos. A bem da verdade, alguns deles serão falsos; mas haverá alguns verdadeiros e bons amigos que o dinheiro e a posição social atrairam. Muita gente buscará o favor desse homem (vs. 6), gente boa e gente ruim. Cf. Pro. 14.20. Alguns intérpretes, entretanto, fazem todos esses amigos estarem interessados somente no dinheiro do rico. Mas as pessoas ricas possuem, de fato, bons amigos, tal e qual qualquer outra pessoa. Um homem rico tem a saúde das riquezas, bons relacionamentos e muitas vantagens advindas da abundância. Elvis Presley dava a seus melhores amigos automóveis Cadillac de ouro!

Antítese. Em contraste com o rico, o pobre tem a enfermidade da pobreza, o que faz com que a maior parte das pessoas se mantenha distante dele. Portanto, um homem pobre terá poucos amigos. Novamente, o autor sacro parece estar fazendo aqui uma declaração não-moralista. Por certo ele não estava exaltando o pobre, nem invejando a sua situação. O homem pobre é até mesmo "desertado por seus vizinhos" (Revised Standard Version). "Muitas pessoas, infelizmente, querem evitar o embaraço de associar-se aos pobres (ver Pro. 14.20a; 19.7)" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Um pensamento padronizado dos hebreus era que a pobreza assinalava o desprazer de Deus para com um homem, por causa de algum pecado. Mas este versículo não parece ter em mente tal idéia.

19.5

A falsa testemunha não fica impune. O autor sagrado leva-nos abruptamente de volta à questão da testemunha falsa. A justiça podia ser facilmente distorcida nos antigos tribunais dos hebreus. Somente duas testemunhas eram necessárias para condenar um homem (ver Deu. 17.6). Quanto a testemunhas verdadeiras e falsas, ver as notas em Pro. 12.17; 14.5,26, bem como o vs. 9 deste mesmo capítulo, que, novamente, trata da questão. Além disso, devemos considerar que tanto os juizes (ver Pro. 15.27) quanto as testemunhas podiam ser subornados. Assim, testemunhas verazes revestiam-se de natureza crítica diante da justiça dos hebreus, como até hoje acontece em qualquer tribunal. Se uma testemunha falsa fosse apanhada, seria tratada como um criminoso, por causa de seu atrevimento de haver distorcido a justiça. A prática comum era que a testemunha falsa seria aplicada a punição exata do crime de que ela acusava falsamente a um indivíduo inocente. Cf. Pro. 12.19 e 21.28. O julgamento divino precisava ser levado em conta. Deus puniria tais indivíduos com morte prematura e/ou violenta.

Sinônimo. O homem que cometesse perjúrio estaria despertando outros homens para combatê-lo, mas, especialmente, estaria despertando Deus. Esse tal não seria capaz de escapar. Sua perversão da justiça seria radical demais para ser ignorada. Ele tinha cuspidos suas palavras falsas (conforme diz o hebraico original), pervertendo sua faculdade da fala, o principal fator que distingue um homem dos animais irracionais. Ver Pro. 11.9,13 e 18.24 quanto a notas expositivas de sumário sobre a fala apropriada e a fala imprópria. Cerca de cem provérbios tratam dessa questão. Ver a temível advertência de Apo. 21.8.

19.6

Ao generoso muitos o adulam. Este versículo refere-se ao tipo de homem que tem muito poder e também muito dinheiro. Por isso há sempre alguém em seu portal, esperando dele alguma espécie de favor. Além disso, esse homem tem a reputação de ser generoso (o que é raro no caso dos ricos). Portanto, ele está sempre dando coisas e presentes a amigos, supostos amigos e até mesmo desconhecidos, se alguma boa história lhe toca o coração.

Amigos do que dá presentes. No hebraico encontramos o vocábulo *nadhibh*, que pode significar "príncipe" ou "generoso" (liberal). As pessoas buscam o seu favor, o que vem de uma palavra hebraica que significa "bater no rosto". Provavelmente havia um costume antigo de bater no rosto de um idolo, quando se rezava pedindo a ele algum favor. As pessoas, pois, tratam o homem rico e liberal como se ele fosse um deus, esperando algum retorno. Esses "buscadores de presentes" são, em sua maioria, lisonjeadores insinceros, mas, ocasionalmente, aparece um verdadeiro fã do rico, que faz fila com os outros, de frente da sua porta.

Sinônimo. Um homem rico, poderoso e generoso já forma outra classe de pessoas, a classe daqueles que presenteiam e, assim sendo, fazem muitos amigos. Cf. esta linha com Pro. 19.4a. Alguns intérpretes fazem da segunda linha deste provérbio outra descrição do homem rico e generoso, que figura na primeira. Ambas as classes de homens pertencem à categoria dos “homens de presente”, conforme diz literalmente o hebraico. Ver Pro. 18.16a quanto a uma declaração similar. Dar presentes faz coisas admiráveis. Ver Pro. 18.11a quanto aos benefícios daquele que possui riquezas materiais em abundância. Ver também Pro. 10.2,15 e 19.4 sobre esse assunto.

19.7

Se os irmãos do pobre o aborrecem. *Um Trio.* Temos aqui a única declaração tríplice desta seção dos provérbios, os quais, consistem, usualmente, em duas linhas apenas, sendo elas antitéticas, sinônimas ou sinônimas suplementares. A segunda linha, aqui, é sinônima da primeira, mas a terceira é antitética.

A primeira linha métrica observa que até um homem pobre tem irmãos naturais que o odeiam. Pro. 14.20 contém a mesma idéia, mas ali quem odeia o pobre são os seus vizinhos. Provavelmente devemos compreender que esses irmãos têm algum dinheiro, pelo que se exaltaram sobre o parente menos afortunado. Portanto, olham-no com desprezo e até se sentem envergonhados dele. E assim o irmão pobre torna-se um estorvo para os irmãos e amigos mais abastados. Cf. o tratamento que os irmãos de Jesus deram a Ele (ver João 7.5; Mar. 3.21; e ver Sal. 38.11).

Sinônimo. Um homem pobre serve de motivo de desgosto até para os seus vizinhos e mais ainda para os seus irmãos naturais. Os vizinhos guardam distância da casa do pobre, embora vivam na mesma vizinhança. Cf. o caso de Jó (ver Pro. 19.13,14).

Antítese. O pobre fora abandonado pelos próprios familiares e pelos vizinhos. Mas ele os buscou com muitas palavras, com um discurso preparado, ou 1. para obter dinheiro da parte deles, por estar em necessidade; 2. ou para obter da parte deles alguma atenção, tentando obter sua amizade; ou 3. ele sai à procura deles, mas eles já se foram. Esses três pontos são conjecturas, porquanto a linha está incompleta, sendo, literalmente: “Aquele que busca palavras, não são dele” (ou eles são dele). Algo que é assim tão incompleto só pode ser inútil, provocando conjecturas e mais conjecturas. É difícil dizer por que essa linha ficou assim incompleta. Pode ser remanescente de uma declaração perdida ou corrompida.

19.8

O que adquire entendimento ama a sua alma. Diz certo mandamento: “... amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mat. 19.19). Portanto, amar a nós mesmos é um amor legítimo, sendo a medida de quanto devemos amar o próximo. Cf. isso com a declaração paulina: “... ninguém jamais odiou a sua própria carne, antes a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja” (Efé. 5.29). Assim sendo, o homem sábio que cultiva amor próprio terá uma vida longa, saudável e próspera, através do estudo e da obediência à lei. Ver como a sabedoria transmite vida, em Pro. 4.13. Nessa referência, há uma lista de referências similares no livro de Provérbios. Quanto à lei como doadora da vida, ver também Deu. 4.1; 6.2; Eze. 20.1. Cf. Pro. 19.16 que tem algo similar.

Sinônimo. O homem que adquire entendimento, através da lei, haverá de prosperar tanto material quanto espiritualmente. Cf. Pro. 16.20.

Entendimento. Literalmente, *coração*, apontando para a fé genuína e a prática dessa fé. Ver Pro. 4.23. Diz o Targum: “Um bom coração”, em contraste com os hipócritas que, na verdade, não se envolvem em sua busca religiosa, embora pareçam fazê-lo. Cf. este versículo com Pro. 8.35,36.

19.9

A falsa testemunha não fica impune. Este versículo é uma leve modificação do vs. 5, cujas notas também se aplicam aqui. Diz o vs. 5: “não fica impune”; e aqui temos as mesmas palavras. O autor sacro falava sobre calamidades que terminam em morte prematura e/ou violenta.

19.10

Ao insensato não convém a vida regalada. As duas linhas deste provérbio mencionam coisas incongruentes, circunstâncias ridículas que confundem a mente. Primeiramente, é bastante impróprio que um insensato viva no luxo. Esse tipo de vida deveria ser reservado ao homem que a ganha mediante entusiástica observância da lei. Por isso ele é recompensado com a prosperidade. Em contraste, o insensato deveria estar vivendo em abjeta pobreza, porquanto é isso o que merece. Isso concordava com a mentalidade dos hebreus no tocante às riquezas e à pobreza. Se um indivíduo insensato terminasse honrado, isso seria

como neve em pleno verão (ver Pro. 26.1). Um insensato munido de muito dinheiro apressaria a própria destruição. Não saberia manusear as suas riquezas. Pelo contrário, promoveria toda espécie de pecado, por estar isso ao seu alcance. E, nesse processo, prejudicaria tanto a si mesmo como a outras pessoas.

Sinônimo. Algo ainda mais impróprio do que um insensato que vive no luxo é um escravo que sobe até o ofício real e passa a mandar nos príncipes. Embora alguns escravos fossem honrados em troca de um serviço longo e fiel, dificilmente eles subiam à posição de monarcas. Pro. 30.22 repete o presente versículo com leve modificação no fraseado. Quanto a versículos que têm idéias similares, ver Pro. 26.1,3-12. Um escravo liberto, entretanto, pode tomar-se tão a sério e insolentemente que pisará aos pés aqueles que o trataram bem, se, de alguma maneira, obtiver o poder para fazê-lo. Tal situação seria verdadeiramente absurda. Ver Eclesiastes 10.6,7:

Vi os escravos a cavalos, e os príncipes andando a pé como escravos sobre a terra.

Aqueles que ocupavam posições humildes e subiram a postos de mando, o que ocasionalmente acontece, geralmente mostram-se cruéis e brutais. Falta-lhes a educação que guia e modera os reis sábios. Consideremos o caso de Jeroboão. Naturalmente, Roboão, filho de Salomão, possuía idêntico caráter. Ambos eram insensatos, embora de maneiras diferentes.

Os povos antigos, que não compartilhavam nossos pontos de vista sobre as classes sociais e não tinham experiência com a democracia, viam algo de divino no arranjo da sociedade por classes. Era incongruente com a vontade de Deus, conforme pensavam, um escravo subir alto demais. Ver as notas sobre Pro. 30.22, que se aplicam também aqui.

19.11

A discrição do homem o torna longânimo. A tendência natural do homem é perder a paciência e ficar irado, mas o homem dotado de bom senso, que foi condicionado pela lei, mostra-se lento em irar-se. Essa é uma das qualidades espirituais desse homem. Conheci um homem que se esforçava por controlar o seu temperamento. Ele se tornou do tipo moderado, diplomata, e não do tipo que quer brigar diante de cada provocação. Portanto, essa tarefa pode ser realizada com propósito e prática. Quanto ao bom senso, ver Pro. 12.8. “A paciência e um espírito perdoador são as características do sábio (Cf. Pro. 14.29)” (Charles Fritsch, *in loc.*). Quanto à exaltação da paciência, ver Pro. 14.29a; 15.18b; 16.32 e 25.15. A sabedoria está por trás dessas excelentes realizações.

Sinônimo. Um homem é glorificado (elogiado) quando mostra que pode esquecer uma ofensa. Ele não permite que isso afete sua maneira de pensar e conduzir-se. É como se a ofensa realmente não tivesse ocorrido. O homem bom, mesmo depois de ofendido, perdoa e esquece. Quanto ao homem de cabeça quente, ver Pro. 14.17,29b; 15.18a; 19.19; 22.24; 29.22. Quanto a ignorar as ofensas recebidas, ver Pro. 12.16. Nutrir as ofensas recebidas, porém, serve somente para multiplicar as dificuldades de um homem. Um homem honrado resolve não fazer isso.

Perdoar as injúrias. Estas palavras presumem que haverá, realmente, muita coisa para ser perdoada, pois as pessoas por certo ofendem seus semelhantes, e sempre haverá pendências pelas quais devemos lutar. Mas o homem sábio aprende a perdoar e esquecer. Cf. Amós 7.8; 8.2 e Miq. 7.18. O homem que esquece as injúrias recebidas imita o seu Criador. Há algo de divino nessa atitude. Ver Mat. 18.32-35. Ver sobre *Perdão* e sobre *Paciência*, no *Dicionário*.

19.12

Como o bramido do leão assim é a indignação do rei. Um rei, dotado de poder absoluto, ruge como se fora um leão, e seu bramido indica o poder que ele tem para punir alguém que o deixou indignado. A figura é tirada do contexto dos monarcas orientais, que se mostravam tão prontos para matar os ofensores como um leão faz da matança parte importante de sua vida.

O furor do rei são uns mensageiros da morte.

(Provérbios 16.14)

Ver também Pro. 20.2. Os homens sábios aprendem a não provocar um poder que é potencialmente assassino. A experiência nos ensina a não confiar na sorte. Um rei está acima da lei. Nenhum homem o chamaria a prestar contas. “Nada existe de mais aterrorizador do que o rugido do tirano da floresta. Todos os animais fogem diante de sua voz aterrorizante. Um tirano oriental parecia-se com isso” (Adam Clarke, *in loc.*).

Este versículo foi espiritualizado por Jarchi para falar de Deus, e alguns o cristianizam para falar de Cristo; mas certamente essa é uma aplicação inadequada.

A SABEDORIA

Atributo de Deus (I Sam. 2.3) perfeito (Jó 36.4), poderoso (Jó 36.5), universal (Dan. 2.22), incomparável (Jer. 10.7)

O evangelho a contém, (I Cor. 2.7). A sabedoria é exibida nas obras de Deus (Sal. 104.24).

Possessão dos santos, (II Tim. 2.19). Os santos devem magnificar a sabedoria de Deus, (Rom. 16.17).

Toda sabedoria humana deriva da sabedoria de Deus, (Dan. 2.21).

Faça da sabedoria uma provisão para acompanhar você por toda sua jornada, da mocidade à velhice. É a melhor de todas as possessões possíveis.

Bias

O que adquire entendimento ama a sua alma.

Provérbios 19.8

Não sejas sábio aos teus próprios olhos: teme ao senhor e aparte-te do mal

Provérbios 3.7

A sabedoria não é testada, finalmente, nas escolas. A sabedoria não se passa de um para outro.

A sabedoria é da alma. Não precisa ser comprovada. A sabedoria é a sua própria prova.

Walt Whitman

Antítese. Um rei, poderoso para destruir, também é poderoso no seu favor. Ele pode parecer-se com o orvalho transmissor de vida que rega a grama. Cf. Sal. 72.6 e Osé. 14.5. Ver também Pro. 16.15.

19.13

O filho insensato é a desgraça do pai. Quanto ao filho insensato e à confusão que ele cria na vida dos pais, ver Pro. 13.24 e 17.21. Nestas notas entro nas causas que levam um filho a agir erroneamente, mesmo depois de haver recebido instruções apropriadas. Quando os rapazes correm mal na vida, nem sempre a falha é dos pais. Ver também Pro. 10.1; 15.20 e 17.25. Ter um filho mau é uma calamidade (no hebraico, *hahwah*) e deixa os pais agonizando e perguntando a si mesmos se eles fracassaram em suas boas intenções, que foram escudadas com o ensino e o bom exemplo. Ver Pro. 17.4.

Sinônimo. Um homem pode ter um filho desviado (ver Pro. 19.13a) e também uma esposa contenciosa. Esta vive à procura de alguma coisa para lutar e nunca se contenta com o que tem, causando dificuldades para seu marido, no lar e "lá fora". Ela se parece com o gotejar contínuo da chuva: continua com seu mau humor por longo tempo. Nos primeiros dias de movimento para o Oeste, nos Estados Unidos da América, em lugares onde não havia madeira disponível, os pioneiros construíam casas de barro misturado a grama. Tanto as paredes quanto o telhado eram feitos de barro. Ratos se escondiam nos telhados e, ocasionalmente, cobras vinham atrás dos ratos, pelo que, no telhado, havia cobras e ratos! Se chovesse por uma hora, ficava pingando água do telhado por diversos dias. A esposa contenciosa é como um telhado que pinga água. Ela mantém a casa em turbulência o tempo todo. Cf. esta parte do versículo com Pro. 21.9 e 27.15. Existem cinco referências à esposa briguenta no livro de Provérbios: 19.13; 21.9,19; 25.24 e 27.15.

"Há três coisas que tornam uma casa intolerável: *tak* (um telhado que pinga); *nak* (uma esposa que se nega); e *bak* (insetos)" (proveniente de um provérbio árabe).

"O homem que tem tal espécie de esposa é como um homem pobre cuja cabana tem um furo no telhado... Que Deus ajude o homem que tem tal casa ou tal esposa!" (Adam Clarke, *in loc.*).

Como um gotejar contínuo era Xantipa, a esposa de Sócrates. Esse foi um dos fatores que o forçou a ser filósofo. Naturalmente, havia também os oráculos de Delfos, que lhe davam as suas ordens.

19.14

A casa e os bens vêm como herança dos pais. Um homem pode ter a boa fortuna de herdar casas e terras de seu pai. Esse é um acontecimento humano comum. Nada existe de sobrenatural em tais acontecimentos. A sociedade humana vê esse acontecimento todos os dias. Naturalmente, isso está entre as coisas permitidas pela providência geral de Deus, mas não temos de atribuí-la diretamente à intervenção divina.

Antítese. É necessária a manifestação do poder divino para que um homem obtenha uma boa esposa. Uma boa esposa é prudente, qualidade obtida mediante o estudo e a prática da lei mosaica, um subproduto da sabedoria. Cf. Pro. 31.10.

A esposa prudente. "Prudente" é tradução do vocábulo hebraico *maskaleth* (ver Pro. 1.3). "Prudente: dotada de inteligência piedosa, de uma disposição agradável e de julgamento são no gerenciamento da casa... Uma boa esposa é um presente imediato de Deus... somente Deus sabe o que uma esposa mostrará ser. Os homens se surpreendem, para o bem ou para o mal" (Fausset, *in loc.*). "Essa esposa evita queixar-se, embora tenha amplas razões para tanto" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Pro. 18.22.

19.15

A preguiça faz cair em profundo sono. Um preguiçoso dorme mesmo quando está desperto; também busca dormir desordenadamente, literalmente. Temos um paralelo direto a este pensamento em Pro. 6.9,10, e um paralelo da segunda parte deste versículo é Pro. 6.11. O labor estimula a mente e torna um homem bem desperto. Quanto mais um homem trabalha, tanto mais forte se torna. Mas o homem preguiçoso continua a mergulhar no esquecimento. Ver as notas detalhadas em Pro. 6.6. Ver também, no *Dicionário*, os verbetes chamados *Preguiça* e *Preguiçoso*.

Sinônimo. Um homem preguiçoso sente fome. Isso faz parte de sua pobreza. Mas ele se mostra tão preguiçoso que nem mesmo providencia para si o alimento necessário. Cf. Pro. 6.9-11, onde a mesma verdade é enfatizada. O preguiçoso é o homem dos mínimos: ele quase nem vive.

Este texto tem sido espiritualizado para falar dos homens que não têm fome nem sede de justiça (ver Mat. 5.6). Eles nunca se satisfazem com alimento suficiente. O homem preguiçoso não estuda a lei. Se assim fizesse, seria inspirado a uma vida mais produtiva, pois, se é errado cometer um erro, também é errado nada fazer. O homem preguiçoso é um insensato que pertence a uma categoria específica. Se a lei o tivesse tornado um homem sábio, ele estaria trabalhando, ganhando dinheiro e dando exemplo para outras pessoas.

Se alguém não quer trabalhar, também não coma.

(II Tessalonicenses 3.10)

19.16

O que guarda o mandamento guarda a sua alma. Guardar os mandamentos é a mesma coisa que guardar a própria vida, salvá-la. Ver como a lei transmite vida, em Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1. Ver também como a sabedoria concede vida, em Pro. 4.13. Está em foco a vida física, uma vida longa, saudável e próspera, a recompensa do justo. A teologia dos hebreus ainda não havia avançado o bastante para considerar a alma imortal. Essa questão começou a surgir na Bíblia nos Salmos e nos Profetas. Ver Dan. 12.2. A vida boa em Israel consistia em compartilhar nas bênçãos do pacto na Terra Santa.

Antítese. O homem iníquo, em contraste com o homem bom, que obtém a vida, procurará evitar a morte prematura e/ou violenta, ignorando a lei mosaica em sua vida. Tal homem é um ateu praticante, se não um ateu teórico (ver Sal. 14.1). Ele despreza a palavra, o que provavelmente devemos entender aqui como as Escrituras, o ponto onde o cânon bíblico já havia chegado: a lei, os profetas e as declarações de sabedoria. Ofereço notas expositivas sobre o avanço do termo *palavra*, até que ele chegou a significar Escrituras, em Pro. 13.13. Requer-se aqui que a pessoa chegue à palavra, em lugar de caminhos, e isso pela mudança da palavra *derakhaw* para *haddabhar*. Se ficarmos com a idéia de caminhos, como o texto original, então compreenderemos os caminhos ensinados pela lei de Moisés. Os caminhos são os caminhos do homem, mas do homem bem treinado no estudo e na prática da lei. Ver sobre a *metáfora da vereda*, em Pro. 4.15, e ver também os *caminhos do homem bom e do homem mau contrastados*, em Pro. 4.27.

19.17

Quem se compadece do pobre ao Senhor empresta. Os pobres não devem ser oprimidos, embora seja isso o que usualmente acontece nas sociedades humanas; essa, contudo, era uma virtude muito enfatizada na antiga nação de Israel. Cf. Pro. 14.31; 17.5; 21.13; 22.9,15,22,23; 28.3,27; 29.7. O homem que se compadece e empresta ao pobre (a criatura) na realidade está dando a Deus (o Criador), e por certo não perderá a sua recompensa. Cf. a espiritualização e a cristianização desse princípio, em II Cor. 8.9. O Grande Doador dos pobres foi Cristo, que deu tanto que se tornou pobre "por nossa causa". Em Sua pobreza, tornamo-nos ricos. Aquele que dá a um irmão pobre dá ao Mestre dos irmãos (ver Mat. 25.40).

Sinônimo. O doador tornar-se-á o beneficiário da bênção. As coisas são como alguém já disse: "Não se pode ultrapassar a Deus em termos de doação". O Doador celestial é rico e dará abundantemente ao homem generoso. A generosidade é outro nome para o amor, e a medida real de um homem é a sua generosidade. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Liberalidade e Generosidade*.

"Oh, que tremenda afirmação é esta! O próprio Deus torna-se um devedor de tudo quanto é dado aos pobres" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Caridade*.

19.18

Castiga a teu filho, enquanto há esperança. Este versículo é similar a Pro. 13.24 e 23.13. A disciplina paterna, incluindo o castigo corporal (discutido em Pro. 13.24), era norma comum na sociedade dos hebreus. O castigo era necessário para salvar o pobre menino de suas próprias tendências selvagens, que poderiam terminar destruindo-lhe a vida. Que todo pai agisse assim enquanto houvesse esperança de bom êxito. "A ordem que diz, disciplina o teu filho, é forte advertência contra a passividade paterna, sendo coerente com os ensinamentos de Pro. 13.24; 22.15 e 23.13,14. Um menino culpado de más ações deveria ser castigado ainda pequeno, enquanto houvesse esperança de correção. A negligência quanto a esse dever podia resultar na morte da criança. A morte refere-se ou à punição capital, sob a lei mosaica (ver Deu. 21.18-21), ou ao perigo das conseqüências naturais que necessariamente acompanham a conduta tola do menino" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). A morte é o que os tolos podem esperar corretamente, e estamos falando aqui em morte prematura e/ou morte violenta. Ver Pro. 1.32; 10.27; 21.25.

Antítese. A escolha radical é: disciplina o teu menino, ou poderás ser o agente da morte dele, por dar início ao processo daquelas circunstâncias que causam a morte de um insensato, eventualmente. Por meio do “temor do Senhor” os homens evitam a morte prematura e desgraçada (ver Pro. 17.6). Ver sobre o *temor do Senhor* em Pro. 1.7. “Não permitas que ele pereça por falta de castigo” (Ellicott, *in loc.*). Alguns estudiosos vêem neste versículo um aviso contra a disciplina exageradamente severa, que pode levar um pai ou mãe a matar, literalmente, a sua criança; mas não parece ser isso que devemos perceber aqui. Cf. Efé. 6.4 e Col. 3.21. O Targum e a Vulgata Latina falam desse tipo radical de disciplina que termina na morte física de uma criança.

19.19

Homem de grande ira tem de sofrer o dano. O hebraico original é difícil, se não mesmo impossível de deslindar, e isso levou tradutores e intérpretes a conjecturas. 1. Talvez o que esteja em vista aqui seja: “Aquele que é grande em ira paga uma multa”. Em sua ira, ele faz alguma coisa pela qual tem de pagar a multa exigida por um juiz. 2. Ou então o princípio é geral: as pessoas iracundas, de maneira natural, finalmente fazem coisas que prejudicam a si próprias, depois de terem prejudicado a outras. “Uma pessoa dotada de temperamento explosivo mete-se repetidas vezes em tribulação e acaba tendo de pagar por isso. Cf. Pro. 5.18; 22.24 e 29.22” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Sinônimo (suplementar). Esta segunda linha do versículo é ainda mais obscura do que a primeira. Portanto, poderia querer dizer: 1. Se for permitido que um homem se ire e não se cobre penalidade pelo que ele acaba de fazer, em breve ele estará fazendo de novo a mesma coisa. Nossa leniência mostrará ser insensata. 2. O homem de temperamento explosivo é incorrigível e imprevisível. 3. A piedade está fora de lugar no caso de pessoas violentas e destruidoras; portanto, cumpre o teu dever, punindo o mal. A reincidência é inevitável no estilo de vida do ímpio. Cf. o caso de Simei, em II Sam. 16.7 e I Reis 2.46.

19.20

Ouve o conselho, e recebe a instrução. Encontramos aqui outro chamamento à diligência no estudo e na prática da lei de Moisés, bem como nas declarações de sabedoria que a fomentavam e interpretavam. Ver o artigo chamado *Ouvir*, em Pro. 4.20 e 18.15. Para o autor, a possessão da lei tinha de fazer diferença na vida do indivíduo; mas, para que isso sucedesse, era mister que a lei se tornasse a vida desse indivíduo. Ver sobre a *lei como guia*, em Deu. 6.4 ss., e como essa lei tornava Israel uma nação distinta, em Deu. 4.4-8. Cf. Pro. 8.14 e ver as notas em Pro. 9.7-9. O homem bom ama àquele que o instrui e reprová-lo. Esse homem tira proveito disso e se torna mais sábio ainda. Ver sobre *ouvir*, em Pro. 1.8; e sobre aceitar conselhos, em Pro. 2.1; 4.10.

Instrução. Ou seja, correção moral e disciplina (no hebraico, *musar*).

Sinônimo. O homem que se mostra diligente ao longo do caminho torna-se finalmente um sábio, em algum tempo no futuro. Em outras palavras, ele tira proveito de um tempo de vida de disciplina e tem uma vida longa, próspera e saudável, a promessa da sabedoria (ver Pro. 4.13, notas). Cf. esta parte do versículo com Pro. 5.4 e 23.18.

O teu primeiro estado, na verdade, terá sido pequeno, mas o teu último crescerá sobremaneira.

(Jó 8.7)

19.21

Muitos propósitos há no coração do homem. Este versículo é essencialmente paralelo a Pro. 16.9. Ver também Pro. 16.1 e 4. O homem tem muitos planos e propósitos e alcança certo sucesso ao levá-los à realidade por meio de suas próprias forças e inteligência. Todavia, as realizações humanas sempre deixam muito por desejar, sobretudo para o sábio, que é instruído quanto aos caminhos certo e errado, por intermédio da lei. Porém, sem importar quantos e quão laboriosos sejam seus planos e propósitos — demasiados, insuficientes ou parcialmente cumpridos — finalmente terminam parcialmente sem cumprimento. Os planos de um homem quanto a coisas boas podem terminar em pouco ou nada. Seus planos quanto a coisas más terminam injuriando a outros e a si mesmo.

Antítese. É o Senhor, operando através do homem, que consegue realizar coisas nobres e boas. O que Ele faz será estabelecido e ficará permanente. O homem propõe, mas Deus dispõe.

*Forte é o Senhor dos Exércitos,
E em Seu grande poder.*

(Charles Wesley)

Cf. este versículo com Pro. 3.58; Sal. 23.10,11; Isa. 46.10; Jó 23.13; Jer. 44.28,29. “Quanto aos muitos esquemas do homem que serão os únicos a permanecer, aqueles que agradam a Deus prosperarão. Ver Rom. 9.19 e Dan. 4.35” (Fausset, *in loc.*).

19.22

O que torna agradável o homem é a sua misericórdia. A primeira linha deste provérbio tem sido variegadamente entendida: 1. Um homem torna-se uma pessoa agradável quando é gentil e faz o bem ao próximo. O homem que vive a lei do amor atrairá a atenção favorável de outros. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor*. 2. O que o Senhor ou outro homem buscam em um homem é a sua lealdade. O hebraico original é obscuro, o que explica as diferenças de opinião a respeito. “A lealdade (no hebraico, *hesed*, amor constante) é uma virtude de que as pessoas desejam ver nos outros” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Sinônimo (comparativo). Os homens e o Senhor também buscam a verdade em um homem, pelo que até o pobre e desprezado homem é melhor aos olhos das pessoas do que um mentiroso, sem importar qual seja a sua posição na vida. Ver Pro. 19.4. Pro. 19.1 é paralelo direto da segunda linha deste versículo. Ver também Pro. 15.16,17. Quanto ao uso próprio e impróprio da língua, ver Pro. 11.9,13 e 18.21. Cerca de cem provérbios foram dedicados a abordar esse tema. Um mentiroso pode ser materialmente rico, mas será um pobre espiritual, e o seu estado é pior do que o do homem materialmente pobre.

19.23

O temor do Senhor conduz à vida. Temos aqui outro versículo que estipula que o “temor do Senhor” conduz à vida. Esse é o princípio da sabedoria (ver Pro. 1.7) e transmite vida (4.13). Cf. Pro. 11.19 e 12.28. Gersom (refletindo o judaísmo posterior) observou que o temor do Senhor é o “começo da vida espiritual e leva à vida eterna”. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Vida* e *Vida Eterna*. O autor, naturalmente, pensa em uma vida longa, próspera, útil e saudável, o ideal dos hebreus antes que o ensino sobre a imortalidade se tornasse parte da teologia hebréia.

Sinônimo. Temos aqui duas declarações que, na realidade, fazem este provérbio tornar-se um trio. Cf. Pro. 19.7. Alguns eruditos supõem, no entanto, que foi incluída aqui uma afirmação adicional, por outra mão, que agiu posteriormente. Seja como for, o homem que teme ao Senhor vive satisfeito e seguro, e não será visitado pelo mal. Os desastres não o atingirão; e ele não morrerá prematuramente. “Uma bênção maior ainda é prometida no Novo Testamento: não a imunidade diante da tribulação, mas, antes, a tribulação como um meio de avanço espiritual, ou seja, o progresso (ver Rom. 8.28) e a proteção na santidade (ver I Ped. 3.13; Rom. 8.35 ss.)” (Ellicott, *in loc.*). Cf. este provérbio com Pro. 3.26.

19.24

O preguiçoso mete a mão no prato. Este versículo é quase idêntico a Pro. 26.15. Quanto ao preguiçoso, ver também Pro. 6.6-11; 13.4; 22.13; 24.30-34; 26.13-16. A figura dada para ilustrar a preguiça extrema é variegadamente entendida com base no mesmo texto hebraico: 1. O preguiçoso é tão preguiçoso que, quando vai comer, não pode fazê-lo porque meteu a mão nas dobras de sua veste, na altura do peito, e não pode retirá-la dali, nem mesmo para comer (assim dizem a King James Version e a maioria das antigas versões, além de antigos comentários). 2. Ou então esse homem é tão preguiçoso que depois de pôr a mão no prato, não tem energia necessária para trazê-la à boca. O livro de Provérbios gosta de fazer piadas sobre a condição do homem preguiçoso, da mesma forma que, atualmente, o bebedor é tema de comédias. Ambas as condições são deploráveis e estão longe de ser engraçadas, embora possam parecer hilariantes em certas ocasiões. Ver Pro. 5.1-15 quanto a um discurso sobre o assunto. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Preguiça* e *Preguiçoso*, quanto a maiores detalhes. “É um caso estranho que um homem, mediante excessiva preguiça, prefira morrer de fome a ter o trabalho de comer” (Adam Clarke, *in loc.*). O autor sacro exagerou ao usar uma hipérbole oriental; porém, no tocante a certas pessoas, não foi grande exagero. Gussetius espiritualizou o versículo, vendo nele o homem espiritualmente preguiçoso, pois, embora tenha nas pontas dos dedos o banquete oferecido pela lei, não quer ter o trabalho de abrir o livro da lei e virar as suas páginas.

Prato. “O prato que ficava no meio da mesa, nas refeições orientais, onde os convidados mergulhavam a mão para tirar o alimento para si mesmos (ver Mat. 26.23)” (Ellicott, *in loc.*).

Ateneu aumentou o humor do texto ao imaginar o preguiçoso à mesa, sem nada fazer senão abrir a boca, na esperança de que alguma ave assada e temperada entrasse "voando" em sua boca, poupando-o assim do trabalho de estender a mão. Esse pobre insensato seria, pelo menos, um homem de "fé".

19.25

Quando ferires ao escarnecedor, o simples aprenderá a prudência. O mestre pensa que o insensato (no hebraico, *pethi*) pode aprender alguma coisa; mas essa não é uma tarefa fácil. Uma das maneiras pelas quais ele pode aprender é ver o espancamento público de um zombador. Cf. o vs. 29. Um homem simples pode ser atingido por certas medidas drásticas, mas nunca será um estudante apurado. Por outra parte, um escarnecedor jamais aprende (ver Pro. 9.8; 13.1; 21.11). Ele terá avançado demais pela vereda da idiotice a ponto de estar endurecido; envolve-se em muitas atividades prejudiciais; zomba da lei e ocupa-se de uma conduta vergonhosa, contrária a instruções saudáveis. Deus pune os pecadores visando o próprio bem deles (ver Amós 4.6 ss.), mas a maioria é empedernida.

Antítese. Em contraste com o zombador e o insensato, o homem bom pode tirar proveito da repreensão que recebe. Antes, obtém conhecimento, compreensão e sabedoria, o propósito mesmo da vida. Ver Pro. 9.8,9, que é trecho diretamente paralelo. Se o escarnecedor não chega a tirar proveito algum de um espancamento que receba, o sábio é sensível até a uma repreensão verbal. Ele a ouvirá e modificará a sua conduta para melhor. A lei de Moisés é o manual, e um sábio é o professor. Seu projeto consiste em trazer à luz, mediante instrução e exemplo, outros como ele mesmo.

19.26

O que maltrata a seu pai, ou manda embora a sua mãe. Filhos insensatos podem ser transformados em pecadores endurecidos, ou mesmo criminosos, que usam de violência contra os próprios pais. Esse insensato toma a casa e as propriedades de seu pai e expulsa dali a sua mãe. Ele é apenas um criminoso comum, a quem falta qualquer forma de afeição natural.

Insensatos, pérfidos, sem afeição natural e sem misericórdia.

(Romanos 1.31)

É bem provável que o caso mais comum que se ajusta à descrição deste versículo seja o de pais pobres que, quando envelhecem, ficam dependentes de seus filhos ou de algum filho. Mas o tal filho se cansa diante das despesas e tenta ver-se livre dos pais. E estes últimos tornam-se casos de caridade, cargas para a população em geral, ou simplesmente são abandonados para se desintegrarem em meio a condições desumanas. "... a expulsão de pais idosos da casa paterna" (Adam Clarke, *in loc.*).

Sinônimo. O tipo de filho aqui descrito causa vergonha e opróbrio aos pais, a si mesmo e a toda a vizinhança. "Desconsiderar as instruções dos próprios pais já é ruína suficiente, mas abusar deles, material e fisicamente (amaldiçoá-los, ver Pro. 20.20), é algo desprezível" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). "A injúria precisa ser profunda o suficiente quando uma mãe é alienada (Isaías 49.15). Quão cuidadosos, pois, devem ser os pais quando estão educando os seus filhos!" (Fausset, *in loc.*).

19.27

Filho meu, se deixas de ouvir a instrução... Esta primeira linha do versículo não é fácil de interpretar com seu condicional: "se deixas". Consideremos, pois, os dois pontos seguintes:

1. Deixa de vir à escola para aprenderes, se não és realmente sério em continuar teu aprendizado, mas preferes seguir uma vereda ímpia. É melhor não conhecer a verdade, de maneira alguma, do que rejeitá-la e mostrar-se desleal para com ela.
2. Ou então a instrução, neste caso, não está baseada na lei, mas é o ensino de falsos mestres ou de ímpios que ensinam outras pessoas a ser como eles são. Abandona esse tipo de instrução, que só pode conduzir ao maior desastre. "... instrução, ou seja, o conselho de homens maus, as doutrinas dos mestres falsos" (John Gill, *in loc.*).

Sinônimo ou Antítese. Se estiver correta a primeira das duas interpretações, da primeira linha métrica, então a segunda linha é a sua antítese. As instruções do homem bom são rejeitadas; e o pobre aluno, o estudante rebelde que prefere abandonar a escola, termina mal a sua vida. Ele se desvia das palavras da verdade. Mas se a segunda das interpretações é que está correta, então a segunda linha é sinônima. O homem que aceita receber instruções de homens ruins

terminará desviando-se da boa instrução e terá um mau fim. Jarchi e Aben Ezra cortaram o nó górdio ao rearranjar a ordem que diz: "Deixa, meu filho, de te desviars das palavras do conhecimento, para que ouças as palavras de instrução".

19.28

A testemunha de Belial escarnece da justiça. A testemunha falsa e inútil zomba da justiça. Ela dará testemunho falso e não sentirá a consciência protestar. Talvez até desfrute da perversão que estiver perpetrando. Ver Pro. 12.17; 14.5,25 e 19.5,9 sobre o falso testemunho. Esse tipo de homem é um filho de Belial, a palavra hebraica que se acha aqui e provavelmente significa inútil, pois essa idéia adjetiva precedeu a personificação da palavra, quando então esse vocábulo tornou-se sinônimo de Satanás. Ver no *Dicionário* acerca de *Belial*. "Esse homem despreza as ordens da lei que condena o perjúrio (ver Êxo. 20.16; Lev. 5.1. Cf. I Reis 8.31)" (Ellicott, *in loc.*).

Sinônimo. O homem que é um Belial come a iniquidade como alimento legítimo. O quadro, aqui, é o de alguém que come vorazmente algo que aprecia. O homem mau ama o alimento do perjúrio, observando pessoas inocentes sofrer, enquanto o culpado é libertado. Cf. Pro. 18.8b, que diz algo similar. Quanto ao uso próprio e impróprio da linguagem, ver as notas em Pro. 11.9,13 e 18.21. Cerca de cem provérbios abordam esse tema. Cf. o ato de beber a iniquidade, como se fosse água, em Jó 15.16.

19.29

Preparados estão os juízos para os escarnecedores. Os zombadores serão punidos, e a condenação deles já foi preparada. Cf. o espancamento público referido no vs. 25. Visto que escarneceram da justiça, serão castigados por ela. Esses homens zombaram da lei, pelo que os juizes que ordenam o castigo de açoites zombarão deles. Visto que andaram de modo contrário à lei, esta mostrar-se-á contrária a eles. Ver Pro. 21.3. Aqueles escarnecedores são uns insensatos, conforme a linha métrica sinônima diz.

Sinônimo. Aqueles tolos escarnecedores devem sofrer espancamento público. Cf. Pro. 17.10. Eles serão punidos com os plenos quarenta açoites que a lei permitia aplicar (ver Deu. 25.2,3).

Este versículo tem sido espiritualizado para aplicar-se a qualquer tipo de punição que um homem mau possa sofrer, da parte de Deus ou dos homens. E tem sido cristianizado para falar do julgamento final, depois do sepulcro; mas isso é um anacronismo. "Penalidades... espancamentos (Cf. Pro. 10.3b; 14.3a e 26.3), cujo designio é corrigir um comportamento desviado, mas que não fazem bem algum aos zombadores e insensatos. Isso, novamente, aponta para os caminhos incorrigíveis dos zombadores (ver Pro. 19.25)" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Capítulo Vinte

Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 19 e 20. Ofereço a introdução à seção em geral em Pro. 10.1 (a seção é Pro. 10.1 – 22.16, que é a primeira coletânea dos provérbios de Salomão). A segunda porção dessa seção começa em Pro. 16.1. Dali até Pro. 22.16 há 191 versículos, cada qual com seu provérbio de duas linhas. Ver a introdução a essa subseção, em Pro. 16.1.

20.1

O vinho é escarnecedor, e a bebida forte alvoroçadora. O vinho (no hebraico, *yayin*) é aqui personificado e transformado em um indivíduo escarnecedor. Essa bebida era feita de uvas. A bebida forte (no hebraico, *sekar*) era feita de cevada, tâmaras ou romãs. A tradução que aparece em algumas versões, *cerveja*, é um erro. Tem sido personificada para apontar um indivíduo briguento, que gosta de brigar e aproveita todas as oportunidades para meter-se em disputas. Tais bebidas eram vedadas aos sacerdotes (ver Isa. 28.7) e aos nazireus (ver Núm. 6.1-3), mas não ao povo comum. "Moderação" é a palavra bíblica para ser usada quando se trata dessas coisas. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Bebida*, *Beber* e *Bebedice*. Ver também o verbete intitulado *Alcoolismo*. A ciência tem demonstrado que o álcool no sangue pode atuar como sedativo suave e também pode cortar o colesterol, ou seja, prolonga a vida. Desde que aprendi isso, resolvi nunca beber, pois o álcool, na circulação sanguínea, destrói as células do cérebro. Assim, um homem bebe alguma bebida alcoólica e vive por mais tempo, mas também fica mais estúpido. Quem pode dizer onde jaz o ponto da moderação: viver por mais tempo ou não perder células cerebrais em excesso? Se outros puderem encontrar moderação, então que bebam de forma moderada. Quanto a mim, continuarei a tomar suco de maçãs, que também corta o colesterol. Quanto a outros versículos contrários a beber álcool em excesso, ver Pro. 23.20,21,29-35 e 31.4.5.

Sinônimo. As vítimas das bebidas fortes são enganadas "... por sua fragrância, por sua força que intoxica, e os intoxicados são ridículos" (Adam Clarke, *in loc.*). "Quando o vinho entra, a mente sai. Engole a razão, amortece o cérebro, mas desperta as paixões" (Fausset, *in loc.*).

20.2

Como o bramido do leão é o terror do rei. A primeira linha deste provérbio tem, essencialmente, o mesmo sentido de Pro. 19.12a. Ver as notas expositivas ali. Aqui, as palavras "o terror do rei" (sabe que, a qualquer momento, ele poderá executar-te, ou poderá fazer alguma outra coisa terrível contra ti) são como ter um leão a cercar-te, esperando o momento certo de atacar. Ali a ira do rei é a coisa a ser temida, o que significa a mesma coisa. Quanto à ira do rei, ver também Pro. 14.35 e 16.14. Quanto ao bramido do leão, ver Pro. 19.12 e 28.15. Os monarcas orientais com frequência eram reis absolutos e tinham o poder de vida e morte, na palavra simples: "matar". Além disso, estavam acima da lei; portanto, não havia recurso diante de uma ordem real.

Sinônimo. Era preciso um homem poderoso para manifestar-se contra um rei, e tal homem precisava de muito apoio. Mesmo assim, ele podia perder a vida, caso promovesse alguma rebelião. Mas um homem comum, ou mesmo um príncipe, se provocasse a ira do rei, provavelmente teria a vida sacrificada. Lembremos o caso de Adonias, o irmão que provocou Salomão e foi prontamente executado, mesmo contra o desejo da mãe de Salomão (ver I Reis 2.23,24). E Adonias foi executado no mesmo dia! Herodes executou diversas esposas e vários filhos a fim de preservar seu poder de qualquer assédio possível. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Herodes, o Grande*.

Peca contra a sua própria vida. Esta é uma tradução possível do hebraico, mas a Revised Standard Version diz: "perde a própria vida", provavelmente a tradução correta.

20.3

Honroso é para o homem o desviar-se de contendas. É coisa honrosa para um homem manter-se distante das contendas. Diz o hebraico, literalmente, "sentar-se", ou seja, "manter-se quieto", restando-se assim de contendas e brigas inúteis. No entanto, parece que, na igreja, esse conceito foi pervertido para significar: É honroso entrar em tantas lutas quantas for possível", defendendo a fé, naturalmente. Usualmente, contudo, o que os homens defendem é o próprio entendimento, e não a própria verdade. "Da maneira que algumas pessoas se apresentam para entrar em querelas, pensaríamos que contender é honroso" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Antítese. Os insensatos vivem promovendo contendas.

... se mete em rixas. Diz aqui o hebraico, literalmente, "mostrando os seus dentes", como algum animal selvagem pronto a morder um oponente, e até matá-lo, se isso for possível. "Mostrando os dentes, pensando que a sua dignidade pessoal está em jogo" (Ellicott, *in loc.*). "É uma loucura alguém ser contencioso" (Charles Fritsch, *in loc.*).

Como o abrir-se da represa, assim é o começo da contenda; desiste, pois, antes que haja rixas.

(Provérbios 17.14)

Ver também Pro. 19.11: o homem dotado de bom senso é lento para irar-se, e é sua glória esquecer as ofensas. No entanto, na igreja, com frequência os briguentos são glorificados. Podemos evitar discussões esquecendo os insultos (ver Pro. 12.16); deixando passar questões potencialmente inflamadas (ver Pro. 17.14); e livrando-nos dos zombadores que vivem procurando briga (ver Pro. 22.10).

20.4

O preguiçoso não lava por causa do inverno. O problema real com o preguiçoso é que ele não tem coragem de enfrentar um trabalho duro, pelo que qualquer razão para "não trabalhar hoje" funciona. Ele sabe que, para ter uma colheita, ele precisará, primeiramente, arar, mas isso ocorria no outono (Revised Standard Version) ou no inverno (ASV) ou no tempo de frio (King James Version), e parecia razão suficiente para evitar a questão. O ato de arar ocorria depois da última colheita. O tempo certo para isso, no Oriente Médio, era na estação chuvosa que se poderia chamar de outono ou inverno. Os meses envolvidos eram setembro-outubro. Para dizer a verdade, esse não era um tempo muito agradável para alguém pôr-se a arar. Assim sendo, para evitar surpresas desagradáveis, um preguiçoso negligenciava aquilo que era realmente necessário, para ter uma co-

lheita alguns poucos meses mais tarde. Ver sobre o preguiçoso, em Pro. 6.6 e 19.15.

Sinônimo. Nada tendo feito para obter uma colheita, naturalmente ele nada tem, visto que se ocupava da agricultura. Portanto, o que fazer? Ele sai ao redor pedindo o que comer.

Este versículo tem sido cristianizado para indicar que o ato de evitar o frio corresponde à recusa de evitar a cruz (Melancthon).

Procura. Algumas traduções dizem aqui "mendigar", um sentido possível; mas alguns estudiosos supõem que o que é descrito aqui é o pobre tolo saindo em seu campo para verificar se, porventura, ele obteve alguma espécie de colheita, mesmo sem ter arado e semeado. E fica amargamente desapontado. Nada existe, porque ele nada fez.

20.5

Como águas profundas são os propósitos do coração do homem. Quatro significados são vinculados à primeira linha deste provérbio, conforme se vê nos pontos a seguir:

1. Aconselhar a outros é apropriado para o homem sábio, para o bom aluno, como águas profundas das quais ele pode extrair conhecimento.
2. Ou então um homem tem profundos propósitos e motivações que o inspiram a fazer o que é direito.
3. Ou ele tem planos profundos que aproveita para conduzir a sua vida. Cf. Pro. 18.4, onde as palavras que saem da boca do homem bom são águas profundas. Seja como for, o homem sábio pode tirar dessas águas pensamentos verdadeiros, motivos corretos, informações certas, e assim continuar com a sabedoria em todas as suas atividades na vida. A figura é das fontes de água que suprem o homem e sua família.
4. Alguns estudiosos pensam que esses profundos pensamentos, intenções etc., pertencem a outro homem, que o sábio pode sondar e assim encontrar ajuda para qualquer problema através de melhor compreensão.

Sinônimo ou Antítese. Considere o leitor estes dois pontos:

1. Se estão em foco os pensamentos da própria pessoa, então a segunda linha métrica é um sinônimo. Tal pessoa tem pensamentos e motivações profundos e pode trazê-los à superfície para edificação própria.
2. Ou então, se um homem sábio pode ajudar a outro (quer esse outro homem seja sábio ou não) a sondar os pensamentos e motivos de seu coração, então a linha métrica é uma antítese. "A esperteza do coração dos homens é de uma profundidade insondável. Mas um homem de compreensão, mediante o dom do discernimento de espíritos e através do tato, pode apresentar à mente de outros homens o que há ali" (Fausset, *in loc.*).

20.6

Muitos proclamam a sua própria benignidade. Há muitos jactanciosos que saem a proclamar a própria bondade (King James Version e tradução da Imprensa Bíblica Brasileira e da Atualizada). Mas não se pode confiar em suas palavras, visto que, de fato, não existem muitos homens bons e sábios. Cf. o fariseu de Luc. 18.11. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jactância*. As versões do siríaco e da Vulgata Latina, além do Targum, emendam o texto para significar "muitos homens são chamados de homens bondosos", isto é, por parte de outros, sem importar se essa avaliação é verdadeira ou não.

Benignidade. No hebraico, *hesed*, "amor constante", infalível, o motivador de toda a lealdade (Revised Standard Version), bondade ou gentileza. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amor*.

Antítese. Apesar de muitos reivindicarem para si mesmos a bondade, e apesar de muitos reivindicarem a bondade para outras pessoas, o fato é que existem realmente poucas pessoas verdadeiramente boas. Portanto, quem pode encontrar uma pessoa boa? Quem pode encontrar um homem fiel? Diógenes saiu ao redor, com sua lanterna, tentando encontrar alguém verdadeiramente honesto, mas não logrou sucesso.

O homem fidedigno. "Fidedigno" vem da mesma raiz que o vocábulo "verdade", em Pro. 12.7: o homem que fala e vive a verdade, que cumpre as suas promessas. Quantos homens são fiéis aos seus compromissos e profissões espirituais?

20.7

O justo anda na sua integridade. Um homem verdadeiramente justo anda em sua retidão: ele anda em sua integridade. Quanto a *justo*, ver Pro. 1.3, e quanto a *integridade*, ver Pro. 10.9. Os vss. 7-11 falam de várias espécies de

conduta, boas e más. Ver no *Dicionário* o verbete *Andar*, quanto a essa metáfora. Alguns homens são moralmente sãos e se conduzem em concordância com isso.

Sinônimo. O que um homem bom faz por si mesmo, faz por seus filhos. Eles vêem seu bom exemplo, recebem suas boas instruções e assim caminham no mesmo caminho fiel pelo qual o pai enveredara. Agindo assim, sentem-se felizes. Eles têm vida longa, saudável e próspera, assim como uma boa expressão espiritual, em geral. São pessoas respeitadas na comunidade, porque os outros sabem que podem confiar nelas. São leais à sua incumbência e cumprem missões dignas na vida. A princípio, essas pessoas pedem luz emprestada de seu pai, mas podem tornar-se luzes em si mesmas. A grande luz é a lei, da qual toda boa conduta é derivada, tanto a conduta do pai como a dos filhos. E por trás dessa luz está Deus, o qual é a Luz, o Pai celeste, por intermédio de quem os homens aprendem a ser corretos e a viver corretamente.

*Senhor, que ordena tudo para a humanidade,
Tanto trabalhos benignos quanto ternos cuidados.
Nós te agradecemos pelos laços que prendem
A mãe e o pai ao filho.*

(William Cullen Bryant)

20.8

Assentando-se o rei no trono do juízo... Um rei bom e sábio jamais tolerará o mal em seu reino, porquanto sabe qual confusão isso produzirá. Um rei é responsável pela boa administração em sua nação, pelo que a corrupção não pode encher a terra quando ele se assenta em seu trono. O rei bom mostra-se ativo não somente quanto a seus deveres de governo, mas também quanto a seus deveres morais. O bem do reino depende de ambos.

Sinônimo. O olho discernidor de um bom rei é como o instrumento de padejar do agricultor. Ele separa o trigo do joio, pelo que o seu reino floresce na bondade, e não apenas econômica e militarmente. "Ele separa o mal do bem, com os seus olhos" (Charles Fritsch, *in loc.*). Cf. Sal. 1.4; Mat. 3.12 e II Cor. 15.16. Ver Pro. 20.26, que é similar do presente versículo.

Este versículo tem sido espiritualizado para falar de qualquer pessoa dotada de autoridade, que deve agir como um bom rei. E tem sido cristianizado para fazer com que o Rei seja Cristo, o Rei dos reis, Aquele que foi nomeado juiz e separará o trigo do joio (ver Atos 10.42).

20.9

Quem pode dizer: Purifiquei o meu coração... ? A perfeição da impecabilidade é ridícula. Que idiota diria que está limpo e não tem pecado nenhum? Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Perfeccionismo*. Cf. isso com a confissão de Salomão em sua oração de dedicação (I Reis 8.46). Um homem, por meio do conhecimento e prática da lei, torna-se um especialista tão grande que dá aquele salto gigantesco para o pensamento: "Eu consegui isso. Sou sem pecado". O melhor que podemos dizer é que tal homem agora tornou-se melhor do que era; mas somente Deus é perfeito. Quanto à suposta impecabilidade de uma pessoa, cf. Jó 4.17-19; Sal. 51.5; 130.3; Eclesiastes 7.20. É muito duvidoso que um homem possa ser, por mero instante, totalmente limpo, para nada dizermos sobre a sua vida e conduta em geral. O que os homens reivindicam nesta linha jamais é verdade. Ver I João 1.8.

Sinônimo. Um homem nunca é absolutamente puro de seu pecado. Ele rebaixa o padrão do pecado, não sobe até o verdadeiro padrão da justiça. A perfeição da impecabilidade é um mito autoglorificador de pessoas boas que reivindicam tê-la alcançado. Cf. Pro. 28.13. O homem que "encobre o seu pecado" não prospera. Os pecados podem facilmente escapar à nossa notícia (Sal. 19.12; I Cor. 4.4). Um homem jamais deve satisfazer-se consigo mesmo (ver Rom. 9.20).

A *exiação* (ver a respeito no *Dicionário*) leva um indivíduo à impecável perfeição judicial, mas a luta contra o pecado na vida continua.

20.10

Dois pesos e duas medidas... Pro. 11.1 é virtualmente igual a este versículo. Ver as notas ali. Ambos os versículos chamam os falsos pesos e as falsas medidas de abominação ao Senhor. Ver também Pro. 16.11 e o vs. 23 deste presente capítulo, onde há notas adicionais. A espiritualidade de um homem deve influenciar todos os aspectos de sua vida. Um homem bom na igreja local deve ser também um homem bom no comércio ou no escritório. A honestidade é uma qualidade básica do homem que segue a lei. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Honestidade*.

Sinônimo. Os pesos que diferem dos pesos oficiais são uma abominação ao Senhor. Foi Ele quem deu ao rei esse peso real, mediante o qual todos os demais

são aferidos. Outras pedras (os pesos oficiais eram feitos de pedras) eram usadas para fazer negócios; elas duplicavam as pedras reais, e o mesmo é verdadeiro quanto a medidas de qualquer espécie. Ver Pro. 11.1 quanto à palavra *abominação*. Um homem bom não usava uma pedra para comprar e outra para vender. Ele só tinha uma pedra padrão para ambos os negócios.

20.11

Até a criança se dá a conhecer pelas suas ações. Nem mesmo uma criança rebelde ou desviada está isenta de censura. Uma boa criança é chamada de "boa" por causa de sua conduta; e a criança má demonstra o mesmo com sua conduta. Quanto mais isso deveria ser verdade no tocante aos adultos, que já deveriam ter progredido na estrada espiritual! Os atos e a conduta são os grandes reveladores do caráter, e atribuímos caráter até mesmo a crianças. Mas elas mudam, e outro tanto pode ser dito com relação aos adultos.

A *criança*. No hebraico, *na'ar*, que pode referir-se a um jovem, conforme a palavra é usualmente usada nos capítulos 1-9. Porém, nos capítulos 10-31, essa palavra hebraica indica alguém que ainda vive sob os cuidados dos pais, ou seja, uma criança dependente.

Sinônimo. Uma criança pode ser pura e reta, ou então o oposto, e isso tornar-se-á evidente em sua conduta. O argumento do vs. 11 parte do menor para o maior. Se uma criança tem de ser assim julgada segundo sua conduta, quanto mais um adulto, de quem se espera saber mais e melhor. A boa conduta, seja como for, deriva-se do conhecimento e da obediência à lei, o padrão de todas as coisas na mente dos hebreus. Por conseguinte, uma criança deveria ser treinada na lei para garantir uma conduta infantil apropriada; e uma pessoa adulta deveria receber o mesmo treinamento, para garantir uma conduta adulta apropriada. Havia apenas um manual para pessoas jovens e para pessoas adultas. Cf. este versículo com Pro. 17.6. Pai e filho são adornos mútuos quando a bondade se manifesta em ambos. "Um julgamento pode ser mais bem formado no caso de crianças, porquanto raramente elas se mostram hipócritas" (Fausset, *in loc.*).

20.12

O ouvido que ouve, e o olho que vê... Os órgãos do corpo humano são obras da mão de Deus, e por isso têm funções especiais que nos assustam. Contudo, é provável que o sentido moral esteja em foco aqui: o ouvido ouve a lei e lhe é obediente, idealmente. Ver Pro. 4.20; 18.15 e 19.20. Os olhos vêem o que é direito e seguem isso. Visto que Deus é a fonte originária de todos os nossos recursos, sejam físicos sejam espirituais, devemos reconhecer nossa dependência Dele, agindo de acordo com isso. O verdadeiro olho espiritual olha para as palavras e obras de Deus (Pro. 3.21; Deu. 11.7).

Sinônimo. O olho e o ouvido foram feitos por Deus, como também suas qualidades espirituais correspondentes. Só Deus é independente. Os homens são dependentes e devem lembrar de quem dependem. Isso faz um homem encontrar o caminho para seu Senhor e verdadeiro Guia. Naturalmente, o instrumento do Senhor é a lei, que é o guia (Deu. 6.4 ss.). Não nos olvidemos, igualmente, do cuidado vigilante de Deus, a Quem devemos ser agradecidos. Ver Pro. 15.3 e Sal. 94.9. "Todo o bem que possuímos vem da parte de Deus, e só devemos usar nossos olhos e nossos ouvidos em estrita obediência à vontade do Senhor" (Adam Clarke, *in loc.*).

20.13

Não ames o sono, para que não empobreças. O preguiçoso vive apaixonado pelo sono. Em primeiro lugar, na realidade ele está dormindo mesmo quando está desperto. Ademais, ele dorme demais. Está sempre tirando uma soneca para descansar depois de nada fazer. Vemos esse tema salientado em Pro. 6.9,10 e 17.15a. Esse tipo de conduta conduz à pobreza (ver Pro. 6.11; 10.4a e 19.1b).

Antítese. Uma conduta apropriada seria que o preguiçoso abrisse os olhos, ficasse bem acordado, saísse e trabalhasse, e assim obtivesse abundância de pão. O vs. 4 deste mesmo capítulo lembra que o preguiçoso não ara o solo nem planta, porque faz "frio". E então sai em busca de uma colheita, o que é impossível, ou então precisa esmolar para obter alimento. A própria ordem mundial, tal como se vê na natureza, conserva operantes todas as coisas; mas o preguiçoso contradiz essa ordem. "Um amante do sono é um caráter torpe e insignificante" (Adam Clarke, *in loc.*). "O sono é uma bênção natural verdadeiramente importante. É um dom de Deus, e a natureza requer que durmamos. É algo desejável e amado, mas não quando é excessivo. É algo doce para um homem, que deve mostrar-se grato pelo sono noturno. Mas um homem não deve entregar-se ao sono, em detrimento de suas atividades apropriadas na vida diária. Além disso, há um tempo próprio para dormir" (John Gill, *in loc.*, que foi um trabalhador prodígio-

so e o primeiro autor a produzir o primeiro comentário, versículo por versículo, da Bíblia em inglês. Ele costumava levantar-se cedo, para que pudesse terminar o seu trabalho de escritor).

20.14

Nada vale, nada vale, diz o comprador. Homens maus, maus negócios — esse é o tema do autor, neste versículo. Um homem mau é desonesto e cheio de manipulações. Quando quer comprar alguma coisa, degrada seu preço diante do vendedor, para que este o baixe. Ele obtém o item barato e, saindo dali, põe-se a gabar-se da grande transação comercial que fez.

Antítese. A coisa “ruim”, que foi comprada, de repente transforma-se em algo “muito bom”. Este versículo declara o tema como uma questão de fato, mas isso é uma perversão, pois algo de valor foi roubado do primeiro dono por causa das manipulações de um comprador desonesto. As pessoas que comercializam, e têm seus próprios familiares para sustentar, devem ser cuidadosas com os caçadores de barganhas desonestos. “Uma prática comum nos mercados orientais é descrita aqui. O comprador despreza o artigo posto à venda, obtém esse artigo por um preço deflacionado e se vai, mas em seguida se jacta de sua esperteza por ter feito tal negócio” (Charles Fritsch, *in loc.*).

Agostinho contava uma história que ilustra este versículo (de *Trinitate*, lib. xiii. cap. 3): Certo charlatão envolvido em produções teatrais propagava ser capaz de sondar as profundezas de todo o coração humano, e convidava pessoas a vir assistir à demonstração do fato. As pessoas se ajuntavam em seus espetáculos para observar os poderes do grande homem, que haveria de desenterrar e trazer à luz os recessos de seu coração. Depois de muito drama, o homem vinha à frente realizar o feito. Ele simplesmente dizia: “Todos vocês haverão de comprar barato e vender caro”. E povo presente se levantava e o aplaudia. O homem tinha descoberto o segredo que todos eles compartilhavam.

20.15

Há ouro e abundância de pérolas. O ouro não é um metal assim tão raro, e há certa abundância de pérolas no mundo, as quais têm sido encontradas no mar e polidas. Existem materiais preciosos como a prata, o ouro e as pedras preciosas. Existem coisas naturais muito apreciadas pelos homens, que os têm feito enriquecer.

Antítese. Porém, de maior valor que essas riquezas naturais é o uso apropriado da fala, quando os lábios de uma pessoa produzem pedras preciosas do conhecimento. Isso se reveste de grande valor espiritual. Está em vista o ensino da lei, o guia do homem (Deu. 6.4 ss.), bem como o doador da vida (Deu. 4.1; 5.33 e Eze. 20.1). Ver como a sabedoria transmite vida, em Pro. 4.13. Quanto ao uso apropriado da linguagem, ver Pro. 11.9,13 e 18.21. Cerca de cem provérbios falam sobre esse tema, o que demonstra a sua importância. O ministério de ensino é assim glorificado.

Para outras comparações da sabedoria com coisas físicas mais preciosas, Cf. Pro. 3.14,15; 8.11; 16.16; 22.1 e 28.11. Cf. Jó 28.12-19 e Fil. 3.8.

20.16

Tome-se a roupa àquele que fica fiador por outrem. Quanto a versículos similares, ver Pro. 6.1-5; 11.15; 17.18 e 27.13. O autor condena ou acautela severamente as pessoas por quererem ser fiadoras. Acerca disso, ele toma uma posição prática, e não a posição cristã. O presente versículo ridiculariza o fiador. Ele se meterá em tantas dificuldades que terminará perdendo até a roupa que lhe protege as costas. Perderá o próprio paletó. Ficará “limpo”, conforme se diz em uma moderna expressão idiomática. As vestes mais exteriores de um devedor algumas vezes lhe eram tiradas, e isso era garantia do pagamento da dívida (ver Êxo. 22.26). Mas um fiador insensato termina perdendo o próprio paletó, para pagar a dívida constituída por outrem!

Estrangeiros. Esse fiador era especialmente tolo, porquanto garantiu a dívida de alguém a quem não conhecia de maneira alguma, ou conhecia apenas superficialmente.

Sinônimo. Esse estrangeiro é agora identificado como uma mulher desviada (provavelmente uma prostituta), conforme diz uma nota marginal do texto hebraico, ou como uma estrangeira, conforme lemos no próprio texto. Ou então o autor sacro estava dando exemplos possíveis quanto ao tipo de pessoas que o estrangeiro podia ser. Pro. 27.13 diz “mulher estranha” no próprio texto. Ver Deu. 24.10-13 quanto aos itens valiosos dados como garantia.

20.17

Suave é ao homem o pão ganho por fraude. Um homem mau pensa que o ganho desonesto é doce, suave. A palavra “pão” representa algo valioso e vital ao

homem. Algumas pessoas se alegram diante de seus furtos, sejam eles pequenos ou grandes. Muitas mulheres furtam pequenos itens dos supermercados e outras lojas e se sentem muito bem a respeito. E existem também os furtos morais, que provocam um frenesi de satisfação a algumas pessoas. E algumas pessoas desfrutam desses pequenos atos de desonestidade porque lhes custam pequeno esforço. Porém, precisamos levar em consideração a mente criminosa que é distorcida e encontra alegria no que é pervertido. Talvez alguns cleptomaníacos devam sua distorção a uma anomalia cerebral. O que há de mais interessante nessa enfermidade é que ela aflige também os ricos, e não meramente os pobres. É divertido roubar e escapar à detecção, ou, pelo menos, assim pensam os desonestos. Alguns roubos são perpetrados para causar dor a outras pessoas, em vez de obter vantagens para si mesmos. Essa é outra perversão incompreensível. Quando pensamos sobre algo como doce, devemos compreender que a coisa roubada parece uma merenda deliciosa que um homem come. É a metáfora da alimentação.

As águas roubadas são doces, e o pão comido às ocultas é agradável.

(Provérbios 9.17)

Antítese. Mas a verdade da questão é que o homem mau, em vez de pôr um bocadinho doce na boca, mediante engano e furto, na realidade está enchendo a boca com pedrinhas de areia, ou seja, algo indigesto e nojento, que lhe fará mal, em vez de alimentá-lo e dar-lhe proveito. O ladrão, pois, vive sob maldição. “O pecado, usualmente atrativo em seus dividendos imediatos, finalmente volta-se contra o pecador e o ataca. Cf. Pro. 7.14-23” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). “Cinzas geralmente se misturam com o pão cozido ao borralho, de acordo com um costume oriental (Lam. 3.16)” (Fausset, *in loc.*). Provavelmente é daí que a figura se derivou. Mas o autor sagrado tomou o quadro mais drástico substituindo as cinzas pela areia. Um homem pode comer um pedaço de pão com alguma cinza, mas quem pode comer um punhado de pedrinhas de areia?

20.18

Os planos, mediante os conselhos, têm bom êxito. Um planejamento habilidoso tem de ser feito no tocante a cada empreendimento bem-sucedido, de natureza pessoal ou comunal, tanto militar quanto pacífica. Para que haja um planejamento habilidoso, faz-se mister corretos conselhos. Os reis contavam com conselheiros profissionais. Ver Pro. 11.14; 15.22; Luc. 14.31. Ver Pro. 8.14 quanto a conselhos.

Sinônimo. A guerra fazia parte constante da vida na antiga Palestina, pelo que servia como boa ilustração sobre a necessidade de receber bons conselhos antes de envolver-nos em alguma questão. É bom pensar que há outras pessoas envolvidas em nossos problemas, buscando o correto curso de ação. Porém, precisamos relembrar que é o Senhor que estabelece Seus propósitos (ver I Crô. 29.18). Ver Pro. 16.1. O homem propõe, mas Deus dispõe. Ver Pro. 16.9 quanto a notas expositivas adicionais sobre o contraste entre os planos humanos e a orientação divina.

20.19

O mexeriqueiro revela o segredo. Cf. este versículo com Pro. 11.13; 18.8; 20.19; 26.20,22 (o maldizente). Cf. também Pro. 18.21. As questões da vida e da morte estão na língua. Ver sobre *mexerico*, em Pro. 11.13 e 18.8. E ver sobre esse termo, no *Dicionário*, quanto a detalhes. O impacto deste provérbio é que o maledicente torna seu negócio o espalhar rumores. Por conseguinte, que o leitor não se associe a esse tipo de pessoas, pois, do contrário, em breve tudo a seu respeito tornar-se-á questão de informação pública. A maledicência é denunciada em Pro. 16.28; 18.8 e 26.20,22; e há várias razões para essa denúncia. Este versículo nos brinda com uma delas: é errado envolver-nos nas questões de outras pessoas e embaracá-las publicamente, traindo assim sua confiança.

Antítese. Para evitar que sua confiança seja traída, e para evitar embaraço público, não se associe a maledicentes conhecidos. Eles falam como um insensato (no hebraico, “abrem exageradamente os lábios”), ou seja, nada mantêm oculto ou fechado; antes, fazem tudo tornar-se matéria de conhecimento público. A raiz, no hebraico, é *pathah*, “abrir”. Porém, não se trata da franqueza da honestidade, e, sim, da exibição tola das coisas diante de todos. Um maledicente, quando está à nossa frente, louva e usa de lisonjas, mas por trás está cheio de amargura e observações cortantes a nosso respeito. Não é seguro fazer amigos de tais pessoas; e há tantas delas. Não entreguemos nas mãos das pessoas pedras para serem atiradas contra nós. Um maledicente não pode manter a boca fechada. Pelo contrário, sua boca estará sempre aberta enquanto ele circula pela sociedade, certificando-se de que muitos sejam feridos com o que ele diz. Ver o poema, em Pro. 11.13, que ilustra bem a questão.

20.20

A quem amaldiçoa a seu pai ou a sua mãe... Quanto a relações entre pais e filhos, ver Pro. 1.8; 10.1 e 19.26. Esta última citação refere-se a maus tratos

radicais aos pais, e o versículo à nossa frente continua esse pensamento. Amaldiçoar os pais viola o quinto mandamento, o que exigia punição capital. Ver Êxo. 20.12; 21.16; Lev. 20.9. Amaldiçoar é abusar por meio de palavras e ações. Estão em vista atos como desprezar os pais, zombar deles, amaldiçoá-los com imprecções e palavras ásperas, tomar a casa deles para uso próprio e assim expulsá-los do lar (ver Pro. 19.26), e atos semelhantes.

Sinônimo (resultado). Esses amaldiçoadores terão suas lâmpadas apagadas, morrerão de morte prematura e/ou violenta e não terão posteridade, e todas essas coisas eram calamidades, de acordo com a mentalidade dos hebreus. O hebraico diz aqui, literalmente, “pupila (do olho)” ou “trevas”, a parte escura do olho, em que o centro se refere à parte mais escura da noite e, metaforicamente, aponta para a morte. Cf. Pro. 7.2 quanto à metáfora do olho.

Este versículo tem sido cristianizado para indicar o julgamento além do sepulcro (Jud. 14.15), mas tal interpretação é anacrônica aqui. Está em vista a calamidade física que leva à morte prematura.

20.21

A posse antecipada de uma herança. Algumas heranças são obtidas apressadamente (no hebraico, *mebhohaleth*, que tem um sentido incerto). As versões dizem aqui apressadamente, superficialmente, além de outras traduções, posteriores. A referência é incerta, mas poderia significar: 1. Uma herança obtida antes que o doador morra, recebida por antecipação, como foi o caso do filho pródigo, cuja história é contada em Luc. 15.11-20. 2. Ou então a herança foi obtida desonestamente, mediante algum ludíbrio ou engano. 3. Ou então, em casos radicais, o herdeiro mata aquele que lhe daria a herança para obtê-la com alguma antecedência. 4. Ou, finalmente, um homem deixa dinheiro ou propriedades para amigos ou conhecidos que não os esperavam nem tinham ligação de sangue com o doador.

Algumas versões têm duas palavras depois do termo “herança”, isto é, “no princípio”. Essas palavras têm um sentido incerto, que talvez possa encaixar-se em um destes três pontos: 1. Quando o herdeiro ainda é jovem, no começo de sua vida. 2. Ou então no começo da carreira de trabalho de um homem. 3. Ou ainda, no princípio, quando a herança foi dada, em contraste com as palavras “no fim”, que também aparecem aqui, quando as coisas já “azedaram”.

Antítese. As heranças “irregulares”, ganhas legalmente ou não, têm a tendência de azedar. Ou são gastas à toa; ou levam um homem a entrar em dificuldades com a lei. Essas heranças estragam os herdeiros e os tornam preguiçosos. Em suma, tornam infelizes os herdeiros. Contrastar com isso a feliz outorga e recebimento de heranças vista em Pro. 13.22. Este versículo dá a entender um julgamento divino contra os ímpios e/ou os insensatos, que adquiriram todo esse dinheiro antes do tempo.

20.22

Não digas: Vingar-me-ei do mal. Este é um versículo nobre, que se aproxima da ética do Novo Testamento. Cf. Pro. 17.13; 24.29; Deu. 32.25 e Rom. 12.19. É melhor deixar a vingança com o Senhor. Finalmente, Ele sairá em socorro dos que estão sendo perseguidos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Vingança*, quanto a maiores detalhes.

Antítese. Em vez de tomar a lei nas próprias mãos e pagar o mal com o mal, um sábio “esperará no Senhor” — ou, em outras palavras, entregará tudo aos cuidados do Senhor, permitindo-Lhe livrar o sofredor da dor e do prejuízo, além de julgar o pecador que o perseguirá. Essa é a solução divina. Cf. I Ped. 3.13 e Rom. 8.28. “A ausência de confiança paciente no Senhor torna os homens impacientes, na tentativa de tirar vingança pessoalmente. Não oremos para que Deus se vingue de nossos inimigos pessoais, mas oremos para que Ele nos defenda” (Fausset, *in loc.*). “Entrementes, ore pela conversão de seu inimigo” (Adam Clarke, *in loc.*).

20.23

Dois pesos são cousa abominável ao Senhor. Este versículo é virtualmente igual ao vs. 10 deste mesmo capítulo. Ali, entretanto, há uma referência a pesos e medidas desonestos, ao passo que aqui pesos e balanças é que são especificados. Mas, seja como for, o significado é o mesmo. Ver também Pro. 11.1, onde temos outro versículo semelhante, e cujas notas expositivas também se aplicam aqui. A primeira linha aqui dá a mesma palavra, *abominação*, usada em Pro. 11.1, a fim de descrever práticas comerciais desonestas, e então a segunda linha métrica, que é sinônima, menciona as balanças enganadoras que ajudam o negociante desonesto a fazer negócios fraudulentos. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Balanças*, quanto a informações completas de antigos métodos de pesagem. No livro de Provérbios, as referências a essa prática antiga aparecem em 11.1; 16.11 e 20.23.

20.24

Os passos do homem são dirigidos pelo Senhor. Pro. 16.9b diz que os passos de um homem são determinados pelo Senhor. “Confia em Deus, e Ele fará plano o teu caminho” (Charles Fritsch, *in loc.*). Ver Sal. 37.23, onde encontramos a mesma declaração. A soberania de Deus opera sobre a vida humana, e esse é um tema encontrado aqui e acolá no livro de Provérbios. A afirmativa mais radical dessa sorte encontra-se em Pro. 16.4. Por outra parte, no livro de Provérbios há muitas afirmações que subentendem o livre-arbítrio humano e a sua capacidade de reagir e mudar. O livro não tenta reconciliar as duas idéias para formar um paradoxo, e é nesse ponto que devemos deixar a questão. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Determinismo* e *Livre-arbítrio*. Não nos devemos atolar na teologia controversa, que tem causado tão divisivo efeito na igreja cristã. Pelo contrário, consolemo-nos no fato de que o poder de Deus está conosco e dirige nossa vida. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Deus é quem dirige nossas decisões e nossa conduta. Ver Pro. 16.1,9; 19.21.

Eu sei, ó Senhor, que não cabe ao homem determinar o seu caminho, nem ao que caminha o dirigir os seus passos.

(Jeremias 10.23)

Antítese. Visto que é o Senhor quem está por trás da vida de um homem, existem elementos misteriosos ali. Nenhum de nós pode compreender todas as distorções e voltas que a vida dá, nem compreender o grande bem e o grande mal que, às vezes, acompanham nossa vida. O *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*) se mistura a toda essa questão, e certamente não entendemos isso. Ver sobre esse tema no *Dicionário*. “Visto que Deus tem a palavra final sobre a vida de uma pessoa, com frequência é difícil uma pessoa entender plenamente o próprio caminho” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). E, se um homem se lança à tarefa de escavar o próprio caminho, pode acabar cortando os seus dedos.

O seu caminho. Ou seja, o caminho do homem, mas também podemos entender o Caminho Divino pelo qual estamos sendo conduzidos. Contraste o leitor os *caminhos bons e maus* que os homens podem tomar, em Pro. 4.27. Tomando por base Pro. 16.4, podemos entender que até mesmo o caminho do ímpio foi predeterminado por Deus; mas isso já seria uma má teologia, conforme explico naquela referência. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*.

20.25

Lazo é para o homem o dizer precipitadamente: É santo. Um homem se precipita em uma armadilha quando diz, apressadamente: “É santo”, fazendo assim um voto que não pode cumprir. “Fazer promessas precipitadas sem pensar nelas plenamente é algo perigoso” (cf. Deu. 23.21-33 e Eclesiastes 5.4,5) (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Este versículo faia, primariamente, em votos feitos no templo de Jerusalém, mas, mediante aplicação, pode estar em foco qualquer tipo de promessa. As palavras “é santo” significam “foi dedicado”. Um homem fez uma promessa a Yahweh de que, “se Ele fizer isto ou aquilo”, ele corresponderá “desta ou daquela maneira”. Consideremos o caso de Ananias e Safira, no capítulo 5 do livro de Atos, bem como o horrendo voto de Jefté, que prometeu sacrificar a primeira pessoa se encontrasse com ele, quando voltasse para casa depois de obter grande vitória militar, que ele muito quisera obter. Foi a própria filha dele que correu ao encontro de Jefté, e, estupidamente, ele a sacrificou. Isso nos mostra quão seriamente os hebreus tomavam os seus votos. Quanto a essa história de loucura, ver Juí. 11.30,31.

Dizer precipitadamente. Isso pode significar “devorar” (no hebraico, *yالاتز*), que é como a King James Version toma a declaração. Seria uma referência à festa que se seguia aos sacrifícios e aos votos cumpridos. Uma vez que os sacerdotes já haviam recebido suas oito porções (ver Lev. 6.26; 7.11-14; Núm. 18.8), o homem que trazia o sacrifício podia levar o restante das carnes para casa, a fim de festejar com os seus amigos. Cf. Pro. 7.14. Mas alguns estudiosos pensam que isso significa que uma coisa acusada era devorada, ou seja, por um homem inferior, ou que se ajustasse aos sacrifícios. Essa, porém, é uma tradução improvável. Alguns supõem que um homem poderia ousar devorar algo separado somente para os sacerdotes, usurpando direitos que não possuía.

Antítese. O homem que se decidisse a sacrificar e tomar votos, ou a tomar votos separadamente dos sacrifícios, deveria primeiramente refletir (Revised Standard Version) sobre o que estava fazendo, a fim de evitar votos precipitados. É melhor pensar que agir. Por aplicação, esse princípio condena toda a conduta insensata e precipitada por parte de homens não acostumados a pensar.

20.26

O rei sábio joieira os perversos. Esta parte do versículo é semelhante a Pro. 20.8b, e ali ofereço notas expositivas. O rei bom tem discernimento e separa o trigo do joio, e então se desfaz do joio mediante alguma ação drástica, como, por exemplo, executando-o. Os olhos de um rei são como uma pá padejadora.

Sinônimo. Em primeiro lugar, o rei separa os homens maus e, então, lança a máquina de trilhar sobre eles e os corta em pedaços. Ele é o temível agricultor. “No ato de trilhar, um trilho munido de pontas era puxado por cima do grão para libertar o grão da palha que o encobria. No ato de padejar, o fazendeiro lançava o grão no ar, a fim de que o vento levasse a palha indesejável” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Assim sendo, este provérbio reverte a ordem do processo, mas mesmo assim continuamos sabendo do que se trata. Cf. Amós 1.3. Ver também Sal. 83.13; Isa. 28.27; 41.15; II Reis 13.7. A palavra “tribulação” é derivada do termo latino *tribulum*, instrumento usado para trilhar o grão. Jarchi referiu-se ao conflito que houve no Egito, entre Moisés e o Faraó. O Faraó teve a máquina de trilhar passando sobre ele. A versão árabe vê aqui uma referência ao exílio.

Este versículo tem sido cristianizado para que o rei se transforme no Rei dos reis, em seu ofício como Juiz. Ver Mat. 3.12 e Atos 17.31.

20.27

O espírito do homem é a lâmpada do Senhor. No hebraico, a palavra “espírito” é tradução do vocábulo *neshamah*, “hálito”, usada em Gên. 2.7, quando Deus soprou sobre o homem o sopro da vida. O uso original dessa palavra não falava da alma imortal, conforme a tentativa de cristianizar Gên. 2.7 a faz significar. Essa doutrina, entretanto, começou a surgir na teologia dos hebreus nos livros dos Salmos e dos Profetas. No Pentateuco jamais se vê um apelo a qualquer tipo de vida pós-túmulo, nem a qualquer punição ou recompensa para encorajar os homens a evitar o mal e a buscar o bem. Essa doutrina, contudo, já é evidente em Dan. 12.2. Discute-se, porém, a questão de a palavra hebraica *neshamah* significar espírito imortal, aqui em Provérbios. Disse Delitzsch neste lugar: “Se na linguagem do Antigo Testamento há uma palavra separada para denotar autoconsciência, o espírito humano pessoal, em distinção ao espírito de um animal irracional, essa palavra, de acordo com o uso desse idioma, é *neshamah*”. Mas aqui a tradução *consciência* parece melhor. Essa é a lâmpada de Yahweh que busca os profundos recessos da mente do homem e lhe diz o que é certo e o que é errado.

*A consciência do homem é a lâmpada do Eterno,
Brilhando em sua alma mais interior.*

(Tradução de Moffatt)

Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Consciência*, quanto a plenas informações. A existência e a função da consciência são, por si mesmas, indicação da alma imaterial, mas a mente dos hebreus não era filosófica o bastante para aplicar esse argumento, pelo menos no período antigo da história dos hebreus.

Sinônimo. Essa lâmpada do Senhor, a consciência humana, é um profundo sondador, penetrando até o mais interior do homem, testando seus pensamentos bons e maus, descobrindo seus motivos, aplicando a lei. Quanto ao *coração*, ver Pro. 4.23. “Verifiquemos se estamos dispostos a permitir que nosso coração seja perscrutado por essa lei, a fim de que nenhum pecado secreto ou baixa motivação sejam poupados na revelação (João 3.21; Atos 24.15; 23.1; II Cor. 1.12; I João 3.20,21)” (Fausset, *in loc.*). Naturalmente, para que a consciência se mostre totalmente eficaz, é preciso que o Espírito a ilumine, o que o autor pode ter tido em mente, embora nunca tenha dito tal coisa.

É possível, como é claro, que a consciência se perverta e se torne iludida e, em certo sentido, isso é verdade no caso de todo homem. Filipe II e a horrenda Isabel, durante a Inquisição, infligiram sofrimento mais cruel sobre os seres humanos do que Nero e Domiciano foram capazes de fazer. Assim sendo, uma voz interior algumas vezes engana e uma voz perversa pode ser equivocada como se fosse a voz de Deus. Qualquer homem bom pode olhar para sua vida passada e identificar ocasiões em que sua consciência não foi suficiente para salvá-lo do erro, pelo contrário, até mesmo foi capaz de conduzi-lo ao erro. Contudo, se permitirmos algumas exceções, a consciência é um bom guia, e muito melhor do que nos dispomos a reconhecer. Ver Rom. 2.14,15. E também existe a consciência cauterizada, mas essa já é uma situação inteiramente diversa. Ver I Tim. 4.2.

20.28

Amor e fidelidade preservam o rei. Um rei que queira perdurar por longo tempo em seu ofício deve possuir as qualidades de lealdade (amor constante) e fidelidade. Convém que tal rei leve a sério a sua incumbência real e evite os

excessos e as injustiças dos típicos monarcas orientais. Esse rei era rei de Israel, e isso era diferente de ser rei de uma das nações vizinhas de Israel. Quanto ao *rei ideal*, ver Deu. 17.14 ss. Cf. Pro. 16.10. “Misericórdia (amor) para com os humildes e os necessitados; verdade (fidelidade) no cumprimento de sua palavra” (Fausset, *in loc.*). Cf. Sal. 130.4 e Jer. 33.9. Quanto à *fidelidade*, ver Pro. 3.3; 14.22 e 16.6. Quanto à *lealdade* (amor), ver Pro. 16.12.

Sinônimo. Um trono justo será mantido e continuado mediante a retidão (conforme diz a Septuaginta) ou a lealdade (o original hebraico). Esse original repete uma qualidade da primeira linha, conforme se pode ver, pelo que algumas traduções seguem a versão grega (Septuaginta) aqui. Ver a exposição geral em Pro. 16.10,15, trecho bastante similar. Essas virtudes morais são “as jóias mais brilhantes da coroa real” (Adam Clarke, *in loc.*).

20.29

O ornato dos jovens é a sua força. Os jovens se orgulham de sua força; e essa qualidade é a glória deles. Não olhamos para os jovens como indivíduos sábios ou bem equilibrados. Mas, se precisarmos guerrear, chamemos os jovens; e se precisarmos efetuar rapidamente um trabalho que requeira força física, convoquemos os jovens. Quando um rio estava prestes a extravasar, em um estado oriental dos Estados Unidos, o que destruiria uma cidade, os jovens das escolas foram chamados para construir diques com sacas de areia. Eles obtiveram sucesso, e a revista *Reader's Digest* publicou o relato desse acontecimento.

Antítese. Os homens idosos têm beleza ou glória (ver Pro. 16.31), ou seja, seus cabelos brancos, que, para eles, são uma coroa. Ver Jó 12.12. Os homens idosos, segundo se espera, devem ser sábios e capazes de dar sábios conselhos alicerçados sobre a lei, guiando os mais jovens através da instrução e do exemplo. Os cabelos brancos são símbolo dessas qualidades. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sabedoria*. Assim sendo, cada faixa etária tem suas vantagens e usos especiais e também suas desvantagens. “Os homens idosos, que se tornam mais fortes devido às suas fraquezas, são mais sábios à medida que se aproximam de seu lar eterno” (Edmundo Waller). Ver Pro. 20.24.

*Envelhece junto comigo!
O melhor ainda está por vir,
A última porção da vida, para a qual
A primeira foi feita.
Nosso tempos estão nas mãos de Deus, o qual disse,
Planejei a vida inteira dos homens.*

(Robert Browning)

20.30

Os vergões das feridas purificam do mal. Literalmente traduzido, o original hebraico diz aqui: “As ronchas das feridas purificam do mal”. Quando um homem é severamente espancado, seus ferimentos assumem a cor azul-arroxeadas, e não vermelho-vivo, que é a cor dos ferimentos superficiais. É preciso um espancamento muito severo para arrancar a insensatez de um homem, recolocando-o na vereda certa, se até aquele momento ele estava desviado. O homem arroxeadado será alguém purificado, a menos que esteja fora do alcance da reforma, conforme sucede a certos homens maus. Ver Pro. 9.7-9, onde o autor assume um ponto de vista pessimista da eficácia do castigo para homens maus.

Esta porção do versículo tem sido cristianizada para falar dos castigos recebidos por Jesus, mediante os quais somos curados (ver Isa. 53.5).

Sinônimo. Os açoites podem ser curadores (ver Pro. 18.6). Ver Deu. 25.1-3, quanto aos espancamentos como uma maneira de punir o mal, de acordo com a lei de Moisés. O número de açoites era limitado a quarenta, e variava dependendo da seriedade do crime. Açoites suficientes eram aplicados se tivessem de ser atingidas as porções interiores, isto é, o coração. Esse homem precisa de uma mudança no coração antes que possa agir de maneira diferente na sociedade. Quanto às porções mais interiores do homem, Cf. Pro. 18.8. “A dor é, com frequência, o remédio das dores mais fatais” (Ellicott, *in loc.*). Em outras palavras, se um homem reagir à dor relativamente menor de ser espancado, tem oportunidade de escapar de algo pior. Aqueles que cristianizam o versículo lembram-se novamente dos sofrimentos de Jesus, que fizeram *expição* (ver a respeito no *Dicionário*).

Capítulo Vinte e Um

Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 20 e 21. Ofereço uma introdução à seção geral em Pro. 10.1 (a seção de Pro. 10.1 - 22.16, a primeira coletânea dos provérbios de Salomão). A segunda parte da seção começa em

Pro. 16.1. Dali até Pro. 22.16 há 191 versículos, cada qual com duas linhas. Ver a introdução àquela subseção em Pro. 16.1.

21.1

Como ribeiros de águas, assim é o coração do rei na mão do Senhor. Um bom rei é controlado pelo poder de Yahweh. Deus torna o coração desse rei semelhante a um ribeiro de águas refrescantes. Cf. Pro. 16.10. Os passos de um homem bom são determinados pelo Senhor (ver Pro. 20.24). A lei é a fonte da vida que atua visando o bem das pessoas (ver Pro. 13.14). O rei, habilidoso como é na lei de Moisés, será uma fonte de águas vivas. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Água*. "O coração do rei está na mão de Deus" (Eclesiastes 9.1), tal como estão os planos de todo o povo (ver Pro. 16.1.9). Um agricultor direciona a água cavando valetas. Por semelhante modo, o Senhor dirige o coração do rei, como sucedeu, por exemplo, com o Faraó (ver Êxo. 10.1,2), Tiglate-Pileser (ver Isa. 10.5-7), Ciro (ver Isa. 45.1-6) e Artaxerxes (Esd. 7.1; Nee. 2.1-8). Deus é soberano (Pro. 21.30)" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). A metáfora da mão significa ação e poder, visto que é a mão o principal instrumento do homem para realizar seu trabalho. Ver sobre a *mão de Deus*, em Sal. 81.14, e sobre a *mão direita de Deus*, em Sal. 20.6. Ver sobre o *braço de Deus*, em Sal. 77.15 e 89.10.

Sinônimo. Visto que Deus tem o rei em Sua mão, pode fazer com ele o que bem quiser. Quanto a versículos sobre o determinismo, ver Pro. 16.1,4,9; 19.21 e 20.24. A providência de Deus, em seus aspectos negativos e positivos, controla este mundo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*. A figura por trás do versículo provavelmente é a de um canal de irrigação, que um agricultor usava para dirigir a água para onde lhe parecia melhor, a fim de obter melhores resultados. Assim também se dá com o Divino Agricultor.

21.2

Todo caminho do homem é reto aos seus próprios olhos. Ver a exposição em Pro. 4.20-27. Pro. 16.2 é um paralelo direto e as notas expositivas dadas ali se aplicam igualmente aqui. Até o insensato pensa estar agindo bem (ver Pro. 12.15), mas o juiz real da conduta humana é o Senhor. O homem olha para a aparência exterior, mas Deus olha para o coração. Ver I Sam. 16.7, que forma a antítese do provérbio presente. Deus conhece as motivações internas das pessoas, e não meramente os atos de suas mãos (ver Pro. 17.3). Deus é tanto soberano (Pro. 21.1) quanto onisciente (vs. 2). Quanto à figura simbólica de pesar o coração, ver também Pro. 16.2 e 24.12. Assim é que, de acordo com a religião egípcia, Thoth aparece como àquele que pesava o coração dos homens. O significado disso é exatidão na avaliação. Uma balança revela o peso exato de um objeto qualquer, e assim também a pesagem efetuada por Deus nos dá a avaliação divina exata de um homem, de seus pensamentos e de seus feitos. Ver o verbete intitulado *Coração*, em Pro. 4.23. Ele é a fonte das ações de um homem e nele reside a espiritualidade, para que um homem seja reto e justo.

Há caminho, que parece direito ao homem, mas afinal são caminhos de morte.

(Provérbios 16.25)

21.3

Exercitar justiça e juízo... Encontramos aqui a influência da teologia profética que se movia na direção da compreensão do Novo Testamento. A mentalidade dos judeus se afastava para longe dos sacrifícios animais como o coração da fé religiosa, e se aproximava de uma espiritualidade sentida no coração, como o real sacrifício esperado da parte dos homens. Ver Amós 5.22-24; Osé. 6.6; Miq. 6.6-8 e I Sam. 15.22. Mas se um homem sábio, como aqueles que produziram as declarações da sabedoria a fim de fomentar e interpretar a lei de Moisés, não abandonava o sistema sacrificial, estava encontrando, em seu coração, um modo mais profundo de expressar a sua espiritualidade. Os sacrifícios, pois, tornaram-se subordinados à nova percepção. As demandas éticas da fé substituíam a fé ritualista. Cristo viria, finalmente, e substituiria todo o modo de expressão do Antigo Testamento, conforme a epístola aos Hebreus explica com muitos detalhes. Em Cristo, as questões de retidão e justiça receberam um significado novo e mais elevado. O acesso a Deus foi mais bem explicado. Quanto à *retidão*, ver Pro. 1.3, e, no *Dicionário*, o artigo assim intitulado.

Antítese. A antítese da fé sentida no coração é o sistema de sacrifícios animais, que era o caminho mais antigo e inferior. "O Senhor detestava a hipocrisia de uma pessoa ímpia que Lhe trazia um animal em sacrifício (Pro. 15.8 e 21.27)" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Mas havia na questão mais que isso. Uma mudança de paradigma (modelo) estava sendo realizada. A mudança final foi o evangelho cristão e a redenção em Cristo. A sombra da lei cedida lugar à Luz do avanço (ver Heb. 10.1). Uma nova vereda de acesso estava sendo aberta (ver Rom. 5.2; Efé. 2.18 e 3.12).

21.4

Olhar altivo e coração orgulhoso... O orgulho promove o pecado. Não há nele retidão alguma. Cf. Pro. 11.2; 6.17; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,18 e 18.12. Olhares altivos (ver Pro. 6.17) e cabeça erguida fazem os homens parecer ser algo, quando eles nada são.

Sinônimo. A segunda linha métrica é, na realidade, independente, não sendo necessário fazê-la corresponder à primeira linha. Os ímpios são como agricultores iníquos que se põem a arar o pecado (no hebraico, *nir*), palavra emendada para *ner*, "lâmpada". Muitos intérpretes aceitam que essa emenda provavelmente representa o texto original que se perdeu no texto massorético posterior. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Massora* (*Massorah*); *Texto Massorético*. Se *lâmpada* é, realmente, correto, então obtemos a figura da "lâmpada escura". Aquilo que deveria iluminar, nas mãos de indivíduos ímpios, faz o contrário e leva ao pecado, ou seja, às trevas. A lâmpada deveria produzir vida, mas, para o homem mau, traz a morte, visto que sua luz é perversa. As versões, de modo geral, dizem *lâmpada*, e assim diz o Targum.

21.5

Os planos do diligente tendem à abundância. O homem diligente tem planos que lhe são importantes, e sua vida se orienta na direção do cumprimento desses planos. Seguindo seu estilo de vida energético, eles terminam em abundância, tanto material quanto espiritual.

A mão dos diligentes vem a enriquecer-se.

(Provérbios 10.4b)

Antítese. Em contraste, aqueles que se apressam em ficar ricos, por meios fraudulentos ou desviados, terminam padecendo necessidades.

O que trabalha com mão remissa empobrece.

(Provérbios 10.4a)

Pro. 28.20 é paralelo direto deste versículo. Ver ali algumas idéias adicionais. Os vss. 5 e 6 referem-se às riquezas ou à pobreza, e a como ambas são obtidas. A diligência e a preguiça são contrastadas em Pro. 12.24,27 e 13.4. A pressa é tema de Pro. 19.2; 28.20 e 29.20. O homem que quiser enriquecer rapidamente deverá aplicar algum tipo de meio questionável, ilegal ou violento para conseguir isso, pelo que vemos pecado nesta antítese. A pressa pode significar apenas ação preguiçosa, ação incompleta, esforços feitos sem pensar, com ausência de orientação apropriada. Cf. Pro. 20.21 quanto a um tipo de pressa para enriquecer rapidamente.

Quanto a uma aplicação espiritual dos pensamentos deste versículo, ver Heb. 12.1.

Corramos com perseverança a carreira que nos está proposta.

(Hebreus 12.1)

21.6

Trabalhar por adquirir tesouro com língua falsa. Homens fraudulentos não hesitarão em mentir para obter alguma vantagem. Pro. 10.2 é bastante similar a este versículo. Para a maioria das pessoas, o dinheiro é tudo, e é legítimo qualquer meio que as leve a obter dinheiro. Cf. com Pro. 12.13. As riquezas ganhas por meios desonestos não perdurarão (a segunda linha antitética). Pelo contrário, fugirão de seu dono como o vapor e tornar-se-ão armadilha de morte para aqueles mentirosos. Assim diz a Septuaginta, que emenda o termo hebraico *mebhaqqeshe* ("buscar a morte") para *moqueshe*. Os vss. 6-8 descrevem os males praticados pelos homens ímpios. O dinheiro ganho desonestamente serve de ardil, em vez de bênção. A morte é o fim dessa atividade. Aqueles que buscam ganhar de modo desonesto na realidade buscam a destruição.

21.7

A violência dos perversos os arrebatam. A King James Version contém a declaração de que a desonestidade dos ímpios acabará por destruí-los, mas a melhor tradução é mesmo *violência*, conforme se vê em nossa versão portuguesa. Os que aplicam a violência contra o próximo para obter ganhos desonestos sofrerão, eles mesmos, violência, a qual haverá de "varrê-los do mapa", ou seja, lhes dará fim definitivo. A figura simbólica parece ser a de um dilúvio que de súbito limpa a terra, livrando-a dos ímpios. Alguns vêem aqui a rede que um pescador usa para apanhar o peixe, tirando-o do mar. Cf. Hab. 1.15. O verbo hebraico *garar* é usado para indicar a pesca e o arrasto dos peixes.

Sinônimo. Os violentos que sofrem violência são pintados aqui como sabedores do que é direito, mas manifestando-se propositadamente contra isso. Eles agravarão o alcance da rede. Nenhum peixe ruim escapará da operação de pesca por arrastão instituída por Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Kimchi vê aqui uma metáfora diferente: "Eu os destruírei com uma serra". Cf. Pro. 1.19 quanto a algo similar.

21.8

Tortuoso é o caminho do homem carregado de culpa. Este versículo contrasta o *caminho do bom* com o *caminho do mau*. Ver sobre isso em Pro. 4.27, onde dou uma nota de sumário. Ver sobre a *metáfora da vereda*, em Pro. 4.11. Os homens maus são tortuosos em suas negociações e, de modo geral, são distorcidos tanto por dentro quanto por fora, ou seja, naquilo que são e naquilo que fazem. Além disso, são os líderes da vereda da destruição. E outros vão sendo convencidos a vir ao mesmo fim mau que eles experimentarão.

Tortuoso. É o indivíduo perverso que envereda pela vereda tortuosa. Alguns estudiosos dão "estrangeiro" em lugar de "tortuoso", pois compreendem de modo diferente o original hebraico. Os ímpios escolheram viajar pelo caminho "estrangeiro". Mas esse não é o caminho prescrito pela lei, nem pelas declarações de sabedoria que a fomentam e interpretam.

Antítese. Mas o homem puro ou inocente se conduz em concordância com as demandas da lei, pelo que segue pela vereda correta. A conduta desse homem é "pura e reta" (Revised Standard Version, bem como a tradução da Imprensa Bíblica Brasileira). Notemos o jogo de palavras: o homem culpado (no hebraico, *wazar*) é contrastado com *wezak*, o homem inocente. Cf. este provérbio com Pro. 3.21-26.

21.9

Melhor é morar no canto do eirado. Este provérbio é repetido em Pro. 25.24. "O significado deste versículo é que a paz com qualquer tipo de privação ou desconforto é melhor do que a contenda misturada ao luxo" (Charles Fritsch, *in loc.*). Ver versículos similares em Pro. 19.13; 21.19 e 27.15,16. Dormitórios improvisados eram, algumas vezes, arranjados nos eirados planos das casas da Palestina. Seria melhor subir ali e reservar um cantinho, onde se pusesse um colchão, do que viver com uma mulher contenciosa embaixo do teto, embora com estilo e luxo. Está em foco uma esposa má, uma mulher contenciosa, resmungona e escandalosa.

"Os topos planos das casas eram, no Oriente, usados para fazer exercícios físicos (ver II Sam. 11.2), para dormir (ver I Sam. 9.26), para atos de devoção (ver Atos 10.9) e para vários propósitos domésticos (ver Jos. 2.6)" (Ellicott, *in loc.*).

Antítese. Se você descer de seu cantinho no eirado, terá de enfrentar a mulher contenciosa, e sua paz desaparecerá com o primeiro grito rancoroso que ela soltar. Naturalmente, essa mulher é a sua esposa, pelo que o que você está fazendo a respeito? Foi você que comprou a casa, mas ela a açambarcou como uma tirana. A única coisa que lhe resta fazer é retirar-se para o eirado, tantas vezes quantas puder fazer. Se alguém vier visitar a família, de repente a sua mulher tornar-se-á quieta e meiga; mas, assim que os visitantes partirem, os ataques recommearão. Então você compreenderá por que os monges se retiravam para os mosteiros e deixará de criticá-los. José, José, tenho estado a pensar que mundo excelente seria este mundo se todas as mulheres fossem transportadas para o mar do Norte.

"... uma mulher, barulhenta e briguenta, com paixões violentas, proferindo uma linguagem tempestuosa, com voz de trovão" (John Gill, *in loc.*). É melhor enfrentar as tempestades no eirado do que as tempestades dentro de casa.

21.10

A alma do perverso deseja o mal. Encontramos aqui outra sondagem na mente criminosa. O autor do livro de Provérbios não estava enganado com o contrasenso de dizer que não existem homens ruins e que lançam a culpa de tudo sobre um meio ambiente adverso. Na verdade, existem pessoas que já nascem criminosas. Isso pode proceder da preexistência, conforme a Igreja Oriental postula, defendendo essa doutrina como uma verdade auto-evidente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Preexistência*. Alguns eruditos defendem a *reencarnação* (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*) como explicação da maldade resoluta de certas pessoas. Assim sendo, homens maus existiam e existem, trazendo consigo sua bagagem mental e espiritual. Muitos deles são maus por não possuírem privilégios e terem mães problemáticas. E alguns são maus por causa de defeitos ou deformidades cerebrais. Outros são possuídos ou influenciados pelos demônios. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Possessão Demoníaca*.

Todos os homens nascem com algum defeito, conforme a doutrina do pecado original revela; mas existem alguns indivíduos verdadeiramente pervertidos e malignos, que nos deixam assustados. Consideremos um caso ocorrido em janeiro

de 1997, nos Estados Unidos. Uma babá foi chamada para cuidar de uma menininha com um ano de idade! Ela não gostava da maneira como a criancinha chorava, pelo que decepcionou as mãos e os pés da menina! Crimes como esse nos deixam horrorizados e estonteados. Alguns homens desejam fazer o mal e se alegram nisso. Não são vítimas de nada nem de ninguém. Coisa alguma que eles tenham passado na vida pode explicar suas atitudes.

Não dormem, se não fizeram mal, e foge deles o sono se não fizerem tropeçar alguém.

(Provérbios 4.16)

Sinônimo. Esses homens horrendamente ímpios não têm misericórdia de ninguém. As pessoas que se aproximarem deles sofrerão, enquanto eles se alegrarão ao vê-los sofrer, e jamais sentirão a menor piedade. São homens dotados de crueldade bárbara. Alguns homens amam o mal e odeiam o bem, porquanto reverteram completamente os sinais que anunciam a vida.

21.11

Quando o escarnekedor é castigado, o simples se torna sábio. Este versículo é uma leve modificação de Pro. 19.25. Se um homem zombador for espancado publicamente, então um homem simples, que está sob a tentação de tornar-se um pecador endurecido, fica assustado e se afasta desse tipo de vida. Os escarneadores não têm proveito para ninguém, embora alguns possam ter alguma chance (se forem açoitados o bastante, ver Pro. 20.30), mas um homem simples pode até tomar o estudo da lei e aprender a viver corretamente, tornando-se sábio. Ver sobre *Sabedoria*, em Pro. 1.2, e no *Dicionário*, sob o mesmo título.

Sinônimo. O simples torna-se sábio (em contraste com o escarneador) porquanto inicia o estudo e a prática da lei. Ver Pro. 1.4 e o verbete intitulado *Educação*, no *Dicionário*. "Quando o simples vê como prosperam os caminhos do sábio, passa a estudar para obter o conhecimento" (Gerson).

21.12

O Justo considera a casa dos perversos. Que o leitor acompanhe os seguintes argumentos:

1. O justo observa a lei. Ele vê exemplos de como o pecado leva uma casa à ruína, com todos os seus membros. Ele anseia por evitar isso, pelo que continua estudando e praticando a lei, para ficar mais sábio ainda e andar corretamente. E assim evitará muita dor.
2. Alguns estudiosos fazem o "Justo", neste versículo, ser Deus, o qual observa todas as coisas e recompensa ou castiga, em consonância com o que vê. "O Justo aqui é Deus, e não um homem, porquanto somente Ele pode saber o que os ímpios fazem, levando-os então à ruína" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Algumas versões, entretanto, preferem grafar a palavra "Justo" com inicial minúscula, "justo".

Sinônimo. Visto que o homem bom não pode arrastar a casa dos ímpios para o mal, algumas traduções suprem aqui a palavra "Deus", como o agente que aparece na segunda linha. Outras traduções não se dão ao trabalho de seguir muito de perto o original hebraico e simplesmente observam que "os ímpios são derrubados e arruinados", sem inserir nenhum título divino. Seja como for, a observação e a derrubada estão ligadas entre si, visto que ambas pertencem ao justo (humano e divino). Alguns, entretanto, supõem que realmente não há conexão entre a primeira e a segunda linha, por serem declarações separadas.

21.13

O que tapa o ouvido ao clamor do pobre... Ver Pro. 19.17 quanto a um sentimento semelhante. A doação de esmolas era uma virtude importante para o judaísmo, tanto o antigo como o posterior. O Senhor que está lá no alto é o Doador. Em comparação com Ele, todos nós somos pobres. Se um homem é rico para com os pobres neste mundo, então o poder divino mostrar-se-á rico para com ele, e isso concorda com a *lei da colheita segundo a semeadura*. O homem pobre invoca um irmão mais abastado e expressa sua necessidade. O homem bom invoca (em oração) o Pai celestial. Se o homem bom não ouvir a voz dos pobres, então Deus ouvirá a voz do homem bom, e essa é a segunda linha métrica, sinônima, neste provérbio.

Porque o juízo é sem misericórdia para com aquele que não usou misericórdia.

(Tiago 2.13)

Um homem pobre é materialmente pobre e, por conseguinte, débil, fraco e impotente, outras significações possíveis do termo hebraico *dal*. Diante de Deus,

todos nós somos débeis e impotentes. Cf. Mat. 5.7 e 18.30. Ver no *Dicionário* o artigo *Lex Talionis*, que é a retribuição de acordo com a gravidade do crime cometido. Uma de nossas consternações é a oração que fica sem resposta; e, quando o homem pobre lança o seu apelo, mas não é ouvido, sente-se consternado.

21.14

O presente que se dá em segredo abate a ira. Um presente bem colocado, ou um suborno (conforme possa ser o caso), pode fazer maravilhas para acalmar alguém que foi ofendido, desviando a sua ira e as suas conseqüências. Cf. Pro. 17.8. Ver o artigo chamado *Suborno*, em Pro. 15.27, onde ofereço idéias e referências. O autor não estava justificando o suborno, mas meramente observou sua eficácia. O presente (primeira linha) desvia a ira, e um suborno (segunda linha, sinônima) tem o mesmo poder. Ver Êxo. 23.8 e Deu. 16.19 contra o suborno.

Em segredo. Literalmente, “no seio”, ou seja, um presente ou suborno que é escondido na dobra das vestes de quem recebe. As vestes antigas não tinham bolsos, botões e zíperes, pelo que as dobras do tecido serviam a esse propósito. O homem que oferecia um suborno em segredo tirava-o das dobras de suas vestes e punha-o nas dobras das vestes do recebedor; e esse ato é algo feito em segredo. Tão-somente houve a transferência de um esconderijo para outro. As versões da Septuaginta, do siríaco e do árabe têm um sentido oposto. O homem que retém o presente em seu seio certamente sofrerá a ira daquele que não obteve o suborno: “O que poupa presentes desperta forte ira”.

21.15

Praticar a justiça é alegria para o justo. A justiça colocada em prática redundava em alegria para o homem bom. O termo “justiça”, neste caso, parece ser bastante amplo, não se referindo apenas à justiça nos tribunais de lei. Quando bons princípios governam uma sociedade, isso torna-se algo sobre o que os bons se regozijam. A verdadeira justiça deve incluir a abundância de oportunidades para fazer o bem, para aprender a viver corretamente, mas também deve incluir a retribuição contra os malfetores. Ademais, existe o princípio que não podemos esquecer: “A retidão é sua própria recompensa”. É algo bom em si mesmo, tanto para o corpo quanto para a alma.

Antítese. O ímpio, que tira proveito de uma sociedade iníqua e escapa à punição que merece, pensará que a justiça é algo muito desprezível.

Espanto. No hebraico, *mehittah*, “desalento”, “ruína”, “destruição”. Talvez *desalento* seja a melhor tradução aqui, em contraste com a “alegria” que aparece na primeira linha métrica. “Eles ficarão aterrorizados diante da justiça” (Ellicott, *in loc.*). Cf. Rom. 13.3: “Queres tu não temer a autoridade? Faze o bem, e terás louvor dela”.

21.16

O homem que se desvia do caminho do entendimento... O indivíduo que se desviou, ao escolher uma vereda errada, e rejeitou o caminho recomendado pela lei, não tem entendimento. Existe o caminho do entendimento, descoberto pelo homem bom ao estudar a lei de Moisés, segundo ela é fomentada pelas declarações de sabedoria. Estará andando nesse caminho quando obedecer ao que aprendeu. Ele obedecerá aos mais de 600 mandamentos da lei (tanto positivos quanto negativos), e todos os aspectos de sua vida serão regulamentados dessa maneira. Nada haverá que temer. Quanto ao “entendimento” (no hebraico, *haskef*) ver Pro. 1.3. Está em vista a prudência.

Antítese. Homens ímpios propositalmente rejeitam o caminho direito e se desviam para a vereda tortuosa. Ver os *caminhos dos bons e dos maus contrastados* em Pro. 4.27. Ver sobre a *metáfora da vereda*, em Pro. 4.11. Os que seguem a vereda tortuosa abandonaram o caminho da vida (a sabedoria transmite vida: Pro. 4.13) e terminarão na terra dos mortos.

Na congregação dos mortos. No hebraico, a palavra *mortos* corresponde ao vocábulo *refaim* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver Pro. 2.18; 9.18 e Jó 26.5. No judaísmo posterior, esse termo referia-se aos habitantes no sheol. O mais provável, entretanto, é que estejam em pauta aqui simplesmente os mortos. A doutrina do sheol passou por um desenvolvimento, partindo da sepultura, para designar o lugar da punição dos ímpios, onde estão as almas imateriais e imortais dos perdidos. Ver Sal. 88.10; 139.8; 134.7; Pro. 2.18 e 5.5, em que alguns estudiosos pensam que o sheol envolve mais do que o sepulcro. Nas notas sobre Pro. 5.5 apresento uma breve história dos desdobramentos da doutrina do sheol. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Hades*, quanto aos detalhes. O judaísmo posterior tinha uma doutrina mediante a qual somente as almas boas seriam ressuscitadas, enquanto as almas ruins permaneceriam no sheol. Ver Isa. 14.9 e 26.19. Alguns eruditos pensam que este versículo é uma profecia de retribuição após a

morte (pertencente à ordem de Dan. 12.2); mas isso parece um anacronismo, levando-se em consideração a época em que o livro de Provérbios foi escrito. Sem importar o significado exato da segunda linha métrica, é certo que ela ensina que os homens maus têm um mau fim, provavelmente sendo simplesmente extintos, no sentido absoluto.

21.17

Quem ama os prazeres empobrecerá. Os hedonistas tendem a dedicar muito tempo aos prazeres, trabalhando bem pouco para obter dinheiro. Por conseguinte, os amantes dos prazeres comumente são pessoas pobres. Os prazeres compõem uma das coisas boas que a vida oferece, mas algumas pessoas exageram nisso e fazem dos prazeres o seu *summum bonum* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Hedonismo*. O autor sagrado tinha em mente, especialmente, prazeres como o vinho, os festejos, a dança e a alegria, conforme indicado pela segunda linha deste provérbio.

Sinônimo. Um dos prazeres especiais dos hedonistas eram os banquetes, que combinavam vários elementos agradáveis: havia excelentes pratos; muito vinho; muita dança; e, algumas vezes, mulheres bonitas e lascivas vinham apimentar os banquetes; a unção (embelezamento) com azeite; e, finalmente, a bebedeira que alguns muito apreciavam. Muitas festas modernas, das quais os pecadores participam, continuam contando com esses deleites. A parte ruim de “ter nascido para festejar” é que pouco tempo resta para ganhar dinheiro. Ademais, os hedonistas terão pouco interesse pelo trabalho. Portanto, a menos que um homem tenha um pai rico, terminará bastante pobre, por motivo de sua adoração ao deus dos prazeres. Os hedonistas “serão merecidamente pobres, de modo que ninguém terá pena deles” (Adam Clark, *in loc.*).

Este versículo tem sido espiritualizado para fazer de um homem espiritualmente pobre a figura em foco, uma pessoa que negligencia os prazeres espirituais, mas se ocupa em demasia nos prazeres físicos. Epicuro defendia os prazeres mentais como superiores aos prazeres físicos, e podemos defender com sucesso os prazeres espirituais como superiores aos outros dois tipos.

21.18

O perverso serve de resgate para o justo. Este versículo não está ensinando que o homem perverso, em qualquer sentido literal, fará expiação pelo homem bom. Temos aqui apenas uma declaração frouxa de que os homens maus sofrem e, assim, em certo sentido, sofrem no lugar dos homens bons. Havendo todo esse pecado “lá fora”, alguém tem de sofrer. Portanto, é o ímpio que cumpre esse ofício, ao passo que o justo sai livre. Temos uma boa ilustração desse fato no livro de Ester. Hamã foi executado por empalação, em lugar de Mordecai, para quem havia preparado o patíbulo. A idéia é similar à que aparece em Pro. 11.8, onde se lê:

O justo é libertado da angústia, e o perverso a recebe em seu lugar.

Sinônimo. A segunda linha diz a mesma coisa que a primeira, exceto por usar “pérfido” em lugar de “perverso”. Conseqüentemente, o autor, a fim de produzir sua linha métrica sinônima, simplesmente apresentou um jogo de palavras com o sinônimo.

21.19

Melhor é morar numa terra deserta... Temos aqui uma versão levemente diferente de Pro. 21.9. Agora, em vez de subir a seu dormitório improvisado, que ele armara no eirado plano de sua casa (que era útil para ele escapar de sua esposa, uma mulher contenciosa), o homem foi para o midbar, um pasto pouco habitado, para estar em sua “casa do interior”. Dessa maneira, ele deixa a mulher rixosa e iracunda, para brigar consigo mesma, que é a idéia da segunda linha métrica, antitética. Talvez o homem sáisse ao deserto para cuidar de seu rebanho de ovelhas, e isso lhe daria paz por algum tempo pelo menos. Lemos essas linhas com um sorriso no rosto, mas para o pobre homem, que tinha uma esposa desse tipo, não era uma questão de provocar o riso. Adam Clarke dizia que quase qualquer tipo de esposa é melhor do que nenhuma, mas não penso que você poderia convencer disso o homem desse texto. John Gill (*in loc.*) lembra-nos que, no deserto, o homem teria de enfrentar animais ferozes, solidão e tempestades de areia. Mesmo assim, seria melhor do que enfrentar o animal feroz que é a esposa rixosa, a má companhia e as brigas em casa.

21.20

Tesouro desejável e azeite há na casa do sábio. O sábio trabalhou arduamente para acumular o que havia entesourado em casa. Antigamente não havia bancos, pelo que a residência servia de banco privado de um homem. Esse homem sábio obedecia à lei, bem como às declarações de sabedoria que ensi-

nam a diligência; e também se mostrava moderado em suas despesas, sendo controlado pelos bons ensinamentos. Esse homem sábio imitava a formiga industriosa (ver Pro. 6.6-8), que passa os meses bons do verão preparando-se para enfrentar o inverno. Ele havia juntado tesouros razoáveis, incluindo o azeite, item que fazia parte dos tesouros antigos. Quanto a essa palavra, a Septuaginta diz “seu tesouro permanece”. O sábio tem o bastante para servir de fundo de aposentadoria privada.

Antítese. Em contraste, o insensato esta sempre sem dinheiro e, quando chega à idade avançada, estará residindo em uma casa pobre. O hebraico aqui é gráfico: ele “devora” suas riquezas gastando de modo descuidado, sempre comprando alguma coisa sem ter recursos adequados. Em outras palavras, ele vive acima de suas capacidades econômicas. O resultado é que possui muitas dívidas e, na realidade, está sempre abaixo de zero o tempo todo. Esse homem nada aprendeu ao observar o exemplo deixado pelos sábios ou pela humilde aranha.

John Gill (*in loc.*) espiritualizou o versículo: “... ele malgastou seu tempo, negligenciou os meios da graça e todas as oportunidades mediante as quais os homens sábios crescem, tanto nas coisas materiais como nas realidades espirituais. Cf. Mat. 25.1-10”.

21.21

O que segue a justiça e a bondade... O homem que obedece à lei naturalmente seguirá a retidão e a bondade, tópicos centrais da lei de Moisés. Estamos falando do homem sábio que obtém a vida através de sua sabedoria (ver Pro. 4.13, onde ofereço idéias e referências).

Bondade. Quanto a uma boa ilustração sobre este princípio, ver os comentários sobre Pro. 18.8. Ver também, no *Dicionário*, o verbete chamado *Bom, Bondade*. A palavra hebraica correspondente é *hesed*, que pode significar amor constante, bondade, amor leal ou misericórdia.

*Há uma largueza na misericórdia divina,
Como a amplitude do mar.
Há uma bondade em Sua justiça,
Que é mais do que a liberdade.*

*Pois o amor de Deus é mais amplo
Que a medida da mente humana,
E o coração do Eterno
É maravilhosamente bondoso.*

(Frederick W. Faber)

A justiça. No hebraico, *qedheq*, “retidão”, “ser direito e agir direito”; vem de uma raiz que significa *reto*. O autor sagrado falava sobre o homem justo e bom, qualidades obtidas mediante o conhecimento e a prática da lei e, presumivelmente, mediante o ministério do Espírito, que cultiva no homem tais qualidades. Ver Gál. 5.22,23.

Sinônimo. O homem justo e bom obtém a vida: uma vida longa e próspera, com boa saúde e realizações, material e espiritualmente falando. Ver Pro. 4.13 quanto a como a sabedoria transmite vida. O homem bom e justo também será honrado por Deus e pelos homens. Quanto à *honra*, ver também Pro. 3.16,35; 4.8 e 8.18. A segunda menção da justiça provavelmente foi adicionada por equívoco, na segunda linha métrica, no texto massorético. Mas é omitida essa menção na Septuaginta e, dali, por intérpretes e por traduções. Nossa versão portuguesa, entretanto, repete a palavra neste versículo. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Massora* (*Massorah*); *Texto Massorético*.

21.22

O sábio escala a cidade dos valentes. Um homem sábio é forte. É como um conquistador, como um guerreiro que escala uma muralha difícil, entra na cidade, conquista fortificações e derrota um inimigo poderoso. Cf. Pro. 24.5. Primeiramente ele obtém a vitória sobre si mesmo; então vence obstáculos que tentem impedir o seu avanço; em seguida, aprende a lei e derrota os inimigos da alma. Talvez o autor sacro tivesse incluído também inimigos literais, físicos, que precisavam ser derrotados em tempos de guerra e de caos. Deus também dará a vitória diante desses adversários.

Sinônimo. Tendo usado a força para escalar a muralha (vitórias preliminares), o sábio prosseguirá a fim de derrubar a fortaleza do ímpio e da impiedade. Ele derrotará a confiança do ímpio, o qual confia em outras coisas que não são o Ser divino. “A sabedoria confere força e segurança, bem como as bênçãos mencionadas em Pro. 21.21” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Cf. Eclesiastes 7.19 e também 9.14-16. “A sabedoria é mais eficaz do que a força física” (Fausset, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sabedoria*, bem como Pro. 1.2.

21.23

O que guarda a sua boca e a sua língua... Cf. este provérbio com Pro. 12.13. O sábio é alguém que aprendeu a controlar a língua, um membro indisciplinado que está sempre levando o homem a cair em dificuldades.

A língua, porém, nenhum dos homens é capaz de domar; é mal incontido. carregado de veneno mortífero.

(Tiago 3.8)

Cerca de cem provérbios tratam do uso próprio e impróprio da língua. Ver Pro. 11.9,13 e 18.21 quanto a notas de sumário sobre esse assunto. Ver também, no *Dicionário*, o verbete chamado *Linguagem, Uso Apropriado da*.

Sinônimo. O homem que mantém a língua sob controle conserva-se longe das dificuldades.

... os lábios do prudente o preservarão.

(Provérbios 14.3b)

Pela transgressão dos lábios o mau se enlaça.

(Provérbios 12.13a)

Cf. também Pro. 18.21. A língua é um agente poderoso, exercendo controle sobre questões de vida e morte.

Guarda. A alusão mais provável é ao freio posto na boca dos cavalos, a fim de controlá-los ou, talvez, ao jugo que controla os animais de carga para que carreguem o máximo de peso.

21.24

Quanto ao soberbo e presumido... O homem orgulhoso é chamado de “zombador”, por ser esse um mau hábito desse tipo de pessoa. Ele se julga grande, ao passo que os outros lhe são inferiores. Portanto, o orgulhoso zomba deles, quanto ao que eles são e fazem. Esse homem orgulhoso chega a impor sua vontade acima da lei, que o condena. Ver o *contraste entre o orgulhoso e o humilde*, em Pro. 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,18; 18.12 e 21.4. Ver sobre *olhos altivos*, em Pro. 16.17. “A atitude de zombaria mostra que uma pessoa se acha superior a outras. Essa atitude é detestável (ver Pro. 16.5) tanto para Deus quanto para os homens” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Sinônimo. Esse homem, em consonância com a sua natureza, “age com um orgulho arrogante” (Revised Standard Version, traduções da Imprensa Bíblica Brasileira e Atualizada). Contraste com Mal. 3.2,15. O hebraico diz aqui, literalmente, “na ira do orgulho”, visto que o orgulho produz uma espécie de ira que procura ferir os supostos “inferiores”.

21.25

O preguiçoso morre desejando. O desejo avassalador do homem preguiçoso, que quer descanso e lazer e só deseja o caminho fácil de saída, para evitar o trabalho, finalmente o matará; por causa de sua imensa inércia, ele deixará até de comer, para, finalmente, desaparecer. Vários filósofos estoicos antigos, para mostrar quão desinteressados (apáticos) se sentiam a respeito da vida, simplesmente paravam de comer e deixavam a natureza tomar o seu curso. Assim sendo, um preguiçoso apático pode seguir o caminho do suicídio.

Sinônimo. Evitando o trabalho, o homem não tem dinheiro para comprar alimentos, pelo que, recusando-se a fazer qualquer coisa, está cometendo suicídio. Cf. Pro. 6.1-15. “O amor deles pela preguiça e pelos prazeres arruina-lhes a alma, o corpo e as finanças” (Ellicott, *in loc.*). Cf. Pro. 13.4. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Preguiça* e *Preguiçoso*.

21.26

O cobiçoso cobiça todo o dia. Este versículo parece continuar a descrição sobre o preguiçoso. O hebraico diz aqui, literalmente, de maneira bastante desajeitada: “Os desejos desejam”. A Septuaginta supre o sujeito: “O homem ímpio cobiça”. Mas o versículo parece enfatizar como o preguiçoso tem tão grande desejo pelo lazer, ou pelo ganho fácil e abundante de coisas materiais, que é consumido por isso. Contudo, ele nada faz para satisfazer esse desejo por meio de algum tipo de trabalho. Ver Tia. 4.3. O preguiçoso tem um desejo consumidor que o persegue o dia todo, mas isso em nada contribui para ele fazer alguma coisa.

Antítese. Em contraste, o homem bom trabalha o bastante para poder dar aos que padecem alguma necessidade, e não meramente para suprir as próprias necessidades. Cf. Luc. 16.9 e Atos 20.35. Ver também Sal. 37.25,26 e Efé. 4.28. O homem bom é generoso. Ele não se nega a ajudar quando vê alguém em necessidade. Nem busca o caminho da fuga, evitando o trabalho.

21.27

O sacrifício dos perversos já é abominação. A primeira linha deste provérbio é igual a Pro. 15.8a. Oferecer sacrifícios sem coração e vida santa é *abominação* (quanto a essa palavra, ver Pro. 11.1). Trata-se de uma forma de sacrilégio, pretensão, hipocrisia e iniquidade. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Hipocrisia*. Espiritualidade significa que o coração tem de corresponder aos atos. Ver sobre *coração* em Pro. 4.23.

Sinônimo. Uma abominação aumenta quando o pecador traz o seu sacrifício ao mesmo tempo que, no coração, planeja cometer outros feitos ímpios, continuando no caminho do pecado e aumentando o seu fundo de iniquidades. Esse homem espera que Deus continue negligenciando o seu pecado e não o julgue por causa de seus “rituais ímpios”, que, presumivelmente, lhe dão proteção contra o juízo divino. Esse homem apresenta-se com maus motivos em seu coração. Talvez ele pretenda enganar os sacerdotes, para que pensem ser ele um homem nobre, enquanto, o tempo todo, ele não passa de um pecador horrendo. Ou então ele está procurando obter favor com o próprio Deus e pretende continuar sua vida pecaminosa impunemente. “Balaque e Baiaão ofereceram sacrifícios tendo em vista induzir Deus a amaldiçoar Israel (ver Núm. 23.1-3,13); Absalão (ver II Sam. 15.7-10); e Jezabel ofereceu sacrifícios como uma capa de traição (ver I Reis 21.9-11), pois era apenas uma adúltera que pretendia continuar seduzindo (ver Pro. 7.14,15)” (Fausset, *in loc.*, com alguns bons exemplos que ilustram o texto).

21.28

A testemunha falsa perecerá. A primeira linha deste provérbio é igual a Pro. 19.5 e 9, onde ofereço notas expositivas sobre a idéia. Quanto a outros versículos no livro de Provérbios contra o perjúrio, ver também Pro. 6.19; 12.17; 14.5,25; 25.18. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Falso Testemunho*. Êxo. 20.16 (um dos dez mandamentos) proíbe esse pecado.

Antítese. Esta linha é obscura. Diz o hebraico original, literalmente: “E um homem que ouve falará para sempre”, que tem sido variegadamente manuseado, mas sempre ignorando o hebraico literal. Esta linha parece significar: O homem que cuidadosamente ouve e então repete com exatidão os fatos de um caso. Ele é uma testemunha verdadeira. Esse homem não é um mentiroso. Ele ouve e dá notícia com exatidão. Sempre poderemos confiar em sua palavra. Ele condenará o culpado, mas libertará o inocente. A Vulgata Latina faz este homem falar “vitória”. Quando ele se apresenta em um tribunal, a justiça obtém a vitória.

21.29

O homem perverso mostra dureza no seu rosto. O homem iníquo também é fingido. Ele esconde a sua iniquidade com uma fisionomia ousada, como se não tivesse do que se envergonhar. Ou então é ímpio e quer que todos saibam desse fato. Portanto, ele tem uma fisionomia ousada que revela sua rebelião externa, sua intenção de fazer o mal, e quem se importa com o que os outros pensam? Esse homem mostra-se insensível diante de qualquer repreensão. “A pessoa de rosto duro como metal é inconsciente de todas as outras pessoas, fazendo qualquer coisa que quiser sem levar em conta os outros” (Charles Fritsch, *in loc.*). Em sua arrogância e hipocrisia, apresenta uma frente ousada perante outras pessoas. “Ele endurece a sua face contra toda a repreensão de pais e mestres, contra os ministros e contra qualquer outra pessoa. Não se envergonha de seu pecado nem tem pejo de seus atos ímpios. Pelo contrário, ele se gloria neles” (John Gill, *in loc.*).

Antítese. O homem bom é uma espécie diferente de pessoa. Ele se firma no caminho reto, o que corresponde a certo texto hebraico. Mas outro texto diz que tal homem “considera” o seu caminho, ou seja, pesa cuidadosamente as coisas, para que possa fazer o que é direito. Ele é um homem que recebe verdadeira orientação espiritual. Seus atos são corretos, em contraste com o homem de cabeça dura, ímpio, com sua fisionomia dura, o qual não exerce cautela alguma com o que faz. O homem iníquo adere ao que é errado (ver Isa. 3.9; Jer. 5.3); mas o homem bom mostra-se franqueado diante da instrução e muda para melhor. Sua fonte de orientação é a lei de Moisés. Ele se mostra reto em seu coração e em seus atos, porquanto é um homem que aprendeu no manual santo.

21.30

Não há sabedoria, nem inteligência, nem mesmo conselho contra o Senhor. Temos aqui uma única linha com três palavras que são sinônimos virtu-

ais. Nem sabedoria, nem inteligência, nem conselho podem prevalecer em qualquer coisa contra o Senhor. Essas são palavras usadas acerca da lei; mas, se um homem tem uma lei própria, sem importar os elementos e os poderes que possua, não pode derrotar a Deus. Cf. I Cor. 3.19; Isa. 44.17 e Sal. 2.4. O autor contrasta a sabedoria humana com a sabedoria derivada da lei. Ele contrasta a compreensão e o conselho, produtos humanos falsos e até mesmo diabólicos, contra as qualidades genuínas da lei de Moisés. Aquele que perverte o julgamento divino e tenta distorcer os Seus planos, ou anular a Sua sabedoria, será amargamente desapontado. Cf. Pro. 21.2; os caminhos dos homens são retos aos seus próprios olhos. Os homens gostam de apelar para contrafações. “Nenhum esquema humano formado com a maior sabedoria e prudência poderá prevalecer contra Deus ou pôr de lado ou impedir qualquer desígnio divino” (John Gill, *in loc.*).

21.31

O cavalo prepara-se para o dia da batalha. O cavalo, antigo símbolo de poder, quando ainda não havia grandes máquinas de guerra, pode preparar-se contra um inimigo e esperar a vitória. Os cavalos não faziam parte dos exércitos israelitas originais, que não possuíam cavalaria e eram, essencialmente, infantarias. No entanto, eram importados cavalos, para dar uma espinha dorsal às suas forças e lhes dar maior chance de vitória contra os vizinhos, que contavam com cavalos, bem como com carros de combate de ferro e outras máquinas de guerra. A lei proibía a multiplicação de cavalos, mas Salomão não deu atenção a essa proibição (ver I Reis 4.26; Deu. 17.16). Os cavalos não eram vistos com bons olhos pelos elementos mais espirituais da população de Israel (ver Sal. 20.7; os filhos de Israel não deveriam confiar neles, ver Osé. 1.7 e Zac. 9.10). Sal. 33.17 diz que os cavalos eram coisas inúteis quanto à segurança. Se os exércitos de Israel permanecessem como infantarias, quando conquistassem vitórias, elas seriam atribuídas a Deus, e não ao homem.

Antítese. Em contraste com a não-proteção oferecida pelos cavalos, a segurança baseia-se em Yahweh, que daria a vitória na batalha, a despeito de Israel estar enfrentando forças superiores.

Este versículo tem sido espiritualizado para falar de qualquer oposição que possamos enfrentar e nos ameace derrotar. O Senhor é a nossa força e também a nossa vitória em qualquer situação.

Este versículo tem sido cristianizado para falar da salvação evangélica em Cristo, que nos dá vitória sobre o pecado. “Vitória em Jesus, meu Salvador, para sempre”, conforme o hino diz.

*Conquistando agora, e ainda a conquistar,
Cavalga o Rei, em Seu poder;
Liderança a hoste de todos os fiéis,
No meio do combate.
Não é dos fortes a batalha,
Nem dos ligeiros a corrida.*

(Fanny J. Crosby)

Capítulo Vinte e Dois

Não há interrupção entre os capítulos 21 e 22. Ofereço a introdução à seção geral em Pro. 10.1 (a seção é Pro. 10.1 – 22.16, a primeira coletânea dos provérbios de Salomão). A segunda parte dessa seção começa em Pro. 16.1. Dali até Pro. 22.16 há 191 versículos, cada qual com seu provérbio de duas linhas. Ver a introdução a essa subseção em Pro. 16.1. No vs. 17 deste capítulo começamos uma nova seção do livro, chamada “As Declarações dos Sábios”, que se estende até Pro. 24.34. Ver a introdução a essa nova parte do livro, em Pro. 22.17.

22.1

Mais vale o bom nome do que as muitas riquezas. O bom nome corresponde à natureza real da pessoa. O indivíduo não pode ser hipócrita. Uma vez cumprida essa condição, então esse bom nome é algo que deve ser valorizado. O bom nome é preferível às grandes riquezas, que é o que a maioria dos homens busca tão diligentemente. O bom nome é o nome de um homem sábio, que estuda a lei e a segue. Pirke Aboth 4.17 tem uma excelente declaração que ilustra o versículo: “Existem três coroas, a coroa da Torah, a coroa do sacerdócio e a coroa do reinado; mas a coroa de um bom nome excede a todas essas coroas”.

Sinônimo. O favor de Deus e dos homens (que reconhecem um bom homem quando vêem um) deve ser preferível à prata e ao ouro. Já vimos que o valor da

lei ultrapassa o valor do ouro, da prata e das pedras preciosas (ver Pro. 3.14; 8.10,19; 16.16). O homem que labora na lei e adquire sabedoria obterá o favor do Senhor, que também é algo dotado de grande valor. Esse homem viverá uma vida longa e próspera, por meio desse favor, e terá a ajuda do Senhor a cada passo do caminho. Um homem ganha um bom nome por meio de uma vida boa. Ele não pode ganhá-lo por meio de suas vãs riquezas.

22.2

O rico e o pobre se encontram. Existem seres humanos pertencentes a várias classes sociais, mas, para Deus, isso nada significa, pois Ele é o Criador de todos os homens (Cf. Pro. 29.13). Um homem pode obter riquezas, mas isso não o separa da humanidade. Todo homem continua a ser pobre, em comparação com Deus, e também continua humilde, na realidade, a despeito de toda a sua pretensão em contrário.

Antítese. Os homens têm suas distinções de classes, que são sempre repletas de orgulho. Mas o Criador é, igualmente, o Benfeitor de todos os homens e, de fato, o Pai de todos, o que é um dos melhores conceitos religiosos. “Deus se interessa por todos, a despeito de suas condições econômicas” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Paternidade de Deus*. “Os homens foram deixados neste mundo para ajudar-se uns aos outros, nesta passagem pela vida, lembrando que são irmãos, filhos de um só Pai (cf. I Cor. 12.27)” (Ellicott, *in loc.*). Existem distinções humanas, convencionais, entre os homens; porém, na presença de Deus, estão todos no mesmo barco. Os homens, juntos, em suas várias classes, estão sempre em conflito, cada qual defendendo o próprio território. Defronte de Deus, entretanto, as contendas cessam. Deus está presente a fim de abençoar e salvar todos (ver João 3.16).

22.3

O prudente vê o mal, e esconde-se. Um homem prudente pode antecipar onde uma vereda o está levando, e pode desviar-se daquela rota quanto prevê perigo ou desgraça. “Um homem prudente mantém-se fora do alcance das dificuldades, ao passo que um insensato (no hebraico, *pethi*) continua no caminho onde o perigo se esconde” (Charles Fritsch, *in loc.*).

O prudente. O termo hebraico correspondente é *arum* (ver Pro. 1.4). Esse é o homem esperto no bom sentido. É o contrário do insensato, que não pensa. Ver Pro. 12.23. Um *pethi* é ingênuo, não é treinado na lei de Moisés. Mas o homem prudente estuda a lei.

Antítese. O insensato sai tropeçando ao longe de uma vereda perigosa e por certo cairá em uma armadilha ou será apanhado na rede do caçador. Esse homem não pode prever o mal que se aproxima. Não pode desviar os passos da ruína inevitável. É um pecador, no princípio tolo e ingênuo, mas então endurecido. Sofrerá miserável morte prematura, um terror para a mente dos hebreus.

Este versículo tem sido cristianizado para falar da vida eterna e também do julgamento eterno; mas isso é um anacronismo. Cf. o versículo com Isa. 26.20. Ver Pro. 14.16. A declaração é repetida em Pro. 27.12.

22.4

O galardão da humildade e o temor do Senhor... O homem humilde, que “teme o Senhor” (o lema do livro; ver Pro. 1.7), será abençoado por Ele, material e espiritualmente. “A recompensa pela humildade e pelo temor do Senhor é a riqueza e a honra” (Revised Standard Version, que é também a tradução da Imprensa Bíblica Brasileira). Quanto ao homem orgulhoso e ao homem humilde contrastados, ver Pro. 11.2; 6.17; 13.10; 14.3,25; 16.5,18; 18.12 e 21.4. O homem dotado de espírito humilde é um estudante disposto da lei de Moisés. Ele aprende a temer o Senhor através do estudo da lei. Ver Sal. 119.38, bem como o verbete chamado Temor, no *Dicionário*, para detalhes.

Sinônimo. É proveito alguém ser uma boa pessoa. O homem que teme ao Senhor obterá coisas realmente valiosas, como riquezas, honras e longevidade. Esse era o ideal dos hebreus, e as muitas exceções à regra não eram suficientes para mudar a mente dos hebreus. O apelo aqui é ao auto-interesse, o que não é muito elevado, mas compreenderemos naturalmente que esse seria o homem rico, também rico em espírito, com uma conduta agradável. Em outras palavras, ele cuida da vida espiritual, e não apenas busca riquezas. Ver Pro. 21.21, um trecho bastante semelhante.

Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas.

(Mateus 6.33)

22.5

Espinhos e laços há no caminho do perverso. O indivíduo intratável (no hebraico, *iqqesh*, perverso, intratável) seguirá uma vereda plena de laços e espinhos. Esse homem negligenciou a leitura dos textos santos, a lei; ou então, se os leu, não se mostrou obediente. Portanto, prosseguindo em seu caminho parecido com o de um touro marrador, encontra somente dificuldades. Ele é profano e ímpio, e deverá colher o que tem semeado. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Ver Pro. 15.19 quanto aos espinhos que há no caminho.

Antítese. Em contraste com o homem perverso, o homem sábio, versado na lei, evita todas as dificuldades que o homem perverso cria com sua rebelião. Um homem sábio tem plena consciência das conseqüências das veredas más (ver Pro. 22.3) e assim facilmente as evita.

22.6

Ensina a criança no caminho em que deve andar. Existem vários versículos sobre a criação de crianças no livro de Provérbios, e este provavelmente é o mais conhecido. Ver também Pro. 13.24; 19.18; 23.13,14; 29.17. Ofereço notas expositivas completas em Pro. 13.24, as quais não repito aqui. Neste versículo temos uma regra nova e brava, e esperamos que, de modo geral, um bom treinamento significa uma boa criança que se tornou um bom adulto e segue a vereda da retidão por toda a vida. A experiência mostra-nos, contudo, que as coisas nem sempre acontecem dessa maneira, e podemos concluir que existem outros fatores envolvidos nessa questão, e não apenas um ensino e exemplos apropriados. Afirmamos que um pai deve três coisas a seu filho: exemplo, exemplo e exemplo, o que repito várias vezes neste comentário. Mas nem mesmo isso é sempre o bastante. Em Pro. 13.24 explorei os porquês dos fracassos quando um homem faz tudo quanto pode e, ainda assim, não atinge o sucesso.

Seja como for, os fracassos não devem anular o ensino que temos à nossa frente. Os pais têm o dever e o privilégio de treinar a criança. Baha Ullah declarou que a pior coisa que um homem pode fazer é conhecer os ensinamentos e não transmiti-los a seu filho. Sobre bases veterotestamentárias, o manual de treinamento é a lei de Moisés. Por meio da lei o homem obtém sabedoria e vida (ver Pro. 4.13). A lei é o guia, segundo se vê em Deu. 6.4 ss.

Sinônimo. Um jovem bem treinado continuará no caminho quando se tornar adulto pleno. A fé de seu pai tornar-se-á a sua fé, e ele a seguirá até o fim. Terá uma vida longa e próspera, tanto material quanto espiritualmente.

“Este versículo exprime um dos prontos fortes dos sábios hebreus, a saber, a insistência no treinamento moral de uma criança por parte de seus pais. Esse treinamento deve começar bem cedo, quando a mente da criança ainda estiver bastante impressionável. O uso da vara é encorajado como parte do processo educacional (ver Pro. 13.24; 19.18 e 23.13,14). A grande alegria que os pais podem ter é um filho sábio (ver Pro. 23.15,16,24). A tristeza mais trágica é ter um filho insensato (ver Pro. 17.21,25). Treinar (no hebraico, *hanakh*, que significa “dedicar”). Cf. o nome da festividade dos hebreus, *Hanukkah*, que celebra a rededicação do templo de Jerusalém, no tempo dos macabeus, em 165 A. C. (ver Pro. 4.52 ss.). Aqui a palavra significa treinar” (Charles Fritsch, *in loc.*).

Cf. este versículo com II Tim. 1.5; 3.15; Deu. 6.7. John Gill (*in loc.*) queixa-se das exceções à regra, mas exorta os pais a prosseguir com o bom plano, pelo que fazemos e esperamos o melhor.

22.7

O rico domina sobre o pobre... O homem sábio, com base em suas observações, apresenta dois truismos dignos de ser repetidos. O homem rico tem poder e influência, pelo que, naturalmente, domina os pobres e vive continuamente explorando-os para aumentar suas riquezas e seu poder. Os ricos pagam salários baixos; transformam os pobres em escravos; roubam as suas propriedades, se é que eles têm alguma, por meios tortuosos; decretam leis que favorecem a si mesmos, mas impõem trabalhos pesados sobre os pobres.

Sinônimo. Uma das maneiras pelas quais os ricos tornam os pobres seus escravos é emprestando-lhes dinheiro. Dessa maneira, o pobre homem é lançado em uma prisão impossível de libertar-se. Ele não tem o potencial para libertar-se. Por isso, perde a sua casa; e é posto a trabalhar como escravo, que nunca produz o suficiente para pagar as suas dívidas; e também sofre ameaças. Ele pede emprestado ainda de outros, a fim de pagar ao primeiro credor, e isso apenas complica ainda mais a sua vida. Deus considerará o rico responsável por toda essa injustiça, embora este provérbio não se dê ao trabalho de lembrar a justa retribuição divina.

Não vendas a tua liberdade para satisfazer a tua luxúria.

(Matthew Henry)

Vós outros menosprezastes o pobre. Não são os ricos que vos oprimem, e não são eles que vos arrastam para os tribunais?

(Tiago 2.6)

22.8

O que semeia a injustiça segará males. A lei da retribuição é claramente afirmada aqui. Ver Gál. 6.7,8. Ver também, no *Dicionário*, o verbo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. O homem mau semeia a iniquidade e está destinado a colher a calamidade. As palavras hebraicas envolvidas são 'awlah, a injustiça semeada, e 'awen, a injustiça ou tristeza colhida. Ver Pro. 2.21, onde essa palavra pode significar dano. A tribulação inevitavelmente segue-se ao pecado (Osé. 10.13 e Gál. 6.7).

Sinônimo. Um homem mau espanca as costas de seus servos com uma vara, para fazê-los trabalhar mais. Dessa forma ele extravasa sua ira insensata, conforme poderíamos traduzir literalmente. Porém, o que ele conseguir com essa brutalidade não perdurará. A vara de Deus está prestes a cair sobre o opressor, e esse será o fim da história. Cf. Isa. 14.4-6. "Quando esse tempo chegar, e a sua iniquidade estiver repleta, ele mesmo sofrerá a punição que impôs a outras pessoas, conforme aconteceu à Babilônia (ver Isa. 14.6) e à Assíria (ver Isa. 30.31)" (Ellicott, *in loc.*).

22.9

O generoso será abençoado. Alguns homens excepcionais têm "olhos do bem", isto é, são benévolos. Olham ao redor para verificar que bem podem fazer. E quando percebem uma necessidade, contribuem para sua realização. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Liberalidade, Generosidade*, quanto a detalhes. Estamos falando sobre a lei do amor. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor*. A medida de um homem é a sua generosidade. Cf. Pro. 19.17, bastante similar a este provérbio. "O homem bom é um bom olho. O homem mesquinho tem um olho mesquinho, mau (ver Pro. 23.6; 28.22)" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Sinônimo. Uma das maneiras pelas quais um homem bom exprime a sua benevolência é dando esmolas aos pobres (uma virtude constante dos hebreus). Ele supre os pobres com coisas básicas, como o alimento. Quanto à generosidade para com os pobres, cf. Deu. 15.10; Pro. 14.21,31; 28.27.

22.10

Lança fora o escarnekedor, e com ele se irá a contenda. Quanto ao escarnecedor ou zombador, ver Pro. 9.7,8,12; 13.1; 14.6; 15.12; 19.25,29; 21.11,24; 24.9. O escarnecedor é o indivíduo que faz pouco dos "fanáticos" religiosos. Ele não tem utilidade para a lei de Moisés. Ele deprecia os piedosos. Mas, se você expulsar o escarnecedor, será o fim de sua obra nefanda; as contendas cessarão, e você terá paz no lar e na comunidade. O escarnecedor desperta desavenças, contensões, brigas. Enquanto ele estiver por perto, ninguém pode descansar.

Sinônimo. Se nos libertarmos do escarnecedor, seus insultos (no hebraico, *qalon*, "desgraça", "insultos", "reprimendas") cessarão. Sem o criador de tribulações, ficamos livres das dificuldades.

22.11

O que ama a pureza do coração, e é grácil no falar... O indivíduo que, sob hipótese alguma é um hipócrita, antes, ama a pureza do coração, porquanto tem estudado e seguido a lei e as declarações da sabedoria, que a fomentam e interpretam, obterá o favor de Deus e dos homens. As pessoas desejarem ter por perto esse indivíduo. Ver Pro. 4.23 quanto à fé sentida no coração. Ver 11.9,13 e 18.21 quanto ao uso apropriado da linguagem e, no *Dicionário*, o verbo intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da*.

Sinônimo. O rei ouvirá sobre o homem puro de coração, que se tornou um notório homem sábio, e haverá de querê-lo ao redor. O monarca fará dele um de seus conselheiros, um dos amigos pessoais do rei. Isso se dará porque, de maneira especial, ele seguiu a lei de Moisés como o valor principal de sua vida.

22.12

Os olhos do Senhor conservam o que tem conhecimento. Os olhos do Senhor (Sua onisciência; ver Pro. 15.3) guardam o conhecimento, ou seja, mantêm vigilância sobre ele. O Senhor vê quem está obedecendo à lei e quem não está. Além disso, Ele preserva e protege aquele corpo de conhecimentos, para que todos os homens tenham chance de aprender e de agir em concordância com

princípios retos. A segunda linha subentende que a principal coisa que o Senhor observa e procura em um homem é uma linguagem correta, ou seja, o uso próprio da língua na vida diária e no ensino da lei. Seus olhos vêem "homens que conhecem e falam a verdade; ver Pro. 21.28" (Ellicott, *in loc.*). Ele considera com favor a tais homens, e os abençoa como recompensa por sua conduta de acordo com a lei e a prática dos mandamentos. A providência de Deus é ativa na preservação de Sua Palavra, como testemunho que deve ser prestado a todos os homens, algo que vai além do testemunho da natureza, o que é enfatizado no segundo capítulo da epístola aos Romanos.

Antítese. Em contraste com a preservação de Sua lei, em um bom testemunho aos homens, o Senhor derruba as palavras de homens infiéis. O homem infiel é um transgressor que inventou o seu próprio código de ética e o promove, além de outras coisas absurdas, no lugar da lei. Portanto, é óbvio que a sua palavra não pode ficar de pé. Em breve ela será soprada para longe pela tempestade divina. Cf. com declarações semelhantes, em Pro. 13.6; 19.3 e 21.12.

22.13

Diz o preguiçoso: Um leão está lá fora. O homem preguiçoso apresenta desculpas absurdas para não ir trabalhar. Hoje ele ficará em casa porque pode suceder que um leão esteja nas colinas e venha encontrá-lo na rua! Havia muitos leões da montanha na Palestina, mas a chance de que algum deles descasse até as vilas ou cidades era mínima. Ademais, apresentar desculpas dessa natureza significaria que um homem nunca iria trabalhar. Pro. 26.13 repete a mesma idéia. Talvez o autor sacro tenha escolhido um exemplo absurdo sobre o tipo de coisas que homens preguiçosos poderiam apresentar como desculpa para não trabalhar, mas não esperava que tomássemos a sério a desculpa. Ver Pro. 6.6 e 19.15 quanto ao preguiçoso, e ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Preguiça e Preguiçoso*.

Sinônimo. O homem é uma presa fácil para um animal feroz, em contraste com outros animais, que podem lutar. Somente homens como Sansão podem vencer leões. Não faz muito tempo, uma mãe defendeu seu filhinho contra o ataque de um puma, não muito longe de Los Angeles, e obteve grande sucesso, armada apenas com uma vara! Mas isso foi uma exceção, e só podemos concluir que ela contou com alguma espécie de ajuda angelical. Também não era tempo de o menino morrer. O homem preguiçoso, entretanto, não confiava em casos excepcionais. Ele simplesmente ficou em casa, sem nada fazer, e dormiu por boa parte do dia (ver Pro. 6.9,10; 19.15; 20.13). Esse homem estava definitivamente enfermo. Quanto à vitória de Sansão sobre o leão, ver Jui. 14. Outros, entretanto, não tiveram tal sorte (ver I Reis 13.24).

22.14

Cova profunda é a boca da mulher estranha. A mulher estranha é famosa abusadora da linguagem. Ela tem uma conversa de vendedor que convence. Sua boca é como uma cova profunda dentro da qual a presa cairá. A metáfora é a de um caçador e da cova que ele emprega para apanhar os animais que caça, somente para matá-los e usar o corpo deles para obter dinheiro. Uma mulher estranha podia ser uma esposa que se transformara em prostituta parte do tempo, ou podia ser simplesmente uma prostituta profissional. Ver Pro. 2.16 e Cf. Pro. 23.27, onde a própria mulher estranha aparece como cova profunda, ou como poço estreito, nos dois casos armadilhas para os que de nada desconfiam.

Sinônimo. O homem que repele a conversa de vendedor de uma mulher será favorecido pelo Senhor; mas o homem que não oferece resistência sofrerá a ira divina. "O Senhor ira-se com aquele que se consorcia com uma mulher adúltera" (Charles Fritsch, *in loc.*).

"A boca das prostitutas; os beijos de sua boca; a sua linguagem lisonjeadora e suas palavras suaves; a conversa amorosa; a linguagem lasciva e imoral — tudo contribuía para atrair e prender os homens a cometer imoralidade com elas, o que os leva a uma cova de ruína, imunda, muito profunda, da qual não é fácil tirar um homem" (John Gill, *in loc.*).

Cerca de cem provérbios falam sobre o uso próprio e impróprio da linguagem. Ver Pro. 11.9,13 e 18.21 quanto a notas de sumário sobre o assunto. Jarchi aplica este versículo à idolatria (ver a respeito no *Dicionário*).

22.15

A estultícia está ligada ao coração da criança. Ver as notas expositivas sobre o vs. 6 deste mesmo capítulo quanto a uma lista de versículos que abordam a educação de crianças. O presente versículo é uma espécie de repetição de Pro. 13.24, onde são encorajadas as punições corpóreas, por parte dos pais. Ver as notas expositivas sobre esse ponto, quanto a idéias acerca disso. Todos sabemos quão tolas podem ser as crianças. Essa tolice, entretanto, não é paralela à insen-

satez dos insensatos, descrita no livro de Provérbios. Uma criança se parece com a maioria das crianças: bobinha; cheia de jogos e provocações, insolente e repleta de truques.

A palavra hebraica para “estultícia”, neste caso, é *‘ewil*, que pode significar “arrogante”, “petulante”, “tolo endurecido”, o que alguns estudiosos vêem aqui. Alguns falam sobre a total depravação do homem e vêem todo o terror que já habita no coração de uma criança, escondendo-se ali pronto para manifestar-se. Portanto, devemos arrancar essa tolice do coração da criança. Mas isso já é exagero de um texto como o nosso. O autor não falava acerca de pequenos monstros, mas meramente sobre crianças travessas que saem do controle e nos testam a paciência a um grau exagerado, se não as disciplinarmos. Perderemos o sentido da questão, se quisermos fazer disso uma grande disputa teológica.

Está ligada. Como que por meio de cordas e correntes, pelo que é preciso esforço para rompê-las e libertar a criança. As crianças podem ter vontade de ferro, como qualquer pai ou mãe pode dizer-nos. São indivíduos completos, desde a tenra idade. São como cavalos selvagens, que precisam ser amansados.

Sinônimos. O castigo corporal é recomendado como método para manter crianças desobedientes na linha certa e evitar manifestações sérias de rebeldia, quando elas ficarem mais velhas. Ofereço idéias a respeito em Pro. 13.24, pelo que não as repito aqui. Algumas crianças são depravadas desde a tenra infância, comportando-se como selvagens e monstros, mas esses casos são exceções. Ver também Pro. 22.6.

22.16

O que oprime ao pobre para enriquecer a si... Aquele que oprime a outras pessoas encontra-se em um terreno frouxo, visto que a vontade divina está contra ele. Este versículo é difícil, o que as traduções ocultam; mas a maioria dos estudiosos vê aqui o sentido geral de “tanto oprimir os pobres quanto cortejar os ricos leva à pobreza” (Charles Fritsch, *in loc.*). Cf. os vss. 22-23 deste capítulo. É o Senhor quem defende a causa dos oprimidos.

Este versículo destaca o tema da exploração da personalidade. Emanuel Kant certamente estava com razão quando ensinou vigorosamente contra usarmos as pessoas como um meio, e não como um fim, ou seja, como maneiras de beneficiarmos o próprio “eu”, e não aqueles que merecem ser beneficiados. “Portanto, age de modo a tratar da humanidade, quer em sua própria pessoa, quer qualquer outra pessoa, em cada caso, como um fim, e nunca apenas como um meio” (Kant, *Fundamental Principles of Metaphysics and Morals*, pág. 47). “Quando os seres humanos são explorados, uma afronta é cometida contra Deus, visto que Ele os criou como fins, e não como objetos para serem usados” (Roland W. Schloerb, *in loc.*).

Sinônimo. O explorador dos pobres é, igualmente, o homem que dá aos ricos, visando sempre o benefício próprio, porquanto, na realidade, não é um homem generoso. Ele só dá para obter de volta. Ele dá presentes e oferece subornos para obter o favor dos ricos. Ver Pro. 15.27. O homem que explora os pobres, mas dá aos ricos, terminará na pobreza. O longo braço da retribuição de Deus achará esse homem, algum dia, em algum lugar. O vs. 23 apresenta o Senhor a tirar a vida desse homem e seus iguais. Ele pleiteia a causa do pobre; Ele faz justiça. Cf. Pro. 21.13. O homem mau, neste caso, explora os pobres e tem dinheiro para dar aos ricos, a fim de gozar vantagens para si mesmo. É um indivíduo totalmente corrupto. Até mesmo sua aparente generosidade não passa de depravação.

Palavras aos Sábios: Primeira Coletânea (22.17 – 23.14)

Ver a introdução ao livro, sob a seção X, quanto ao esboço do conteúdo. Esta porção do livro é similar aos capítulos 1-9. O pupilo (ou filho espiritual) recebe o recado da parte do mestre (o pai espiritual). Foi empregada uma variedade de modos de apresentar as declarações, e não somente o método das duas linhas por provérbio, como se vê na seção anterior, os provérbios de Salomão (ver Pro. 10.1 - 22.15).

Esboço da Seção:

1. Introdução (Pro. 22.17-21)
2. Primeira Coletânea (Pro. 22.22 – 23.14)
3. Segunda Coletânea (Pro. 23.15 – 24.22)
4. Terceira Coletânea (Pro. 24.23-34)

Pro. 22.22 - 24.22 tem doze declarações bastante similares à antiga obra egípcia, *Instruções de Amen-em-Ope*. Quanto a essa questão, ver as notas no vs. 22 e também o gráfico que acompanha o texto.

Apresentação das Declarações. Diferentemente da seção de Pro. 10.1-22.16, com provérbios de duas linhas cada, em que a primeira é seguida por uma

segunda, contendo uma idéia sinônima ou antitética, nesta seção há certa variedade de apresentações:

1. Por cerca de vinte vezes, dois versículos são necessários para exprimir um pensamento completo. Exemplos: Pro. 22.17,18,20,21,24,25,26,27; 23.1-3; 23.4,5,6,7,10,11,14,15,17,18; 24.1,2,3,4,5,6,8,9,11,12,13,14,15,16,17-28; 19.20,21,22; 23-25; 30,31.

2. Sete provérbios são trios (três linhas dão o pensamento completo); 22.29; 23.5,29 (um duplo trio); 31; 24.14,27,31.

3. Duplas (declarações com duas linhas): Pro. 22.24,28; 23.4,9,12; 24.7.

Muitas das declarações começam com um “Não”, servindo de advertência; os exemplos são: Pro. 22.22,24,26,28; 23.3,4,6,9,10,13,17,20,22,23.

Presume-se que esta seção não tenha sido escrita por Salomão, mas por outros sábios, e provavelmente o que temos aqui é um compêndio compilado por um ou mais editores empregando o estoque das declarações de sabedoria. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sabedoria*, seção III, *Literatura de Sabedoria*.

Trinta Declarações dos Sábios (22.17 – 24.22)

Introdução (22.17-21)

A Chamada da Atenção. As palavras-chave da introdução às declarações de outros sábios que não Salomão são: 1. Inclina o ouvido (vs. 17). 2. Ouve (vs. 17); 3. Aplica o coração (vs. 17).

As razões para prestar atenção às palavras de sabedoria são dadas nos vss. 18-21: 1. É agradável memorizá-las (vs. 18). 2. São gemas para serem ditas pelos lábios (vs. 18). 3. Elas levam os homens a confiar no Senhor (vs. 19). Professores especiais entregaram essas razões aos estudantes, a fim de que prosperassem nelas (vs. 19). 4. Essas razões foram reduzidas à forma escrita para facilitar o aprendizado (vs. 20). 5. Elas revelam o que é certo e verdadeiro (vs. 21). 6. Essas razões são verdadeiras respostas para os problemas que os estudantes tentavam resolver para outras pessoas (vs. 21). O vs. 20 diz-nos que trinta declarações se seguiriam.

22.17

Inclina o teu ouvido e ouve as palavras dos sábios. Considere o leitor estes três pontos:

1. O ouvido deve estar posicionado para ouvir as declarações e tirar proveito delas. Cf. Pro. 4.1,20; 5.1 e 7.24. O aprendiz deve matricular-se na escola dos sábios. Uma vez ali, deve ser um estudante atento se tiver de realizar muita coisa na vereda da sabedoria. A primeira chamada diz-nos que o estudante deve esforçar-se. Nem tudo depende do professor.
2. Uma vez posicionados os ouvidos para ouvir, o estudante deve abri-los e receber as instruções. Ver o verbete chamado *Ouvir*, em Pro. 4.20. Cf. Pro. 1.8; 4.1,10,20; 45.1,7; 7.24; 8.32,33.
3. O que for ouvido deverá ser aplicado ao coração. Ver o artigo chamado *Coração*, em Pro. 4.23. A fé de um homem tem de ser sentida no coração, e não somente aprendida pelo cérebro. Cf. Pro. 2.2. Essa será uma fé com aplicação prática na vida.

A lei é o manual. Conforme se dá por todo o livro de Provérbios, esta seção se baseia na lei, que as declarações da sabedoria fomentam e interpretam. A lei é um guia (Deu. 6.4 ss.) e transmite vida (ver Deu. 4.1; 6.2; Eze. 20.1). Ela torna uma nação (ou pessoa) distinta de outras nações ou pessoas (ver Deu. 4.4-8).

22.18

Porque é cousa agradável os guardares no teu coração. Existem razões para aprender as declarações de sabedoria que fomentam e interpretam a lei. Considere o leitor estes pontos:

1. É agradável memorizá-las (mantendo-as no interior), compreendendo, naturalmente, que serão postas em prática. O estudante muito haveria de divertir-se na escola do mestre. Não seria algo enfadonho. Diz aqui o hebraico original, literalmente, “em teu ventre”, apontando para o “coração”. As *Instruções de Amen-em-Ope* dizem algo similar:

É coisa boa pô-los em teu coração

— ai daqueles que os recusam —

Que eles descansem no caixão de teu intestino,

Para que sejam um limiar em teu coração.

Quanto aos paralelos das *Instruções de Amen-em-Ope* com Pro. 22.22 - 24.11, ver as notas sobre o vs. 22 e o gráfico acompanhante que esclarece essa questão.

2. As declarações são gemas que devem ser ditas pelos lábios de todos quanto tiram proveito delas. Elas devem estar prontas para os teus lábios. Os estudantes, tendo-as aprendido na escola da sabedoria, ansiarão por sair e citá-las a outros, fazendo com que a sabedoria aumente na comunidade. As

declarações livrã a boca de pecar (ver Sal. 141.3), mas também ensinam de modo positivo como as pessoas se devem conduzir, tocando sobre muitas questões, negativas e positivas.

22.19

Para que a tua atenção esteja no Senhor. Razões para que se continuem os estudos sagrados:

3. Aprender as declarações da sabedoria, que fomentam e interpretam a lei, ajuda os homens a confiar no Senhor, Yahweh, o Deus eterno. Quanto à *Confiança*, ver Sal. 2.12, e, no *Dicionário*, ver o verbete intitulado *Fé*. O mestre estivera ativo, ensinando seus alunos, que lhe tinham dado especial atenção pessoal, para garantir o processo de aprendizado. Há certa urgência neste versículo que nos faz lembrar de trechos como Heb. 3.13 e Isa. 55.1. Cada aluno é conhecido pelo mestre, sendo objeto de seus cuidados especiais.

Este versículo tem sido cristianizado para falar do Grande Pastor e sua preocupação com cada ovelha, individualmente. "Hoje" é palavra que se refere ao contínuo dia de ensino, e não a um dia particular da semana: o dia da iluminação, o dia evangélico (que é aplicado à erudição cristã).

22.20

Porventura não te escrevi excelentes cousas. Continuam aqui as razões para fazer os estudos sagrados:

4. O estudo fora facilitado ao ser o texto reduzido à forma escrita. O processo não seria difícil; o estudante não ficaria confuso; ele tinha um manual fácil para estudar, pelo que deveria trabalhar e estudar. O que ele estudaria seria limitado a "trinta lições fáceis", ou seja, trinta declarações específicas de sabedoria. O estudante não seria avassalado pelo material do assunto. As *Instruções de Amen-em-Ope* foram escritas em "trinta capítulos", e o empréstimo do livro de Provérbios é óbvio. Ver o gráfico que acompanha as informações sobre os paralelos entre esta seção do livro de Provérbios e aquela obra egípcia. Ver as notas sobre o vs. 22. Em lugar de trinta coisas, que se vê na King James Version, as versões portuguesas Atualizada e da Imprensa Bíblica Brasileira dizem excelentes cousas. Antes daquela descoberta da obra egípcia, os eruditos se admiravam diante do texto hebraico envolvido. O árabe diz "três maneiras", ou seja, o mestre tinha escrito de maneira abundante. Mas agora, com o paralelo, é claro o que está em pauta. Trinta declarações são aqui referidas.

22.21

Para mostrar-te a certeza das palavras da verdade. Prosseguem aqui as razões para continuarem os estudos sagrados:

5. As declarações da sabedoria revelam o que é certo, veraz e proveitoso para a vida. O mestre era bem treinado na lei. Ele só lembraria as declarações consonantes com o manual. Fazendo isso, o mestre seria um intérprete aprovado de Moisés, ou seja, o estudante não poderia errar em seu aprendizado. A lei foi inspirada por Deus, e as declarações da sabedoria, baseadas na lei, também são escritos inspirados.
6. O estudante tornar-se-á um mestre. Ele ajudará outros com seus problemas e lhes transmitirá a sabedoria. Particularmente, ele tomará de volta as declarações sábias daqueles que o tinham enviado à escola. Porém, antes que fossem descobertas as *Instruções de Amen-em-Ope*, os intérpretes criam estar em foco os pais dos estudantes. Porém, naquela obra, parece estar em foco o mensageiro encarregado de levar de volta um relatório sobre o que estava acontecendo na escola. Naquela obra, temos,

*Conhecimento para responder àquele que fala,
E como levar de volta um relatório
Para aquele que o enviara.*

O mensageiro traria de volta o seu relatório, e outros ouviriam as declarações da sabedoria, regozijando-se no progresso que o estudante seguia.

"O erudito deveria ser instruído não tendo em vista apenas o proveito próprio, mas também ser capaz de ensinar a outros (Cf. I Ped. 2.15)" (Ellicott, *in loc.*).

*O que de minha parte ouviste, através de muitas testemunhas,
isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para
instruir a outros.*

(II Timóteo 2.2)

Primeira Coletânea dos Provérbios dos Sábios (22.22 – 23.14)

As *Instruções de Amen-em-Ope*. Formavam um antigo livro egípcio de instruções morais. O livro tem trinta capítulos, e suas declarações são muito mais longas do que se vê no livro de Provérbios. Esse livro pode datar de qualquer

época entre os séculos X e VI A. C. Pro. 22.18-24.11 tem catorze declarações ou mais que são paralelas, e quase certamente foram tomadas por empréstimo. Ver o gráfico que acompanha este texto, como ilustração. Na introdução, em Pro. 22.17-21, vimos três paralelos. Consulte o leitor a Introdução ao livro, IX.B, Relação entre Provérbios e a Sabedoria de Amen-em-Ope (também chamado de as *instruções*). Alguns estudiosos supõem que o empréstimo foi feito pela obra egípcia do livro de Provérbios, ou que um fundo comum de declarações de sabedoria serviu de base para esses textos. Oesterley encontrou nada menos do que vinte e três das trinta declarações na seção à nossa frente, que dependem daquela obra. Mas outros estudiosos encontram menos dependências.

O capítulo 30 do livro de Provérbios, que contém os provérbios de Agur, apresenta outro empréstimo, a saber, de um sábio árabe. Portanto, temos um empréstimo egípcio e outro árabe. Nenhuma são teoria da inspiração das Escrituras pode condenar esses empréstimos. Nem tudo precisou cair diretamente do céu para entrar na Bíblia. Quanto a maiores informações, incluindo o problema da inspiração das Escrituras, no que tange a empréstimos literários, ver o gráfico.

Os vss. 22-23 formam uma unidade. O vs. 23 explica por que os atos referidos no vs. 22 não devem ser praticados. Existem cerca de vinte instâncias na seção à nossa frente que requerem dois versículos para transmitir uma declaração completa.

Primeira Declaração

22.22

Não roubes ao pobre, porque é pobre. Roubar os pobres é cometer um ato ousado. Isso pode ser feito por meio da fraude ou pelo roubo direto. O significado é que não nos devemos aproveitar dos pobres, que usualmente são impotentes para defender-se. Ver isso em Pro. 14.31. O termo hebraico *dal* pode significar pobre, débil, fraco, impotente. Quanto aos aflitos, ver Pro. 14.21 e 22.4. Os pobres e aqueles que padecem necessidades de qualquer espécie são presa fácil para pessoas inescrupulosas que podem obter deles o pouco que possuem por meio de ameaças, casos de tribunal, suborno, acusações falsas e até violência.

Em juízo. A porta da cidade era o lugar onde se buscava e se fazia justiça, onde casos fraudulentos eram julgados perante a lei, além de ser, igualmente, o lugar onde se comerciava e onde negócios tortuosos eram perpetrados. Os pobres seriam os perdedores em todas essas transações desonestas.

22.23

Porque o Senhor defenderá a causa deles. O vs. 23 completa o provérbio dos vss. 22-23, ao ameaçar a todos quantos quisessem abusar dos pobres. Yahweh (o Senhor, o Deus eterno) defenderá a causa deles. Eles perderiam em juízo, na porta da cidade, mas ganhariam quando seus inimigos fossem julgados, e eles fossem recompensados. Os pobres eram despojados de seus bens, mas aqueles que os oprimiam seriam despojados de sua vida, ou seja, após enfrentar desastres, a vida deles seria abreviada. Morreriam miseravelmente, de morte prematura e/ou violenta. O vs. 23 não tem paralelo nas *Instruções de Amen-em-Ope*, mas o vs. 22 tem. O vs. 23 é uma observação dos hebreus quanto à situação, com paralelo em Pro. 22.16. Ver também Pro. 21.13.

O Paralelo. A primeira declaração (vs. 22) tem paralelo nas *Instruções de Amen-em-Ope*, no segundo capítulo, e em Pro. 4.4,5.

*Cuida de não furtares os pobres,
ou de seres valoroso contra os aflitos.*

22.24

Não te associes com o iracundo. Este é um provérbio de dois versículos, em que a unidade são os vss. 24-25. Aqui (vs. 24) temos um provérbio de duas linhas, com a primeira comentada pela segunda linha sinônima. A seção de Pro. 22.17 – 24.34 tem certa variedade de tipos de provérbios que comento na introdução à seção, sob o título de *Apresentação das Declarações*. Alguns poucos provérbios são duplos; outros são trios; cerca de vinte deles são provérbios de dois versículos; e alguns são provérbios de quatro linhas. O homem iracundo (primeira linha) é um perturbador furioso (segunda linha).

É melhor deixar sozinho um homem irado. Tal homem estará sempre desperdando contendas, e todos nós já enfrentamos dificuldades o bastante. O vs. 24 é paralelo a Pro. 15.18.

Segunda Declaração

O vs. 24 é similar ao trecho de *Instruções de Amen-em-Ope*, capítulo 9, e Pro. 11.13,14.

PARALELOS ENTRE O LIVRO DE PROVÉRBIOS É A OBRA DE AMEN-EM-OPE

O livro egípcio, *A Instrução de Amen-En-Ope*, foi uma das fontes dos escritores de Provérbios.

A seção 22.22 – 24.22 tem pelo menos 14 empréstimos. Oesterley encontra 23 das 30 declarações desta seção como dependentes da obra egípcia. No gráfico abaixo, forneço ilustrações com referências.

AS DECLARAÇÕES DE PROVÉRBIOS

PARALELOS EM AMEN-EM-OPE

Primeira Declaração: 22.22-23	2: 4.4-5
Segunda Declaração: 22.24-25	9: 11.13-14
Terceira Declaração: 22.26-27	9: 13.8-9
Quarta Declaração: 22.28	6: 7.12-13
Quinta Declaração: 22.29	30: 27.16-17
Sexta Declaração: 23.1-3	23: 23.13-18
Sétima Declaração: 23.4-5	7: 9.14 - 10.5
Oitava Declaração: 23.6-7; 23.8	11: 14.5 - 10; 14.17-18
Nona Declaração: 23.9	21: 22.11-12
Décima Declaração: 23.10-11	6: 7.12-15; 8.9
Vigésima Quinta Declaração: 24.11	8: 11.6-7

Ver outros exemplos não incluídos na lista em 22.18; 22.20,21. O comentário acompanha e mostra a similaridade entre Provérbios, na seção sob consideração, e a obra egípcia, o que não deixa dúvida sobre a dependência.

Observações:

1. O livro de Instruções de Amen-em-Ope tem 30 capítulos. O livro de Provérbios 22.22 – 24.22 empresta exatamente 30 declarações.
2. O capítulo 30 de Provérbios (os provérbios de *Agur*) representa outro empréstimo, desta vez de uma ou mais fontes árabes. Assim, temos um óbvio empréstimo egípcio e um árabe. Nenhuma teoria sana de inspiração levanta argumentos contra a possibilidade de tais empréstimos.
3. O Novo Testamento cita amplamente o Antigo, mas não hesita em utilizar-se também de obras apócrifas, pseudepígrafas e pagãs. Ver esta afirmação ilustrada na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* no artigo, *Citações no Novo Testamento, ponto 5*. Qualquer autor erudito, de instrução ampla, não se limitará aos livros canônicos na composição de seu livro.
4. Dou um tratamento mais detalhado sobre o assunto na introdução ao Livro de Provérbios com argumentos pró e contra. Devo afirmar que o problema é literário e não teológico. Não há nenhuma teologia bíblica contra idéias de tais empréstimos (que já são amplos nas Escrituras).
5. A ansiedade de alguns estudiosos para afirmar uma teoria de inspiração rígida e excessivamente fundamentalista cega os olhos, uma circunstância lastimável.

*Não te associes ao homem apaixonado,
nem te aproximes dele para conversação.*

22.25

Para que não aprendas as suas veredas. Este é um comentário dos hebreus sobre a declaração do vs. 24. Aquele que se associa ao homem colérico acabará aprendendo os seus caminhos e passará a imitá-los. "Aprender", neste caso, é tradução baseada em uma rara palavra hebraica, *'alah*, "aprender por associação". É encontrada somente aqui e por três vezes no livro de Jó, em todo o Antigo Testamento. Cf. este comentário com Pro. 14.17,29; 15.18; 29.6,22, que descreve vários tipos de pecados nos quais um homem selvagem costuma cair.

É melhor viver sozinho do que mal acompanhado.

(Provérbio do século XV)

22.26

Não estejas entre os que se comprometem. O vs. 26 é duplo, ou seja, uma declaração em duas linhas. O autor era contrário a alguém tornar-se fiador, um tema muito repetido no livro de Provérbios.

Ficam por fiadores de dívidas. Por trás dessa tradução portuguesa há uma expressão hebraica, "bater as mãos", que era acompanhada por gestos como o nosso apertar as mãos moderno. Ver Pro. 6.1 quanto a isso. O homem teve misericórdia de um amigo em dívida e fez uma barganha em três direções, comprometendo-se com o seu dinheiro. O credor, sendo homem de coração endurecido, era a terceira parte nesse acordo dúbio. O livro de Provérbios apresenta uma visão pragmática, e não um ponto de vista cristão e generoso sobre a questão. Quanto a fiadores, ver Pro. 6.1; 11.15; 17.18; 20.10; 22.26,27 e 27.13. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Fiança*, *Fiador*. Quanto à cristianização do conceito, ver *Fiador*, *Jesus como*.

Sinônimo. O Fiador toma a responsabilidade pelas dívidas de outrem e, quase certamente, termina tendo de pagá-las. Aquele que assinasse a fiança teria de pagar a dívida que não fosse paga pelo que pedira o dinheiro emprestado, embora nada tivesse que ver com a criação da dívida, pela qual se tornara o fiador. Essas dívidas, literalmente falando, eram cargas que o homem extremamente generoso acabaria tendo de carregar, para sua tristeza.

Terceira Declaração

O vs. 26 constitui a terceira declaração paralela às *Instruções de Amen-em-Ope*, capítulo 9, e Pro. 13.8,9. Ver a introdução ao vs. 22 quanto àquela antiga obra egípcia, onde também dou outras referências. Ver o gráfico acompanhante, que ilustra os paralelos.

22.27

Pois se não tens com que pagar... Este versículo é um comentário dos hebreus sobre a declaração do vs. 26. O pobre fiador, que assumira as dívidas de outrem, em sua má barganha, podia perder até mesmo a cama em que dormia. Antes disso, perderá praticamente tudo o que possuía. O autor não favorecia a generosidade em tais casos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Liberalidade*, *Generosidade*, quanto à idéia oposta. O fiador potencial deveria ser sábio o bastante para prever o desastre em que se estava envolvendo, mediante a participação impensada no acordo de empréstimo feito. A lei proibía que se tomasse o leito de um homem (ver Êxo. 22.26,27), mas nas negociações comerciais os homens com frequência ignoravam a lei, conforme continuam fazendo até hoje. Mas as cobertas e os demais tecidos da cama podiam ser tomados! (ver II Reis 4.1; Mat. 8.25). Um homem bom podia acabar nu e destituído, se permitisse que a sua generosidade fugisse de seu controle.

22.28

Não removas os marcos antigos. Temos aqui uma simples declaração dupla, sem um segundo versículo que explique o primeiro. Os provérbios de duas linhas são comuns a esta seção (ver Pro. 10.1-22.16). Neste caso, porém, a primeira linha é seguida por uma segunda, sinônima. Por seis vezes, a Bíblia proíbe que se mudem as pedras que marcavam os limites das propriedades. Ver Deu. 19.14; 27.17; Jó 24.2; Pro. 22.28; 23.10; Osé. 5.10. As terras familiares dependiam da permanência desses limites, e cada família israelita era proprietária de terras. Isso fazia parte do conceito de justiça e equidade entre os hebreus e da justa ordem social. Um agricultor, entretanto, facilmente podia ampliar as dimen-

sões de seu terreno removendo as pedras que marcavam os limites. Essa era uma forma de furto que violava o oitavo mandamento (ver Êxo. 20.15).

Sinônimo. Os antepassados respeitados eram os que tinham estabelecido os limites dos terrenos pertencentes às famílias, e mexer com a justiça antiga, mediante uma perversão moderna, era, realmente, um pecado sério. Os próprios pagãos tinham leis similares (Ovídio, *Fast.* livro 1, vs. 50). Era sentido que os deuses requeriam e garantiam a preservação das linhas que determinavam os limites.

Quarta Declaração

Este provérbio tem paralelo nas *Instruções de Amen-em-Ope*, no capítulo 30, e em Pro. 27.16,17. Ver as notas de introdução em Pro. 22.22 quanto a maiores informações.

22.29

Vês a um homem perito na sua obra? Este provérbio é um trio. Existem sete provérbios que são trios: Pro. 22.29; 23.5,29,31 e 24.14,27,31. O homem diligente é notado; ele comparecerá à presença de reis, obtendo favor dos monarcas através de suas habilidades; não será encontrado na companhia de inferiores, homens obscuros e menos diligentes. O homem diligente é dotado de habilidade literária. Essa habilidade é útil ao rei e fará do diligente uma figura real, palaciana. O termo hebraico correspondente é *mahir*, também empregado em Sal. 45.1. "Todo homem ativo e diligente tornar-se-á, ao mesmo tempo, independente e respeitável" (Adam Clarke, *in loc.*).

Este versículo tem sido espiritualizado e cristianizado para referir-se à permanência na presença do Rei dos reis, tornando-se assim um dos Seus ministros eternos. Consideremos os exemplos de José no Egito, de Neemias após a volta do cativo, e de Daniel durante o cativo. Todos esses se elevaram a posições de autoridade diante dos reis, por terem sido homens diligentes e extremamente habilidosos. Ver Gên. 39.3-6; 41.42; Nee. 1.11; 2.1; Dan. 6.1-3; 7.27.

Quinta Declaração

Este provérbio tem paralelo nas *Instruções de Amen-em-Ope*, no capítulo 30, e em Pro. 27.16,17. Ver o comentário sobre a introdução ao vs. 22, bem como o gráfico ilustrativo acompanhante. Essa obra estampa:

*Um escriba habilidoso em seu negócio,
Que se tornou digno de ser um cortesão.*

Capítulo Vinte e Três

Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 22 e 23. Ver a introdução detalhada a esta seção em Pro. 22.17. Ali começa a primeira coletânea das declarações dos sábios. A seção geral é Pro. 22.1-24.34. A primeira coletânea fica em Pro. 22.17-23.14; a segunda fica em Pro. 23.15-24.22; e a terceira em Pro. 24.23-34.

23.1

Quando te assentares a comer com um governador. Os vss. 1-3 dizem respeito às boas maneiras à mesa. Esses versículos constituem uma instrução paralela às *Instruções de Amen-em-Ope*. Ver Pro. 22.22 quanto a informações a respeito.

Sexta Declaração

Os vss. 1-3 têm paralelo nas *Instruções de Amen-em-Ope*, no capítulo 23, e Pro. 23.13-18. Nessas Instruções, lemos como segue:

*Não comas pão na presença de um dirigente,
E não te inclines para a frente (?) com tua boca,
perante um governador (?)
Quanto estiveres satisfeito com aquilo
a que não tens direito.*

*É apenas um deleite para tua saliva.
Olha para o prato na tua presença,
E que somente ele supra a tua necessidade.*

O indivíduo que for convidado a comer com um governador deve mostrar-se humilde e comedido. Deve tomar consciência do ambiente, observando as maneir-

ras das outras pessoas à mesa e imitando aqueles que fazem as coisas corretamente. Também deve dar-se conta de que seu hospedeiro é um governante, pelo que é seu superior e não pode ser ofendido. “O convidado deve evitar a conduta de um palhaço, mostrando-se um homem bem educado” (Adam Clarke, *in loc.*). “Não comas avidamente, nem como um leão, conforme fazes em tua casa” (Fausset, *in loc.*). Não olhes para todos os bons alimentos com ganância, come de alguns deles, mas não de outros, mostrando-te conservador.

23.2

Mete uma faca à tua garganta. Se o governante que te convidou tiver teus iguais no banquete, e eles estiverem agindo como um bando de glutões e bebedores, antes de começares a imitar o grupo, mete uma faca à tua garganta. Não te compete, como inferior, agir como se fosses um insensato. Portanto, mantém sob controle os teus apetites, a fim de deixares boa impressão sobre o homem que tem poder sobre a tua vida. O Targum fala acerca do “mestre da própria alma”, o autocontrole e a moderação em todas as coisas. Ver sobre *Gluttonaria* no vs. 21 deste mesmo capítulo e também em Pro. 28.7.

Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens.

(Filipenses 4.5)

23.3

Não cobices os seus delicados manjares. O governador terá todas as variedades de manjares gostosos, tanto domésticos quanto importados, os quais talvez não estejas acostumado a contemplar, quanto menos a comer. Se enches deles o teu estômago, com óbvio deleite, como se foras um glutão que não comia fazia uma semana, essas deliciosas porções poderão transformar-se em carne envenenada para ti. Não serás convidado novamente e perderás o favor que tinhas ganho, já que não controlaste o teu apetite. Tua oportunidade de deixar uma boa impressão e obtêres o favor de um superior, o qual, em alguma data futura, poderia fazer-te o bem, terá sido perdida. Outra idéia tem sido vinculada a este versículo: Talvez o homem que fez o convite tenha motivos diferentes. Talvez ele esteja “preparando” para cometer algum dano e esteja usando aquele banquete suntuoso para apanhar-te fora de guarda. Cf. os vss. 1-3 a Eclesiástico 31.12-18, que diz algo similar e trata das maneiras apropriadas à mesa. Por conseguinte, é óbvio que as declarações da sabedoria incluíam questões assim práticas, e não apenas questões importantes da lei.

23.4

Não te fatigues para seres rico. Os vss. 4-5 formam uma unidade, sendo um provérbio de dois versículos. O vs. 4 tem um sinônimo duplo, ao passo que o vs. 5 expõe a primeira idéia.

Sétima Declaração

Os vss. 4-5 têm um paralelo nas *Instruções de Amen-em-Ope*, no capítulo sete, e em Pro. 9.14-10-5. Ver as notas de introdução ao vs. 22 quanto a explicações sobre esses paralelos, e ver o gráfico acompanhante. Naquela obra egípcia encontramos estas palavras:

Não labutes pelas riquezas quando tens o bastante para as tuas necessidades.

Eles fizeram para si mesmos asas como de ganso, e alçaram voo para os céus.

Este versículo é semelhante a Pro. 10.2. O desejo de enriquecer é verdadeiramente grande. Para conseguir isso, alguns se viciam no trabalho, dedicando todo o tempo e energia a ganhar dinheiro. Outros enveredam por um atalho e perpe-tram negócios desonestos, subornam e usam de métodos desviados e desonestos. Tais homens, no esforço por enriquecer, negligenciam as questões mais importantes da lei e com frequência contradizem esses princípios com uma conduta selvática, em sua loucura por dinheiro. “Esses versículos advertem contra o trabalho exagerado feito a fim de ganhar dinheiro” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Sinônimo. O homem que foi iludido pela filosofia da “obtenção de dinheiro” dirige mal a sua sabedoria. Ele tem uma sabedoria de insensato, que só pode levá-lo a um fim adverso. Ele esqueceu a verdadeira sabedoria da lei e busca primeiramente as riquezas terrenas, talvez esperando que valores mais altos lhe sejam acrescentados, por meio de algum milagre. Ele deve “ser sábio o bastante para desistir de sua loucura de fazer dinheiro”, conforme alguns entendem esta segunda linha. As versões da Septuaginta e árabe exortam-nos: “cessai de vossa própria sabedoria” (que visa reunir mais e mais riquezas).

23.5

Porventura fitarás os teus olhos naquilo que não é nada? Encontramos aqui um trio. Um homem nada mais faz senão trabalhar, e o dinheiro é o seu alvo. Subitamente, porém, todo o fruto de seu labor desaparece como se fosse uma águia a voar, conforme diz o livro de Provérbios, em lugar do ganso referido nas *Instruções de Amen-em-Ope*. As riquezas foram ganhas mediante enorme esforço, mas se trata de um esforço baldado. Esse trabalho simplesmente desaparece. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Materialismo*. Essa é uma sacola cheia de vermes. A águia voa e fica fora de nosso alcance. Existem fatores que controlam as coisas, mas que o homem não pode trocar. O homem que não busca, em primeiro lugar, o reino de Deus, também descobre que essas outras coisas não lhe serão adicionadas de forma permanente (ver Mat. 6.33). “A águia voa por mais tempo, cobrindo as maiores distâncias, e as riquezas imitam isso” (Fausset, *in loc.*).

23.6,7

Não comas o pão do invejoso. Estes versículos formam outra declaração em dois versículos, mas agem como unidade. Existem cerca de vinte desses pares no livro de Provérbios. Ver as notas de introdução, no vs. 17, sob *Apresentação das Declarações*.

Oitava Declaração

Os vss. 6-7 são paralelos das *Instruções de Amen-em-Ope*, capítulo 11, e também Pro. 14.5-10. Ver a introdução ao vs. 22 sobre essa obra e seu paralelo no livro de Provérbios. Ver o gráfico acompanhante como ilustração.

A obra egípcia diz como segue:

*Não cobices os bens de um dependente,
E não tenhas fome de seu pão.*

*Quando falhares diante de teu chefe,
e ficares embaraçado com suas declarações,
tuas lisonjas serão respondidas por maldições,
e tuas reverências por espancamentos.
Engoles um bocado grande demais, e
deves vomitar tudo de novo.
Dessa maneira, serás esvaziado de teus bens.*

É melhor não comer o pão de um homem parcimonioso. Pois ele “cobrará” de ti de alguma maneira. Conforme diz literalmente o hebraico, ele tem um olho mau. Assim, ele se lamentará pelo que tomaste dele e descobrirá uma maneira de adquirir de volta o que pensa que tomaste dele. E te fará algum dano, de qualquer maneira que puder. Cf. Pro. 28.22. Para ele, tu és um ladrão. Ele não considera que a hospitalidade tenha algum valor. Tudo é pura perda para ele.

“Os vss. 1-3 advertem contra comer gananciosamente no banquete do governador. Os vss. 6-8 advertem contra comer o alimento servido por algum homem pão-duro” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Em contraste, o homem bom tem um bom olho (ver Pro. 22.9). Ver Pro. 28.22 quanto a outras idéias sobre o “olho mau”.

O vs. 7 deste capítulo esclarece as implicações do vs. 6. Esse homem ganancioso diz: “Come e bebe muito”, mas o seu coração está gritando contra ti, porquanto ele se ressentido de estares ali a comer as suas “riquezas”. Para ele, tu és um explorador, tirando vantagem de “sua boa vontade”, como se ele tivesse alguma. Esse homem está “contando as suas perdas”, mas fazendo o papel de um homem generoso. Portanto, é um hipócrita. É melhor guardar distância desse tipo de pessoa e certamente jamais aceitar um convite que ele possa fazer em um momento de fraqueza ou em um momento temporário de disposição para gastar, o que não é típico dele.

23.8

Vomitáras o bocado que comeste. Este versículo participa do paralelo dado acima, semelhante à obra literária egípcia, no seu capítulo 11, e em Pro. 14.17,18. Podemos considerar participar da oitava declaração, ou formar uma nona. Talvez somente os vss. 6 e 8 sejam realmente paralelos, enquanto o vs. 7 é uma expansão hebraica, posta entre esses versículos.

Se fores tão insensato a ponto de aceitar o convite de jantar da parte de um homem parcimonioso, então os acepipes que tiveres comido serão vomitados. Em outras palavras, em algum tempo, aquele homem do olho mau requererá que lhe pagues de volta o que ele te ofereceu em sua “generosidade” hipócrita. Tu ficarás enojado por esse tipo de generosidade e sentirás vontade de vomitar. E tu ficarás triste por haveres aceitado o convite daquele homem.

Sinônimo. De todas as coisas boas que tu dissesse durante o jantar, nenhuma delas terá sido dita em vão. Tu terás dilapidado tuas palavras agradáveis. A conversa durante o jantar foi boa, mas não foi boa, afinal. Tu louvaste o homem por sua generosidade, mas tudo não passava de uma farsa.

23.9

Não fales aos ouvidos do insensato. Encontramos aqui um duplo simples de duas linhas, o que é comum e característico da seção de Pro. 10.1-22.17, mas não no caso à nossa frente (ver Pro. 22.17-24.34).

Nona Declaração

O autor prossegue com suas trinta declarações, em imitação aos trinta capítulos da obra egípcia *Instruções de Amen-em-Ope*. Aqui, os paralelos do capítulo 21 são Pro. 22.11,12. Ver as notas expositivas sobre Pro. 22.22 quanto a explicações, e o gráfico acompanhante quanto a detalhes. Diz o paralelo egípcio:

*Não esvazies tua alma interior diante de todos,
nem estragues (dessa maneira) a tua influência.*

A tentativa de ensinar um insensato é uma tarefa impotente e sem agradecimentos. Ele não aprende porque não quer fazê-lo. Tal pessoa não tem respeito pela lei de Moisés, com seus mais de 600 mandamentos para não fazer isto ou fazer aquilo. Tal pessoa não está atrás da sabedoria. Ela tem seu próprio manual, baseado no auto-interesse, e não na espiritualidade.

Insensato. Esta palavra é tradução do termo hebraico *kesil*, que significa uma pessoa embotada, de cabeça dura, teimosa, não inclinada a ouvir a ninguém.

Sinônimo. Visto que estás te intrometendo em seu negócio desonesto e condenando o seu estilo de vida mediante as tuas instruções, esse homem não te ouvirá meramente, mas também desprezará a tua sabedoria baseada na lei. Esse é um exemplo veterotestamentário de lançar pérolas aos porcos (ver Mat. 7.6). Cf. este provérbio com Pro. 9.8. O homem bom, em contraste, haverá de amar-te, juntamente com o que disseres, porquanto tu o ajudarás a melhorar a sua conduta.

23.10,11

Não removas os marcos antigos. Encontramos aqui outro provérbio de dois versículos. Há cerca de vinte deles na seção à nossa frente. Ver as notas expositivas no vs. 17, sob *Apresentação das Declarações*.

Décima Declaração

Temos aqui um paralelo das *Instruções de Amen-em-Ope*, em seu capítulo 6, e em Pro. 7.12-15.

Os limites são sagrados e não podiam ser modificados com impunidade. Representavam a provisão da lei em favor de todo o Israel. Em Israel não havia famílias destituídas de terreno, e os limites garantiam a preservação das terras familiares. Ver Pro. 22.28, onde encontramos declaração similar e onde ofereço a exposição sobre o assunto.

Sinônimo. A segunda linha do vs. 10 reforça o mandamento contido na primeira linha, e o vs. 11 reforça as duas. O *goel*, ou seja, o vingador (redentor) saíra atrás do culpado se este tentasse fraudar as terras de uma família. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Goel (Remidor)*. Algum tipo de vingança seria tomado.

Note o leitor que os vss. 10b-11 são paralelos de Pro. 22.22,23. O homem que fraudasse a questão das terras de uma família injuriava viúvas e órfãos, que dependiam das terras para viver (a segunda linha do vs. 10). Portanto o Defensor (o *goel*) viria com ira e executaria aqueles homens indignos (vs. 11). Yahweh preocupava-se com filhos sem pais (ver Deu. 10.18; Sal. 10.14,17,18; 68.5; 82.3 e 146.9). Portanto, o fraudador de terras enfrentaria a ira divina. Alguns estudiosos fazem a Palavra "Vingador" (Redentor) ser grafada com inicial maiúscula, conforme faz a nossa versão portuguesa, para dar a entender que esse Vingador é Deus. Isso promete a retribuição divina, mas outras traduções preferem ficar com a idéia do *goel* humano. "O Poderoso Libertador (Êxo. 6.6) se vingará dos erros cometidos" (Ellicott, *in loc.*).

"Nada fiques com o que pertence a um órfão. A mais pesada maldição divina cairá sobre aquele que fizer isso... pois, não tendo eles nenhum parente, Deus tomará a causa deles e os vingará" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Jer. 39.10.

Introdução às Declarações de Pro. 23.12-30

23.12

Pro. 22.17-21 introduz a seção de Pro. 22.18-23.11. Agora temos outra declaração introdutória. Mas alguns eruditos vêem uma segunda coletânea de declarações, a partir de Pro. 23.15-24.22, e essa é uma idéia diferente quanto a arranjos.

Seja como for, o vs. 12 é similar a Pro. 22.17. As notas dadas ali aplicam-se aqui, igualmente. O vs. 12 é duplo, ou seja, uma declaração em duas linhas. Ver Pro. 22.17 quanto aos vários tipos de declarações na seção de Pro. 22.17-24.22.

Aplica o teu coração. Ver Pro. 23.17b quanto à mesma declaração, bem como os comentários sobre aquele versículo, que tenta encorajar o estudante a ser diligente em seus estudos. O seu manual é a lei, e o homem de sabedoria faz disso sua razão de viver. Assim sendo, obtém uma vida longa e próspera e muitas recompensas ao longo do caminho. Quanto a instruções, ver Pro. 1.2.

Sinônimo. O ouvido deve ser inclinado (ver Pro. 22.17) ou aplicado (o que fica implícito em 23.12). Ver sobre *Ouvir* (Pro. 4.20) e *Coração* (4.23). Todos esses termos ordenam diligência e singeleza de coração, entusiasmo pela lei e seus ensinamentos, conforme são fomentados pelas declarações da sabedoria. O homem que é um entusiasta da lei obtém a sabedoria, e a sabedoria, por sua vez, transmite vida (ver Pro. 4.13).

Este versículo tem sido cristianizado para falar do conhecimento que a missão de Cristo nos trouxe, bem como de Cristo como nossa sabedoria (ver I Cor. 1.30).

23.13,14

Não retires da criança a disciplina. Encontramos aqui outro provérbio de dois versículos que trata da criação e da disciplina das crianças. Quanto à nota de sumário sobre essa questão, ver Pro. 13.24, com idéias adicionais em Pro. 22.15. Um bom ensino e um bom treinamento, segundo se supunha, obtém sucesso: crianças sábias seguiam pais sábios, pois a sabedoria é derivada da lei de Moisés, fomentada pelas declarações da sabedoria. Ver os tipos de provérbios na seção de Pro. 22.17-24; e ver em Pro. 22.17 a seção intitulada *Apresentação das Declarações*.

Décima Primeira Declaração

Temos aqui a décima primeira dentre trinta declarações (Pro. 22.20). Não há paralelo com as *Instruções de Amen-em-Ope* (ver as notas em Pro. 22.27). Ambos os versículos encorajam que se aplique a punição corpórea como elemento de um bom treinamento e disciplina. A linha sinônima do vs. 13 assegura-nos que a disciplina física de uma criança não a mata, mas isso, por certo, foi dito com certo toque de humor. O autor sacro encorajava os leitores a ser moderados para poupar a vida da criança. Sabe-se de casos de espancamentos que levaram crianças à morte; mas nenhum homem sábio deixaria-se envolver nisso. De fato, existem melhores maneiras de disciplinar uma criança do que as surras, e bons pais as aplicarão com tanta eficácia como é o caso da vara da disciplina.

O vs. 14 reforça o vs. 13, e a vara, ao ser usada (primeira linha), pode livrar uma criança da morte (segunda linha), longe de levá-la à morte. A palavra *sheol* é usada. Sabemos que somente na doutrina posterior dos hebreus o *sheol* tornou-se um lugar de punição para a alma imaterial e imortal (ver Dan. 12.2), não havendo razão alguma para vincular esse significado à declaração deste versículo. O autor sagrado referia-se tão-somente à morte física. Um filho insensato estará cortejando a morte prematura e/ou violenta, que é a advertência contida na segunda linha, sinônima.

O *sheol* (ver no *Dicionário* sobre esse nome e sobre *Hades*) foi visto por diferentes ângulos através dos séculos. A doutrina do *sheol* teve seu desenvolvimento. Traço esse crescimento no artigo do *Dicionário* chamado *Hades*, bem como em Pro. 5.5, pelo que não repito essa informação aqui.

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre a punição para além-túmulo, mas tal conceito sem dúvida é anacrônico aqui. Fausset (*in loc.*) encoraja os pais a orar enquanto fustigam os filhos com a vara, para se manterem moderados, mas essa idéia é por demais ridícula para ser comentada aqui. Seria mais aconselhável orar para encontrar outras maneiras de disciplinar, que se mostrassem tão eficazes quanto o castigo físico.

Segunda Coletânea dos Provérbios para os Sábios (23.15 – 24.22)

A primeira coletânea é constituída pelo trecho de Pro. 22.17 – 23.14. Ver a introdução à seção geral em Pro. 22.17. Já vimos onze dos trinta provérbios. Quanto a esse número, ver Pro. 22.20.

23.15,16

Filho meu, se o teu coração for sábio... Estes dois versículos constituem um par e chamam a atenção dos leitores com um provérbio.

Décima Segunda Declaração

Não há nenhum paralelo entre estes dois versículos e as *Instruções de Amen-em-Ope*. Ver as notas no vs. 22.17, quanto a informações sobre essa obra literária egípcia.

Filho meu. Estas palavras que iniciam a seção à nossa frente aparecem por diversas vezes. Ver sobre elas em Pro. 1.8. Algumas vezes, um pai e um filho literal estão em vista, mas nesta seção devemos pensar no mestre (o pai espiritual).

al) e no estudante (o filho espiritual). Ver sobre a expressão *meu filho*, nos vss. 15,19; 24,13,21. O filho deve obter uma fé sentida no coração, mediante o estudo da lei. Ver sobre *Coração*, em Pro. 4,23. A fé não podia ser meramente cerimonial ou ritualista. No vs. 26 o pai diz: "Dá-me, filho meu, o teu coração". Dedicção e afeição estão envolvidas. O filho deve seguir os conselhos de seu pai, se tiver de obter a sabedoria. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sabedoria*. O coração do estudante tinha de ganhar sabedoria, pois, do contrário, ele terá dilapidado o seu tempo na escola do mestre.

Sinônimo. O coração do mestre se encheria de alegria se o coração do estudante obtivesse sabedoria. Quanto a um filho sábio que faz o coração de seu pai alegrar-se, ver também Pro. 10,1; 15,20; 23,24; 27,11 e 29,3. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alegria*. Cf. este versículo com I Tes. 2,19,20; II João 4 e III João 4. A sabedoria é justificada por seus filhos (ver Luc. 15,5,6; Mat. 11,10. Cf. Luc. 15,7,10,23,24).

Exultará o meu íntimo. Literalmente, no hebraico, temos aqui uma menção aos rins. Os antigos pensavam que os rins eram a sede dos afetos, e assim, metaforicamente, a palavra *coração* pode ser usada nas traduções. Mas as crenças sobre esses órgãos, entre os hebreus, eram complexas, e ofereço um artigo detalhado sobre *Rins*, no *Dicionário*. Talvez por isso, os revisores de nossa versão portuguesa tenham preferido a palavra "íntimo", indicando os recessos da alma humana. O fato é que aqui o íntimo se regozija, tal como no vs. 15 o coração é que aparece como sábio.

Sinônimo. Muitas coisas são capazes de fazer o coração do mestre regozijar-se, mas uma das razões seria quando o filho fala o que é certo. Tendo aprendido a lei, ele está equipado para falar palavras corretas de instrução a outras pessoas, tornando-se assim um mestre. Outras pessoas ouvirão suas palavras e também obterão sabedoria. Um coração sábio se revela por aquilo que a boca diz. Cerca de cem provérbios abordam o uso próprio e impróprio da linguagem. Ver Pro. 11,9,13 e 18,21 quanto a notas de sumário sobre esse assunto. Ver também, no *Dicionário*, o verbete denominado *Linguagem, Uso Apropriado da*.

*Fala, meu Senhor, fala, meu Senhor,
Fala, e Te seguirei prontamente.*

"A verdadeira sabedoria começa no coração (vs. 15); seu coroamento é a profissão e a confissão dos lábios, para a glória de Deus e para o bem dos homens" (Fausset, *in loc.*).

23.17,18

Não tenha o teu coração inveja dos pecadores. Temos aqui outros dois versículos que compõem um provérbio. Isso acontece por cerca de vinte vezes na seção de Pro. 22,17-24,34. Ver os vários tipos de provérbios existentes nesta seção, em Pro. 22,17, sob o título *Apresentação das Declarações*.

Décima Terceira Declaração

Este par de versículos apresenta-nos a décima terceira dentre as trinta declarações (ver Pro. 22,20). Não há paralelo entre estes dois versículos e as *Instruções de Amen-em-Ope* (ver as notas expositivas em Pro. 22,22).

"Invejar os pecadores (Cf. Pro. 3,31; 24,1,19; Sal. 37,1), querendo fazer o que eles fazem, é algo insensato, pois neles não há esperança (ver Pro. 24,20). Os prazeres imediatos do pecado não podem comparar-se à esperança final associada ao temor do Senhor (Cf. Pro. 19,23; 24,21)" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Os homens invejam os pecadores quando estes prosperam, esquecidos da nulidade essencial das riquezas materiais. Ver Sal. 37,1 e 73,3. Um sábio terá alvos mais elevados do que um insensato.

Antítese. Em vez de emular os pecadores de maneira ridícula, os sábios ansiarão por aprimorar a espiritualidade, no "temor do Senhor". Ver Pro. 1,7 quanto a uma nota de sumário. Ver também Sal. 119,38 e, no *Dicionário*, ver o verbete chamado *Temor*, quanto a detalhes completos, que não reitero aqui. Está em vista a espiritualidade própria do Antigo Testamento, com sua obediência à lei, que serve de guia (ver Deu. 6,4 ss.).

Todo dia. Está em pauta uma prática contínua e a condição de manter esse temor, no coração, o dia inteiro.

Este versículo reforça o vs. 17. Há futuro para o homem bom, em contraste com o homem ímpio, que pode causar inveja. Haverá um galardão para a piedade (ver Pro. 24,14,20; Sal. 37,37). Contraste com Pro. 5,4. O vocábulo hebraico 'aharith "denota o resultado da vida do homem reto, isto é, o seu galardão. Esse é o fim que coroa tudo quanto aconteceu antes: ver Pro. 5,4 e 19,20. Pro. 23,18b é quase idêntico a Pro. 24,14b" (Charles Fritsch, *in loc.*).

Sinônimo. A esperança de um homem bom não será frustrada, como a esperança do iníquo. Ele terá vida longa, próspera e saudável, com o cumprimento pleno de sua missão. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Cf. com a idéia neotestamentária da "manifestação dos filhos de Deus" (ver Rom. 8,19), quando os remidos assumirão a natureza do Filho (ver I João 3,2).

23.19

Ouve, filho meu, e sê sábio. O vs. 19 introduz outro provérbio em duas linhas. O estudante é novamente convocado a ser atento e diligente no caminho da espiritualidade. Ver sobre *Ouvir*, em Pro. 4,20. Ao confiar e obedecer, o estudante torna-se sábio e assim cumpre as expectativas de seu pai espiritual, o mestre. "Confia e obedece, pois não há outra maneira de ser feliz em Jesus, para então confiar e obedecer" (J. H. Sammis). O coração de um bom estudante (ver Pro. 4,23) será guiado ao longo do caminho, através da lei, fomentada e interpretada pelas declarações de sabedoria. Quanto à lei como guia, ver Deu. 6,4 ss. O fato de alguém ser guiado é a segunda linha sinônima da chamada à obediência e à diligência.

Décima Quarta Declaração

Os vss. 20-21 constituem a declaração que não tem paralelo nas *Instruções de Amen-em-Ope* (ver as notas sobre Pro. 22,17). Alguns incluem o vs. 18, perfazendo uma declaração em três versículos. Mas isso parece ser uma chamada introdutória aos homens bons para trilhar o reto caminho (ver a *metáfora da vereda* em Pro. 4,11, bem como o *contraste entre o bom e o mau caminho*, em Pro. 4,27). Parte da idéia de seguir esse caminho certo é dada na declaração a seguir, contra a bebedeira.

23.20,21

Contra a Bebedeira e a Glotonaria. O primeiro destes dois versículos ataca ambos os pecados. Ver Pro. 23,29 contra o primeiro deles. Ver a exposição sobre Pro. 20,1. Outros versículos contrários à bebedeira excessiva são Pro. 22,29-35 e 31,4,5. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Bebida, Beber*, para detalhes completos sobre o assunto.

Sinônimo. Um pecado semelhante ao da bebedeira é o comer em excesso. Quanto à *glotonaria*, ver Pro. 23,2. Cf. Mat. 24,49; Luc. 21,34; Rom. 13,13; Efê. 5,18. Um sábio controlará seu apetite e praticará a moderação em todas as coisas (ver Fil. 4,5).

Já o vs. 21 reforça os ensinamentos do vs. 20. Ambos os vícios tendem à pobreza, por causa das despesas que causam e também porque tornam as pessoas sonolentas e improdutivas, terminando assim vestidas em trapos, o que é um constante sinal de pobreza. Essa é a segunda linha, sinônima do provérbio.

"O comer em excesso e o alcoolismo provocam a sonolência nos homens, incapacitando-os para os negócios e tornando-os preguiçosos e ociosos. Gastam tudo quanto ganham com seu ventre, e assim não têm nada para comprar vestes que lhes protejam as costas, e terminam vestidos com trapos. Ver Pro. 24,33,34" (John Gill, *in loc.*). Ver sobre *Preguiça*, em Pro. 6,6 e 19,15.

Décima Quinta Declaração

23.22,23

Ouve a teu pai, que te gerou. Novamente temos um provérbio de dois versículos. Quanto aos tipos de declarações desta seção (Pro. 22,17-24,34), ver Pro. 22,17, sob o título *Apresentação das Declarações*. Esta declaração não tem paralelo nas *Instruções de Amen-em-Ope* (ver Pro. 22,17 quanto a informações). Recebemos mais instruções sobre a necessidade de obedecer a pai e mãe, nossos primeiros professores. Eles prepararam o caminho para o mestre e sua escola da lei e das declarações da sabedoria, que aperfeiçoam a espiritualidade que os pais iniciaram.

No vs. 22 aprendemos que o pai de um homem deve ser ouvido quando está instruindo (ver sobre o ato de *Ouvir*, em Pro. 4,20). A segunda linha, que é sinônima, requer o respeito pela mãe, no sentido de que ela não seja desprezada pelo filho, que age contra suas boas instruções e seu treinamento. O quinto mandamento requer esse tipo de reação da parte de um filho (ver Êxo. 20,12). Cf. Pro. 1,8; 30,17 e Efê. 6,1,2, onde encontramos instruções similares.

No vs. 23 aprendemos que aquilo que os pais do estudante lhe ensinam, e o mestre continua a enfatizar, deve ser comprado pelo aprendiz e jamais vendido. Em outras palavras, mediante esforço ele deve obter a sabedoria como possessão permanente. A sabedoria deve ser tão preciosa que ele nunca a venderá, ou seja, nunca a abandonará, como também jamais abandonará a vereda que ela ensina. É usada aqui uma metáfora comercial. Um bom estudante está ocupado em um negócio espiritual, procurando e obtendo o tesouro que fora ocultado no campo, bem como a pérola de grande preço (ver Mat. 13,44,46).

Sinônimo. A verdade que um homem compra é a verdade da lei, agora explicada como algo que contém os elementos da sabedoria, da instrução e do entendimento, as descrições padronizadas da lei e seus benefícios, no livro de Provérbios. As declarações da sabedoria foram compostas para possibilitar a sua compra. Ver os vss. 12-13 deste capítulo, e ver sobre *entendimento*, em Pro. 1.2-6. Ver também Pro. 4.5,7, onde encontramos os mesmos elementos deste versículo.

Essas coisas boas são obtidas da parte de Deus (ver Tia. 1.5), o qual dá a cada homem, liberalmente, sem palavras duras, por causa da ignorância humana. Ver também Isa. 55.1; Apo. 3.18.

Décima Sexta Declaração

23.24,25

Grandemente se regozijará o pai do justo. Novamente temos um provérbio em duas partes, e cada uma delas tem duas linhas, e a segunda de ambas é sinônima. Ver as notas sobre Pro. 22.17 quanto aos vários tipos de declarações na seção de Pro. 22.17-24.34. Esta declaração não tem paralelo nas *Instruções de Amen-em-Ope* (ver Pro. 22.22 para informações a respeito). Essa declaração reforça a de número quinze, que requer que os estudantes sejam obedientes aos pais, com resultados de alegria em ambos os casos. Cf. Pro. 23.15,16, onde o pai espiritual do estudante, o mestre, alegra-se por ter-se tomado o seu filho um homem sábio, conforme suas instruções. Ver as notas expositivas em Pro. 13.24 e 22.6,15 quanto à apropriada educação de filhos.

Se o menino comprar a verdade da lei (com sua sabedoria acompanhante, suas instruções e seu entendimento; vs. 23), então o pai reto será cheio de alegria, porquanto o filho se tornou um homem reto. Ele gerou aquele filho e agora lhe dá um segundo nascimento, duplicando nele a sua pessoa espiritual.

Sinônimo. A genitora do menino (a mãe dele) também seria tomada de alegria, porque seu filho estava transformando-se em uma pessoa espiritual, mediante outro tipo de geração espiritual. Cf. Pro. 10.1 e 15.20. Ver também II Tim. 1.5.

O vs. 25 é, virtualmente, uma repetição do vs. 24, composto de duas linhas, a primeira referindo-se ao pai e sua alegria, e a segunda (sinônima) descrevendo a alegria da mãe. Filhos sábios trazem felicidade aos pais, ao mesmo tempo que filhos desobedientes lhes causam tristeza. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alegria*. Muita coisa no caráter de um homem pode ser aprendida por meio daquilo que o torna feliz. Um homem bom se alegra por causa de outro homem bom, e não necessariamente por alguém que é bem-sucedido nas coisas temporais. Os valores espirituais estão muito acima dos valores materiais, e onde estiver o tesouro de um homem, aí estará, igualmente, o seu coração (ver Mat. 6.21).

23.26-28

Dá-me, filho meu, o teu coração. Temos aqui outra declaração em duas linhas que tem a sua própria introdução, conforme já vimos nos vss. 19-21. Alguns simplesmente preferem fazer este provérbio ter três linhas, mas prefiro a outra idéia como mais exata.

Décima Sétima Declaração

Ver Pro. 22.17 quanto aos vários tipos de provérbios que a seção de Pro. 22.17-24.34 contém, sob o título de *Apresentação das Declarações*. Esta declaração, por igual modo, não tem paralelo nas *Instruções de Amen-em-Ope* (ver informações em Pro. 22.22). O mestre, o pai espiritual, adverte o filho (o estudante em sua escola, seu discípulo) a ter cuidado com as mulheres de costumes frouxos, assunto ao qual o autor sagrado dedicou duas declarações de duas linhas cada, com segundas linhas sinônimas.

A Advertência: Uma Chamada à Atenção

O mestre chama o estudante, intitulado-o de *meu filho*, para que lhe dê o seu coração. Em outras palavras, ele deveria ter uma fé sentida no coração (ver Pro. 4.23), sendo transformado pela lei e pelas declarações de sabedoria que a fomentam. Cf. esta primeira linha com Pro. 23.15,17,19. O dom do coração é o mais precioso que um homem pode dar a outra pessoa ou então a Deus. Ver Mat. 22.37, sobre a ordem para amar. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor*.

*Dá-me teu coração, diz o Pai lá em cima,
Nenhum dom é tão precioso para Ele como o teu amor.
Suavemente Ele sussurra, onde quer que estejas:
Confia em mim, agradecido, e dá-me o teu coração.*

(Eliza H. Hewitt)

“Dá-me o teu coração. Observa as minhas instruções; segue-me; faz o que é correto diante de meus olhos. Acredita! Ama! Obedece! Essa é a súplica dos conselhos de Deus para a criança de todo homem” (Adam Clarke, *in loc.*).

Advertência contra a Prostituta

Vs. 27. O homem que dá seu coração ao mestre não o dará a prostitutas ou adúlteras. Advertências contra os desvios sexuais são comuns no livro de Provérbios. Cf. Pro. 5.20; 6.24; 7.5 e 20.16. Ver Pro. 7.6 ss. quanto a um relato gráfico de uma sedução. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Prostituição* e *Adulterio*. A prostituta é como uma cova profunda na qual os insensatos caem como se fossem um pobre animal apanhado por um caçador numa armadilha. O animal será morto para render qualquer valor que as partes de seu corpo tenham no mercado.

Sinônimo. Nesta segunda linha, o mestre empregou outra metáfora, a do poço profundo e estreito no qual um homem (usualmente uma criança) poderia cair. Ocasionalmente, ficamos admirados por causa de alguma história de crianças que caem em poços. Também é estonteante quando um homem é apanhado no poço da imoralidade sexual. As mulheres aventureiras encontram muitas vítimas fáceis. Alguém já disse: “Um homem gosta de ser seduzido”. Ele é uma vítima voluntária e facilita a caça e a queda. Cf. Pro. 22.14, onde a boca de uma mulher sedutora é uma cova profunda. Yahweh fica muito irado pelo homem que é tão insensato a ponto de cair na armadilha das palavras suaves de uma mulher. Quanto às palavras de uma prostituta ou esposa desviada, ver Pro. 2.16.

Vs. 28. Para reforçar a declaração do vs. 27, o mestre adicionou outra metáfora que descreve a prostituta. Agora ela é comparada a um ladrão que arma emboscada para a sua presa, e fere ou mata para obter o que quiser, saqueando a vítima. Como um criminoso violento está sempre à espreita, fazendo mais e mais vítimas, assim também acontece com a sedutora que vive à espreita.

A Estranha Omissão. Todas as passagens do livro de Provérbios que avisam contra o sexo imoral também descrevem a mulher sedutora. Mas não há nenhuma advertência que exorte os homens a deixar as mulheres em paz, que é o que mais comumente acontece no mundo “lá fora”. Adam Clarke (*in loc.*) queixou-se a respeito das “bebidas alcoólicas e das mulheres que levam milhões de pessoas a transgredir”; mas muitos milhões mais vêm do lado masculino, e, enfrentemos a realidade, as mulheres é que usualmente são as vítimas, e não as agressoras.

Sinônimo. O número de vítimas cresce cada vez mais, e aumentam as transgressões entre os homens. Assim prossegue o sórdido jogo. Os vícios sexuais, fonte de intermináveis transgressões, não cessam.

A Tirada contra o Alcoolismo

23.29

Para quem são os ais? para quem os pesares? Vss. 29-35. Temos aqui o mais longe e articulado ataque contra o uso imoderado das bebidas alcoólicas no livro de Provérbios. Para atingir o seu propósito, o autor sagrado introduz a questão com seis perguntas (vs. 29). Em seguida, fornece o tipo normal de provérbios de duas linhas cada (vss. 30-34). O autor sacro concluiu suas considerações com várias declarações (vs. 35). Isso posto, em sete versículos temos o estudo completo da questão, de uma maneira incomum. Quanto aos tipos de declarações existentes na seção de Pro. 22.17-24.34, ver as notas sob o título *Apresentação das Declarações*, Pro. 22.17.

Décima Oitava Declaração

Esta declaração, que na realidade é um discurso, não tem paralelo nas *Instruções de Amen-em-Ope* (ver Pro. 22.22 quanto a informações).

Temos aqui no vs.29 seis questões que nos alertam quanto aos danos causados pelas bebidas alcoólicas. Ver também Pro. 20.1; 23.20,21 e 31.4,5. Ofereço uma nota de sumário em Pro. 20.1. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Bebida*, *Beber* e *Bebedice*.

As Seis Perguntas:

1. Que pode produzir “ais” como o alcoolismo? Os problemas criados pelo alcoolismo são pessoais, familiares e sociais. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alcoolismo*.
2. O que gera tais tristezas — a mente embotada, o emprego perdido, os pais envergonhados e a família entristecida e quebrada, o divórcio, os filhos orfanados, cujo pai está presente mas é como se não o estivesse?
3. O que causa tantas contendas — as discussões intermináveis, os problemas sociais, as brigas nos bares, as detenções na rua, a permanência nos cárceres?
4. O que causa tantas queixas da parte das esposas, os maridos descontentes, os apelos inúteis das crianças, as queixas por parte da vizinhança?
5. O que causa tantos problemas físicos — os espancamentos aplicados pelos

policiais, as brigas com outros bêbados que deixam ferimentos, as feridas infligidas contra as esposas e os filhos, o fígado estragado, o cérebro prejudicado?

6. O que causa olhos tão rapidamente injetados de sangue, o olhar vago, a face avermelhada, a aparência de “bêbado”, tão fácil de distinguir? Embriagar-se é uma coisa má (Pro. 20.1). É algo acompanhado por torturas pessoais e familiares, dos amigos e da sociedade. Produz pobreza e desgraça (vss. 20,21). O sábio, pois, evitará tudo isso. Ver Eclesiástico 31.4,5 quanto a um paralelo próximo.

23.30

Para os que se demoram em beber vinho. Os que sofrem todos os problemas listados no vs. 29 são as “moscas de bares”, conforme diz uma expressão moderna em inglês. E, quando essas pessoas chegam em casa, continuam a procurar a garrafa, companhia constante, que em breve se torna razão de viver.

Sinônimo. A fermentação natural produz somente um conteúdo de 8% de álcool. As bebidas alcoólicas modernas têm uma taxa maior de álcool, mas a “bebida misturada” deste texto era combinada a especiarias, para enriquecer o paladar. Os antigos misturavam água com suas bebidas fortes, mas isso provavelmente não está em vista aqui. O Targum fala nas “casas de misturas”; a versão siríaca fala em “casa de festejos”; e as versões árabe e Septuaginta falam em “rodadas de bebida”. O Targum e o siríaco também mencionam bebedeiras públicas, referindo-se às ocasiões em que os homens se reúnem com outros do mesmo tipo, para compartilhar de sua vergonha.

23.31

Não olhes para o vinho, quando se mostra vermelho. O vinho tem um colorido atrativo para os olhos ou, pelo menos, para os olhos daquele que gosta de se embriagar. Também é agradável ao olfato. E os bebedores gostam da sensação de estar bêbados, um prazer complexo e deleitoso para eles.

Esta declaração é um trío:

1. O vinho tem aquela cor vermelha tão agradável à vista. O vinho lampeja e é delicioso. Popularmente, a cor vermelha faz lembrar a fermentação, mas não é a idéia desta parte do versículo. Todos os vinhos da terra de Canaã eram vermelhos, e era essa a cor que tanto atraía a visão dos bebedores. Esta primeira parte do versículo é, na realidade, equivalente a dizer: “Tu, bebedor — deixa de olhar para o vinho. Olha para alguma outra coisa, para variar. Encontra outra distração”.
2. Não olhes para o vinho quando ele “dá seu olho” (conforme diz o hebraico, literalmente), ou seja, quando faísca no copo, parecendo tão atrativo. Os que amam falam sobre os olhos faiscantes daqueles a quem amam. O de que os bebedores mais gostam é daqueles olhos faiscantes do vinho, tão belos ali no copo, convidando-os a participar.
3. “E se escoar suavemente”, ou seja, quando está sendo servido. Desce tão gostoso garganta abaixo; faz aquele que bebe sentir o líquido passar pela garganta e aquecer o estômago. O hebraico original diz aqui, literalmente, “desce direto”, o que leva alguns comentadores a pensar nos movimentos causados no alambique, uma referência aos movimentos produzidos pela fermentação. Mas a passagem do vinho pela boca e pela garganta dos bebedores, que lhes parece tão agradável, provavelmente é o que esta referência quer salientar.

23.32

Pois ao cabo morderá como a cobra, e picará como o basilisco. Enquanto o vinho desliza tão agradavelmente pela garganta abaixo, na realidade é como uma serpente que pica e enche a vítima de veneno fatal. É isso o que acontece no final, depois que o indivíduo insensato foi enganado por todas aquelas sensações deleitosas que o vinho oferece. “É tão devastador e doloroso como uma mordida de serpente” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Ai daqueles que se mostram bravos ao misturarem, e poderosos diante da taça de misturar.

(Isaías 5.22, Moffatt)

Os bebedores continuam a contemplar “sua bebida” e ficam encantados diante do que vêem; misturam especiarias para obter um gosto melhor; e bebem e continuam bebendo, pensando ter encontrado a razão de estarem vivos. Ficam bêbados por muitas vezes e desfrutam de cada bebedeira — mas então a serpente os pica. São apenas um bando de insensatos enganados. O corpo se debilita e o cérebro é atacado; eles passam por delírios de tremor e se enchem de estranhas alucinações. Meus amigos, conheci um homem que evidentemente foi iludi-

do por uma dessas sessões de alucinações como se fosse uma visão divina; ele entrou em uma igreja evangélica por causa disso! Permaneceu ali por algum tempo e sentiu-se glorioso como um homem que tivesse recebido uma visão do Senhor. Mas em breve caiu de novo em seu antigo vício. Pessoalmente, não acreditei na história desde o começo, pois simplesmente não conseguia entender como o Senhor daria a um homem uma visão em um bar.

Sinônimo. A cobra é agora chamada de basilisco, serpente venenosa que pica as vítimas. Mas não há nenhuma diferença quanto ao significado. Trata-se apenas de uma variação poética, para efeito de ênfase. O álcool, uma vez circulando na corrente sanguínea, mata células do cérebro. O dano assim causado é tão grande, nos alcoólatras confirmados, que o cérebro deles não se presta mais para estudos científicos.

23.33

Os teus olhos verão cousas esquisitas. Temos aqui uma referência direta ao *delirium tremens*, bem como às alucinações provocadas pelo alcoolismo adiantado. Algumas dessas alucinações serão sobre “coisas naturais”, como prostitutas convidando o homem ao seu leito. A maioria dos bebedores fica sexualmente aviltada. A maioria passa a perseguir mulheres. Até em suas alucinações ficam agradados (ou atormentados?) por mulheres de vida fácil. Mas o termo hebraico aqui usado, *zaroth*, pode ser entendido como coisas estranhas. Na realidade, essa palavra hebraica pode significar tanto uma quanto outra coisa. Mas haverá alucinações que envolvem terrores e monstros, “visões horríveis e fantásticas”, no dizer de Ellicott (*in loc.*).

Sinônimo. Um homem aviltado pelo álcool terá uma linguagem aviltada. Ou então essa linguagem se manifestará interiormente, no coração, murmúrios ímpios associados a visões aterrorizantes. As noções de certo e errado desse homem se tornarão completamente distorcidas.

*Um bêbado pode matar a própria mãe;
E pode abusar de sua irmã.
Ele perdeu de todo o autocontrole.*

(Herbert)

Winston Churchill perguntou, certa feita, a Bernard Shaw se era realmente verdade que ele nunca bebera coisa alguma. E Shaw replicou: “Já sou difícil de manter-me controlado como sou” (isto é, sem adicionar as bebidas alcoólicas, que distorcem a conduta).

23.34

Serás como o que se deita no meio do mar. Em seu estado de alucinações, o homem terá toda a espécie de imaginação distorcida. Pensará estar deitado no meio do mar, talvez afundando, talvez flutuando. Ele balança enquanto caminha, e pensa que seus movimentos se devem a esse fato, e não à sua condição anormal de bêbado.

Sinônimo. As alucinações do bebedor tornam-se tão terríveis que ele pensará estar deitado no topo de um mastro, a balançar para cá e para lá com os movimentos da embarcação onde está o mastro. “Em seu estupor, ele poderá imaginar estar movimentando-se como um marinheiro, balançando no alto do mastro de um navio” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

23.35

E dirás: Espancaram-me, e não doeu. O autor sagrado termina a sua diatribe contra as bebidas alcoólicas com seis declarações, sendo que cinco são afirmações e uma é uma pergunta, da mesma maneira que começou fazendo seis perguntas. Mas as perguntas eram dele (vs. 29), ao passo que as declarações são de um bebedor.

1. O bebedor foi espancado, mas se mostrou insensível à dor. Talvez ele se vanglorie disso, pensando ser um sujeito durão.
2. O bebedor não foi ferido, a despeito do espancamento que recebeu. Ele confunde sua insensibilidade à dor com alguma coisa boa, tal como: “Posso suportar qualquer coisa. Sou forte. Sou invencível”.
- 3 e 4. Essas duas declarações repetem as de números 1 e 2. Em sua admiração, o bebedor repetiu suas idéias. Ele pensa que se tornou um super-homem.
5. Em seguida, ele faz a si mesmo a pergunta: “Quando eu despertar deste estupor, ou de ser espancado por aqueles que me ferem, que farei?”. Ou então o significado é: Depois que ele dormiu, e os efeitos da bebida alcoólica passaram, o que ele deve fazer? Deve ele abandonar aquele modo ridículo de vida, jogar fora seu estoque de garrafas de vinho, e ir estudar a lei na escola do sábio? Não! Pelo contrário, ele voltará à garrafa de novo.

6. Ao despertar, o bebedor exclama: "Onde está a garrafa de vinho? Preciso de um gole". Ele acaba de passar por um ciclo de terror, mas, assim que for capaz, começará tudo de novo. Tal é o caminho do pecado, em que um homem é amarrado às correntes de maus hábitos. Ele perdeu a força de vontade; perdeu o controle sobre a própria vida. Ele só tinha poder de prosseguir em seu mau caminho; está fora do alcance da mudança. Tornou-se prisioneiro nas correntes que ele mesmo forjou.

Capítulo Vinte e Quatro

Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 23 e 24. Ver a introdução à seção de Pro. 22.17. É ali que começa a primeira coletânea das declarações dos sábios. A seção geral é Pro. 22.17-24.34. A primeira coletânea fica em Pro. 22.17-23.14; a segunda fica em Pro. 23.15-24.22; e a terceira em Pro. 24.23-34. Portanto, continuamos aqui com a segunda seção.

Décima Nona Declaração

24.1,2

Não tenhas inveja dos homens malignos. Encontramos aqui outro provérbio em dois versículos, ambos com duas linhas, em que a segunda é sinônima da primeira. A seção de Pro. 22.17-24.34 tem vários tipos de declarações, ou seja, vários arranjos. Ver sobre isso em Pro. 22.17, sob o título *Apresentação das Declarações*. A declaração dos vss. 1-2 não tem paralelo nas *Instruções de Amen-em-Ope* (ver Pro. 22.22 quanto a informações). Ver também o gráfico acompanhante quanto a detalhes.

Vs. 1. O autor sagrado nos leva de volta ao assunto abordado em Pro. 23.17, onde ofereço notas expositivas. Um homem bom não deve invejar os pecadores, por causa do dinheiro que eles são capazes de amealhar por meios duvidosos; nem existe coisa alguma, em torno dessas pessoas, que deva atrair a atenção dos homens bons. Os textos sobre não invejar os pecadores são Pro. 3.31; 23.17; 24.1,19. Ver também Sal. 37.1.

Sinônimo. Um homem sábio evitará até mesmo manter-se em companhia dos pecadores, para que não seja tentado a invejá-los. O paralelo, em sua linha sinônima, mostra o homem bom buscando o temor do Senhor, o dia inteiro, pelo que não tem tempo de invejar os pecadores, seu dinheiro, suas diversões, sua maneira frouxa de viver.

Vs. 2. Os pecadores inclinam-se para a destruição. Eles planejam coisas ruins que buscam prejudicar outras pessoas. São violentos e brutais, então por qual motivo deveriam ser invejados? O futuro de tais homens é triste (ver Pro. 23.18; eles ficarão "frustrados"). Essa é outra boa razão para evitá-los. Mas qual homem, em sua mente sã, haveria de querer manter companhia com homens violentos, que obtêm seu dinheiro mediante saque e matanças? Um homem treinado na lei de Moisés por certo não desejaria manter a companhia de tais homens.

Sinônimo. Outra má característica dos pecadores é a sua boca terrível. Quando têm a oportunidade de usá-la, não deixam escapar. Ver Pro. 11.9,13 e 18.21 quanto ao uso apropriado da linguagem. Cerca de cem provérbios abordam o uso próprio e impróprio da faculdade da fala. Cf. Pro. 1.10-19, onde isso é graficamente ilustrado. O que está no coração dele sai pelos lábios (ver Pro. 4.23,24). Ver no *Dicionário* o verbete *Linguagem, Uso Apropriado da*.

A boca fala do que está cheio o coração.

(Mateus 12.34)

24.3,4

Com a sabedoria edifica-se a casa. Temos aqui mais um provérbio de dois versículos, cada qual com duas linhas, em que cada segunda linha é sinônima da primeira. A seção de Pro. 22.17-24.34 tem cerca de vinte dessas declarações em dois versículos. Quanto aos vários tipos de provérbios (arranjos) desta seção, ver Pro. 22.17, sob *Apresentação das Declarações*. A declaração contida nos vss. 3-4 não tem paralelo nas *Instruções de Amen-em-Ope* (ver sobre esse livro em Pro. 22.22).

Vigésima Declaração

Esta é uma declaração de sabedoria, tal como a dos vss. 5-6. Em Pro. 22.17-

24.34 temos trinta declarações, em imitação aos trinta capítulos das *Instruções de Amen-em-Ope*. Ver em Pro. 22.20 sobre esse número.

Vs. 3. A sabedoria edifica a casa, tanto a casa da vida como a casa literal de uma família, onde pais piedosos criam filhos sábios, instruindo-os na lei. A sabedoria provém da lei de Moisés, o que é fomentado e interpretado pelas declarações da sabedoria. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sabedoria*; e ver como a sabedoria transmite vida, em Pro. 4.13. O livro de Provérbios representa a literatura de sabedoria do judaísmo, cobrindo o que comento no artigo do *Dicionário* chamado *Sabedoria*, III seção. Ver sobre *sabedoria e entendimento* em Pro. 1.2. "... uma casa é edificada. Ou seja, uma família, em suas atividades domésticas. Cf. Pro. 9.1" (Adam Clarke, *in loc.*). A casa edificada pela iniquidade certamente ruirá (ver Jer. 22.13-16; Amós 5.11; Miq. 3.10-12). Cf. Pro. 14.1.

Sinônimo. A casa edificada pela sabedoria, em contraste com a casa edificada pela iniquidade, será cheia de coisas preciosas (Pro. 24.4b), porque a sabedoria, operando por meio do entendimento, foi a construtora. Será uma casa bem planejada e estabelecida, que não ruirá jamais. É provável que a idéia da casa seja ampla o bastante para indicar a vida de um homem, bem como qualquer empreendimento que ele resolva realizar.

Este versículo tem sido cristianizado para apontar para a Igreja, a casa ou templo do Novo Testamento (ver Efé. 2.20 ss.).

Vs. 4. Este versículo acrescenta algo às idéias do vs. 3, pois ambos operam como uma unidade, a fim de formar um provérbio geral. A sabedoria edifica a casa, e então o entendimento constrói suas várias dependências. O entendimento é a sabedoria aplicada, e ambas as coisas se referem às instruções da lei, fomentada e interpretada pelas declarações da sabedoria. Quanto ao significado da casa, ver o vs. 3. "Literal e figuradamente, a sabedoria ajuda a construir uma casa. Cf. Pro. 9.1 e 14.1" (Charles Fritsch, *in loc.*).

Sinônimo. As dependências da casa estão repletas de riquezas preciosas e agradáveis, literalmente, no sentido de que ser bom supostamente era qualidade que tornava uma pessoa abastada, conforme o ideal hebraico; e, figuradamente, porquanto seguir a sabedoria tornava a pessoa rica em sua alma. O maior de todos os tesouros era a própria sabedoria. Este versículo provavelmente promete o sucesso em qualquer realização feita pelo homem sábio. Cf. Luc. 12.33 e 16.11. Ver também Pro. 23.23 quanto à idéia de "comprar a sabedoria".

Vigésima Primeira Declaração

24.5,6

Mais poder tem o sábio do que o forte. Ver a introdução aos vss. 3 e 4. As informações dadas ali também se aplicam aqui. Esta é outra declaração de sabedoria. Embora esta declaração provavelmente signifique, especificamente, que as guerras são ganhas através da sabedoria, porquanto são instrumentos que tornam fortes as nações e seus reis, a aplicação é geral. O homem sábio obtém forças para qualquer realização que resolva fazer. "Além de dar segurança e prosperidade (vss. 3 e 4), a sabedoria provê força para realizarmos várias tarefas" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Essa é a idéia da primeira linha do vs. 5. Dotada de sabedoria, uma nação que vá à guerra saberá planejar a campanha e construir máquinas de guerra superiores. E o homem engajado em sua própria "guerra" pessoal saberá planejar melhor e obter recursos para a sua realização.

E também poderemos supor que a própria pessoa será fortalecida para cumprir a sua tarefa. Ser-lhe-ão dadas forças físicas por seu anjo guardião e, assim sendo, ela captará forças do próprio ar, além do poder que lhe foi dado por seu código genético e pelo ambiente físico.

Quanto mais você trabalha, mais forte fica.

(Adam Clarke, *in loc.*)

Aquele que não trabalha abundantemente na realidade nunca submete a teste a situação para descobrir quão forte poderia ser. Um homem sábio é inspirado a trabalhar, a tentar realizar tarefas difíceis e, conforme trabalha, também se fortalece.

Sinônimo. O homem dotado de conhecimento, que segue a vereda espiritual, ganha força à medida que se esforça por fazer algo de valor.

Crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

(II Pedro 3.18)

Cf. também Pro. 21.22, pois um homem sábio é capaz de escalar as muralhas de uma cidade fortificada e então derrubar fortalezas. A sabedoria supre forças além do que alguém espera com base na razão.

Melhor é a sabedoria do que as armas de guerra.

(Eclesiastes 9.18)

Vs. 6. Este versículo aplica a idéia do vs. 5, especialmente no caso de guerra. A sabedoria ajudará os homens a fazer melhores planos de campanha e a construir melhor equipamento e armas inovadas. Então Yahweh, o Senhor dos Exércitos (ver as notas expositivas em I Reis 18.15), conferirá forças divinas, confundirá os inimigos, enviará pânico sobre os inimigos em campos de batalha e fará fugir os ímpios. Cf. Pro. 10.18b, paralelo direto de Pro. 24.6a.

Sinônimo. O rei disporia de sábios conselheiros, que podiam ajudá-lo tanto em tempos de guerra como em tempos de paz. Pro. 20.18a é paralelo a Pro. 24.6b; ver também Pro. 11.14, que fala sobre a necessidade de receber bons conselhos. “Uma pessoa sábia não depende somente de si. Ela espera que outras a aconselhem sobre como vencer na batalha” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Cf. o conselho de Pro. 1.5. As guerras eram uma constante na Palestina e a sobrevivência dependia de quão favoráveis eram as batalhas. Não admira, pois, que algumas declarações da sabedoria fossem conselhos sobre essa realidade.

Vigésima Segunda Declaração

24.7

A sabedoria é alta demais para o insensato. Esta é a vigésima segunda dentre trinta declarações que aparecem na seção de Pro. 22.17-24.34. Esta é uma declaração compactada em um único versículo, com uma segunda linha sinônima. Quanto aos tipos de declarações desta seção, ver Pro. 22.17, sob o título *Apresentação das Declarações*.

O insensato (no hebraico, *’ewil*) é um pecador arrogante e empedernido (ver Pro. 1.7) e, naturalmente, é alta demais para ele a sabedoria oriunda da lei de Moisés bem como das declarações de sabedoria que a fomentam e interpretam. A mente dele sempre vive fuçando na lama da corrupção. Ele não dispõe de iluminação celestial. E seu coração jamais lhe diz algo útil na linha espiritual, por causa de sua corrupção inerente.

Sinônimo. Na porta da cidade, reunia-se o tribunal de justiça. Nenhum homem chamaria um insensato corrupto e violento para decidir um caso. Se um insensato se manifestasse, tentaria subornar o juiz! Além disso, na porta da cidade eram efetuados negócios importantes. Mas nenhum homem convidaria o insensato para ajudar nas transações feitas ali. Tal indivíduo tentaria roubar a alguém e até aplicaria violência para apossar-se de algum dinheiro. Se um insensato aparecesse, seria convidado a manter-se calado.

Não roubes ao pobre, porque é pobre, nem oprimas em juízo ao aflito.

(Provérbios 22.22)

Cf. este versículo com Pro. 1.21 e 8.3.

24.8,9

Ao que cuida em fazer o mal... Existem cerca de vinte provérbios que ocupam dois versículos na seção de Pro. 22.17-24.34. A maioria consiste em duas linhas, em que a segunda linha é sinônima, expandindo a idéia expressa na primeira. Ver sobre os tipos de declaração nesta seção, em Pro. 22.17, sob o título *Apresentação das Declarações*.

Vigésima Terceira Declaração

Todas as pessoas são conhecidas por aquilo que fazem. Elas obtêm certa reputação por meio de seus atos. Portanto, aquele homem que faz planos maus, e então os executa, é chamado de má pessoa, ou seja, alguém que habitualmente vive de acordo com sua ímpia reputação.

Sinônimo. O planejador é também o realizador. E o realizador obtém a merecida reputação. O homem é um planejador do mal, literalmente, “um possuidor de planos maus”, cheio de esquemas iníquos (ver Pro. 12.12 e 14.17). Ele é um “mestre de maus intentos”, que também pode ser traduzido por “senhor de planos” (reconhecidamente maldosos).

Vs. 9. Consideremos as gradações do pecado. Maus pensamentos são pecados; más intenções são pecados; atos maus são pecados; deixar de fazer o bem é pecado; exageros são pecados; quebrar a lei da moderação é pecado. E temos aqui que pensamentos insensatos são pecados. A Revised Standard Version diz “imaginar a insensatez é pecado”, e isso nos leva à gradação das intenções. O Targum diz: “A esperteza do insensato é pecado”. Cf. Gên. 6.5: “Era continuamente mau todo designio do seu coração”.

Sinônimo. Os insensatos que imaginam coisas ímpias também são zombadores, uma abominação para os homens e para Deus. Quanto aos *escarnecedores*, ver Pro. 13.1; 14.6; 15.12; 22.10. Quanto às *abominações*, ver Pro. 11.1; 15.8,9,26 e 16.5,12. Tais homens são detestados por Deus e também pelos homens bons. “O fato de zombarem de todas as coisas sagradas excita o desgosto, até dos homens do mundo” (Fausset, *in loc.*, tomando o termo *homens* no seu sentido geral).

24.10

Se te mostras fraco no dia da angústia. Quando chegam tempos maus, os seres humanos ficam fracos na fé (literalmente, “mostram-se frouxos”). “Tempos maus” pertence à primeira linha, e “força” à segunda, que é sinônima.

Vigésima Quarta Declaração

Com esse pensamento, o autor oferece a vigésima quarta declaração da seção. Ver Pro. 22.20 quanto ao significado do número. Talvez o autor estivesse sugerindo que o homem fraco não fosse sábio, pois o sábio recebe forças da parte do Senhor. Ou então ele está simplesmente fazendo uma observação geral sobre a fraqueza humana, sem nenhuma implicação moral. A sabedoria dá forças (vs. 5), e isso poderia reforçar a teoria do “fraco por não ser sábio”. Note o leitor o jogo de palavras: angústia (no hebraico, *sarah*) seguida pela palavra pequena (no hebraico, *sar*). Portanto, *sarah* resulta em *sar*. Temos aqui uma “exortação à coragem (cf. Hebreus 12.12) e o caminho mais excelente é revelado no versículo seguinte” (Ellicott, *in loc.*). Alguns estudiosos fazem este versículo falar sobre ceder diante das tentações, diante da fraqueza moral, mas essa conclusão não parece estar correta. Aben Ezra dá outro significado improvável: o homem que não ajuda um amigo em dia de tribulação acabará vendo-se fraco quando chegarem as provações.

24.11,12

Livra os que estão sendo levados para a morte. Temos aqui outra declaração que consiste em dois versículos. Isso acontece por cerca de vinte vezes na seção de Pro. 22.17-24.34. Ver Pro. 22.17, sob *Apresentação das Declarações*, quanto aos vários modos de arranjo das declarações. A maioria dos provérbios com dois versículos possui versículos com duas linhas cada, em que a segunda linha é sinônima da primeira. Muitas das trinta declarações são paralelas das *Instruções de Amen-em-Ope* (ver as informações em Pro. 22.22), sendo esse o caso da presente declaração.

Vigésima Quinta Declaração

Esta declaração é paralela à obra literária egípcia *Instruções de Amen-em-Ope*, em seu oitavo capítulo, e em Pro. 11.6,7. Aqui Yahweh perscruta o coração dos homens (v. 12), o que, na obra egípcia, é ato do deus Thoth.

Vs. 11. Os oprimidos estavam sendo levados para serem executados, ou por seus inimigos pessoais, ou por meio de decisões judiciais desonestas. Seriam executados por crimes que não cometeram.

Sinônimo. Nesses casos, o homem bom envia todo o esforço para fazer cessar a injustiça e salvar os pobres homens que estavam prestes a morrer. Ver sobre Pro. 19.17 quanto aos oprimidos. Os profetas falavam em termos fortes contra tal opressão. Ver Amós 2.7 e Osé. 4.2. Os oprimidos seguem tropeçando para o local de sua execução e merecem a nossa piedade.

Vs. 12. Este versículo reforça o anterior. O homem justo pode ter medo e conter-se, ou seja, não se envolver nos casos descritos no vs. 11. O homem justo pode fingir ignorância e olhar em outra direção, acovardando-se diante dos assassinos.

Antítese. Em contraste, Yahweh tem perfeita consciência do que está acontecendo, ao sondar o coração daqueles covardes. Esses não podem escapar da ira divina, se deixarem de ajudar a um irmão em aflição. Nas *Instruções de Amen-em-Ope*, é o deus Thoth que pesa o coração em tais casos. Cf. Pro. 21.2. Deus conhece as motivações e os pensamentos. Ele verá as injustiças e será severo acerca da questão. Ele se preocupa com a sorte dos fracos e dos impotentes (ver Pro. 22.22,23; 23.10,11). Cf. a atitude lassa dos covardes com a atitude de Caim: “Acaso sou eu tutor de meu irmão?” (Gên. 4.9).

24.13,14

Filho meu, saboreia o mel, porque é saudável. Uma vez mais temos uma declaração em dois versículos, cada qual com duas linhas, onde a segunda é sinônima, em ambos os casos. Ver a introdução ao vs. 11, quanto a outras informações.

Vigésima Sexta Declaração

O mel é a substância mais doce conhecida pelos antigos e era considerado uma mercadoria boa quanto ao paladar, boa como alimento. Os antigos sabiam certas coisas sobre a nutrição por meio da experiência, mas é provável que não seja isso que esteja em vista aqui. O prazer de comer essa substância é enfatizado.

Sinônimo. O mel é doce, que é o gosto favorito de muitas pessoas. De fato, algumas pessoas são viciadas em mel. Portanto, todos os dias têm de satisfazer sua fixação no “chocolate” ou em “doces”, tal como os alcoólatras ou viciados em drogas precisam satisfazer o seu vício. O autor sacro não está condenando o vício com os doces. De fato, ele usou essa circunstância de boa maneira (vs. 14). Ver sobre o “mel” por seis vezes, no livro de Provérbios (5.3; 24.13, por duas vezes; 25.16,27 e 27.7).

Vs. 14. O gosto mais doce ao paladar é o mal; o gosto mais doce para a alma é a sabedoria, que vem pelo conhecer e seguir a lei. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sabedoria*. Epicuro defendia a tese de que os prazeres mentais são superiores aos prazeres físicos. Mas sabemos que os prazeres espirituais são superiores aos prazeres mentais, e é sobre isso que o autor sagrado falava aqui.

Sinônimo. A grande vantagem da sabedoria é que ela oferece um futuro. O homem sábio não terá suas esperanças cortadas pela morte prematura. Ele terá vida longa, próspera e saudável e realizará tudo o que quiser fazer ou espera poder fazer.

Este versículo tem sido cristianizado para falar do lar cristão na vida eterna, mas essa conclusão é anacrônica aqui. Ver Pro. 4.13 sobre como a sabedoria conduz à vida, um dos principais temas do livro.

O pai espiritual convidou seu filho espiritual a reconhecer a verdade do que ele dissera (vs. 13). A expressão “meu filho” é usada por cinco vezes nas trinta declarações: Pro. 23.15,19,26; 24.13,21.

Vigésima Sétima Declaração

24.15,16

Não te ponhas de emboscada, ó perverso, contra a habitação do justo. Esta declaração é expressa em dois versículos, o que acontece por cerca de vinte vezes nesta seção, Pro. 22.17-24.34. Ver Pro. 22.17 quanto aos tipos de declarações desta seção, sob *Apresentação das Declarações*.

Vs. 15. O estudante é advertido a não se envolver em atos de violência, seguindo o exemplo de ladrões e assassinos brutais. Cf. Pro. 1.10 ss. O lucro fácil é o motivo por trás dessa violência, embora homens ímpios encontrem prazer em crimes violentos que não compreendemos. Este versículo sugere uma angústia ou uma espécie de ataque surpresa no lar do homem bom para saquear seus bens ou mesmo para tomar suas propriedades. Um lar rural é indicado pelos termos *pasto* e *toca*, no original hebraico.

Sinônimo. Nenhuma violência deve ser cometida contra o lar do homem bom, mesmo que esse homem seja uma presa fácil e represente lucro fácil. Deus cortará um homem que faça coisas atrevidas. O homem “lá fora”, nos campos, um agricultor ou pastor, terá suas riquezas *in situ*, pelo que é um homem fácil de ser roubado. O estudante bom rejeitará qualquer tentação como essa, pois está aprendendo a equidade e a não-violência em seus estudos sobre a lei, a fonte originária da sabedoria.

Vs. 16. Este versículo reforça o anterior, para arredondar, de maneira favorável, a declaração apresentada. Um homem justo pode cair, mas em breve se levantará. De fato, um justo pode cair por sete vezes e tornará a levantar-se. Isso porque ser bom é vantajoso para quem quer avançar, compreendendo-se que Yahweh é a sua força. Portanto, é sábio deixar sozinho um homem como esse. Você não quer misturar-se aos sofrimentos infligidos contra um homem que é ajudado pelo Ser divino. “Ele cai em tribulação (não no pecado, conforme alguns supõem), mas se levanta. Portanto, a malícia de nada adiantará, pois a proteção de Deus está com ele” (Ellicott, *in loc.*, que nos convida a comparar este versículo com Jó 5.19; Sal. 34.19 e 37.24).

Antítese. Em contraste com o homem bom que continua a levantar-se, o homem mau, uma vez ferido pelo relâmpago divino, estará terminado. Não se

levantará mais. Ele é derrubado por tragédias e desastres divinamente causados. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* está sempre em operação. Ver sobre isso no *Dicionário*. Como exemplo de um bumerangue divino, ver os capítulos 3 e 6 de Daniel, e considerar o caso de Hamã e Mordecai, no livro de Ester.

24.17,18

Quando cair o teu inimigo, não te alegres. Uma vez mais, temos uma declaração em dois versículos. Ver as notas na introdução ao vs. 15 sobre essa circunstância.

Vigésima Oitava Declaração

Vs. 17. É muito fácil desejar, antes de tudo, que um inimigo obtenha o que merece, e assim caia. E quando isso acontece, sentimos uma alegria interior a respeito, mesmo que, hipocritamente, finjamos tristeza ou choque. Um homem sábio nos adverte contra expressões pecaminosas que demonstram vileza de alma. A *lei do amor* (o princípio espiritual mais importante) não funciona dessa maneira. O “homem bom” (que na verdade não é assim tão bom) pode não procurar vingança pessoal, mas quando isso lhe é “dado” pelas circunstâncias da vida, ele se sente pessoalmente vingado e tem prazer nisso.

Sinônimo. Um homem bom na realidade se sente feliz quando um seu inimigo pessoal cai, porque tal homem pode sentir alegria no coração diante da calamidade, quando deveria haver ali amor, para ajudar a desviar a calamidade. Davi nos deixou o exemplo aqui. Ele não gritou de alegria quando Saul morreu, embora tivesse sido perseguido por aquele homem por longo tempo. Ver II Sam. 1.17. Pelo contrário, ele se lamentou genuinamente. Cf. Pro. 25.21,22 (que é citado em Rom 12.).

Vs. 18. Um homem pode evitar o tipo de abominação descrita no vs. 17 (e todos os outros tipos) por lembrar que é Yahweh quem observa todas as coisas, sendo Ele o poder que está por trás, quer um homem caia, quer se levante. Se você tomar o seu lugar, mesmo em seu coração, sofrerá a retribuição divina. Em vez de seu inimigo ser amaldiçoado, você sofrerá maldições. Ao nutrir esse tipo de atitude, você se tornará um pecador que precisa sofrer o desprazer divino. Deus ama o mundo (ver João 3.16), e aqueles que odeiam são contrários à disposição divina.

Sinônimo. Quando você for julgado, o homem que você odiava será levantado por Deus. Há uma reversão divina que envolve eventos amargos, pois seu inimigo agora está de pé, enquanto você está caído. As boas novas do cristianismo aceitam o fato de que os homens caem porque são humanos. Mas também afirmam que os homens não precisam permanecer caídos. A mão divina está próxima e pronta para ajudar um homem a levantar-se, caso ele tenha fome e sede de justiça. É isso o que está envolvido no evangelho. Os que agem como o homem do vs. 17 demonstram espírito contrário ao evangelho. O evangelho destina-se a você e ao homem que você odeia. Isso faz diferença para você?

24.19,20

Não te aflijas por causa dos malfetores. Existem cerca de vinte declarações que ocupam dois versículos na seção de Pro. 22.17-24.34. Quanto a informações a respeito, ver a introdução ao vs. 15.

Vigésima Nona Declaração

A inveja dos pecadores é condenada por três vezes nas trinta declarações desta seção: Pro. 23.17; 24.1 e 19. O homem bom deve estar minimamente interessado naquilo que o pecador tem, pois o que os pecadores fazem não redonda em bem algum. Se um homem agir dessa maneira — invejando o malfetor — será menos que sábio (pois será um principiante espiritual). Por conseguinte, o mestre adverte os estudantes contra a concupiscência de desejar as possesões e o estilo de vida do homem mau.

Não te aflijas. Um homem bom passará por momentos de ansiedade ou mesmo de desgosto, considerando seu estado de pobreza, ao passo que o iníquo prospera. Cf. Sal. 37.1; 73.3 e Jer. 12.1.

Sinônimo. Um homem bom não deve sofrer aflições interiores a respeito do que o pecador tem e faz, nem deve invejá-lo por razão nenhuma. Isso seria rebaixar-se ao nível do iníquo e desprezar os benefícios de quem obedece à lei de Moisés. Ver sobre *Inveja* no *Dicionário*, quanto a detalhes.

Vs. 20. Este versículo reforça o anterior, lembrando-nos que o homem iníquo, embora esteja voando alto no dia de hoje, será derrubado amanhã: ele não tem futuro; não viverá por muito tempo; suas riquezas serão saqueadas ou

passarão para mãos alheias. Seus caminhos ímpios haverão de aprisionar-lhe os pés, e muito breve!

Sinônimo. A lâmpada do homem mau será apagada, isto é, sua vida será cortada por meio de alguma calamidade, violência ou enfermidade. Ele sofrerá morte prematura. Ele não tem futuro. Cf. Pro. 13.9b, que é idêntico a esta segunda linha do vs. 20. Cf. a declaração em geral, com Pro. 23.18. O vs. 20 mostra quão ridículo é alguém invejar o homem rico e ímpio, suas possessões e seu estilo de vida.

24.21,22

Teme ao Senhor, filho meu, e ao rei. Existem cerca de vinte declarações de duas linhas na seção de Pro. 22.17-24.34. Ver sobre isso no vs. 15 deste capítulo.

Trigésima Declaração

Quanto ao número trinta, o número total dessas declarações, o que significa que esta é a última delas, ver Pro. 22.10.

Vs. 21. Mui apropriadamente, as trinta declarações terminam na nota-chave da declaração que versa sobre o temor do Senhor. De fato, esse é o lema do livro. Ver sobre Pro. 1.7 e Sal. 119.38 quanto a notas expositivas. Há maiores detalhes no artigo do *Dicionário* sobre o assunto *Temor*. O temor do Senhor é a espiritualidade do Antigo Testamento. Baseia-se na lei de Moisés conforme ela é fomentada e interpretada pelas declarações da sabedoria. Quando os homens, de todo o coração, cumprem a lei, que é guia (ver Deu. 6.4 ss.) e transmissor de vida (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1), então eles estão andando no temor do Senhor.

Sinônimo. Temer e obedecer a Yahweh significa também temer e obedecer aos poderes que Ele estabeleceu para seu próprio governo. "A obediência a Deus e ao rei é recomendada aqui. Cf. I Tim. 2.1,2; Tito 3.1" (Charles Fritsch, *in loc.*). Além disso, devemos lembrar a passagem de Rom. 13.1 ss. Os homens que desobedecem a poderes altos ou baixos sofrerão por isso. A Septuaginta diz "desobedecer", mas o hebraico diz "não te associes com aqueles que mudam" (ou seja, têm poder de mudar os acontecimentos). É melhor manter distância de tais poderes, a fim de não ser atropelado por eles. Talvez este versículo possa ser compreendido como a ordem para o homem pequeno não se misturar com a política, na qual ocorrem tantas intrigas e brigas de arma branca em punho.

Não te associes com os revoltosos. Outras versões dizem aqui "com os que mudam". Isso poderia referir-se ao costume de os governantes mudarem de idéia com tanta frequência, empregando ora uma norma política, ora outra. O homem comum, pequeno como é, poderia ser apanhado no fogo cruzado dos acontecimentos. Eles "gostam de mudanças". Mas a nossa versão portuguesa diz "revoltosos". É melhor não se misturar com bandidos.

Vs. 22. Perdição procede dos políticos que têm nas mãos o poder de vida e morte. A ruína também pode proceder de Yahweh quando Ele lança Seus raios contra os ofensores. Porém, é melhor assumir uma postura humilde diante tanto da perdição quanto da ruína.

Sinônimo. O homem que se mete com os poderes, sejam eles o divino ou os humanos, pode sofrer ruína: acontecimentos adversos, desastres e até mesmo morte. Ele pode ser um rebelde que se opõe aos poderes, ou pode ser apenas um indivíduo desviado do reto caminho, ou então alguém que se aproximou demais da fonte do poder mas não estava preparado para isso.

Venha sobre o inimigo a destruição, quando ele menos pensar.

(Salmo 35.8)

Terceira Coletânea de Declarações (24.23-34)

Alguns estudiosos vêm aqui uma espécie de apêndice que encerra a seção de Pro. 22.17 – 24.34, chamada *Declarações dos Sábios* (outros que não Salomão). Esta é a terceira grande divisão do livro. No capítulo 25, retornamos aos Provérbios de Salomão, a segunda coletânea de provérbios. Ver a Introdução ao livro, seção X, Conteúdo e Esboço do Livro, quanto às suas divisões. O livro de Provérbios tem oito grandes seções.

A terceira coletânea adiciona outras seis declarações, além das trinta que foram dadas. Quanto a esse número, ver Pro. 22.20. As novas seis declarações, como as anteriores, tratam de variadas questões, como a justiça ou a injustiça nos tribunais, a honestidade, as prioridades espirituais, o falso testemunho, a vingança e a preguiça, tópicos que já haviam aparecido antes no livro de Provérbios.

Primeira Nova Declaração

24.23

Este versículo tem duas linhas, e a segunda é sinônima da primeira.

São também estes provérbios dos sábios. Homens sábios foram os que afirmaram a verdade dos seis provérbios que se seguem, pelo que esta primeira linha serve de minúscula introdução para a coletânea. Homens sábios tinham estudado a lei de Moisés; esta era seu guia e inspiração. Eles eram autoridades sobre a lei. Suas declarações demandavam atenção e obediência e fomentavam e interpretavam a lei.

Sinônimo. Em concordância com a sabedoria dos homens treinados na lei, temos de reconhecer a necessidade de um julgamento imparcial nos tribunais. Tão pouco quanto duas testemunhas podiam determinar a vida ou a morte de um homem levado aos tribunais (ver Deu. 17.6). Portanto, tinha de haver honestidade e nada de subornos ou outras influências para fazer a justiça ser ignorada ou pervertida. A parcialidade no julgamento é condenada em Deu. 1.17; 16.19; Pro. 17.15; 18.5; 24.23 e 28.21.

O hebraico diz aqui, literalmente, "considerar faces" (ver Pro. 18.5 e 28.21), ou seja, ser parcial, favorecer a um, desfavorecer a outro, por outras razões que não a justiça e a verdade. Dinheiro e poder usualmente estão envolvidos nessa luta, mas de outras vezes também está envolvida a vingança. Ver Lev. 19.15; Deu. 1.17 e Jó 34.19. Cf. Tia. 2.1-3.

24.24

A parcialidade começa quando alguém, que ocupa a posição de juiz, pronuncia um homem inocente de culpado. Esse homem recebeu ou espera receber um suborno, ou obterá para si mesmo alguma coisa, se perverter o julgamento.

Antítese. Em contraste com o juiz injusto, estão as pessoas que amaldiçoam o homem e o indivíduo culpado que ele deixou em liberdade. Até as nações pagãs concordam e abominam tal indivíduo. O juiz pervertido não tem consciência, mas essa situação ainda está bem viva entre o povo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Consciência*, e ver também Pro. 20.27. Cf. este versículo com Pro. 17.15 e Isa. 5.23.

24.25

Um homem ímpio deve ser repreendido, conforme lemos na primeira linha deste versículo. O juiz iníquo não deve ter permissão de continuar com seu jogo doentio, nem o indivíduo a quem ele favorece erroneamente deve continuar em liberdade. O juiz justo deve convencer o homem ímpio de sua culpa. Esse juiz será louvado se assim fizer.

Sinônimo. A bênção de Deus e a dos homens virão ao justo juiz, bem como sobre qualquer um que insista em fazer justiça estrita. Os bons juizes são respeitados e apreciados, porquanto mantêm os alicerces de uma nação. Homens bons prosperarão material e espiritualmente. Disse Aben Ezra: "O Senhor será doce e deleitoso para eles. Ele também se agradará neles".

Confia ao Senhor as tuas obras, e os teus designios serão estabelecidos.

(Provérbios 16.3)

24.26

Como beijo nos lábios... Encontramos aqui a segunda das seis declarações adicionais. Ver a introdução ao vs. 23. Estamos abordando a terceira coletânea das declarações dos sábios, ou então um apêndice à seção.

Uma linguagem apropriada é aqui requerida. Cerca de cem provérbios tratam desse assunto. Ver sobre Pro. 11.9,13 e 18.21. Ver também, no *Dicionário*, o verbete intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da*.

Um beijo nos lábios será dado ao que fala bem. Ou então o homem que fala com retidão e dá boas respostas aos problemas é precisamente aquele que dá o beijo, agradando a quem o recebe.

"Uma boa resposta é tão boa como um beijo. Aquele que sabe responder bem faz algo que favorece ao que recebe a resposta. O beijo fala de afeição e, algumas vezes, de obediência (ver Sal. 2.12 e Can. 8.1). *Afeto* é a idéia predominante aqui. "Um beijo é sinal de verdadeira amizade" (Charles Fritsch, *in loc.*).

Sinônimo. Um beijo é paralelo da resposta certa, da palavra que ajuda, do conselho benéfico, da palavra de consolo. Ver Pro. 15.23, paralelo direto cujas notas também se aplicam aqui.

24.27

Cuida dos teus negócios lá fora. A terceira declaração consiste em um conselho prático para o homem que está preparando a fazenda de sua propriedade. O sábio cuidará das coisas mais básicas, que, neste caso, são a terra, visto que essa era a ocupação mais comum na Palestina. Nessa preparação (segunda linha) um homem deve arar a terra e plantar as sementes. E enquanto a natureza cuidar das coisas, preparando tudo para a colheita, o homem pode olhar para outros interesses.

Antítese. Uma vez que a colheita esteja a caminho, devido aos processos normais da natureza, então um homem pode edificar a sua casa literal, ou casar-se e cuidar de sua família, o que pode ser chamado, figuradamente, de “edificar a própria casa”. Este versículo diz aquilo que todos conhecemos, mas muitos não seguem: antes de casar-se e envolver a vida em tantas complicações, que cada um de nós certifique-se de ter atingido educação adequada e uma profissão rentável. É importante que cada indivíduo tenha as suas prioridades em boa ordem. O mestre recomenda bons planos e bons métodos. Cf. Rute 4.11. Ver também Luc. 14.28,29, quanto à construção de uma torre, que pode servir de figura de muitos empreendimentos na vida, nos seus aspectos materiais e espirituais.

24.28

Não seas testemunha sem causa contra o teu próximo. A quarta nova declaração nos devolve à cena de um tribunal (ver os vss. 23-24 deste capítulo). Esta declaração é contrária às testemunhas falsas condenadas pelo nono mandamento (ver Êxo. 20.6). Quanto ao testemunho verdadeiro e ao testemunho falso, cf. Pro. 12.17; 14.5,25 e 19.5,9,28.

Sem causa. Poderia haver ocasiões em que um homem teria de testificar contra seu vizinho, quando este cometera algum crime punido pela lei de Moisés. Nesse caso, o homem tinha de prestar testemunho veraz, e não mentiroso, que não desse margem a julgamentos falsos ou à parcialidade (vs. 23). E nunca deveria ser um farsante, testificando contra o próximo por motivos puramente egoístas.

Sinônimo. Um homem justo jamais dará um testemunho baseado no engano, na esperança de prejudicar um e agradar a outro, injustamente. Contra o *Ludíbrio*, ver Pro. 12.20. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Engano, Enganar*. A vingança nunca é uma razão válida para o falso testemunho, como também não o é o dinheiro.

24.29

Não digas: Como ele me fez a mim, assim lhe farei a ele! A quinta declaração está relacionada à quarta, do vs. 28. Esta declaração, que é uma das mais nobres do livro de Provérbios, é como a regra áurea ensinada por Jesus:

Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a lei, e os profetas.

(Mateus 7.12)

O homem sábio está falando em viver a lei do amor, que também cumpre a lei e os profetas. Ver Rom. 13.8 ss. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor*, e examinar os comentários sobre Mat. 7.12 no *Novo Testamento Interpretado*. A obra egípcia *Instruções de Amen-em-Ope* tem um paralelo (ver Pro. 22.22):

*Àquele que faz o mal, debes fazer o bem,
Ao teu inimigo debes sempre agir com justiça.*

Sinônimo. Todo homem é tentado a pagar o mal com o mal: “Farei àquele homem a mesma coisa que ele fez contra mim!”. Mas a lei do amor desencoraja esse tipo de atitude.

*Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede,
dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas
vivas sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas
vence o mal com o bem.*

(Romanos 12.20,21)

Contraste o leitor com isso, o espírito severo expresso em Lev. 24.19,20. Cf. Pro. 20.22 e Tia. 2.13. Ver também Rom. 12.19.

Sexta Nova Declaração

24.30-34

Passei pelo campo do preguiçoso... Esta sexta nova declaração é, na realidade, um pequeno discurso, um dos significados possíveis da palavra *prover-*

bio, conforme usada no livro presente. Diz respeito ao preguiçoso, um tema comum do livro de Provérbios. Ver a nota de sumário sobre o *preguiçoso*, em Pro. 6.6, e ver também outras notas em Pro. 19.25. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Preguiça* e *Preguiçoso*, quanto a detalhes completos.

“A preguiça é fortemente censurada pelos sábios hebreus. Cf. Pro. 6.6-11. Os últimos versículos desta passagem são similares aos últimos versículos desta seção. Ver também Pro. 10.4; 12.24,27; 13.4; 15.19; 18.9; 19.15; 20.4,13 e 21.25” (Charles Fritsch, *in loc.*).

Vs. 30. Este versículo atua como introdução ao pequeno discurso. Na primeira linha, vemos o sábio caminhando pelos campos de um agricultor preguiçoso; na segunda linha, sinônima, ele caminha pelo vinhedo de um preguiçoso que não tem bom senso. Esses dois homens preguiçosos não têm inclinação para o trabalho, e seu local de trabalho vive em um caos total. O sábio sabe que o caos que se vê no campo e no vinhedo é equivalente ao caos na mente do agricultor e do vinhateiro. Ao preguiçoso (ver Pro. 19.24) falta bom juízo. Cf. Pro. 6.32 e 10.13. Ele não estudou a lei de Moisés, ou, se a estudou, desconsidera suas declarações, que comandam o entusiasmo e as ações corretas. As declarações de sabedoria fomentam a lei e dão força a suas demandas. O preguiçoso, porém, é por demais dorminhoco para cuidar das demandas da lei. A lei do preguiçoso é o próprio lazer. Ele espera que outras pessoas supram as suas necessidades.

Este versículo deve ser conferido com Mat. 21.33. Este discurso tem sido espiritualizado para falar da receptividade espiritual e do trabalho enérgico, em contraste com a indiferença espiritual. Ver Gál. 5.22,23 quanto à metáfora agrícola. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Agricultura*.

Vs. 31. Este versículo combina os campos do agricultor e o vinhedo do vinhateiro. Os dois lugares estavam nas mesmas condições caóticas. Espinhos e urtigas tinham tomado conta de tudo, enquanto as cercas que marcavam os limites dos terrenos estavam derrubadas. O mestre, entretanto, não viu o homem preguiçoso porque ele estava em sua cabana pequena e suja, dormindo um pouquinho.

Há sete trios nesta seção — Pro. 22.17-24.34; 22.29; 23.5,29 (um trio duplo); 31; 24.14,27,31 —, que possui vários modos de apresentação das declarações. Ver sobre isso em Pro. 22.17, sob o título *Apresentação das Declarações*. Note o leitor o trio:

1. Espinhos e ervas daninhas medravam por toda a parte, em vez de colheitas.
2. Espinhos chegavam a cobrir o solo, o qual, como é lógico, permanecia sem ser arado.
3. As cercas que assinalavam os limites dos terrenos estavam derrubadas, e isso vinha acontecendo fazia muito tempo.

“As paredes que serviam de limites eram formadas de pedras soltas e empilhadas, sem cimento e, por isso, se não fossem arrumadas de vez em quando, acabavam tombando no chão” (Fausset, *in loc.*).

O sábio contemplou aquele caos em incredulidade, balançando a cabeça e pensando nas condições caóticas correspondentes no coração do agricultor e do vinhateiro.

Vs. 32. O sábio quase não podia acreditar no que via. Ele continuava contemplando e desacreditando. Porém, sendo um sábio, foi capaz de extrair da cena algo de valor: ele mesmo recebeu instrução. “Embora os insensatos não possam aprender dos sábios, os sábios muito podem aprender dos insensatos” (Fausset, *in loc.*).

Sinônimo. O homem treinado na lei, que o tornara sábio, tinha impressa em sua mente, graficamente, a insensatez de alguém ser um preguiçoso, e essa é a razão pela qual temos esses versículos à nossa frente, compondo a sexta nova declaração. O homem bom anotou por escrito esses versículos, e hoje podemos ler e aprender a mesma lição que o mestre aprendeu naquele dia, quando caminhava ao redor. “A indolência, o permanecer no leito e descansar, quando é tempo de trabalhar, conduz à pobreza” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Considere! Literalmente, diz o original hebraico, “pus nisso o meu coração”. Ver Pro. 2.2. O sábio guardou no coração a cena, e dela extraiu uma lição.

Vs. 33. Este versículo duplica o trecho de Pro. 6.10, onde ofereço as notas expositivas. O preguiçoso dorme a noite inteira, e então, no dia seguinte, descansa por nada haver feito. E novamente se deita; novamente dorme; ele fez do sono o seu objetivo na vida, bem como o seu estilo de vida. Os homens que seguiam esse estilo de vida tinham-se arruinado e lançaram suas terras no caos. Esperamos somente que eles não tivessem filhos.

Vs. 34. A pobreza cai subitamente sobre o preguiçoso, tal como o ladrão ataca a sua presa (conforme dizem a Revised Standard Version e a tradução da Imprensa Bíblica Brasileira, que substituíram o termo hebraico *mithhallekh* pelo vocábulo *kimehallekh*. A primeira dessas palavras significa *viajante*, sendo usada no trecho paralelo de Pro. 6.11, onde ofereço a exposição).

Sinônimo. O homem armado ataca subitamente e sem aviso prévio, e depois faz ainda outra vítima. Ele se enriqueceu, mas suas orações empobreceram proporcionalmente. Um dos significados é que a vítima não pode resistir ao atacante, que está armado. Foi assim que o homem preguiçoso, através de anos de cultivo, criou circunstâncias de pobreza, e algum dia se verá impotente contra a mais abjeta pobreza.

Todos aqueles para quem trabalhei tomaram o caminho de fuga mais fácil. Não estamos lutando por coisa alguma. Somos tão mentalmente preguiçosos, que já poderíamos ser considerados mortos.

(Beatie Bryant)

Essa senhora nunca trabalhou para mim. Ela, entretanto, deve ter sido uma funcionária pública. Verdadeiramente, os empregadores que trabalham para o governo, e seus “empregados”, ajustam-se à descrição dada acima. Ou seja, “muitos deles”, porquanto a filosofia nos ensina que todas as generalizações falham em alguma coisa.

Capítulo Vinte e Cinco

Provérbios de Salomão: Primeira Parte da Segunda Coletânea (25.1 – 29.27)

A primeira coletânea dos provérbios de Salomão é constituída pelo trecho de Pro. 10.1 - 22.16. Encontramos aqui uma antologia de declarações. Duas seções podem ser distinguidas: parte I (capítulos 25-27), similar à seção III do livro (Pro. 22.17 - 24.35); e parte II (capítulos 28-29), similar à seção II do livro (Pro. 10.1 - 22.16). Muitas das declarações da primeira parte abordam a sabedoria prática, diária, “secular”; mas a segunda parte tem um tom mais espiritual.

25.1

São também estes provérbios de Salomão... Este versículo serve de nota expositiva introdutória, para informar-nos de onde vieram esses provérbios, os quais devemos seguir na seção de Pro. 25-29. Sabemos que Ezequias, rei de Judá (721-693 A. C.), era homem de habilidade literária, além de ter sido patrono das artes. Ver II Reis 18.18,37; 19.2,3; Isa. 38.10-20. Ezequias viveu cerca de 250 anos depois de Salomão, e é possível que muitos dos provérbios à nossa frente, atribuídos a Salomão, na realidade não fossem de sua autoria. Por outro lado, não há razão alguma para duvidar que muitos provérbios genuínos desse homem estejam contidos na compilação; entretanto, os estudiosos conservadores, como é natural, supõem que todos os provérbios atribuídos a Salomão sejam, realmente, dele. Essa editoração, preparada pelos “homens de Ezequias” (provavelmente escribas profissionais), fez com que muitos dos provérbios fossem agrupados em unidades similares, e não segundo moldes hererogêneos, conforme acontece a tanto do livro de Provérbios.

Os quais transcreveram. No hebraico, *’athaq*, literalmente, “removidos”. Mas isso significa removidos de um rolo para outro, mediante o processo de cópia. Supõe-se que Ezequias tinha conhecimento de um ou mais rolos com esses provérbios, os quais estavam disponíveis para uso. Há mais de cem desses provérbios na seção à nossa frente.

25.2

A glória de Deus é encobrir as cousas. Deus é o *Mysterium Fascinosum* e também o *Mysterium Tremendum* (ver sobre ambos na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). O próprio Deus está cercado de muitos enigmas, e outro tanto pode ser dito acerca da criação, feita por Ele. Tentamos conhecer algo sobre Deus falando dos atributos divinos no estágio das máximas, e assim caímos no *Antropomorfismo* e no *Antropopatismo* (ver a respeito no *Dicionário*). Então falamos a respeito de Deus como o “inteiramente outro” e deslizamos para afirmações negativas, que na realidade não dizem grande coisa. Tentamos provar a Sua existência examinando a natureza, sua própria existência, causa, desígnio, e construímos belos argumentos nos quais os filósofos não demoram a encontrar toda a espécie de problemas. Ver na *Enciclopédia Bíblia, Teologia e Filosofia* sobre os vários *Argumentos*, bem como um sumário no artigo sobre *Deus*, no *Dicionário*. O resultado de nossos argumentos é algum conhecimento e muitos mistérios. Ver na *Enciclopédia Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos denominados *Via Negationis* e *Via Eminentiae*, quanto aos modos de tentar falar sobre Deus.

Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos!

(Romanos 11.33)

Antítese. Se o homem é um ser muito misterioso, sendo um elemento da inescrutável criação de Deus, pelo menos podemos dizer algo de inteligente aqui. Além disso, o rei está naturalmente ocupado a solucionar problemas, os quais, uma vez solucionados, redundam em honra para ele. Os vss. 2-7 fornecem várias declarações sobre os reis. Salomão podia falar da sua própria experiência, mas o que ele dizia era universal. O reino olha para o rei, esperando que ele solucione os problemas relativos ao seu bem-estar; e é de presumir que o rei ideal, instruído na lei e familiarizado com as declarações da sabedoria, terá boa medida de sucesso em seus empreendimentos de “pesquisa”. Deve haver justiça e equidade no reino.

25.3

Como a altura dos céus e a profundidade da terra... A criação também é algo quase inescrutável. Sabemos de algumas coisas a seu respeito, e a nossa ciência tem feito rápido progresso. Os vãos à Lua, por exemplo, apesar de terem encontrado respostas a algumas questões, escavaram mais mistérios do que resolveram problemas. Os céus são tão altos que nenhum homem pode calculá-los a altura, e a terra está tão lá embaixo que terminamos em um dilema quando tentamos calcular essa profundidade. As distâncias até o sol, a lua, as estrelas etc. não eram entendidas pelos hebreus, que também nada sabiam sobre as galáxias, e até o dia de hoje o que sabemos a respeito não é muito. Eles não faziam idéia das dimensões da terra, nem mesmo que ela é redonda, e não tinham nenhum conceito sobre a sua órbita em redor do sol, coisas que atualmente conhecemos.

Sinônimo. O rei, que, presume-se, é o mais sábio dos homens (Salomão usava a si mesmo como exemplo), também tem um coração insondável. Portanto, os homens deveriam aproximar-se do rei em atitude de admiração e nunca sentido-se por demais confiantes acerca dele. Os reis podem ter planos contrários às idéias menores dos homens, e fazer coisas e exercer grande poder, apanhando fora de guarda a homens menores. Um homem jamais deveria prescindir do favor dos reis. Os reis são agentes livres e têm nas mãos poder de vida e morte.

25.4

Tira da prata a escória... Se alguém refinar a prata, produzirá material apropriado para a fabricação de itens de valor. Portanto, a primeira linha deste versículo fala do material cru que tem de ser refinado para ser posto em uso, e a segunda linha, que é sinônima, informa que boas coisas podem ser produzidas nesse processo. Isso pode ser aplicado tanto material quando espiritualmente. Só podemos obter bons produtos em ambos os campos se estivermos dispostos a refinar os materiais. A lei de Moisés é a grande refinadora do homem bom. É através da legislação mosaica que o homem se refina e sai da experiência como homem sábio. É tudo uma questão de confiar e obedecer, depois de termos obtido algum conhecimento, freqüentando a escola de um mestre, ou individualmente, em nossa própria vida pessoal. Ver sobre Pro. 17.3 quanto ao processo de refinamento. Cf. II Tim. 2.21. Quanto às metáforas do ouro, da prata e das pedras preciosas, que falam sobre a lei de Moisés e seu valor para produzir a sabedoria, ver Pro. 3.14; 8.10,19; 16.16 e 22.1. Cf. também Pro. 33.15; 17.8 e 24.4.

A aplicação específica desta declaração é que os reis têm de tirar do reino a escória, ou seja, os homens ímpios, que são elementos corruptores, se quiserem ter um governo bem-sucedido. A impunidade no mal transforma a prata em escória (ver Isa. 1.22). O vs. 5 dá ao vs. 4 esse tipo de significado.

25.5

Tira o perverso da presença do rei. Um rei, se quiser alcançar êxito, deverá ser um refinador, pois de outra sorte a iniquidade derrubará o seu reino. A corrupção faz uma nação ajoelhar-se, e a classe política está sempre mergulhada em imensa confusão moral. Se estiver cumprindo o seu dever, o rei precisará deter a maré da iniquidade que ameaça o bem-estar de qualquer país. Terá de refinar (vs. 4) a terra e remover os maus elementos que causam dano.

Sinônimo. Se um rei estiver disposto a refinar o seu reino com vigor, então esse reino será firmado na retidão, e a equidade, não a iniquidade, governará. Ver Deu. 17.14 ss. quanto ao rei hebreu ideal, que conhece a lei e a segue, pois é na lei que se concentra a sabedoria. A lei tem de ser a refinadora, começando a atuar no coração do rei e daí passando a atuar por todo o reino. Homens maus precisam ser expurgados. “Pessoas iníquas devem ser afastadas do rei. Libertar-se de auxiliares ímpios (Cf. Pro. 20.8,26) capacita o rei a ter um governo justo. A linha final de Pro. 25.5 é quase idêntica a Pro. 16.12” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Cf. Jer. 21.12; 22.3 ss. e Zac. 7.9 ss.

25.6

Não te glories na presença do rei. A primeira linha deste versículo é similar a Pro. 23.1, exceto pelo fato de que ali temos um “governador”, ao passo que aqui

temos um “rei”. Um homem deve ter cuidado sobre como deve comportar-se diante de outro homem que pode prejudicá-lo ou ajudá-lo, segundo o capricho de sua vontade. É, ao mesmo tempo, errado e perigoso tentar “promover-se” diante de um rei, afirmando ser mais do que ele realmente é. Homens verdadeiramente grandes não têm paciência com “fingidos” e podem pô-los em seus lugares com certa violência.

Sinônimo. O rei já conta com grandes homens em sua presença, aos quais escolheu pessoalmente. Se você é um grande homem auto-recomendado, em breve será descoberto. E os oficiais do rei o devolverão a seu verdadeiro lugar, talvez até usando de violência. O plano é ser tão bom quanto possível, e se você for realmente habilidoso em algo que seria útil ao rei, ele lhe dará atenção (conforme o Faró prestou atenção em José) e o promoverá. Então você gozará de segurança enquanto aquele rei estiver no poder. O próprio Jesus ilustrou este princípio em Luc. 14.7-10.

25.7

Porque melhor é que te digam: Sobe para aqui... Sim, é melhor que alguém diga “sobe para aqui” do que: “Desce para onde pertences”. Essas palavras são tão similares a Luc. 14.7-10, que talvez seja correto dizer que Jesus tinha a passagem em mente quando disse essas coisas. A linha antitética fala de um fingido que foi devolvido ao seu verdadeiro lugar inferior. Portanto, o fingido é alguém que está destinado a ser envergonhado e a sofrer perda. Ele deveria ter-se mantido afastado dos jogos de poder. Perdeu oportunidade por mostrar-se demasiadamente ansioso. Este versículo pode ser aplicado à humildade espiritual, quando não nos guindamos a posições de superioridade na comunidade espiritual, tentando impressionar outras pessoas com nossa alegada grandeza. Os que são dignos espiritualmente se elevarão ao topo do montão e serão reconhecidos. Porém, basta algum tempo para desmascarar os pretensiosos. Os reis do Oriente chegavam a separar-se até da presença de seus auxiliares, os quais tinham de solicitar admissão à presença dos monarcas. Quanto mais um homem que finge ser mais importante do que é, deve manter-se distante do monarca!

Por que Dédalo saiu voando em segurança, enquanto Ícaro, seu filho, caiu e deu seu nome ao mar Ícário? Não foi porque seu filho voou alto, enquanto o pai deslizava sobre a superfície do solo? Pois ambos estavam munidos com o mesmo tipo de asas. Aceite a palavra conforme ela é: Aquele que vive privadamente, viva em segurança, e cada homem deve viver dentro dos limites de sua renda financeira. Da mesma maneira, nenhum homem ora para ter uma vida tranqüila. Através disso, ficará dignificado (Ovídio, *Trist.*, livro iii, El. 4., vs. 21).

25.8

Não te apresses a litigar. A primeira aplicação destas palavras parece ser aos tribunais. Não te apresses a apelar para os tribunais, atirando-te contra algum oponente. Permite que segundos pensamentos sóbrios ocorram, conforme os gregos diziam: “É mais sóbrio, de alguma maneira”. Esta declaração, naturalmente, pode aplicar-se a qualquer tipo de contenda na qual nos atiremos de cabeça. Você pode ter certeza de que está com a razão, ao passo que seu próximo está errado. Você anseia por provar o seu caso, tem certeza de que o seu dogma está correto e que as idéias de seu oponente estão equivocadas. Você corre para atirar-se na controvérsia. Fez disso um estilo de vida e um esporte. No entanto, uma surpresa ruim pode estar esperando por você.

Antítese. O seu oponente pode ter melhores argumentos que os seus, no tribunal, e você então será condenado. Ele pode sair-se melhor na contenda que você despertou. As idéias dele poderão ser melhores que as suas, e você então terá de “engolir as suas palavras”, conforme diz uma moderna expressão idiomática. Cf. Pro. 24.28 com a cena do tribunal.

25.9

Pleiteia a tua causa diretamente com o teu próximo. Em vez de te encaiminhares diretamente ao tribunal, arrastando contigo o teu próximo, o que poderia transformar-te em um espetáculo público, vai humildemente a ele, em particular, e procura acertar as diferenças entre ti e seu adversário, longe do olho público. Cf. Mat. 5.25 e 18.15, que parecem basear-se no conselho deste versículo.

Sinônimo. Se houver algum segredo envolvido na controvérsia, mostra-te sábio o bastante para manter tudo escondido da curiosidade pública. Não traia a confiança de teu próximo. Ele se tornará teu inimigo se saíres ao redor revelando tudo quanto sabes acerca dele. “Revelar os teus próprios segredos é insensatez. Contar os segredos de teu próximo é traição” (Fausset, *in loc.*). “Oh, a insensatez de apelar para a lei! Oh, a cegueira dos homens e a rapacidade de advogados sem princípios” (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. o conselho de Paulo em I Cor. 6.1 ss.

25.10

Para que não te vitupere aquele que te ouvir... O juiz poderá fazer com que pareças um insensato, se o teu caso não for bom. E então terás contado em vão todos aqueles segredos. Teu caso deu em nada, mas agora tens um forte inimigo que te derrotou no tribunal, e tu lhe contaste os teus segredos. Tuas dificuldades jamais terminarão. Além disso, terás ganho a reputação de ser um idiota ansioso, e as pessoas haverão de zombar de ti. Tornar-te-ás motivo de piadas na comunidade, que é o sinônimo da segunda linha.

Indo ao Tribunal. Conselho de Sir John Hawkins. 1. A tua causa terá de ser muito boa. 2. Terás de ter uma bolsa cheia, ou seja, muito dinheiro. 3. Terás de contar com um bom e habilidoso advogado. 4. Tuas evidências terão de ser boas. 5. Deve haver um juiz bom e ímpoluto. 6. Deve haver um corpo de jurados inteligente, ansioso por fazer o que é certo. e 7. Boa Sorte!

De outro modo, talvez descubras algo sobre a gloriosa incerteza da lei.

25.11

Como maçãs de ouro em salvas de prata. Cf. este versículo com Pro. 18.21. Ver também Pro. 15.23 e Isa. 50.4. Quanto ao uso próprio e impróprio da linguagem, ver Pro. 11.9,13 e 18.21, onde ofereço notas expositivas de sumário. Cerca de cem provérbios falam desse tema. Uma palavra apropriada e oportuna, sem importar se for uma palavra de conselho, consolo ou instrução, ou de resposta a uma questão difícil, é algo precioso, redundando em grande bem em prol da comunidade e do próprio indivíduo. Tal palavra é como beijos de afeto (ver Pro. 24.26).

Sinônimo. Palavras boas e oportunas são comparadas a ornamentos de ouro e prata. O original hebraico é incerto e é difícil identificar exatamente o significado. “Maças de ouro postas em uma escultura ou baixo relevo em prata, ou como brincos de ouro, postos em realce pela prata” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Salvas de prata. Podem indicar uma espécie de base, de trabalho de rede ou, talvez, de trabalho de escultura. Os orientais eram excelentes no trabalho de ornamentação rendada, e parece ser isso o que está em vista aqui. Maimônides fala em trabalho de gelosia. Para quem realmente se compreenda a figura, é preciso ver o item sobre o qual se está falando. Mas o significado é claro: falar bem é uma mercadoria bela e preciosa.

25.12

Como pendentes e jóias de ouro puro. O autor aqui continua a metáfora concernente à boa linguagem, dando-lhe uma aplicação específica: a necessidade de apreensão. Neste versículo as figuras empregadas são fáceis de compreender. O círculo de ouro, para ser aplicado ao nariz, às orelhas ou ao dedo, era um ornamento muito apreciado. Na verdade, qualquer ornamento de ouro era muito valorizado. Cf. Pro. 11.22, que é passagem muito instrutiva. Usualmente a narina esquerda era furada. A argola de ouro era um ornamento comum nos países orientais.

Sinônimo. Boas instruções (o uso apropriado da linguagem) devem incluir repreensões bem colocadas. O homem sábio se beneficiará disso, bem como das instruções positivas. Ver Pro. 1.23. Um sábio haverá de amar você, se você o repreender com razão (Pro. 9.8), porque ele usará a repreensão para tornar-se mais sábio ainda. O homem que se beneficia da repreensão passará a viver com os sábios (ver Pro. 15.31). Ele fará seu lar ali, naquela espécie de companhia.

25.13

Como o frescor de neve no tempo de ceifa... Esta declaração fala da “importância de enviar um mensageiro digno de confiança” (Cf. Pro. 22.21), em contraste com o que foi dito em Pro. 10.26. A resposta que ele traz de volta é tão refrescante quanto um copo de água fria em um dia quente.

Frescor... neve. A neve é muito refrescante no calor, quer falando de bebidas misturadas com a neve, quer quando há queda da neve. A “colheita”, “que se estendia de março a setembro, dependendo da espécie vegetal em foco, devia ser colhida” (Charles Fritsch, *in loc.*). Provavelmente, está em pauta a neve nas montanhas, e não aquela que cai sobre as plantações, pois pode destruí-las.

Sinônimo. Tão refrigerante quanto uma bebida fria em dia quente, ou um dia fresco quando está nevando nas montanhas, é a boa palavra que um mensageiro traz de volta ao seu enviado. Ver Pro. 13.17 quanto a um sumário dos provérbios do mensageiro, em Pro. 10.26 e 26.6. A neve com frequência caía nas colinas da Judéia, e é desse fato que a metáfora surgiu.

Este versículo tem sido cristianizado para falar de Cristo, o Mensageiro de Deus, que trouxe as novas refrigeradoras do evangelho.

25.14

Como nuvens e ventos que não trazem chuva... Um homem ridículo qual quer se jacta de um presente que “ele vai dar”, mas que nunca dá. Diz o hebraico original, literalmente, “dom da falsidade”, que toma o lugar de um presente real. Esse homem não vive a lei do amor; não se mostra generoso; é um homem hipócrita e mesquinho, que faz promessas falsas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Liberalidade, Generosidade*.

Sinônimo. Esse homem é como as nuvens lá em cima, a flutuar, encorajando as esperanças dos homens pela chuva necessária, mas nunca satisfaz, pois não chove. Os homens eram e continuam sendo totalmente dependentes de nuvens “produtoras” de chuvas. Se não chover, a vida cessa. A água pode ser diretamente obtida dos oceanos, mas eles também dependem da chuva para encher de novo os depósitos de água.

Estes homens são... nuvens sem água impelidas pelos ventos.

(Judas 12)

O indivíduo instruído na lei será genuinamente generoso, amará ao próximo como a si mesmo, e será como uma nuvem que supre água abundante. O homem que é uma nuvem seca desobedece à lei e desconsidera as declarações da sabedoria.

25.15

A longanimidade persuade o príncipe. Embora seja duro e poderoso, um governante está sujeito à persuasão. Assim sendo, em vez de tentar forçar a questão mediante violência e ameaças, aplique-se a diplomacia. Isso posto, aprendemos que a paciência e a gentileza podem ser armas poderosas nas mãos dos sábios.

A longanimidade. Extrema paciência, palavra que, no original hebraico, significa “comprimento (lentidão) de ira”. Ver Pro. 14.29.

Persuade. Este vocábulo vem de um termo hebraico que, corretamente traduzido, significa “incitar”, em Pro. 16.29. Cf. Pro. 1.10. Palavras poderosas mas gentis algumas vezes podem fazer alguém tornar-se um príncipe, aliado ou benfeitor mais do que podem fazer armas de força.

Sinônimo. Uma língua suave pode quebrar um osso duro; e assim também palavras gentis algumas vezes podem quebrar um caso difícil, em que falhariam gritos iracundos ou ameaças de força. Ver Gên. 32.4. Jacó e Esaú estavam sempre envolvidos em alguma situação volátil, mas um pouco de amor fez com que se abraçassem e chorassem. Ver a cura feita pelas palavras gentis de Abigail, que impediram que Davi matasse Nabal (ver I Sam. 24.16; 25.32). Jarchi faz a língua suave ser uma língua que ora, a qual soluciona as questões de maneira não-violenta e em segredo.

25.16

Achaste mel? Como apenas o que te basta. Temos aqui um conselho simples: Não seja gluttono no consumo de mel. Isso pode causar tremenda dor de estômago ou provocar o vômito. A gluttonaria é um pecado grave, um vício, como qualquer droga. Um pregador gordo é uma péssima propaganda para a doutrina. Ele não venceu essa área de sua vida, assim por qual motivo devemos confiar nele quanto a outras coisas? A moderação e o autocontrole eram virtudes tidas em alta conta pelos sábios de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Moderação*. “Moderação” era o grande lema dos gregos, a palavra-chave para todas as situações. Ver Fil. 4.5 quanto ao uso que o apóstolo Paulo fez dessa idéia. O vs. 27 repete a declaração da primeira linha. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Gluttonia*. A gluttonaria é uma das obras da carne (ver Gál. 5.21). Neste versículo, pois, recomenda-se a moderação no consumo do mel (ver Pro. 24.13), pelo que é o excesso que faz um homem tornar-se pecador.

Achaste mel? Antigamente, o mel não era cultivado, conforme acontece nos tempos modernos. Pelo contrário, os homens o procuravam nos campos e se deleitavam. O mel era abundante na Palestina, antes que os homens estragassem o meio ambiente e espantassem as abelhas para as colinas. “Enxames de abelhas abundavam nos bosques. Cf. Jui. 14.8; I Sam. 14.27. É por isso que encontramos a expressão ‘terra que mana leite e mel’ (Êxo. 3.8; 13.5 e 33.3)” (Ellicott, *in loc.*). Cf. este versículo com Pro. 23.20,21 e 28.7 quanto ao pecado da gluttonaria.

Sinônimo. A gluttonaria termina com vômitos que desgostam, o que faz os gluttonos provocar, de fato, desgosto. Os romanos, na antiguidade, lançavam mão dos vômitos nos longos banquetes. Quando estavam de estômago cheio, vomitavam, para que pudessem recomeçar a comer. Cf. Apo. 3.16 quanto a uma aplicação espiritual do vômito.

25.17

Não seja freqüente na casa do teu próximo. Esta é uma aplicação possível e prática da declaração constante no vs. 16. Se fores visitar teu próximo, não permaneças ali por longo tempo. Ele ficará cansado de ti e haverá de querer vomitar-te. A Revised Standard Version traduz essa declaração como “Vás raramente à casa do teu próximo”. O original hebraico usa a palavra *yaqar*, literalmente, “tornar raro”, “fazer precioso”. Em outras palavras, que tuas visitas à casa do próximo sejam raras.

“Uma pessoa deve refrear-se de visitar com freqüência o próximo, para evitar ser um incômodo. Antes, deve fazer poucas visitas, as quais serão valorizadas” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Sinônimo. Um homem pressionado pela presença constante de outro acabará cansando-se e poderá até vir a odiar seu vizinho. Esses são motivos para nos mostrarmos moderados em nossas visitas, da mesma maneira que devemos ser moderados no comer (vs. 16) e em todas as coisas que fizermos.

A familiaridade gera o desprezo.

(Provérbo latino)

“A intrusão deve ser evitada” (Fausset, *in loc.*). Outra aplicação deste provérbo é: “Não fiques tempo demais com teu irmão quando estiveres de viagem, nem uses a casa dele como ponto de parada”. É melhor ir a um hotel e fazer visitas.

25.18

Maça, espada e flecha aguda é o homem. Quanto a testemunhos verazes e falsos, ver as notas em Pro. 12.17; 14.5,25; 19.5,9,28 e 24.28. Este versículo, com suas descrições de segunda linha, fala da seriedade do crime de testemunhos falsos. Bastavam duas testemunhas (ver Deu. 17.6) para que um inocente fosse executado. Se houvesse uma única testemunha, um homem iníquo podia “comprá-la” facilmente, mediante suborno. O dinheiro era dado a testemunhas falsas e também a juízes corruptos.

Sinônimo. Uma testemunha falsa cede armas mortíferas: a maça ou cacetete para esmagar; a espada para decepar a cabeça; e a flecha para atravessar o coração. Um testemunho falso podia causar muitas pesadas; perda da reputação (uma das mais preciosas possessões de um homem, o seu bom nome); ou a morte.

25.19

Como dente quebrado e pé sem firmeza. Quanto ao indivíduo infiel, ver Pro. 2.22. Esse é um homem que pode ter boas intenções, mas é um mentiroso patológico. Seus votos nunca são observados; suas promessas são esquecidas; ele conta mentiras que enganam. É consternador confiar em um homem como esse, porquanto ele sempre nos decepciona; ele perturba nossos planos; interrompe nossos sonhos. Esse é o homem que administra desapontamentos onde quer que vá. Estando atribulado, talvez você o invoque, mas ele não ajudará em nada. Pelo contrário, falhará; ele complicará suas tribulações, em lugar de resolvê-las.

Sinônimo. O mestre ilustrou sua declaração com duas figuras simbólicas. A primeira é o dente cariado, que não pára de doer. “Quebrado” é tradução literal do termo hebraico *ra’a*, “quebrado”. Um dente quebrado não somente é doloroso, mas também é inútil na mastigação, da mesma maneira que um homem infiel é inútil quando chega a dificuldade. A palavra “mau”, no hebraico, requer apenas a mudança de um ponto vocálico. Em seguida, esse homem também é como o pé que está “desconjugado”, ou melhor, que “deslizou”, o que, no hebraico, é *ma’adh*, “escorregar”, “cambalear”. Um homem com essas duas aflições terá muita dificuldade em mastigar seu alimento e dificilmente poderá caminhar. O Targum diz dente ruim, e a versão síriaca diz dente cariado.

25.20

Como quem se despe num dia de frio. Este versículo é um aparente trio, mas muitos eruditos e tradutores omitem a primeira linha como repetição da segunda. A Septuaginta deixa de lado a primeira. Se, porventura, a primeira linha for genuína, então temos duas figuras simbólicas, as vestes tiradas quando deveriam ser deixadas, para proteger do frio; e o vinagre, que causa efervescência,

isto é, perturbação. Por conseguinte, essas duas condições incongruentes ilustram a incongruência entre alegria e tristeza: essas coisas não caminham paralelas. Se a primeira linha tiver de ser omitida, então estaremos reduzidos à metáfora do vinagre. No lugar da palavra "soda", que aparece em algumas versões, a Revised Standard Version e a nossa versão portuguesa dizem "feridas" (no hebraico, *peça*), que também é a tradução da Septuaginta. Se você derramar vinagre em um fermento recente, isso causará ardência, e você não fará tal coisa a menos que queira mesmo sentir dor. Por igual modo, a alegria e a tristeza não caminham juntas.

Sinônimo. Cânticos de alegria em honra a quem está entristecido são uma incongruência e devem ser evitados. Que o homem se lamente; que o homem seja curado pelo tempo, mas não tragamos cânticos tolos para tornar a situação ridícula. "Cantar canções a alguém cujo coração está pesado de tristeza é um exemplo de ação mal colocada... William Penn, em suas meditações e máximas, tem um parágrafo que chamou de 'tempo oportuno'. Há um tempo próprio para falar e agir, se alguém tiver de obter os seus propósitos" (Roland W. Schloerb, *in loc.*). Quanto a instâncias neotestamentárias de coisas feitas oportunamente, ver João 7.6 e 16.12. Uma canção de alegria no tempo errado é uma ofensa. Talvez seu intuito seja demonstrar simpatia, mas produz o efeito contrário.

25.21,22

Se o que te aborrece tiver fome, dá-lhe pão para comer. Estes versículos atuam como primeira e segunda linha, mas o vs. 22 tem suas próprias duas linhas, e a segunda delas é sinônima. O apóstolo Paulo as citou em Rom. 12.20, mas deixou de fora a parte do Senhor, que é dar ao homem uma recompensa pelo seu ato.

Esta declaração é contra a vingança tomada pessoalmente, sem o devido processo legal. Ou até pode ser entendida como uma proibição de tomar vingança, mesmo que seja através da lei de Moisés. Esta afirmação convida os homens a uma atitude de simpatia e amor, que controla os impulsos iracundos de retaliação. Ver as notas expositivas sobre a declaração, no *Novo Testamento Interpretado*, em Rom. 12.20.

Vs. 21. Este versículo é constituído por quatro linhas, e a segunda linha de cada par é um sinônimo. O inimigo está faminto: devemos alimentá-lo; o inimigo está sedento: devemos dar-lhe algo para beber. Se agirmos assim, haveremos de "matá-lo com a bondade" (vs. 22), conforme diz certa expressão idiomática moderna. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Vingança*, quanto a detalhes, e também os verbetes chamados *Bondade* e *Liberalidade, Generosidade*.

Vs. 22. As duas linhas sinônimas deste versículo funcionam juntas como uma espécie de antítese aparente do vs. 21, porquanto colocar brasas vivas sobre a cabeça de alguém não é um ato de bondade. Na realidade, contudo, essas brasas são sinônimos de atos de bondade. Se brasas reais matariam o indivíduo, as brasas, neste caso, representam a bênção que o homem bom acumulou sobre a cabeça do homem mau.

Sinônimo. O homem bom que abençoou o homem mau será, por sua vez, abençoado pelo Divino Benfeitor. Ele obterá a sua recompensa por ter agido direito. Presume-se que o homem ímpio se envergonhará de suas anteriores más atitudes e ações, e assim se arrependerá e tornará amigo do outro homem, o que seria uma bênção adicional para ambos.

Talvez as brasas de fogo aludam ao ritual egípcio de expiação, em que o homem, arrependido, levava uma panela com brasas de fogo, que serviam de sinal de seu arrependimento.

25.23

O vento norte traz chuva. O vento norte, que usualmente soprava na Palestina, era indicação de condições atmosféricas favoráveis. A Vulgata Latina (seguida pela King James Version) diz que esse vento tangia para longe a chuva, o que seria bom se já tivesse chovido o bastante. Mas a Revised Standard Version e a versão portuguesa Atualizada dizem que o vento trazia chuva, presumivelmente quando ela se fazia necessária; e isso seria bom. Seja como for, o vento traz bons benefícios.

Sinônimo. O vento norte, que era benéfico na Palestina, representa a mesma coisa que o bem feito quando uma carranca espanta ou anula a maledicência ou a crítica severa. Mas, se entendermos que o vento norte traz a chuva, devemos entender que olhares de raiva são prenúncio de palavras mordazes ou caluniadoras. Diz o original hebraico, literalmente, "uma língua secreta", ou seja, uma língua caluniadora. Isso posto, assim como alguém podia predizer facilmente o resultado do vento norte que soprasse, com igual facilidade pode-se predizer o resultado dos olhares raivosos. Na Palestina, a chuva usualmente não vinha com o vento norte, pelo que alguns supõem que essa observação tenha sido feita fora da

Palestina. Cf. Jó 37.22 quanto ao norte associado a boas condições atmosféricas. Os que conhecem bem essas coisas dizem que o vento nordeste é que trazia a chuva, na Palestina, pelo que talvez o autor sacro se tenha mostrado ligeiramente inexato em sua observação.

25.24

Melhor é morar no canto do eirado... Esta declaração é uma duplicação exata de Pro. 21.9, onde apresento as notas expositivas.

25.25

Como água fria para o sedento. Importantes mensagens eram enviadas por meio de mensageiros (ver Pro. 13.17); importantes oficiais tinham seus meios de informação, que exigiam muito tempo para percorrer as distâncias; mensagens pessoais eram bastante raras e usualmente dependiam da agência de negociantes. Os persas tinham um sistema de correio, mas este se limitava a negócios do governo. Paulo enviava suas cartas por meio de amigos que aconteciam estar "naquela rota", ou, ocasionalmente, valia-se de mensageiros especiais, enviados precisamente com um propósito. Essa informação nos ajuda a compreender por que a "alma sedenta" era tão refrescada por notícias provenientes de uma região distante. O homem que sofria sede daria o seu reino por um gole de "água fria ou limpa", conforme diz uma antiga canção popular. "Sedento", neste caso, literalmente é "exausto", mas as duas condições caminham juntas.

Sinônimos. Uma boa notícia faz os ossos ficar gordos ou então refrigerados (ver Pro. 15.30b). Aqui, tal relatório se assemelha a um copo de água fria para o homem sedento. A boa notícia chegou de longa distância, precisou de longo tempo para ser transmitida e mostrou-se muito oportuna para a ocasião. Se um parente querido foi para outro país, os amigos e parentes esperariam por longo tempo, ansiosamente, para ouvir que ele tinha chegado e passava bem.

Este versículo tem sido espiritualizado para falar da mensagem do evangelho, que veio do País Celestial e se espalhou entre os homens sedentos por todo o vasto mundo. Ver Luc. 2.10. "Os exilados saúdam com arrebatamento as boas novas enviadas de um país distante — permissão para voltar para casa. Esse é o efeito da mensagem do evangelho quando ela é aceita por qualquer pecador, há muito exilado da casa do Pai" (Fausset, *in loc.*).

25.26

Como fonte que foi turvada e manancial corrupto... "Quando um homem bom falha, isso é uma catástrofe, especialmente se ele falha na presença do iníquo, o qual lhe aponta um dedo escarnecedor" (Charles Fritsch, *in loc.*). Esse desastre é comparado pelo autor a uma fonte turvada pelo barro, um manancial poluído, que depois foi purificado.

Sinônimo. Antes de sua queda, o homem bom era semelhante a uma límpida fonte de água, algo muito valorizado na árida Palestina. Mas, agora, olhem para ele. Ele é uma fonte contaminada. Talvez nunca mais fique puro novamente. Ele desapontou os que olhavam para ele, esperando liderança. Aquele que poderia liderar uma multidão de guerreiros espirituais está morto no campo de batalha.

*Quero ser autêntico, pois há aqueles que confiam em mim;
Quero ser puro, pois há aqueles que se importam com isso;
Quero ser forte, pois há muito a sofrer.
Quero ser corajoso, pois há muito a ousar.*

(Howard Arnold Walter)

Contrastar este versículo com Pro. 10.11a: "A boca do justo é manancial de vida".

25.27

Comer muito mel, não é bom. "A busca pela própria honra (cf. o vs. 6; 27.2) é algo tão ruim quanto comer mel em demasia (Cf. Pro. 25.16; 27.7). Ambas as coisas criam problemas" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Ver em Pro. 11.2 e 13.10 o contraste entre o orgulho e a humildade.

Sinônimo ou Antitético? Diz a segunda linha do trecho hebraico original: "buscar a sua glória é glória", o que pode ter feito sentido para os hebreus, embora não tenha nenhum sentido para nós. Considere o leitor os pontos seguintes:

1. Diz a Revised Standard Version: "poupa as palavras de cumprimento". Isso é, essencialmente, o que diz a tradução da Imprensa Bíblica Brasileira. Essas palavras querem dizer: "Não elogies outra pessoa (ou a ti mesmo) de maneira desordenada".
2. Mas Eliott (*in loc.*) sugeriu: "Pesquisar questões difíceis é uma honra". Nesse caso, o autor falava do sábio que nunca desiste em sua busca, querendo

aprimorar o seu conhecimento, bem como a sabedoria resultante. Nesse caso, a segunda linha é antitética: a auto-indulgência (comer mel demais) é contrastada com o estudo da lei e das declarações da sabedoria. A primeira linha da Revised Standard Version é sinônima, visto que estão sendo comparados dois tipos de excesso.

25.28

Como cidade derribada, que não tem muros. Este versículo elogia o autocontrole. O sentido aqui é, essencialmente, o oposto de Pro. 16.32. Cf. também Pro. 14.29 quanto a outras idéias. A primeira vitória de que uma pessoa precisa é sobre si mesmo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Autocontrole*. Ver Pro. 16.32 quanto a um poema ilustrativo e citações sobre a questão. O homem que não controla a si mesmo é como uma cidade exposta a todo o tipo de ataque, porquanto não tem defesas, o que já é uma idéia da segunda linha, sinônima. Cf. Pro. 29.11.

"O autocontrole caracterizado pela oração e pela vigilância é o muro da cidade. Devemos cuidar para que não haja nenhuma brecha nesse muro, causada pela autodependência e indolência espiritual" (Fausset, *in loc.*).

Nenhum conflito é tão severo como o daquele que se esforça por subjugar a si mesmo.

(Thomas a Kempis)

Capítulo Vinte e Seis

Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 25 e 26. Os capítulos 25-29 constituem a segunda coletânea dos provérbios de Salomão. Ver a introdução a esta seção imediatamente antes da exposição de Pro. 25.1.

Descrições do Insensato (26.1-12)

26.1

Como a neve no verão, e como a chuva na ceifa... Todos os versículos do trecho de Pro. 26.1-12, exceto o vs. 2, contêm as palavras "insensato" ou "insensatez". Tomados em conjunto, esses versículos são um discurso sobre o assunto.

Durante o verão, a Palestina mostra-se quente e árida, obviamente sem neve e com muito pouca ou mesmo nenhuma chuva. Em consequência, se houve alguma neve, isso foi incomum e excepcional, contradizendo todas as expectativas. No verão, a chuva era incomum e certamente assim acontecia uma pesada chuva, capaz de prejudicar as plantações.

Sinônimo. Contradizendo também o bom senso e as expectativas, seria honrar um indivíduo insensato dar-lhe posição de honra (Cf. Pro. 26.8). Ele se tornaria um modelo prejudicial a ser seguido. "Esses elementos fora da estação do ano descrevem como não cabe a um insensato ocupar algum alto ofício" (Charles Fritsch, *in loc.*). "A chuva, no tempo da colheita, de março a setembro, era algo desconhecido, a menos que houvesse um milagre (I Sam. 12.17)" (Fausset, *in loc.*).

26.2

Como o pássaro que foge, como a andorinha no seu vôo. Este é o único versículo, em Pro. 26.1-12, que não contém as palavras "insensato" ou "insensatez", mas está em foco um ato insensato. O versículo fala do imprevisível, de pássaros que ficam a voejar à toa para lá e para cá. Quem pode dizer quando um desses pássaros alçará vôo ou pousará, ou descansará ou mostrar-se-á enérgico? Somos incapazes de fazer previsões a respeito, como se houvesse poderes divinos por trás do aparentemente arbitrário. O autor sagrado, entretanto, não tem nada parecido em vista.

Sinônimo. Da mesma maneira que não podemos predizer coisa alguma sobre o vôo dos pássaros, uma pessoa é incapaz de fazer uma maldição apegar-se a outrem, se essa pessoa não a merece. Considere-se o caso de Balaão. Ele não foi capaz de amaldiçoar Israel, depois que Deus havia abençoado essa nação (ver Núm. 23.8). Os antigos do Oriente acreditavam no poder inerente das maldições e das bênçãos, e as maldições eram muito temidas. Mas o autor contradisse o ponto de vista, assegurando-nos que maldições não justificadas caem por terra, inúteis. Cf. Sal. 109.17,18 e Isa. 55.11. As maldições não justificadas, entretanto, podem agir como um bumerangue, causando malefícios a quem as proferiu.

26.3

O açoite é para o cavalo, o freio para o jumento. A essência deste provérbio é o fato de um insensato não poder ser controlado pela razão. Cf. Pro. 10.13 e

19.29. O cavalo precisa ser controlado por um rebenque. O jumento, o animal preferido para servir de montaria, não precisava ser açoitado, mas tinha de ser controlado pela brida. Nenhum desses dois animais faria o que o cavaleiro quisesse, não fosse algum mecanismo de controle. Não havia poder controlador dirigido pela razão, inerente nesses animais.

Sinônimo. Por semelhante modo, um insensato precisa ser controlado pela vara (punição física ou ameaça de tal punição), porquanto não se pode apelar para o seu intelecto (Cf. Pro. 10.13; 14.3 e 19.29). "A correção é tão apropriada a um tolo como o chicote é apropriado ao cavalo ou o freio ao jumento" (Adam Clarke, *in loc.*). O insensato é alguém que não foi capaz de estudar a lei de Moisés, ou então não quis mesmo estudá-la, e, afinal, não está em busca da sabedoria, pelo que também nunca muda. Você terá de aplicar sempre a força para que ele faça o que é direito. As versões da Septuaginta, siríaca e árabe dizem "espora" em lugar de "freio", mas isso não se recomenda como o texto original. Os insensatos são como feras brutas (ver Sal. 32.9; Judas 10). Meras palavras são gastas à toa com eles. Instruí-los é algo doloroso.

26.4

Não responda ao insensato segundo a sua estultícia. Um homem não deve descer ao nível dos insensatos, em sua fala e em seus argumentos. Se ele o fizer, tornar-se-á (pelo menos temporariamente) uma pessoa insensata (que é a segunda linha, sinônima). Este versículo nos proíbe discutir com os insensatos. Você desperdiçará o seu tempo se se envolver em tal tipo de discussão. O Talmude faz este versículo referir-se aos comentários insensatos, feitos por um indivíduo insensato, que o sábio meramente ignora. Jesus não se incomodou em responder a todo homem que Lhe dirigia a palavra. Ele deixava propostas tolas e ímpias sem resposta. Ver Mat. 21.23 ss.; Luc. 13.23,24; 23.9; João 21.21,22. Ver também Atos 1.6 ss.

Sinônimo. Um homem sábio que começa a argumentar com um insensato torna-se igualmente insensato. Portanto, devemos manter-nos afastados de discussões frivolosas, tolas e controversas, mesmo que pareçam ser teológicas.

26.5

Ao insensato responde segundo a sua estultícia. Em contraste com o versículo anterior, há ocasiões em que um sábio deve responder a um insensato; mas, nesse caso, deve fazê-lo com argumentos sábios e irrefutáveis que confundirão o insensato e mostrarão quem ele realmente é.

Sinônimo. O sábio deve dar uma resposta ocasional ao insensato, para não permitir que o insensato se afaste com sua tolice não respondida. O insensato tem de ser posto em seu devido lugar. A resposta pode ser um raciocínio que ultrapasse a capacidade de o insensato responder, ou pode ser misturada com zombaria e escárnio, que o insensato compreenderá e o deixará envergonhado. Uma boa resposta a um indivíduo insensato revelará sua insensatez e agirá como uma reprimenda. "O Talmude dos judeus sugere que o vs. 4 diz respeito a comentários insensatos que podem ser ignorados em segurança, ao passo que o vs. 5 se refere a idéias errôneas que precisam ser corrigidas" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Um sábio saberá quando dar resposta às duas injunções, respectivamente, que aparentemente são contraditórias. Há um tempo de falar e um tempo de ficar calado (ver Eclesiastes 3.7). A sabedoria sabe reconhecer cada um deles.

Tudo tem o seu tempo... tempo de estar calado, e tempo de falar.

(Eclesiastes 3.1,7)

26.6

Os pés corta, e o dano sofre. Quanto a provérbios sobre os mensageiros, ver Pro. 13.17, onde apresento a nota de sumário. Ver também sobre a palavra *mensageiros*, no *Dicionário*. Naqueles dias em que não havia comunicação de massa, o ofício de um mensageiro era muito importante e requeria fidelidade, prontidão e decisão. Jamais alguém empregaria um insensato como mensageiro.

Sinônimo. Os insensatos têm pés, mas não os usam corretamente ao transmitir mensagens. O homem que confia a um insensato esse mister metaforicamente corta os próprios pés. Pois aquele haverá de esquecer que sua mensagem deve ser entregue prontamente, sendo provável que a mensagem acabará nunca sendo entregue.

Sinônimo. Aquele que confia em um insensato acabará bebendo a violência. O negócio que ele quer conduzir falhará e criará hostilidade com o destinatário da mensagem. Talvez a mensagem diga respeito à conciliação em tempos de guerra, ou envolva animosidades pessoais que o remetente queria ver resolvidas. Haverá

o envolvimento de asneiras que produzirão prejuízo, e não o bem que se esperava. Beber a violência significa “dano auto-imposto”. Cf. Jó 15.16 e Pro. 4.17. A má conduta do insensato ocasionará contendas, e delas certamente resultará alguma forma de dano.

26.7

As pernas do coxo pendem bambas. Nem sempre, mas muitos casos de aleijão devem-se ao fato de que o pobre sofredor tem pernas de comprimento diferente. Assim, se ele não conseguir um lado de sapato mais alto, para compensar a diferença, ficará mancando. As pernas desses homens não estão cumprindo sua tarefa de maneira apropriada, que é dar ao homem um caminhar fácil e rápido.

Sinônimo. Esse homem é como um insensato que tenta produzir declarações sábias. Sua boca é aleijada, pelo que coisa alguma de brilhante será produzida por ela. Sua faculdade de falar está prejudicada. Ele não pode falar com sabedoria. Cerca de cem provérbios abordam o uso próprio e impróprio da língua. Ver Pro. 11.9,13 e 18.21 quanto a notas de sumário sobre a questão. “Os provérbios que saem de sua boca são tão inúteis quanto as pernas desiguais de um homem aleijado (Cf. Pro. 25.19). Um insensato não sabe o que fazer com um provérbio. Ele não o compreende nem o aplica bem” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Declarações sábias foram invenções dos sábios, que explicavam a lei por meio delas. O insensato, porém, não tem nenhum treinamento na lei, assim como pode engajar-se em tal tipo de atividade?

26.8

Como o que atira pedra preciosa num montão de ruínas. Considere o leitor estes três pontos:

1. A funda era usada para lançar a pedra, mas, se a pedra estivesse presa à funda, seu propósito seria completamente frustrado. Tal coisa seria ridícula, e somente um louco a faria. O ato seria insensato e provavelmente prejudicial àquele que quisesse lançar uma pedra por meio de uma funda. Se tal homem estivesse em guerra, ou enfrentando um animal feroz, ficaria sujeito a um ataque e não teria defesa. Além disso, a pedra poderia resvalar, cortá-lo e feri-lo, em vez de atingir o alvo.
2. O hebraico original, no vs. 8, é obscuro, e alguns compreendem o lançamento de uma pedra preciosa entre pedras comuns em um montão (conforme pensa a Septuaginta), onde se perderia em meio às pedras comuns.
3. Ou, finalmente, a pedra é lançada e se perde em meio a nenhum outro benefício potencial.

Sinônimo. Uma coisa similar, inútil e potencialmente perigosa, daria honra a um tolo, se ele fosse posto em lugar de autoridade para governar outras pessoas. Pro. 26.8b repete Pro. 26.1b, pelo que as notas dadas ali aplicam-se também aqui. Um homem que dá a um insensato algum alto ofício também será chamado de insensato. Seu julgamento das coisas nunca mais será crível, e esse será outro mau resultado do ato.

26.9

Como galho de espinhos na mão do bêbado. Um homem, no auge da bebedeira, perde temporariamente o controle. Ele se encaminha na direção de um arbusto espinhento e fere com espinhos sua mão. Desse modo, faz algo insensato que um homem sóbrio teria evitado. Um bêbado sofre danos por causa de sua loucura. Várias coisas têm sido imaginadas sobre esta porção do versículo, a saber: 1. O bêbado fica com um punhado de espinhos nas mãos, algo doloroso para ele. 2. O homem apanha um arbusto de espinhos e o sacode, algo potencialmente doloroso para outras pessoas. 3. O bêbado, amortecido pela bebida alcoólica, não sente a dor causada pelos espinhos. Está insensível. 4. Esse homem é incapaz de tirar os espinhos das mãos. Provavelmente devemos pensar no primeiro ponto.

Sinônimo. Esses problemas “espinhosos”, ridículos e potencialmente maléficos como são, acompanham os homens quando um insensato alegadamente diz coisas sábias, ou declarações sábias, que, contudo, se tornam ridículas na boca do insensato. Cf. esta parte do versículo com II Ped. 3.16. Gussetius fez do espinho mencionado neste versículo um anzol, aumentando a dor envolvida na ilustração.

26.10

Como um flecheiro que a todos fere. No original hebraico, este versículo é totalmente obscuro, pelo que provoca diferentes conjecturas sobre a intenção do autor sagrado. Considere o leitor estes pontos:

1. O grande Deus, que criou todas as coisas, recompensa tanto o insensato quanto o transgressor, segundo eles merecem (no dizer a King James Version).
2. Um arqueiro, se é insensato e não tem suficiente capacidade, fere a todos, sem distinguir entre amigos e inimigos. O mesmo acontece quando um homem contrata um insensato ou um beerrão para trabalhar para ele: dano e caos, no dizer da Revised Standard Version, da tradução da Imprensa Bíblica Brasileira e da Atualizada.
3. Ou então um mestre habilidoso em sua arte produz tudo por meio de sua sabedoria e previsão, em contraste com o homem que contrata um insensato para fazer algum trabalho, ou como alguém que contrata a outrem que está passando, tal qual um beerrão. O desastre será o resultado.

A segunda linha, que poderia ser um sinônimo (tudo dependendo de como a primeira linha for compreendida), é fácil: o mal e o caos resultarão para quem contrata um trabalhador que tanto é incapacitado quanto é inepto para o trabalho para o qual estiver sendo contratado.

26.11

Como o cão que torna ao seu vômito. Algumas espécies caninas se empanturram com muito alimento e então vomitam uma porção para os filhotes comerem. Sendo esse o caso, não é grande coisa que um cão coma o próprio vômito. Isso para nós é motivo de asco, mas é delicioso para o cão, porquanto concorda com a sua natureza. II Ped. 2.22 cita este versículo e aplica-o aos apóstatas que retornam a seus pecados anteriores, depois de terem sido libertados por algum tempo.

Sinônimo. Um insensato parece-se com um cão. Talvez tenha períodos em que fica livre de sua insensatez, mas seguindo os ditames de sua natureza inerente (pois ele é um insensato!), nunca se reforma; nunca aprende. Volta sempre a praticar seus horrendos hábitos pecaminosos, os quais, para ele, são o seu bom vômito. Para os hebreus, o cão era um animal imundo, e outro tanto era considerado o insensato. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo*. Os textos falam da “sem-vergonhice do insensato pecaminoso, sua voracidade no pecado e a imundicia de seus pecados” (John Gill, *in loc.*). Ver Êxo. 8.15 quanto a um exemplo bíblico dessa insensatez.

26.12

Tens visto a um homem que é sábio a seus próprios olhos? O falso homem sábio, que pensa saber muita coisa e é sábio “aos seus próprios olhos”, na realidade não passa de uma espécie de insensato. Falta-lhe humildade, sinal de quem é verdadeiramente sábio. Ele é um tolo orgulhoso, mas nem tem consciência disso. Quanto ao orgulho e à humildade contrastados, ver Pro. 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,18; 18.12 e 21.4. Ver sobre *olhos altivos* em Pro. 6.17. Esse insensato especializado pode ter sido instruído na lei através de um bom mestre, mas a sabedoria nunca penetrou em seu coração. Ele é um “ministro profissional”, e não um ministro feito pelo Espírito Santo. Existem grandes pregadores que são cristãos pequenos. Conheci um pregador famoso nacionalmente que falava com grande autoridade; mas aqueles que o conheciam diziam ser ele um homem inteiramente amoral e imoral.

*Superficiais meio-crentes de nossos credos casuais,
Que nunca sentiram profundamente, nem desejaram
claramente,
Cujo discernimento nunca produziu fruto sob a forma
de atos,
Cujas vagas resoluções nunca foram cumpridas;
Que dão origem a novos começos, e então novos
desapontamentos;
Que hesitam e fracassam diante da vida,
E perdem amanhã o terreno conquistado hoje.*

(Matthew Arnold)

Antítese. Há mais esperança para quem é um insensato óbvio do que para quem é aparentemente um “homem sábio”, mas, na realidade, é um insensato especializado. O homem arrogante, que conhece a lei mas nunca a aceitou em seu coração, resistirá às instruções e reprimendas. Teoricamente, ele pode até conhecer mais do que nós. No entanto, nunca adquiriu sabedoria. Usualmente o livro de Provérbios também fala sobre os insensatos óbvios como casos sem esperança, mas Pro. 29.20b é uma exceção. Cf. Rom. 12.16 e Apo. 3.17,18. Os publicanos e as prostitutas podiam entrar no reino de Deus antes dos fariseus e escribas (ver Luc. 7.30). O orgulho de um homem o cega para a sua necessidade, e aquele que não busca mudar dificilmente conseguirá encontrá-la.

Acerca da Preguiça (26.13-16)

26.13

Diz o preguiçoso: Um leão está no caminho. Cf. esta seção com Pro. 6.6; 19.15 e 24.30-34. Este versículo é idêntico a Pro. 22.13, onde ofereço notas expositivas. Mas aqui a porção que diz que o preguiçoso teme ser "morto" pelo leão é deixada de lado; mas compreendemos isso. Ele permanecerá em seu leito, porquanto tem certeza de que a morte se esconde lá fora, no caso de ele ir trabalhar, mesmo que não houvesse outro perigo. Esse homem é assediado pela síndrome do pânico. Algumas pessoas têm um temor patológico que as mantém dentro de casa. Nas cidades populosas, onde há tantos crimes, muitas pessoas estão desenvolvendo esse tipo de fobia. Mas um preguiçoso é apenas patologicamente preguiçoso, pois, na realidade, não é atacado por nenhum pânico.

26.14

Como a porta se revolve nos seus gonzos. Uma porta continua a revolver-se em torno de suas dobradiças, sem chegar a lugar algum, mas repetindo interminavelmente seu movimento rotineiro. Uma porta está presa ao seu umbral. Permanecerá para sempre onde sempre esteve. "Uma porta movimenta-se, mas não avança a lugar algum" (Fausset, *in loc.*).

Sinônimo. Um homem preguiçoso vive revolvendo-se na cama, aliando as áreas pressionadas de seu corpo, mas, tal como uma porta em suas dobradiças, nunca muda de lugar nem vai a lugar algum. Pelo menos uma porta serve a um propósito certo. O preguiçoso não está interessado em cumprir nenhum propósito e, realmente, não cumpre propósito algum, exceto comer o alimento que outra pessoa provê. O autor sagrado exagera aqui um tanto; o homem preguiçoso nem ao menos se levanta do leito, embora saibamos que, ocasionalmente, ele saia da cama.

Este versículo tem sido espiritualizado: "Assim sendo, os pecadores profanos jazem no leito das concupiscências pecaminosas e dos prazeres sensuais, sempre se dando licença para ficar mais algum tempo na cama, sem jamais levantar-se para fazer coisa alguma... Eles nunca obtêm conhecimento ou experiência espiritual" (John Gill, *in loc.*).

26.15

O preguiçoso mete a mão no prato... O indivíduo que figura em nosso texto é tão preguiçoso que é retratado pondo a mão no prato; ele é tão preguiçoso que o alimento está diante dele, mas a preguiça não o deixa levar à boca, o que representa a segunda linha, antitética. Este versículo é quase uma duplicação de Pro. 19.24, onde há notas adicionais. O preguiçoso não se mexe nem mesmo quanto ao que lhe é necessário.

26.16

Mais sábio é o preguiçoso a seus próprios olhos... Um homem verdadeiramente preguiçoso, que já perdeu toda a iniciativa, é igualmente um tolo cheio de si. Ele é sábio a seus próprios olhos, como o alcoólatra que se engana ao dizer que não é viciado e pode parar de beber a qualquer tempo que quiser fazê-lo. O homem é mentalmente preguiçoso e, no entanto, finge possuir profundo conhecimento das coisas. Ele se compara, inútil e favoravelmente, a homens sábios bem conhecidos. Talvez o insensato preguiçoso, quando deitado em seu leito, tenha "grandes pensamentos" e, assim, "medite". Ele pensa descobrir grandes segredos e penetra no terreno do conhecimento oculto. Na realidade, porém, é um tolo, um preguiçoso auto-enganado, um fingido, uma farsa, um escândalo e até mesmo um jactancioso, julgando-se ser alguma coisa que nunca foi e nunca será.

Antítese. Em seu autoludíbrio, ele pensa ter tanto conhecimento como certo número de homens (*sete*, falando de um número grande e redondo). Ele chega ao extremo de professar-se mais sábio do que os líderes das escolas de sabedoria. Ele não precisa freqüentar as escolas dos sábios, porquanto "ensinou-se a si mesmo", tendo atingido magnífica sabedoria mesmo sem contar com nenhum professor. Os sábios estão equipados para dar boas respostas e razões para a fé e os ensinamentos deles. Mas o insensato pensa ser mais sábio do que aquele bando de homens que vive se garganteando de suas próprias declarações de sabedoria e das razões para essas declarações. Cf. o vs. 25 deste capítulo e também Pro. 6.31 e 24.16.

Os doutos da lei de Moisés se assentavam quando ensinavam seus alunos. Mas os insensatos jazem deitados para entregar suas "palavras de sabedoria".

26.17

Quem se mete em questão alheia é como aquele que toma pelas orelhas um cão que passa. Temos aqui uma solene advertência para a pessoa não se misturar nas querelas e contendas de outras pessoas. Os vs. 17-28 falam nas querelas (vss. 17, 20 e 21) e nos ludibrios (vss. 18 e 19, 24 a 26), nas maledicên-

cias (vss. 20 e 22) e na mentira (vss. 23 e 28), todas essas coisas sendo abusos da faculdade da fala. Ver Pro. 11.9,13 e 18.21 quanto a notas de sumário a respeito do tema, sobre o qual tratam cerca de cem provérbios. Uma das perversões da fala é a querela, discussões insensatas que só podem criar sentimentos e situações constrangedoras.

Sinônimos. Aquele que se intromete nas dificuldades de outras pessoas é como o homem que tem a coragem, a loucura de passar perto de um cão e agarrá-lo pelas orelhas, para fazê-lo parar e ser controlado. Os cães, nos países orientais, percorriam grandes distâncias em seus caminhos erráticos. Não eram bichos de estimação, conforme se vê no Ocidente. No Oriente, eles infestavam as ruas caçando alimentos e brigando uns com os outros. Eles se pareciam mais com lobos do que com cachorros, conforme os conhecemos atualmente. Teria você a ousadia de apanhar um cão pelas orelhas, que são tão sensíveis, e assim enraivecê-lo? Isso seria como vaguear na companhia de um cão oriental. Os perpetradores de loucura têm de pagar por sua insensatez. As versões da Septuaginta e árabe dizem que o insensato segurou o cão pela cauda, e não pelas orelhas, o que seria um ato igualmente louco.

26.18,19

Como o louco que lança fogo, flechas e morte. Encontramos aqui um provérbio em dois versículos, conforme o estilo comum da seção de Pro. 22.17-24.34, que tem cerca de vinte desses arranjos. Ver Pro. 22.17, sob *Apresentação das Declarações*, quanto a várias maneiras pelas quais os provérbios são apresentados.

O mestre refere-se aqui ao arqueiro enfurecido que atira flechas ardentes em todas as direções. Ou a figura pode ser a de um homem que lança tochas contra edifícios, a fim de incendiá-los propositadamente. A morte é o resultado de atos de arqueiros ou incendiários loucos. Cf. esta parte do versículo com o vs. 10 deste capítulo, que fala sobre o arqueiro louco que fere a outras pessoas, insensivelmente. No presente versículo estão em foco principalmente os pecados da língua.

O louco. No hebraico, *mithpalpel*, palavra derivada de *lahah*, que significa "desmaiar", "ficar admirado", a qual foi emendada para *mithholel*, "um louco", derivada de *halal*. A emenda torna mais claro o significado, sendo esse, provavelmente, o verdadeiro sentido do texto.

Vs. 19. Este versículo é o paralelo sinônimo do vs. 18. O arqueiro enlouquecido é como o homem que engana o próximo, causando-lhe dano, e em seguida diz: "Oh, eu estava brincando!". Ele fez um negócio sério ser reduzido a mera brincadeira, abusando assim de sua faculdade da fala. "Seu ludíbrio, como se fora uma flecha mortífera, já causou o seu dano" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Portanto, praticamente nada adianta alguém dizer, depois de praticar uma loucura, que estava "apenas brincando".

As palavras transportam consigo o poder da vida e da morte e não devem ser usadas descuidadamente, tola mente. Ver Pro. 18.21. "Muito daquilo que o mundo chama de brincadeira é, na realidade, uma brincadeira de mau gosto mortal" (Fausset, *in loc.*).

26.20

Sem lenha, o fogo se apaga. A madeira sempre foi um dos bons e principais combustíveis. Mas quando o suprimento de lenha se acaba, o fogo se apaga. Embora seja um óbvio truismo, a figura serve a seu propósito, revelado na segunda linha.

Sinônimo. É o difamador que conserva as chamas da contenda continuando em suas calúnias e maledicências. Ver Pro. 11.13; 16.28; 18.8; 29.19 e 26.22. Quanto ao caluniador, ver Pro. 13.1; 14.6; 15.12 e 22.10. Ver o artigo chamado *Mexerico* tanto no *Dicionário* quanto em Pro. 11.13 e 18.8.

26.21

Como o carvão é para a brasa e a lenha para o fogo. Este versículo é um paralelo do vs. 20, dizendo a mesma coisa mas com uma figura diferente. Agora o "carvão" e a "lenha" são os combustíveis, em vez da mera lenha, conforme se lê no vs. 20. A madeira mantida perto do fogo em breve está queimando; a lenha é posta sobre brasas acesas e em breve pega fogo. O fogo facilmente se transfere e, nesse ato, ocorre grande queima.

Sinônimo. O homem briguento é como o fogo que incendeia a madeira, ou como brasas que fazem a lenha pegar fogo. Ele é o agente inflamador da sociedade, provocando chamas de contenda e ódio. Quanto às contendas, ver Pro. 17.1; 18.6; 20.3; 22.10; 23.29 e 30.33. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Contendas*.

Onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão e toda espécie de coisas ruins.

(Tiago 3.16)

26.22

As palavras do maldizente são comida fina... Este versículo repete Pro. 18.8, onde ofereço notas expositivas. Este versículo também alinha-se entre os provérbios atribuídos a Salomão, que cabem dentro da grande seção de Pro. 10.1-22.16. Assim sendo, presumivelmente quando os escribas de Ezequias fizeram a sua compilação, incluíram a declaração nesta outra porção do livro. Ver Pro. 25.1.

26.23

Como vaso de barro coberto de escórias de prata. Um vaso pode ser esmaltado com uma fina camada de outra substância que oculte o humilde barro. A palavra *esmalte* tem sido ilustrada no ugarítico (Albright, "A New Hebrew Word for Glaze", in *Prov. 26.23*", no *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, págs. 24 e 25, abril de 1945). Do conhecimento assim obtido, a tradução "escórias de prata" tem sido rejeitada. A figura simbólica, conforme foi usada aqui, significa que o esmalte oculta a verdadeira natureza do vaso. O vaso é mais nobre pelo lado de fora do que pelo lado de dentro. O hebraico diz, literalmente, "prata de escória", mas isso se refere a um processo em que o esmalte não envolve, necessariamente, pó de prata, embora esse fosse um dos materiais empregados. Cf. as palavras de Jesus, em Luc. 11.39. Um vaso pode ser limpo e atrativo pelo lado de fora, mas cheio de corrupções pelo lado de dentro.

Sinônimo. O coração ímpio de um pecador pode ser como um vaso esmaltado. A fala suave oculta a corrupção e a violência do coração. O homem pode falar graciosamente (vs. 25), mas não nos devemos deixar enganar. Os lábios do homem são fervorosos, ou seja, zelosos e atrativos. É melhor traduzir aqui o termo hebraico *dalaq* como "requieimante", porquanto isso empresta uma conotação negativa, ao passo que a intenção do autor é dizer-nos que a fala do homem oculta um coração corrupto. Portanto, deve ser algo bom, atraente, suave, eloquente, zeloso — algo positivo. Mas Ellicott, *in loc.*, diz "requieimando de amor", ao passo que no coração esconde-se o ódio e a contenda. É duvidoso, porém, o acréscimo das palavras "de amor". Não obstante, Fausset e John Gill permanecem com essa espécie de explicação: "requieimando com a profissão do amor a Deus e da afeição pelos homens bons" (John Gill, *in loc.*). Seja como for, o homem é um hipócrita, dizendo uma coisa e sendo outra. Cerca de cem provérbios abordam o uso próprio e impróprio da língua. Ver Pro. 11.9,13 e 18.21 quanto a notas de sumário sobre esse tema.

26.24

Aquele que aborrece dissimula com os lábios. Encontramos aqui uma repetição do vs. 23, sem a figura do vaso esmaltado. Esta declaração diz somente o seguinte: Aquele que odeia não fala como quem odeia. Antes, professa amar e preocupação por outrem. Mas sua linguagem é hipócrita. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Engano, Enganar*. Ver também sobre *Ódio e Amor*. As palavras do homem em pauta ocultam o ódio, mas, quando ele tiver uma boa oportunidade, haverá de esmagar aquele que odeia. Ver no vs. 19 o trecho chamado *engano*.

Antítese. O coração do homem é contrastado com os seus lábios. Com os lábios, ele faz belos discursos, que ocultam a iniquidade e a violência de seu coração. Algum dia, porém, o coração e os lábios estarão em concordância perfeita, mas hoje podemos ser enganados por sua suave linguagem amorosa. O Targum, a Vulgata e o siríaco produzem duas declarações sinônimas neste versículo, fazendo os lábios revelar a corrupção do coração. A maneira de falar de um homem é indicador seguro do que está no seu coração. Se você prestar atenção, descobrirá que certo homem oculta o ódio em seu íntimo.

26.25

Quando te falar suavemente, não te fies nele. Este versículo expande o vs. 24. O homem dotado de um coração iníquo, que é ocultado pelas palavras suaves da boca, agora é retratado a falar com voz suave ou graciosa. Diz o original hebraico, literalmente, "quando ele faz a sua voz ser graciosa". A conversa de um homem pode ser encantadora (cf. os vss. 23 e 24), mas pode ocultar um coração perverso. Um homem sábio perceberá a farsa e não acreditará no que ouve, pois esse homem estará querendo obter alguma espécie de ganho, que certamente significará perda para quem ouve.

Antítese. Um homem fala suavemente, mas seu coração está cheio dos sete tipos de abominação (ver sobre essa palavra em Pro. 11.1). O número *sete* significa muitos, numerosos. Cf. o vs. 16, "sete homens". Esse homem é um

pecador perfeito; é versátil no negócio do pecado; tem muitos vícios; provavelmente descobedeceu a todos os dez mandamentos. Se ainda existe algum mal do qual ele não participou, é porque ele ainda não ouviu falar a respeito. Cf. Os sete demônios de Mar. 16.9. Ver Pro. 6.16 ss. quanto às sete abominações. Aben Ezra pensa que há uma referência direta, aqui, a isso, o que não é muito provável, embora a passagem sirva de ilustração.

26.26

Ainda que o seu ódio se encobre com engano. A primeira linha deste versículo refaz, de leve, a idéia de Pro. 26.24a. Esse é o homem do ódio e dos atos odiosos, mas a sua fala suave engana as pessoas. Sua vida interior pecaminosa, da qual se originam seus motivos e atos, é encoberta pelo engano. O vs. 23 tem outras declarações que significam a mesma coisa, pelo que o autor sagrado insiste neste ponto.

Antítese. Embora tenha sido quase perfeito em seu trabalho de disfarce, o homem acabará sendo desmascarado, finalmente, em tudo aquilo que ele realmente é. Ele é culpado de crimes e será levado à assembléia dos juizes, em um tribunal, onde será julgado e condenado. Não há aqui nenhum pensamento da assembléia celestial, diante do Juiz Supremo, a fim de sofrer alguma espécie de punição pós-túmulo. Sem dúvida isso exprime uma verdade, mas tal doutrina é anacrônica aqui. Ver Dan. 12.2 quanto ao avanço havido na teologia dos hebreus que, finalmente, trouxe tal idéia ao seio do judaísmo. Os livros apócrifos e pseudepígrafos desenvolveram as doutrinas de punição e recompensa no pós-vida, e o Novo Testamento herdou e desenvolveu esses conceitos.

26.27

Quem abre uma cova nela cairá. A primeira linha deste versículo é essencialmente idêntica a Sal. 7.15, onde ofereço a exposição. O dano perpetrado tem uma maneira de voltar-se contra o homem que pensa que quer prejudicar outros. A cova escavada acaba tornando-se a cova na qual o próprio caçador finalmente cairá. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

Sinônimo. O mestre usou outra metáfora, ou seja, a de fazer rolar uma pedra com o intuito de ferir alguém. Talvez a figura seja a de fazer rolar uma pedra grande, do alto de uma colina, contra algum objeto lá embaixo, como uma casa ou um aprisco de ovelhas, que uma pessoa pretenda destruir. Algum dia, uma pedra que role acabará atingindo aquele homem. "Por muitas vezes o livro de Provérbios afirma que o pecado atua como um bumerangue" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Provavelmente, a figura do versículo é a seguinte: um homem está rolando uma pedra colina acima, mas em breve haverá de deixá-la rolar colina abaixo, pelo outro lado, para esmagar algum objeto que quer ver destruído. Mas, quando a empurra colina acima, visto que a pedra é por demais pesada, ele perde o controle, e a pedra rola de volta sobre ele, esmagando-o. Uma boa ilustração é o caso de Hamã, que foi enforcado na própria forca que havia preparado para Mordecai. Naturalmente, nesse caso, devemos compreender um aparelho de empalar. Ver o capítulo 7 do livro de Ester.

26.28

A língua falsa aborrece a quem feriu. O ódio é o substituto do diabo para o amor de Deus e é tão destrutivo quanto o amor de Deus é construtivo. Aqueles que odeiam foram iludidos pelos demônios e são seus escravos. A língua mentirosa é uma das muitas armas do ódio. Ela esmaga as suas vítimas, conforme diz, literalmente, o hebraico literal aqui. Ver no *Dicionário* sobre *Ódio*. As mentiras de um homem são como golpes esmagadores aplicados à cabeça da vítima. O Targum altera a declaração, transformando-a em um ataque contra a verdade.

Sinônimo. Exatamente tão destruidoras como as palavras inspiradas pelo ódio são as palavras lisonjeadoras, porquanto são uma forma de mentira. A mentira está oculta por trás do elogio. Há motivos falsos por trás do "bem" dito acerca de outrem. O homem que lisonjeia não está pensando em quão boa é a pessoa para quem ele está falando. Mas está pensando nos bens que poderá arrancar dela, mediante palavras mentirosas. O homem é levado a sentir-se bem consigo mesmo e, naturalmente, acerca de quem que o elogia. Mas a questão inteira é um jogo doentio e uma farsa. Cf. isso com a mentira que Satanás pespugou em Eva: "Como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal" (Gên. 3.5), o que provocou grande confusão.

Quanto à *lisonja*, ver Pro. 6.24; 7.5; 12.2; 20.19; 26.28; 29.5. As pessoas já têm uma opinião exagerada de si mesmas, e, assim, são facilmente enganadas por elogios insinceros. A palavra hebraica *chaluqqah* tem o sentido básico de algo suave, ou seja, uma conversa suave.

Capítulo Vinte e Sete

Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 26 e 27. Os capítulos 25-29 constituem a segunda coletânea dos provérbios de Salomão. Ver a introdução a esta seção, imediatamente antes da exposição a Pro. 25.1.

27.1

Não te glories no dia de amanhã. “Dezesseis dos vinte e sete versículos deste capítulo abordam a questão do nosso relacionamento com as pessoas (vss. 2-6,9-11,13-18 e 21,22). A advertência sobre as incertezas do dia de amanhã é repetida em Tia. 4.13-16. A palavra hebraica para “jactância” é traduzida por “louvares”, nos vss. 2 e 21. Uma pessoa não deve elogiar a si mesma sobre o que fará no dia seguinte, pois ela realmente não tem como saber, com certeza, o que acontecerá” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

As *Instruções de Amen-em-Ope* (ver as informações sobre Pro. 22.22) têm um paralelo:

*Na verdade, desconheces o desígnio de Deus,
Não podes saber sobre o amanhã.*

“...
O homem não sabe como será o amanhã,
Os eventos da manhã seguinte estão nas mãos de Deus.

Os hebreus tinham uma expressão, “os filhos do tempo”, para os eventos que surgem, mas estão fora do escrutínio humano. Por conseguinte, os homens devem submeter-se humildemente à vontade soberana de Deus, em vez de jactar-se orgulhosamente acerca do que são e do podem fazer na continuidade do tempo. O oposto da jactância é a ansiedade, a qual, por igual modo, deve ser evitada (ver Mat. 6.34). Um homem que confia no Senhor também não se mostrará ansioso. A confiança em Deus é o remédio tanto contra a arrogância como contra a ansiedade.

A *jactância* é o tema da primeira linha; não saber o que acontecerá no futuro próximo é o tema da segunda linha, que é antitética. Por isso mesmo é que costumamos dizer: “Se Deus quiser”, faremos isto e executaremos os nossos planos (ver Tia. 4.15). O Targum lembra-nos que não sabemos o que acontecerá hoje mesmo, quanto menos amanhã! A própria vida humana é incerta, e até o fato de continuarmos vivos está nas mãos de Deus, e não depende do que planejamos fazer.

27.2

Seja outro o que te louve, e não a tua boca. Se alguém tiver de ser elogiado, essa pessoa deve reprimir-se de elogiar a si mesmo. Isso é pura arrogância inconveniente. Ver o orgulho e a humildade contrastados, em Pro. 11.2 e 13.10. Os versículos paralelos são: Pro. 14.3; 15.25; 16.5,18; 21.4. Ver também sobre *Olhos Altivos*, em Pro. 6.17. No *Dicionário* dou artigos sobre *Orgulho* e *Humildade*.

Antítese. Uma palavra de elogio sincera e bem colocada anima a alma e insufla em nós um novo propósito. Essa palavra nos transmite alegria e confiança. Mas ela precisa sair da boca de outrem. Que outra pessoa comente o que você é e o que tem feito, pois então o elogio será bem colocado e, presumivelmente, sincero. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Jactância*. Outra pessoa não hesitará em salientar condições negativas, que estaremos ansiosos por negligenciar. Um homem fala sobre si mesmo de maneira abreviada. A outra pessoa conta a história inteira sem emendas e omissões. Mas o melhor de tudo é ser elogiado por Deus:

*Porque não é aprovado quem a si mesmo se louva, e, sim,
aquele a quem o Senhor louva.*

(II Coríntios 10.18)

27.3

Pesada é a pedra, e a areia é uma carga... Coisas físicas pesadas incluem pedras e areia. Os vss. 3-6 discutem vários relacionamentos interpessoais, e um dos mais difíceis de suportar ou mais pesados é quando temos de conviver com um insensato que continua a nos assediado.

Antítese. Nenhum peso físico pode comparar-se à ira ou à provocação de um insensato que, infelizmente, cruza nosso caminho.

Há uma passagem, em Eclesiástico 22.18, que ilustra o nosso texto.

*Areia, sal e um pedaço de ferro, essas coisas são mais fáceis
de carregar do que um homem sem entendimento.*

“A ira é a loucura, mas o insensato não sabe como estabelecer limites à sua ira. Ele não tem uma gota do orvalho do Espírito para apagar a chama” (Fausset, *in loc.*). Um homem sábio não reagirá à provocação do insensato, pois, do contrário, estará sempre em turbulência. “O insensato, neste caso, é a pessoa de cabeça dura, voluntariosa, que nunca aprendeu a controlar-se, mas que explode de ira quando interceptada” (Ellicott, *in loc.*).

Os Insensatos e a Insensatez. Este é um dos grandes temas do livro de Provérbios. Quanto a alguns exemplos, ver Pro. 7.22; 10.8,10,18,23; 11.29; 12.15; 13.16; 14.16; 15.5; 17.7,10,12,16,21,24; 20.3; 23.9; 26.1,4-6,8,10-12; 27.22; 28.26; 29.11,20; 30.22. Cf. também Pro. 12.23; 14.24; 15.2,14; 19.3; 22.15; 24.9 e 27.22.

27.4

Cruel é o furor e impetuosa a ira, mas quem pode resistir à inveja? Dois poderosos vícios do ser humano, em suas condições perversas, são: a ira, que é cruel, e a ira, por muitas vezes avassaladora contra o homem que é o seu alvo. Essas são obras da carne e manifestações da natureza carnal, e mostram-se abundantes neste mundo pecaminoso. Para detalhes, ver no *Dicionário* os verbetes *Ira* e *Crueldade*.

Antítese. Pior e mais devastadora do que a ira é a inveja. “A ira é como uma torrente. É como uma tempestade que ruga por algum tempo, deixa ruínas e então cessa. Mas a inveja é contínua. É persistente; estica a destruição” (Rolland W. Schloerb, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ciúmes*, quanto a detalhes.

O amor é forte como a morte, o ciúme é duro como a sepultura.

(Cantares 8.6)

*Oh, cuidado, meu senhor, com a inveja,
Aquele monstro de olhos verdes.*

(Shakespeare)

Onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão e toda espécie de cousas ruins.

(Tiago 3.16)

“Abel não pôde resistir diante da inveja de Caim, nem José diante de seus irmãos. Nem o próprio Senhor Jesus pôde resistir à inveja de Seus irmãos e dos judeus... Um homem invejoso é pior do que um homem iracundo. A ira logo pode desaparecer, mas a inveja permanece e continua operando” (John Gill, *in loc.*).

27.5

Melhor é a repreensão franca do que o amor encoberto. A repreensão até que pode ser algo bom, se for sincera e salientar algo para ser corrigido na vida. Um homem sábio haverá de nos amar se o repreendermos de modo que ele possa tirar proveito da repreensão (ver Pro. 9.8). Ver também Pro. 1.23,25; 5.12; 10.17; 13.18; 15.10; 17.10; 28.23 e 29.15. A repreensão é uma das funções ou ofícios da boa doutrina (ver II Tím. 3.16). Naturalmente, há uma repreensão dura e odiosa, cujo propósito é ferir e não curar, e há muito desse tipo de repreensão no mundo. Ademais, ser alguém repreendido “francamente”, isto é, “abertamente”, conforme lemos neste texto, é especialmente difícil de receber, mesmo que a repreensão busque o nosso bem. Ver no *Dicionário* o artigo *Repreensão* (*Admo-estação*), quanto a detalhes.

Antítese. Qualquer tipo de repreensão é melhor do que o amor secreto, que é um tipo de afeto que não se exterioriza por meio de palavras ou atos. Essa virtude deve tornar-se pública e operar abertamente para tornar-se eficaz. Corrigir as próprias faltas pode ser sinal de amor, e a falha em corrigir essas faltas mostra ausência de amor. Além disso, há todas aquelas coisas positivas que o amor deve fazer. O amor é o princípio máximo da espiritualidade, sem o qual não poderia ter havido missão remidora (ver João 3.16), nem evidência do novo nascimento (ver I João 4.7). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor*, quanto a detalhes, poemas ilustrativos e citações. Ver Pro. 4.6; 8.17,21,36; 9.8; 10.12 e 16.13.

27.6

Leais são as feridas feitas pelo que ama. Este versículo amplia a mensagem do vs. 5. Um homem que ama o seu amigo talvez tenha de feri-lo mediante repreensões, quando esse amigo estiver fazendo algo que é prejudicial a si mesmo e a seus semelhantes. Mas as feridas feitas por um amigo podem ser curadoras,

tal como a cirurgia pode remover um câncer que nos ameace a vida ou corrigir um órgão defeituoso vital. Feridas de amizade podem ser marcas de verdadeira amizade e gentileza, e produzem o bem. Naturalmente, todos conhecemos as feridas produzidas com o propósito de prejudicar, que, de fato, prejudicam. Esse tipo de feridas não está na mente do mestre, aqui. Elas são administradas em meio ao ódio, e não com amor, por isso não têm valor remidor.

Antítese. Os beijos (favores) de um inimigo são na realidade feridas destruidoras, embora possam não ter essa aparência quando aplicadas pela primeira vez. Esses beijos podem levar-nos a pensar que estamos sendo favorecidos, mas não demorará muito para encontrarmos um punhal em nossas costas. Esses beijos são profusos, o que representa melhor tradução do original hebraico, mas também são hipócritas e produzirão danos. No mínimo, não têm significado, mesmo que, finalmente, não produzam efeitos maus. Lembre-se o leitor do beijo traidor de Judas Iscariotes! Nossos inimigos são filhos espirituais de Judas. Lembre-se o leitor, por igual modo, do beijo dado por Joabe, que facilitou uma estocada fatal (ver II Sam. 20.9).

Considera-os fiéis, não para louvarem tudo quanto digas e faças, mas aqueles que reprovam o que é errado.

(Isócrates, *Ad Nicoclem*, pág. 38)

27.7

A alma farta pisa o favo de mel. Se um homem comeu muito e está de barriga cheia, ficará doente ao pensar em comer coisas tão deliciosas como o mel. E chegará a odiar as coisas que ordinariamente ama.

Antítese. Um homem faminto estará ansioso por comer até mesmo coisas amargas que satisfaçam sua fome. “A fome é o melhor tempero” (Charles Fritsch, *in loc.*). “O versículo pode estar ensinando que a atitude de alguém para com as possessões materiais é influenciada por quanto esse alguém possui. Os que têm muito não apreciam ou não valorizam um presente tanto como os que têm pouco” (Sid S. Fritsch, *in loc.*). Ou então o provérbio é apenas uma simples observação sobre certas coisas comuns na vida, sem intenção de encobrir um significado oculto ou moral.

Este versículo tem sido espiritualizado e cristianizado para falar na fome e na sede de justiça (ver Mat. 5.6), bem como no apreciar a boa mensagem do evangelho, que satisfaz a fome da alma destituída. Alguns, entretanto, abusam de seus privilégios espirituais, como foi o caso do filho pródigo (ver Luc. 15.23-32). Essas pessoas têm abundância de coisas boas, mas não as apreciam. Negligenciam os valores espirituais por estarem estragadas pelas oportunidades excessivas. Este versículo pode ter por intenção falar sobre a *moderação*, da qual todos necessitam. Ver sobre esse termo no *Dicionário*.

27.8

Qual a ave que vagueia longe do seu ninho. Para uma ave, o ninho é essencial à vida, pois é o lugar onde os filhotes se alimentam e se abrigam em segurança. A ave insensata (se é que há alguma!) afasta-se daquele lugar vital. Estou conjecturando que o mestre, neste ponto, inventou um caso hipotético, sem usar uma ilustração da natureza. É verdade que as aves, algumas vezes, escolhem lugares impróprios para fazer seus ninhos e então sofrem violência da parte dos homens ou dos animais. Uma provisão da lei tinha por intenção cuidar de tais casos (ver Deu. 22.6).

Sinônimo. Em contraste com a ave mais sábia, ou em concordância com o pássaro que, hipoteticamente, fica vagabundando, vemos o espetáculo de homens vagabundos, que perdem o seu caminho, caindo em todos os tipos de situações perigosas e deprimentes. O texto pode apenas significar que os viajantes abandonam aquilo que é melhor, a fim de “verem o mundo”; ou poderia haver aqui uma referência a sábios itinerantes, que saíam por toda a parte a ensinar. Eclesiástico 39.5, pois, bem poderia ser paralelo do presente versículo:

Um sábio servirá entre grandes homens.

E comparecerá diante de governantes.

Ele viajará através de terras de povos estranhos;

E submeterá a teste o que é bom e o que é mal entre os homens.

Em Pro. 51.13 o sábio fala de quando ele era jovem, “antes de começar a vagar ao redor”. O versículo à nossa frente provavelmente fala das saudades que o professor itinerante sente de sua casa; e talvez ele até esteja dizendo em seu coração: “Valeu mesmo a pena?”. A aplicação moral pode ser a aplicação do texto, entretanto. Cf. o filho pródigo (ver Luc. 15.11-32). Jó esperava morrer em seu ninho (ver Jó 19.18). “O homem desassossegado leva consigo as raízes do descontentamento, por onde quer que vá” (Fausset, *in loc.*).

27.9

Como o óleo e o perfume alegram o coração... O azeite era usado para efeitos de unção, embelezamento e curas, todas elas coisas boas. Perfumes eram usados para aumentar o prazer, mediante aromas agradáveis. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Azeite* e *Perfume*, quanto a detalhes. Esses tipos de coisas alegram o coração dos homens, porquanto são pequenos prazeres da vida de que todas as pessoas precisam.

Sinônimo ou Antitético? Considere o leitor os pontos seguintes:

1. A King James Version faz a segunda linha (que é difícil e talvez até corrupta no hebraico) ser sinônima da primeira. Os pequenos prazeres da vida, que tomam os homens felizes, são como bons conselhos dados aos sábios, mediante os quais os homens crescem em sabedoria e conhecimento.
2. A Revised Standard Version (seguindo a Septuaginta) faz segunda linha ser antitética, falando da alma rasgada por tribulações, que é o contrário aos prazeres.
3. Além disso, alguns dão: “a doçura de um amigo fortalece a alma” (Cf. Pro. 16.24).
4. Isso faria a segunda linha ser sinônima. Nenhuma interpretação satisfatória da segunda linha tem sido encontrada, e por isso há muitas conjecturas a respeito.

27.10

Não abandones o teu amigo, nem o amigo do teu pai. Temos aqui um trio que compõe um provérbio. Examine o leitor estes pontos:

1. A amizade fecha a lacuna das gerações. Um homem não deve abandonar seus amigos nem os amigos de seu pai. Existem aí dívidas que precisam ser pagas e ignoram a passagem do tempo. “Não se devem esquecer os antigos amigos da família” (Charles Fritsch, *in loc.*). Este provérbio defende tanto os laços familiares como a família ligada a outras famílias, e isso está de acordo com a forte consciência dos hebreus sobre a importância da comunidade. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amizade*.

*Meu filho, não removas os amigos de teu pai,
Para que teu amigo não te abandone.*

*Meu filho, melhor é um amigo que está perto
Do que um irmão que está longe.*

(Provérbios de Ahikar)

2. Seria um estranho conselho dizer a um homem para não ir à casa de seu irmão em tempos difíceis, para obter simpatia e ajuda. Portanto, a linha significa somente que esse irmão estava distante, e não seria conveniente viajar um longo caminho só para obter o consolo de um irmão. Ver Pro. 17.17.
3. Portanto, em tempos de calamidade, quando você precisar de consolo e ajuda, vá à casa de algum amigo que more nas proximidades. Ele substituirá bem seu irmão de sangue, nessa ocasião difícil. Quanto ao amigo que é mais próximo que um irmão, ver Pro. 18.24.

Adam Clarke compreendia a palavra “longe” como se falasse da indiferença de um irmão para com outro, e não como uma referência à distância física. Mas essa é uma interpretação um tanto duvidosa.

27.11

Sê sábio, filho meu, e alegra o meu coração. O pai espiritual (o mestre da escola de sabedoria) conclama seu filho espiritual (um estudante na escola) a alegrar o coração aprendendo e obedecendo àquilo que lhe foi ensinado. Ele estava aprendendo a lei mosaica, a qual é fomentada e interpretada pelas declarações da sabedoria. A lei de Moisés era o guia (ver Deu. 6.4 ss.); o manual; a fonte de sabedoria e conhecimento; a lei era tudo, de acordo com a mentalidade dos hebreus. Os israelitas eram um povo de Um Livro só, e outros livros eram escritos para facilitar a compreensão do Livro único, por parte das mentes piedosas. Quanto às palavras *filho meu*, ver Pro. 6.1.

Sinônimo. Um filho espiritual que esteja andando no caminho reto e tomando-se sábio, torna possível ao mestre responder àqueles que o criticam. Ele pode apontar para seu bom aluno como um caso bem-sucedido; e isso seria um poderoso argumento em favor da retidão e do poder de sua doutrina, que está produzindo bons resultados. O professor, pois, poderá assumir a responsabilidade pelos erros do estudante, porque, afinal de contas, ele está fazendo bem a maior parte das coisas. Isso lhe permite demonstrar que foi um “pai” competente, a despeito de fracassos ocasionais. Alguns eruditos, entretanto, fazem esse pai ser o pai biológico, e, nesse caso, o filho bom provaria que o velho homem desempenhou bem a sua tarefa de criação de filhos. Cf. Pro. 13.24 e 22.6. Ver também Mat. 5.16.

27.12

O prudente vê o mal e esconde-se. Um homem prudente pode ver a aproximação do perigo, e isso resulta de tipos específicos de atos. Vendo a aproximação do perigo, ele se esconde e, assim, escapa. Talvez esta linha tenha um tom moral: ele vê os perigos produzidos pelo pecado. Pro. 22.3 é virtualmente igual, e o leitor deve examinar ali as notas expositivas. A segunda linha também é igual a Pro. 22.3b. O homem bom avança pela estrada correta, porque parte de ser bom consiste em antecipar as consequências dos atos e das situações. Já o homem mau trilha o caminho ruim, porquanto ou não vê os efeitos adversos do que está fazendo, ou então pensa que, através de algum ato emergencial, pode evitar os maus efeitos de seus atos. Os vs. 12-13 são reiterações de provérbios anteriores. Quanto a essa circunstância, ver as notas que se seguem ao vs. 13.

27.13

Tome-se a roupa àquele que fica fiador por outrem. Este versículo é uma duplicação de Pro. 20.16, onde ofereço as notas expositivas. Pro. 20.16 também está localizado em uma seção em que os provérbios são atribuídos a Salomão, o que é verdadeiro no tocante aos capítulos 25-29 do livro de Provérbios. Foi apenas natural que certos provérbios tenham sido repetidos, visto que houve diferentes coletâneas que continham algum material comum.

27.14

O que bendiz ao seu vizinho em alta voz, logo de manhã. Esta primeira linha fala em ostentação. O homem levanta-se cedo para louvar a seu próximo e certifica-se de que muita gente ouça a sua voz, pois ele fala em alto som. Outro tanto se dá como muitas aleluias e améns na Igreja. Aquele que profere essas palavras com voz mais alta atrai mais atenção de outras pessoas, as quais o louvarão por sua espiritualidade superior. "As profissões espetaculares de consideração, como beijos profundos aplicados em um inimigo (vs. 16), com razão incorrem na suspeita de designios sinistros" (Perowne, *in loc.*). Provavelmente, a bênção aqui relaciona-se às saudações (cf. Gên. 47.7 e II Reis 4.29). Talvez o homem que apela para a ostentação consiga arrancar da cama o vizinho, com os seus gritos. "Ações oportunas e sensibilidade diante de outras pessoas que estejam dormindo são atitudes importantes. O tempo errado para uma ação correta faz com que ela seja recebida como uma maldição" (Sid S. Buzzell, *in loc.*, o qual vê somente uma ação inoportuna, e não atos de ostentação, porquanto perdeu o ponto principal da declaração).

Antítese. Uma ostentação ansiosa, disfarçada de bênção proferida sobre outrem, termina em maldição tanto para o homem que grita como para quem escuta o louvor insincero. Azeda a relação entre as duas pessoas e faz o abençoador parecer um insensato. "As profissões públicas extravagantes devem ser pouco consideradas" (Adam Clarke, *in loc.*). A gratidão oferecida em segredo é recomendada por Deus (ver Mat. 6.5,6).

27.15

O gotejar contínuo no dia de grande chuva... Este versículo é igual a Pro. 19.13b, onde ofereço as notas expositivas. Aqui o autor sagrado consegue obter um provérbio de duas linhas (com uma segunda linha sinônima), mediante a manipulação da segunda linha de outro provérbio (ver Pro. 19.13b). Por uma razão, certos provérbios foram repetidos; ver o vs. 13 do presente capítulo.

27.16

Contê-la seria conter o vento. O autor sagrado ampliou a declaração do versículo anterior. Aquela mulher que é uma calamidade, que jamais pára de falar e pinga continuamente como a chuva pinga através do teto, o dia inteiro, também se assemelha ao vento que não pode ser contido. Ela está fora de seu controle, pelo que chove e sopra o dia inteiro.

Sinônimo. O autor sacro produziu ainda uma terceira metáfora que descreve aquela mulher. Restringi-la em sua fala contínua e resmungona é uma tarefa tão impossível como juntar óleo na mão, a menos que o óleo esteja em um vaso. Não conseguiremos fazê-lo. Conseguiremos somente deixar nossas mãos oleosas. "...tão impossível quanto tentar juntar um punhado de óleo. O óleo é tanto instável quando escorregadio" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Na mão. A mão direita é dotada de habilidade e poder, mas não há nem habilidade nem poder que possa realizar a tarefa de conter uma mulher contenciosa. A mão direita também pode referir-se a uma posição de autoridade. A mulher bizarra não haverá de querer dar ouvidos à nossa autoridade, expressa por meio de palavras de repreensão. "Cuidado para não escolheres uma esposa com base apenas em sua beleza ou riquezas; porquanto, se ela for uma mulher contenciosa,

o mal não será facilmente remediado" (Fausset, *in loc.*). Ademais, não a escolha-mos somente porque ela é crente. Em vários casos, isso não prova muita coisa.

27.17

Como o ferro com o ferro se afia. Este provérbio provavelmente tem por intuito elogiar as graças sociais, mas também deve aludir ao trabalho de um professor na escola de sabedoria. Uma lima se fabrica de ferro, e esse é um bom instrumento para fazer um bom fio em uma faca de ferro. Ele torna a faca afiada e boa para uso. Afinal, uma faca é feita para cortar, mas, se não estiver afiada, não cumprirá sua tarefa de maneira alguma, ou, pelo menos, não apropriadamente.

Sinônimo. "...um homem afia a outro", da mesma maneira que a linha amola o fio de uma faca. Assim diz a tradução da Revised Standard Version, que deixa de fora a palavra "fisionomia" a fim de obter um sentido melhor; outro tanto que faz a nossa versão portuguesa. Está em pauta o processo de educação. Um homem afia outro. Ele forma um fio cortante no outro homem, ou seja, torna-o um instrumento apropriado para servir a outros, ou para que sua tarefa específica seja realizada. A sabedoria é o objeto do processo de afiação, e o instrumento para conseguir isso é a lei de Moisés, o guia dos israelitas (ver Deu. 6.4 ss.). Talvez o provérbio seja lato o bastante para incluir a idéia das profissões em uma sociedade. Deve haver um apropriado programa de treinamento para que isso seja produzido. Aristóteles fazia da função a virtude de um homem. O homem torna-se um instrumento na sociedade, com uma função específica e útil. A educação tem por finalidade atingir esse alvo.

Quero afiar a outras pessoas, como a pedra de afiar dá tio às facas, embora a própria pedra de amolar não tenha fio.

(Horácio, *Ars. Poet.*, vs. 304)

Parte da boa criação de crianças, de acordo com a mentalidade dos hebreus, era equipar um filho para uma profissão qualquer, e não meramente ensinar-lhe a lei de Moisés. O homem que ensinava a seu filho a lei, mas omitia instruções sobre uma profissão, fazia apenas meio trabalho como pai. Quão crítica é essa idéia atualmente no Brasil! Muitos pais incorrem no equívoco de entregar à escola pública toda a educação dos filhos; mas a escola pública tem caído na decadência, e milhões de alunos são aprovados, embora tenham sido aprovados mediante a "cola", perturbando toda a carreira escolar. Eles chegam à universidade através da cola e continuam colando ao chegar ali. Dessa maneira, eles se formam, mas estão despreparados para qualquer boa profissão. A maioria dos estudantes nunca chega à universidade, e a sorte desses ainda é pior. Os pais sem visão condenam seus filhos a ganhar o salário mínimo!

27.18

O que trata da figueira comerá do seu fruto. Essa metáfora agrícola lembra-nos que, se os homens quiserem ter figos de uma figueira, terão de seguir o correto procedimento. O homem precisa ser diligente. Tem de cuidar de sua figueira. Para fazer isso, precisa de conhecimento e deve servir a sua árvore, a fim de torná-la saudável e produtiva. Se um homem obedecer às leis da natureza nessa questão, então a figueira responderá ao tratamento, produzindo figos em abundância. Cf. Pro. 12.11 e 28.19 quanto a outras metáforas agrícolas, e ver no *Dicionário* o artigo chamado *Agricultura*, que tem uma aplicação metafórica.

Sinônimo. Esperaríamos que a segunda linha falasse do mestre a cultivar (a cuidar) seu estudante. Mas o autor refere-se à necessidade de o aluno seguir seu professor, para certificar-se que obterá dele tudo quanto puder. O estudante tem de honrar o professor estudando em casa e praticando o que lhe foi ensinado. Ele tem de fazer seu mestre sentir-se bem por ser professor, para que continue entusiasmado em sua tarefa. Se o mestre perder o entusiasmo, já não será tão eficiente. Um bom aluno será honrado, porque ajudou o professor a lograr o sucesso. O mestre e o estudante compartilham do mesmo sucesso. O sucesso pertence a ambos, e ambos são honrados diante de um trabalho bem-feito.

Se alguém me servir, o Pai o honrará.

(João 12.26)

27.19

Como na água o rosto corresponde ao rosto. Na superfície da água, um homem pode ver o reflexo de si mesmo, correspondente à sua fisionomia — o homem e sua imagem refletida. O original hebraico é sucinto, mas compreensível: "Como a água, face a face, assim o coração (mente) de homem para homem".

Sinônimo. Considere o leitor estes pontos:

1. Isso poderia significar que os homens são semelhantes em sua formação espiritual e mental. Essas duas formações são mutuamente interativas e formam o caráter básico de um homem.
2. Ou então o coração de um homem é reflexo de seu verdadeiro caráter, porquanto coração e caráter são sinônimos virtuais.
3. Ou, seguindo a liderança da Septuaginta, a segunda linha poderia significar: "tal como os homens podem reconhecer-se mutuamente pela aparência exterior, assim também reconhecem os caracteres interiores uns dos outros" (Charles Fritsch). Ver em Pro. 4.23 os comentários intitulados *Coração*, que alguns estudiosos traduzem como *mente*.
4. Ou então pensamentos, expressos por meio de palavras, refletem o verdadeiro caráter daquele que os expressou.
5. Ou, finalmente, os homens têm o coração bastante parecido uns com os outros (o coração mau corresponde ao indivíduo mau, e o coração bom corresponde ao indivíduo bom). Portanto, para que você saiba como é outra pessoa, basta olhar para seu próprio coração. O que alguns homens encontram no próprio coração não é assim tão agradável, e o que os outros são também não é tão agradável.

*Senhores, se o que pensais
Deixasse vestígios claros,
Os divórcios seriam mais,
E os casamentos bem raros.*

*Senhores, houvesse espelhos
Para ver o que pensamos,
E beijaréis de joelhos
Toda lama que pisamos.*

(Augusto Gil)

27.20

O inferno e o abismo nunca se fartam. Este provérbio diz-nos o quão insaciáveis são os desejos dos homens. O *sheol* e o *abaddon* (ver sobre ambos no *Dicionário*), nunca se enchem, embora milhões sejam postos em seus sepulcros e sofram a destruição da carne. Sempre há espaço para mais milhões. Ver os comentários sobre Pro. 15.11 quanto ao *sheol* e ao *abaddon*, que não repito aqui. Esses "lugares" são personalizados como se fossem grandes monstros insaciáveis que devoram as pessoas. Ver o submundo a devorar almas imateriais certamente é anacronismo, e dificilmente é o que o autor do livro de Provérbios tinha em mente. Abordo a questão em Pro. 15.11.

Sinônimo. Os olhos dos homens nunca se satisfazem; seus apetites nunca ficam satisfeitos. Seus desejos são insaciáveis. As concupiscências do homem são tão ilimitadas como o *sheol*.

*Meu filho, o olho do homem é como uma fonte de água, e não
se satisfaz com as riquezas enquanto estas não ficam
empoeiradas.*

(Provérbios de Aicar)

Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Aicar*, Livro de. Cf. este versículo com Eclesiastes 1.8; 4.8 e 19.20. O autor talvez quisesse dar a entender que a satisfação reside no estudo e na prática da lei, que ensina aos homens a moderação e, quando desejarem algo, que desejem o que é bom e benéfico.

27.21

Como o crisol prova a prata, e o forno o ouro. A prata passa através do crisol, e o ouro passa através do forno: ambas as coisas mostram o que são esses metais preciosos, retirando deles a escória estranha. Ver Pro. 17.3a quanto às mesmas declarações, onde ofereço a exposição. Ver também no *Dicionário* o verbete chamado *Refinar*, *Refinador*.

Sinônimo. A qualidade dos elogios de um homem tem de ser submetida a teste, sendo "refinada", por assim dizer, de toda espécie de elementos estranhos. Consideremos os pontos seguintes:

1. Em primeiro lugar, contamos muito a respeito de um homem por meio daquilo que ele elogia. Talvez tenhamos de estar na companhia dele por algum tempo para fazer a descoberta, mas finalmente tudo virá à tona. Ele louva a virtude e a bondade, ou a sua mente está cheia de louvores por coisas inúteis e até mesmo pecaminosas? Um homem elogiará aquilo que lhe agrada.
2. Ademais, muita coisa pode ser dita sobre o caráter de um homem por meio daqueles que o elogiam. Essas pessoas são boas e sinceras, ou são pecado-

res réprobos? Ver Rom. 1.32. Os ímpios se deleitam nos atos de outros ímpios e estão prontos a emulá-los.

3. Além disso, podemos dizer algo sobre o caráter de um homem mediante sua reação aos louvores. Porventura, ao ser elogiado, ele fica inchado como um homem orgulhoso e cheio de si? Ou então, quando criticado, ele se oculta em uma explosão de ira?

*Podemos dizer qual é o caráter de cada homem, quando
contemplamos como ele elogia e recebe elogios.*

(Sêneca, *Epístolas Morais*, LII)

4. Um homem elogiará os valores que ele entesoura, e esses valores, por si sós, já nos dizem que tipo de homem é ele.
5. O crente transfere o louvor que lhe for dado a Deus, se ele é, realmente, um homem espiritual. "Não fui eu quem fez, mas Deus me capacitou, pelo que louvado seja Deus!"

Sou grato para com aquele que me fortaleceu...

(I Timóteo 1.12)

*Trabalhei muito mais do que todos eles; todavia não eu, mas
a graça de Deus comigo.*

(I Coríntios 15.10)

27.22

Ainda que pises o insensato com mão de gral entre grãos pilados. Os insensatos resistem a qualquer tentativa de correção e mudança. Somente um insensato ou um morto nunca muda. "É muito difícil separar o insensato de sua insensatez". Esta metáfora vê a pulverização de grãos com um instrumento para obter grãos puros separados das porções que não podem ser usadas como alimento. Cf. Núm. 11.8, a preparação do maná. Pequenas quantidades de trigo eram preparadas em pequenos vasos, mediante esmagamento, ao passo que grandes quantidades eram preparadas nos moinhos.

Antítese. Um insensato, por outro lado, resistirá a todas as nossas tentativas para reformá-lo, separando a escória do pecado e da insensatez que há nele, mesmo que seja severamente espancado. Ele ignorará as repreensões, em contraste com o que acontece aos sábios (ver Pro. 27.5). "As ronchas causadas pelos testes e castigos não conseguirão reformar o insensato. Assim sucedeu com Acaz (II Crô. 28.22) e Judá (Isa. 1.5,6; 9.3)" (Fausset, *in loc.*). Uma criança pode ser corrigida por meio da vara (ver Pro. 22.15), mas não um insensato empedernido. Um espancamento público pode curar alguns homens (ver Pro. 20.30), mas não o insensato endurecido. O insensato que esteja apenas começando sua carreira de tolices pode até ser reformado pelo temor causado quando vê outrem receber um espancamento público (ver Pro. 19.25). Entretanto, isso não funciona no caso de um insensato endurecido. Ele prefere morrer ali mesmo, na praça pública, a mudar seus caminhos. A lição que aprendemos aqui é que o pecado endurece um homem como o calor endurece os metais. Ver Pro. 29.1.

O Ideal Bucólico (27.23-27)

27.23

Procura conhecer o estado das tuas ovelhas. Este provérbio tem aplicações espirituais, porém o mais provável é que tenha-se destinado somente a prover bons conselhos sobre a agricultura. Um homem sábio não imitará jamais o insensato, descrito em Pro. 24.30 ss. O homem preguiçoso permite que suas plantações e vinhas sejam arruinadas, pois teme trabalhar. Naturalmente, ter diligência em nossas tarefas é uma questão moral, visto que a preguiça é um pecado, ao passo que cuidar da própria família é uma virtude.

A primeira linha deste provérbio ordena a diligência no tocante aos rebanhos, ao passo que a linha sinônima fala sobre os rebanhos, e as duas linhas juntas representam a agricultura, que era a ocupação da grande maioria dos cidadãos da antiga nação de Israel.

Os vss. 23-27 apresentam o ideal bucólico, e o propósito deste discurso sem dúvida foi o de encorajar os jovens a levar avanti a ocupação ideal da terra, sem se voltarem para os negócios ou para o comércio na tentativa de enriquecer. A agricultura era menos atacada pelas tentações mundanas, e essa era outra vantagem.

Quanto à aplicação espiritual de uma passagem como esta, ver I Ped. 5.2-4. Ademais, contemos com Cristo, o Bom Pastor, que não negligencia Seu trabalho pastoral (ver João 10). Ver também Atos 20.28.

27.24

Porque as riquezas não duram para sempre. Por qual razão um jovem prefere permanecer em sua fazenda, mesmo depois de ter estado em Paris? Porque as riquezas não são tudo. Por igual modo, não duram para sempre. E as riquezas são cercadas por uma série de problemas que a agricultura não envolve. Embora um negociante, como é óbvio, possa obter mais dinheiro em sua cidade mundana do que um agricultor em seu campo, o negociante também estará comprando para si mesmo algumas grandes desvantagens. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Riquezas*, quanto a detalhes sobre o assunto.

Sinônimo. Um jovem que fugisse para Alexandria, no Egito, poderia ter sorte e tornar-se líder de homens, governante ou mesmo rei vassalo de algum pequeno país. Lembre-se do que aconteceu a José, filho de Jacó. Ele obteve uma coroa ou outro símbolo de sua autoridade, e sua fortuna material ficou garantida. Certamente ele ficou rico, como acontece à maioria dos políticos. Teve uma vida agitada e enfrentou perigos para obter glória, através das conquistas militares. É verdade que um agricultor jamais poderia comparar-se com tudo isso. Por outra parte, há vantagens para quem permanece em casa e continua observando as tradições de seus antepassados. Além disso, ser um governante ou um monarca é um empreendimento de pouco tempo. E, mesmo se alguém governa como rei por longo tempo, as gerações que vão e vêm acabam varrendo tudo para longe.

27.25

Quando, removido o feno, aparecem os renovos. Os ciclos agrícolas vão e vêm, em contraste com a incerteza da vida de um negociante. Quando a erva desaparece durante o inverno, nova aparece na primavera; um homem planta e colhe; os campos ficam desnudos, mas o plantio e a colheita continuam a ocorrer interminavelmente, e a terra sempre coopera com o agricultor. O autor sagrado, entretanto, deixa de mencionar a seca, as enfermidades das plantas, o saque de terras por parte de invasores, e todas as coisas semelhantes, a fim de não enfraquecer a sua apresentação da estabilidade da vida agrícola. "A tranqüila sucessão das colheitas e das estações é aqui descrita" (Ellicott, *in loc.*).

Sinônimo. Nossas ovelhas e rebanhos aumentarão e precisaremos de boas terras de pastagem. Mas a natureza cuidará disso para nós, porquanto as colinas certamente terão uma cobertura vegetal abundante e apropriada para os animais. Deus estará do nosso lado, pelo que olhemos para as colinas, de onde nos chegará ajuda. Assim sendo, se o trabalho de um agricultor é difícil, o bom resultado está garantido, porque a terra é abençoada por Deus, e Ele pode não abençoar as nossas aventuras na cidade grande.

27.26

Então os cordeiros te darão as vestes. Um bom fazendeiro contará com muito gado vacum, como também com ovelhas e cabras. A terra lhes fornecerá alimentos, e os animais darão ao fazendeiro outros bens de que ele necessite para viver. As ovelhas lhe proverão vestes. Se um homem for suficientemente industrioso, terá lã bastante para vender a outros, e sua esposa poderá vender produtos feitos de lã, obtendo dinheiro para adquirir outras coisas (ver Pro. 31.24). Assim sendo, um agricultor talvez não fique tão rico quanto um rapaz citadino pode ficar, mas sustentará a si mesmo, não sendo forçado a ouvir a voz iracunda dos patrões.

Sinônimo. Tudo continuará a correr bem na fazenda. As cabras se multiplicarão e em breve o fazendeiro terá dinheiro suficiente para comprar um terreno extra. Em breve estará fazendo quase tanto dinheiro quanto o rapaz citadino, o qual, por esta altura, convenhamos, estará usando pesos e medidas desonestos (ver Pro. 20.3) para aumentar seus lucros.

27.27

E as cabras leite em abundância para teu alimento. O leite de cabra será abundante, tornando-se um dos principais alimentos da família e dos servos do proprietário das terras. As descrições são de um fazendeiro regularmente próspero, porquanto possui vários tipos de animais domesticados, além de vários servos, provavelmente incluindo alguns escravos.

Sinônimos. As servas do homem (provavelmente mencionadas nesta linha como as mais humildes de todas as pessoas que vivem em uma fazenda) também compartilharão das riquezas. As servas cuidavam do gado, especialmente das vacas produtoras de leite, bem como das cabras, e compartilhavam do leite e de outros produtos da fazenda. Todos terão o suficiente para as suas necessidades, mas não haverá luxos supérfluos (como os que são empregados nas cidades), e isso, por si só, figura entre as bênçãos da vida em uma fazenda.

Capítulo Vinte e Oito

Não há interrupção entre os capítulos 27 e 28. Os capítulos 25-29 constituem a segunda coletânea dos provérbios de Salomão. Ver a introdução a esta seção geral em Pro. 25.1. Ela está dividida em duas partes: parte I (capítulos 25-27) e parte II (capítulos 28-29). A primeira parte é similar à segunda seção do livro (ver Pro. 22.17 - 24.35). E a segunda é similar a Pro. 10.1-22.16 (seção II, isto é, a segunda divisão principal do livro).

Parte II da Segunda Coletânea dos Provérbios de Salomão (28.1 - 29.27)

28.1

Fogem os perversos, sem que ninguém os persiga. Homens perversos têm a consciência culpada. Eles já cometeram muitos crimes e possuem muitos inimigos. Portanto, não é preciso grande coisa para assustá-los. Talvez eles pensem que a polícia ou detetives particulares estejam atrás deles, ou então homens que anseiam por efetuar vingança pessoal. Além disso, alguns desses homens ficam olhando para cima, perguntando se Deus não os ferirá com um raio. "O som de uma folha tangida pelo vento fica a persegui-los" (ver Lev. 26.17,36; Deu. 37; Sal. 125.1,2).

Antítese. Em contraste, o homem justo mostra-se ousado, crente de que o Senhor cuida de sua segurança; de que seus dias são numerados favoravelmente por Deus; de que ele viverá uma vida longa e próspera, por causa de sua retidão, que será recompensada. É como um leão, que não teme nenhum perigo, porquanto na floresta onde vive é rei. Ele confia em Deus. Não teme repreensão por suas más ações. Ver I Sam. 17.32 ss. e Sal. 91.1 ss. e 125.1,2. Pindaro compara um homem corajoso a um leão (*Isthem*. 4. antistroph. 3, col. 1).

28.2

Por causa da transgressão da terra mudam-se freqüentemente os príncipes. Existem períodos históricos em que há uma sucessão constante de reis porque a terra está cheia de transgressões. Não há estabilidade política, e os assassinatos são freqüentes. O reino está em tribulação, por causa dos pecados e das traições. O reino do norte, Israel, exemplificou essa situação. Cf. I Reis 15.27 ss. Já o reino do sul, Judá, estava relativamente estável, até perto do tempo do cativo babilônico; mas então o reino do sul também caiu no caos e teve uma rápida sucessão de monarcas. O reino do norte, em suas nove dinastias, teve vinte reis diferentes.

Antítese. Em contraste com o que dissemos anteriormente, quando a justiça se firma em um reino, há estabilidade política, e cada rei governa por um longo tempo. A lei de Moisés, naturalmente, é o padrão dos julgamentos. O bom rei realiza justiça, e assim tem o apoio de príncipes fortes e do povo em geral. Ocorrem rebeliões, promovidas por homens iníquos, mas essas rebeliões são abatidas sem que o reino se divida pelo meio. A linhagem de Davi, que controlava o reino de Judá, era comparativamente estável. Já o reino do norte, Israel, viveu em constante apostasia e não conheceu repouso.

Compreensão e Conhecimento. Estas coisas benéficas que o seguir a lei confere ocorrem porque a lei é o instrumento da sabedoria. Diz o Targum: "Os filhos dos homens que compreendem, permanecerão" (cf. Eclesiastes 9.15).

28.3

O homem pobre que oprime os pobres é como chuva... Quando um pobre oprime outro homem pobre, então se instala uma estranha situação. Alguns eruditos não gostam da maneira como o texto está, apresentando o vocábulo hebraico *rash*, "pobre", e trocam essa palavra por outra, *rasha*, "ímpio"; mas para isso não há apoio por parte dos manuscritos. O autor sagrado destacava uma situação incomum de opressão, mas que acontece ocasionalmente. O homem que estava sofrendo opressão torna-se opressor. É um homem de coração duro, que nada aprendeu de sua própria experiência negativa.

Sinônimo. Essa situação é como uma chuva longa e pesada, que destrói as plantações e não deixa alimentos agrícolas no reino. O resultado é uma calamidade generalizada. Cf. Mat. 18.28, onde um escravo persegue outro, do mesmo proprietário.

28.4

Os que desamparam a lei louvam o perverso. A lei de Moisés era o guia (ver Deu. 6.4 ss.) na antiga nação de Israel, o manual de crença e prática. Fonte

de justiça e equidade, era repleto de mandamentos contra a iniquidade e o pecado de toda sorte. Mas houve muitos que abandonaram todas essas vantagens e seguiram seu caminho ímpio, ignorando o tradicional caminho da lei. Ver Pro. 4.27 quanto a uma nota de sumário sobre os *caminhos contrastados dos bons e dos maus*. Os que desobedecem a lei elogiam outros que também a quebram, conforme aprendemos em Rom. 1.32. Eles têm prazer naqueles que pertençam ao tipo igualmente pervertido. Esse tipo forma uma grande companhia, unida no propósito de fazer o mal e semear a discórdia. Na época em que o livro de Provérbios foi escrito, o Pentateuco certamente já estava canonizado e reconhecido como autoritativo.

Antítese. Havia também uma grande companhia de homens que reconhecia a autoridade do Pentateuco e, possivelmente, a autoridade das declarações de sabedoria e dos Profetas. Eles tinham seu padrão do bem e opunham-se a homens iníquos. A lei mosaica tornara Israel uma nação distinta (ver Deu. 4.4-8). Cf. o vs. 9 deste mesmo capítulo e ver as notas expositivas sobre Pro. 13.13. Ver também Nee. 13.17 e Efé. 5.11 quanto à idéia de contenção contra o mal.

28.5

Os homens maus não entendem o que é justo. Os homens maus, que há muito tinham abandonado a senda do aprendizado da lei, e não a consideravam seu guia, não compreendem a justiça exigida pela lei. Eles substituem a lei da ordem e da equidade pela sua própria algaraviada de caos e corrupção. “Os homens maus não sabem o que é direito, visto que não buscam a vontade do Senhor, conforme ela se revela na lei” (Charles Fritsch, *in loc.*).

Antítese. Em contraste com o que lemos anteriormente, aqueles que buscam o Senhor, mediante o estudo da Palavra (no contexto do Antigo Testamento, a lei mosaica), recebem conhecimento e iluminação. Esses compreendem a justiça.

*Quando andamos com o Senhor,
Sob a luz de Sua Palavra,
Que glória se derrama em nosso caminho.*

(J. H. Sammis)

“Deus se revela somente àqueles que O temem (ver Sal. 25.14; I Cor. 2.11; I João 2.20). Seguindo a luz, eles são guiados a toda a verdade (ver João 16.13). Em contraste, o mal fecha os olhos dos ímpios e os torna incapazes de contemplar a luz, mesmo que o queiram fazer (João 12.39 ss.)” (Ellicott, *in loc.*). É impossível seguir os dois caminhos conflitantes ao mesmo tempo (ver I Reis 18.21; Mat. 6.24; ver I João 2.20).

Ai do pecador que segue por dois caminhos.

(Eclesiástico 2.14)

28.6

Melhor é o pobre que anda na sua integridade... É melhor alguém padecer necessidades materiais, mas possuir riquezas espirituais, do que possuir riquezas e ser uma pessoa iníqua. A primeira linha deste versículo é idêntica a Pro. 19.1a, onde apresento as notas expositivas.

Antítese. O homem rico tem o que sempre foi cobijado pelos indivíduos profanos: riquezas materiais, muito dinheiro, propriedades, prata, ouro, pedras preciosas e bens de consumo de toda espécie, grande parte deles importados. Se os homens a quem ele prejudicou não o perseguirem para fazer-lhe o mal, a retribuição divina o fará, porquanto ele vive pleno de transgressões e não pode ter uma vida longa em paz. Ver sobre o perverso, em Pro. 2.15. Esse é o homem perverso, que caminha em sua vereda pervertida.

Nos seus caminhos. Ver sobre a *metáfora da vereda*, em Pro. 4.11; ver Pro. 4.27 quanto aos *caminhos bom e mau contrastados*; e ver sobre a *metáfora do andar*, no *Dicionário*. A questão dos caminhos pode ser traduzida por “perverso em dois caminhos”, o que poderia significar o homem que tenta seguir dois caminhos diferentes, o reto caminho da lei e o seu próprio caminho tortuoso. Se esse é o verdadeiro significado aqui, então temos Eclesiástico 2.12 como um mandamento direto contra tal tentativa. Ver sobre o vs. 5, no fim, quanto às citações.

28.7

O que guarda a lei é filho prudente. É provável que esteja aqui em vista o relacionamento literal de pai e filho, e não o relacionamento entre mestre (pai espiritual) e filho (filho espiritual). No relacionamento entre pai e filho, o ideal era que o filho fosse tão sábio quanto seu pai que obedece à lei. O filho sábio

aprende e obedece à lei. Cf. o vs. 4 deste presente capítulo. Pro. 29.3 é virtualmente idêntico. O filho que ama a sabedoria alegre o seu pai. O pai logrou êxito na criação de seu filho e duplicou nele sua vida moral e espiritual.

Antítese. Em contraste com o que acabamos de dizer, temos o temível espetáculo de um filho mau que se tornou colega da multidão que segue pelo caminho mau — os glútes, os pecadores em geral, as prostitutas, os preguiçosos e os perversos de toda espécie. Tal homem fará seu pai adoecer. Este ficará perguntando o que terá saído errado e por que a criação de seu filho saiu tão errada. Ver as notas sobre Pro. 13.24 quanto a essa agonizadora situação. Algumas vezes, nem mesmo um treinamento apropriado produz o resultado tencionado, e isso nos faz indagar por quê. As notas sobre aquele versículo tentam dar uma ou mais respostas. O filho perverso faz seu pai envergonhar-se, tanto aos seus próprios olhos como aos olhos de seus familiares, e também na comunidade onde eles vivem. “As más companhias são uma armadilha para a juventude, porque os jovens amam demais os prazeres (ver Luc. 15.13; Jó 27.16,17)” (Fausset, *in loc.*). Quanto às boas e más companhias, ver as notas expositivas em Pro. 13.20, que podem ser usadas para ilustrar este versículo.

28.8

O que aumenta os seus bens com juros e ganância... Cobrar juros era proibido aos judeus, quando um hebreu pedia dinheiro emprestado de outro. Ver Êxo. 22.25; Lev. 25.35-37. Essa lei, entretanto, não era bem observada, nem no judaísmo antigo nem no judaísmo posterior. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Juros*, quanto a um completo tratamento sobre o assunto.

Antítese. O homem que ganha dinheiro ilegal e imoralmente haverá de perdê-lo e terminará entre os pobres, mediante um ato de Deus. Cf. Pro. 13.22; Eclesiastes 2.26 e Jó 17.16,17. Ver também Luc. 19.24 e cf. I Sam. 15.28. Adam Clarke (*in loc.*) chamou tais exploradores de selvagens, desejando que as autoridades britânicas os enviassem para a Nova Zelândia, a terra dos selvagens, uma peculiar referência histórica. A providência de Deus reverteria a situação, e outro tanto fará a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

28.9

O que desvia os seus ouvidos de ouvir a lei. O indivíduo que despreza a lei fechou propositalmente os ouvidos para a lei. Tal indivíduo está em estado de rebelião. Ele teve a sua oportunidade, mas rejeitou-a em seu interesse próprio. Ele tem outras idéias que serão mais vantajosas, segundo ele pensa. O homem que rejeita a lei de Deus se colocou em posição de ser rejeitado por Deus. Ele está cortejando o desastre, pois não terá a vida resultante de seguir a sabedoria (ver Pro. 4.13).

Sinônimo. Quando chegar o tempo da calamidade, esse homem não deve esperar que Deus o ouça e responda às suas orações desesperadas. Até sua oração será uma *abominação*. Quanto a essa palavra, ver as notas expositivas em Pro. 11.1 e também o artigo com esse nome no *Dicionário*. Tradicionalmente, a oração ajuda os impotentes. Mas, quando o indivíduo perverso torna-se impotente (o que, inevitavelmente, acontece), ele é deixado em um estado muito triste. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Oração*, quanto a idéias completas e ilustrações. Cf. a segunda linha com Pro. 15.8; Sal. 66.18; Isa. 59.2. Se um homem não der ouvidos e obedecer à lei, o Senhor também não o ouvirá. Ver Zac. 7.11 e Atos 7.57 (primeira linha, paralela); e Sal. 109.7 (segunda linha, paralela).

28.10

O que desvia os retos para o mau caminho. Temos aqui um trio, três declarações distintas. Considere o leitor estes três pontos:

1. Os homens perversos anseiam por tomar consigo a homens bons, a fim de corrompê-los, reproduzindo-se neles. Quanto a uma vívida passagem que ilustra isso, ver Pro. 1.10 ss. Parte da diversão de ser corrupto consiste em corromper outros, algo muito comum “lá fora”, que pode ser observado todos os dias. Um homem mau quer ter companhia, e em grande número. Ver sobre a boa e a má companhia em Pro. 13.20, onde há notas expositivas detalhadas.
2. O homem que leva outros a desviar-se, escavando covas e pondo armadilhas à frente deles, para garantir o seu sucesso, acabará sendo preso em seus próprios esquemas, nos quais será destruído. Ver Pro. 26.27, que ilustra vividamente esse princípio. Ver também Pro. 1.18, onde encontramos a mesma idéia. Assim é o funcionamento da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver Gál. 6.7,8). Ver sobre essa lei no *Dicionário*.
3. O indivíduo sem culpa, que purificou o seu caminho através do aprendizado e da observância da lei, obterá boa herança, talvez sob a forma de dinheiro literal, e certamente sob a forma de benefícios da retidão, a herança espiritual da parte do Pai Celeste (ver Rom. 8.17). Quanto à palavra *íntegros*, ver Pro. 10.9 e Cf. Pro. 28.6,18. A herança poderia ser a paterna, que ele viverá para

receber, ao passo que os ímpios sofrerão morte prematura; mas o versículo parece ir além disso. Deus está presente para abençoar, através dos pais do homem e para além de seus recursos. Aleluia!

Este versículo tem sido espiritualizado para falar sobre a nossa herança em Cristo. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Herdeiro* e *Herança*.

28.11

O homem rico é sábio aos seus próprios olhos. Um homem rico, visto ter dinheiro e poder, engana-se para pensar que é um verdadeiro líder de homens. Porém, não possuindo espiritualidade, ele se engana a si mesmo quanto às verdadeiras riquezas e à verdadeira grandeza. Um homem verdadeiramente grande pode ver a falácia que é a sua vida. Cf. esta primeira linha com Pro. 26.5 e algo similar em Eclesiastes 9.11,15.

Nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu.

(Apocalipse 3.17)

Antítese. Em contraste, o homem pobre, mas espiritual, tem a verdadeira compreensão que se deriva da lei de Moisés. Ele sabe quais são as verdadeira riquezas e a espiritualidade, e também sabe que o homem rico e orgulhoso não tem esse tipo de possessão. Ele percebe a farsa com a maior facilidade.

28.12

Quando triunfam os justos há grande festividade. Quando as coisas saem corretamente, são os homens retos que triunfam e têm grande alegria. Eles desfrutam as bênçãos de Deus e o favor dos homens. Vêm a lei ensinada e seguida, e a sabedoria é seu guia e benfeitor. Isso nos faz lembrar das festividades religiosas que celebravam o que era direito na terra e promoviam ritos e cerimônias no templo de Jerusalém. Eram tempos de grande alegria. Quando um bom rei ocupa o trono e promove a justiça e a equidade, o povo se sente feliz (ver Pro. 11.10). Ver também Pro. 28.2 e 28.

Antítese. Mas, quando um ímpio sob ao trono, então é chegado o tempo de as pessoas de bem se esconderem, porque haverá muitas calamidades. Os homens se ocultam devido ao temor. Os retos serão perseguidos. Haverá assassinatos e aprisionamentos. Haverá calamidades em geral. O hebraico diz aqui, literalmente, "eles são procurados" mas não são encontrados. Cf. Pro. 11.10 e 29.2, trechos bastante parecidos com este versículo. Ver também os vss. 15,16 deste mesmo capítulo, que também são similares.

28.13

O que encobre as suas transgressões, jamais prosperará. Este versículo reflete a teologia hebraica e cristã padronizada. Um homem repleto de pecados finge ser um homem bom. Ele oculta de outras pessoas os seus pecados, e talvez até de si mesmo. Não tem consciência de seu verdadeiro caráter. A experiência mostra-nos que alguns homens encobrem suas transgressões porque as amam. Não querem que haja nenhuma investigação que revele o que eles são, porquanto estão enamorados de seu perverso estilo de vida. Lembre-se o leitor de como Adão e Eva ocultaram seus pecados (ver Gên. 3.8), mas agiram assim temendo o que Deus faria, se os descobrisse. Ver também o caso de Davi, em Sal. 32.3. Cf. esta linha com I Sam. 15.20,21. E ver também I João 1.8-10.

Antítese. O homem bom também é pecador. Ele haverá de sofrer muitas quedas. Porém, não tentará encobrir seus pecados. Confessará seus erros àqueles a quem tiver ofendido e acertará as coisas com eles. Levará seus pecados à presença de Deus, para expiá-los (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Expição*). Deus esquecerá os pecados desse homem, e ele obterá misericórdia. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Arrependimento* e *Perdão*.

Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.

(I João 1.9)

*Meu filho, se pecaste, não peques de novo,
E ora quanto a teus pecados passados.
Foge do pecado como se fora a cabeça de uma cobra;
Pois, se te aproximares dele, ele te picará.
Seus dentes são dentes de leão,
E destroem a alma dos homens.*

(Eclesiástico 21.1-3)

Bramwell Booth passou muitos anos tratando dos males espirituais do povo e declarou que poucas coisas o deixavam tão surpreendido como a evidência contínua de pecados inconfessos e não abandonados. Isso criava toda espécie de confusão. O coração humano não foi criado para abrigar o pecado.

28.14

Feliz o homem constante no temor de Deus. Considere o leitor os pontos seguintes:

1. O homem que teme continuamente o Senhor será feliz. O original hebraico não tem um objeto para a palavra "temor", mas compreendemos o lema comum do livro de Provérbios, o *temor do Senhor*. Ver Pro. 1.7, onde comento sobre esse conceito. Ver também Sal. 119.38, bem como, no *Dicionário*, o artigo chamado *Temor*.
2. Um homem bom também deve temer o pecado, conforme compreendido à luz do vs. 13; mas isso é apenas um aspecto do temor a Yahweh.
3. O homem bom teme cair. Ele desconfia de si mesmo e volta-se para o Senhor, de Quem espera ajuda (Sal. 2.12).
4. O homem piedoso também teme as consequências do pecado, as quais ocorrem tanto naturalmente, mediante a reversão das circunstâncias, como diretamente, mediante retribuições de Deus.

Antítese. O homem que não tem o conjunto certo de temores tropeçará ao longo de seu caminho e, eventualmente, cairá no equívoco que poderia ter evitado. Esse homem não se sentirá feliz, como se sente o homem mencionado na primeira linha. Cf. Pro. 29.1. O homem que habitualmente endurece o coração está encaminhando-se para a destruição, por meio da vingança divina.

Consideremos o caso do Faraó. Ele continuou endurecendo o seu coração e, finalmente, teve de enfrentar inúmeras calamidades. Ver Êxo. 14.5-8; 23.31.

28.15

Como leão que ruge, e urso que ataca. Os animais ferozes eram uma ameaça constante contra os habitantes da Palestina. As feras mais temidas eram as cobras, os leões e os ursos. Não era seguro ficar vagueando por qualquer lugar. O leão mostra-se um caçador incansável e não conhece inimigo natural. O urso, percorrendo o seu caminho, à procura de alimentos, é um animal terrível. Algumas espécies de ursos matam qualquer pessoa quando a avistam, mesmo não estando famintos. Na parte Ocidental dos Estados Unidos, havia abundância de leões da montanha, felinos menores que os leões africanos, e ursos. Mas, na atualidade, excetuando no extremo norte do país, as pessoas são feridas em acidentes com esquis ou em avalanches de neve. Quanto ao poder devastador do leão, ver Pro. 19.12 e 20.2.

Sinônimo. Quando um homem maligno sobe ao trono, ele se parece com um leão ou um urso. E faz muitas vítimas. De fato, a própria sociedade torna-se sua presa. Finalmente, algum "caçador" lhe dá um tiro e o mata; mas, antes disso, muitas vítimas inocentes sucumbem. "Os tiranos são, com freqüência, comparados a leões (ver Jer. 4.7; 50.17 e II Tim. 4.17). E o homem do pecado, o ímpio governante do fim, o grande opressor do pobre povo de Deus, é comparado tanto a um leão quanto a um urso. Ver Apo. 13.2" (John Gill, *in loc.*).

*Vosso adversário anda em derredor, como leão que ruge,
procurando alguém para devorar.*

(I Pedro 5.8)

28.16

O príncipe falto de inteligência, multiplica as opressões. Encontramos aqui o governante imoral típico, que chegou a seu posto de mando por meio de crimes, enganos e manipulações políticas. Esse homem não tem nenhuma compreensão. Ele nunca estudou a lei de Moisés, a origem da sabedoria, nem poderia importar-se menos do que se importa com os sábios e suas declarações. Tal homem está atrás de dinheiro, fama e poder, e fará o que for necessário para alcançar esses alvos. Ele se transforma em um cruel opressor, como o leão ou o urso do vs. 15. Sua obtenção de dinheiro e poder é injusta, e a lei de Deus, eventualmente, o alcançará; por algum tempo, porém, ele fará muitas vítimas. Ele fará guerras estúpidas e se tornará um matador em massa. Oprimirá o próprio povo até que se levante alguém que o destrone. Importará pesados impostos, a fim de enriquecer e viver em alto estilo de vida. Ele perderá o que é valioso: a aprovação de Deus e o amor de Seu povo. Fica entendido, igualmente, que o homem ímpio morrerá de morte prematura. O vingador, divino ou humano, cuidará disso.

Antítese. Em contraste, o homem que odeia o ganho injusto, bem como aquelas coisas nas quais os ímpios se regozijam, terá vida longa, próspera e saudável, com boas realizações. A sabedoria transmite vida (ver Pro. 4.13), e o

nosso homem é um sábio. Ele não está interessado em tesouros mal adquiridos (ver Pro. 1.19; 10.2). Por conseguinte, obterá o tesouro divino de uma vida longa, plena das bênçãos de Deus e da aprovação dos homens. Cf. Êxo. 18.21.

28.17

O homem carregado do sangue de outrem. O hebraico original deste versículo é extremamente obscuro, pelo que todas as interpretações são meras conjecturas. Mas parece que temos aqui um trio, com as seguintes três idéias:

1. Um homem é sobrecarregado por haver cometido um assassinato. Ele se sente "oprimido" pelo seu crime. Sua alma chora, a despeito de sua calma exterior. "A consciência de um assassino o amarra, atormentando-o e levando-o à tentativa de escapar da punição, mas a sua única escapatória é a morte" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).
2. Um homem dotado de má consciência torna-se um fugitivo da vida, ou seja, enquanto viver, o que o autor prediz não durará muito tempo. Esse homem torna-se como o primeiro assassino, Caim. Ver Gên. 4.12 e 9.6.
3. O homem continuará correndo até que alguém o mate, até que alguma enfermidade fatal o corte, ou até que alguma calamidade enviada por Deus o arrebate para a morte prematura. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Homicídio*. Este versículo fala da *Lei da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Que tal homem não espere ajuda nem da parte dos homens nem da parte de Deus. Ele tem uma grande dívida a pagar.

28.18

O que anda em integridade será salvo. Em contraste com o assassino (vs. 17), o homem reto anda em sabedoria e bondade, e será livrado de todos os perigos, vivendo assim uma vida longa, próspera e saudável, cumprindo todos os seus desejos e concretizando todas as suas esperanças. Não está em mira a salvação evangélica, embora essa seja uma aplicação legítima do texto. O homem reto é alguém versado na lei, que põe em prática todos os seus conceitos. A lei, conforme fomentada pelas declarações da sabedoria, tornou tal homem sábio; e a sabedoria transmite vida (ver Pro. 4.13).

Antítese. Um homem ímpio não terá vida longa e próspera, conforme acontece ao homem bom. Pelo contrário, sua vontade perversa o encaminha à destruição. Diz o hebraico original: "ele cairá em um", que a versão siríaca define como "uma cova". A Septuaginta corta o nó górdio deixando de lado as palavras "em um" e dando a entender a queda do homem. Quanto à *metáfora da vereda*, ver Pro. 4.11. Quanto aos *caminhos bom e mau contrastados*, ver Pro. 4.27. O hebraico tem um dual aqui, pelo que poderíamos traduzir por "em seus dois caminhos", como se ele estivesse hesitante e fosse incoerente, enveredando por um caminho um dia, e por outro no dia seguinte. Mas é provável que a tradução como plural — conforme se vê em nossa versão portuguesa — dê o sentido tencionado.

28.19

O que lavra a sua terra virá a fartar-se de pão. Este versículo é similar a Pro. 27.23-27. O autor sagrado encorajou os leitores a fazer da vida agrícola a profissão deles, em contraste com realizações sem valor. A leitura das notas nas referências dadas ilustra o assunto com interessantes detalhes. Pro. 12.11 é quase igual ao presente versículo, e as notas expositivas dadas ali também se aplicam aqui. Ali, a segunda linha apresenta o indivíduo que busca alvos sem valor como se fosse um insensato sem bom senso. Aqui o homem fica pobre, em vez de enriquecer, sua motivação para as buscas "exóticas" ou profissões improváveis.

Antítese. O homem decidiu que não seria agricultor. Portanto, começou a atirar-se a buscas vãs, o que, provavelmente, significa profissões sem futuro. O homem que assim age é insensato (ver Pro. 12.11) e termina a sua carreira na pobreza. Temos um paralelo deste versículo nas *Instruções de Amen-em-Ope* (ver a respeito dessa obra literária em Pro. 22.2). Essa obra serviu de base para certas porções do livro de Provérbios ou, pelo menos, houve um fundo comum de provérbios no qual ambas as obras — as *Instruções de Amen-em-Ope* e o livro de Provérbios — se firmaram. O paralelo diz como segue:

*Ara teus próprios campos, e então descobrirás o que existe,
E obterás pão de tua própria eira.*

28.20

O homem fiel será cumulado de bênçãos. O homem que merece confiança não empregará esquemas que tentem levá-lo à riqueza rápida. Antes, procurará ser um trabalhador árduo, obtendo seu ganho pela força do trabalho. De acordo com ele, esse é o homem que tem sabedoria e entendimento. Apesar de não enriquecer, não lhe falta coisa alguma; pelo contrário, ele obtém muitas bênçãos

com o labor das próprias mãos, da parte de outros homens, que aprovam a sua conduta, e também da parte de Deus, que controla todos os acontecimentos.

Pro. 13.11 é quase idêntico a este versículo, mas as linhas estão invertidas. O homem que obtém o que possui mediante trabalho enriquecerá com as bênçãos de Deus. Encontramos algo similar em Pro. 20.21.

Antítese. O homem que tem pressa em enriquecer quase inevitavelmente se envolverá em métodos duvidosos e até criminosos para concretizar o seu propósito. Seus valores foram distorcidos, e outro tanto aconteceu à sua conduta. Ver Pro. 28.22a.

Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé, e a si mesmos se atormentaram com muitas dores.

(I Timóteo 6.9,10)

28.21

Parcialidade não é bom... Cf. este provérbio com Pro. 18.5. As primeiras linhas de ambos são idênticas. E Pro. 24.23b é semelhante à primeira linha aqui. A parcialidade em um tribunal é o primeiro assunto envolvido. Era algo terrível que podia acontecer, porque apenas duas testemunhas podiam condenar um homem a pagar uma pesada multa ou mesmo a ser executado. Ver Deu. 17.6.

Sinônimo. Proverbialmente falando, um "pedaço de pão" provavelmente representava algo dotado de bem pouco valor. E, no entanto, existem homens tão avaros que se deixam subornar por pequeníssimas somas, para dar um testemunho falso em tribunal e, assim, prejudicar um inocente. Ver os artigos chamados *Testemunha Verdadeira* e *Testemunha Falsa* em Pro. 12.17; 14.5,25; 19.5,9,28; 24.28 e 25.18. Um pequeno suborno também pode comprar o silêncio de alguns homens, permitindo que o testemunho falso, prestado por outras pessoas, condene uma pessoa.

28.22

Aquele que tem olhos invejosos corre atrás das riquezas. A primeira linha deste versículo se parece com Pro. 28.20b. Ver as notas expositivas ali. Ver também Pro. 13.11a, que contém a mesma declaração. Aqui o homem que se apressa por enriquecer é chamado de egoísta. Ele não anda atrás das riquezas a fim de distribuí-las a outras pessoas. Quanto a uma discussão sobre *riquezas*, ver Pro. 10.2. Ver também, no *Dicionário*, o artigo chamado *Riquezas*. O hebraico diz aqui "olho mau", que parece significar que o indivíduo busca as riquezas sem nenhum tipo de restrição moral e sem motivos remidores. Cf. Pro. 23.6. A Revised Standard Version diz "parcimonioso" como interpretação de "olho mau"; parece, contudo, que mais está envolvido nessa expressão hebraica.

Antítese. Buscando as riquezas com olho mau, o homem parcimonioso esquece que, a menos que contemos com o favor de Deus, acabaremos na pobreza. Ele não é um homem inocente (vs. 20b). Tem motivos diferentes e ímpios. Teme o labor honesto (ver Pro. 13.11a) e busca algum atalho para obter riquezas. Mas alcançará um alvo, o oposto do que tencionava: a pobreza.

28.23

O que repreende ao homem achará depois mais favor. O homem que foi aqui repreendido é, naturalmente, o sábio que ama a quem lhe administrou a repreensão, porquanto isso torna-se, para ele, um meio de aprimoramento. Ver Pro. 9.5. Ver Pro. 27.5 quanto à nota de sumário sobre *Repreensão*. Quando alguém é repreendido, mesmo que seja por parte de um amigo, pode ressentir-se disso por algum tempo e até tentar revidar contra o repreendedor. Mas alguém que é fiel, ao apresentar uma crítica construtiva, eventualmente será reconhecido como um homem bom que fez o seu dever e ajudou àquele que foi repreendido. E outras pessoas também reconhecerão que o repreendedor fez o que era correto.

Antítese. O caso da lisonja é exatamente o oposto do que dissemos anteriormente. A princípio, o lisonjeador pode parecer um amigo que ajuda e dá seu encorajamento. Mas pode-se descobrir que esse homem era um hipócrita e também deixou de corrigir uma má situação quando a viu. Quanto a versículos que mostram como a repreensão pode beneficiar, enquanto a lisonja prejudica, ver Pro. 15.5,12; 25.12; 27.5,6; 29.5. O Targum chama aqui o lisonjeador de alguém que tem "língua dúplice", a mesma idéia da versão siríaca. Cf. Sal. 141.3. Cerca de cem provérbios abordam os *usos apropriado e impróprio da língua*. Ver sobre isso em Pro. 11.9,13 e 18.21, onde apresento notas com ilustrações e poesias.

28.24

O que rouba a seu pai, ou a sua mãe... Temos aqui um trío, uma das várias maneiras pelas quais os provérbios são apresentados. Quanto a esses modos de apresentação, ver o artigo chamado *Apresentação das Declarações*, em Pro. 22.17. Considere o leitor estes três pontos:

1. Temos aqui um homem que atingiu as maiores profundezas da depravação, tornando-se capaz de roubar ao próprio pai ou mãe. Ver Pro. 19.2a, bastante similar, onde apresenta idéias sobre como uma coisa dessas pode acontecer. Cf. Mat. 15.4-6.
2. O filho justifica o seu "furto", sem importar do quê, mediante a observação de que ele não transgrediu nenhuma lei. Ele descobriu como fazer o que faz sem quebrar qualquer lei conhecida; mas, afinal, que lhe importavam as leis morais em seu coração? Ou então ele raciocinou como segue: "Sou o herdeiro de meus pais. Portanto, se me apossar da herança antes do tempo, terei ficado somente com o que já era meu". Mediante esse truque filosófico, o filho encobriu uma ofensa muito séria. Ou então o seu raciocínio foi como segue: "Meus pais não me têm dado tudo quanto mereço. Eles têm negligenciado o dever deles; portanto, tomarei daquilo que eles deveriam ter-me dado faz muito tempo".
3. Tal filho é um criminoso comum, e pior ainda, porquanto roubou os indivíduos que mais tinham feito em favor dele, além de ter violado sua relação e responsabilidade com eles. Nem os animais tratam os pais dessa maneira. Esse homem é um destruidor, um assassino, e tornou-se companheiro desse tipo de pessoa. Cf. Pro. 18.9.

28.25

O cobiçoso levanta contendas... Um homem cobiçoso anda atrás de dinheiro e empregará qualquer meio, legal ou ilegal, moral ou imoral, para obter o que quer. Naturalmente, pois, ele provoca contendas entre os homens. Aqueles que são como ele sentem-se infelizes, pois ele está obtendo mais do que merece. Homens bons não suportam o que ele está fazendo, nem a constante tribulação que ele causa mediante as vantagens que obtém. Algum dia, porém, esse homem será devolvido a seu legítimo lugar pelos homens ou por Deus.

O cobiçoso. Literalmente, no original hebraico, temos a expressão "grande de alma", porém, em um sentido negativo. Descontroladamente avarento por coisas materiais, esse homem ficou inchado, tornando-se expansivo de forma negativa. Ele tem um "apetite grande", uma tradução possível para *alma*. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cobiça*. A cobiça é um pecado condenado nos Dez Mandamentos. Ver Êxo. 20.17. As notas existentes no *Dicionário* oferecem versículos do Antigo e do Novo Testamento, bem como certo número de exemplos bíblicos.

Antítese. O oposto desse homem, que põe toda a confiança nas possessões materiais e faz delas o alvo de sua existência, é o homem que preferiu depositar a confiança no Senhor e assim vive de acordo com a Sua lei, que requer moderação em tudo. Ver sobre *confiança*, em Sal. 2.12. Ver também, no *Dicionário*, o artigo *Confiar*, quanto a uma nota detalhada sobre o assunto. Nas páginas do Antigo Testamento, a confiança naturalmente alicerçava-se na lei de Moisés e, aqui, no livro de Provérbios, apóia-se nas declarações de sabedoria que fomentam e ilustram a lei.

O homem que confia no Senhor engorda (hebraico literal), o que pode ser interpretado como "enriquece". Ele obtém tanto riquezas materiais como espirituais, na maneira e na quantidade certa, em contraste com o homem ganancioso, que desobedece diariamente à legislação mosaica.

Esse homem depende do Senhor quanto ao suprimento de todas as coisas boas, e não quanto a esquemas que tencionam levar rapidamente às riquezas. Ele busca o Senhor obedecendo à Sua lei e, por igual modo, orando. Ele anda atrás do suprimento divino.

28.26

O que confia no seu próprio coração é insensato. O homem bom não confia em ganhos materiais e caminhos dúbios para adquirir riquezas (vs. 25); também não confia no próprio coração, nos próprios esquemas e planos para obter o que necessita, material ou espiritualmente. Pelo contrário, confia no Senhor (ver Pro. 28.25b). O homem que confia em si mesmo é um insensato tão grande como aquele que confia no ganho secular. Essas duas coisas estão na mesma classificação das "coisas humanas". "Confiar nas próprias habilidades é uma insensatez concentrada. Um sábio confia em Deus. Quanto à mente, ver Pro. 2.2. Aqui essa palavra poderia ser traduzida por 'eu', pois a mente é o homem" (Charles Fritsch, *in loc.*). A mente é o construtor. É daí que as coisas procedem. Mas o mestre convoca os seus ouvintes a uma confiança superior, a saber, no divino Construtor. Ver sobre o *Coração* em Pro. 4.23. Cf. esta linha do versículo com I Cor. 3.18 ss. Examinando a segunda linha, compreendemos que o homem insensato está a caminho da ruína. Ele não será livrado da destruição.

"Ele não cederá diante de sua própria vontade e de seus próprios impulsos (ver Pro. 3.5,7; 23.4; Osé. 10.13)" (Fausset, *in loc.*).

Antítese. Em contraste com o insensato egocêntrico, o sábio anda na sabedoria da lei. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Andar*. Ele será livrado de calamidades, de vexames e da morte prematura. Um homem sábio terá inteligência dada por Deus para evitar perigos e abismos, pelo que terá vida longa, próspera, saudável e útil. A sabedoria começa com o *temor do Senhor* (o lema do livro de Provérbios). Ver Pro. 1.7 quanto a notas de sumário sobre esse conceito. O sábio estará em segurança. Ver Pro. 3.5,6; 28.18 e 29.25. O Targum diz aqui: "Ele será protegido do mal".

28.27

O que dá ao pobre não terá falta. A mensagem da primeira linha deste versículo é a mesma que as duas linhas de Pro. 19.17. É bom negócio ser bondosos com os pobres. Ao homem generoso nada faltará, e o Senhor será o Seu benfeitor. Aquele que usa de misericórdia com os pobres empresta ao Senhor, e o Senhor cuidará para que o homem prospere. Ver também Pro. 29.7, que fala do mesmo tema. A generosidade é recompensada (ver Pro. 11.24,25; 14.21b,31b; 19.17; 21.26; 22.9 e Deu. 15.10). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Liberalidade*, *Generosidade*, quanto a detalhes.

Antítese. O homem que não é liberal, que nada tem para dar aos que padecem necessidades, que tapa os olhos diante do sofrimento humano, vive sob a maldição de Deus. Portanto, é verdadeira a declaração que diz: "É dando que se recebe". Ver Pro. 22.16a quanto a uma declaração similar que ilustra esta segunda linha. Pro. 11.24b e 26a são declarações parecidas. O povo amaldiçoa o indivíduo que não é liberal, e outro tanto faz o Senhor. Portanto, é melhor ser generoso, nem que seja por puro auto-interesse. Mas o homem verdadeiramente generoso é motivado pela lei do amor, e não por considerações pragmáticas. Ver no *Dicionário* o verbete *Amor*. A media de um homem é a sua generosidade. Eclesiástico 4.5,6 é similar à segunda linha deste trecho bíblico.

Afonso, rei da Sicília, era conhecido como homem extremamente generoso. Quando indagado sobre o que guardava para si mesmo, ele replicou: "Guardo aquilo que dou. O resto se perde".

28.28

Quando sobem os perversos, os homens se escondem. Este versículo é uma variação do vs. 12. Cf. Pro. 11.10,11. A referência aqui é específica aos oficiais públicos. Os políticos não formam, exatamente, uma classe limpa, e alguns deles mostram-se criminosos declarados. Portanto, por muitas e muitas vezes, a experiência ensina-nos que, quando um grupo de políticos sobe ao poder, há debandada geral de cidadãos bons. Este versículo, naturalmente, fala dos mais radicais entre eles, criminosos dotados de poder que saqueiam e matam para obter o que desejam. Naturalmente, os homens se escondem quando sobe ao poder esse tipo de governante, pois por pequenas razões os homens podem ser punidos ou mesmo executados.

Antítese. Homens ímpios, incluindo aqueles que obtêm poder político, finalmente são assassinados ou morrem devido a alguma enfermidade ou acidente; e é então que os justos, de modo geral, prosperam, e alguns deles chegam até a obter poder e aprimoram as coisas. Ver Pro. 11.11a.

"Quando os justos se multiplicam, aqueles que tinham-se ocultado reaparecem e são postos em ofício no lugar dos ímpios. Eles encorajam a verdade e a retidão, e em breve o número dos homens justos se multiplica. Isso serve de grande felicidade a uma nação, e mostra a utilidade e a vantagem de ter bons magistrados na terra" (John Gill, *in loc.*).

Capítulo Vinte e Nove

Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 28 e 29 do livro de Provérbios. Os capítulos 25-29 constituem a segunda coletânea dos provérbios de Salomão. Ver em Prov. 25.1 a introdução a esta seção geral, que está dividida em duas partes: parte I (capítulos 25-27), similar à seção III do livro (Pro. 22.17 – 24.35); e parte II (capítulos 28-29), similar à seção II do livro (Pro. 10.1 – 22.16).

29.1

O homem que muitas vezes repreendido endurece a cerviz. O insensato endurecido parece-se com o boi que endurece o pescoço, resistindo ao jugo e causando dificuldades no ato de arar. Estamos falando sobre um "homem de reprimendas", ou seja, alguém que sempre merece outra repreensão dos homens e de Deus, por causa de sua conduta ímpia e rebelde. Ver sobre Pro. 1.23 quanto

às repreensões. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Repreensão*, e ver também Pro. 27.5. Esses homens são como “bois que tentam livrar-se do jugo, não querendo ser controlados (ver Isa. 48.4; Jer. 17.23)” (Fausset, *in loc.*). Esse tipo de gente não aceita o jugo fácil de Jesus (ver Mat. 11.29,30).

Sinônimo. De acordo com os ditames da *lei da colheita segundo a sementeira* (ver Gál. 6.7,8), essas pessoas ímpias e rebeldes, que nada querem com o jugo da lei, serão subitamente cortadas e sofrerão morte prematura. E chegado o tempo certo, não haverá cura para elas. Cf. esta segunda linha com Pro. 1.27; 6.15; 10.25a e 28.18. A lei, o manual de onde todas as regras do jogo se derivam, impõe uma barganha difícil.

Um exemplo claro do que esta segunda linha diz é o caso dos filhos de Eli, que foram por tantas vezes reprovados, mas nunca mudaram. Ver I Sam. 2.25. Além disso, houve o exemplo contínuo da rebelde nação de Israel (ver II Crô. 36.16; ver também Mat. 18.15-17; Tito 3.10).

29.2

Quando se multiplicam os justos o povo se alegra. A primeira linha deste versículo é similar a Pro. 28.12a e 28.b. Quando os justos aumentam em poder ou recebem autoridade, isso é causa de alegria. Diz o original hebraico, literalmente: “No aumento dos retos”, ou seja, quando eles aumentam a ponto de receber autoridade. Um grande número de homens bons provavelmente não é o que está em vista aqui e, sim, o crescimento nas forças. Ver também Pro. 11.10. Os homens retos são conhecidos por sua justiça e equidade. Então desaparecem os roubos e os assassinos insensatos. O povo fica livre e seguro para dedicar-se aos negócios e ao estudo da lei, coisas essas que são aproveitáveis.

Antítese. Em contraste, quando os ímpios estão em ascendência, as pessoas se lamentam, porque então o reino entra em um estado de morte e decadência. Cf. Est. 3.15. Ver Pro. 28.12 e 28.15. Nessas ocasiões, o povo é oprimido e geme como escravos quando estão sendo espancados.

“Homens ímpios e a impiedade são encorajados e promovidos; pesadas taxas lhes são impostas; o número de homens é diminuído pelo assassinato; a crueldade e as injustiças se espalham; um poder arbitrário é exercido; nenhum indivíduo e sua propriedade estão seguros” (John Gill, *in loc.*).

*Oh, seguro, para a Rocha que é mais alta do que eu,
Minha alma em seus conflitos e tristezas voaria.
Por quantas vezes no conflito, quando oprimido pelo inimigo,
Fugi para o meu Refúgio e deixei escapar o meu ai.*

(William O. Cushing)

29.3

O homem que ama a sabedoria alegra o seu pai. O pai, neste versículo, pode ser o pai biológico, mas também pode ser o pai espiritual, cujo filho se desviou dos ensinamentos de sua escola e correu para a vida mundana, incluindo a companhia de mulheres de vida fácil. Isso se ajusta bem a várias passagens da parte inicial do livro de Provérbios. Ver contra os pecados sexuais em Pro. 2.16-19; 5.3-23; 6.20-25; todo o capítulo 7 e 9.13-18. Cf. também Pro. 10.1; 23.15-24 e 27.11. Quando um filho segue os ensinamentos de seu pai, há alegria; mas os desvios para longe dessa norma arruinam tudo.

Antítese. O homem que mantém a companhia de prostitutas desperdiça suas riquezas, um elemento notável nessa espécie de pecado, embora não seja a única coisa deprimente. Ver Pro. 5.9,10; 6.26; 28.7 e Luc. 15.13,30. A sabedoria pode salvar um homem dos pecados sexuais, memento o adultério. Ver Pro. 2.12,16 e 5.1-3,7-11. Quando um pai vê um filho seu misturado com esse tipo de vida, sente tristeza, em contraste com a alegria que vemos na primeira linha.

29.4

O rei justo sustém a terra. Cf. esta primeira linha com Pro. 16.10-15. O bom rei, instruído na lei e obediente a ela, promove justiça, e isso estabiliza o reino, porquanto elimina os elementos destruidores. Quanto ao fato de a justiça estabelecer uma nação, ver os vss. 2.7,14 do presente capítulo; e ver também Pro. 14.34; 16.12; 20.8,26; 21.15 e 28.12.

Antítese. No entanto, um governante ganancioso pode causar confusão e desassossego generalizado. Literalmente, no original hebraico, ele é um “homem de cobranças”, sempre desejoso por mais e mais no sentido de impostos e expectativa de presentes. A palavra hebraica correspondente é *terumah*, a qual comumente se refere a oferendas rituais, mas não é o que está em vista aqui. É provável que subornos também estejam em mira (ver Pro. 15.27). Reboão é um bom exemplo dessa espécie de atitude. Sua ganância foi instrumental na divisão do reino em parte norte — Israel — e sul — Judá. Ver I Reis 12.1-19.

29.5

O homem que lisonjeia a seu próximo... O homem que lisonjeia também engana, e mesmo que não engane, está atrás de alguma coisa, da parte do próximo, que causará dano. Cf. Pro. 26.24,25,28 e 28.23. Quanto a *Lisonja*, ver Pro. 6.24; 11.9,13 e 18.21.

Antítese. As palavras são belas, mas a intenção é maliciosa, algo semelhante à rede de apanhar que um caçador espalhou para a presa. A vítima será prejudicada e talvez até morta, de forma que seus bens materiais possam ser confiscados ilegalmente. Cf. II Tim. 2.26 e Atos 24.2-4. Alguns vêem aqui a idéia de “para os seus próprios pés”. “Ele foi apanhado na própria rede que armara para outros (Cf. Pro. 1.18; 28.10 e 29.6)” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

29.6

Na transgressão do homem mau há laço. Um homem iníquo prepara armadilhas e espalha laços. Ele sai a campo para explorar outras pessoas, tanto quanto puder. Enche-se de transgressões, mas estas se tornam armadilhas e ardis para ele, que acabará reduzido a nada. Essa é outra maneira de falar sobre a *Lei Moral da Colheita segundo a Sementeira* (ver a respeito no *Dicionário*).

Antítese. A vida do homem bom, em contraste com a do transgressor, produz alegria e cânticos. Ele goza de uma vida longa, próspera e feliz, e segue cantando o seu caminho, o que é uma expressão de sua bem-aventurança. “Ele desfruta de paz de consciência e não teme nenhum inimigo, nem os perigos o assustam; ele espera uma vida longa e de glória no mundo vindouro. É capaz de cantar até à beira mesma da sepultura” (John Gill, *in loc.*).

29.7

Informa-se o justo da causa dos pobres. O homem justo conhece a legislação mosaica quanto ao tratamento bondoso que deve ser conferido aos pobres. Está plenamente cômico das declarações da sabedoria que fomentam a legislação mosaica e, portanto, mostra-se generoso para com eles, o que é bom tanto para ele mesmo quanto para os pobres. A bênção do Senhor o acompanhará ao longo de sua vida. No judaísmo posterior, a doação de esmolas tornou-se prática muito importante, tendo sempre desempenhado papel de proeminência na fé dos hebreus. O homem bom, entretanto, não levará em conta somente questões de dinheiro. Também defenderá o pobre nos casos legais, quando homens sem escrúpulos ameaçarem tomar o pouco que o pobre possui. Ver Pro. 10.15. Ver também Jó 29.16; 31.1 e Sal. 41.1.

Antítese. O homem ímpio, destreinado na lei de Moisés e seguindo a sua própria vereda de destruição, nada fará em favor dos pobres, mas continuará a ser um explorador dos mais fracos. A palavra hebraica *dal*, “pobre”, indica não apenas os que não possuem dinheiro, mas também os débeis, os impotentes, os elementos mais pobres e fracos da sociedade humana.

29.8

Os homens escarnecedores alvoroçam a cidade. Estão em vista aqui os esforços agitadores dos escarnecedores. Quanto a esse tipo de pessoas, ver Pro. 1.1; 14.6; 15.12 e 22.10. Mediante sua oratória inflamada e seus atos malignos, eles lançam uma cidade inteira na confusão e no rebuliço. Os vss. 8-11 contrastam os insensatos iracundos com os sábios, os quais evitam as perturbações públicas e as situações deprimentes que prejudicam a poucos ou a muitos.

Antítese. Um homem sábio, bem treinado na lei de Moisés, que pratica a retidão e a moderação recomendada por essa legislação, continuará a jogar água na fogueira. E assim desviará a ira, resolverá disputas, arbitrará entre facções e ensinará paz. Cf. Eze. 22.30; Êxo. 32.10-14 e Sal. 106.23.

29.9

Se o homem sábio discute com o insensato. É inútil discutir com o insensato. O sábio até pode tentar esse feito, mas o resultado será extremamente negativo. É melhor deixar sozinhos os insensatos empedernidos (os quais, inevitavelmente, são pecadores múltiplos). Talvez a questão específica em vista aqui seja a vitória alcançada em tribunal, num caso com o insensato endurecido e arrogante (no hebraico, *ewef*). Que o leitor evite essas difíceis questões legais.

Antítese. O homem bom fala em favor da paz, e usa calmamente palavras baseadas na razão. Mas o insensato espumeja e ri do homem bom, e o tribunal é lançado em confusão. Não pode haver paz em situações dessa ordem. É melhor esquecer a questão do litígio e deixar que os insensatos se aproveitem o quanto puderem de nossas riquezas. Se um debate comum estiver em foco, o mesmo

caos haverá de prevalecer. Portanto, deixemos o insensato em sua fanfarrônica, e que alguém, que não é tão sábio quanto nós, sofra com seus abusos. Pois não poderemos impressionar um insensato com nossos argumentos bem arquitetados. Ele está fora dos limites da lógica. Cf. Mat. 11.16,17. Ver também Pro. 27.22.

29.10

Os sanguinários aborrecem o íntegro. Um homem íntegro torna-se conhecido por sua bondade e será o alvo natural de homens violentos e sanguinários. O homem justo defende a justiça, mas acaba ficando no meio do caminho do perverso, que faz da sociedade a sua presa. Quanto ao *homem íntegro*, ver Pro. 10.9. Talvez a cena forense tenha sido transferida do versículo anterior para este versículo. Nesse caso, o significado deste versículo poderia ser: "As pessoas íntegras são odiadas pelos insensatos, que preferem matá-las, para que não possam testificar contra eles em tribunal. A integridade é, com frequência, entendida como inculpabilidade. Cf. Pro. 28.6,10,18" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Antítese. O hebraico original é aqui difícil, até mesmo ininteligível, se considerado literalmente. Diz como segue: "O justo busca a sua alma", o que, presume-se, poderia significar que ele busca preservar a própria alma, ou aprimorar ou salvar a alma de outras pessoas (os ímpios), em contraste com os "sanguinários" da primeira linha. Ou então os sanguinários buscam lançar contra os justos a justiça, na tentativa de eliminá-los. Mas esses homens sanguinários são assassinos e precisam ser executados, ou por parte dos homens (como em alguma ação legal) ou por parte de Deus (mediante divina retribuição). A palavra "reto" pode ser emendada para dizer "ímpio" (ou seja, uma emenda de *yesharim* para *resha'im*). Nesse caso, a segunda linha será sinônima, e isso significa que temos aqui a comum declaração de que os perversos buscam prejudicar ou mesmo matar o justo.

29.11

O insensato expande toda a sua ira. Um homem insensato é um falador precipitado que está sempre procurando incendiar o ambiente com sua atitude iracunda. Ele desconhece o autocontrole e não está interessado em buscar essa virtude. Aprecia lutar e fazer confusão e usa linguagem ultrajante. Ver sobre o uso próprio e impróprio da linguagem, em Pro. 11.9,13 e 18.21. Ver também, no *Dicionário*, o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da*. Cerca de cem provérbios discutem sobre esse tema. Quanto ao insensato (no hebraico, *kesil*), ver Pro. 1.7,22. O insensato vive em constante estado de ira. Esse é o teor geral de sua vida. Ver Pro. 15.1; 29.8,21.

Antítese. Em contraste com o insensato, o homem bom controla o próprio temperamento e busca um segundo pensamento, o qual, conforme diziam os gregos, "é um tanto mais sóbrio". O sábio tem paz no coração, e essa paz não é facilmente perturbada pelo insensato, que vive querendo brigar. O insensato, repreendido pela calma do homem sábio, precisa ir a algum outro lugar para brigar. Um sábio tranquiliza a tempestade que se forma em seu interior antes mesmo que esta se desenvolva; mas o insensato é um homem de tempestades em copo da água.

Considere mais bravo aquele que conquista os seus desejos do que aquele que vence os seus inimigos. Pois a mais difícil de todas as vitórias é a vitória sobre o próprio "eu".

(Aristóteles)

29.12

Se o governador dá atenção a palavras mentirosas... Os homens anelam por enganar um governador, a fim de obter algum benefício para si mesmos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Engano, Enganar*. Um governador, se não for homem muito sábio, haverá de dar boa acolhida aos mentirosos. Se for homem corrupto, terá o hábito de enganar e ser enganado. Um governador insensato não reúne ao redor de si mesmo bons conselheiros; antes, atrai homens que estão sempre trazendo algum plano perverso, e não hesitam em mentir para obter alguma vantagem. Adam Clarke via aqui uma menção aos espiões e observou que já tinha visto casos de espiões que enganavam a ambos os lados. Em outras palavras, eram "agentes duplos", conforme se vê atualmente com tanta frequência.

Sinônimo. Os conselheiros de um rei podem ser totalmente corrompidos, e então não haverá como manter a paz e a boa ordem no reino. Ver sobre *conselheiros*, em Pro. 11.14; 15.22; 16.13 e 24.6. Jeremias queixou-se de que, em seus dias, os profetas, os sacerdotes e todo o povo estavam sempre procurando enganar uns aos outros, formando um grande jogo caótico (ver Jer. 5.31). Ver Pro. 16.10.

Como o juiz de um povo, assim são seus oficiais, e como o governador de uma cidade são todos os seus habitantes.

(Eclesiástico 10.2)

29.13

O pobre e o seu opressor se encontram. O pobre (no hebraico, *ras*), alguém destituído de recursos e que vive faminto (ver Pro. 28.3,6,27), é o oposto do opressor. Moralmente, os dois tipos são totalmente diferentes, e as vidas se distanciam uma da outra. Mas há um ponto no qual eles "se encontram", definido pela linha antitética, a seguir.

Antítese. O Deus gracioso fornece luz para os olhos tanto do pobre quanto do opressor. Cf. João 1.9.

A verdadeira luz que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem.

Temos aí menção à iluminação evangélica, por meio da missão de Cristo, mas, no Antigo Testamento, está em vista a iluminação mediante a legislação mosaica. A lei fora outorgada ao povo israelita; agora estava sendo ensinada e podia mostrar a um homem, de alta ou baixa posição, bom ou mau, qual deveria ser o curso de sua vida. Cf. Pro. 22.2. Cristo é o Senhor de todos. Em Pro. 14.31 e 17.5 Cristo é o Criador de todos, pelo que une toda a vida humana, para que todos os homens recebam benefícios comuns. "Deus faz a sua lei brilhar sobre todas as classes de homens (ver Pro. 22.2)" (Charles Fritsch, *in loc.*). Ver Sal. 13.4.

29.14

O rei, que julga os pobres com equidade... Os reis evitam praticar abominações e cometer iniquidade (ver Pro. 16.12a), e também agem com justiça em favor das classes menos privilegiadas. Esses são elementos necessários para o bem-estar e a continuação de um reino. Cf. a primeira linha deste versículo com Sal. 72.2,4,13,17. Deve haver bondade no tocante aos menos capazes, para protegê-los. Também não pode haver parcialidade em prol dos ricos.

Pobres. No hebraico, *dal*, apontando para os que não apenas passam por privações materiais, mas também são fracos e débeis, não dispõem de recursos, nem interna nem externamente.

Sinônimo. Mediante ações justas, o rei garante a continuação de seu reino. O reino será estabelecido pela cooperação dos homens bons e pelo poder divino. Ver Pro. 16.12b, quanto à mesma idéia, em uma passagem que omite as palavras "para sempre" usadas neste versículo. Ver também Pro. 20.28, onde a misericórdia transmite longa vida e poder a um rei. O autor sagrado tinha fé de que o Benfeitor divino paga o rei com o bem, por seus cuidados com as pessoas débeis de seu reino.

29.15

A vara e a disciplina dão sabedoria. As escolas de sabedoria recomendavam punição física para as crianças. Ver as notas sobre isso em Pro. 13.24 e 22.15, que oferecem detalhes e ilustrações. Se um pai sábio quisesse ter um filho sábio, não poderia deixar de lado a disciplina. A lei era o manual da sabedoria, o que mostra que o ensino da lei era algo necessário para lograr o sucesso na vida. Diz aqui o hebraico, literalmente, "a vara e a correção". Talvez isso aponte para a vara e outros meios de correção, incluindo a repreensão verbal. Ou então devemos pensar em: "a vara é o instrumento da correção".

Antítese. Um filho indisciplinado envergonharia sua mãe, a pessoa mais envolvida na educação de uma criança, em seus primeiros anos de vida. A criança era deixada aos seus próprios cuidados, ou seja, era-lhe permitido fazer o que bem entendesse, sem restrição. Portanto, ela fazia o que bem queria e se desviava da vereda certa, misturando-se a toda a espécie de vícios. Quanto a envergonhar a própria mãe, cf. Pro. 19.26 e 28.7. O hebraico literal aqui é muito vívido: A criança foi "enviada embora", foi expulsa, por assim dizer, da casa e da disciplina que deveriam ter sido providenciadas.

29.16

Quando os perversos se multiplicam, multiplicam-se as transgressões. Este versículo é o oposto do vs. 2 deste capítulo. Quando os justos ocupam postos de autoridade, a terra vai bem e prospera. Mas, quando os ímpios estão no poder (aumentando em força, e não, necessariamente, em número, conforme dizem algumas traduções), as coisas dão errado porque as transgressões mantêm o país em estado de turbulência.

Antítese. Em contraste com o florescimento temporário, eventualmente eles caem na destruição final (queda). Os justos viverão o bastante para ver isso, embora possa demorar por algum tempo. Ver Pro. 28.12 e 28 quanto a idéias similares. Cf. Sal. 58.10 e 59.10. Quanto a versículos semelhantes, ver também Sal. 54.7 e 73.18 ss.

29.17

Corrige o teu filho, e te dará descanso. O autor sagrado, voltando a atenção para a disciplina das crianças, fornece outra declaração parecida. A vara e a repreensão fazem com que as crianças se tornem sábias (vs. 15). Um pai sábio obtém um filho sábio através da disciplina baseada na lei de Moisés. Além disso, um filho bem disciplinado não causará dificuldades ao pai, pelo que este descansará. O desassossego manifesta-se abertamente onde a transgressão é a lei. Um filho bom obedecerá à lei de Deus e, assim sendo, dará ao pai descanso de toda a turbulência causada pelo pecado. Ver Pro. 22.6. "Treinamento" é a palavra-chave, e o conhecimento a respeito deriva-se da lei, fomentada e explicada pelas declarações da sabedoria.

Sinônimo. Além de trazer descanso para o pai, o filho bom e sábio também trará alegria que descerá até o seu coração, o seu homem interior. Em outras palavras, a alegria será genuína e profunda. O coração do velho homem "se deleitará" pela maneira como o filho se conduz. Pro. 10.1 um paralelo direto desta passagem. O professor fazia declarações generalizadas. Ele não nos fala sobre as exceções, nem por que existem essas exceções. As notas sobre Pro. 13.24 e 22.15 tratam dessa questão. É importante notar aqui que o pai sábio é aquele que se deleita na espiritualidade de seu filho. Outros pais podem deleitar-se no dinheiro que seus filhos obtêm ou nas posições de autoridade que eles alcançam, ou outras realizações seculares.

29.18

Não havendo profecia o povo se corrompe. Alguns estudiosos consideram este versículo como uma referência à canonização do Antigo Testamento. Algumas traduções dizem aqui "visão", mas outros pensam que se trata de visões proféticas, concretizadas nos livros proféticos. Nesse caso, o homem sábio defendia a canonização dos escritos proféticos, bem como a adição dessas Escrituras à já reconhecida lei de Moisés. A antítese, pois, reconhece a autoridade da lei. O argumento do autor sacro era que o povo de Israel precisava de Escrituras adicionais para não perecer, não possuindo um alicerce espiritual adequado. "Visão", neste caso, desvia do reto caminho de interpretação. Revelação (no hebraico, *hazon*) era o que os profetas recebiam. Além disso, o fato de que o povo perece não se refere a pessoas perdidas que estão morrendo no pecado. O verbo usado, *para'*, significa "desfazer-se de qualquer restrição". Sem a palavra de Deus, as pessoas se abandonam a seus próprios caminhos pecaminosos. Por outra parte, a observância da lei de Deus (Cf. Pro. 28.4,7) traz felicidade" (Sid S. Buzzell, *in loc.*, com uma excelente nota expositiva que atinge em cheio o verdadeiro sentido do versículo).

Sinônimo. Um homem sábio precisa dos escritos proféticos (bem como do dom da profecia, pelo menos em alguns casos) e também da lei, do Pentateuco. Ademais, ele precisa das declarações da sabedoria. Os livros que contêm as profecias, finalmente, foram canonizados. E os judeus ficaram bem equipados, porquanto agora possuíam uma biblioteca inteira para consulta e orientação. Ver Deu. 6.4 ss. quanto à lei como guia. E então aos homens foi conferida vida, em lugar de perecerem, pois a sabedoria vem da lei, e a sabedoria transmite vida (ver Pro. 4.13). Ver também Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.1. O homem bom sente-se feliz, quando estuda a lei e mostra-se obediente a ela. Ele é espiritualmente beneficiado e também será materialmente beneficiado.

29.19

O servo não se emendará com palavras. Não somente os filhos devem ser corrigidos com a vara (vs. 15), mas outro tanto deve acontecer aos escravos. Eclesiástico 33.24-28 aborda longamente o conceito de "castiga os teus escravos". Qualquer homem reduzido ao estado abeto de nem mais possuir a própria vida, mostrar-se-á teimoso e rebelde. É verdade que ele não ouvirá as nossas palavras, pelo que a solução natural é castigá-lo para que faça o que queremos que ele faça. A escravidão era uma constante na sociedade dos hebreus, no Antigo Testamento. O status quo foi mantido, embora a lei mosaica tivesse algumas instruções humanitárias concernentes aos escravos. O Novo Testamento apresentou a doutrina do "deixa-os ir", mas também a lei do amor, que as pessoas finalmente vieram a perceber ser totalmente incompatível com a escravatura. Ver no *Dicionário* o artigo *Escravo, Escravidão*. Thomas Jefferson declarou que "nenhum homem é livre enquanto todos os homens não forem livres"; e, no entanto, ele tinha escravos! Ademais, até os nossos dias temos certas formas de escravidão, como os salários de escravos ou como as opressões sociais que fazem as pessoas tornar-se escravos virtuais. Portanto, não progredimos tanto quanto alguns poderiam supor.

O jugo e a correia entortarão o pescoço dele, e as rodas e as torturas são para o servo que é um indivíduo maléfico. Ponham-no para trabalhar a fim de que ele não fique ocioso. Pois o ócio ensina muita maldade... e se ele não obedecer, carreguem-no com algemas.

(Extratos de Eclesiástico 33.24-28)

Antítese. Se você quiser conservar na linha seu escravo, usando meras palavras, ficará desapontado. Ele pode compreender o que você está dizendo, mas não obedecerá às suas ordens. Portanto, ponha-o na roda de tortura e torture-o; espanque-o e dê-lhe pontapés; acorrente-o e deixe-o sentado ali, a pensar por algum tempo "em seus pecados". Essas são declarações feitas pelos sábios acerca dos escravos. Desde então, porém, alguns homens sábios ficaram mais sábios do que isso.

29.20

Tens visto um homem precipitado nas suas palavras? Aquele que se apressa a falar é uma espécie de insensato. Ele é insensato quanto às suas palavras. Ver sobre o uso próprio e impróprio da língua, em Pro. 11.9,13 e 18.21. Cerca de cem provérbios tratam desse tema. Cf. esta primeira linha com Pro. 15.2,28, pois trata-se de uma passagem paralela. Esse é o tipo de homem que responde antes de ouvir os argumentos de seus amigos (ver Pro. 18.13).

Antítese. É muito difícil instruir na justiça a um insensato típico; mas, no caso de muitos deles, há maiores esperanças de modificação do que no caso dos que se precipitam no falar. O insensato no falar pode ser um elemento mais perturbador da sociedade do que outros tipos de insensatos. Ver Pro. 17.19,20 e 18.6,7). "O insensato é alguém embotado e satisfeito consigo mesmo. Mas pode aprender a ser uma pessoa melhor. Mas o homem que é precipitado e mal-aconselhado em suas palavras encontra muito maior dificuldade para governar a própria língua. Cf. Tia. 3.2 ss." (Ellicott, *in loc.*).

29.21

Se alguém anima o escravo desde a infância. Considere o leitor os pontos seguintes:

1. Se um homem tem uma criança que é seu escravo e cativa sua afeição, poderá criá-lo como filho e "estragá-lo com mimos", conforme diz uma moderna expressão popular.
2. O proprietário do escravo pode tornar-se tão afeiçoado ao menino que, eventualmente, o torne seu único herdeiro; mas isso constituiria um tremendo equívoco e abuso. Contudo, a palavra traduzida por herdeiro (no hebraico, *manon*) tem sentido desconhecido. Alguns estudiosos preferem traduzir essa palavra hebraica por "progênie", "descendência". Nesse caso, o significado seria que o homem sábio não deve mimar um seu escravo menino a ponto de transformá-lo em filho virtual. Nesse caso, poderia acabar com um caso parecido com de Ismael e Isaque.
3. A Septuaginta apresenta um texto inteiramente diferente, e tanto que deve ter sido tradução de uma recensão diferente da seguida pelo texto massorético (ver no *Dicionário* o verbete chamado *Massora* (*Massorah*); *Texto Massorético*. Diz essa versão: "Aquele que vive no meio do luxo desde criança será um servo e, finalmente, se entristecerá". Algumas vezes, a Septuaginta preserva um texto mais antigo da Bíblia hebraica do que o texto massorético padronizado, conforme demonstram os papiros hebraicos do Mar Morto, que, ocasionalmente, combinam mais com a Septuaginta do que com o texto massorético. Ver no *Dicionário* os artigos *Septuaginta*; *Mar Morto*, *Manuscritos (Rolos)* de e *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento*.

Sinônimo. Um menino que comece sua vida como escravo torna-se filho e herdeiro do proprietário, algo considerado uma perversão pelas mentes antigas. Seja como for, o menino foi mimado e avançou mais do que ditava a sabedoria. Esse menino pode ser visto aqui como quem tomou o lugar de filho.

29.22

O iracundo levanta contendas. Pro. 29.22a é igual a Pro. 15.18a. Ver as notas expositivas nesta última referência. A segunda linha ali, entretanto, é antitética, contrastando a atitude pacífica do sábio com as perturbações causadas pelo insensato. Partimos daqui e continuamos com uma linha sinônima, que fomenta o que foi dito antes.

Sinônimo. O homem iracundo e irritadiço abunda em transgressões e assim adiciona muitos pecados à sua ira. É homem violento; prejudica a seus semelhantes e talvez até mate alguns. Contrastar isso com Pro. 16.32, o oposto do que vemos aqui. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ira*, quanto a detalhes. Esse homem poderá ser conduzido à ruína completa e então voltar-se contra o próprio Deus, em sua ira (ver Pro. 19.3).

29.23

A soberba do homem o abaterá. Esse é um provérbio comum. Ver quanto ao orgulho e à humildade contrastados em Pro. 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,8; 18.12 e 21.4. Ver sobre olhos altivos em Pro. 6.17. O trecho de Pro. 18.12 é

paralelo direto. Ver as notas expositivas ali existentes. No Novo Testamento. ver Mat. 23.12; Luc. 14.11 e 18.14.

Antítese. O homem humilde (presumivelmente sábio) terá de esperar, mas sua vez chegará. Ele será exaltado e honrado pelo poder divino e provavelmente também pelos homens.

Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno vos exalte.

(I Pedro 5.6)

Cf. Pro. 16.18,19. Declarações como a presente supõem uma corrupção fundamental por parte dos orgulhosos, bem como uma bondade básica por parte dos humildes. Além disso, a corrupção vem da negligência à lei ou da desobediência propositada a Deus. E a bondade deriva-se de aprender e seguir a lei. Os insensatos são orgulhosos, mas os humildes são simples. Estão em vista qualidades espirituais básicas, e não apenas atos externos.

29.24

O que tem parte com o ladrão aborrece a sua própria alma. O indivíduo que resolve ser o companheiro e o ajudante de um ladrão, fazendo mal ao próximo, é, na realidade, alguém que odeia a si mesmo, porque trabalha contra os próprios interesses. “O cúmplice de um ladrão torna-se o seu próprio inimigo, porquanto o envolvimento nos crimes opera contra ele. Em tribunal, ele faz um juramento, mas então deve ou mentir ou nada dizer. Se testificar, implicará a si mesmo; se nada disser, presumir-se-á que é culpado (ver Lev. 5.1)” (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Sinônimo. As “maldições” aqui referidas provavelmente são falsos testemunhos, blasfêmias proferidas contra pessoas inocentes, em tribunal, e mentiras ditas em favor de criminosos. O termo hebraico *'alah* pode significar tanto maldição quanto juramento, e é o segundo desses sentidos que, provavelmente, está em vista neste versículo. “Ele não tem o temor de Deus, nem reverência pelos juramentos, visto que o seu coração está endurecido através do engano do pecado” (Adam Clarke, *in loc.*).

29.25

Quem teme ao homem arma ciladas. O temor é uma coisa boa em muitas circunstâncias. Mantém o indivíduo fora de dificuldades e torna-o mais prudente. Para exemplificar, o temor à AIDS tem contribuído mais para refrear os excessos sexuais do que a religião e a filosofia juntas. Além disso, temos de considerar o *temor do Senhor*, que é o lema deste livro de Provérbios, conforme comento em Pro. 1.7. Essa é a expressão usada para indicar a espiritualidade, nas páginas do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Temor*, quanto aos vários tipos de temor, incluindo o temor ao homem, que é a referência do presente versículo. Temor ao homem, entretanto, é como um ardil. A pessoa é envolvida pelo temor ao homem e se vê paralisada. E não pode mais fazer o que deve. O homem que teme a outro restringe suas palavras e suas ações à esfera do que esse outro gosta. As pessoas temem dizer no que realmente crêem e se sentem mal na expectativa de que os outros as critiquem. Um pregador mantém-se tranqüilo e diz somente o que seu povo quer ouvir. Se ele não se limitar, poderá perder o emprego e sua fonte de renda. As pessoas querem tanto ter conforto que se conformam com o público ao qual estão associadas. Os pastores reduzem-se a meros papagaios. Em vez de buscarem a verdade, os homens se acomodam à mistura de verdades e mentiras com a qual já se acostumaram. Muito dogma começa a ser considerado verdade, e assim passam-se os séculos, pois os homens temem levantar sua voz.

*Da covardia que teme novas verdades,
Da preguiça que aceita meias-verdades,
Da arrogância que pensa saber toda a verdade,
Ó Senhor, livra-nos.*

(Arthur Ford)

Antítese. Em contraste com temer o homem, temos a idéia de confiar no Senhor. Somente benefícios podem resultar da confiança no Senhor. Ver Sal. 2.12 quanto à confiança, segundo os termos do Antigo Testamento, e ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Confiar*. O homem que confia no Senhor é “posto no alto”, conforme diz o hebraico original, literalmente. Ele está “seguro”, segundo outros traduzem o hebraico e como também se vê em nossa versão portuguesa. Confiar no Senhor é o mesmo que confiar em Sua lei e nas declarações de sabedoria que a fomentam. O homem que obedece à lei confia nela como seu

guia (ver Deu. 6.4 ss.). “Esse homem é tão inabalável quanto Sião; acima do temor do homem; fora do alcance de seus inimigos, homens ou demônios. Ver Pro. 18.10” (John Gill, *in loc.*).

“Nada temas mais do que a detestável covardia de um coração covarde e incrédulo” (Venn, *in loc.*).

29.26

Muitos buscam o favor do que governa. Durante os tempos da monarquia, um homem devia obediência a uma grande autoridade, o que poderia ser bom ou mau para ele. Os homens naturalmente buscavam favores daquele que nas mãos tinha as questões de vida e morte. Eles buscavam favores para prejudicar a outros, e favores para beneficiar a si próprios. O rei tinha poderes para satisfazer tanto a uns como a outros. Por essa razão, era muito procurado. Essa era uma das razões pelas quais o acesso à pessoa do rei tinha de ser severamente resguardado. De outra sorte, ele ter-se-ia transformado em mera máquina de dar coisas, satisfazendo necessidades ou caprichos da multidão.

A segunda linha deste versículo dá-nos a entender que buscar o rei ou mesmo obter favores da parte dele não servia de garantia de que a justiça sempre era servida. Um bom rei tentava cumprir bem o seu governo, mas, sendo ele homem falível, podia cometer equívocos. Mesmo em ótimas circunstâncias, sob as ordens de um monarca os ímpios podiam prosperar, e os bons podiam sofrer perdas. Ver Pro. 19.6 quanto a um paralelo direto da primeira linha do presente versículo.

Antítese. Há somente um Rei que é o despenseiro de justiça firme, e Ele jamais se equivoca; esse Rei é o Rei celestial. Este versículo condena a dependência ao poder humano e convida-nos a considerar o poder divino. Fazemos isso mediante o estudo da lei de Moisés, fomentada pelos dizeres da sabedoria, e também mediante a confiança em Deus (vs. 25). Fazemos isso mediante as boas obras e as experiências místicas (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo*).

Este versículo diz respeito, principalmente, àqueles que têm sido injustiçados em tribunal ou em outras circunstâncias, por parte de homens iníquos. Eles são convocados a voltar-se para Deus, buscando vindicação, finalmente. Para Emanuel Kant, a verdadeira justiça só pode vir da parte de Deus e, plenamente, só no pós-vida. Ele argumentou em favor da existência de Deus e da alma imaterial defendendo que a justiça terá de ser servida, finalmente. Se isso não for feito, então o caos é o verdadeiro deus deste mundo. E é claro que a justiça não é plenamente servida nesta vida. Por conseguinte, deve ocorrer após a morte, na outra vida. Deve haver um Poder suficientemente inteligente para recompensar o bem e castigar o mal. E a esse Poder e Inteligência é que chamamos de Deus. Além disso, os seres humanos têm de sobreviver à morte física para receber o bem ou o mal que tiverem praticado, o que significa que a alma deve existir e também sobreviver à morte biológica. Esse argumento é chamado de *Argumento Moral*. Ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

29.27

Para o justo o iníquo é abominação. As duas *abominações* (ver sobre essa palavra em Pro. 11.1): a primeira delas é o ímpio, uma abominação para o homem reto; a segunda (que aparece na segunda linha, antitética) é o homem reto e o seu caminho, uma abominação para o pecador. Somos levados a compreender que os homens pensantes abominarão alguma coisa, e é a qualidade espiritual deles que determina que coisa é essa. O homem que se recusa a abominar o mal estará sempre batendo a cabeça em algum obstáculo, ao longo do caminho. Quando Benjamim Franklin era jovem, foi visitar o famoso pregador Cotton Mather. Depois que os dois homens estiveram na biblioteca de Mather, e este último guiava Franklin para fora, foi preciso atravessar uma estreita passagem com apoios acima da cabeça. Eles tinham de desviar desses apoios, até saírem da passagem. Assim também acontece no estreito caminho da vida. Um homem bom deve ter o cuidado de evitar a iniquidade e as circunstâncias adversas da vida, abaixando-se ou saltando por cima dos obstáculos. De outra maneira, estará sempre chocando a cabeça espiritual contra alguma coisa. Um homem deve identificar o que é abominável e desviar-se das abominações, se quiser fazer uma jornada bem-sucedida, do berço ao sepulcro. Há pessoas pecaminosas que servem de obstáculos para os justos. É melhor, para um homem justo, não se associar a elas. O autor sagrado, pois, recomenda-nos que devemos detestar o caminho do mal. Ver Sal. 119.104 quanto a odiar todo caminho pecaminoso.

Antítese. Em suas perversões, o iníquo abomina o homem bom e sua vereda de retidão. O iníquo selecionou o contracaminho da maldade. Ver Pro. 4.27 quanto ao *caminho bom* e ao *caminho mau contrastados*, e, em Pro. 4.11, ver sobre a *metáfora da vereda*. Além disso, ver o verbete denominado *Caminho*, no *Dicionário*. Essa mútua abominação existiu desde o começo da história humana (ver Gên. 3.15).

Capítulo Trinta

Palavras de Agur (30.1-33)

A partir deste ponto, passaremos a examinar outros provérbios que não os de Salomão, ou então de sábios cujos nomes não foram fornecidos. Ver o esboço do conteúdo na Introdução ao livro, sob a décima seção, quanto às várias fontes informativas do livro e suas divisões principais, edificadas sobre essas fontes informativas. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Agur* (com notas adicionais em Pro. 30.1), quanto ao pouco que se sabe e se conjectura sobre esse homem, um dos autores sagrados dos provérbios que aparecem neste livro. Sua contribuição limita-se a este capítulo.

As declarações deste capítulo podem ser naturalmente divididas em suas seções: vss. 1-14, reflexões pessoais de Agur; vss. 15-33, provérbios. Alguns estudiosos supõem que poucos dentre esses versículos sejam declarações isoladas não escritas por Agur, conforme os vss. 17,20 e 32,33.

Empréstimos. Existem no mínimo dois empréstimos literários no livro de Provérbios, provenientes de fontes não-judaicas: 1. As *Instruções de Amen-em-Ope*, um sábio egípcio. Ver Pro. 22.22 quanto a informações a esse respeito. 2. Além disso, o capítulo à nossa frente – o capítulo 30 – é um empréstimo feito de fontes árabes. Os nomes próprios que aparecem no vs. 1 apontam para um sábio árabe como fonte informativa. Nenhuma sã teoria de inspiração das Escrituras pode encontrar qualquer motivo pelo qual os autores e compiladores das Sagradas Escrituras não podem ter tomado de empréstimo material de fontes não-judaicas. Além disso, nenhuma sã teoria de inspiração nega que autores não-hebreus tenham sido autores de certas porções da Bíblia. O livro de Jó foi escrito por um sábio árabe, conforme demonstram os nomes próprios e o prólogo do livro. Outro tanto se revela pela ausência de genealogia, que era tão importante para a mente dos hebreus. E também não é mister supor que essas personagens não-hebréias se converteram à fé dos hebreus. As declarações de Lemuel (ver Pro. 31.1-9) podem ser outro empréstimo “estrangeiro”. Ver Pro. 31.1.

30.1

Disse o homem: Fatiguei-me, ó Deus. Elementos Deste Versículo. Que o leitor examine estes pontos:

- Os nomes próprios Agur e Jaque, que aparecem no subtítulo deste capítulo, são árabes, e não hebraicos, e se encontram somente aqui em todo o Antigo Testamento. A origem árabe desses nomes subentende fortemente, e não mesmo prova, que estamos tratando com um autor que era um sábio árabe, e não hebreu. Ver a introdução ao capítulo, onde comento sobre essa circunstância. Parece que o nome próprio *Agur* significa “colhedor” ou “mercenário”. E o nome do pai dele, *Jaque*, parece significar “obediente” ou “piedoso”. Ver sobre eles no *Dicionário*, quanto ao que se conjectura a respeito desses nomes próprios e dessas personagens.
- “Massá” significa “sentença”, “declaração” ou “oráculo”. Alguns pensam que esse seja o nome de uma tribo árabe, que viveria a leste da Palestina (ver Gên. 25.14; I Cor. 1.30). Ver também Pro. 30.31. Mas outros eruditos dizem que a palavra significa “do oráculo” e fazem de Agur um homem que recebia oráculos, ou seja, uma espécie de profeta local. Ou então, Jaque, o pai, era esse tipo de homem e tinha um filho que seguiu suas passadas. Ou, ainda, esse vocábulo pode ser entendido como se quisesse dizer provérbio, e isso daria respeito aos provérbios de Agur: estes provérbios são dele. A Septuaginta não faz referência a nomes próprios nem os traduz, mas a maior parte das traduções e dos críticos prefere retê-los.
- Os provérbios que aparecem em seguida (e outros como eles) foram endereçados a Itiel (que talvez significa “Deus seja contigo”) e Ucal (que talvez queira dizer “Sou forte”). Provavelmente foram discípulos dos sábios árabes, membros de suas escolas. *Ucal* não é mencionado em nenhum outro lugar da Bíblia, mas encontramos *Itiel* em Nee. 11.7, embora, sem dúvida, não se tratasse do mesmo homem. Interpretações alegóricas fantasiosas repousam sobre o significado desses nomes, mas podemos ignorá-las com segurança. Coisa alguma é demonstrada sobre esses homens, exceto o que se pode conjecturar por meio do próprio texto sagrado.

30.2

Porque sou demasiadamente estúpido para ser homem. Em evidente autodepreciação, Agur assume uma atitude muito humilde, antes de apresentar seus provérbios. Ele se considerava tão ignorante que nem podia ser classificado como homem, mas, presumivelmente, apenas como animal irracional. Ele não possuía a compreensão que um homem deveria ter, e essa é a segunda linha, sinônima, do provérbio. Esse homem era o modelo mesmo de um homem humil-

de, o oposto exato do indivíduo orgulhoso, que se jactava do muito que sabia. Naturalmente, o golpe principal é que ele conhecia toda espécie de coisas, mas sabia delas por meio de revelações, e não por sua própria sabedoria e realizações. Ver os vss. 5 e 6. Existe a Palavra de Deus, mas ele nada fazia para levá-la ao homem, nem mesmo a si próprio, simplesmente a aceitava.

Estúpido. No hebraico, *ba'ar*, ou seja, “brutal”, “embotado na mente”, como um animal (ver Sal. 73.22; Pro. 12.1). Conhecer Deus era o real padrão (vs. 3), e Agur não estava à altura desse conhecimento.

Platão falava sobre almas brutais que habitam em corpos humanos, mas, na realidade, são subumanas (De Leg. 1.10, parte 959). Mas ele estava falando sobre almas de grau inferior, e não meramente seres humanos com realizações mentais e espirituais baixas. Cf. Jó 11.12. Sal. 72.22 é um paralelo deste presente.

30.3

Não aprendi a sabedoria... Provavelmente, Agur era o cabeça de uma escola de sabedoria árabe e tinha estudantes, entre os quais Itiel e Jaque (vs. 1), mas não fazia reivindicações de sabedoria. Se ele era homem cheio de sabedoria (parcialmente, pelo menos, mediante o conhecimento da lei dos hebreus, conforme alguns de seus provérbios demonstram), faltava-lhe a verdadeira sabedoria, que, segundo ele julgava, pertencem ao Santo. Sem dúvida alguma, ele conhecia todas as descrições antropomórficas de Deus, mediante as quais atributos humanos são conferidos a Deus, embora em forma expandida, além do que ele sabia que Deus é chamado de transcendental. No entanto, ele não afirmava ter ganho muito conhecimento sobre Deus e Seus caminhos. A confissão de Agur reflete idéias judaicas posteriores, quando os homens começaram a perceber a natureza “outra” de Deus. Ver Rom. 11.33 ss.

Assim sendo, Agur admitiu sua pouca sabedoria na primeira linha; e, na segunda linha, que é sinônima, ele nos revelou o porquê: o verdadeiro conhecimento e a verdadeira sabedoria pertencem ao Santo. Ver Pro. 9.10b quanto a esse título de Deus. Ver sobre o *Santo de Israel* no artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*. Foi excelente a percepção que os homens obtiveram de que o Deus Altíssimo e Poderosíssimo também tinha de ser o Santíssimo. “Conhecer Deus é a base da verdadeira sabedoria (ver Pro. 1.7; 15.33)” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Este versículo, pois, fala da incapacidade básica do homem para saber grande coisa sobre o ser de Deus, embora possamos conhecer mais sobre as Suas obras. Até sobre o homem sabemos bem pouco; e sabemos menos ainda sobre o Criador; sabemos tão pouco sobre a criação, e menos ainda sobre o Criador. Deus é o *Mysterium Fascinosum* e o *Mysterium Tremendum*. Ver sobre os dois termos na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, e também os artigos *Deus* e *Transcendente, Transcendência*.

30.4

Quem subiu ao céu, e desceu? Agur declarou que ele nada sabia a respeito de Deus, e agora ilustra isso com uma série de declarações que descrevem os mistérios do controle divino sobre a natureza, que os homens não podem perscrutar. Ele conseguiu fazer isso mediante cinco irretorquíveis perguntas sobre Deus.

- Só Deus controla os céus, pelo que quem pode subir e descer, e quem pode entrar e sair daquele augusto lugar? Seu lugar de habitação é desconhecido, e suas comunicações para trás e para frente, da terra para o céu e do céu para a terra, são misteriosas. Temos as histórias de Elias e Enoque, no Antigo Testamento, e de Cristo, no Novo Testamento, que foram viajantes entre “o céu e a terra”; mas mesmo assim sabemos bem pouco, e os homens comuns não se envolvem nessas coisas, pelo menos não segundo o conhecimento de Agur.
- É Deus quem controla as condições atmosféricas, como os ventos, que Ele segura em Suas mãos; e quem pode dizer alguma coisa sobre isso? A ciência humana demonstra muitas coisas a esse respeito e retira das condições atmosféricas muitas das coisas sobrenaturais; mas os antigos faziam de tudo coisas divinas e misteriosas.
- As chuvas, em seu controle e usos, são tão misteriosas como os ventos; somente Deus sabe o que controla as chuvas e os ventos, pois, na realidade, Ele é o controlador. Ele junta as águas como se elas fossem enroladas em uma peça de vestuário, e decide quando elas ficarão livres de restrições e quando as chuvas cairão sobre a terra. Talvez as vestes, neste caso, sejam as nuvens, e talvez o amarrar das águas refira-se também ao grande mar de águas acima do firmamento sólido que Deus conserva perto Dele e distante da terra, como parte de Seu sábio governo. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Astronomia*, onde apresento um gráfico ilustrativo que mostra o que os hebreus pensavam sobre o cosmos, em relação ao planeta Terra.
- A terra era apresentada como plana, e suas extremidades repousariam sobre montanhas, e então a própria terra repousaria sobre um grande mar de águas. Concebiam-se colunas estendendo-se para baixo, ao mesmo tempo que a terra repousava sobre elas; essas colunas repousavam nas águas, mas debaixo dessas águas ninguém calculava o que poderia existir. O artigo chamado *Astronomia* ilustra essas idéias. Cf. Jó 38.4,6; Pro. 8.29.

5. Ademais, Deus não tem nenhum nome que O descreva com exatidão, pelo que, em certo sentido, nem ao menos temos um verdadeiro nome para Deus. Além disso, Ele tem um ou mais filhos e, nesse caso, que nomes poderiam ter eles que nos dissessem alguma coisa sobre a divindade? Deus transmite Sua natureza a outrem, conforme fazem os homens? Podemos descobrir alguma coisa sobre Deus mediante tais comunicações de ser e atributos?

Esta parte do versículo tem sido cristianizada para falar sobre o Filho, o qual comunicou coisas importantes sobre Deus. Ver João 1.18 e Heb. 1.1 ss. Alguns estudiosos, pois, relacionam a Sabedoria Personificada, em Pro. 8.22 ss., ao que lemos aqui, e alguns também lhe dão uma distorção messiânica. Tais idéias, entretanto, dificilmente foram entendidas dessa maneira por Agur. Ele não falava de coisas que conhecemos, mas sobre coisas sobre as quais não sabemos absolutamente nada. Ele não queria solucionar mistérios, mas criar. Ver no *Dicionário* e em Sal. 31.13 o verbete chamado *Nome*. “Nome” representa os atributos e a natureza de Deus.

Podemos compreender que Deus é maior do que qualquer coisa que compreendemos, que o Seu Ser é um mistério que jamais poderemos sondar, que todas as coisas começam e terminam em mistério, o que sugere a riqueza e a maravilha do Ser de Deus. Se pudéssemos compreender Deus, então Ele não mais seria Deus.

(Olive Wyon)

30.5

Toda palavra de Deus é pura. Tendo encerrado a introdução de que “nada sei”, Agur agora lança-se à tarefa de dar-nos alguns poucos provérbios que comuniquem algum conhecimento, mas não desenrolam os mistérios do Ser divino. Ele começou pela Palavra de Deus, Seu propósito revelador, por meio do qual sabemos o que sabemos. Ele não exibiu a razão e a investigação como a fonte originária do que sabemos. Isso depende da *revelação* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Conhecimento* e a *Fé Religiosa*, acerca de como conhecemos as coisas. A Palavra de Deus é pura e provê um conhecimento puro, sem as corrupções do raciocínio e das manipulações humanas. Ver o Salmo 119 quanto às 166 declarações concernentes à lei de Moisés, a Palavra de Deus. “Pura” (no hebraico, *ceruphah*) refere-se ao refinamento de metais. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Refinar*, *Refinador*. As palavras de Deus são submetidas à prova e não têm a mistura da escória humana. Sua palavra é purificada como se fosse a prata purificada no crisol (ver Sal. 12.6). Cf. Pro. 17.3. Sal. 18.30 é quase igual ao presente versículo. A palavra aqui referida, na opinião de alguns, é a Bíblia Sagrada. Ver o vs. 6 e as explicações ali.

Sinônimo. Acompanhando a palavra está o refúgio que temos em Deus, em quem confiamos. Ver sobre *Refúgio* em Sal. 46.1, bem como o artigo do *Dicionário* sobre esse assunto. Quanto à *confiança*, ver Sal. 2.12; e, no *Dicionário*, o artigo chamado *Confiar*. Por conseguinte, temos um firme alicerce para nossos provérbios e nossa confiança no Deus misterioso. Pelo menos podemos tirar proveito de algum conhecimento prático que nos guie no andar diário. Deus também é *nosso escudo* (ver Sal. 3.3; 7.9,10; 84.8; 89.18, bem como o *Dicionário*). Deus é a nossa proteção neste mundo de mistério e dor. Portanto, fugimos para Deus e aprendemos certas coisas que podem ser usadas de maneira prática em nossa vida.

30.6

Nada acrescentes às suas palavras. Provavelmente, este é um dos primeiros versículos de reconhecimento do cânon, referindo-se à lei mosaica, aos Profetas e aos Escritos (incluindo aqueles relacionados à sabedoria). Cf. Pro. 29.18. O fato de que o vs. 5 depende dos Salmos pode indicar que até mesmo aquele livro já tinha chegado a ser reconhecido como dotado de autoridade canônica. A tríplice referência às Escrituras aparece pela primeira vez, explicitamente, no prólogo do livro de Eclesiástico, que data de cerca de 132 A. C. Cf. Pro. 13.13. Naturalmente, toda essa conversa sobre o cânon bíblico das Escrituras hebraicas é estranha nos lábios de um sábio árabe (vs. 1), e isso tem levado alguns estudiosos a pensar que Salomão foi o verdadeiro autor, e o fundo árabe é apenas um artifício literário para dar variedade ao livro, que se aproveitou de várias fontes informativas. Sobre tais coisas, podemos apenas conjecturar. Seja como for, o conceito de “nada adicionar” às Escrituras Sagradas já aparece aqui. Isso, entretanto, pode não significar “não adicioneis mais livros” e, sim, não mudeis aquilo que foi transmitido. Cf. Apo. 22.18, que por certo tem esse significado.

Sinônimo. A serpente, conforme ficará provado, é uma mentirosa, uma perversa da revelação divina. Certamente ela sofrerá reprimenda e julgamento divino, conforme encontramos em Apo. 22.18. Ver também Deu. 4.2. Se o

significado das palavras de Agur é “não acrescentes mais livros”, então ele mesmo estava violando a regra, visto que os seus provérbios iam além das Escrituras canonizadas e vieram, finalmente, a repousar na coletânea dos provérbios. Então seguir-se-iam outras porções do Antigo Testamento e todo o Novo Testamento. Portanto, tais declarações não devem estagnar Deus e Seu propósito revelador, pois tal possibilidade é ridícula.

30.7

Duas cousas te peço. Agur desejava muitíssimo que duas coisas lhe fossem dadas pela graça divina. Ele queria que elas fossem outorgadas antes de sua morte, e isso forma a segunda linha, sinônima. O número *dois* é um humilde substituto para *muitos*. Isso introduz uma série de seis declarações. Outra série é dada nos vss. 15,16; 18,19; 21-23; 24-28 e 29-31. Cf. esse tipo de arranjo numérico com Pro. 6.16-19 e Amós 1.3-2.6. Provérbios de semelhante tipo numérico também têm sido descobertos no material cananeu encontrado em Ugarite, de cerca do século XV A. C. Agur era homem que realmente queria saber, e assim apelou para o Ser divino em busca de informação. Ele também precisava de certas provisões divinas que contribuíssem para o seu bem-estar, e isso é enfatizado nas linhas que se seguem.

30.8

Afasta de mim a falsidade e a mentira. As provisões divinas que foram requeridas por Agur eram:

1. Agur precisava da providência divina para ser resguardado da mentira e da falsidade, para que aquilo que ele sabia e expressava estivesse em acordo com a Palavra de Deus revelada (vs. 6). Ademais, em sua vida pessoal, ele desejava a integridade e a verdadeira espiritualidade, livre das corrupções que os homens promovem. “Falsidade”, no hebraico, é *shaw*, “vazio”, mas também mentiras, destituídas da verdade divina.
 2. Ele queria ter dinheiro suficiente para continuar a vida, mas não queria cair na armadilha que as riquezas trazem. Ele queria estar em boa situação em meio à classe média, nem pobre nem rico, o que promove mais prontamente a espiritualidade, sem a inconsciência acompanhante (como se dá na pobreza) ou as tentações (como se dá na riqueza).
 3. Ele precisava de alimento adequado e do suprimento de suas necessidades básicas. Ele não queria contender com a pobreza e sua luta absurda contra até as coisas mais necessárias. Ele queria “o pão de sua porção”, conforme diz o hebraico, literalmente. Cf. Mat. 6.11. Ele não via virtude alguma em ser pobre, e só enxergava armadilhas nas riquezas.
- Agur buscava o meio-termo dourado em sua vida, a moderação sem as privações negativas da pobreza e sem os excessos das riquezas.

*Aquele que se apegava ao meio-termo dourado,
E vive contente entre
O pequeno e o grande,
Não sente as necessidades que beliscam o pobre,
Nem as pragas que perseguem a porta do rico,
Amargurando o seu estado.*

(Horácio, *Odes II.10*)

Paulo aprendeu a viver contente com o que possuía, na necessidade ou na abundância, conforme a vontade de Deus ditasse para cada período de sua vida. Ver Fil. 4.12.

30.9

Para não suceder que, estando eu farto, te negue. Continuamos aqui a desfilar os pontos em consideração:

4. O homem abastado, aquele que vive pleno em todas as coisas, pode terminar negando sua necessidade de Deus, fazendo perguntas estúpidas, como: “Quem é o Senhor?”, como se fosse independente e não precisasse da graça ou ajuda divina. Cf. Deu. 8.12-17. Vivemos todos em estado precário. Todos somos dependentes do Ser divino até mesmo para viver o dia-a-dia. Naturalmente, espera-se que trabalhemos e planejemos, e não nos comportemos como idiotas que dependem de outros para conseguir o pão diário.
5. Em contraste, um homem realmente pobre, que não tem o suficiente para comer, pode terminar a vida como ladrão. Essa condição extrema também foi rejeitada por Agur. Ele não haveria de fazer um voto de pobreza.
6. Um ladrão termina desonrando Deus, o qual requer que o homem labute e proveja para as suas próprias necessidades. O indivíduo que faz de outros sua presa incorrerá no desprazer e juízo divino. Deus é justo, e os homens precisam evitar as coisas que laboram contra a santidade, como a desonestidade, que é um pecado contra os mandamentos básicos da lei mosaica (ver Êxo. 20.15).

Mulher virtuosa quem a achará?
O seu valor muito excede ao de finas jóias.

Provérbios 31.10

MULHER

Quando uma bela mulher se entrega à loucura, e descobre muito tarde que o homem
atraíçoa, que encanto existe que lhe tire a tristeza?
E que arte pode haver que lhe enxugue as lágrimas?

Oliver Goldsmith

Ai! O amor das mulheres!
Sabe-se que é coisa amável e temível!

Lord Byron

Não dês às mulheres a tua força.

Provérbios 31.3

Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem o cabeça da
mulher, e Deus o cabeça de Cristo.

I Coríntios 11.3

30.10

Não calunies o servo diante de seu senhor. Tendo terminado o seu provérbio numérico (vss. 7-9), o autor sagrado agora nos oferece um trio, outro modo comum de apresentar declarações. Ver Pro. 22.17, sob *Apresentação das Declarações*, onde são demonstrados os vários modos de expressão.

Considere o leitor os pontos seguintes:

1. Um escravo não deve caluniar seu proprietário. Pelo contrário, cabe-lhe obedecer e prover um trabalho honesto, sem queixar-se. Cf. Pro. 29.19, outro "provérbio de escravo". Além disso, um homem não deve caluniar o escravo de outro homem, pois nada tem que ver com os negócios alheios. É melhor uma pessoa não imiscuir-se nos problemas domésticos dos outros.
2. Um escravo certamente amaldiçoará o homem intrometido, mas a declaração deste versículo refere-se à maldição do proprietário. Ele amaldiçoará a pessoa e dirá: "Importe-se com seus próprios negócios", e os dois se tornarão inimigos. A vida de um escravo já era intolerável, sem as complicações dos amigos do proprietário. Talvez tenhamos de pensar em uma acusação falsa, e isso certamente merecerá repreensão mais aguda do proprietário (Cf. Pro. 26.2), mas, mesmo que a acusação seja veraz, um amigo não tinha razão de envolver-se no relacionamento entre o escravo e seu proprietário.
3. Como resultado, o acusador será considerado culpado, em vez do escravo, e os amigos serão alienados um do outro, inutilmente. Entre outras coisas, este versículo desencoraja o mexerico. Ver no *Dicionário*, e em Pro. 11.13 e 18.3, o verbete chamado *Mexerico*.

30.11

Há daqueles que amaldiçoam o seu pai. Os vss. 11-14 apresentam quatro tipos de homens. Cada uma das declarações começa com a mesma expressão "há daqueles". Em nossa versão portuguesa, essa expressão parece significar uma classe de homens, e não um período de quarenta anos da vida humana. A primeira das declarações deve ser comparada com Pro. 20.20, que descreve esse tipo de homem, aquele que amaldiçoa e abusa dos próprios pais. Ver também o vs. 17, mais a seguir, deste capítulo. Ver II Tim. 3.1 ss. quanto a algo similar.

Sinônimo. O indivíduo que amaldiçoa a seu pai também não bendiz a sua mãe, a pessoa que, acima de todas, mais merece seu respeito e suas bênçãos. Portanto, esse é um homem que perverteu os valores e está vivendo uma vida de extremo egoísmo. Ele está quebrando o mandamento de Êxo. 20.12 e, assim sendo, não viverá por muito tempo.

30.12

Há daqueles que são puros aos seus próprios olhos. Outra classe de homens é introduzida pela declaração "há daqueles". Existem os homens auto-iludidos que chamam a si mesmos de limpos (livres da corrupção moral e da culpa); mas isso só acontece "aos seus próprios olhos". O olho divino vê outra coisa, totalmente contrária, e até os olhos dos homens os consideram mentirosos. Grande parte é composta por homens fingidos, mas alguns poucos simplesmente não compreendem a profundidade do pecado, e como o pecado permeia um homem.

Antítese. Esses homens julgam-se limpos, mas nunca foram lavados de sua imundícia, nem mediante sacrifícios nem (o que é ainda mais importante) pelo arrependimento e pela mudança da conduta. A maior parte dos homens pensa ser melhor do que realmente é; mas alguns deles são totalmente hipócritas, declarando-se grandes, a despeito de sua vida corrupta. Alguns deles chegam a acreditar no mito da perfeição impecável. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Perfeccionismo*.

30.13

Há daqueles — quão altivos são os seus olhos... Esta terceira declaração, começando com as palavras "há daqueles", descreve os orgulhosos, mais ou menos nos mesmos termos de Pro. 6.17, onde lemos "olhos altivos". Quanto aos orgulhosos contrastados com os humildes, ver Pro. 6.16,17; 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,18; 18.12 e 21.4 e as notas expositivas. Ver também Sal. 18.27; 101.5 e Isa. 10.12.

Sinônimos. O homem de olhos altivos é, naturalmente, alguém que levanta para o alto os olhos, uma descrição sinônima da mesma coisa. Ver Sal. 131.1. Plínio fornece a estranha declaração de que as pestanas de um homem contêm parte de sua mente, pelo que, se você as observar, poderá dizer o que o indivíduo está pensando; e isso é especialmente verdadeiro quando se trata dos olhos altivos dos orgulhosos (*Hist. Natural* 1.11, cap. 37).

30.14

Há daqueles cujos dentes são espadas. Homens especialmente iníquos são comparados a animais ferozes, que destroem os mais fracos, e essa é outra "classe" desprezível de homens. Seus dentes são como espadas. Eles destroem com os dentes, visto que é dessa maneira que os animais ferozes destroem outros animais menores e mais fracos, aos quais, em seguida, devoram. Cf. Sal. 14.4, que tem a mesma figura. Esses homens iníquos são opressores, agressores e destruidores dos pobres, ou seja, dos fracos e débeis, muitos deles materialmente pobres, embora nem todos. A palavra hebraico é *'ani*, aflitos e humildes. Os necessitados (no hebraico, *'ebyon*) são suas vítimas, sendo provável que pobres e necessitados se refiram à mesma classe. São pessoas que "precisam de ajuda". Em vez de serem ajudados, entretanto, eles são mortos, o que constitui grande injustiça.

Sinônimo. Os opressores devoram suas presas, reduzindo-as a nada e matando literalmente a algumas, tal como os animais ferozes saem a campo para matar suas vítimas. Os débeis e necessitados são suas vítimas principais, embora não sejam as únicas. Eles fazem vítimas da sociedade em geral, mas como animais ferozes é que se aproximam silenciosamente de um bando de animais mais fracos, escolhendo a vítima e matando-a com facilidade. São tiranos, opressores, agressores, matadores, destituídos de misericórdia. Com essas descrições, o autor termina sua descrição das quatro classes de pessoas desprezíveis.

30.15

A sanguessuga tem duas filhas, a saber: Dá, dá. Encontramos aqui outras declarações de ordem numérica. Ver as notas sobre o vs. 7. Existem duas filhas da sanguessuga; e existem três, ou melhor, quatro coisas que jamais se satisfazem e nunca dizem: "Para mim basta".

A sanguessuga. No hebraico, *'aluqah*, que, embora seja uma palavra obscura, é traduzida por *sanguessuga* no siríaco e por autores rabínicos posteriores. Ver sobre o termo no *Dicionário*. Esse pequeno animal vive somente para obter sangue. A sanguessuga não dá coisa alguma. Diz, a cada nova sugada de sangue: "Dá! Dá!". E o quadro ainda fica mais complicado quando a sanguessuga se divide em duas filhas, as quais, por sua vez, se multiplicam em quatro, piorando a situação enquanto o processo prossegue, e as sanguessugas exigem cada vez mais sangue. A sanguessuga é o modelo do egoísmo e da ganância, e é vista como animal que vive do sangue de outro animal, uma apta metáfora para as pessoas gananciosas. Ver o detalhado artigo chamado *Cobiça*, no *Dicionário*.

Sinônimo. Existem quatro coisas ou entidades gananciosas representadas pela sanguessuga. Essas coisas nunca dizem: "Basta!". Como as sanguessugas, são modelos da ganância, formando um quarteto perene de insatisfeitos.

*Se ele se apoderar de você, então a tortura
Será uma coisa temível. Ele se agarra a você até
Ver você morto. Ele é como uma sanguessuga,
Voraz pelo seu sangue.
Ele não desiste de seu cruel domínio sobre você
Até explodir, cheio de tanto sangue.*

(Horácio, *De Arte Poet.* vs. 475)

30.16

A sepultura, a madre estéril... Considere o leitor os pontos seguintes:

1. A sepultura ou sheol é o primeiro membro do insaciável quarteto. Se, algumas vezes, a palavra *sheol* pode significar mais do que o sepulcro, não há razão alguma para supormos que essa é a verdade no caso deste versículo. A doutrina sobre esse lugar ou estado passou por um estado evolutivo. Quanto a isso, ver as notas em Pro. 5.5. Em seguida, ver no *Dicionário* o verbete chamado *Hades*. Sal. 88.10; 138.8; 148.7 e Pro. 2.18 podem indicar, mediante esse termo, a sepultura. Seja como for, a morte avança, e os homens todos, um por um, caem presas dela. Jamais há diminuição do ritmo. Nunca há satisfação do apetite. De alguma forma, a taxa de nascimento consegue manter-se à frente das taxas de mortalidade, na média no mundo, mas isso significa apenas que há mais pessoas para alimentar, o que requer colheitas cada vez maiores. Pro. 27.20 tem a mesma declaração, e ali ofereço notas expositivas que também se aplicam aqui.
2. O ventre estéril, que nunca produziu fruto, mas continuamente quer mais, mesmo porque é a segunda coisa insaciável. A mulher dotada de ventre estéril nunca desiste de sua esperança de ter filhos, pelo que continua tentando ficar grávida. Adam Clarke tem um curioso comentário aqui, emprestado do *Código das Leis Hindus*, capítulo 20, seção 1, parte 203: "Uma mulher nunca se satisfaz por copular com o homem, tal como o fogo nunca se satisfaz com o combustível para queimar, ou o oceano que recebe as águas dos rios, ou a morte com homens ou animais que morrem".

3. A terra nunca satisfaz sua sede por água, as manifestações atmosféricas. Ela absorve a água toda ou a envia aos oceanos, repetindo interminavelmente os ciclos da chuva.
4. O fogo mantém-se aceso, queimando mais e mais coisas. O fogo vai devorando, sem nunca satisfazer-se, queimando mais e mais. O ganancioso sempre quer mais e mais. Nenhuma satisfação é jamais conseguida. Heródoto usava a figura do fogo como se fosse um animal irracional. O fogo devora tudo quanto lhe serve de combustível e morre somente quando nada mais há para consumir.

Essas quatro coisas são figuras simbólicas da ganância humana, que desconhece satisfação ou fim. A ganância quebra mandamentos básicos da lei (ver Êxo. 20.17). Tal como essas coisas nunca dizem: "Basta!", assim também a cobiça dos homens sempre está de boca aberta, querendo mais e mais.

30.17

Os olhos de quem zomba do pai. Este versículo nos leva de volta ao vs. 11, cujas notas expositivas se aplicam aqui. Ver também Pro. 23.22, que é essencialmente a mesma coisa. Mas o autor inventou aqui uma vívida metáfora. O filho mau é agora o olho que olha para o seu pai a fim de encontrar coisas que possa zombar. Ele escarnece do "velho homem". E então olha para sua mãe e a despreza por não obedecer à instrução que lhe tinha dado. Esse homem só quer tirar vantagens, e até de seus pais faz vítimas. O filho desviado trilha o caminho dos ímpios, em vez de seguir o caminho que lhe fora ensinado por seus pais.

Antítese. O filho ímpio obtém tudo quanto quer, ao mesmo tempo que despreza seus pais; mas sua morte final será terrível. Os corvos e as águias chegarão aonde ele está. Ele tornar-se-á presa de acidentes, da violência, das enfermidades e da morte prematura, vingadores de Deus.

Os olhos, que tinham olhado tão sem misericórdia para os pais, tornar-se-ão comida deliciosa para o corvo. Essa espécie de pássaro gostava especialmente de comer o olho mole de suas vítimas e fazia desses órgãos a primeira coisa a ser comida. "É bem conhecida a propensão dos corvos de atacar, antes de tudo, os olhos" (Ellicott, *in loc.*). Outro tanto pode ser dito com respeito a outras aves de presa, como o comum urubu do Brasil. "A águia-mãe arranca primeiramente os olhos e os leva a seus filhotes" (Adam Clarke, *in loc.*). Assim o corvo é comido pelos corvos.

Este versículo tem sido cristianizado para falar da retribuição para além do sepulcro, e até os corvos são transformados em demônios negros, mas essa idéia não tem aplicação aqui.

30.18

Há três cousas que são maravilhosas demais para mim. Os vss. 18-19 nos conduzem de novo aos provérbios numéricos. Ver as notas sobre o vs. 7 quanto a isso.

Existem três coisas, e não quatro, que estavam fora da compreensão do autor sagrado, pelo que eram maravilhosas para ele, cheias de mistério e encantamento. A todas as coisas que se seguem são dados significados metafóricos, mas parece que Agur estava apenas admirando-se de certas coisas sem se deixar envolver na moral e na teologia, pelo momento. Ele só queria falar das quatro coisas maravilhosas.

30.19

As Quatro Coisas Maravilhosas. Que o leitor acompanhe estes quatro pontos:

1. A maneira como a águia conduz o seu vôo, tão alto no ar, é realmente algo maravilhoso. Essa poderosa ave é rápida, ágil e forte. Os antigos nada sabiam sobre a aerodinâmica. Atualmente sabemos que o que a águia faz tem explicação, mas isso não remove a maravilha do seu vôo. Pelo contrário, quanto mais sabemos sobre a natureza, mais admirável ela nos parece. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Águia*, quanto à informação que pode ser usada para ilustrar este texto.
2. O caminho da serpente sobre as rochas. Esta é outra coisa capaz de deixar a mente confusa. Algumas pessoas fazem das serpentes um estudo especial, e algumas poucas se consagram a esse mister. E elas têm descoberto coisas realmente admiráveis. Conheço uma dama, especialista em aranhas, que é conhecida como "a dama das aranhas". A serpente não tem nem pernas nem asas, mas pode realizar feitos realmente admiráveis. Atualmente sabemos como isso funciona, o que em nada diminui nossa admiração a respeito.
3. Os hebreus e os árabes eram povos que viviam entalados entre a beira-mar e o deserto. No entanto, não eram um povo marítimo. Deixavam isso para os fenícios, embora Salomão e Josafá tivessem tentado fazer algum comércio marítimo. Os hebreus não eram um povo científico, e as viagens marítimas estavam fora de suas parcas noções de matemática. Por isso, para eles, contemplar o mar Mediterrâneo e ver um navio que passava, tangido pelo vento (não sabiam eles como), parecia-lhes uma maravilha. Para eles, a

embarcação seguia um caminho sem rastros. Portanto, como o navio não se perdia? Os fenícios sabiam por quê, mas os árabes e os hebreus sentiam-se inteiramente perdidos diante dessa indagação.

4. O caminho de um homem com uma donzela é outra coisa maravilhosa. Isso tem recebido diversas interpretações: a) Alguns, em contraste com o vs. 20, vêem um simples e legítimo namoro aqui. A jovem mostra-se relutante; o homem é sempre o agressor; e, mediante truques, ele cativa a vontade da donzela, e em breve estão casados, criando uma nova unidade familiar. O processo é bastante confuso, mas divertido, sendo uma maravilha contemplá-lo. b) Outros estudiosos vêem aqui uma sedução pecaminosa, que leva à defloração ilegítima. Para começar, a jovem era virgem (provável sentido da palavra hebraica *almah*, aqui). Ela é jovem, ingênua e inexperiente, e também uma presa fácil para o suave sedutor. O homem que se inclina apaixonadamente para satisfazer sua concupiscência por uma virgem adotou métodos variegados que lhe garantiram sucesso. Seus métodos não podem ser inteiramente acompanhados e compreendidos e, assim sendo, são uma maravilha da natureza, embora uma maravilha negativa. c) Ou então o processo mediante o qual uma virgem jovem e inocente é transformada em prostituta é um exemplo radical de uma operação perversa da natureza, que os obreiros sociais e psicólogos têm estudado e discutido.

Não há como determinar o significado exato aqui, mas conjecturo que a posição a) é a correta, a qual deve ser contrastada com o vs. 20, em vez de tornar-se paralela a ele. Portanto, temos de considerar a exclamação: "O amor não é grandioso?!". Há algo de admirável no amor entre os sexos.

30.20

Tal é o caminho da mulher adúltera. A quarta maravilha do vs. 19 é sugerida por este versículo, mas isso não quer dizer que seja um sinônimo. De fato, provavelmente faz contraste entre a maneira legítima de um homem com uma donzela e o adultério crasso. Também há algo de misterioso quanto a como a esposa fiel se torna adúltera e como fica tão calejada por esse pecado. Ver uma maravilhosa ilustração (do ponto de vista literário) sobre essas "dama especial" em Pro. 7.6 ss., que deve ter sido um testemunho de testemunha ocular de como uma mulher adúltera tão habilidosamente apanha a sua presa.

O Banquete. O ato sexual é comparado a um banquete, tal como em Pro. 5.16,18 é assemelhado a uma fonte, ou seja, a mulher aparece ali como uma fonte. A mulher "come" tudo quanto quiser e então limpa a boca. Ela termina o ato, satisfeita (pelo menos por algum tempo). Haverá outras refeições. O ato de limpar a boca remove as provas de que ela comeu, o que significa que uma mulher adúltera tem o cuidado de "não deixar nenhum sinal incriminador", ou, em outras palavras, ela não deixa evidências, para seu marido e para outras pessoas, que permitam suspeitas ou provas do tipo de vida que ela está levando.

Sinônimo. Uma vez que ela termina o ato de adultério, não tendo deixado evidência alguma, não sofre nenhum choque da consciência. Na realidade, ela fica tão endurecida no seu pecado que não lhe resta consciência alguma a respeito. Se alguém a acusar de adultério, ela negará tal coisa peremptoriamente. E se alguém souber que o adultério ocorreu, ela negará que no ato houve qualquer coisa de errado. "Foi apenas uma daquelas coisas", conforme diz o cântico popular de dias passados. Ela se mostra inteiramente indiferente diante do ato. O adultério passou a fazer parte de sua vida diária normal. Por que fazer do adultério tão grande comoção? Cf. este texto com Pro. 2.16-19; 5.1-14; 22.14 e 23.27,28.

A grande omissão, no livro de Provérbios, ou em qualquer outra passagem bíblica, é à ação de homens sedutores e suas vítimas, a menos que o vs. 19 do presente capítulo fale a esse respeito. As passagens bíblicas sempre falam da mulher como pecadora e agressora, e o homem sempre aparece como vítima. Isso não se ajusta ao que acontece no mundo "lá fora", na maioria dos casos.

30.21

Sob três cousas estremece a terra. Os vss. 21-23 formam outro provérbio numérico. Ver sobre isso no vs. 7. Existem três, ou antes, quatro coisas que fazem a terra estremececer. Temos de entender essas declarações como metafóricas, porquanto não estamos falando de terremotos que sacodem literalmente a terra. Os vss. 21-31 incluem três listas de pessoas e criaturas que dizem respeito à liderança e às perversões contra ela. A palavra "rei" figura em cada uma dessas listas (vss. 22,27,31).

Nos vss. 21-23, "terra" significa os povos que habitam no mundo. O povo estremece por causa de certas condições e acontecimentos. Quatro tipos insuportáveis de pessoas são referidas aqui, dois homens e duas mulheres.

30.22

Consideremos os pontos enumerados a seguir:

1. Pro. 30.22a é equivalente a Pro. 19.10b. A terra estremece quando um escravo sobe tanto que se torna rei de uma nação. Esse é uma ruptura de valores

e normas sociais. O autor sagrado considera a questão chocante e por certo indesejável, uma calamidade. Hodiernamente, nas sociedades democráticas, é esperado e até agradável que um homem suba dos níveis mais baixos da sociedade e “mostre o seu valor”, elevando-se a uma posição de governo. Abraão Lincoln nasceu em uma cabana de toras da fazenda de um dos estados mais pobres dos Estados Unidos da América, e os livros de história são cuidadosos em salientar esse fato. Os povos antigos, no entanto, viam algo de divino em como os homens nasciam, em castas sociais específicas, e não queriam que houvesse perturbação nesse fato.

2. O insensato preguiçoso que come bem forma um tipo de contradição da idéia que diz: “Se não trabalhas, também não comas” (ver II Tes. 3.10). Portanto, temos aí uma pequena questão capaz de fazer a terra estremecer. Ver sobre *Preguiçoso* em Pro. 6.6; 19.15; 24.30-34, e, no *Dicionário*, ver os artigos chamados *Preguiça* e *Preguiçoso*. Outra idéia vinculada a esta parte do versículo é que um homem, sempre de barriga cheia, mostra-se insensível para com as necessidades alheias. Nesse caso, não está em vista o preguiçoso insensato, mas o homem amimalhado, que causa pequenos terremotos na sociedade. “Os homens cujo ventre vive cheio de alimentos e cuja cabeça vive cheia de bebidas alcoólicas são muito dominadores. A língua deles vive solta e causa muitos distúrbios” (John Gill, *in loc.*).

30.23

Sob a mulher desdenhada, quando se casa. Aqui continuam os pontos que começaram no vs. 22:

3. Quando finalmente arranja marido, uma mulher não amada perturba muitas mentes, especialmente se ela se casa bem. As pessoas olham para essa mulher e dizem: “Sei por que ela não se casava. Quem haveria de querê-la?”. Mas o hebraico original diz *mulher odiada*, e não meramente *mulher não amada*, e isso implica um tipo escandaloso de mulher, que não merecia um bom casamento. A moral sexual, contudo, não parece fazer parte do quadro aqui descrito. Simplesmente existem algumas mulheres que perturbam a paz, dotadas de um temperamento difícil; elas são teimosas, egoístas, insensíveis. Coitado daquele que se casa com uma delas! Adam Clarke disse que quase qualquer esposa é melhor do que nenhuma, mas isso não diz que algumas esposas fazem um homem desejar nunca ter casado. John Gill (*in loc.*) vê tais mulheres a esconder suas qualidades negativas, até casarem. E então a história inteira é revelada. Os homens também são mestres nesse tipo de ludíbrio, pelo que estamos tratando aqui de uma rua de duas mãos.
4. Outra situação causadora de terremoto é quando uma escrava se eleva de tal maneira no favor de sua proprietária que se torna herdeira de sua senhora. Isso lembra aquelas histórias em que uma mulher rica deixa sua fortuna para os gatos. Esta declaração, entretanto, quer dizer que a escrava vem a tornar-se a dona da casa, em lugar de sua senhora. Ou seja, a escrava torna-se a herdeira da situação de que sua senhora desfrutava, e não, necessariamente, de seu dinheiro. Outros eruditos vêem a escrava tornar-se a dona da casa quando o homem da casa se divorcia de sua esposa, substituindo-a pela escrava. Qualquer dessas situações era uma calamidade para os antigos. Essa jovem escrava subiu demais para ser apreciada, tal e qual aconteceu ao escravo que se tornou rei (vs. 22). “A harmonia no seio da sociedade é encorajada por pessoas que mantêm seus papéis sociais apropriados, não vindo a ocupar posições difíceis de manusear” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Escravo*, *Escravidão*.

30.24

Há quatro coisas mui pequenas na terra. Nos vss. 24-26 temos outro conjunto de provérbios numéricos. Ver Pro. 7.7 quanto a esse tipo de provérbios. O tema é “coisas pequenas mas sábias”. Quatro animais ilustram o principal. A lição é que o homem, o suposto rei dos animais, tem muito para aprender dessas criaturas comparativamente insignificantes. A sabedoria de Deus opera nesses animais, pelo que eles se tornam nossos professores.

“O homem que escreveu essas palavras não se impressionava pelo tamanho. Ele via a significação das coisas minúsculas. A formiga, os arganazes, os gafanhotos e o geco. Esses pequenos animais não se encontram na classe dos gigantes das florestas, nem podem ser comparados aos monstros de armadura que eram os monarcas do mundo. Contudo, essas pequenas criaturas sobreviviam. ‘O homem que despreza as coisas pequenas falhará gradualmente’ (Eclesiástico 19.1). As pessoas que vivem em nossa era atômica precisam de um lembrete da importância de elementos aparentemente insignificantes no mundo” (Rolland W. Schloerb, *in loc.*).

30.25

As formigas, povo sem força. Que o leitor acompanhe os pontos a seguir:

1. Cf. Pro. 6.6-8, que elogia as formigas. As formigas não formam um “povo” forte, mas são sábias e industriais. Elas sabem que têm de preparar-se para os

meses de inverno, trabalhando arduamente nos meses produtivos, a fim de juntar um estoque adequado de alimentos. Assim sendo, o indivíduo preguiçoso é chamado a ir ter com a formiga para obter sabedoria (ver Pro. 6.6).

Antítese. As formigas demonstram sabedoria e industriabilidade trabalhando nos meses de verão, quando os alimentos são abundantes, e estocando alimentos extras para os meses de inverno, quando o alimento lá fora será difícil de conseguir. Para fazer isso, a formiga trabalha duplamente nos bons meses. “As formigas sobrevivem por causa de sua previsão” (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Porém, não é bastante ser providente: a pessoa precisa ser industriosa, aplicando às coisas aquilo que ela sabe. As formigas são fracas em comparação a muitos animais. Os árabes tinham um provérbio que dizia: “Tão fraco como uma formiga”. Mas de seu forte trabalho surgiu outro provérbio árabe: “Mais forte do que uma formiga”, que significa “fortíssima”. O “povo” fraco é forte em sabedoria.

Povo. As formigas são um povo organizado. O poeta grego Focílides chamou as formigas de tribo ou nação (*Poem. Admon.* vs. 158, 159). Homero e Virgílio chamavam as abelhas de povo. Ver *Ilíada* 2. vs. 87, e *Georgic.* 1.4, vs. 4 e 5).

30.26

Os arganazes, povo não poderoso. Continuamos aqui a apresentar os pontos iniciados no vs. 25.

2. O segundo animal que tem alguma coisa para ensinar às pessoas é o *arganaz*, sobre o qual há um artigo detalhado no *Dicionário*. Há certa variedade de traduções a esse respeito. Apresento a tradução Atualizada no Brasil. Quanto a essa e outras possibilidades de identificação, ver o artigo. Lev. 11.6 e Deu. 14.7 dizem que o animal em questão ruma; mas isso representa uma observação equivocada. Era uma espécie de ruminância de lado para lado, dentro da boca, que enganava os observadores hebreus. Esse animal é bastante pequeno, mais ou menos do tamanho de um coelho, e bastante destituído de defesa. Eles também são chamados de “povo” (ver sobre o vs. 25).

Antítese. Embora seja fraco e indefeso, esse animalzinho é sábio o bastante para fazer sua moradia nas fendas das rochas, o que lhe fornece proteção natural e explica a sobrevivência da raça. Cf. Sal. 104.18. O nome hebraico para esse animal é *shaphan*, que significa “escondedor”. Isso diz respeito ao seu hábito de viver nas fendas de lugares rochosos. Essa espécie também tem por hábito manter um animal de vigilância, perto da entrada das covas, o qual solta um assobio avisando de algum perigo que se aproxime. Essa é outra pequena informação que ilustra a sabedoria dos arganazes. É a sabedoria que transmite vida ao homem bom (ver Pro. 4.13).

30.27

Os gafanhotos não têm rei. Continuamos a apresentar aqui os pontos iniciados no vs. 25:

3. O gafanhoto, até onde os homens podem observar, não têm rei, mas de alguma maneira, pela inteligência que lhes dá seu cérebro de microcomputador, eles sabem trabalhar juntos e concretizar os seus propósitos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Praga de Gafanhotos*, onde são reveladas coisas admiráveis sobre esse inseto.

Antítese. Os gafanhotos são pequenos e não têm rei, mas, trabalhando juntos, podem realizar coisas admiráveis, embora destrutivas, que o autor sagrado deixa de lado, para não arruinar a metáfora. Cf. este versículo com o segundo capítulo do livro de Joel. Eles voam em admirável ordem, cobrindo grandes distâncias e até oceanos, e devastam plantações como se fossem um exército imenso (ver Joel 1.4-7). O tamanho dos gafanhotos é pequeno, mas o trabalho que fazem (embora destruidor) é imenso.

30.28

O geco que se apanha com as mãos. Continuamos aqui a apresentar os pontos iniciados no vs. 25:

4. O geco ou lagartixa é um animal bem pequeno e fraco, e para nada serve senão para devorar insetos prejudiciais, como as baratas. O geco é essencialmente destituído de defesa, pelo que se pode, com facilidade, apanhá-lo com as mãos. No entanto, a lagartixa tem uma qualidade admirável que surpreende a todos, conforme se vê na antítese.

Antítese. A despeito de sua insignificância, a lagartixa pode ser encontrada nos palácios reais, porquanto há taças de sucção em suas patinhas, que lhe permitem subir por todos os lados e ficar de cabeça para baixo em um teto de casa. A lagartixa usa sua incomum capacidade de subir para chegar aos insetos de que ela se alimenta, garantindo assim o seu prazer e sobrevivência.

Algumas traduções e o Targum fazem esse pequeno animal ser a aranha. Essa criatura também se encontra nos palácios reais e é conhecida por causa de suas teias habilidosas, que exemplificam sua sabedoria e inteligência. As teias da aranha são eficazes para prover a aranha de suas necessidades diárias.

Lições Ensinadas por Esses Quatro Pequenos Animais. 1. Eles compensam sua pequenez e falta de forças com alguma espécie de sabedoria, embora pouco compreendida. 2. Desempenham tarefas gigantescas com suas habilidades especiais. 3. Trabalham juntos em esforços comunitários eficazes. 4. Mostram-se diligentes. 5. Provêem sua própria proteção e sobrevivência contra grandes desigualdades. 6. Servem de ilustrações da sabedoria e providência de Deus, que cuida de toda a sua criação. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Providência de Deus*.

30.29

Há três que têm passo elegante, sim, quatro que andam airoso. Os vss. 29-31 fornecem outro conjunto de provérbios numéricos. Ver sobre Pro. 7.7 quanto a esse tipo de apresentação. Em Pro. 22.17 demonstro os vários modos de arranjo dos provérbios, sob o título *Apresentação das Declarações*. Agora o leitor nos dá três, ou melhor, quatro ilustrações de lições valiosas ensinadas por animais maiores, em contraste com os minúsculos animais dos vss. 25-28. Esses animais de maior porte têm uma caminhada elegante e também se comportam de maneira elegante. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Andar*. Eles inculcam destemor e confiança naquilo que são e podem fazer. É uma bela cena contemplar esses animais caminhando. O andar do homem bom também deveria ser belo de contemplar.

30.30

Considere o leitor os pontos seguintes:

1. O leão é, com toda a razão, chamado de rei dos animais. Ele caminha pelas savanas, e nenhuma criatura ousa desafiá-lo. Ele lança medo no coração de todos e não tem medo de ninguém. Disse Aristóteles, em sua obra *História* ix.44: "O leão nunca foge, nem treme. Ele pode ser forçado a retroceder, por causa de um grande número de outros animais, mas mesmo assim recua lentamente, um passo de cada vez". Ele tem uma fé audaz em si mesmo, tal como o homem bom tem uma fé audaziosa em Deus, e, assim sendo, entrega a sua vida ao princípio do bem. O leão tem uma infalível confiança em sua própria força, e nós, os crentes, confiamos na força do Ser divino para tudo quanto precisamos em nossa vida.

Sinônimo. Enquanto outros animais fogem, alarmados, com facilidade, o leão finca o pé. Ele não faz meia-volta diante de outra criatura. Ele controla a si mesmo e faz tudo à sua maneira, não se inclinando às ordens de outros. Portanto, que um homem seja alguém que "diga as coisas que realmente sente, e não diga coisas próprias de quem se ajoelha", conforme diz a letra de uma canção popular. O leão não volta as costas para ninguém nem para algum animal, pois sabe quão forte é. Ele avança decidido, e não em fraqueza; e o homem bom deve imitar essa qualidade, por amor à bondade e ao seu trabalho.

30.31

O galo, que anda ereto, o bode. Continuamos aqui os pontos iniciados no vs. 29:

2. O galo tem um comportamento arrogante e autoconfiante. O hebraico diz aqui, literalmente, "cintado", ou seja, o galo é "fino nos lombos". Essa palavra hebraica tem sentido obscuro, pelo que há muitas conjecturas a respeito: o galo; o cavalo; o leopardo; vários pássaros; a abelha; a águia. *Dotado de cintura fina* poderia ajustar-se a certo número de animais diferentes.
3. O bode é um animal mal-humorado e líder do rebanho caprino e ovino. Ele tem um olhar arrogante que o coloca bem dentro das descrições dos quatro animais de "passo elegante", cheio de autoconfiança.
4. Finalmente, deixando de lado os animais, o autor descreve o rei, que caminha orgulhosamente de frente de seu povo, tentando comunicar força e ousadia. A expressão "a quem não se pode resistir" inclui uma palavra de sentido desconhecido no original hebraico. Isso deu margem a várias conjecturas. Alguns estudiosos pensam em "quando seu exército está com ele"; mas outros conjecturam "contra quem não há levante" ou "rebelião", o que parece estar por trás da nossa versão portuguesa. O Targum diz: "o rei, que se levanta e fala na casa de seu povo", o que também é uma conjectura.

Apresento significados metafóricos e espirituais possíveis para os vss. 29-31 nos comentários sobre os vss. 29 e 30.

30.32

Se procedeste insensatamente em te exaltares. Temos aqui um tríptico, pois as duas primeiras declarações falam de pecados insensatos, ao passo que a

terceira é uma linha métrica antitética, que serve de conclusão à primeira e à segunda linha. Considere o leitor os pontos seguintes:

1. O orgulho é condenado. O orgulho é ato próprio de um insensato que caminha ao longo do palco da vida, como um grande fingido. Ver o orgulho e a humildade contrastados, em Pro. 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,18; 18.12; 21.4 e 30.12. Ver sobre *olhos altivos*, em Pro. 6.17.
2. Além disso, há aqueles que planejam o mal, resolvidos a prejudicar ou ferir outras pessoas. Tais se valem da ajuda de outros e os convencem a aceitar palavras enganosas para aliar-se em planos iníquos.
3. A antítese faz contraste com o orgulho e os planos iníquos, que aparece na primeira e na segunda linha. As palavras "põe a mão na boca" significam "Cessa!". Cessa em teu orgulho, cessa nos teus planos maldosos. Ou então o sentido é: "Pára de te jactares de quão grande és tu, bem como de teus maus designios". É típico dos pecadores jactar-se de seus pecados, o que constitui seu orgulho, ao passo que deveria ser a sua vergonha.

"Abstende-vos de toda desculpa e defesa quanto ao passado; procurai não falar; paraí vossos maus esquemas" (Fausset, *in loc.*). "Clamai a Deus: *Imundo, imundo!* mas conservai-vos em silêncio diante de todas as outras pessoas" (Adam Clarke, *in loc.*).

30.33

O autor encerra com um *trio* de declarações contra as contendas e as desavenças. Ele emprega duas metáforas e então faz observações sobre elas. Considere o leitor os pontos seguintes:

1. O fabrico de manteiga requer um trabalho cansativo. A palavra-chave aqui é "bater" (o leite), formando uma metáfora do ato de *forçar* a contenda mediante a agitação provocada pela ira. "Mediante violenta agitação, chamada o *bater* do leite, a manteiga é produzida" (John Gill, *in loc.*).
2. O *espremer* do nariz produz sangue, pois esse ato de violência rompe os capilares que não podem mais conter o sangue que possuem, e o sangue escorre.
3. A *ira* é uma *agitação* que produz a contenda. A palavra hebraica traduzida por "nariz" é 'ap, e vem da mesma raiz que a palavra "ira" (no hebraico, 'appayim), pelo que temos aqui um jogo de palavras. O orgulho e a ira militam contra a humildade. Ver no *Dicionário* o verbete *Contenda*. A agitação provocada pela ira produz a contenda. O sábio põe a mão sobre a boca (vs. 32). "Irritando as paixões dos homens e provocando-os com palavras de repreensão, que causam a ira, esses atos produzem contendas, inimizades e atos judiciais que não terminam logo. Por conseguinte, esse tipo de conduta deve ser cuidadosamente evitado" (John Gill, *in loc.*). A última linha levanta a compreender o uso errôneo das palavras, o assunto abordado em cerca de cem provérbios. Ver isso ilustrado em Pro. 11.9,13 e 18.21.

Capítulo Trinta e Um

Palavras de Lemuel (31.1-9)

O próprio texto não dá informações sobre esse homem, exceto que ele tinha uma mãe piedosa que lhe ensinou os conceitos aqui repetidos. O nome "Lemuel" significa "devotado a Deus". Várias conjecturas "aumentam" (ou confundem) o nosso conhecimento a seu respeito. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Lemuel*, quanto ao pouco que pode ser dito ou conjecturado sobre ele.

"Uma mãe conta ao filho os perigos representados pelas mulheres de costumes frouxos (vs. 3; cf. 23.26-38) e pelo vinho (Pro. 31.4-7; cf. 23.29-35) e o faz lembrar as responsabilidades de ser o campeão da causa da justiça (vss. 8-9)" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

31.1

Palavras do rei Lemuel, de Massá. *Lemuel* é aqui chamado de rei, e, no entanto, não somos informados sobre qual era o seu reino. O texto hebraico massorético literal diz como segue: "Palavras de Lemuel, o rei, oráculo que sua mãe lhe ensinou". Como oráculo podemos dar o nome próprio "Massá" (ver sobre Pro. 30.1). Essa poderia ser uma referência a uma tribo árabe, a leste da Palestina. Nesse caso, Lemuel pode ter tido alguma conexão com Agur, autor de Pro. 30.1 ss. Aqui, neste capítulo, temos outro sábio árabe que contribuiu com algumas poucas afirmações. Quanto a essa fonte não-judaica e quanto ao problema dos empréstimos feitos de fontes literárias não-hebraicas, ver as notas de introdução a Pro. 30, chamadas *Empréstimos*. Usualmente, os ensinamentos do pai mostram-se proeminentes, mas nos outros dois textos, os ensinamentos maternos é que foram enfatizados (ver Pro. 1.8 e 6.20).

Massá. Está em foco aqui uma *profecia* inspirada pela experiência mística, um toque divino. Nesse caso, a mãe de Lemuel devia ser uma profetisa. No

entanto, alguns estudiosos preferem emprestar à palavra "Massá" um sentido geográfico. Dou uma explicação completa dessa palavra em Pro. 30.1.

31.2

Que te direi, filho meu? ó filho do meu ventre? Este versículo indica que Lemuel nasceu de uma mulher piedosa, que talvez tenha sido profetisa. Seu nascimento foi resposta a uma promessa feita por ela, em algum voto feito pela mãe de Samuel. Ver I Samuel 1.11. A palavra aqui traduzida por "filho" vem do aramaico, e não do hebraico, o que, possivelmente, indica uma data posterior, ou então um contexto não-hebraico. Mas a questão de um "voto" subentende que tudo aconteceu "no templo". Nesse caso, o meio ambiente teria sido hebraico, e talvez a mãe de Lemuel fosse convertida à fé dos hebreus. Mas isso talvez seja ver demais em um versículo, com base em bem pouca evidência. "As petições de uma mãe a seu filho geralmente mostram-se mais eficazes quando ela primeiramente pleiteara diante de Deus em favor dele" (Fausset, *in loc.*). "As mães eram consideradas com grande veneração nos países do Oriente, sendo tratadas com respeito (ver Pro. 1.8 e 6.20). O Targum e o siríaco fazem a mãe de Lemuel repreendê-lo devido à vida que ele tinha escolhido, exibindo os vícios mencionados em seguida e chamando-o de volta à vereda reta, o caminho que ele tinha aprendido da parte dela; mas essa interpretação parece fora de lugar aqui.

31.3

Não dês às mulheres a tua força. Um versículo é dedicado a advertir contra as mulheres de costumes frouxos, um tema comum do livro de Provérbios. Cf. Pro. 2.16-19; 5.1-14; cap. 7; 22.14 e 23.27,28. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Prostituta*, *Prostituição* e *Adultério*, quanto a detalhes completos. Se este livro geralmente salienta os resultados deprimentes das astúcias femininas, o livro de Provérbios, mediante *grande omissão*, *nunca apresenta* uma passagem que mostre as astúcias de homens sedutores, bem como a confusão que eles criam na sociedade, o que é bem mais freqüente no mundo "lá fora".

O ato de "dar a própria força às mulheres" refere-se aos efeitos debilitantes do sexo excessivo, e também poderia aplicar-se à atividade sexual legítima mas exagerada. Mas a segunda linha, *sinônima*, é definitivamente contra o uso ilegítimo de uma função que debilita tanto os homens. Naturalmente, o exemplo de Salomão e suas mil mulheres nos vem à mente. Estritamente falando, ele tinha 700 esposas e 300 concubinas. Suas práticas lamentáveis, bem como os maus resultados disso (sobretudo a idolatria), são descritas em I Reis 11.

31.4

Não é próprio dos reis, Lemuel. Os vss. 2-7 fornecem uma longa advertência contra o uso imoderado das bebidas fortes, o que também é um tema comum no livro de Provérbios. Essa prática, tão usual entre os monarcas orientais, era um "vício de corte" especial. Os festejos constantes eram sempre acompanhados pela bebedeira. Lemuel estaria subjugado à pressão de seus pares para dar festas de vinho. Cf. este texto com Pro. 20.1; 23.20,21,29-35. Um rei precisa ter a mente desanuviada, se quiser governar bem. As bebidas alcoólicas anuviavam a mente, atrapalham a memória e causam uma conduta escandalosa, coisas impróprias para um rei alegadamente sábio.

Sinônimo. Essa linha estende a proibição da ingestão de vinho a todos os governantes, incluindo os subordinados do rei, os seus oficiais. Como é natural, eles também se envolviam nas festas de vinho e no deboche que, naturalmente, as acompanhava. Ver no *Dicionário* os seguintes verbetes: *Bebida Forte*, *Bebedice*, *Bebida*, *Beber* e *Alcoolismo*, quanto a um tratamento completo sobre o assunto. Cf. também este versículo com I Reis 16.9; 20.16; Eclesiastes 10.17. "A perversão da justiça como resultado da folia também foi observada por isa. 5.22,23. Cf. com o conselho de Paulo contra esse abuso, em I Cor. 7.31.

Maus Exemplos. Ver os casos de Elá (I Reis 16.8,9), Ben-Hadade (I Reis 20.16) e Belsazar (Dan. 5.2-4), e cf. Osé. 7.5; Isa. 28.7; 56.12 e Efé. 5.18.

31.5

Para que não bebam, e se esqueçam da lei. Depois de *beber excessivamente*, quem pensaria na lei e em suas instruções? A lei era o *guia* dos judeus (ver Deu. 6.4 ss.). Na lei está a *vida* (ver Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.1). Ela tornava Israel *distinta* entre as nações (ver Deu. 4.4-8). Talvez toda essa conversa sobre a lei nos permite compreender que Lemuel e sua mãe se converteram à fé hebraica, mas alguns vêem nisso uma indicação de que o nome *Lemuel* é apenas um artifício literário, dando várias fontes informativas aos Provérbios a fim de fomentar sua universalidade.

Sinônimo. Um dos piores resultados específicos da ingestão de bebidas alcoólicas é a perversão da *justiça*, a qual é um dos principais interesses dos reis. As

bebidas fortes atingem um rei em um ponto vital, e ele terminará sendo um rei pervertido com um estilo de vida duvidoso, conforme aconteceu com tantos reis orientais. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Justiça*. Um rei que beba acabará envolvendo-se na opressão, e seus companheiros de boêmia complicarão a vida em todo o reino. A perversão da justiça, em resultado da libertinagem, também é observada em Isa. 5.22,23. Ver também I Cor. 7.31. Cf. Eclesiastes 2.3. E os *afritos*, que mais necessidade têm da ajuda do rei, terminam oprimidos, em vez de auxiliados, e isso seria uma grande injustiça que corromperia o reino. Quanto a *afritos*, cf. Pro. 22.4.

Somos informados sobre a história de certa mulher que fez um apelo a Filipe, rei da Macedônia, quando esse monarca estava embriagado. Ele deu um julgamento desfavorável acerca da mulher, pelo que ela disse: "Devo apelar para Filipe, mas somente quando ele estiver sóbrio". Isso o levou a ter um segundo pensamento, mais sóbrio. Ele revisou o caso quando estava sóbrio e, dessa vez, tomou uma decisão favorável à mulher (*Valer. Maxim.* 1.6, cap. 2).

31.6

Dai bebida forte aos que perecem. Abstinência total não é recomendada aqui. Há certas ocasiões em que beber um pouco é útil, pelo menos de acordo com a estimativa da mãe de Lemuel. Uma dessas ocasiões é quando um moribundo estiver sofrendo. O álcool pode suavizar as dores. O soldado ofereceu a Jesus uma bebida forte, estando Ele na cruz, mas o Senhor rejeitou a bebida (ver Mat. 27.34). Em nossos dias existem maneiras mais eficazes de aliviar a dor. Mas no antigo ocidente norte-americano o whisky era um anestésico comumente usado para aliviar as dores quando se tinha de extrair uma bala de um homem, ou quando uma pessoa era submetida a cirurgias.

Sinônimo. O espírito ferido também se pode beneficiar de alguns poucos goles de bebida alcoólica, e isso é o que comumente ocorre hoje em dia. Essa máxima é corretamente posta em dúvida como ato moral legítimo. Com grande freqüência, as pessoas se sentem infelizes por terem de fazer uso de alguma coisa alcoólica para aliviar sua preocupação. Pelo menos, as declarações provavelmente significam que homens menores algumas vezes usam a bebida para algum propósito legítimo; esse não era o caso de um rei, que não podia arriscar-se.

31.7

Para que bebam, e se esqueçam da sua pobreza. Outro uso alegadamente legítimo das bebidas fortes é destacado neste versículo: o homem pobre que está deprimido por ser tão pobre e oprimido pode dar-se ao luxo de usar bebidas alcoólicas ocasionalmente, mas dificilmente isso poderia ser aplicado ao caso de um rei. A linha *sinônima* supõe que as bebidas alcoólicas serão eficazes para aliviar a carga que o homem pobre tem de carregar. Ele não sentirá a miséria, pelo menos durante algum tempo, mas em breve estará bebendo de novo para receber outra folga temporária. Por conseguinte, pode parecer um bom conselho; mas, eventualmente, pode transformar-se em *excesso*, e esse é o perigo que envolve a ingestão de álcool. É melhor deixar em paz as bebidas alcoólicas e encontrar algum outro matador das dores e suavizador das preocupações mentais. O nosso texto, como é natural, ensina a *moderação* (ver a respeito no *Dicionário*), mas esse é um alvo difícil de atingir. Seja como for, o rei deveria manter-se afastado da tentação de até mesmo beber com moderação. A mãe do rei Lemuel, entretanto, abriu exceções para outras pessoas.

31.8

Abre a tua boca a favor do mudo. Os vss. 8-9 exigem que o rei seja sensível em relação à *justiça para todos*. O *mudo* figurado não pode proferir palavra e, assim sendo, não pode pleitear a sua própria causa, mesmo quando justa. Quem sabia falar bem haveria de condená-lo. Ao rei, pois, cabia impedir o aborto da justiça, fazendo intervenções pessoais ou cuidando para que os injustiçados obtivessem um bom advogado. Ele tinha de defender os que eram incapazes de defender a si mesmos. O rei tinha o poder de intervir nos tribunais, e assim realmente deveria agir para fazer cessar a injustiça.

Sinônimo. Nos casos desesperadores, em que um homem deve ser executado por crimes que não cometeu, ou receber multa pesada ou alguma outra sentença destrutiva, tudo mostra que o rei deveria fazer-se presente para calar aqueles que atacavam e condenavam o homem inocente. Ver quanto ao testemunho falso e ao testemunho veraz, em Pro. 12.17; 14.5,25; 19.5,9,28; 25.18; 28.21. Quanto ao *Suborno*, ver Pro. 15.27.

31.9

Abre a tua boca, julga retamente. Este versículo atua como uma espécie de sumário das idéias do vs. 8. O rei não podia manter a boca fechada quando as injustiças dos tribunais ameaçavam. O rei deveria estar presente, fazendo valer a

sua voz, conforme diz uma moderna expressão idiomática, ou então deveria enviar um representante que o fizesse. Ele deveria calar a boca dos acusadores falsos, dismantelando os casos falsos dos advogados escroques. Deveria exigir a justiça da parte de juizes que se mostrassem corruptos ou que se deixassem arrastar facilmente por conversas espertas.

"Imitai a Deus, que é o patrono das viúvas e dos órfãos!" (Fausset, *in loc.*). Os pobres (no hebraico, *'ani*, aflitos e humildes) e os necessitados (no hebraico, *'ebyon*, os que tinham necessidade especial de ajuda; ver Pro. 30.14 e 31.20), tão facilmente oprimidos, são precisamente aqueles que o rei, como justo governante, precisa defender.

A Esposa Virtuosa (31.10-31)

É apropriado que o livro de Provérbios termine com uma nota elevada e feliz sobre as mulheres, as quais, anteriormente (exceto como mães), tinham sido descritas em termos tão negativos. Assim é que temos visto estudos sobre *mulheres contenciosas* (ver Pro. 19.13; 21.9; 24.24; 27.15), que são companhias indesejáveis. Então vimos bastante sobre as mulheres de *costumes frouxos* (ver Pro. 22.14; 23.27; 27.13; 29.3; 31.3). Mas as mães são elogiadas, se tiverem cumprido direito o seu dever de treinamento de crianças (ver Pro. 1.8,9; 10.1 e 17.25).

Esse elogio à boa esposa foi escrito em estilo acróstico, no qual a primeira letra de cada verso segue a ordem do alfabeto hebraico. Talvez o autor, mediante esse modo de apresentação, quisesse mostrar que estava trabalhando de maneira bastante exaustiva no assunto ou, pelo menos, de maneira bem ordeira e bem pensada. Na introdução ao Salmo 34, apresento notas expositivas mais detalhadas sobre o artifício acróstico literário.

"Esta seção final do livro de Provérbios é um poema acróstico que exalta a pessoa de uma nobre esposa. Cada um dos seus vinte e dois versos começa com uma letra consecutiva do alfabeto hebraico. Os versos foram escritos por Lemuel ou pela mãe dele, por Salomão ou por algum desconhecido" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

31.10

Mulher virtuosa quem a achará? Alefe. Não é fácil encontrar uma esposa boa (virtuosa). Quando um homem consegue encontrar uma boa esposa (a linha *sinônima*), é como encontrar um tesouro formado por jóias. Rute foi chamada de *mulher virtuosa* (ver Rute 3.11). O termo hebraico, *hahil*, significa basicamente "capaz". Ou seja, essa mulher é vista como dotada de nobre caráter e conhecimento sobre coisas úteis, que fomentam seu ofício de esposa e de mãe. As aplicações espirituais deste versículo fazem a lei, o Espírito Santo, Cristo, o evangelho etc. ser simbolizados pela mulher.

Este texto é um *espelho para as mulheres* (Matthew Henry). A mulher aqui é um ideal raro, mas todas as mulheres podem possuir alguma coisa dessas virtudes.

A mulher virtuosa é a coroa do seu marido, mas a que procede vergonhosamente é como podridão nos seus ossos.

(Provérbios 12.4)

31.11

O coração do seu marido confia nela. Bete. O marido da mulher virtuosa confia nela, o que significa que ela: 1. era sexualmente fiel a ele; 2. cumpria seus deveres de esposa; 3. demonstrava seu nobre caráter por meio de ações; 4. tinha capacidade de gerenciar a sua casa; 5. não dissipava o dinheiro e os bens materiais do casal em coisas supérfluas.

Sinônimo. Se a nobre e virtuosa mulher realizasse bem todos os seus deveres, então na residência deles não haveria falta de coisa alguma. Antes, ela teria todo o necessário para um bom gerenciamento. A casa prosperaria de modo adequado. A palavra hebraica *shalal* significa *saque*, e isso podia significar que o homem não teria de sair à guerra, ou, de alguma outra maneira, não precisaria obter saque para sustentar sua casa. Em termos modernos, ele não teria de trabalhar no turno da noite, depois de trabalhar o dia inteiro, em seu emprego regular. E também não precisaria ter dois empregos para sustentar a casa. "Ele não teria de sair em excursões predatórias para prover o necessário à sua família, às expensas de tribos circunvizinhas" (Adam Clarke, *in loc.*).

31.12

Ela lhe faz bem, e não mal. Guimel. A boa esposa fará o bem ao seu marido, desde o dia em que se casaram até um deles morrer, quando os dois, finalmente, se separarão. Ela fará o bem e evitará atos errados e feitos impensados que o prejudiquem. Ela continuará seguindo o *abc áureo* da esposa ideal, conforme disse Crawford H. Toy. "Esse tipo de esposa é uma vantagem, e não

uma desvantagem para o seu marido. O bem que vier ao homem será diretamente atribuído a ela. Ela o apóia e o encoraja" (Sid S. Buzzell, *in loc.*).

Sinônimo. A mulher virtuosa é coerente e persistente naquilo que faz. Enquanto viver, continuará a seguir o caminho da fidelidade. "... na enfermidade, na adversidade e na idade avançada" (Fausset, *in loc.*). A bondade dela não tem mistura alguma com o mal e é de longa duração.

31.13

Busca lã e linho. Dalete. Naqueles dias, em que ainda não havia lojas de departamentos que vendessem roupas feitas, e era caro demais contratar profissionais que fizessem o trabalho, esperava-se que a esposa fosse uma boa costureira. Ela tinha linho para fazer roupas de linho enfeitadas e usava lã mais durável (derivada dos rebanhos) para fazer roupas comuns. A mulher cuidava das roupas comuns e das roupas enfeitadas, para ocasiões especiais. Ela desenvolvia suas aptidões mediante o treinamento com sua mãe e tinha o cuidado de passar essas habilidades para suas filhas. Essa era uma profissão necessária para todas as esposas, a menos que o homem fosse rico e treinasse as escravas de sua casa para fazer o trabalho. Ver o vs. 22 quanto a outras habilidades com tecidos que as mulheres geralmente tinham. Dessa maneira, a esposa embelezava a casa, e não somente proveria o necessário.

Sinônimo. Essa mulher virtuosa tinha não somente habilidade, mas também tinha coragem de trabalhar, uma mente bem disposta e mãos diligentes. O hebraico diz aqui, literalmente, "no deleite de suas mãos". Em outras palavras, o que ela fazia, fazia com entusiasmo, e aquilo que é feito dessa maneira obviamente é mais bem-feito. A mulher virtuosa não pensava que o trabalho doméstico era uma droga, para então fugir para alguma carreira secular. "Até as princesas, nos dias primitivos, faziam trabalho doméstico (ver Gên. 18.6; 27.14)" (Fausset, *in loc.*). Isso também acontecia com as mulheres gregas e romanas, pelo que estamos tratando aqui com um *antigo costume*, muito diferente do que se vê em nossos dias modernos. Certos mitos gregos e romanos chegavam a atribuir habilidades manuais às deusas. Segundo se diz, foi Minerva quem fez a primeira máquina de fiar (Virgílio, *Cyris*. 1939). As filhas de Minias e as ninfas também faziam tecidos e vestes (Ovidio, *Fast*. 1.3; Virg. *Metamorph*. 1.4; Fab. 1).

31.14

É como o navio mercante. He. A mulher virtuosa contava com mercados perto de sua casa, para comprar seu suprimento alimentar. Mas ela também tinha conhecimento sobre bens importados e trazia para casa algumas dessas mercadorias. Sabia onde conseguir esses bens para deleite de seus familiares. A segunda linha, que é *sinônima*, diz-nos que ela se sacrificava a fim de garantir boas refeições e ia buscar longe os alimentos consumidos pela família. Essa parte do versículo revela-nos que a família referida não pertencia às classes pobres, mas no mínimo à classe média alta. Note o leitor que a mulher virtuosa tinha escravas (servas), vs. 15. Isso está em consonância com a mentalidade dos hebreus, de que a bondade resulta na prosperidade. O autor esforça-se para evitar que *pensemos como os pobres pensam*. A mulher virtuosa traz coisas interessantes e incomuns para preparar diferentes tipos de refeições. Ela não prepara somente feijão e arroz. Talvez buscasse de mercados longínquos, supridos pelos navios que cruzavam o mar Mediterrâneo. Se vivesse perto do mar, então ela descia a portos para trocar mercadorias diretamente. Naturalmente, também havia mercadorias que chegavam de terras mais interiores, trazidas por caravanas de camelos, como as que vinham do Egito, bem como de países do norte e do nordeste, a Síria e a Babilônia. A mulher virtuosa provavelmente vendia suas mercadorias (os artigos fabricados por ela) nesses mercados, a fim de obter dinheiro, e também comerciava alguns itens diretamente.

31.15

É ainda noite, e já se levanta. Vave. A mulher virtuosa costumava levantar-se cedo, conforme fazem quase todas as pessoas que trabalham arduamente e se interessam em conseguir trabalho. De fato, um dos principais segredos para quem quiser fazer um grande trabalho é ter coragem suficiente para levantar-se cedo. Essas pessoas já fizeram metade do seu trabalho quando outras pessoas ainda estão bebericando o seu café. A mulher virtuosa se levanta quando ainda está escuro, ou seja, de madrugada, antes do nascer-do-sol. Outras pessoas da casa também costumavam levantar-se cedo, pelo que todos os moradores (exceto as crianças) já estavam de pé, incluindo as servas. Todos tomavam café bem cedo, e então cada qual partia para o seu trabalho. Seja como for, trabalhar arduamente importa em muita diversão, pelo que todos se divertiam. Que a mulher virtuosa tinha escravas às quais dava ordens, fornece um contexto bastante rico para esta passagem, servindo também de triste comentário sobre o costume da escravidão no mundo antigo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Escravo, Escravidão*.

O ideal da feminilidade, nesta passagem, não é a reclusão das casas orientais, nem é a vida monástica, mas é a mulher ativa na casa, trabalhando e dando ordens a suas ajudantes. A esposa ideal é trabalhadora diligente e sábia, sempre visível, sempre produtiva. A *delegação de trabalho*, por parte da mulher virtuosa, consiste na segunda linha sinônima da declaração. Ela não somente trabalhava bem, pessoalmente; também era uma boa gerente da casa. Tanto a versão da Septuaginta quando o Targum falam das *obras* que a mulher delegava a outras mulheres, e não das porções de alimentos que ela providenciava para todos.

31.16

Examina uma propriedade e adquire-a. *Zaine.* Essa nobre e industriosa dama não somente é uma operária-gerente em casa, mas também está ali comprando e vendendo propriedades para dar segurança aos seus familiares. Presume-se que ela use corretamente o dinheiro de seu marido, pelo que faz alguma poupança, à qual adiciona algo que ela mesma ganha. Portanto, ela tem o dinheiro, o capital para a compra de propriedades. Esse tipo de trabalho usualmente era feito pelos homens, mas isso fala da elevada posição ocupada por *algumas* mulheres nos países do Oriente. Naturalmente, estamos falando da mulher ideal, dinamo de energia e modelo de justiça. Não estamos falando da esposa ordinária que nunca negociaria propriedades.

Sinônimos. A segunda linha assegura-nos que a mulher incredivelmente ideal é tão sábia que não somente negocia terras, mas também é capaz de plantar seu próprio vinhedo para ganhar mais dinheiro. Como é natural, muito do gerenciamento da obra dos outros está em pauta. Ela precisava de ajuda naquilo que fazia. Talvez o campo comprado (primeira linha) tenha sido transformado em vinha (segunda linha). Assim sendo, ela terminou dirigindo um *negócio literal*, e o dinheiro seria dedicado à família. Havia dinheiro para ser investido. Uma situação bastante abastada está sendo aqui descrita, mas note-se: o *trabalho duro* levou a família aonde ela estava. Ao trabalho árduo foi adicionada a sabedoria de uma mulher incomumente sábia, e, com essa combinação, como poderia haver perda? Os *frutos* adquiridos seriam *investidos*, e não dilapidados em coisas supérfluas. O autor fala sobre a *sabedoria* possuída por poucas pessoas.

31.17

Cinge os seus lombos de força. *Hete.* A dama em pauta enrola a saia e as mangas da blusa para trabalhar arduamente. Ela não tem problema de atitude. Gosta de trabalhar e tornou-se fisicamente forte nessa prática e, por trás dessa força física, há uma vontade forte. Ver as vestes atadas para que possa haver uma atividade forte, em Êxo. 12.11; I Reis 18.46; Jó 38.3. Quando ao "braço" como símbolo de força (a linha sinônima), ver Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. "Ela evitava o que debilitaria o seu corpo ou amoleceria a sua mente" (Adam Clarke, *in loc.*).

31.18

Ela percebe que o seu ganho é bom. *Tete.* Este versículo nos leva de volta aos vss. 15-16. Além de levantar-se cedo, ela fica de pé até *altas horas* da noite, trabalhando em suas roupas e atividades mediante as quais pode ganhar algum dinheiro. A linha *sinônima* diz-nos que várias pessoas podem ver a sua lamparina acesa até tarde da noite, o que lhes permite saber que ela trabalha noite adentro. A média de oito horas de trabalho não é bastante para os empreendimentos da mulher virtuosa. Ela não é mulher de ficar olhando para o relógio. Quando não está trabalhando em algum projeto, está planejando o próximo projeto. "As cinco virgens cujas lâmpadas não se apagaram foram elogiadas por sua previsão" (ver Mat. 25.4). O apagar de uma lamparina retratava a calamidade (ver Jó 18.6; Pro. 13.9; 20.20)" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). O homem produtivo é alguém cujo labor nunca cessa. Enquanto outros dormem, ele trabalha. A lamparina da mulher virtuosa fala de esperança, a esperança de uma vida melhor para a sua família; e ela jamais permite que essa lamparina se apague. O versículo (e, de fato, a passagem inteira) tem sido aplicado aos ministros da igreja, à missão de Cristo, à luz do Senhor, que é esperança, e a outras questões espirituais. Cf. Rom. 8.24 e I Cor. 9.10.

31.19

Estende as mãos ao fuso. *Iode.* O principal trabalho da mulher virtuosa (mas não o único, conforme o texto seguinte deixa claro) consiste em fiar, produzir vestes e preparar objetos bordados, tanto roupas para a família como enfeites para a casa (vs. 22), além de artigos a serem vendidos para obter dinheiro que impulsionem outras atividades.

"Ela faz roupas fiando a lã ou o linho (vs. 13) usando o eixo de um fuso" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). O *fuso* é a vara em torno do qual os fios eram enrolados ou desenrolados. "Diferentes eram as mãos dela, em relação à maioria das mulheres, que só usam as mãos para se enfeitar diante do espelho" (Fausset, *in loc.*).

Este versículo tem sido espiritualizado para significar a produção diligente de obras boas e beneficentes. A primeira linha fala de um instrumento de labor, e a

linha sinônima representa o outro instrumento, os quais eram ambos necessários ao processo. Isso pode falar da preparação apropriada e do método de trabalho sem os quais o projeto pode cair no caos.

31.20

Abre a mão ao aflito. *Cafe.* Além de servir à própria família, ela possuía o bastante para distribuir entre os pobres e também tinha a atitude certa para assim agir. Ela também cumpria o ideal da *generosidade*, a medida de qualquer pessoa. Ver no *Dicionário* o verbete *Liberalidade*, *Generosidade*. No judaísmo posterior, a caridade e a doação de esmolas eram *virtudes* principais. Ver também, no *Dicionário*, os verbetes chamados *Caridade* e *Bondade*. Não é suficiente que um homem seja justo, é mister que seja *generoso*, outro nome para o *Amor* (ver o artigo). Cf. Rom. 5.7, onde é feita a distinção entre *justo* e *bom*. Ver Pro. 19.17, que tem uma mensagem similar e notas que também se aplicam aqui.

Sinônimo. A segunda linha duplica a idéia da primeira, substituindo a palavra "aflito" por "necessitado", que usualmente significa a mesma coisa. Os pobres quase sempre são necessitados, pelo que deve haver alguém que supra aquilo de que precisam.

31.21

No tocante a sua casa, não teme a neve. *Lamede.* O inverno estava chegando e roupas grossas se faziam necessárias. A mulher virtuosa não temia o inverno e as tempestades de neve. Ela começa a agir e faz as roupas pesadas que protegerão os entes queridos de sua casa. Chega o inverno. Mas quem se importa com isso? É como diz uma antiga canção popular: "As condições do tempo estão terríveis, mas a fogueira lá dentro é deleitosa; logo, enquanto tu me amares, que neve! Que neve! Que neve!" — e é assim que acontece. Quanto à neve na Palestina, ver II Sam. 23.20; Sal. 147.16.

Sinônimo. Cada membro da família veste roupas de *duas* camadas. A Septuaginta e a Vulgata Latina dizem *duplas* (traduzindo o texto hebraico *shenayim*), em vez de *escarlate* (no hebraico, *shanim*). Alguns eruditos preferem essa emenda. Outros, porém, preferem ficar com a palavra "escarlate" e pensam estar em foco vestes *caras*. De fato, as vestes próprias para o inverno são caras, visto serem feitas de tecido pesado e serem elaboradamente moldadas, para manter o frio do lado de fora. O Targum, Jarchi e Aben Ezra também preferem a palavra "escarlate"; e John Gill diz que a palavra "dupla" teria requerido o dual no original hebraico, que o texto não contém. Se *escarlate* sugere a idéia de "calor", é difícil perceber por que as roupas de inverno deveriam ser dessa cor. Provavelmente há aqui uma referência histórica que se perdeu.

31.22

Faz para si cobertas. *Meme.* O guarda-roupa da mulher virtuosa é luxuoso, feito de ótimos tecidos e belas cores, mas ela também adorna a sua casa com tapetes. Ela faz da casa um lugar belo e atrativo, onde se acham prazer e alegria. A primeira linha fala de adornos domésticos, e a segunda, *sinônima*, fala de decoração pessoal. A mulher virtuosa tem um ótimo senso de estética e decoração e põe isso para trabalhar. "Ela atende aos confortos necessários de sua casa antes de pensar em sua própria satisfação" (Fausset, *in loc.*). Alguns estudiosos pensam estar em foco as *cobertas* das camas. Os lares abastados dos países orientais tinham tapetes até nas paredes e cobertas enfeitadas, como se fossem tapetes, nos leitos. A palavra hebraica aqui envolvida, *marbaddim*, era lata o bastante para indicar toda a espécie de cobertas, incluindo tapetes do assoalho. As roupas da mulher virtuosa eram feitas com a melhor seda e eram tingidas de púrpura. Vestes desse tipo eram muito dispendiosas. A mulher virtuosa era elegante. Era uma ótima pessoa em uma ótima casa — uma pessoa ideal em um ambiente ideal.

31.23

Seu marido é estimado entre os juízes. *Nune.* A dama nobre tinha um marido nobre, conhecido nas portas da cidade como juiz ou abastado mercador. Ver Pro. 1.21 quanto às *portas*. A mulher, sábia e industriosa como era, fomentava a posição de seu marido entre os outros homens da comunidade. Por outra parte, ele tinha o seu próprio prestígio, pois a *mulher virtuosa* não se casaria com qualquer um.

Sinônimo. O bom homem tinha ocupado seu lugar entre os mais importantes da comunidade, os anciãos que administravam a justiça nas portas da cidade. "Embora ela fosse uma mulher obviamente agressiva e competente, agia de maneira que honrava a liderança de seu marido, em lugar de denegri-la. Ela o respeitava e o edificava" (Sid S. Buzzell, *in loc.*). Cf. Pro. 22.22b. "Não tendo ansiedades domésticas, ele era livre para fazer o que lhe competia na vida pública" (Ellicott, *in loc.*).

31.24

Ela faz roupas de linho fino, e vende-as. *Sameque.* A mulher virtuosa nunca desistia de seu comércio particular, o que já vimos nos vss. 16 e 18. Ela fazia roupas finas que podia vender, ou *roupas de linho* — roupas feitas, segundo alguns entendem essas palavras. “Provavelmente referia-se a uma capa grande, usada por cima das roupas, durante a noite. Os ‘mercadores’, literalmente, eram os ‘cananeus’. Os fenícios ou cananeus eram negociantes tão notórios que o nome deles tornou-se sinônimo de mercador” (Charles Fritsch, *in loc.*).

Sinônimo. Outro item fabricado pela mulher virtuosa eram as *cintas*, faixas postas sobre a cintura. Havia cintas feitas de tecido de seda e outros tecidos nobres, definitivamente itens de exportação. Alguns desses itens eram decorados com ouro e prata, ou pedras preciosas. As vestes orientais frouxas eram confinadas no lugar por essas faixas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cinto*, quanto a detalhes. Vários sentidos figurados são vinculados a essa idéia, que explico no artigo. A dama tinha costureiras habilidosas, pelo que sempre havia mercadores ansiosos por comprar suas peças. Assim sendo, ela também contribuía para que eles ganhassem algo, e não trabalhava meramente em benefício próprio. Seja como for, o trabalho árduo rende proveito.

A tradução árabe, aqui, é interessante: “Ela faz toalhas de mesa e vende-as aos habitantes de Basra (cidade da Mesopotâmia), e ótimas peças de linho, e vende-as aos cananeus”.

31.25

A força e a dignidade são os seus vestidos. *Aine.* A mulher virtuosa fazia belas roupas (vss. 22), e ela mesma se vestia com belas roupas metafóricas: a força e a dignidade, que eram qualidades morais e espirituais que a embelezavam. Tais vestes espirituais serviam-lhe de alegria e proteção. Cf. Sal. 147.16.

Sinônimo. De acordo com algumas traduções, essa dama se regozija naquilo que ela sabe que o futuro reserva para ela. Outros dizem aqui “ela se ri do futuro”, tão grande é sua autoconfiança. Ela sabe que suas qualidades morais atrairão a proteção e as bênçãos de Deus, pelo que também, no futuro, coisa alguma poderá insuflar-lhe o medo. Ela enfrenta o futuro com confiança enquanto outros vivem cheios de ansiedade. As formigas se preparam para o futuro, demonstrando sabedoria recomendável aos homens (ver Pro. 6.6-8). Além disso, não devemos tomar as coisas levemente, nem nos jactar do futuro (ver Pro. 27.1), mas isso não significa que não podemos confiar a respeito.

Este versículo tem sido cristianizado para falar da esperança em Cristo e da vida eterna, e sobre isso podemos regozijar-nos e não sentir temor algum.

31.26

Fala com sabedoria. *Pe.* Vimos que a mulher virtuosa é generosa (vs. 20) e agora tomamos conhecimento de que ela é *bondosa*. Não basta alguém ser justo, é preciso também ser *bondoso*, conforme fica implícito em Rom. 5.7. Além de todas as suas outras virtudes, a mulher virtuosa também é *mestra* da sabedoria, e uma de suas principais lições é sobre a bondade, segundo se vê na segunda linha, *sinônima*. A mulher virtuosa conseguira destacar-se no terreno intelectual, mas canalizava isso como um apelo para viver a lei do amor. “Ela cuidava de interesses superiores e sabia guiar aqueles com quem falava, com a sua sabedoria” (Ellicott, *in loc.*). Quanto a textos sobre o uso próprio e impróprio da língua, ver as notas de sumário em Pro. 11.9,13 e 18.21. Cerca de cem provérbios abordam esse tema.

Um sobrinho de Henry James perguntou o que deveria fazer com a sua vida. Sua resposta foi: “Três coisas na vida são importantes. A primeira é ser *bondoso*. A segunda é ser *bondoso*. E a terceira é ser *bondoso*”.

Bondoso. Simpático, gentil, amoroso. Essa é outra palavra usada para falar sobre a lei do amor.

31.27

Atende ao bom andamento da sua casa. *Tsade.* A mulher virtuosa faz um bom trabalho de gerenciamento e supervisão, cuidando de cada detalhe de sua casa e de cada membro da família. Ela não corria para todos os lados, ocupando-se com os negócios de outras pessoas, usando de maledicências, assistindo a intermináveis novelas, metendo-se na vida dos outros ou atarefando-se em outras atividades próprias das “mulheres”.

Sinônimo. A mulher virtuosa “não comia o pão da ociosidade”. Cf. o “pão da tristeza”, em Sal. 127.2. “Comer” é uma metáfora que significa “estar ocupado com”, “achar importante”, como se fosse algo essencial ou vital. A dama virtuosa mostrava-se industriosa (vss. 13 e 17). No entanto, neste versículo, a expressão parece significar: “comer pão que a pessoa não ganhou com seu trabalho, visto

andar no ócio o tempo todo”. Em outras palavras, a mulher virtuosa ganhava com seu trabalho tudo quanto obtinha. Ela não era um parasita.

31.28

Levantam-se seus filhos, e lhe chamam ditosa. *Cofe.* A mulher virtuosa merece louvores, e os primeiros a reconhecer isso são os seus filhos. Eles se levantam e a ovacionam, entusiasmados! Eles a chamam de bem-aventurada, feliz, e a elogiam sem isenção. Ela não tem defeitos e nunca incorre em erro. É um anjo disfarçado, ou assim parece ser. A maior coisa que seus filhos podem fazer é louvá-la e seguir o seu bom exemplo. Nenhuma mulher conseguirá ultrapassar o bom exemplo deixado por ela, mas muitas tornar-se-ão exemplos significativos para outros, se tentarem sinceramente.

Sinônimo. O marido da mulher virtuosa, mais difícil de impressionar e agradar que os filhos, concordará de modo absoluto com a aclamação dos filhos. Ele também se levantará e a ovacionará de bom grado. Ele não encontra no que criticá-la, e dirá somente palavras de louvor. Seu marido a louvará quando ela sair a fazer algum trabalho, e na porta da cidade dirá: “Ela é a maior mulher do mundo”. E, realmente, mesmo que haja no mundo uma mulher parecida com ela, inquestionavelmente, ela será a *maior*. É como diz uma antiga canção:

*E quando os anjos me pedirem para lembrar
Quem é a maior, responderei:
“Ela é a maior, ela é a maior,
Ela é a maior de todas elas”.*

31.29

Muitas mulheres procedem virtuosamente. *Reche.* A esposa e mãe era também uma *filha* de Israel, pelo que “filha” era um sinônimo virtual para *mulher*. Além disso, o casamento não desfez os laços originais de família da mulher, que continuavam a exercer autoridade sobre ela, pelo que ela continuava sendo uma *filha* daquela família. Seja como for, aquela *filha* tinha ultrapassado a todas as outras, embora houvesse muitas outras mulheres virtuosas e notórias. Isso também elevou o prestígio dessa nobre mulher, visto que ela tinha ultrapassado a muitas mulheres excelentes. A *excelência* é a segunda linha da declaração, *sinônima*. Ela era a mais nobre das mulheres entre uma companhia piedosa de mulheres que se notabilizavam. O termo “filha” era, com frequência, usado para indicar *afeto*, e talvez esse seja o motivo pelo qual o termo se encontra neste versículo.

Este versículo tem sido cristianizado para falar da igreja, a noiva de Cristo, a qual, espiritualmente falando, ultrapassa em excelência a todas as noivas.

31.30

Enganosa é a graça e vã a formosura. *Chine.* A formosura por muitas vezes engana. Rebrilha em alguém e obtém vantagens para si mesma. Por muitas vezes é enganadora, insincera, calculista. O autor sacro falava do famoso encanto feminino, sobre o qual todos nós bem sabemos. O valor de uma mulher não está em sua influência psicológica nem reside em sua beleza física, tão agradável, mas, afinal, algo vão, por não ser uma qualidade real e duradoura. Tanto o encanto como a beleza física são valores transitórios e, mesmo enquanto existem, não são valores autênticos. Ambas as coisas afagam o orgulho, a indolência, a concupiscência e o mau temperamento. “As graças externas não perduram” (Ellicott, *in loc.*).

Beleza. “Elegância de formas, simetria na fisionomia, dignidade nas maneiras, beleza do rosto, todas essas coisas são vãs. A enfermidade as deforma; o sofrimento as macula e a morte as destrói” (Adam Clarke, *in loc.*).

Antítese. Em contraste com aqueles “valores” encantadores mas duvidosos, está o verdadeiro valor, o “temor do Senhor”; isso é o que realmente vale para um homem ou uma mulher. Ver as notas de sumário sobre Pro. 1.7; cf. Sal. 119.38, e ver, no *Dicionário*, o artigo chamado *Temor*, quanto a detalhes. Esse é o *lema* do livro de Provérbios, apropriadamente reiterado aqui, no fim do livro. Portanto, esse lema começa e encerra o livro. Reflete a espiritualidade do Antigo Testamento, que tem a lei como guia. Produz a vida, porquanto promove a sabedoria (ver Pro. 4.13). O homem ou a mulher que possuem sabedoria serão *elogiados* tanto pelos homens quanto por Deus. A mulher que a possui tem favor e beleza duradouros, verdadeira fé e graça, harmonias e simetrias da alma. Ela merece louvor permanente e é dotada de beleza imorredoura. Os olhos de Deus estão sobre ela, comunicando-lhe a Sua graça.

31.31

Daí-lhe do fruto das suas mãos. A mulher virtuosa trabalha arduamente em favor de outros e tem grande responsabilidade, a qual cumpre com um designio

altruísta. Mas ela não será deixada de fora. Ela também se beneficiará do bem que fizer. Não perderá a sua recompensa. O favor do homem e de Deus lhe pertence. Ela colherá muitos frutos agradáveis de seus labores. As *obras* dela se erguerão e lhe darão uma viva ovação, juntamente com as ovações de seus filhos e de seu marido (vs. 28).

Sinônimo. A mulher virtuosa é uma dama famosa, tão incomum é. Até os anciãos nas portas falarão ocasionalmente sobre ela, elogiando-a e observando sua graça incomum. Eles falarão de sua diligência no trabalho, bem como de sua sabedoria e autêntica espiritualidade. Afinal, ela é o paradigma do sexo feminino, o principal exemplo a ser seguido por todas as mulheres da aldeia. Essa mulher possui as qualidades que foram exaltadas por todo o livro e tornou-se um *exemplo* a ser seguido, tanto por homens como por mulheres.

Sendo a principal matrona da aldeia, ela deixou três coisas para os filhos de sua comunidade: *exemplo, exemplo, exemplo*.

Há um *tributo histórico* prestado por Adam Clarke à esposa de Samuel Wesley, mãe de John e Charles Wesley, que ilustra admiravelmente o texto e encerra de

modo apropriado nossos comentários sobre esta passagem. É também uma nobre exortação à prática de *valores duradouros*:

*A Susana Wesley
Esposa de Samuel Wesley
E Mãe de John e Charles Wesley*

Conheci pelo menos uma mulher que se equiparava a ela, uma filha do Rev. Dr. Samuel Annesly, esposa de Samuel Wesley, pai, reitor de Epworth, em Lincolnshire, e mãe dos falecidos e extraordinários irmãos, John e Charles Wesley. Sinto-me constrangido a adicionar este testemunho, depois de ter acompanhado a vida dela, do nascimento à morte, através de todos os relacionamentos que uma mulher pode ter na face da terra. O cristianismo dela deu às suas virtudes e excelências uma elevação que uma matrona judia não era capaz de possuir. Ademais, ela era mulher de grande erudição e estava muito bem informada, dotada de mente profunda e alcance de pensamento, como raramente se encontra entre as filhas de Eva, e não muito freqüente entre os filhos de Adão.